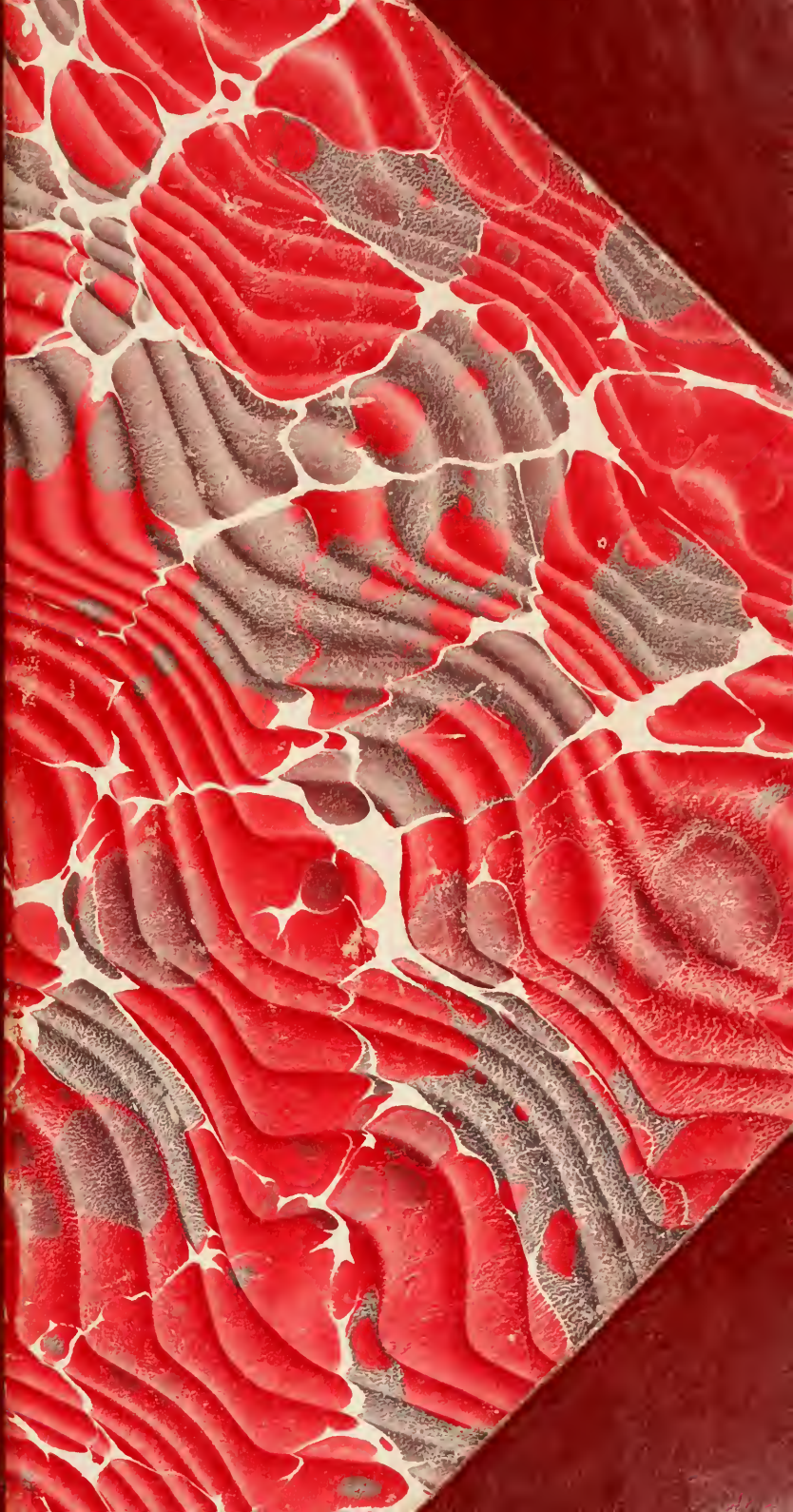
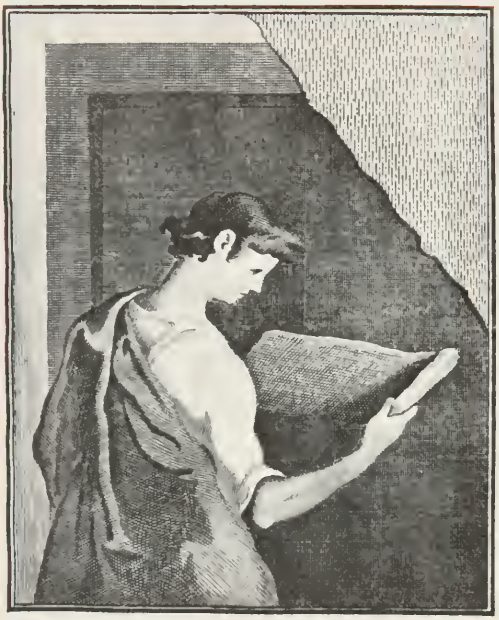


BIBLARTE L.DA
LIVREIROS ANTIQUÁRIOS
R. S. PEDRO DE ALCÂNTARA
LISBOA 1 PORTUGAL



THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

REVISTA
ARCHEOLOGICA

ESTUDOS E NOTAS

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO

DE

A. C. BORGES DE FIGUEIREDO

Bibliothecario da Sociedade de Geographia de Lisboa

VOLUME III

1889

LISBOA

Typographia da Academia Real das Sciencias

1889

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

INDICE

I.—*Por materias*

	PAG.	EST.
Analecta archeologica	117	
Antigos nomes hispanicos	1	
Antiguidades de Pataias	20	II
Ao leitor	185	
Architectos Frias (Os)	44, 112	
Baixo-relevo romano, descoberto em Elvas	161	gr.
Bibliographia	62, 94, 126, 157	
Castello romano de Vallongo	65	VI
Cavallo de bronze da epocha romana	113	IX–X
Convento das Flamengas em Alcantara (O). A sacristia	56	
Congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas	80	
Cruzeiro em Villa-Viçosa	85	VII
Decifração das inscripções «luzibericas» do sr. Bonança (A)	89	
Estudios epigráficos	36, 56	
Fructos da egreja de S. Lourenço (Lisboa)	111	
Inscripción arábiga de Évora	54	
Inscripções de synagogas dos judeus portuguezes	115	
Inscripções latinas do Algarve	119	
Miscellanea epigraphica:		
Inscripção dos arredores de Cascáes	86	
» dos arredores de Mourão	87	
» de Maceira	88	
» de Almourol	155	
» de Conimbriga	156	
Correcções e additamentos	182	
Nota ao artigo «O Convento das Flamengas em Alcantara. Os architectos Frias»	61	
Noticia d'um Ms. *De lapide philosophorum*	105	
Onde foi a batalha de Ourique?	67	
Questões ethnogénicas	129, 163	
Santuario de Endovellico (O)	145	XI
S. Domingos de Bemfica	99	
Sellos antigos	104	VIII
Sobre uma fórma do swástika	101	gr.
Sobre uma passagem de Aristoteles relativa á Peninsula Iberica	97	
Thermas dos Cassios, em Lisboa	149	XII
Thermas romanas da rua Bella-da-Rainha (*vulgo* rua da Prata) em Lisboa	23	III–V
Tumulo de D. Maria Affonso (O), filha de el-rei D. Dinis	16	I

II.—*Por nomes d'auctores*

PAG.

BERLANGA (Dr.)—Estudios epigráficos 36
——Addenda á la inscripción de la Zubia 56
BORGES DE FIGUEIREDO—O tumulo de D. Maria Affonso, filha de el-rei D. Dinis. 16
——Antiguidades de Pataias 20
——As thermas romanas da rua Bella da-Rainha (*vulgo* rua da Prata) em Lisboa 23
——Onde foi a batalha de Ourique? 67
——Cruzeiro em Villa Viçosa 85
——Miscellanea epigraphica 86, 155, 182
——A decifração das inscripções «luzibericas» do sr. Bonança 80
——Sobre uma passagem de Aristoteles relativa á Peninsula Iberica 97
——Sobre uma fórma do swástika 101
——Sellos antigos 104
——Noticia d'um Ms. *De lapide philosophorum* 105
——Cavallo de bronze da epocha romana 113
——Inscripções latinas do Algarve 119
——As Thermas romanas dos Cassios, em Lisboa 149
——Bibliographia 62, 94, 126, 157
COELHO (F. Adolpho)—Antigos nomes hispanicos 1
——Questões ethnogenicas 129, 163
GOMES DE BRITO—O convento das Flamengas, em Alcantara. A Sacristia 56
——Nota ao artigo «O convento das Flamengas em Alcantara. Os architectos Frias» 61
LEITE DE VASCONCELLOS (J.)—(V. *Analecta archeologica*).
PEREIRA (Gabriel)—O Castello romano de Vallongo 65
——S. Domingos de Bemfica 99
——O Santuario de Endovellico 115
SAAVEDRA (D. Eduardo)—Inscripción arábiga de Èvora 54
SANCHES DE FRIAS (Visconde de)—Os architectos Frias 44, 112

ANTIGOS NOMES HISPANICOS

1. Callaecia

Noutro logar[1] reuni e começei a commentar os nomes proprios em *aico* contidos nas inscripções latinas da Hispania, colligidas pelo eminente epigraphista Emilio Hübner[2], e nos escriptores antigos, gregos e romanos, e agora, e antes de publicar o resto d'aquelle commentario, vou estudar um dos mais interessantes d'esses nomes em *-aeco* ou *-aico,* o nome da Galliza, cujas antigas fórmas são *Callaecia* e *Gallaecia.*

Uma tentação, irresistivel para quem escrevia antes dos trabalhos de Zeuss sobre as linguas celticas, antigas e modernas, ou para quem, depois d'elles terem sido publicados, os não leu ou não comprehendeu, levou a pretender que existisse relação entre *Gallaecia* e alguns nomes antigos e modernos dos povos celticos, designadamente *Galli, Galatae, Gael* e *Gallois.*

O nome *Galli*, de que Edward e Thierry fizeram *Gall* para o opporem a *Kymry,* dando-lhe assim um feitio que suppunham celtico antigo (que ingenuidade!) não é celtico—é talvez pura e simplesmente latino, como disse Cesar[3]; seria uma alcunha tirada do nome homophòno de ave, alcunha de povo de genero de que se encontram muitos exemplos nas denominações ethnicas; assim nós os portuguezes chamamos aos inglezos *bifes* (os que comem muitos bifes) aos hespanhoes *carajos,* por esta palavra occorrer muito frequentemente entre as interjeições dos nossos vizinhos[4]. A furia galla *(gallica rabies, gallica feritas)*[5], o aspecto dos guerreiros gallos, ou então a ave que era o symbolo nacional d'esse povo, levaria os romanos, quando elles conheceram aquelle povo a denominarem-no assim. *Galli* não acha, creio, explicação alguma nem nas linguas celticas, nem nas germanicas.

Será *Callaecia* ou *Gallaecia* aparentado com *Galatae* (Γαλάτης)? O nome hispanico apparece firmemente com dois *ll*, emquanto *Galatae* se apresenta sempre com um só *l*. Esta questão de um *l* duplo an-

---

[1] *Revista de Guimarães* III, 169–189. Porto.

[2] *Corpus inscriptionum latinarum,* vol II.

[3] . . . *qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur.* B. g. I, 1.

[4] Sobre nomes dados a povos diversos por seus vizinhos, vid. H. Gaidoz, *Revue celtique* II, 358–360.

[5] Vid. Belloguet, *Ethnogénie gauloise* III, 17–18.

tigo é mais seria do que suppõem os etymologos vulgares: constitue aqui um obstaculo invencivel á approximação de *Gallaecia* e *Galatae*[6]. A etymologia de *Galatae* é conhecida. Em antigo irlandez ha *galdae*, correspondente a um proto-celtico **galatio-s*, bravo[7].

O nome *Gael* provém da fórma medieval *Gaidel, Goidel*, que designava o povo irlandez[8]. Aquelle *d* é, além d'outras particularidades, um obstaculo á approximação d'esse nome do de *Gallaecia*.

Gallois é o nome pelo qual os francezes designam os habitantes do paiz de Galles, na Inglaterra, e corresponde ao inglez *Welsh*, como *Galles* a *Wales*. No dialecto celtico d'esse paiz, o nome d'este é *Cymru*, numa fórma medieval, latinisada *Cambria; Cymro*, pl. *Cymry*, Welshman, Gallois. Provou-se que esses nomes nacionaes provinham d'um

---

[6] Nesse obstaculo não pensou, entre outros G. Phillips, que traz ainda á collacção o nome *Celtae*, radicalmente distincto de *Galatae* (*Die Wohnsitze der Kelten auf der pyrenäischen Halbinsel. Sitzber. der phil-hist. Classe der Akad. der Wissenschaften* LXXI Bd. Heft. IV, p. 712. Wien, 1872).

[7] Vid. Zeuss-Ebel, *Gramm. celtica*, p. 997-8; Windisch, *Irische Texte* I, p. 587; H. d'Arbois de Jubainville, *Introduction à l'étude de la littérature celtique*, p. 14. Sobre a etymologia do nome *Celtae*, vid. *ob. cit.* p. 4, que reproduz Glück nos *Beiträge f. vergl. Sprachforschung* de A. Kuhn V, 97. M. de Jubainville desenvolveu o estudo d'essa etymologia na Sociedade dos Antiquarios de França; *Revue critique* 1882, n.º 29, p. 59. *Celta* provém da mesma raiz que o latim *cel-su-s, cel-sa* e devia significar elevado, nobre; a palavra achar-se-hia no antigo irlandez na fórma *clethe*. Windisch, com quem concorda J. Rhys, rejeita a correlação estabelecida entre essa fórma irlandeza e o nome *Celtae*; não conheço porém, os argumentos do sabio celtista allemão; vid. *Revue celtique* VI, 396. Rhys suppõe que *Galli* está por **Galji*, do mesmo thema *gala*, de que deriva *Galatae*, o que não me parece acceitavel (Ibid. p. 397). Admira que não se comparasse ainda *Galli* com *Gallites*, gens alpina (inscr. e tropaeo Alpium, Plin. *h. n.* III, 20 s. 24).

Devo mencionar ainda uma etymologia de *Galli*, muito estimada na edade média e que já se encontra em Isidoro de Sevilha: «Galli a corporis candore nuncupati sunt: γάλα enim graece lac dicitur». Essa etymologia acha-se reproduzida por ex. no Glossario de Cormac em *Thre Irish Glossaries*, ed. by Whitley Stokes, p. 23. Vid. E. Windisch, in Kuhn's *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* XXI, 245. Tambem ao nome de *Galatae* se deu a mesma derivação. Belloguet, *Glossaire gaulois* 2e ed. p. 415 disse que Glück no artigo citado dos Beiträge derivara *Galli* e *Celtae* do mesmo radical *kel, kol*, o que é falsissimo. Glück combate alli a opinião de H. Kiepert (en *Beitrag zur alten Ethnographie der iberischen Halbinsel*—Monatsbericht der Königlichen Preuss. Akad. d. Wissenschaften 1864, März, p. 149)—de que *Galli* fosse o verdadeiro nome nacional dos *Celtas* e que *Celtae* ao contrario tivesse origem ligurica ou iberica, e considera, creio, com razão *Galli* como latino, explicando como celtico *Celtae*. Nos dialectos modernos encontra-se em verdade um termo *gall, gal*, adduzido por Belloguet (ob. cit. p. 403), que evidentemente se liga a *Galli*: kymrico *gal*, um inimigo; bretão *Gall*, gallo, habitante da Gallia, francez, ant. extranho, inimigo (Le Gonidec), irlandez e erse *Gall*, estrangeiro, homem que não falla a lingua do paiz, o inglez, natural da parte baixa da Escocia, ant. dinamarquez, etc. Essas significações que tomou a palavra *Galli* não devem causar estranheza a quem sabe como os povos generalisam facilmente o uso dos nomes dos seus vizinhos. Para a maioria dos francezes não ha portuguezes, mas só hespanhoes; o nome dos francezes, *francos*, veiu a designar no Oriente todos os europeus; Togal (Portugal) significa Europa no Senegal. Os normandos que invadiram a Inglaterra eram naturalmente chamados *Gallos*. Aquelle *Gall* dos dialectos celticos vivos é portanto de origem latina.

[8] H. d'Arbois de Jubainville, *Introduction*, etc. pp. 238, 291.

proto-celtico *com-brog-*[9]. No antigo celtico da nossa peninsula a palavra *Cymro* deveria ter essa fórma *com-brog-*, que nada tem que ver com *Welsh*, nem *Gallois*. Estas duas é que são fórmas diversas d'um mesmo nome (cp. fr. *Guillaume*, ingl. *William*, etc). Tanto *Welsh* como *Gallois* veem do allem. *Walh*, *Walah*, que teve sentidos diversos, designando já os celtas, já os romanos, já em especial os habitantes da Cambria[10]. Emquanto á origem de *Walah*, vê-se estar em *Volcae*, nome d'um ramo celtico, que os germanos estenderam a todo o grupo dos seus vizinhos[11]. A alteração de *Volca* em *Valh (Walah)* explica-se pelas leis phoneticas do allemão. Se o nome *Volca* existisse na Hispania romana, teria a fórma *Volca*, exactamente como na Gallia e Germania, na boca dos celtas.

São innumeros os erros produzidos na ethnologia pela simples semelhança de nomes, quando não se trata de remontar á forma antiga. Em regra geral—O PONTO DE PARTIDA PARA OS ESTUDOS ONOMATOLOGICOS É A COMPARAÇÃO DAS FÓRMAS SYNCHRONICAS MAIS ANTIGAS.

Não é raro que nomes de origens muito diversas tomem aspectos phoneticos eguaes ou semelhantes; assim *Gallois* designa em francez não só os Kymry, mas ainda um povo do Gabão (Africa occidental), que nós melhor chamaremos *Galoa*[12]. A semelhança de nome tem levado a confundir os *Galoa* com o povo inteiramente distincto dos *Galla*, vizinhos dos Somali, na costa oriental da Africa[13]. E já que indiquei esses nomes, que lembram alguns dos celtas, não deixarei de mencionar mais uma curiosidade do mesmo genero.

O dr. Paul Topinard apresentou ao Instituto Anthropologico de Londres, na sessão de 21 de janeiro de 1878, uma communicação sobre a semelhança entre um craneo de *galtcha* e um craneo de saboyano. Segundo elle, a semelhança entre esses craneos é tal que se sentia inclinado a considerar os *galtchas* (escripto *Galtschas*) do Turquestão oriental e os celtas da Europa occidental como ramos d'um mesmo tronco, de que os slavos da Europa oriental são tambem membros. O nome dos *galtchas* não podia deixar de lembrar o dos *gallos* (mais bonito—*Galls*), dos *gaels*, dos *galatas*, etc. e preparar a identificação[14].

---

[9] Vid. F. A. Coelho in *Congrès international d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques. Compte-rendu de la troisième session à Lisbonne*, 1880. p. 480–81, fundado sobre Zeuss-Ebel, *Gramm. celt.* p. 206–7, Glück, *Die bei Caius Julius Caesar vorkommenden Keltischen Namen*, p. 26–7.

[10] O nome dos *Valaquios* deriva do mesmo termo (elles chamam-se *Romuni*); o all. *Waelsch*, derivado de *Walah*, designou tambem os francezes e os italianos. Os nomes de lingua e de povo da Belgica *wallon* liga-se ainda a *Walah*. Vid. G. Paris, in *Romania* I, 5.

[11] H. d'Arbois de Jubainville, *Introd.* p. 10–12: K. Müllenhoff, *Deustche Alterthumskunde* II, 279–282. Berlin, 1887.

[12] Vid. Vivien de Saint-Martin, *Annuaire géographique*, t. XII (1874), p. 62. Em francez escreve-se tambem *Galoa;* vid. Maunoir & H. Duveyrier, *Ann. géographique*, 2e sér. t. II (1877), p. 408. etc.

[13] Vid. O. Peschel, *Völkerkunde* IV, p. 520, etc.

[14] *The Academy*, 1879, n.º 359, fev. 8, p. 129.

Um celtista eminente, o professor E. Windisch refere-se num trabalho recente[15] ao nome da Galliza: «Segue-se, diz elle, uma zona de nomes celticos na proximidade do Tejo, quasi até Toledo. Os nomes d'essa origem tornam-se de novo frequentes na proximidade do Douro. A moderna Galliza tem nome de apparencia celtica, mas a mais antiga fórma é Καλλαϊκοί (Strabão); mais tarde appareceu a fórma Gallaeci. Não se resolve com certeza se esse povo era originariamente celtico».

Sem tratar agora da ethnogenia dos gallegos, creio poder provar que o seu nome é de origem celtica.

Callaecia deriva de *Callaecus*, *Callaeci* e é sobre este nome que deve recair a nossa attenção, pois *Callaecia* pode ser um simples derivado latino.

Em primeiro logar é *Callaici* (*Callaeci*) e não *Gallaeci* a fórma mais antiga conhecida, como diz E. Windisch?

Eis os principaes testemunhos sobre essas fórmas:

Callaecus (n. de homem) C. I. L. II, nr. 114 (Evora); nr. 358 (Collipo).
Gallaeca (n. de mul.) Ibid. nr. 556.
Gallaecianus Ibid. nr. 4200 (Tarragona).
Callaecia (n. ethnico), nos escriptores, por ex. Eutropio 4, 19, Sil. Ital. 2, v. 352, Καλλαϊκοί Strabão.
Gallaeci (n. ethnico), nos escriptores, p. ex. Plin. *h. n.* 4, 20 (34).
Callaeci (n. geogr.) nos escriptores etc., p. ex. Καλλαϊκία, Dio. C. I. L. II, nr. 2422, nr. 2635.
Gallaecia Ibid. nr. 3271 e tambem nos escriptores, p. ex. Plin. *h. n.* 4, 20 (34); 9, 3 (4); Floro 2, 77, 12.

Esses testemunhos, como se vê, não bastam para resolver a questão da antiguidade respectiva das duas fórmas; mas a phonetica historica põe fóra de duvida que a fórma com *c* (*k*) é a mais antiga. Salvo no dominio das linguas germanicas em que por uma lei particular *g* primitivo foi substituido por *k* e numa ou noutra lingua em que se tem notado tendencia para phenomeno semelhante a esse das linguas germanicas, e fóra ainda da influencia de certas analogias (como em *cangrena* por influencia de *cancro*) por toda a parte *g* pode representar *c*(*k*) anterior, e não se dá o contrario.

Deixando de parte o facto da confusão graphica de *k* e *g* em antigo latim, a qual se observa tambem esporadicamente mais tarde (p. ex., *Secovesos* por *Segovesos* C. I. L. II, nr. 2871), vemos que nesta lingua, em numerosas palavras, *c* (*k*) se mudou em *g*, não se dando o phenomeno opposto; assim nos periodos menos antigos d'essa lingua achamos:

Sigambri por *Sicambri*,
gamelam por *camelam*,
gaunaceum por *caunaceum*,

[15] *Keltische Sprache* in *Grundriss der romanischen Philologie*, herausgegeben von Gustav Gröber. I Bd. S. 299.

promulgare por **promulcare* (cp. *promulcum, remulcum, remulcare*),
gobios por κωβιός
negotium por *necotium*
gubernator por κυβερνήτης
etc.[16]

Em portuguez achamos tambem o *c* (*k*) medial antes de *a, o, u* mudado em *g* e o mesmo acontece em hispanhol. O *c* (*k*) inicial muda-se em *g* em

port. *gamella*	de lat.	*camella*
gato	»	*catus*
garea	»	*carea*
gaiola	»	*caveola*
golla	»	*collum*

Observe-se que Strabão é mais antigo que os escriptores que offerecem as fórmas *Gallaeci, Gallaecia.*

Callaicus offerece-nos o mesmo suffixo *-aico* que se encontra em um numero assaz consideravel de nomes antigos hispanicos, por mim reunidos no referido artigo da *Revista de Guimarães*, taes como:
Ambaicus C. I. L. II, nr. 2935.
Araica Ibid. nr. 2952,
Brigaecium (Βριγαίκιον) Ptol. II, 6, 30,
Cantunaecus C. I. L. nr. 861,
Ceceaecus Ibid. nr. 2572,
Melgaecus Ibid. nr. 2426,
Visaicium. Visaiciensis Ibid. nr. 2981.

No mesmo artigo mostrei como esses nomes em *-aico* parecem ser derivados de nomes em *-aio*, como os nomes gregos em *-aico* o são tambem de fórmas em *-aio*; assim vemos no grego

ἀχαϊκο-	ao lado de	ἀχαιο-
αρχαϊκο-	»	αρχαῖο-
τρχαῖο-	»	τρογαϊκο-

e nos nomes hispanicos
Ambaicus C. I. L. nr. 2935 ao lado de *Ambaius* Ibid. nr. 2951,
Araica Ibid. nr. 2952 ao lado de *Araius* Ibid. nr. 2952.

Os nomes em *-aio* tem ainda ao lado nomes, formando systema com elles, em *-io-*, *-eio-*, *-o-*, etc. Taes processos de derivação provam a existencia, na parte da peninsula em que se encontram os seus vestigios, de uma lingua estreitamente aparentada com o grego[17]. Essa lingua—a combinação de todos os dados historicos e glottologicos permitte que o affirmemos—só podia ser um dialecto do grupo celtico. Estudos subsequentes o confirmarão[18].

---

[16] Vid. W. Corssen, *Über Aussprache, Volcalismus und Betonung der Lateinischen Sprache* I², 77–78, onde se acham reunidos esses e muitos outros exemplos.

[17] Para maior minudencia, vid. o meu artigo *Revista de Guimarães* III, 180–189.

[18] Um celtista eminente, M. H. Gaidoz, aprovou as conclusões do meu citado artigo e o sr. Hübner, auctoridade na onomatologia classica, applaudiu o methodo que segui. Vid. *Revista lusitana* I, 278.

Os factos apontados levam-nos a pensar que além da fórma *callaico-* appareçam na peninsula ou nas regiões celticas fóra d'ella nomes dos themas *callaio-*, *callio-*, e *callo-*, e talvez ainda outros derivados de *callo-*.

Encontram-se de facto os themas *callio-* e *callaio-* em nomes do dominio celtico ou de suas proximidades.

Callius C. I. L. v, nr. 142 (Pola), nr. 3730 (Verona); mas este nome que apparece tambem na Italia central (C. I. L. ix, nr. 9120) e na Africa (C. I. L. viii, nr. 5892) pode ser latino,
Callia Ibid. nr. 142 (Pola),
Callaea C. I. L. ii, nr. 4999*a*,
Callaeus (Sequanus) C. I. L. v, nr. 907[19].

Do thema *callo-* de que derivam *callio-* e *callaio-* podem derivar tambem
Callavus C. I. L. v, nr. 4049 (inter Mantuam et Veronam)[20],
Calladinus Ibid. nr. 8742 (Concordia),
**Callero* Ibid. nr. 4519 (Brixia),
Callo Schuermans *Sigles Figulins* nr. 992 (Westerndorf), C. I. L. xii, nr. 1201, 5833,
Callidi Schuermans Ibid. nr. 991 (Poitou),
Calleva n. l. Brit. Itin. Ant. p. 478, 3; 485, 7, 486, 7 (Καληούα Ptol. 2, 3, 25; Zeuss-Ebel p. 783 reproduzem a fórma *Caleva*).

O thema simples apparece em
Calla C. I. L. v, nr. 491. 2590.

Citarei ainda o composto:
Calli-mor (inscripção romana achada em Chester) *Revue celtique* ii, 419.

Não devem tambem ser esquecidos os nomes hispanicos:
Callensis Aeneanici Plin. *h. n.* 3, 3, 14 (na Baeturia Celtica), *Resp*[*ublica*] *Callensis* C. I. L. ii, nr. 1372. Vid. a discussão de Hübner Ibid. p. 186,
Callet Plin. *h. n.* 3, 3, 12 (Conventus Astigitanus), 3, 3, 15 (Conventus Gaditanus),
Callicula Idem 3, 3, 12 (Conventus Astigitanus).

Não deve esquecer-se que esses nomes podem não provir todos da mesma lingua e dentro da mesma lingua ou grupo de linguas podem provir de themas diversos, comquanto homophonos. Fóra do dominio celtico encontramos, no antigo onomastico, muitos nomes derivados de themas da fórma *callo-*, assim *Callifa* (no Samnio), *Callicula Mons* (Campania), *Callatis* (Thracia), *Calliarus* (Locrida), *Callatebus* (Lydia), *Callium* (Etolia)[21].

---

[19] *Catalus Callaei f natione Seqv.* tem caracteres de indubitavel celticidade. Vid. *Revue celtique* viii, 141.

[20] No index erradamente nr. 4048.

[21] No dominio hellenico são muito numerosos os nomes proprios de logares e de pessoas derivados ou compostos de grego κάλλος, belleza.

Callais (nome de uma liberta). C. I. L. ii, nr. 4305 (Tarraco) é talvez o grego καλλαΐς, turqueza. Cp. outros nomes de mulher como *Esmeralda, Perola.*

O thema *callio-*, ou antes *calli-*, acha-se representado em antigo irlandez por *caill* silva, *ola-chaill*, olivetum[22], em kymrico por *celli*, em cornico por *kell*, nemus.[23]

Segundo E. Windisch[24] fórmas irlandezas como *isin chaillid* in silva permittem induzir uma fórma *caldet*. O thema *callo-* está pois por *caldo-*, em virtude de assimilação consonantal, o que se confirma pela comparação das formas das outras linguas europeas:

grego κλάδος, ramo,
slavo liturgico *klada*, trave, toro, madeira,
lituanico *kaladá*, cepo, madeiro,
anglosaxão *holt*, pau, madeira,
antigo alto allemão e allemão moderno *holz*, pau, madeira.

Ser-se-hia tambem tentado a adduzir *callio-marcos* Marcellus Burdigalengis, *de medicamentis empiricis*. cap. XVI: herba, quae gallice calliomarcus, latine equi ungula.

Com effeito, *marcos* em gallo significava cavallo; mas comquanto a interpretação de Marcello seja inexacta com relação a *callio-*, não é possivel ver neste elemento do composto um termo significando silva, herba (comparae as significações que em portuguez apresenta o latim *silva* nas duas fórmas *silva* e *selva*), como suspeitou H. Ebel[25]. A palavra *callio-marcus* tem no primeiro elemento um thema *callio-*, distincto de *callio-* silva e significando testiculo; cp. bretão *caill, kell*, kymrico *caill*, testiculo, etc.[26]

Com o irlandez *caill* e as palavras correspondentes das outras linguas europeas liga-se ainda o latim *callis*, que, comquanto signifique em geral caminho, se apresenta tambem nalguns auctores no sentido de pasto nos bosques, como synonymo de *saltus;* ex.: *Rara per occultos lucebat semita calles*, Virgilio, *Aen.* IX, 383[27]. O primeiro sentido deve ter sido bosque, floresta. A palavra *saltus* une os sentidos de floresta e pasto. *Callis* está por *caldis*, apresentando assim a mesma assimilação que o celtico *callo-*. Fr. Saussure ligára já o latim *callis* ao grego κλάδος, etc. numa communicação á Sociedade de linguistica de Paris, de que não tenho conhecimento directo[28].

---

[22] Zeuss-Ebel. p. 855.

[23] Ibid., p. 815.

[24] E. Windisch in G. Curtius, *Grundzüge der griechischen Etymologie*[5] (1879). p. 149, nr. 57 *b*. e in Kuhn's *Beiträge* VIII, 35. A. Fick (*Vergleichende Wörterbuch der indo-germ. Sprachen* I[3], 529) assenta como fórma fundamental europea das indicadas grega, slava, lituanica, anglosaxonia e allemã, *kalda*, com o sentido de madeira partida, lenha. A correlação do sentido de madeira, lenha, com o de irlandez *caill* entende-se comparando o francez *bois*, que reune os dois, assim como o latim *silva*.

[25] In Kuhn's *Beiträge* III, 233. J. Grimm. (*Kleinere Schriften* II, 122) quiz justificar a interpretação de Marcello, suppondo que *call* estaria por um irlandez *ioncall* de *ionga* ungula; essa explicação do grande germanista caiu completamente. O genio mesmo nada pode fazer, em geral, na falta de documentos, em questões etymologicas.

[26] Vid. E. Ernault, *Revue celtique*, VIII, 36.

[27] E. Toubin in *Mémoires de la Societé de linguistique de Paris*, VI, 197–199.

[28] Vid. *The Academy*, n.º 834, april 28, 1888, p. 294.

Assim *Callaicos* significa *Silvanus*, *Lucanus* e *Callaecia* o mesmo que *Lucania*. Á serie dos nomes em que se acha o thema *callo-* bosque, floresta, pode comparar-se a seguinte portugueza:

Nomes de pessoa

Silva, Silvio, Silvia, Silvino, Silviniano, Silvano, Silvestre, Silverio.

Nomes de logar

Silva, Silvã, Silvado, Silvadal, Silval, Silvalde, Silvanes, Silvão, Silvãos, Silvarelhos, Silvares, Silvarinho, Silvarinhos, Silvas, Silveira, Silveiras, Silveirinhas, Silveirinho, Silveiro, Silveirona, Silveiros, Silvella, Silveria, Silverto (?), *Silves* (?), *Silvestre, Silvite* (?), *Silvões, Silvora* (?), *Silvosa, Silvoso*[29].

Os nomes proprios formam, segundo se vê, um systema, como as palavras da lingua commum, em que os diversos elementos se ligam já pelos radicaes, já pelos suffixos; assim esses nomes portuguezes estão ligados entre si pelo thema commum *silva* e com outros pelos suffixos (p. ex. o suffixo *oso* de *Silvosa, Silvoso* encontra-se em *Areosa, Arnoso, Arosa, Azinhoso, Barbosa, Barrancosas, Borralhoso, Banhosa, Cadavoso, Carvalhoso*, etc.

O que torna possiveis os estudos de onomatologia scientifica é esse facto dos nomes proprios formarem systemas segundo as linguas a que pertencem. É dentro do systema respectivo que cada um deve ser estudado. As etymologias de nomes proprios ao acaso só por milagre acertam e nestas investigações a convicção scientifica não pode ser ganha senão pela complexidade e multiplicidade dos factos. A origem celtica do nome de Galliza será, porém, creio, confirmada pelos meus artigos futuros, que mostrarão a existencia no territorio gallego de muitos nomes d'essa origem. Uns factos reforçam os outros, excluindo, pelo seu numero, a possibilidade de simples semelhança casual.

Ainda duas palavras sobre methodo. Quando ponho ao lado dos themas *callo-*, *callio-*, *callaio-*, *calli-*, etc. o irlandez *caill*, quando considera este e o latino *callis* como apresentando uma assimilação de *ld* em *ll*, não faço comparações arbitrarias, mas tenho em consideração as leis phoneticas das linguas respectivas, taes como se acham expostas nos principaes trabalhos de glottologia contemporanea, a que me reporto. Da consideração ou do desprezo d'essas leis phoneticas depende ou o valor ou a inutilidade das etymologias propostas. O nosso principio fundamental de methodo é o seguinte:

Comparar o antigo com o antigo e interpretal-o pelo moderno só quando as relações phoneticas entre o moderno e o antigo sejam provaveis.

A proposito do suffixo *aico-*, *aeco-* farei ainda uma observação.

---

[29] J. Maria Baptista, *Chorographia moderna do reino de Portugal*, vol. VI, pag. 506–508.

Diez nota que nas linguas romanicas a terminação *ec* se applica a um numero consideravel de palavras, pela maior parte de origem tão obscura que não pode nada dizer-se certo a respeito da natureza d'essa terminação, que em verdade não parece exprimir nenhuma idéa. Em muitas d'essas palavras *ec* não deve ser considerado como suffixo [30]. Nalgumas palavras todavia *-ec-* é um elemento de derivação, como no hispanhol *muñeca* (comp. *muñon*) francez *moignon*, *faneco* (verbo *fanar*), *caneca*, tambem portuguez (comp. francez *canette*, baixo latim *cana*). O suffixo *eca* alterna com *ega*, *eiga*, como em hisp. *talega*, port. *taleiga* ao lado de provençal *taleca*.

«Ao sudoeste, diz ainda Diez, nota-se muitas vezes um suffixo *ego*, *iego* semelhante ao latim *icus*, assim: hisp. *aldaniego* aldeão, *andariego* bom andador, *borrego* cordeirinho, *cadañego* annual, *christianego* de christão, *frailego* monachal, *niego* falcão, ninhego (*nidus*), *palaciego* cortesão, *piñoriego* de pinheiro, *veraniego* de verão; port. *ardego* ardente, *labrego* camponio (lavra), *ninhego* (hisp. *niego*). A origem d'essa fórma está por achar. Conhecem-se do nome de *gallego*, que tem manifestamente o mesmo suffixo, as fórmas muito antigas *Gallaecus*, *Gallaicus;* não pode duvidar-se de que *aec* derive d'uma das linguas antigas do paiz, porque nenhuma das linguas romanicas conhece esse suffixo; o caracter popular d'essa terminação não auctorisa a ver n'ella uma formação latina, pelo modelo p. ex. de *Graecus*. Deve recorrer-se ao suffixo celtico *ig* (kymr. *mynydd* montanha, *mynydd-ig* que respeita á montanha)? Isso inspira pouca confiança. Um segundo nome de povo em *ego* é *Manchego*; á mesma terminação pertence *Judiego* (*Judaïcus*); o nome de rio *Mondego* (antigamente *Munda*) parece ter o mesmo suffixo; o mesmo succede com os nomes de familia como *Castaniega*, *Noriega*, *Savariego* [31].»

As palavras portuguezas *caneco*, *caneca* «pequeno vaso cylindrico de loiça, madeira ou metal, para liquidos» não podem separar-se do francez *canette* «petite cruche», que é derivado do allemão *kanne* ou de outra fórma germanica da mesma palavra.

O consideravel numero de nomes antigos em *-aico* da nossa peninsula mostram claramente que a origem do suffixo *-ego*, *-iego* deve ser procurada na lingua de que provém esse suffixo *-aico*, por outras palavras que *-aico* é realmente, como viu Diez, a origem do moderno *-ego*, *-iego* [32]. Eu creio ainda que o suffixo *-eco* tem em parte a mesma origem. Zeuss-Ebel dão *eco* como suffixo celtico e exemplificam com »*Turecum* nomen vetustum civitatis Helvet. cf. *Turecionicum* Allobrog. loc. in Tab. Peut [33]». Ao lado de *aico* existia já uma rara fórma antigo *eco*, talvez proveniente d'aquella.

---

[30] *Grammaire des langues romanes*, trad. fr., II, 282.

[31] Idem. ibid., II, pag. 283–284.

[32] O diphthongo *ai*, *ae* deu aqui *e* como nas palavras latinas.

[33] *Grammatica celtica*, pag. 806. Do nome *Turecum* occupar-me-hei nestes estudos a proposito do *Turiacus* da nossa peninsula.

Na inscripção galla de Antun ha um termo *canecosedlon* que, creio, não foi ainda interpretado definitivamente [34]. A palavra parece composta de *caneco* e *sedlon*, a que se attribuiu o sentido de estabelecimento, habitação, assento da mesma raiz que o latim *sedere*. Em *caneco-* quiz ver-se, entre outras coisas, um irlandez *canach*, lago, pantano ou um derivado de *cana* lei [35]. Em todo o caso esse *caneco-* parece um derivado contendo o mesmo suffixo *-eco* de *Turecum* e do port. *caneco*, mas de radical diverso do d'este.

2. *Andercos (Andergus)

O seguinte nome proveniente do territorio callaico apresenta, a meu ver, como *Gallaecus*, substituição de *c(k)* por *g*.

Andergus (Alluquio Andergi f. etc.) C. I. L. II, nr. 2465 (Valença do Minho).

Com relação a este nome podem suggerir-se diversas hypotheses, das quaes algumas não serão aqui mencionadas por mais improvaveis. As seguintes são as que teem mais a seu favor:

1. *Andergus* está por *Andercus (Andercos)* e é um derivado do thema *ando-* por meio do suffixo *-erco*.

2. *Andergus* está por *Andercus (Andercos)* e é um composto da particula celtica *an* e do thema *derco-*.

Vamos examinar cada uma d'estas hypotheses.

1. Um thema *ando-* encontra-se na Lusitania no nome de homem:

Andartiae C. I. L. II, ns. 452 (Villa Capinha), num logar incerto da Galliza e no sobrenome dado a Jupiter:

Andero (J. O. M. Andero) (ni ou *no)* C. I. L. II, nr. 2598.

O general Creuly [36] e o professor A. Luchaire [37] colligiram bom numero de nomes do mesmo thema, provenientes principalmente da região pyrenaica. Num outro artigo, em que me occuparei especialmente dos derivados hispanicos d'esse thema *ando-*, reproduzirei os elementes de comparação que nos são ministrados pelas inscripções dos outros paizes; por agora basta indicar que esses elementos se encontraram nos principaes paizes do dominio celtico, nas Gallias, na Britannia, etc. A. Luchaire, em razão dos nomes por elle reunidos com o thema *ando-*, foi levado a crer que esse thema é de origem celtica, e não basca, apesar do basco *andi* grande. É possivel que nem todos esses nomes tenham a mesma origem; mas a existencia d'esse antigo celtico *ando-* fica provada. D'esse, por meio do suffixo *-erco* poderia derivar o nosso **Andercos*. O seguinte processo seria o mais provavel:

---

[34] Vid. A. Pictet, *Nouvel essais sur les inscriptions gauloises* (Paris, 1667), pag. 38.

[35] *Ob. cit.*, p. 39.

[36] *Revue celtique*, III, 155–156.

[37] *Études sur les idiomes pyrénéens de la région française*. pag. 45–46, 53, 76–77. C. I. L. III, V, XII, Indices.

de *ando-* derivou-se *ander-* (cp. *Andero(n)* e d'esse por meio do suffixo *-co* o nosso **anderco* (cp. lat. *altercare* de *alter*, *Mamercus* de *Mamer-s*).

O suffixo (sem duvida composto) *-erco-* não é frequente no onomasticon antigo, nem nos vocabularios geraes das antigas linguas da Europa. Na Hispania achamos os seguintes nomes com a apparencia de derivados em *erco*,

Voberca Martialis *epigramm.* 1, 49 (cf. mod. Bobierca),
Μετέρκωσα Ptol. 2, 6, 57 (cidade dos Carpetanos).

Zeuss-Ebel[38] reunem como celticos os seguintes exemplos:
Aulerci Caes., Plin. Liv. Ptol. (povo da Gallia Lugdunense);
Mamercus Sidon. Apoll. epist. 5, 2. 5, 14. 7, 1;
Solerciaco abl. Mabill. de re dipl. p. 606 (cf. *Solovettius* Tit. Liv. 45, 34, nome d'um chefe gallo);
Luperciacum Polypl. S. Irminionis p. 290 (de *Lupercus*, cf. *Lupo-dunum* Auson.);
Bitercium chart. ann. 893 ap. Mabillon p. 557.

D'esses separaremos *Mamercus* e *Lupercus*, que são latinos (cp. *noverca*).

Um derivado *anderco-* d'um thema *ando-* era pois possivel e a sua celticidade muito provavel.

2. **Andercus* poderia tambem ser um composto. Não me parece acceitavel porém que tenhamos nelle a particnla *ande-* que entra na composição de antigos nomes celticos, como *Andecavi*, *Andecamulum*, *Andematunnum*, *Anderitum* e se reproduz nos dialectos celtico modernos[39]. Vejo antes em **Andercos* um composto da particula *an* e do thema *derco-*.

Essa particula é exemplificada pelo nome gallo
An-calites Caes. (cp. *Caletes*[40], *Calitix*, *Revue celtique* I, 294),
An-orbo Ibid. I, 293 (cp. *Orbio-talis*) C. I. L, VII, nr. 188; *Orbius* [de Aquae Sextae] Herzog *Gallia Narbonensis* nr. 373[41].

Essa particula tem sentido privativo e encontra-se tambem nas linguas celticas modernas; exemplo, ant. irlandez *an-eolas* inscientia, composto com *eola* gnarus, *eulas* sapientia[42].

Do thema *derco-* derivam:
Derco (n. h.) C. I. L. XII, nr. 2461 (Gallia Narbonensis),
Derceia Ibid. nr. 5788 (Ager Arelatensis),
Dercinus Schuermans *Sigles figulins* nr. 1900 (Allier),

Compostos com o mesmo thema são:
In-derca, *Rev. celtique* III, 298 (Museu de Bordeus),
In-dercillus Ibid. (Museu de Bordeus),

---

[38] *Grammatica celtica*, pag. 808.
[39] Zeuss-Ebel, *Gramm. celt.* pp. 5, 867.
[40] Sobre este nome vid. ob. cit. p. 43–44
[41] Sobre *talo-*, vid. sub **Vipascum*, neste artigo.
[42] Zeuss-Ebel, *Gramm. celt.* p. 859–60; H. Zimmer in Kuhn's *Zeitschrift* XXIV, p. 523–542.

Condercum Not. Imp. (Britannia).

A particula *in-* entra na composição de numerosos antigos nomes celticos e acha-se tambem em composição nas linguas celticas modernas[43]

Outro composto com *derco-* é o nome:

Derco-iedus (n. h.) *Rev. celtique* III, 166, de Grut. Zeuss-Ebel. *Gramm. celt.* p. 35, Kuhn's *Beiträge* III, 199 (paiz Messino).

Do segundo elemento d'esse composto *iedo-* deriva

Iedussius in *Beiträge* III, 199; Zeuss-Ebel, p. 35; *Rev. celtique* III, 298 (de Brambach nr. 840).

O mesmo elemento parece entrar na composição do seguinte nome *Bor-iedus,* Zeuss-Ebel, p. 35, *Beiträge* III, 199, por **Boro-iedus;* cp. *Borio* (Schuermans *Sigles figl.* nr. 849); *Borius* (Ibid. nr. 850); *Borea* (C. I. L. II, nr. 4963), *Boria* (Ibid. nr. 3013); *Boru* (Ibid. nr. 851); *Borusi* (Ibid. nr. 852); *Borellus* (Orelli *ampl. coll.* nr. 429, *Helvetia* nr. 309; Schuermans nr. 844–847; Zeuss-Ebel p. 767; *Beiträge* III, 352): *Boriennus* (Luchaire, *Études*, p. 56).

Nos dialectos celticos modernos encontra-se um radical *derc* significando ver, um thema *derca-*, significando olho: ant. irl. *con-dercar* conspicitur; *ad-con-darc* conspexi; *air-dirc, air-derc, ir-draic,* (compostos com *are-* particula), conspiciuus, celeber[44], kymrico *drych'a* looking-glass; the aspect or look of a thing' (*edrich,* 'to look') for **dricc-* **dercc*[45], ant. bretão *erderh,* evidente, de *er* intensivo e *derch*[46].

Com esse radical *derc* das linguas celticas comparem-se:

sanskrito *darç* (dark) ver, *dṛç*, olho,

anglosaxão *torh-t*, splendens,

antigo alto allemão *zoraht,* claro[47].

**Andercos* significaria pois, admittida esta segunda explicação, *sem olho, sem vista, cego.* Comparem-se os nomes proprios latinos: *Cocles; Caeculus* (filho do rei latino, Verg. *Aen.* VII, 678, cogn. nas inscripções; cf. *caecula* serpente sem olhos), de *caecus; Caecilius* de *Caeculo-* (cp. *caecilia,* especie de lagarto, Columella 6, 17, 1, *caecus serpens* Plin. *h. n.* 9, 51, 76), *Caecilianus* de *caecilio, Caecina* de *caeco-; Lus-cus,* cogn. gentis Anniae; *Paetus, Paetini* (na gens Fulvia), *Strabo,* francez *Borgnet,* italiano *Lippi*[48].

---

[43] Zeuss-Ebel, p. 866, 877, 905. Ha tambem, além d'essa particula que não é negativa, uma de sentido negativo (Ibidem, p. 860). A *Gramm. celt.* apresenta como antigos compostos com *in*: *Insubres, Indutius, Indutiomarus.*

[44] Zeuss-Ebel, p. 5, 7, 64, 67, 448; Curtius, *Grundzüge* 5e ed. (1879), p. 134, nr. 13; Whitley Stokes, *Calendar of Oengus,* Gloss. p. CCXIII, CCXXI, CCLVII; E. Windisch, in Kuhn's *Zeitschrift* XXI, 425.

[45] J. Rhys, *Revue celtique* II, 332.

[46] J. Loth, *Vocabulaire vieux breton,* p. 122, s. v. (de Whitley Stokes, *Old-Breton Glosses*).

[47] Curtius, *Grundzüge,* p. 134, n. 13.

[48] F. A. Pott, *Personennamen,* p. 602.

3. *Vipascum

O nome *Callaicus* é apenas um dos exemplos assaz numerosos do suffixo *-aico* da região callaico-lusitana; agora passo a estudar outro nome que é o exemplo antigo unico conhecido d'um outro suffixo, nessa região.

O nome de **Vipascum* (ou *Vipasca*?) é uma das numerosas acquisições que devemos á tão justamente celebre tabua de bronze d'Aljustrel.

... intra fines metalli Vipascencis... in vico metalli Vipascencis...[49].

**Vipascum* era um logar (vicus) nas proximidades de Aljustrel, no Alemtejo, a sudoeste de Beja.

Suppondo-se nome derivado, parece-nos ver nelle um thema *vipo-* (ou *vipa-*) e um suffixo *asco-* (ou *sco-*).

O thema *vipo-* pode provir d'uma lingua e o suffixo *-asco-* d'uma outra, pois está provado que d'umas linguas para outras passam typos, fórmas de derivação. No onomasticon antigo da região callaico-lusitana, **Vipascum*, como derivado em *-asco*, se o é, fica isolado, e egualmente o fica pelo thema *vipo-* de que o suppomos derivado. Tem-se citado varias vezes um outro nome hispanico antigo em *-asco-*.

Menlascus (supposto rio na Hispania Tarraconensis), mas apenas um unico codex de Ptolomeu, que se dá como auctoridade para esse nome, offerece, depois do nome da cidade Μηνόσκα, as palavras espurias Μεηλακου ποταμοῦ ἐκβολαί; d'ahi o nome passou para as traducções latinas e Mannert fez d'aquelle supposto rio *Orio* e Ukert viu nelle o Bidassoa[50].

Esse hypothetico *Menlascus* poderia achar um certo apoio em Μενλαρία Ptol. 2, 6, 62 (cidade dos Contestani, na Tarraconense).

Mencionarei porém o seguinte nome: *Vindasca*, de que provém por certo o moderno *Venasque* da região pyrenaica (Aragão), como o *Venasque* da Provença; vid. *Revue celtique* IX, p. 277.

Fóra da nossa peninsula achamos termos de comparação para o nosso **Vipascum*, já emquanto ao elemento *vipo*, já emquanto ao elemente *-asco*.

Emquanto ao thema supposto *-vipo-* occorre comparar
Vipitenum Itin. Ant. pp. 275, 280 (Raetia),
Viposciana Ibid. p. 23 (Mauretania Tingitana); mas a lição é incerta.

Mannert suppoz ser a *Prisciana* de Pomp. Mela 3, 10, s. f. e a Πτισκίανα Πισκιανα de Ptol. 4, 1, 14.

---

[49] A. Soromenho, *La table de bronze d'Aljustrel*, Lisboa, 1887. *Ephemeris epigraphica*, vol. III, etc.

[50] A. Forbiger in A. Pauly', *Real Encyclopädie der classischen Alterthumswissenschaft* IV, Bd. (1846), S. 1806–7 e *Handbuch der alten Geographie* III, 19. Ann. ***.

Vipius (n. d'homem) C. I. L. XII nr. 2590 (Gallia Narbonensis),
Vipongius (n. d'homem) Ibid. nr. 4529 (Gallia Narbonensis),
Vipellis Tab. Peuting., Zeuss-Ebel *Gramm. celt.* p. 767 (Noricum).

Os tres ultimos nomes pertencem ao dominio celtico, em que encontramos tambem nomes d'um thema *vepo-:*

Vepus Herzog, *Gallia narbonensis* nr. 600 Glück, *Keltischen Namen* p. 73. C. I. L. III, nr. 2623,
Vepo C. I. L. III, nr. 5232 (Celeia-Noricum),
Veponia C. I. L. III, nr. 5225 (Celeia-Noricum),
Veponius Ibid. nr. 4857 (Virunum-Noricum), nr. 1516 (Sarmizegetusa-Dacia), nr. 5148 (Tueffer-Noricum).

Compostos com o thema *vepo-*:

Vepo-talus C. I. L. III, nr. 5350 (Solva-Noricum),
Acinco-vepus in *Revue celtique* I, 292 (d'uma moeda),
Vepo-mulus (incerto) C. I. L. VII, nr. 58.

O elemento *talo-* de *Vepo-talus* encontra-se em muitos nomes compostos celticos, de que terei occasião de me occupar a proposito de *Talabriga*[51].

Em Zeuss-Ebel[52] é apresentado o sufixo *-asco-* como celtico: «in pago Violascensi» Sidon. epist. 2, 14. Alia exempla, sed interdum, ut videtur, e sequentibus formulis transumpta in Testamento Abbonis, renovato circa a. 805, ap. Mabill. dipl. p. 507-509: Cravasca, Bicorasco, Basciasco, Aebasciasco (nomina locorum circa Alpes maritimas). Ibidem: «in pago Matascense Cornaco. Doliana in pago Vendascino. in valle Dubiasca infra fines Langobardorum».

D'esses nomes o mais antigo é apenas do V seculo; os outros provem do testamento de um abbade da Novalesa; mas temos exemplos mais antigos provenientes da Liguria; são os seguintes nomes de rios na taboa dos Genuati e Viturii:

Neviasca	(agri Genuatis)	C. I. L. V, nr. 7749,	2,
Tulelasca	»	Ibid.	21,
Veraglasca	»	Ibid.	19,
Vinelasca (ou *Vinelesca*)	»	Ibid.	10,

e os seguintes da taboa de Velleia, que designavam talvez bosques ou montes ligados aos Apenninos:

Areliasco
Candalasco

O sufixo *-asco-* reapparece num grande numero de nomes de logar da referida região e de alguns da peninsula iberica medievaes e modernos. Flechia[53] reuniu cerca de 250 d'esses nomes naquella primeira região, repartidos do seguinte modo: cerca de metade no Pie-

---

[51] Vid. sobre *talo-* Glück, ob. cit p. 73, Ann. 2.
[52] *Grammatica celtica*, p. 808.
[53] *Die alcune forme di nomi locali dell'Italia superiore.* (*Memorie della reale Academia delle Scienze di Torino*, ser. II, t. XXVII. 1873, pp. 275–373.

monte, o resto repartido entre a Liguria, Lombardia e a Suissa italiana. O sufixo alli junta-se a nomes de pessoas e de plantas, p. ex. *Pinasco*, e a outros nomes de logar, ou geraes, como *Campasco* de *campo*, ou particulares, como *Bergamasco*, de *Bergamo*.

Em Portugal achamos os seguintes nomes de logar:
Chavascas (cf. infra *chavascal*),
Fontascos (cp. *Fontaiscos*, *Fontiscos*),
Montes Vellascos (hisp. *Velasco*, d'onde *Vasco*),
Ordasqueira,
Rabasco ou *Ravasco*, *Rabasqueira*,
Serrascosa,
Tarrascal.

Em italiano, em hispanhol e em portuguez ha tambem na lingua geral derivados em *-asco*, raros adjectivos e alguns substantivos:
adj. port. *chavasco*, d'onde *chavascal*,
subs. port. *borrasca*,
» *tarasca*,
» *vardasca*, *verdasca*,
» *embarbascar*,
» *varrasco*,
» *penhascos*.

Em *panasco* (d'onde os nomes de logar *Panasco*, *Panasca*, *Panasqueira*, *Panascal*, *Panascoso*, etc.) não ha um derivado com o sufixo *-asco*, pois a palavra, sem duvida, representa o latim *pastinaca*, d'onde **pasnaca* por metathese do *s*, *panasca*.

É o sufixo *-asco-* apenas um variante phonetica do sufixo *-isco*, de origem latina (influenciado pelo germanico), como quiz Diez[54]? As fórmas antigas da Italia e as hispanicas **Vipascum*, **Vindasca*, parecem mostrar que o suffixo italiano, hispanhol e portuguez provém realmente de um typo antigo. A que lingua pertencia esse typo? O latim offerece-nos isolado o substantivo em *-asco verbascum*, que parece não poder separar-se do latim *verbena*[55]; temos todavia um thema celtico *verbo-*, de que derivam
Verbeia (n. de divindade) C. I. L. VII, 208. Zeuss-Ebel, p. 58, 783. Glück, p. 103.
Verbigenus. Orelli, *Helvet*. nr. 216. Glück, p. 167.

Flechia, depois de indicar que o moderno suffixo *-asco* não pode ser considerado como representando o latim *-atico*, apresenta a hypothese de que elle seja ligurico. «A me pare non inverisimile che il suffisso *asco*, originariamente proprio dei Liguri, potesse essersi più tardi introdotto presso gli altri popoli italici d'origine celtica, coi quali essi vennero, per così dire, a fundersi sotto l'influenza assimilatrice della dominazione romana». O suffixo *-asco* foi introduzido na Alle-

[54] Diez, *Grammaire des langues romanes*, trad. fr. II, 257–8.
[55] Corssen, *Über Aussprache*, etc. I, 170.

manha meridional talvez do outro lado dos Alpes. «E perché i Liguri sono riguardati como affini di stirpe agli Iberi, non sará fuor di proposito il notare che un fiume dell'antica Iberia è chiamato col nome di Menlascus». Já sabemos que *Menlascus* é nome espurio; mas em seu logar temos o authentico **Vipascum* e **Vindasca*.

Se a celticidade do thema *vipo-* d'esse nome é admissivel, a origem celtica do suffixo *-asco* é menos provavel, e a origem que lhe attribue Flechia fundando-se sobre o primeiro ponto de apparição torna o nome de **Vipascum* um documento para a questão muito obscura dos ligures, de que me occuparei brevemente. Notarei ainda que na região pyrenaica se encontram hoje nomes em *-asco*, além do já referido *Venasque: Belascoam* (Navarra), *Tarascon* (Arrège, França); mas a forma antiga do ultimo, como a de *Tarascon* sobre o Rhodano, foi *Tarusco*.

F. Adolpho Coelho

O TUMULO DE D. MARIA AFFONSO FILHA DE EL-REI D. DINIS

(Estampa I)

Já tive occasião de informar os leitores da *Revista*, das noticias que nos restam de D. Maria Affonso, filha bastarda de D. Dinis, e que foi monja de Odivellas[1]. Hoje tratarei do seu tumulo.

Na abside lateral da banda da epistola, na egreja do mosteiro de Odivellas, existe hoje um tumulo occupando o local do antigo altar.

Diz fr. Francisco Brandão, e com elle concorda George Cardoso (que d'elle recebeu informações), que a sepultura de D. Maria Affonso estava de seu tempo na parede do claustro, correspondente á capella de S. João Baptista; o que á primeira vista parece invalidar o facto de ser este de que agora trato o tumulo da filha do rei lavrador; mas toda a dúvida cessa perante a consideração de elle ter sido transferido para o logar onde se encontra actualmente. Tambem o grande mausoleu de D. Dinis estava no centro da egreja primitivamete; depois foi mudado para o lado da epistola; e finalmente transferido para a abside do lado do evangelho, onde o vemos, posteriormente ao terremoto.

Destruida esta difficuldade, nenhuma outra resta; porque as outras pessoas do sangue real sepultadas em Odivellas foram: um filho de D. Affonso IV que morreu menino, e D. Filippa filha de D. Pedro de Alfarrobeira. Ora o tumulo pertenceu a uma mulher, como o indica

---

[1] *Revista Archeologica*, II, p. 17.—Cf. o que mais digo em *O Mosteiro de Odivellas*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1889-8.º D'este livro é extrahido o principal do presente artigo, bem como a phototypia que o acompanha.

a estatua da tampa, mas não a D. Filippa, que foi sepultada na sacristia, onde se vê o seu epitaphio. Além de tudo isso, o tumulo é evidentemente do seculo XIV. A maneira da esculptura da arca, e da estatua da tampa, é testemunho irrefragavel d'isso.

A auzencia de epitaphio demonstra tambem que era da primeira nobreza a pessoa nelle encerrada; sabe-se que os moimentos grandes e antigos de pessoas de sangue real não tinham geralmente lettreiro, por se considerar isso desnecessario.

Examinemos o tumulo:

A estatua representa uma mulher muito moça, pode dizer-se uma creança. O rosto, oval, é formoso; os labios teem uma expressão graciosa e de resignação, que parece ter querido dar-lhe o artista. Enquadram o rosto os cabellos, divididos ao meio da fronte e caindo em anneis na almofada, que sustenta a cabeça, e sobre os hombros. O collo, a descoberto no alto, é logo occulto pela tunica longa descendo em prégas até aos pés que se apoiam em dois pequenos cães que olham em sentido opposto. Por sobre a tunica, ou habito, mas deixando vel-a ao centro, desce naturalmente o manto dos hombros até aos pés. As mãos estão erguidas sobre o peito.

Em cada um dos lados da arca, e ladeados por nichos com figuras bem esculpturadas, ha dois escudos, perfeitamente eguaes entre si; e em cada um dos topos reproduz-se o mesmo escudo, todos elles rodeados d'um paquife composto de folhas de hera:

Escudo esquartellado: no primeiro quartel, leão rompente para a esquerda; no segundo e terceiro, as quinas; no quarto, castello de tres torres.

O que não foi mencionado em epitaphio, foi indicado no escudo d'armas seis vezes repetido no tumulo. As quinas no segundo e terceiro quartel provam evidentemente que nas veias de quem alli jaz correu sangue real portuguez. O castello do ultimo quartel nada tem de extraordinario; os castellos são parte integrante das armas reaes portuguezas, e os filhos bastardos dos reis os usavam, com as quinas, em seus brazões, como se vê dos sellos conhecidos de D. Affonso Sanches[1] e d'outros.

O que é difficil de explicar, é certamente o leão rompente que se vê figurado no primeiro quartel. Todavia, não me parece de todo desarrazoado, antes natural, que o leão alli faça allusão á mãe da fallecida, vindo assim a confirmar-se a opinião de Brandão, que eu sigo, de ter sido mãe de D. Maria Affonso, D. Branca Lourenço, filha de D. Lourenço Soares de Valladares. O representar-se o leão dos Valladares no primeiro quartel seria expressamente para indicar a bastardia.

Não pode duvidar-se de que D. Dinis mandou fazer este tumulo para sua filha, á qual sobrevivera cinco annos. Podemos suppor que D. Maria lhe era mui querida, como todos os outros seus bastardos.

[1] Sousa, *Hist. geneal. da Casa Real Portugueza*, t. IV.

É porém, notavel que elle não fizesse d'ella menção em nenhum dos seus testamentos. Parece curial que alli houvesse alguma allusão a ella; mas nem a minima referencia se encontra, mesmo quando trata dos anniversarios e missas por alma dos seus parentes. Encontraremos a explicação d'esse silencio no facto de ser dolorosa para D. Dinis a memoria de sua filha, pela terrivel desgraça que a esta succedeu?

O moimento de D. Maria Affonso assenta sobre duas figuras. Como se sabe, todos os antigos tumulos destinados a estarem afastados das paredes, isolados inteiramente, eram sustentados por quatro ou mais supportes, dispostos regularmente aos angulos e lados da arca. Pelo contrario, os moimentos destinados a estar encostados á parede, no fundo de capellas ou vãos, embora fossem geralmente lavrados em todas as suas faces, tinham apenas dois cachorros, que se de dispunham symetricamente proximo das extremidades da arca, e que tinham o tamanho sufficiente para abranger a largura d'ella supportando-a. É este ultimo o caso que se dá no sarcophago de D. Maria Affonso, vindo isso ainda confirmar que elle estava junto á parede do claustro.

Não são figuras de animaes os supportes do tumulo; mas figuras humanas. Uma, a que se vê do lado da cabeceira, representa um frade, com seu habito cingido pelo competente cordão, sandalias nos pés, apoiado nos joelhos e nos cotovellos, debruços. A cabeça desappareceu.

O outro supporte é composto de duas figuras: um homem e uma mulher. Elle, corpulento como o frade; ella, franzina, uma verdadeira creança. O homem, cuja cabeça desappareceu tambem, tem trajo de cavalleiro; do cinturão lhe pende a bainha da espada; cobre-lhe o trajo de cavalleiro um habito, podendo suppor-se que quizeram representar um frei de alguma ordem militar.

A creança, apenas veste uma curta camisa, e tem os cabellos cingidos por uma faixa roliça e torcida, o que tambem é um caracteristico da epocha em que foi feita a esculptura.

As attitudes das duas figuras mostram uma scena terrivel. O homem quiz *roussar* a creança. Colheu-a desprevenida, provavelmente num banho ou no leito, descuidada, intemente. Opprimida pelo infame, a creança grita, tenta com suas mãos repellil-o; mas os seus esforços são baldados, e só pode gritar por soccorro. E então o algoz, raivoso de não poder satisfazer os seus bestiaes appetites, e enfurecido contra a victima, que brada, segura-a violentamente pelos cabellos com a mão crispada e sanhuda, e enterra-lhe a sua espada no lado esquerdo do peito.

O artista representou optimamente a scena. É horrivel a expressão do rosto da victima: expressão a um tempo de desespero e de dor physica indescriptiveis.

Era costume medieval (herdado dos antigos, e que nós ainda hoje seguimos frequentemente) o representar nos tumulos alguma scena mais ou menos notavel da vida das pessoas que deviam conter. Exemplo d'isso temos no mausoleu de D. Dinis, um de cujos supportes re-

presenta um homem prostrado por uma fera: nomeadamente D. Dinis derrubado pelo urso de Belmonte[1]. Não é pois de extranhar que alli se representasse aquelle passo, terrivel mas capital da vida de D. Maria Affonso, facto de que dependeu naturalmente o resto da sua existencia.

Debalde procurei nas nossas chronicas e nobiliarios, em livros impressos e manuscriptos, alguma allusão ao facto; nada absolutamente descobri. É provavel que muito poucas pessoas tivessem conhecimento da scena representada no supporte do tumulo, por isso que elle estava no claustro; os frades que entravam alli não se entretinham por certo a examinal-o detidamente; as freiras não dariam tal indicação aos chronistas; e estes calariam a desdita da filha do rei *lavrador*.

Sem de modo nenhum pretender explicar o facto que resiste a todas as investigações, ponderarei comtudo que talvez aquella scena revele uma d'essas brutaes e atrozes vinganças, extremamente vulgares na meia edade; mórmente advertindo-se que contra o rei D. Dinis (cujo reinado é aliás muito obscuro, se levantaram grandes odios, uns a que não deu motivo, outros causados pelas suas muitas aventuras.

Pode defender-se a opinião de que a desventura de D. Maria Affonso lhe succedeu antes de entrar no convento. A figura do supporte representa sem dúvida alguma uma creança. E foi naturamente em consequencia d'esse infausto acontecimento que D. Dinis recolheu em Odivellas a filha sobrevivente á catastrophe, já que não podia dar-lhe uma posição brilhante no mundo, como praticou com a sua outra filha bastarda.

A infeliz D. Maria Affonso não viveu muito. Sabe-se que falleceu em 1320; e o monumento erigido por ella, e de que já noutra occasião tratei[2], em nada pode esclarecer-nos, por não ministrar particularidade alguma de importancia para este objecto, e tambem por não haver a certeza de estar inteira a data. Mas devemos attender a que ella é sempre a ultima mencionada das filhas de D. Dinis, nas listas em que os antigos nos deixaram, e em que elles costumavam conservar a ordem do nascimento.

Por outro lado a estatua tumular, que tem de comprido $1^{m},70$, e na qual ninguem recusará ver o retrato de D. Maria, mostra-nos uma mulher muito moça ainda; e as dimensões do tumulo (que no exterior tem de longo $1^{m},91$, e no interior mede apenas $1^{m},70$) não permittem dar á fallecida uma estatura maior d'um metro e cincoenta centimetros o maximo. D. Maria deve ter nascido de D. Branca Lourenço pelos annos de 1302, tendo pois, quando falleceu, a edade de dezoito annos, e reconhece-se que era pessoa de mui pequena estatura.

---

[1] V. meu livro *O mosteiro de Odivellas*, c. 1.
[2] *Rev. Arch.*, II, p. 17.

Os restos de D. Maria desappareceram naturalmente por occasião do terramoto do primeiro de novembro de 1755, e transferencia do tumulo do seu local primitivo para onde está hoje.

BORGES DE FIGUEIREDO

ANTIGUIDADES DE PATAIAS

(Estampa II)

Uma folha manuscripta avulsa encadernada com outros documentos[1] que pertenceram ao monge de Alcobaça fr. Manuel de Sá, contêm uma *declaração* ou relação de antiguidades certamente romanas, escripta por pessoa ignorante, em má calligraphia e pessima orthographia. Eis o que diz essa relação, correcta a orthographia e devidamente pontuada:

1. «No sitio chamado antigamente a *Matta de Pataias*, e hoje presentemente o Coito das Pipas, se acha uma columna de pedra branca lavrada e roliça; porém esta agora não se vê pelas muitas inundações de areia que a cobrem; mas agora proximo (*ha pouco tempo*) se tem visto. Tem de grossura quanto pode um homem abranger com os braços; a altura que se lhe verifica serão quatro palmos de fóra do centro da terra; tem em cima feita na mesma columna uma cruz; e dizem ter lettras, porém se não podem ver, e só descobrindo o tempo a areia.

2. «Discorrente pela mesma direitura para o mar, no meio do camarsão se acha, em um oiteiro muito elevado, a cabeça de outra columna de pedra lavrada e roliça, com uma cruz na cabeça; tem de comprido um palmo pouco mais ou menos, e de grossura em redondo tres palmos. Chamam a este sitio.... ..[2] E não se pode descobrir onde está o corpo d'esta columna; porém, mostra-se que alli era o sitio, pouco mais ou menos, por estar em direitura ás mais e do mesmo feitio da da Matta de Pataias.

3. «Descobre-se mais outra columna quasi roliça em direitura das que ficam ditas, e em direitura ao mar. Tem fóra da terra um palmo e meio, e de grosso tres palmos.

4. «Discorrendo na mesma direitura entre Nossa-Senhora-da-Nazareth e Nossa-Senhora-da-Victoria e Muel, á borda do mar, se descobre uma columna de pedra lioz e roliça para a ponta; mas com suas faltas

---

[1] Mss. da Bib. Nac. (E, 3, 22).
[2] Espaço em branco no original.

da continuação do tempo, pelo antiquissimo tempo que mostra foi posta naquelle logar. Tem de comprido tres palmos e meio, e de grosso tres palmos pouco mais ou menos. Não se verifica cruz em cima, por ter a cabeça quebrada; e só de um lado ainda com custo se verifica teve lettras de conta.

5. «Descobre-se outra columna no sitio quasi em direitura da Melva e Matta de Petaias, confinando com os Pisões. Tem de grosso na cabeça sete palmos, e no pé quatro palmos de grosso; está quebrada pelo pé, e só a cabeça está de fóra da terra. Tem de comprido fóra da terra pé e cabeça quatro palmos».

Eis o que diz a *declaração*, que dividi em paragraphos numerados para maior facilidade de interpretação. Como se vê, o noticiador ignorante e despretencioso, melhor decerto do que qualquer petulante escrevinhador, revela-nos bem que especie de columnas eram as da matta de Pataias. Por *pé* intende-se o fuste, e por *cabeça* o capitel. A expressão *columna... lavrada e roliça* indica-nos ainda que restava uma parte do fuste, e todo o capitel. A *cruz em cima feita na mesma columna*, ou (como o declarante se expressa noutra passagem) *na cabeça*, é simplesmente o ábaco do capitel corinthio vasado nas suas quatro faces.

Passemos agora á classificação das columnas, seguindo a ordem dos paragraphos:

1.ª columna de quatro palmos de alto; grossura—quanto pode um homem abranger com os braços.

2.ª columna de cerca de um palmo de alto; grossura—tres palmos.

3.ª columna de palmo e meio de alto; grossura—tres palmos.

4.ª columna de tres palmos e meio de alto; grossura—cerca de tres palmos.

5.ª columna de quatro palmos de alto; grossura—(no capitel) sete palmos e (no fuste) quatro palmos.

Todas as cinco columnas seriam eguaes? A divergencia das medidas é talvez só apparente porque:

a 2.ª e a 3.ª tinham tres palmos de grossura;

a 4.ª tinha cerca de tres palmos, mas tinha maior porção de fuste a descoberto:

a 5.ª tinha de grossura no fuste quatro palmos, mas estava quatro palmos fóra da terra: no capitel media de grossura sete palmos;

a 1.ª tinha de grossura quanto um homem pode abranger com os braços, o que nos leva a considerar esta medida como tomada no capitel, vindo assim a corresponder aos sete palmos (cerca de $1^{m},50$) da grossura do capitel da 4.ª columna.

Ha ainda a ponderar por um lado, que as medidas foram tomadas approximadamente segundo se colhe do modo de dizer do declarante; e, por outro lado, que este affirma que a columna 2.ª é do mesmo feitio que a 1.ª

Que as columnas eram da ordem corinthia, deduz-se isso (além

da expressão *cruz* já notada) de se dizer que ellas eram lavradas e roliças. Roliço, o fuste; se este tivesse canneluras, não deixaria de o notar de algum modo o declarante. Lavrado, o capitel; corinthio sem dúvida, cujas folhas de acantho estavam quebradas, parecendo assim os seus restos aos olhos inexpertos do informador, simples lavores.

No que respeita a elle notar que *dizem ter lettras* a columna 1.ª e que *com custo se verifica que tere lettras de conta* a 4.ª no capitel, é isso um equivoco de pessoas ignoruntes que nas linhas subsistentes dos folhareus suppunham ver vestigios de lettras, que a imaginação popular encontra sempre nos antigos monumentos.

No esboço topographico junto, se pode calcular qual a disposição em que as columnas estavam collocadas; a 5.ª confinava com os Pisões e as outras seguiam-se-lhe na direcção do mar, numa longa extensão, que se poderia avaliar nuns dez kilometros, se acaso a costa, como é muito de presumir (e futuros estudos determinarão) não era naquelles sitios muito concava.

É impossivel, pelo que se sabe das columnas, determinar qual o seu destino; mas deve-se excluir toda a idéa de templo, e, apezar da egualdade das dimensões das columnas, consideral-as como pertencendo a mais de um edificio. A columna 2.ª, embora estivesse na mesma direitura, não pertencia ao mesmo edificio que a 1.ª, 4.ª e 5.ª, pois estava situado num oiteiro muito elevado; mas talvez formasse grupo com a columna 3.ª A columna 4.ª parece tambem que estava muito afastada das outras para pertencer ao mesmo edificio que ellas. Poder-se-hia pois dar o caso de as columnas 2.ª e 3.ª serem de um templo situado no alto de uma collina, e as restantes pertencerem a varios edificios da região baixa circumstante. Não se pode admittir (sobretudo sendo infundada a opinião de um *sinus* naquelle sitio, o que não creio) que todas ellas pertencessem a um templo, ou a uma galleria, pois que nesse caso seria esta de dez kilometros de extensão, o que é inacreditavel.

Eis tudo o que julgo poder apurar-se da imperfeita declaração anonyma, á qual todavia se não pode recusar inteira veracidade por ser escripta por pessoa insipiente e que nenhum interesse podia ter em inventar o que refere. Pode até assegurar-se que a declaração não pode ser obra de um falsario, porque, nesse caso não seria tão ingenua.

Não terminarei esta noticia, sem fazer algumas considerações que me não parecem fóra de proposito.

As povoações mencionadas por Plinio ao descer a costa da Lusitania, abaixo de Conimbriga (Condeixa-a-Velha) são Collipo (que se identifica como S. Sebastião de Freixo, ao pé de Leiria), e Eburobritium (que é identificada por uns com Evora de Alcobaça, e por outros com Alfeizirão). A identificação não tem sido comprovada com documentos epigraphicos, pois que o facto de apparecerem em Evora de Alcobaça e em Alfeizirão inscripções romanas, não é prova sufficiente, por se encontrarem a cada passo por toda a parte monumentos taes.

Ora, verificando-se a existencia de monumentos architectonicos em Pataias, e tão importantes que parecem restos de populosa povoação não é arriscada a opinião de que este local pode disputar a Alfeizirão e a Evora de Alcobaça a posse das ruinas de Eburobritium. Podem objectar os propugnadores de Evora que esta designação parece conservar o primeiro termo do composto nome latino; mas essa objecção nenhuma força tem, porque esse nome *Ebora*, com maior ou menor variante, se encontra designando muitas povoações da Hispania, e particularmente da Lusitania. Infelizmente, não tendo Plinio, unico escriptor da antiguidade que nos conservou menção de Eburobritium, dado indicação bastante para a sua localisação exacta, continúa a mesma ignorancia que até hoje tem havido do seu local, ficando a solução do problema dependente de futuras descobertas.

BORGES DE FIGUEIREDO

AS THERMAS ROMANAS DA RUA BELLA-DA-RAINHA (*VULGO* RUA DA PRATA) EM LISBOA

(Estampas III–V)

Em 1770 depararam-se pela primeira vez os restos d'umas thermas romanas, ao abrir-se o alicerce d'uma casa que tratava de construir na rua da Prata Manuel José Ribeiro. Annos depois, em 1773, appareceram outros vestigios d'ellas, ao abrir-se o cabouco para o cano geral d'aquella rua; e nessa occasião examinou-as e descreveu-as fr. José de S. Lourenço, que deixou uma relação circumstanciada do que viu[1], e por occasião da reedificação da cidade, posteriormente ao terremoto de 1755, um artista chamado Joaquim Ferreira desenhou os restos do antigo edificio.

Oitenta e seis annos depois, em fevereiro de 1859, ao fazerem-se concertos no alludido cano, de novo se encontraram as ruinas das thermas; e então foi encarregado (pelo bibliothecario-mór) de estudal-as o conservador da Bibliotheca Nacional Francisco Martins d'Andrade. Dos seus trabalhos fez elle um relatorio, que se conserva manuscripto na Bibliotheca[2]; relatorio de que von extrair a parte que diz respeito ás

---

[1] Mss. da Bibl. Nac., Cod. d'Alcobaça, 477.

[2] *Memoria ácerca d'uns restos de thermas romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os proprios sitios, com a medição correspondente.* Mss. da Bibl. Nac., Y, 6, 21.

thermas, e consiste principalmente num minucioso commentario ás plantas e córtes das ruinas feitos então pelo habil architecto José Valentim de Freitas[3], o qual, com as medições tomadas e observações feitas naquella occasião, ampliou e colligiu a antiga planta de Joaquim Ferreira. Andrade é muito diffuso no seu relatorio; e, deixando-se arrastar pelo desejo impotente de averiguar algumas coisas, cae em redundancias desnecessarias e inadmissiveis num trabalho da indole do seu. Ainda assim a *Memoria* é extremamente importante por completar até certo ponto os magnificos desenhos de Valentim da Freitas.

Vou, pois, transcrever da *Memoria* a parte concernente ás ruinas que existem sob a rua da Prata, observando que vão entre comas (« ») todas as passagens da obra de Andrade.

«... o que primeiro attrahiu a nossa attenção foi parte d'um fortissimo massame encontrado defronte da rua dos Sapateires e abaixo da calçada $1^m,786$ pouco mais ou menos, tendo de extensão de nascente a poente, tomando a medida perpendicularmente aos lados do mesmo massame, $8^m,242$. O que ficava sobre o obliquo no cabouco, algum tanto de sudoeste ao nordeste, era construido, de excellente argamassa com pedra muida, a que os alvanéos chamavam borgão, e com algum cascalho; da parte do poente tinha talude, e em distancia de $2^m,86$ do lado do nascente estava rachado verticalmente, o que era notavel, por ser tão rijo que parecia rocha: o que d'elle se descobriu e roçou, até ao fundo do cabouco, teria $1^m,10$ na sua maior profundidade, e $1^m,0$ na menor, continuando comtudo para baixo, assim como para o norte e sul.

«Esta construcção... dá logar... a poder suppor-se que seja romana, especialmente se se attender a ter-se já encontrado, haverá vinte annos, outro massame[4] com $2^m,90$ por $2^m,45$ quasi em quadro, e $0^m,8$ ao meio de profundidade, tambem de construcção singular em Lisboa, porquanto a rijissima argamassa era misturada com seixos; porém de modo que não ficavam juntos, mas como semeados por entre ella, sem signal de haver sido feito por fiadas; e ainda que no interior tinha um pequeno espaço aberto como se estivesse rachado horizontalmente, apresentava todavia a apparencia de ser d'uma só peça; e é sabido que os romanos usavam de seixos (calháos rolados) em algumas construcções, e noutras de argamassa com pedra muida», *opus signinum*.

«... este massame... da rua da Conceição seria o restante d'uma

---

[3] Na mesma occasião fez uma planta das ruinas o fallecido engenheiro Joaquim Julio Pereira de Carvalho, da qual me ministrou uma copia seu irmão, o meu patricio e amigo o sr. Commendador Antonio Pereira de Carvalho. Nessa planta encontram-se leves differenças da de Valentim de Freitas, que segui por abranger um perimetro maior.

[4] Este massame appareceu segundo o auctor da *Memoria* na rua do Arco do Limoeiro.—B. de F.

torre ou atalaia romana collocada no lado oriental da foz do esteiro, que, como é sabido, havia antigamente em Lisboa[5].

«Não me fazendo cargo da descripção d'esse moderno e bem construido alicerce sobre estacas, cujo centro destorcia pelo lado oriental da rua Augusta, ignorando-se ainda a que edificio pertencia, cumpre-me dizer que se encontrou um pouco mais adiante outro massame antigo muito forte, na direcção de noroeste e sueste: tinha um cano que vinha ao nordeste, e onde foi cortado ao norte pelo cabouco, voltava em linha curva para seguir a direcção do massame para o sueste, continuando proximo ao seu lado do sudoeste, ficando a maior grossura d'este para o outro lado. Este cano era construido com pequenos» silhares «de grès calcareo, e a abobada sem tejolo, mas com a alvenaria do mesmo massame, o qual por fóra não tinha forro.

«Encontrou-se mais, na direcção d'este ultimo massame, o cunhal d'outra construcção um pouco menos rija, com forro de» silharia «de grés calcareo, vendo-se para o lado do poente uns fins de sapata com dois releixos, a qual andava mais alta que o fundo do cabouco.

«Em nenhuma d'estas construcções appareceu tejolo, nem fragmento algum de objectos de barro cosido, e» quanto á «pedra das duas ultimas, a maior seria da que chamam pedra de cesto, e semelhante ao primeiro massame de que falámos; não se lhe viam indicios de fiadas, devendo por consequencia reputarem-se taes edificações antiquissimas.

«Depois do cabouco haver passado para além da rua dos Correeiros, encontrou-se o resto do edificio dos banhos romanos, cuja descripção constitue o fim principal d'esta memoria.

«... Descobertos que foram os restos d'aquelle antigo monumento, que devera ter sido grandioso,... fiz tudo quanto em mim cabia para ver se obtinha os dados precisos para bem assentar o presente trabalho: porém foram tantas e tão mesquinhas as difficuldades que encontrei da parte dos directores da obra do encanamento, (exceptuando o ex.mo sr. dr. Lisboa, que desde logo teria suspendido todas as investigações se me não lembrassem os preceitos da obediencia.

«Continuando a demolição, decobriu-se parte d'um tanque que servira para os banhos, e o seu cano de esgosto com uma claraboia...

---

[5] «Da existencia d'um braço do Tejo, ou esteiro, que atravessando o que hoje dizemos cidade baixa, pouco mais ou menos na direcção da actual rua do Crucifixo, chegava á ermida de Nossa Senhora da Escada e subia até á Mouraria, temos, além de outros, os valiosos testemunhos de Marinho de Azevedo, D. Rodrigo da Cunha. Fr. Luiz de Sousa, P.e Carvalho e André de Resende... Em quanto á largura d'este mesmo esteiro, temos para nós que as ruas antigas do Ouro e dos Douradores pelo lado esquerdo ou poente foram delineadas seguindo a direcção a que as obrigava o mesmo esteiro pelo lado do nascente, conforme se vê numa Carta topographica de Lisboa anterior ao terremoto de 1755, que actualmente se está organisando debaixo da nossa direcção». (Nota do auctor da *Memoria*).

e rotas que foram as galerias G H» (Est. III–IV) «viu-se que continham $0^m,66$ d'agua.

«Em uma pequena canoa e munidos de archotes, percorreram-se estas galerias até ao cano da Rua Bella-da-Rainha, e observaram-se, tanto quanto era possivel, por isso que em sitios não se podia passar em consequencia da pouca altura dos arcos de communicação.

«Depois de esgotadas tencionava fazer alli algumas indagações, mandar tirar as medidas necesssarias para se poderem desenhar alguns córtes e rectificar a planta, mas tão rapidamente se tapou a entrada que foi impossivel levar por deante os projectos que concebera, e para cuja execução só neste paiz se costumam encontrar difficuldades.

«Nestas circumstancias, requisitei e recebi da Intendencia das Obras Publicas uma copia da antiga planta para servir de base aos desenhos que intentara, e por ella mandei tirar outra em muito maior escala, isto é na razão de $\frac{1}{100}$[6]...

«Representa» a estampa «diversas casas e corredores ou galerias, que formavam o reservatorio d'aguas para os banhos que houve no pavimento superior, e servem hoje como de cisterna commum para alguns chamados poços, como o bem conhecido dito da *agua santa*, que, como outros, consta unicamente de um bocal collocado por cima da abobada d'uma das galerias, e vae notado com o circulo pontuado Q.

«Onde na planta se lê *tanque*, ha uma pequena galeria que por um dos seus lados maiores communica obliquamente com outra immediata, devendo advertir-se que esta communicação não é ao nivel do pavimento, porque tem um parapeito, como que servindo de bocal (bordadura) com toda a grossura da parede, o que lhe dá a fórma de tanque, e tão baixa que só se pode entrar para ella debruços. Por causa do parapeito conservou sempre agua, o que obstou a poder-se examinar se haveria alli maior nascente, ou qual fosse a causa d'aquella separação.

«A serie de galerias» (notadas com as lettras K L M N O P) «mutuamente se communicam pelos seus lados menores...: e as notadas com as lettras G H I J R S, em se communicarem pelos seus lados maiores, tem semelhança com as tres galerias subterraneas e parallelas, fechadas em berço, pertencentes ás ruinas da thermas romanas, conservadas em Paris sob a denominação de *Thermas de Juliano*, e tambem com as galerias do reservatorio das Thermas de Tito»...; a galeria G «está situada no pavimento inferior», e «se parece com as já mencionadas thermas de Paris.

«Tanta variedade de repartimentos, muitos dos quaes tem o seu typo em diversos depositos d'agua d'outras construcções romanas, realisada aqui em um só edificio... procederia... de capricho do architecto? ou seria este, antes de concluida a obra, substituido por outro, que

[6] Foram reduzidas as estampas a $\frac{1}{100}$.—B. de F.

concebendo plano diverso lhe désse tal fórma, que mais parecem dois edificios juntos, apenas com algumas ampliações, do que um só, concluido como primitivamente tinha sido ideado? Procederá ella da fraqueza do solo, que, sendo de areia, obrigasse o architecto a adoptar uma tal extravagancia de fórma? Parece esta a solução mais plausivel, porque só a uma semelhante causa se pode attribuir o haver casas que não tem pé direito, porque as suas abobadas principiam junto ao elegimento, tal como a notada com a lettra U, de $1^m,33$ d'alto, situada entre as galerias G e *e* de mais de $2^m,0$.

«Pelas medidas que se tiraram na galeria *e*, cuja abobada e paredes estavam nos topos muito arruinadas, accrescentou-se a planta» de Joaquim Ferreira. «A abobada da galeria J está rachada longitudinalmente, correspondendo-lhe no pavimento outra fenda de ruina por onde a agua sobe borbolhando de mistura com areia do terreno... A agua rebenta ainda e em grande abundancia, por outros muitos sitios do pavimento, mas foi impossivel poder observar-se como ella passa atravez do massame de que o mesmo é formado, assim como examinar a construcção do mesmo pavimento.

«As paredes são de alvenaria, feitas em geral com pedras de tres em cesto, com muito borgão, sem tejolo algum, porém sobremodo ensopada em excellente argamassa; e tanto no exterior do edificio como pelo interior, tem forro de» silhares «de grés calcareo (urgeiro), e nos pilares dos arcos que acompanham as abobadas ha-os muito grandes, uns rusticos, outros com os paramentos feitos: os do exterior chegavam, os maiores, apenas a $0^m,44$ de comprimento, e $0^m,27$ de altura, e toscamente trabalhados a camartello...

«As abobadas, tanto das galerias como do cano do esgoto, são formadas do mesmo massame das paredes, sem peças de volta, estructura esta chamada pelos romanos *cementicia* ou *incerta*, perfeitamente usada por elles nas paredes e nas abobadas; em algumas d'estas existiam impressas as figuras das taboas das cambotas sobre que foram feitas, e viam-se as pedras e argamassa que ficaram salientes pelos intervallos das taboas, porque taes abobadas nem ao menos tinham sido emboçadas.

«A lettra *c* assignala um pequeno cano, que estando inferior ao nivel da agua do reservatorio, e não junto ao pavimento, parece que não poderia servir de esgoto ao mesmo reservatorio, mas sim que fora feito posteriormente áquella edificação, para se aproveitarem as aguas, talvez para o bem conhecido chafariz chamado dos Cavallos, o qual, ficando por baixo da Ermida de Nossa-Senhora-da-Oliveira, situada no largo da antiga egreja parochial de S. Julião, não estava longe.

«As lettras *a b* notam o acrescentamento do cano de esgosto que vem do pavimento superior, e a pequena parte que d'elle se poude observar vae representada» na Est. III. «Neste mesmo desenho a lettra A indica parte d'um tanque que entendemos haver sido um *alveo* para os banhos; parece que, depois de feito, o reduziram a ponto mais pe-

queno, fazendo-lhe dentro as duas paredes D E de $0^m,44$ de grossura cada uma, mostrando como dissemos terem sido feitas depois de concluido o *alveo*, por estarem desligadas do massame que o formava, e entre si, e até porque aquella notada com a lettra E, que confinava com o alveo, era construida com a cal traçada com areia mais encarnada: esta parede poderia ser a parte inferior da que formasse o *pluteus*... em roda do alveo, menos do lado E onde faria parte da parede exterior: na sua grossura do lado do noroeste, e junto ao fundo do alveo, havia um pequeno vão rectangular (notado com as linhas pontuadas, lettra *a*) com sobrearco de tejolo; d'este vão, por um orificio, principiava um pequeno cano redondo para esgosto, o qual communicava com outro rectangular, largo e alto F, onde havia a claraboia C, e d'alli por deante augmentava em dimensões e era fechado de abobada: chegando perto do lado fronteiro do edificio, voltava em angulo recto e parallelo a esse lado (letra *b*), e na parte que existe tinha um roço sobre o redondo na abobada e massame, porque a parede sobre esta ultima parte do cano era cortada, ficando por isso mais baixa, e cremos que seria ladrilhada por cima, porque vimos tirar-se-lhe parte d'um tejolo que ainda continuava por baixo da que ficou entulhada; o roço suppomos que fora feito para se poder limpar o cano. Mais adeante tinha uma claraboia I feita tambem na mesma alvenaria e de figura conica inversa, na qual ainda se via um bocado de emboço.

«A lettra J indica um» silhar «de $0^m,45$ de altura, o qual estava, como se mostra no desenho, junto á claraboia I.

«A parte mais alta K do massame que se demoliu, e a continuação que ainda existe para os lados, julgamos ser o resto da parede d'aquelle lado do edificio.

«O recinto L onde estava a claraboia C, e que fica entre a dita parte mais alta do massame e a parede D, era provalvelmente o espaço chamado *schola*... A parede D incluida entre o indicado recinto, e que confinava com o alveo, vae desenhada já em ruina, porque os directores da obra do cano com tão intelligente actividade demoliram ou cobriram de entulho os restos d'este monumento, que, a respeito d'este lado do edificio, apenas se poude organisar o que está desenhado, e vae ser indicado, a saber: o espaço M, que mostrava ser um córte feito na parede exterior, era emboçado por cima, servindo este emboço de reboco, e tendo a apparencia de lageado, sem que com effeito o fosse. Onde está a lettra N era a parede mais alta cousa de $0^m,16$ pelo lado em linha curva, como vae no desenho e como o talude O. Determinar qual o intuito com que isto fora feito é assás difficil: seria por ventura o que aqui estava, resto d'uma construcção mais antiga que veiu a descobrir-se, ou outra mais moderna, feita para reparo d'alguma ruina? Ignoramol-o, assim como... o prestimo da figura que tinha, podendo apenas dizer, que esta parede exterior era feita com areia branca, e mal fabricada, pois que, não obstante ser a arga-

massa egualmente rija como» a restante, «tinha esta parede muitos rotos, e se desmanchava por isso com mais facilidade; toda a mais construcção era feita com areia um tanto corada, por tal modo caldeada que só a golpes de solinhadeira, cunha e marreta com difficuldade se desmanchava.

«No pequeno vão rectangular já indicado aonde principiava o cano de esgoto, o sobrearco que o cobria tinha outro por detraz, sem serem travados: os seus tejolos são de $0^m,503$ de comprimento, $0^m,302$ de largura, e $0^m,064$ de grossura.

«É digno de reparo que, formando os constructores d'este edificio grandes abobadas de alvenaria com pedra pequena e irregular, com o massame das paredes, fizessem um tão pequeno sobrearco com tejolos» (quadrilongos) «tão grandes e grossos...

«Possuimos um tejolo do fecho do sobre-arco, em fórma de cunha feita provavelmente com escopro... D'um lado do sobrearco o tejolo do respaldo estava quasi a prumo, por baixo no vão não tinha capialço, e descançava o mesmo sobrearco sobre um tejolo ao alto, assente em cada lado do vão.

«Por detraz dos sobrearcos havia um panno de tejolo de $0^m,164$ de grossura B completando-se alli, com o espaço que elles occupavam, os $0^m.879$ da grossura das duas paredes acima referidas. O panno de tejolo continúa para a parte do sul, parallelo áquelle alveo; os seus tejolos são cortados de outros mais largos.

«A claraboia C era em baixo, junto ao cano, formada por duas pedras, sendo cavado em cada uma d'ellas metade do seu vão, e das pedras para cima, era continuada por duas fiadas de tejolo. Conservamos um que é cortado de outro mais comprido, com boquilhas em dois dos seus angulos, os quaes foram feitos sem dúvida para matar as juntas; tem de largura $0^m,215$, e de grossura $0^m,075$.

«Na pedra que ficava do lado do nascente, viam-se, pela parte de baixo, regos semelhantes aos que fazem as cordas nos boccaes dos poços, provavelmente em consequencia de tirarem por alli de continuo a immundicie do cano, no qual ainda se achou tanta, que teria de altura mais de $0^m,22$ [1].

«No fundo do alveo achou-se o emboço de cal com mui pouca areia, grão de marmore ou marmore mal pisado, e talvez em pó, com tejolo ou telha pisada mui grosseiramente tendo de grossura mais de $0^m,04$ em partes, porque é muito desegual, em consequencia da irregularidade da superficie do massame em que assenta. Este emboço é quasi branco; o seu reboco é feito com cal e areia, e com muito tejolo quasi em pó, o qual lhe dá uma cor como o de argamassa composta de areia encarnada e grão de marmore miudamente pisado; a sua grossura em

[1] «Cumpre advertir-se que as linhas pontuadas, marcadas» na Est. V, n.os 1 e 3 «com as lettras *GH* representam os topos das galerias notadas na planta com as mesmas lettras.» (Est. III–IV). (Nota do auctor da *Memoria*).

geral será de $0^m,48$, tendo a superficie por tal modo caiada que perfeitamente se conhece a grossura da cal, seguindo-se em cima outra grossura de *mastique* ou pez de $^1/_3$ a $^1/_2$ millimetro, e por cima o resto da argamassa em que estava assente o forro de lióz ou marmore.

«Este mesmo emboço do lado de noroeste, tem em geral $0^m,024$ de grossura, e em partes muito mais; é de cal, mui pouca areia, grão de marmore muito moido e tejolo pisado mui grosseiramente, ainda que mais miudo que o do fundo, e com uma segunda camada da mesma composição, porém com muito e mui bem pisado tejolo, tendo de grossura para mais de $0^m,01$. Por cima tem um reboco de cal com quasi nenhuma areia, mui pouco tejolo pisado miudamente e em pó, e com grão de marmore; a sua cor é um tanto rosada, e a grossura de $0^m,011$. Tinha por cima outro reboco de cal, areia e tijolo pisado e em pó, com grão de marmore a que chamavam *cimento*, com a grossura de $0^m,028$, e com a cor vermelho-escura em consequencia da areia e do pó do tejolo.

«No lado opposto repete-se o mesmo, pouco mais ou menos, só com a differença que em logar das duas camadas de reboco com diversa argamassa tem uma só cuja grossura será de $0^m,054$, composta de cal e areia, e de algum grão de marmore e tejolo pisados miudamente, e de muito pó d'este ultimo, o qual lhe dá uma cor muito vermelha. A grossura d'este reboco mostra varias camadas, mas sem serem seguidas, o que se conhece pela cal que apparece entre ellas, como que se as primeiras fossem caiadas antes de se porem as outras, fazendo lembrar que esta cal seria dada para melhor pegar a argamassa que se lhe ia pondo...

«Por cima havia uma pequena grossura de materia oleosa ou resinosa, e por todos os emboços e rebocos, viam-se miudos e raros bocadinhos de carvão. Dentro do alveo achavam-se fragmentos de folhas de lioz, mais e menos vermelho, de marmore branco com veios azues, os quaes entendemos que eram antigamente do forro do mesmo alveo. Os bocados de lioz são de folhas compridas e estreitas de differentes larguras, havendo-os de pouco mais de $0^m,018$ a $0^m,020$ de grossura, porém deseguaes. Os de marmore são irregulares, e dizem ser o branco de Extremoz e o de veios azues de Montes Claros. Estes marmores parecem só brunidos, e nenhum lustrado; e como Plinio diz que os romanos usavam de areia indiana queimada, da Thebaica e de pedra pomes para os alizar e polir, temos por certo que passaram por este processo, que, posto que mal executado, havia comtudo fazer-lhes visiveis as cores, resultando-lhe algum lustro mesmo sem de todo lhe tirar os signaes da pedra de brunir, nem as desegualdades que a serra lhes deixou quando os serraram. Mediram-se as grossuras de dois bocados; um tinha $0^m,021$, o outro mais de $0^m,028$.

«Na escavação de perto de um metro de extensão a que mandei proceder na continuação do alveo, achou-se não só uma grande quantidade de pedaços de marmore e lioz, mas entre aquelles um branco

moldurado com um quarto de redondo e um filete; e entre os de marmore branco com veios azues, um com mocheta e um talão composto, e além d'estes um outro bocado que parece servira de cordão ou vareta, sendo porém todas as molduras abertas com mau corte de ferramenta, e por conseguinte obra muito imperfeita.

«Esta escavação não poude continuar-se, porque para o lado do nascente se encontrou um alicerce que a difficultou.

«Nos córtes que estão» na Estampa V, «vae notada com a lettra L uma camada de betume ou cimento composto de cal e pó de tejolo muito fino e quasi sem nenhuma areia, o qual estava por cima do povimento da... *schola*. Nos mesmos córtes, e com as lettras com que ficam explicados os objectos acima descriptos, vão notados os que lhes correspondem.

«Uma serie quasi incrivel de difficuldades, apresentadas por parte dos directores da obra do encamento, fizeram com que só podessemos medir os lados da galeria; não obstante isso, para se poder fazer idéa do interior do monumento, apresentamos» na Est. III-IV, «pelo modo que podemos, e em desenho linear, os dois córtes longitudinaes da mencionada galeria, tirados sobre a linha G T da planta.

«Nas figuras 1 e 2 estão notados com a lettra *a* os pilares dos arcos que acompanham as abobadas; com a lettra *d* o bocado da sapata com os seus releixos, como se veem pela linha pontuada que fórma o seu perfil; a lettra *c* mostra a entrada do cano que talvez fosse do encanamento das aguas para o chafariz dos Cavallos. Na figura 2 veem-se os arcos de communicação das outras galerias e da casa U, e em ambas as figuras a lettra *f* indica o sitio onde ha outra abertura circular da abobada de que já falámos, explicando a planta. A lettra *b* assignala o sitio onde existia uma crusta que deixou a agua quando antigamente chegava áquella altura, a qual desde o pavimento achamos ser de 1^m,813, mostrando as linhas» tracejadas «até onde chega actualmente.

«Por informações que alcancei, soube que antes das limpezas dos canos, feita pouco depois da epidemia da febre amarella, tinha a agua de altura mais de 0^m,44, e que depois diminuira não só alli, mas em todos os poços d'aquelles arredores, o que provavelmente aconteceu em consequencia do terreno ser arcento e infiltrar-se por elle, porque tinha muitas faltas de lagedo, para o cano geral da rua Bella-da-Rainha.

«Aproveitando-nos de uma pequena escavação de que passamos a falar, mediu-se a altura da agua que de novo havia entrado no reservatorio, e achou-se que tinha 0^m,824. Encontrou-se, em consequencia da indicada escavação, outro pequeno cano de esgoto,»... parte do qual desfizeram. «O cano não se viu coberto e estava entulhado com areia; por baixo e pelos lados é formado de fiadas de tejolos rectangulares duplos, tendo de comprimento 0^m,425, de largura 0^m,211 e de grossura 0^m,046; depois que voltava tinha um espaço de alvenaria sem tejolo do lado, e continuava formado de fiadas de tejolos partidos pouco

mais ou menos pelo meio. Na parte que não tinha tejolo havia um emboço de cal (e talvez pó de marmore) com mui pouco pó de tejolo que lhe dava uma cor levemente rosada, misturado tudo com grossos e miudos bocados de tejolo pisado....

...«O betume da parte do pavimento da *schola*... é muito fraco, o que procede talvez de ter muito pó de tejolo e pouca cal ou de não ser amassado com azeite, como aquelle de que antigamente, antes da introducção da pozzolana, usavam os nossos operarios, e ao qual davam o nome de *litim*...

«No cabouco que se abriu desde a rua Bella-da-Rainha para o nascente, achou-se parte da continuação do reservatorio, da qual não havia noticia: principiou a ver-se pelo descobrimento de metade da largura do passeio da dita rua, onde se cortara uma galeria, e em seguida encontraram-se mais tres galerias com a mesma direcção que tem aquellas de que a planta das obras publicas indica o principio, ficando portanto obliquas atravez da rua. A face da parede exterior estava informe por causa de outras construcções modernas; do ponto onde ella atravessava o cabouco até ao meio do mesmo, em distancia de $4^{m},423$ do lado do sul da rua, até ao destorcimento das faces das pilastras do proximo cunhal, que fazem frente para a rua Bella-da-Rainha, contavam-se, medida approximada, $12^{m},844$: appareceram algumas pedras de alvenaria com os leitos em triangulos rectangulos; uma d'ellas tirada da parede exterior tinha servido em construcção mais moderna, mettendo-a na parede pelo seu maior comprimento, encostada pelo seu lado menor a outra pedra grande e rectangular, que estava no grosso da mesma parede, ficando para a face o seu angulo mais agudo, que por ficar saliente foi roçado até á largura de $0^{m},055$: medida: tinha o leito de um lado $0^{m},532$; o lado menor até ao roço $0^{m},336$; o lado maior ou hypothenusa até ao roço $0^{m},577$; e a pedra $0^{m},44$ de altura.

«Até aqui o que podemos ver e estudar; agora passaremos a dizer o que sabemos e intendemos ácerca do primeiro descobrimento dos restos do edificio que faz o objecto principal d'este nosso trabalho.

«Por uma memoria escripta em 1780 por Fr. José de S. Lourenço lançada no Codice n.º 477 da Livraria de Alcobaça, consta que no mês de junho de 1773, abrindo-se o cabouco para o cano geral da rua Bella-da-Rainha, se descobrira o monumento de que tratamos»... e «uma inscripção...

«Por uma estampa em 8.º que contém a alludida inscripção, gravada pouco depois do seu apparecimento, sabe-se que este tivera logar em fevereiro de 1770, porque na mesma estampa se lê o seguinte: *Copia da Pedra e inscripção Romana que se achou junta ao edificio subterraneo da Rua Bella da Rainha, nas casas q̃ edificou M.el José Ribr.º na cid.e de Lx.a em Fev.ro de 1770*».

«O P.e D. Thomaz Caetano de Bem no manuscripto intitulado:= *Noticia das Thermas ou Banhos Cassianos e outros Monumentos*,= não diz quando estes e a inscripção foram achados.

«D. Francisco Perez Bayer no mss.=«*Diario das primeiras viagens que fez em Portugal*»=(que foi em 1782) diz que: «*En la Rua dos Retroceiros, en casa del senor Francisco Ribeiro da Silva en su almacen se halla la seguiente....*» e transcreve a inscripção simplesmente.

«Na Intendencia das Obras Publicas existe tambem uma copia: é porém notavel que todas tem entre si alguma differença...

«A pedra tem as lettras pintadas com uma tinta escura; mas tão grosseiramente, que deu isso causa ao engano do sr. Almeida Carvalho, que no n.º 5086 da *Revolução de Setembro*, escreveu que as lettras da alludida inscripção não tinham os grossos e finos que alli apresentam os typos».

A inscripção a que Andrade se refere, e que tem sido varias vezes publicada, especialmente no *C. I. L.*, II, n.º 175, existe ainda na rua da Conceição, numa parede interior da loja com porta para a escada n.º 85 do predio pertencente á sr.ª D. Thereza Cardoso dos Santos de Sousa Gonsalves. O dono do armazem de retrozeiro estabelecido na mesma loja, o sr. Manuel Pereira Bastos, bizarramente me permittiu examinar a lapide e tirar um calco d'ella. A inscripção diz:

SACRVM
AESCVLAPO
M·AFRANIVS·EVPORIO
ET
5 L · FABIVS · DAPHNVS
A V G
MVNICIPIO · DE

Sacrum | *Aesculapio.* | *Marcus Afranius Euporio* | *et* | *Lucius Fabius Daphnus* | *Aug(ustales)* | *Municipio d(ono) d(edere).*

Consagração a Esculapio. Os augustaes Marco Afranio Euporião e Lucio Fabio Daphno deram este monumento em dadiva ao Municipio.

Como o eminente professor Hübner pondera, deve suppôr-se que os augustaes consagraram uma capella a Esculapio no interior das thermas[8]. Proximo d'estas «devia haver um sanctuario consagrado á MATER DEVM, porque a muito pouca distancia se encontraram duas inscripções a ella relativas»[9].

Andrade descreve depois outros banhos romanos, chamados *Thermas dos Cassios*, descobertos em 1771 no sitio das Pedras-Negras[10];

[8] Hübner, *Not. Arch. de Portugal*, p. 8.
[9] Id., *ibid.*, p. 9. Cf. *C. I. L.*, II, n.º 179.
[10] As *Thermas dos Cassios* formarão o objecto d'outro artigo.—B. de F.

e conclue a sua memoria tirando as seguintes conclusões tendentes a demonstrar (com razão) que as thermas da rua Bella-da-Rainha não eram uma pertença ou continuação das dos Cassios, como varios escriptores julgaram. Eis as suas palavras (que todavia não perfilho inteiramente):

«Que a cidade mais notavel da Lusitania, aquella que mereceu que o Povo Rei a distinguisse com o eminente privilegio de Municipio de cidadãos Romanos, e a qualificasse com o nome de Felicitas Julia, se não acharia por muito tempo desprovida de um edificio d'esta ordem, em tudo correspondente á polidez, magnificencia e subido numero dos seus habitantes.

«Que este edificio não era outro senão aquelle cujos restos temos descripto.

«Que não foi elle jamais, como pretenderam alguns escriptores nossos, uma continuação dos banhos dos Cassios descobertos na rua das Pedras-Negras:— 1.º porque aquelles dão claros indicios de uma edificação a todos os respeitos mais muito mesquinha, constando apenas de uma sala de $10^{m},0$ de comprimento e $5^{m},5$ de largura, comprehendendo a escada, o alveo, e o espaço para esperarem, despirem-se e vestirem-se os que concorriam ao banho, sem indicação de corredor ou porta, parecendo que se fazia a serventia por dentro do tanque;—2.º porque a sua nascente de agua era diversa, consideravel a sua distancia, e ainda mais consideravel a differença do nivel, porquanto ainda ao presente a rua das Pedras-Negras está a $15^{m},8$ acima do nivel da rua Bella-da-Rainha;—3.º porque tinha uma inscripção e uma estatua diversas, sendo a d'estes a figura de Romulo, e a d'aquelles a de Esculapio, dualidade que não costuma encontrar-se em edificios d'esta natureza;—4.º porque designando a inscripção os Cassios como edificadores, não é para acreditar que elles, querendo offerecer o edificio ao Municipio, o não fizessem directamente, e o fossem dar aos Augustaes, e que aquelles tivessem a descortezia de consignar em um documento tão publico e auctorisado, como é uma inscripção, que para demonstração da sua liberalidade, e como coisa propria o doavam ao Municipio *Dono Dedere;*—5.º porque não auctorisando as relações historicas o poder-se attribuir esta edificação senão a dois individuos da nobre e antiga familia Cassia, a saber, Quinto Cassio Longino e Lucio Cassio seu irmão[11], nomeados por Cesar, aquelle para Propretor em Hispanha, da Provincia ulterior, em que se incluia a Lusitania, e este para seu Legado na mesma Provincia, pelos annos da fundação de Roma 707 (49 ant... de... Chr.), é manifesto que nenhuma ingerencia podiam ter na construcção e destinos d'estes banhos dos Cassios os Augustaes Euporio e Daphno, que figuram na inscripção do monumento

[11] Esta approximação é interessante; mas convém ponderar que houve muitos Cassios em Olisippo e seus arredores; veja *C. I. L.* II, n.os 177, 204, 207, 208, etc.— B. de F.

que faz o objecto principal d'esta Memoria, por isso que o sacerdocio a que elles pertenciam, e com o qual se qualificam na mesma inscripção, foi creado por Tiberio muito posteriormente á estada dos alludidos Cassios na Lusitania.

«Em summa, e como conclusão final, entendemos que um edificio nada tinha com o outro; que os banhos descobertos na rua das Pedras-Negras foram construidos nos ultimos annos da Republica, talvez para uso particular, pelos dois magistrados que Cesar mandou para o governo da Lusitania, e que, destruidos por causas que provavelmente ficarão para sempre desconhecidas, foram reconstruidos» no anno «de Christo... tresentos e trinta e seis,... 1089 da fundação de Roma... porque naquelle anno eram Consules em Roma os varões» Flavio Popilio Nepotiano e Facundo, «mencionados na inscripção: e que as Thermas na rua Bella-da-Rainha pelo sua extensão solidez e magnificencia, reveladas nos restos ainda existentes, e mais do que tudo pela certeza que a sua inscripção nos dá de haverem sido os Sacerdotes Augustaes quem as doára ao Municipio, foram construidas em epocha de riqueza, em que as artes ainda floresciam, provavelmente sob o reinado de Tiberio ou de algum dos seus mais proximos successores».

Assim termina a Memoria de Martins de Andrade. Se este trabalho, como já ficou apontado e como se viu de grande parte das passagens transcpriptas, é muito diffusa, tem todavia subido valor por ser a mais completa descripção que existe das thermas da rua Bella-da-Rainha. Preferi publical-a com leves modificações (que todas vão indicadas) a fazer uma descripção nova; deixando á critica do leitor erudito a discussão das opiniões de Andrade, em presença dos conscienciosos desenhos devidos a Valentim de Freitas [12].

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[12] As escalas das plantas e córtes representados nas estampas que acompanham este artigo são:

Est. III–IV *Planta da parte conhecida das thermas romanas da rua Bella-da-Rainha*—$0^m,1 : 30^m,0$.

» » 1–2 *Córtes longitudinaes da galeria* G, *sobre a linha* GT; (AB *do lado de oeste, e* CD *do lado de leste*) — $0^m,091 : 10^m,0$.

» V 1 *Planta de parte do pavimento superior das thermas*—$0^m,091 : 10^m,0$.

» » 2 *Córte representando o centro do cano das thermas na linha* PQ — $0^m,125 : 15^m,0$.

» » 3 *Córte representando o lado do cavouco* RS — $0^m,125 : 15^m,0$.

Num dos gabinetes da Bibliotheca Nacional conservam-se alguns fragmentos de marmores, tejolos, etc. tirados das ruinas por Andrade e por Valentim de Freitas; mas apenas teem interesse como amostras do material empregado na construcção. —B de F.

ESTUDIOS EPIGRÁFICOS

I

Como á mediados del mes de Enero del año, que acaba de pasar, se descubrió en el *haza y partido de los Castillejos, término de Saucejo, á una legua de dicho pueblo y a cuatro de Osuna*, una plancha de bronce que tenia de largo 44 centimetros, de ancho 31, y 5 milimetros de grueso. La rodeaba un marco sobrepuesto del mismo metal de 3 centimetros de ancho, sujeto con clavos remachados, faltando solo en la esquina superior de la derecha un pedazo del indicado marco como de unos dos centimetros de largo; pero conservándose aun el clavo que lo sujetaba. Dicha plancha tenia á cada lado un apéndice del mismo metal de forma de un trapecio cuya base es de 12 centimetros, el lado opuesto de unos 5 y su altura de 6, conservándose intacto el del costado derecho y solo un pequeño fragmento del izquierdo. En este bronce se encuentra gravada en caracteres de la primera mitad del segundo siglo[1] la siguiente inscripción:

Q · MEMMIVS LVPVS
EXHEDRAM
D · D · D · D

Q(uintus) Memmius Lupus exhedram d(onum) d(edit) d(ecreto) d(ecurionum).

Quinto Memmio Lupo regaló una exedra por decreto de los decuriones.

Es de notar la forma EXHEDRAM por EXEDRAM, con la aspirada en medio como se encuentra en algunos recomendables codices antiguos.

En España hubo varios *Memmios* y diversos *Lupos*; pero no recuerdo por el momento personage alguno que reuniese aquel nombre y este cognombre.

Pocas son tambien las leyendas latinas de España que hablan de una EXEDRA si bien conosco una traida de las ruinas de *Osqua*, que he visto en Antequera donde la he copiado, en la que se dice que los *decuriones oscuenses aceptaron la exedra*, que regalaba uno de los duumviros, al que acordaron erigir una estatua[2].

El lugar donde esta inscripcion se ha encontrado, si apesar de ser

[1] *E. S. E. L.*, 438 et 442.
[2] *C. I. L.*, II, 2030.

el epigrafe de bronce, de tamaño pequeño y de tan facil translacion de un punto á otro, no ha sido removido del sitio que ocupó en su dia, debió ser el asiento de un pueblo hispano-romano; porque la *exedra* era un salon, que formaba parte del *Gimnasio* griego, cuyo salon estaba rodeado de asientos, siendo un sitio al que concurrian filosofos y hombres de letras á hablar y discutir sobre asuntos cientificos. Al Gimnasio griego iba unido un *Baño,* y los romanos, que con tanta profusion levantaron establecimientos balnearios, acostumbraron á hacerlo, añadiendo á veces los dos indicados departamentos, el destinado al desarrollo del cuerpo y el consagrado al cultivo del entendimiento[3], el gimnasio y la exedra.

Este epigrafe romano, gravado en bronce, cuyo conocimiento debi á la amabilidad de Don F. Rodriguez Marin, letrado de Osuna, quien me facilitó calcos muy bien hechos, hubo de pertenecer pues á una colonia ó municipio, quizas desconocido y que no es posible determinar con precision por este solo documento y la mera noticia de su hallazgo; sin embargo su reciente descubrimiento pudiera dar ocasion á que se hiciesen acertadas escabaciones y se tropezara con las ruinas de algun pueblo antiguo, que viniera á ilustrar nuestra asendereada geografia antigua.

II

Al mediar tambien el mes de setiembre del año anterior hubo de encontrarse una inscripcion romana algo mutilada *en tierras del cortijo del Salto del Ciervo, termino de Ecija,* á legua y media de Osuna, *junto al arroyo Salado,* cuyo conocimiento y un calco del epigrafe debi igualmente al ilustrado sr. Rodriguez Marin, que tanto se interessa por las antiguas memorias de su país. Dicha leyenda, cuyos caracteres paleográficos estima el profesor Hübner, que hacen fijar su fecha en el siglo primero de nuestra era, se compone de seis lineas, al principio de todas las cuales falta una letra, que no resulta difícil restituir en esta forma:

*k*ARA
*t*VTI
*s*ERVA
*a*N N O R V
5 *m*XXXV
*h*S·E·S·T·T·L

[*K*]*ara* [*T*]*uti* [*s*]*erva*, [*a*]*nnoru*[*m*] XXXV [*h*(*ic*)] *s*(*ita*) *e*(*st*). *S*(*it*) *t*(*ibi*) *t*(*erra*) *l*(*evis*).

Aqui yace Kara, esclava de Tuto, de 35 años. Seate la tierra ligera.

[3] Vitruv., *Archit.*, XI.

El cognombre KARA figura en un epígrafe de Tarragona como llevado por la muger de cierto duumvir de aquella antigua colonia[4], y el de TVTO en otro descubierto cerca de Tavira en Portugal, usado por un personage que en union de otros erigen una estatua á su costa al ascendiente de dos amigos suyos[5].

Tanto esta piedra como la precedente son del mayor interes por haberse descubierto ambas á tan corta distancia de la antigua *Ursao*, hoy la moderna Osuna, y en tierras que regaron con su sangre los Cesarianos vencedores, lo mismo que los derrotados Pompeyanos, en las encarnizadas luchas que hace mas de diez y nueve siglos sustuvieron tenaces en los campos de la Bética.

III

Hace ya algunos años quiso la casualidad que el sr. Don Blas L. de Piñar descubriese un enterramiento antiguo en tierras de la Zubia donde reside, villa como á una hora al sur de Granada. Escasos fueron los trabajos que se hicieron para registrar aquel terreno, donde por entonces solo apareció de interes un ladrillo partido de 48 centímetros de largo por 29 de alto, que conserva en su poder dicho sr. de Piñar y que presenta en su cara principal una inscripcion hecha á la punta. Dicho epígrafe está tomado de dos pasages del Evangelio de San Mateo en la forma siguiente:

+ PAVPERES VOBISCUM ABEBITIS ME AVTEM SENPER VOBISCUM NON AVEBITIS QUI LEGIS INTELLIGE	Nam semper pauperes habetis vobiscum; me autem non semper habetis. *Evang. sec. Matth.* XXVI, 11. Qui legit intelligat. *Ibidem*, XXIV, 15.

El caracter de letra parece ser como del siglo IX.°, sin embargo yo lo creo una centuria por lo menos mas moderno. Prescindiendo de sus vacilaciones, ó sean defectos ortográficos ABEBITIS, SENPER y AVEBITIS, su lectura ha de fijarse de esta manera:

+ *Pauperes vobiscum habebitis, me autem semper vobiscum non habebitis. Qui legis intellige.*

Tendreis con vosotros á los pobres; pero á mi no siempre me tendreis. Entiéndalo quien lo lea.

---

[4] *C. I. L.*, II, 4267.
[5] *C. I. L.*, II, 4989.

IV

Al mediar el pasado año debí á la cortesía del sr. Don Roque Chabas el conocer los dos volúmenes que llevaba publicados de la interessante Revista arqueologica, *El Archivo*, que bajo su ilustrada direccion, sale periodicamente á luz en la ciudad de Denia. Entre los epígrafes inéditos que contiene me llamó especialmente la atencion, por el insólito grupo de siglas, que á su final aparecen, el de que voy á ocuparme, cuyo calco recebí algunos meses despues, merced á la amabilidad del mismo sr. Chabas. Segun las noticias que de dicho monumento se da en la citada Revista dianense[6], *hará como catorce años que cavando unas tierras para plantarlas de viña en la aldea de Cabañas, término de Utiel*, villa al oeste de Valencia, á cuya provincia corresponde, *se encontraron varios sepulcros de caracter romano, en uno de los cuales apareció esta lápida, que recogió* el dueño del terreno, *mandándola fijar en la fachada de la casa que posee en dicha aldea, junto á la puerta de entrada*, donde aun permanece. *La tal casa está contigua á un pequeño oratorio público, ahora casi arruinado, dedicado á Santa Barbara, que se encuentra á media hora al oeste de Utiel, siguiendo la carretera de Madrid.* La mencionada *inscripcion colocada como á dos metros del suelo en una pared* que mira *al poniente* está *gravada en una piedra blanda del pais*, apareciendo *bastante estropeada particularmente en su parte superior*, habiendo desaparecido la cabeza de todas las letras que formaban la primera linea, que sin embargo puede leerse sin dificultad.

El caracter paleográfico del monumento hace comprender que debió ser exarado su texto ya entrado el segundo siglo de nuestra era.

Su leccion se fija facilmente en esta forma:

GRATTIAE·L·F
MAXSVMILLAE
GRATTIVS
NIGELLIO · ET
5 GRATTIVS
MVRVS·SVA·INP
ENSA·F·C·H·S·H·N·L

Grattiae L(ucii) f(iliae) Grattius Nigellio et Grattius Murus sua inpensa f(aciendum) c(uraverunt). H(oc) s(epulcrum) h(aeredi) a(balienare) n(on) l(icet).

Graccio Nigelio y Graccio Muro cuidaron de que se hiciera á sus espensas para Graccia Maxsumila este sepulcro, que no es permitido al heredero el enagenar.

La lectura del primer renglon está plenamente justificada por la

[6] *Archivo*, II, p. 116, 189 y 190.

piedra de Valencia, donde aparece el nombre de una FABIA L(*ucii*) F(*ilia*) GRATTIA MAXIMILLA[7], la que bien pudo ser la misma de la aldea de Cabañas.

La forma INPENSA, conservando la N originaria de la preposición IN, es muy frequente en epigrafia hispano-romana y obedece á la conecida marcha fonetica de la pronunciacion latina desde la epoca ante-clasica hasta la post-clásica.

Pero toda la dificultad estriba en este grupo de siglas H·S·H·A·N·L que no habia aparecido hasta ahora que yo sepa en ningun otro monumento juridico ni epigráfico, ni se registra en la coleccion de siglarios publicados por Mommsen en la edicion de los *Grammatici latini* revisados por Keil.

No deja de ser frecuente en algunas lapidas sepulcrales la fórmula compendiada H·M·H·N·S[8], que en ocasiones suele verse resuelta en la forma HOC MONVMENTVM·HER(*edem*) NON SEQVETVR[9], recordando el conocido pasage de Horacio[10]:

. . . . . Haeredes monumentum ne sequetur.

Casos hay tambien en los que la dicha fórmula aparece mas amplificada con las letras H·M·S·S·H·N·S equivaliendo á H(*oc*) N(*onumentum*) S(*ive*) S(*epulcrum*) H(*aeredem*) N(*on*) S(*equetur*)[11].

Solo en muy pocas piedras tumulares españolas recuerdo haber visto las siglas H·M·H·N·S·N·L·S[12], que Mommsen con su acostumbrado acierto ha leido[13] de este modo: H(*oc*) M(*onumentum*) H(*aeredem*) N(*on*) S(*equetur*) N(*ec*) L(*ocus*) S(*epulturae*).

Los jurisconsultos del Digesto han dicho que *sepultura* era el sitio unicamente donde se inhumaba un cadaver[14], *sepulcrum* el lugar donde estaban sepultados los muertos[15], y *monumentum* el edificio que se construia sobre el sepulcro para conservar la memoria del finado[16], añadiendo que bajo el nombre de sepulcro se comprende todo lugar de sepultura[17]. Los mismos han consignado que el verbo *sequi* en una de sus acepciones significa *pasar, transmitir*[18], en cuyo sentido lo ha usado Plinio el naturalista, cuando ha dicho que en Roma las perlas *pasaban al heredero como un predio cualquiera*[19].

---

[7] *Memorias de la R. A. de la Hist.*, VIII, p. 92, tab. 56, n.º 316. *C. I. L.*, II, 3774.
[8] *C. I. L.*, II. 3283, 4481, 4527.
[9] *C. I. L.*, II, 900.
[10] Hort. *Sat.* I, VIII, v. 13.
[11] *C. I. L.*, XIV. 3841; vease tambien H(*uic*) S(*epulcro*) D(*olus*) M(*alus*) A(*besto*) *C. I. L.*, XIV, 864.
[12] *C. I. L.*, II, 4565, 4611.
[13] *C. I. L.*, II, 4532.
[14] *D.* 11, 7, 2, §5. *D.*, 43, 24, 22, § 4.
[15] *D.*, 11, 7, 2, § 5.
[16] *D.*. 11, 7, 2, § 6.
[17] *D.*, 47, 12, 3, § 2.
[18] *D.*, 8, 5. 20, § 1. *D.*, 10, 2, 18, § 2. *D.*, 18, 1, 49. *D.*, 41, 1. 43, 2.
[19] Plin., *H. N.*, 9, 124: sequitur heredem, in mancipatum venit ut praedium aliquod.

Los túmulos de los tiempos ante historicos lo mismo que los Mastabas y las Pirámides del periodo menfitico, que surge en los comienzos del viejo imperio egipcio, ponen al descubierto una vez mas que el hombre, á juzgar por estas sus mas antiguas manifestaciones, ha venido siempre luchando por dejar perpetuada su memoria á la posteridad erigiendose, á veces siendo vivo, suntuoso alojamiento para despues de muerto. Desde el momento en que fue dado al primer pueblo civilizado de que hay noticia cierta fijar en el pápiro ó sobre la piedra la palabra hablada, aparecen en algunas de las mas antiguas tumbas los nombres de los difuntos estampados en curiosos geroglíficos sobre los muros de sus camaras mortuarias ó sobre las pintorescas cubiertas de los sarcófagos que encerraban sus momias. Tras esa arcaica civilizacion, que se desarrolla á las márgenes del Nilo, pasan los Asírios y los Caldeos, los Fenicios y los Heteos, los Persas y los Helenos, llegando en-pos de ellos los Etruscos y los Romanos, entre los que aun persiste el mismo ardiente anhelo porque el nombre del individuo y de la familia vaya trasmitiéndose de siglo en siglo hasta un porvenir de remotisima lejania.

Pero prescindiendo de los antiguos é interesantes hipogeos de la Italia y viniendo á una época mucho mas moderna, cuando ya se habia comenzado á desarrollar la romanizacion de la antiga España, lo que desde luego se nota es la crecida cantidad de lápidas supulcrales, que en numerosas localidades de la peninsula á cada paso se encuentran, conteniendo unas veces solo el nombre del finado, el de su padre y los años que habia vivido, otras las cargas civiles y militares que desempeñó, y en ocasiones los honores que se le tributaron despues de muerto. Y esto último occurria no precisamente cuando se trataba de un personage, que se hubiese distinguido por sus largos servicios al Estado, sino tambien cuando el fallecido era un jóven apenas salido de los diez y ocho años como *Lucio Marcio Saturnino*[20], á quien, sin dada por respeto á sus antepasados, cuyos nombres se consignan hasta la cuarta generacion, otorgan los decuriones de Salpesa el uso de las insignias de su elevada clase, la ereccion de una estatua á costa de la ciudad, el derecho de esponer en publico el busto del que habia dejado de existir, CLVPEVM[21], los gastos del entierro á espensa del erario, el lugar para la sepultura en tierras del municipio y la autorizacion para que se pronunciase una oracion funebre en elogio de semejante municipe, tribule de la Quirina.

Cuando no era posible conservar para la posteridad el recuerdo de los que fueron valiéndose del elemento oficial, procurabase satisfacer este inmoderado afan de gloria póstuma aun dentro de los límites de los medios privados de que cada uno podia disponer. Asi es que en Tarragona cierto marido al levantar un sepulcro á su mujer, ya di-

[20] *C. I. L.*, II 1286.
[21] Plin., *N. H.*, 35, 12 á 14.

funta, *Antonia Clementina*, con el fin de perpetuar su memoria, INQ*ue* MEMORIAM PERPETVAM, entregó los huertos colindantes, que le pertenecian, á dos libertos y dos libertas, que lo habian sido de la finada, con espresa condicion de que ninguno de ellos los vendiese, NEQVIS EOS VENDERE, sino que fuesen disfrutando su posesion de padres á hijos, y si algun dia terminaba su descendencia, siguiese por la de sus esclavos manumitidos [22].

De aqui el porque algunos al construirse el sepulcro prohibian en absoluto su enagenacion, NEC VLLO MODO ABALIENABITVR, con el fin de que no saliese de la familia, NE DE NOMINE EXEAT FAMILIAE SVAE [23], imponiendo otros una multa de varios millares de sestercios en favor del Erario romano al que destruyera, violara ó vendiera, VENDIDERIT, el monumento que habia levantado en vida sobre la que debiera ser su sepultura [24].

A esta prohibicion absoluta de *vender* ó *enagenar* la tumba, NEQVIS VENDAT AVT ABALIENET [25], que en algunas breves inscripciones sepulcrales aparece al final bajo la espresiva frase HOC M*onumentum* VETO VENIRI VETO DONARI [26], debe referirse, pues, la fórmula compendiada del epigrafe funerario de *Graccia Maxsumila* H. S. H. A. N. L, que leo por lo tanto:

HO*c* S*epulcrum* H*aeredi* A*balienare* N*on* L*icet*.

V

A fines del siglo XV.º publicó Mendoza el texto de una inscripcion fragmentada, que se veia por entonces en una calleja del Albaicin de Granada y que tenia rayados con un ponzon los renglones que le quedaban. Bayer en la pasada centuria y Hübner en 1860 la examinaron tambien, aunque por las malas condiciones del sitio en que estaba á la sazon colocada, escaso por todo estremo de luz, no pudieron determinar exactamente su contenido [27]. Once años despues que el último sabio nombrado, la vi empotrada en el muro de una casa del callejon sin salida frontero al algibe del Rey, en el aludido Barrio del Albaicin, de donde ultimamente ha sido transladada al Carmen de Balsain en el Carril de la Lona, en cuyo Carmen volvi á examinarla con el profesor Hübner en setiembre de 1886.

Es una piedra cilindrica, cuya parte superior está destruida, apareciendo al principio de lo que aun resta, cinco renglones no completos, con la huella muy visible de haber sido espresamente picados como

[22] *C. I. L.*, II, 4332.
[23] Orelli, 4386.
[24] *C. I. L.*, XIV, 1153.
[25] Orelli, 4357.
[26] Orelli. 4388.
[27] *C. I. L.*, II, 2072. El renglou con los restos de las letras T.MA hoy no existe.

para borrarlos. Despues de un largo y penoso trabajo de mera paciencia logré fijar el texto que aun existia en 1871 en esta forma:

IMA
IP·VI·COS·II·P P
ORDO MVNICIPI · FLORENT
ILIBERRITANI · DEVOTVS
NVMINI·MAIESTATIQVE EIVS
SVMPTV·PVBLICO·POSVIT

Hoy faltan en el original los restos de las letras que vió Mendoza en el primer renglon que ha desaparecido, y la palabra ORDO, que tambien vió Mendoza; por estar al presente mas deteriorada la piedra que cuando la examino hace ya cerca de tres siglos.

El segundo renglon lo restitui primeramente en la parte final cos [II] PF·PR[*oc*]; pero despues de un exámen último mas detenido he creido que no debe intercalarse la cifra numérica del consulado, ni marcarse el proconsulado, como no se marca en otras ocasiones[28], porque para ello no se nota que haya lugar vacio en el original.

Habiendo hecho la observacion que los cuatro renglones últimos son completamente iguales en su redaccion á los de la inscripcion dedicada á *Furia Sabina Tranquilina*, muger que fue del emperador Gordiano, piedra que tambien se conserva en Granada[29], gravada sobre una columna de forma análoga, y trayendo á la memoria que en Badalona, la antigua *Baetulo*, se erigieron dos monumentos, uno á cada cual de estos conjuges imperiales desde el 238 al 244 de J. C.[30], vine á deducir que la inscripcion mutilada, cuyo texto acábo de trasladar, habia sido redactada en honor de Gordiano.

Confrontando lo que yo habia leido de antiguo con la transcripcion de Mendoza, con la de Bayer y con la de Hübner, me fue facil restituir todo lo que faltaba teniendo á la vez presente un epigrafe de la *Republica Seguitana* en la Numidia, dedicado precisamente á *Sabina Tranquilina*, en el cual se designa á su esposo bajo la forma siguiente[31]:

IMP·CAES·M·ANTONI GORDIANI·PII·FELICIS·INVICTI·AVG·PONT·MAX·TRIB·POT·V
IMP·VI·COS·II·P·P·*pr*OCOS·

La inscripcion iliberritana debió, pues, haber dicho cuando estaba integra:

[28] C. *I. L.*, II, 1175.
[29] *C. I. L.*, II, 2070.
[30] *C. I. L.*, II, 4606. 4607.
[31] *C. I. L.*, VIII, 5701.

imp · caes · m · antonio
gordiano · pio · felici · in
*victo · avg · pon*T · MA*x* · *trib*
potest · v̄ · IMP · VI · COS · II · P · P
5 ORDO · MVNICIPI · FLORENT
ILIBERRITANI·DEVOTVS
NVMINI·MAIESTATIQUE·EIVS
SVMPTV·PVBLICO·POSVIT·*d·d·*

Asi restituido corresponderia este epigrafe á los años del 241 al 242 de J. C. [32], á cuya época pudiera á la vez reducirse el de su muger *Furia Sabina Tranquilina,* erigido tambien *por decreto de los decuriones del municipio florentino iliberritano* y al que dejo igualmente hecha referencia.

Málaga, 25 de Enero de 1889.

Dr. Berlanga

OS ARCHITECTOS FRIAS

Os estudos de paciente investigação artistico-historica, que o sr. Gomes de Brito deu a lume, com este sub-titulo nos n.os 5 a 8 do vol. III da *Revista Archeologica,* do anno passado, vieram-nos ás mãos exactamente no periodo, em que nós tratavamos de reatar, por meio de documentos genealogicos, os elos partidos de certos apontamentos de familia, mal cerzidos numa parte e noutra completamente desfeitos por longos annos de decadencia e incuria.

Devemos pois dizer que esses escriptos tiveram para nós um triplicado sabor, que nol-os tornou interessantissimos. Eram no tocante aos alvarás das chancellarias filipinas um bom achado, que nos poupava algum tempo e paciencia; uma reivindicação para a historia da arte de um nome esquecido e não mencionado publicamente e de outros abstracta ou erradamente mencionados,—e por fim um quadro, que nós podiamos rectificar nalguns pontos, e ampliar noutros, pondo os personagens no plano e ordem, que lhes competem, por meio de valiosos documentos inscriptos nas nossas notas. É o que passamos a fazer, com a devida venia, ministrando alguns dados genealogicos e biographicos dos architectos Frias.

[32] *Ephem. Epig.*, III, p. 13.

É facto assente, quanto a nós, que a manifestação das artes é o caracteristico de uma epocha. Ora a influencia reformadora da Renascença, se em toda a parte se fez sentir pesadamente, em Portugal, como muito bem indigita o illustrado articulista, desde o reinado do implantador da Inquisição até ao ultimo anno de Pedro II, mas muito especial e accentuadamente desde a minoridade de D. Sebastião até D. João IV, apagou no espirito dos artistas a aspiração do bello, e aniquilou por completo o sentimento inventivo e o gosto pelas obras do passado. Do periodo excepcional, em que figuram um mancebo loucamente aventureiro e fogoso, um rei clerical e decrepito e uma usurpação ferrenha e enervadora, tudo espremido, abraçado e dirigido pela omnipotencia dos jesuitas, não podiam sair artistas, que nos merecessem hoje *largos conceitos*, nem *se tornassem insignes pelas obras, que deixassem*, nem *credores de celebrada memoria*.

Entretanto, se, aos nossos olhos, na epoca liberrima, respeitadora de todos os individuos e de todos os cargos e profissões, na qual temos a felicidade de viver, parece não *valer a pena entrar em grandes pormenores e investigações*, ácerca de uma quadra, em que as artes agonisavam—os artistas, que nesse tempo calamitoso chegavam a sair da vulgaridade num meio, onde eram extraordinarias as divisões de castas, sangue, raças e misteres, galgando os postos da aristocracia de segunda ordem «onde os fidalgos, os escudeiros e os cavalleiros compunham as classes mais distinctas pela posição e pelos privilegios»[1], esses artistas, dissemos, merecem nota muito honrosa e memoria inteiramente isenta de desdens.

E os Frias estão neste caso: conquistaram posição, fidalguia e teres; elevaram-se por si proprios, pelas suas habilitações e trabalhos, a ponto de um d'elles merecer uma collocação a par de Felipe Terzo, no campo da batalha e nas obras, que executou, pois só elle foi julgando capaz de o substituir nos paços da Ribeira; e todos os seus descendentes continuaram a merecer egual collocação e honras, durante uns poucos de reinados, como teremos occasião de demonstrar. Fr. Bernardo da Cruz tem optima reputação como chronista serio, citado por todos os nossos historiadores; não era elle certamente que iria pôr ao lado de Terzo, e dar o nome de *grande architecto* a uma nullidade qualquer do seu tempo.

Concordemos na pequenez, monotonia e nenhuma inspiração das amostras architectonicas, que nos ficaram d'essa epocha, mas lembremo-nos de que ainda assim não podemos adduzir um juizo claro sobre a aptidão dos artistas em primeiro logar, porque tudo obedecia ao dedo jesuitico, nas artes e fóra d'ellas; em segundo, porque o artista, embora fosse architecto regio, não era livre todavia na escolha dos assumptos; em terceiro e ultimo, porque a catastrophe de 1755 rasgou

[1] Rebel. da Silva, *Hist. de Port.* vol. v, pag. 344.

a maioria dos documentos, que podiam servir de prova, a começar pelo principal, o edificio da Ribeira.

*

Para tirar umas deducções, necessarias ao discorrer do assumpto, temos de nos referir ás procedencias genealogicas dos architectos Frias, cujos ascendentes, com mais uns tres individuos da mesma linhagem e parentela adeante nomeados, formaram o ramo portuguez, que se nobilitou no pais, espalhando-se largamente, tirando brazões d'armas, exercendo cargos elevados na magistratura burocratica, na engenharia civil e militar, creando morgadios, ordenando padres, dando aos mosteiros frades e freiras, e formando uma boa lista de cavalleiros fidalgos, moços de camara e familiares do Santo Officio; e que, obedecendo por fim a um phenomeno evolutivo, que de tempos a tempos aniquilla individuos, familias e nações, caiu na mais completa decadencia e obscuridade, a contar do meiado do seculo passado, sendo muito para notar que os Frias actuaes, existentes na Beira Baixa, provincia do Maranhão no Brasil e em Lisboa, apezar d'essa decadencia sejam ainda entre si proximos parentes, uns e outros.

A procedencia hespanhola é tradicional na familia e affirmada em quasi todos os documentos genealogicos e nobiliarios impressos e manuscriptos. Vem de dois capitães godos do exercito do famoso rei D. Pelayo, dois irmãos, que, por ordem d'este, tomaram aos moiros a cidade de *Frias*, na margem do rio Ebro, provincia de Burgos, em Castella a Velha, ahi pelos annos 750 da era christã. A façanha executou-se brilhantemente e «*uno dellos no gozo de la dulçura de la victoria, muriendo para que mas facilmente los suios la cantasen. Satisfizo el-rey a su hermano esta perdida y aquella gañancia, heredandole en aquella ciudad, cuio nombre le dio por apellido, en memoria de la empresa*»[2], indicada no assumpto das proprias armas, que são:—Em campo de prata uma torre de azul, com dois leões de sua côr trepantes; orla vermelha, carregada de oito aspas de oiro; o pé da torre sobre ondas de azul e prata, e o timbre a torre do escudo;—armas registradas em todos os nossos nobiliarios.

D'este nobre godo, a quem foi dado o nome da cidade e o castello como alcaidaria, que foi pelos tempos adeante, partiu uma larga geração, que se propagou durante sete seculos por todo o norte da peninsula, especialmente nas Asturias e na Biscaia, d'onde veiu o garfo portuguez nos fins do seculo XV na pessoa do avô do primeiro dos architectos Frias, já de si artista, ao que se pode suppor pelo mister, a que se dedicou o filho e os netos.

Não ficou, que nos conste, em memoria alguma, o nome do pa-

[2] Albergaria, *Triunfos de la nobleza lusitana*, Mss. fl. 129.

triarcha da familia portugueza, o biscainho, que appareceria em Portugal em 1480.

Pedro de Frias, seu filho, o primeiro portuguez d'este appellido, foi sem dúvida o artista, que em 1510 recompoz o retabulo da capella mór da egreja do Carmo, segundo a *Chronica* respectiva. tomo I, pag. 580, e o diccionario do conde de Raczynski; e dizemos sem dúvida, porque ninguem houve na epocha com o appellido Frias extranho á familia do biscainho.

Pedro de Frias casou com D. Isabel Lopes, natural de Lisboa, com quem morou na travessa de S. Justa, gosando ambos de uma abastança regular, pelo que se deprehende do ensino e collocação, dados aos filhos, que foram:—Nicolau de Frias, nascido em 1530, applicado á architectura, seguindo, na qualidade de primogenito e á moda do tempo, um officio, como seu pae;—Antonio de Frias, prior de Unhos: —Felipa do Espirito Santo, freira de Chellas, onde morreu aos 85 annos em 1617,—e Ignez de Jesus, dominicana no mosteiro de Abrantes, todos citados por fr. Luiz de Sousa, que escreveu a vida de Felipa com extensos encomios, affirmando que o padre de Unhos, em egreja de *grossa* renda, e a freira de S. Domingos, em Abrantes, foram bons imitadores de sua irmã[3].

Sem uma certa abuncia de bens, ninguem poderia mandar ensinar a um filho architectura e artes correlativas, ordenar e patrimoniar um padre, manter e dotar duas freiras.

*

Contemporaneos de Nicolau e na velhice de seu pae apparecem os Frias-Salazares, tres irmãos, Ventura de Frias, Inigo de Frias e Diogo de Frias, negociantes, attraidos provavelmente pelas informações dos parentes de Lisboa. Os seus descendentes disseram que elles eram filhos legitimos de Thomaz de Frias Salazar, senhor da casa de Quintana. Ventura, o irmão mais velho, foi caudilho de Filipe II, e por isso o teve preso D. Antonio, prior do Crato, em 1580; foi casar a Valladolid (ainda Castella a Velha), gosou de grande riqueza e teve larga descendencia, de que foi ornamento principal o doutor João de Frias, sexto dos seus filhos. Seguiu este as lettras, foi cavalleiro do habito de Christo, e chegou a desembargador do Paço; fez um morgado na villa do Cartaxo, onde foi padroeiro da capella do Santo Christo; serviu na India, onde casou com D. Maria de Mendonça, viuva do ouvidor, a quem elle succedera; mostrou com documentos a sua ascendencia nobre, e mandou os ossos de seu pae—em terra—á capella que aos seus pertencia, de Santo Estevão de Burgos, tronco de toda familia. Inigo casou em Portugal com D. Maria Barreira, mostrou tambem por instrumento a sua descendencia, tirou brazão d'armas, e

[3] *Hist. de S. Domingos*, vol. I, cap. 27, p. 115.

mandou um de seus dois filhos servir na India. Diogo viveu egualmente na India, onde casou com D. Francisca de Castilho, de quem teve tres filhas.

O manuscripto n.º 409 da collecção Pombal diz a fl. 125 que ainda houve um quarto irmão, que acompanhou á India um sobrinho, sem duvida o filho de Inigo, sendo Ventura o correspondete de ambos nas relações com Portugal.

Descendente d'estes deve ser o licenciado Antonio João de Frias, protonotario apostolico, notario da bulla da Cruzada, Capellão regio e vigario confirmado de S. André de Goa-a-velha, que em 1702 publicou o livro *Aureola dos Indios e nobiliarchia bracmana,* offerecida ao marquez de Marialva.

Sabido isto, deixemos os Frias-Salazares, que tomaram rumo diverso, e não se entrelaçaram com os seus parentes, de que tratamos, pois que até nas armas divergiram, preferindo as dos Salazares ás dos Frias.

*

Nicolau de Frias, mais afortunado ou mais instruido do que seu pae, distinguiu se em extraordinario, recuperando certas honrarias de familia; tirou brazão d'armas, com que provou que era de sangue illustre; o que lhe valeu ser nomeado cavalleiro do habito de Christo, grau mais invejado então do que uma gran-cruz nos tempos de hoje, sendo tudo coroado pelo alto cargo de architecto regio.

Em 1573, D. Sebastião louvava a Camara pelos trabalhos da medição das aguas de Lisboa, incumbida a Nicolau, como mestre de obras da cidade; em 1578 era nomeado *sitiador de campo,* ou engenheiro-mór do exercito, como diz Rangel de Macedo[4], com o seu collega, o architecto italiano Felipe Terzo, e acompanhava el-rei na jornada de Africa; a 11 de julho de 1597 incumbia-o Felipe II, por mercê especial; da direcção das obras dos paços da Ribeira, cargo vago pelo fallecimento de Terzo; e em 10 de fevereiro de 1599 era agraciado por Felipe III com o ordenado de 60$000 rs., quantia que se avantajava ao vencimento do seu antecessor.

Casou com D. Anna Balyeira, natural de Torres Novas, e d'ella nasceram:—Theodosio de Frias, o sepultado da egreja das Flamengas, que em seguida mencionaremos;—Pascoal de Frias, abbade de Carrezedo, e instituidor do morgado do mesmo nome;—Valeriano de Frias, que deve ser o mencionado por fr. Luiz de Sousa na *Vida de... Bartholomeu dos Martyres* e pelo diccionario de Raczynski, não só em attenção ao seu nome, como á contemporaneidade com Theodosio, pois foi em 1590 que elle foi mandado a Vianna preparar os adereços para o funeral de fr. Bartholomeu, e especialmente e sobretudo porque era padre da companhia, e só como tal poderia ser, como foi, thesoureiro

[4] Mss. vol n.º 376, coll. Pombal.

de fr. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga. Bastaria esta ultima circumstancia, só por si, para se poder affirmar a sua procedencia. Depois d'este padre temos, como descendente de Nicolau, D. Magdalena de Frias, que tirou brazão a 12 de agosto de 1600, assignado pelo rei de armas Portugal, e casou com Domingos Vieira Ferrão, cavalleiro fidalgo de el-rei e seu *pintor de ollio*, natural de Thomar, e familiar de Santo Officio; e D. Felipa de Frias, casada com Manuel Pinto.

Nicolau foi um sincero cultor e admirador das artes mannaes, applicadas á architectura; a sua casa constituiu-se uma escola de parentes e de estranhos, que bastantes foram os que se honraram de o ter por mestre. Quando mais não houvesse a provar a sua devoção pelo genero, bastariam o ensino, que deu ao primogenito e ao proprio padre Valeriano, e a alliança de sua filha com um artista, embora distincto, o Domingos Vieira Ferrão, notado, com a variante de *Serrão* no appellido, pelo conde de Raczynski, que o diz substituto de Amaro do Valle, como pintor regio, em 1619, com ordenado de *cinco mil réis* e meio moio de trigo, segundo Taborda, pag. 193, e auctor do desenho *Desembarque de Felipe* II *em Portugal*, gravado por Schorequens, segundo Cyrillo, pag. 72, e uma referencia de Lavanha nas *Viagens de Felipe* II, 1622. Temos porém testemunhas insuspeitas, duas das que foram dadas nas diligencias, mandadas fazer pelo tribunal da Inquisição, para se provar a *limpeza de sangue e geração* da filha de Nicolau, quando o marido requereu ser nomeado familiar do Santo Officio:

Simão Vaz, homem de 70 annos, morador em Azeitão, familiar do S. Officio, interrogado *com todo o segredo necessario* pelo prior do mosteiro de S. Domingos, de Azeitão, em 7 de agosto de 1626, disse que a razão de conhecer bem Domingos Vieira, pintor, era que elle aprendera com seu sogro Nicolau de Frias, em cuja casa *comêra o pão* 7 ou 8 annos, o officio de marcineiro e de traçar e debuxar; e que se criara com a filha Magdalena de Frias; que Anna Balyeira era natural de Torres Novas, e Nicolau de Lisboa; que ouvira dizer sempre que Pedro de Frias, pae de Nicolau, fora filho de um homem biscainho, e que Isabel Lopes, a mãe, era natural de Lisboa;

Pero Mendis, maior de 70 annos, interrogado em Lisboa no paço dos Estaos e casa do despacho da *santa* Inquisição, a 5 de junho de 1626, disse tambem ter sido discipulo de Nicolau, e que muito bem conhecera em pequeno os paes d'este;

Gaspar Pereira, morador á Cruz do Pao, affirmou egualmente a procedencia biscainha de Pedro de Frias.

Posto isto, não admira que os descendentes de Nicolau seguissem as suas pisadas, e se tornassem tão illustres e peritos como elle.

Theodosio de Frias foi o continuador dos cargos de seu pae, cavalleiro fidalgo, architecto regio e mestre de obras da cidade; e, mais do que seu pae, juiz da balança da casa da moeda, recebedor do di-

nheiro da Mina, superintendente em Alcantara e familiar do Santo Officio, por carta de 1626.

Em 24 de março de 1600 é nomeado para servir nas *cousas* de fortificação e praças; em 6 de abril de 1601, juiz da balança da moeda e do dinheiro das *partes vivas da Mina;* em 21 de fevereiro de 1603 architecto, vago pela morte de Domingos da Motta, já por Filipe III; em 20 de abril de 1605, superintendente das obras de Alcantara; em 3 de agosto de 1610 substituto de seu pae nas obras dos paços da Ribeira; em 9 de maio de 1612 almoxarife dos mesmos paços até á conclusão das obras; em 25 de abril de 1625 agraciado com a mercê de nomear um dos filhos ou o genro juiz da balança, de que era proprietario; e em 15 de março de 1633 com a nova mercê de poder nomear para esse cargo o seu neto Theodosio de Frias, em razão do agraciado ter representado que os filhos e o genro estavam *acomodados*.

Casou com D. Leonor Pereira, natural de Ceita, districto de Evora, de quem teve: Luis de Frias, o architecto a seguir; Theodosio de Frias, cavalleiro fidalgo e sargento-mor de Alcanede; Paula, casada em Carrazeda com Gonçalo de Moraes Sarmento, e Brites, casada em Leiria.

Marido e mulher jazem sepultados, em campa particular, honraria privativa de fidalgos e clerigos, na egreja da Quietação, ou das Flamengas, em Alcantara, conforme resa a inscripção, impressa na *Revista,* segundo o calco tirado pelo digno director e illustre archeologo, sr. Borges de Figeiredo.

O investigador do convento das Flamengas achou-se em dúvidas e embaraços ao escrever o que julgara ter lido no calco, quanto á morte de Theodosio em 1624. Ora o sr. Borges de Figueiredo teve a bondade de nos communicar que, estando partido o algarismo na parte inferior, tanto pode ser 1624 como 1634; logo esta deve ser a verdadeira e indubitavel. E, se não, vejamos. O alvará de 25 de abril de abril de 1625 não podia ser passado a um homem morto no anno antecedente; e a carta de familiar do Santo Officio, que elle requereu, segundo as datas de 1626, conjunctamente com seu filho Luiz de Frias, ainda menos lhe podia ser conferida pelo meticuloso e implicavel tribunal da Inquisição. Tendo o cunhado, o pintor Vieira, tirado a sua habilitação e provado a *limpeza* da irmã, Theodosio para abreviar o processo, requereu em outubro de 1626 que se averiguasse se era *irmão inteiro* de Magdalena de Frias; o que se verificou. A primeira testemunha, Gaspar Pereira, creado de el-rei, disse em 23 do mesmo mez e anno que conhecia Theodosio de Frias, architecto de Sua Magestade, «e sabe que é irmão inteiro de Magdalena de Frias, mulher de Domingos Vieira Ferrão, familiar do Santo Officio, e que o Frias e irmã eram filhos de Nicolau de Frias, architecto de Sua Magestade, e de Anna Balyeira, moradores nesta cidade, a S. Lourenço». Affirma saber isto porque foi companheiro de Nicolau na jornada de el-rei D. Sebastião, por dar-se muito com elle e conhecer-lhe bem os filhos. Além d'isso, o ultimo alvará de 1633 ainda menos podia ser dado a um ho-

mem fallecido em 1624. Indubitavel pois que D. Leonor morreu a 18 de dezembro de 1627 e Theodosio a 11 de novembro de 1634.

Os seus trabalhos referem-se especialmente á edificação das prisões.

A habilitação inquisitorial de seu filho em 1637 diz que elle servira muitos annos de architecto dos *cadafalsos*, que se fizeram nesta cidade.

Casou com D. Antonia da Cruz, de quem nasceu um filho unico, o Theodosio, que se segue.

Viveu e morreu, como seu pae, nos paços de Alcantara.

Theodosio de Frias, chamado o *mosso*, equivalente do *junior* actual, por existir ainda o avô, durante os primeiros annos da sua mocidade e para evitar por isso equivocos em assumptos graves, foi architecto real, juiz da balança da casa da moeda, superintendente da guarda de el-rei, como seu pae, e familiar do Santo Officio, em 1637.

Felipe IV nomeou-o em 9 de setembro de 1631 para um dos tres logares de *estudar arquitectura*, vago «por *Eugenio de Frias* ser occupado em outros officios».

No reinado de D. João IV ainda exerceu todos os seus cargos, que infelizmente não tiveram successor, a não ser o de superintendente em Alcantara, que foi continuado por seu genro Antonio Serrão, cavalleiro da Ordem de Christo.

Casou com D. Joanna de Azevedo, de quem houve, por unica descendencia, a mulher do dito Serrão, D. Luisa de Frias, em cujos filhos se continuou a familia.

*

Finda aqui a lista d'esses homens distinctos, que nos propozemos traçar em linhas historico-biographicas, collocando-os nos seus devidos logares de successão e hierarchia, não exercendo critica accentuada sobre a influencia que os seus trabalhos poderiam ter na arte da architectura, á falta de modelos e documentos, que a ninguem será dado apresentar senão hypotheticamente pelas razões aventadas no começo d'estas notas.

A unica obra, que nos resta completa, é o mosteiro das Flamengas, cujas *traças* foram delineadas pelo Theodosio lá sepultado, sem dúvida, porque, sabido que Felipe II mandou fazer o edificio para recolher as foragidas de Anvers, é naturalissimo que ao seu architecto, ou a quem elle indicasse, fosse incumbida a empreza.

Morrendo a freira de Chellas, aos 85 annos, em 1617, e sendo a terceira na ordem descendente de Pedro de Frias, seu irmão Nicolau, o primogenito, nasceu em 1530, como atrás marcámos. Casando este aos 25 annos, Theodosio em 1583, data, a que se pode attribuir a edificação do mosteiro, teria 27 annos, edade, em que já podia ser

architecto consumado, e incumbido da construcção, por indicação e influencia do architecto regio, seu pae e mestre, homem, que orçaria então apenas pelos 53 annos.

A devoção de ser sepultado nas Flamengas é ainda uma razão valiosa, e a preferencia, que lhe deu, não o é menos, pois as palavras do epitaphio—*e fez as traças do mosteiro novo*—podem muito bem indicar o do Calvario, como bem lembrou o sr. Brito.

Em tal caso serão estas as duas obras authenticas, que chegaram aos nossos dias, porque os paços de Alcantara, onde os Frias influiram, representam uma manta de retalhos, depois da sua reedificação após o terremoto de 1755.

*

Ha um personagem, que ficou de fóra. Eugenio de Frias, porém, o ornamentador de pergaminhos, o miniaturista illuminador do *Compromisso da Irmandade de S. Lucas*, que existe na Torre do Tombo, não tem filiação conhecida, não pertence á successão legitima da familia, não entra, nem é mencionado em documento algum de genealogia, habilitação ou assumpto diverso. O seu nome apparece-nos apenas no alvará de Felipe IV, e no *Diccionario historico artistico*; julgamol-o pois bastardo, filho do primeiro Theodosio. Bastardo ou não, vê-se que foi optimo discipulo da celebrada escola de Nicolau; e se, pela sua illigitimidade, não participou das fidalguias dos seus parentes, em epocha de tamanha *pureza* de sangue, trabalhou ao lado d'elles, que o protegeram, olhando-o como digno seguidor, que foi, das tradições artisticas da familia.

*

Dissemos que terminava aqui a lista d'esses homens distinctos, referindo-nos aos architectos, unicos de quem se trata, porque a enumeração dos demais, que guarnecem a extrema galeria d'esta numerosa familia, em linha directa e collateral, por femea ou varonia, não é menos illustre em outros ramos de serviço publico; e d'ella fazem parte os Frias-Salazares, de Lisboa e India, os Frias-Dourados e Moraes Sarmento, de Setubal e Lisboa, os Frias e Frota, de Setubal, até ao meiado do seculo passado, e outros espalhados por differentes partes do reino, como os Corrêas de Frias, já atacados mortalmente pela gafeira da decadencia.

Terminando, devemos asseverar que o filho e netos do emigrado biscainho, embora recommendados pelo seu sangue heraldico, e mesmo, dêmos de barato, impellidos pelos ventos da fortuna, implantando em terra, que não era a de seu pae, alguns dos seus foros de nobreza,

conquistando pelo seu trabalho, estudos e prendas, a elevada posição e altos cargos, que exerceram sob o mando do poder regio, merecem a admiração e o preito dos seus vindouros. Bastar-nos-ha, para nos convencer d'isso, o lembrar-nos de que elles floresceram numa epocha, em que «as classes aristocraticas, com exclusão quasi completa das classes medias e dos filhos do povo, requeriam e alcançavam os melhores cargos civis, militares e judiciaes, para muitos dos quaes só os descendentes de sangue illustre se podiam julgar aptos em presença das habilitações exigidas nas leis. A inquisição, rodeada de delatores, velava pela pureza das crenças, substituindo á persuação do Evangelho o terror dos tratos e o clarão das fogueiras. O livel da auctoridade absoluta egualava os mais altos com os mais humildes na submissão. Ninguem levantava os olhos da terra senão para os baixar a um aceno do poder, que algemava todas as consciencias e todas as vontades. A inquisição, tribunal nascido de um pacto da realeza com a intolerancia, emmudecia as resistencias, *perseguindo como delictos as novidades e os progressos*»[5].

Os architectos Frias não podiam pois fazer mais e melhor.

São o caracteristico da sua epocha[6].

SANCHES DE FRIAS

---

[5] Rebello da Silva, *Hist. de Port.* vol. v, pag. 358 e 362.

[6] Deixámos para o fim as indicações comprovativas do texto, para o não ouriçarmos com frequentes chamadas. A veracidade dos nossos apontamentos é reforçada pelos seguintes documentos, além das chancellarias felipinas:

Titulos genealogicos de familias de Portugal, vol. v, pag. 323. *Triumfos de la noblesa lusitana y origen de sus blazones*, por Soares de Albergaria, pag. 129. *Arvores de costado*, etc. por Gregorio de Freitas, vol. II, fs. 127. *Collecção de arvores de costado e genealogicas* pelos padres Barbosa, Sousa e Bem, pag. 146. *Espelho da nobreza* por fr. Manuel de S. Antonio, pag. 107. manuscriptos da Bibliotheca Nacional. *Nobiliarios e genealogias* por Rangel de Macedo, vol. n.º 376, fs. 299. *Volume de Athaide* n.º 394. *Volume* n.º 409 fs. 125, manuscriptos da collecção Pombal. *Thesouro da nobreza*, mss. Torre do Tombo. *Habilitações* para familiares do Santo Officio dos dois Theodosios de Frias, Luiz de Frias e Domingos Vieira. Torre do Tombo. *Genealogias* por Sousa de Macedo, n,º 275, fs. 429.

INSCRIPCIÓN ARÁBIGA DE ÉVORA

Debo á la amabilidad del ilustrado director de la *Revista Archeologica* el calco de una inscripción arábiga, de 43 centímetros de alto por 26 de ancho, hallada en un hueco de la iglesia de San Pedro en la ciudad de Évora. La lectura no ofrece dificultad y es como sigue.

بسم الله الرحمن الرحيم وصلى
الله على محمد هذا قبر احمد
ابن الوزير ابى بكر محمد بن ريحا
نة توفى رحمه الله ليلة الخمس
5 لخمس خلون من صفر سنة
خمس وعشرين وخمس
ماية

La traducción es de este modo:

En el nombre de Dios clemente y piadoso. La bendición de Dios sea sobre Mahoma. Este es el sepulcro de Ahmed, hijo del visir Abubéquer Mohámmed, hijo de Reijana; murió, (apiádese Dios de él) en la noche del jueves, pasadas cinco de safar, año 525.

Asi el personaje enterrado como el ministro su padre son desconocidos hasta ahora en la historia, pero no su ascendiente Reijana, si es la poetisa de Almería, discipula de Otsmán Almocrí, fallecido en 444 de la hégira, según resulta de sus respectivas biografías insertas en la colección de Adabí, publicada por D. Francisco Codera.

Respecto de la fecha hay varias observaciones que hacer, La última palabra de la linea 4.ª es الخمس por الخميس, sin duda porque la estrechez del sitio que quedaba indujo al grabador á suprimir uno do los cuatro trazos iguales, el que correspondia al ي, confundido al mismo tiempo por el número de veces que la palabra se repite y con cierta afectuada simetría. Sentado esto, queda por resolver la cuestión

de si la frase *pasadas cinco* se ha de entender que se habla de la noche quinta ó de la sexta del mes.

Difieren los orientalistas acerca del modo de interpretar las fechas expresadas por ese sistema. Sacy (*Gramm. ar.*, II, 471), seguido por Kosegarten (*Chrest.* s. v. خلا) opina que en el número de dias pasados se ha de incluir el de la fecha, al paso que Dozy (*Recherches*, 1.ª ed., p. 51, nota) y Kasimirski (*Dict.*, s. v. خلو) entienden que dichos dias pasados son los anteriores á la fecha. Los documentos escritos dan lugar á dudas, por cuanto hay veces que las fechas históricas no concuerdan con ninguna de ambas maneras de ver, cosa fácil si se atiende á que la tradición oral era la fuente de conocimientos mas usada por los árabes, quienes de seguro no se entretenian en comprobar los datos cronológicos.

Mas seguro criterio podremos encontrar en las lápidas sepucrales, grabadas á poco de acontecer la defunción y á la vista de la familia del finado. Consultadas las inscripciones españolas que tengo mas á mano, resulta que uno y otro sistema de contar se ha empleado en ellas. Encuentro incluido el dia de la fecha en las que siguen:

Miércoles 6 noches pasadas de xaual de 453 (*Bol. de la R. A. de la Hist.*, III, 50),

Jueves 10 noches pasadas de xabán de 413 (*Ib.*, IV, 359),

Jueves 4 dias passados de chumada 1.º de 510 (A. de los Rios, *Memoria* etc., 169);

y hay que contar un dia mas en estas:

Jueves 7 noches pasadas de recheb de 345 (A. de los Rios, *Memoria* etc., 163),

Martes 5 dias pasados de moharram de 517 (*Ib.*, 177).

Como el cinco de safar del año 525 era miércoles, es preciso llevar la fecha de nuestra lapida al seis del mismo mes, que correspondió al 8 de enero de 1131 de la era cristiana.

Resta averiguar qué regla seguían los árabes para incluir ó no el dia de la fecha en el de los transcurridos, pero para eso hace falta allegar mayor número de datos que los ahora consultados.

Madrid, 2 de Marzo de 1889.

EDUARDO SAAVEDRA

ADDENDA Á LA INSCRIPCIÓN DE LA ZUBIA

(Pag. 38)

Despues de impreso el texto de dicho epigrafe cristiano he recibido el calco, que á ruego mio ha tenido la amabilidad de enviarme Don Manuel Gomez Moreno Martinez, quien oportunamente me indica que en el espacio, que media entre las dos últimas palabras AVEBITIS QVI de la tercera linea aparece intercalado en letra muy fina y pequeña el pronombre de la segunda persona de singular TV, como asi es lo cierto, con lo que resulta aun mas regular la redaccion de esta parte de la leyenda: TV QVI LEGIS INTELLIGE.

Málaga, 21 de Marzo de 1889.

DR. BERLANGA

O CONVENTO DAS FLAMENGAS, EM ALCANTARA. A SACRISTIA

Em as noticias que démos d'este mosteiro e das coisas d'elle não ficáram comprehendidas as que se referem á sacristia da egreja conventual. Vamos dal-as hoje, e fiamos que despertarão a curiosidade de todas as pessoas que por estes assumptos ainda se interessam, não só pelo pouco que em si contêem, mas pelo muito que ainda, com os elementos que ministram, se pode tirar d'ellas, havendo vagar, paciencia e fé: fé, sobretudo, em que todo este esmerilhar de antigualhas e todo este meudo peneirar da poeira de quasi dois e meio seculos de algum proveito serão a quem venha a fazer historia d'elles.

Presumimos que o Museu de antiguidades pouca coisa recolherá do espolio do mosteiro das Flamengas. Segundo todas as apparencias, o que ahi havia de bom desappareceu de ha muito; os armarios e arcases do convento, e até mesmo, hoje, muitos dos artigos pelas freiras vendidos terão já tido mais de um possuidor. Ouvi que uns ricos paramentos foram em tempo vendidos por *um conto de réis* para a capella

dos marqueses de Vianna, hoje pertença do sr. conde da Praia e de Monforte.

Como estes outros muitos objectos, quadros, baixellas, vasos sagrados, moveis e tapeçarias, terão levado semelhante caminho. Deve persumir-se que um mosteiro em paredes meias, por que assim se diga, com paços reaes como este estava, em tempos em que a influencia do claustro era enorme no seculo, e immensamente rendosa tambem para os conventos, não devia de ser o das Flamengas o menos favorecido, mórmente patrocinado, como é natural que fosse, pelo régio fundador, primeiro, e depois por outro rei, cujo coração, como diz a inscripção que já transcrevi[1], «*vivebat ubi, contumulatur ibi*».

Das mercês do paço, feitas a este convento ainda ha poucos annos se extinguiu uma e não das menos valiosas: a do fornecimento da agua da Tapada, recebida na cerca do convento em uma fonte practicada na base de um mediano obelisco de cantaria, onde as religiosas colhiam a realenga dadiva. Para concluir o nosso raciocinio, diremos que o resto de tanta coisa boa que este mosteiro devia possuir está na pequena quadra que serve de sacristia, da egreja, e que foi destinada, por verba testamentaria, para capella sepulcral. O que alli ha ainda não pode d'alli ser tirado, e o que lá falta decerto, foi-o indevidamente, visto como tudo isso *tem dono*, que provou a propriedade, e que até, para todos os termos de direito, mas sómente para isso, tomou já posse judicial. É a seguinte a historia da sacristia da egreja das Flamengas.

A 8 de setembro de 1620 veio a este mundo, um individuo que se chamou João Vanvessem de quem na familia ficou tradicção de ser oriundo de flamengos, o que é bem provavel, se attendermos ao seu appellido e á sua predilecção pelo convento d'Alcantara[2]. Como quer que seja, o individuo de quem se trata começando aos trinta annos por exercer o cargo de juiz de fóra, em Cintra, acabou em conselheiro da fazenda, provedor da Alfandega de Lisboa. Morreu de provecta edade, e celibatario. Havendo alcançado os oitenta, resolveu fazer o seu testamento, e d'esse documento, que é uma autobiographia, muito insufficiente quanto aos primordios da vida do testador, se desfiará a historia que nos propuzémos narrar.

---

[1] *Rev. Arch.*, II, p. 75.

[2] A familia, como adiante se diz, é a dos Cordes, e esses eram flamengos sem nenhuma dúvida. No ramo portuguez da familia Braamcamp hollandeza, houve uma senhora, D. Marianna Braamcamp Ludovice da Gama (descendente pela linha paterna do architecto Ludovice) a qual casou com Balthasar Antonio Sinel de Cordes, representante do ramo portuguez da familia dos Cordes de Wandripont, da Belgica.—Veja-se *Elogio Historico de Anselmo José Braamcamp*, por J. P. d'Oliveira Martins. Porto, 1887. Em 1682, outro flamengo, certamente, escolhera sepultura na egreja do convento, bem como em 1604 um subdito inglez, acaso.—Sep. de *Simão Granaet* e de *Duarte Smite*, por nós citadas no primeiro dos artigos em que encetámos estes estudos.

Começa João Vanvessem (João Van-Vessen) por declarar não ser nem ter sido casado, nem ter filho nem herdeiro forçado. O testador, são de entendimento, e em saude perfeita, vendo-se chegado aos oitenta annos, determina fazer o seu testamento no proprio dia do seu anniversario natalicio (8 de setembro de 1699). Em sua companhia vive a mais velha de suas irmãs, quasi tolhida, um seu sobrinho e a mulher d'este, residindo todos em umas casas pelo testador compradas, cujo local, porém, o testamento no declara[3]. Este seu sobrinho chama-se Antonio Luis de Cordes[4], e é a elle que o testador institue por universal herdeiro dos bens que não forem de raiz, e egualmente seu testementeiro, com obrigação de 2.000 missas por alma d'elle testador, ditas aonde ao seu herdeiro parecer, não se lhe podendo tomar contas antes de tres annos, e ainda assim, só por mêro juramento de cumprida. Espera o testador que o referido seu sobrinho e sua mulher, D. Joanna, continuem a acudir á mencionada sua irmã com o mesmo affecto que lhe teem sempre patenteado, nada mais tendo a recommendar-lhes a este respeito. Determina que o seu corpo seja amortalhado no habito de S. Francisco, e levado á sepultura que designa —e logo se verá onde é—, com 20 clerigos sómente, «*e a cavallo por ser longe*»; dando-se, outrosim, seis mil réis de offerta e direitos parochiaes ao parocho ou parochos da freguesia d'elle testador.

Taes são as disposições do testamento de João Vanvessem, e o determinado ácerca dos bens livres.

Vejamos agora que destino dá o nosso testador aos bens de raiz:

Antonio Luis Cordes, seu sobrinho e seu herdeiro, era filho de um outro seu sobrinho chamado Balthasar Telles Sinel. Este, que parece ser já fallecido ao tempo do testamento a que nos vamos referindo, instituira um morgado. É a esse morgado que o testador determina que sejam annexados todos os bens de raiz que ao tempo da sua morte possuir.

Ora, entre estes está a «sacristia do convento de Nossa Senhora da Quietação das Freiras Flamengas de Alcantara», constituida em capella sepucral por elle testador para si e seus descendentes. As obrigações unicas que ficaram inherentes a esta annexação ou doação foram: a de mandar o administrador do vinculo dizer uma missa todos os annos na dita capella, em dia da Exaltação da Santa Cruz, por tenção do testador, e a de ministrar o azeite para a alampada.

Vejamos agora como pertencia a João Vanvessem a capella de que se tracta. Fale o proprio testador: «Declaro que eu *reedifiquei* e fis como de novo a sacristia do convento, etc... em que gastei muitos mil

---

[3] Ficou tradicção que eram no alto de S. Catharina, e que foram tragadas pelo Terremoto de 1755, sendo depois d'esta epocha que um dos successores fundou o palacio do Campo de S. Clara, conhecido no vulgar d'aquelles sitios pelo palacio do *Cordas*, e que pertence desde alguns annos ao ex.mo Visconde de Correa Godinho.

[4] Era secretario no Desembargo do Paço, repartição do Alemtejo e Algarve.— Carvalho, *Corographia*, Tom. III, Tit. XII—*Do Desembargo do Paço*.

cruzados, em caixões (arcases), espaldares, paineis, alampada e capella e um carneiro para sepulturas, de que as Religiosas me fizeram doação, assignada na patente de licença do seu Provincial, para a nomear em quem me parecer...»

O que resta ainda nesta capella justifica sufficientemente a declaração do testador, quanto ao muito que lhe custou a reedificação, mas mostra tambem que nem tudo que elle lá deixou existe ainda.

Das paredes foram evidentemente retirados alguns quadros e falta a alampada a que o testador se refere na enumeração dos artigos com que ornara a capella, enumeração que prova, aliás, um gosto delicado e testemunha quanto o doador prezava as bellas artes. Sobre o merecimento dos quadros que ficaram nada direi. O retabulo do altar já não é hoje possivel discriminar sequer o que representasse. Uma torre, uns cavalleiros; é tudo o que confusamente se entrevê sob uma oleosa e tão farta camada de verniz, que chega a parecer que resuma e escorre na téla. Nos quadros grandes que guarnecem os arcases, e que me parecem fracas pinturas, não descobri assignatura.

Ainda João Vanvessem se refere no seu testamento ás obras que fez na quinta do sobrinho, Antonio Luis de Cordes, e capella annexa, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, sita em Barcarena, deixando esssas bemfeitorias annexadas ao morgado.

Carvalho da Costa, tratando da freguezia de S. Pedro de Barcarena, nada diz a respeito d'esta quinta; mas João Baptista de Castro menciona-a effectivamente como pertencendo a Antonio Luis Sinel de Cordes. É nesta quinta que ainda hoje reside o digno representante directo d'esta familia, o ex.^{mo} sr. Balthasar Sinel de Cordes, ao qual devemos a fineza de nos patentear o testamento do seu venerando antepassado, a que nos temos referido.

Mais duas palavras a respeito d'este curioso documento, e fecharemos.

Dissemos que é uma autobiographia. Ponhamos aqui, pelas proprias palavras do seu auctor, a prova do nosso dito. O ancião respeitavel que a escreveu merece bem este testemunho da nossa consideração. Sem que venham alli de necessidade aquelles periodos, conhece-se que o testador quiz como que deixar nelles o attestado dos longos e importantes serviços que prestara á corôa e ao estado, desvanecendo-se perante os vindouros com justa ufania nessa revista derradeira da sua vida, feita em tão solemne momento, do longo caminho tão humildemente começado, e rematado tão alto. Bem se poderá crêr que tal fortuna proceda de grande reputação de probidade e de honradês principalmente, de que o testador gosasse, se attentarmos no caracter das commissões que exerceu, fóra da carreira da magistratura, na qual subiu ao ultimo fastigio. Diz, pois, João Vanvessem, após ter disposto dos bens que não eram de raiz:

«Entrei a servir nos logares de lettras em 3 de março de 1648, e no anno de 1650, vindo a armada do parlamento de Inglaterra a

esta barra, Juiz de fóra que era de Cintra, assisti a maior parte d'este anno em vigias, conducções de soldados e fiz com a gente da ordenança 300 braças de trincheira na praia de Alcorvim.

«Servi de Juiz de fóra na cidade Leiria, fui despachado por desembargador dos aggravos para a relação do Brasil, e depois por juiz dos feitos da corôa e fazenda. E estando neste serviço mandou S. M. que, sem dar escusa alguma, fosse a Pernambuco tirar devassa de como e por que causa fora expulso o governador Jeronymo de Mendonça, o que satisfiz, com grande perigo de minha vida, por estar a gente d'aquella capitania amotinada, e me livrou Deus Nosso Senhor da morte que me quizeram dar, e vim para este reyno por consulta do conselho da Fazenda».

Refere ainda João Vanvessem de como foi mandado a Beja, para cobrar o *dinheiro dos christãos novos*, e remata declarando ter entrado na casa da supplicação, «onde servi de corregedor do civel da côrte e desembargador dos aggravos e Provedor da Fazenda. E promovido ao logar de conselheiro da fazenda, fui servir de Provedor da Alfandega, *onde assisti ha mais de treze annos*».

Carvalho da Costa, na sua *Corographia*, tratando do Tribunal da Alfandega, parece indicar que este cargo andava em propriedade hereditaria nos descendentes do célebre secretario de estado Diogo Soares, cujo bisneto, João Pedro Soares Coutinho, era o Provedor do tempo em que o auctor da *Corographia* publicava o seu livro (1712). João Vanvessem, porém, declarando em 1699 ter sido Provedor da Alfandega em 1686, isto é, treze annos antes, contraría inteiramente a genealogia aduaneira dos Soares. Póde ser tambem que, tendo o pae d'esse Coutinho fallecido sendo ainda menor o filho, fosse João Vanvessem encarregado interinamente da Provedoria, até que proprietario do cargo (?) chegasse a edade propria para tomar conta d'elle[5].

Fique, em todo o caso, registado tambem que o Provedor e Feitor-mór das Alfandegas do reino, em 1624, era um tal Diogo das Povoas. Assim o lemos em a nota de pag. 136 do tom. III dos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, do sr. Freire de Oliveira. Trata-se no documento, que a referida nota transcreve, das instrucções dadas por Filipe II a D. Jorge de Mascarenhas, presidente da camara d'esta cidade, para o estabelecimento da companhia para o commercio da India, Mina e Guiné, empreza que não foi por deante. A junta que o reinante castelhano nomeava para tratar da organisação da alludida companhia era composta do sobredito presidente, do desembargador João de Frias Salazar, vereador, do referido Provedor Diogo das Povoas e de varios outros sujeitos, fidalgos e homens de negocio, intelligentes

[5] Um funccionario da categoria de João Vanvessem, não pode deixar de ser facil, relativamente, a quem quer que tenha lazer para buscas e gosto para pesquisações, o encontral-o, mesmo apezar do grande desastre de 1755, que consumiu tanto elemento para a reconstituição do nosso passado.

e praticos de mercancia. E achar no seu caminho um homem d'estes, e ir-lhe por assim dizer, nas pingadas, é entrar no conhecimento de muita curiosidade não sabida, de muito facto ignorado, de muitas circumstancias, emfim, do nosso viver intimo cuja historia singularmente ajudaria a recomposição de um seculo.

Ahi ficam, pois, estes retalhinhos autobiographicos á disposição dos curiosos commentadores, e a lembrança que elles suggeriram á mercê de quem tiver, para pol-a em pratica, o tempo e occasião que, infelizmente nos faltam.

Março, 1889.

GOMES DE BRITO

NOTA AO ARTIGO «O CONVENTO DAS FLAMENGAS, EM ALCANTARA. OS ARCHITECTOS FRIAS»

(*Rev. Arch.*, II, p. 77 e 124)

Meu caro amigo

Creio que posso considerar resolvida a dúvida que exprimi no ultimo dos meus artigos ácerca dos architectos Frias. Parecia-me incongruente que tendo Theodosio de Frias fallecido em 1624, segundo se suppunha da data do seu epitaphio, que ainda em 1633 estivesse requerendo certas mercês, e já appellava para a existencia de um *terceiro* Theodosio de Frias. O que induziu a erro foi o estar gasta ou quebrada no epitaphio a parte inferior do terceiro algarismo da data annual do fallecimento de Theodosio. O proprio Raczynski esclarece o caso no seguinte artigo:

«SILVA (*François da*), architecte. «On conserve une patente par la quelle Philippe III, vu le talent de François da Silva en architecture et les services qu'il a rendus, le nomme architecte en remplacement de Louis de Frias: ce dernier, étant promu à l'emploi de maitre de ses palais de Lisbonne, le premier recevra le même traitement que Frias; savoir: 50,000 réis (1634), *Livre 25 de Philippe III, f. 411*».

Por conseguinte está tudo esclarecido. Luis de Frias succedeu a seu pae Theodosio de Frias no logar de mestre das obras dos «meus paços de Lisboa» quando este morreu, isto é, em 1634, e para o logar de architecto, que ficou vago pela promoção do filho de Theodosio é nomeado o tal Francisco da Silva. Logo que for á Torre tratarei de

ver a data do alvará, uma vez que Juromenha, evidentemente o inspirador d'este artigo, só deu o anno.

Nada mais tenho, por agora, a accrescentar, senão que, como se segue d'esta rectificação, é 1634, e não 1624 a data que deve ler-se na campa de Theodosio de Frias, que se vê no corpo da egreja das Flamengas.

Teu amigo certo e grato

T/C, 14 de fevereiro, 1889.

GOMES DE BRITO

BIBLIOGRAPHIA

PERIODICOS

(As publicações, com cuja troca se honra a REVISTA ARCHEOLOGICA, *são mencionadas pela ordem da recepção)*

ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES LETTRES. Comptes rendus des séances de l'année 1888. Quatrième Série, Tome XVI. Bulletin de Juillet-Août.

Séances de Juillet-Août.—Communications: XXXI *Première lettre sur une inscription française, découverte à Saint-Jean-d'Acre,* par M. Clermont-Ganneau.—XXXII *Sur plusieurs textes grecs récemment découverts, relatifs à l'histoire des Blémyes.* par M. Jules Baillet.—XXXIII *Les anciens Teutoniques et l'ordre de Saint-Jean de Jérusalem,* par M. J. Delaville le Roulx.—XXXIV *Note sur la chronologie étrusque,* par M. H. d'Arbois de Jubainville.—XXXV *Sur une rondelle de plomb trouvée dans une tombe romaine d'Afrique,* par M. Philippe Berger.—XXXVI *Milliaire de Tétricus le fils trouvé à Barbaïra* (Aude), par M. Héron de Villefosse.—XXXVII *Inscriptions romaines découvertes à Volubilis (Maroc),* par le même.—XXXVIII *Deux épitaphes romaines des années* 368 *et* 402, par le même.—XXXIX *Lettre sur un carreau de terre cuite découvert en Tunisie,* par M. Clermont-Ganneau.—XL *Seconde lettre sur une inscription française découverte à Saint-Jean-d'Acre,* par le même.—Appendice n.° II, *Rapport du secrétaire perpétuel de l'Académie des inscriptions et belles-lettres, sur les trauvaux des commissions de publication...*—Livres offerts.

REVUE ARCHEOLOGIQUE, publiée sous la direction de MM. Alex. Bertrand et G. Perrot.—Troisième Série.

Tome XII, Novembre-Décembre, 1888.

Texto: *Les Gaulois dans l'art antique et le sarcophage de la vigne Ammendola,*

par M. Salomon Reinach *(à suivre).—Le camp et le praetorium de la* IIIe *légion auguste à Lambèse*, par M. R. Cagnat *(à suivre).—Sur le nom du bronze chez les alchimistes grecs*, par M. Berthelot.—*Fastes éponymiques de la ligue thessalienne. Tages et stratèges fédéraux*, par M. Paul Monceaux *(suite).—Le poisson dans les pierres gravées*, par M. F. de Mély.—*L'ère de Yezdegerd et le calendrier perse*, par M. E. Drouin *(à suivre).—Inscription gravée sur le pied d'un vase tarentin*, par M. W. Helbig.—*Les dépôts de cendres de Nalliers (Vendée)*, par M. Louis de Fleury.—*Deux fausses antiquités chaldéennes*, par M. J. Menant.—*L'estampille ronde de la flotte de Bretagne trouvée à Boulogne-sur-Mer*, par M. V.-J. Vaillant.—*Bulletin mensuel de l'Académie des inscriptions.—Société nationale des Antiquaires de France.—Nouvelles archéologiques et correspondance.—Bibliographie.—Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité romaine*, par M. R. Cagnat.

Estampas: XXII-XXIII. *Sarcophage de la vigne Ammendola.*—XXIV. *Porte septentrionale du camp ae Lambèse.*

Tome XIII, Janvier-Février, 1889.

Texto: *Le camp et le praetorium de la IIe légion auguste, à Lambèse (suite)*, par M. R. Cagnat.—*Les Gaulois dans l'art antique et le sarcophoge de la Vigne Ammendola (suite)* por M. Salomon Reinach.—*De quelques monuments antiques relatifs à la suite des affaires criminelles*, par M. Edmond Le Blant.—*Œnochoé du Musée du Louvre signée par le peintre Amasis*, par M. E. Pottier.—*Études sur quelques cachets et anneaux de l'époque mérovingienne (suite)*, par M. M. Deloche.—*Fastes eponymiques de la ligue thessalienne. Tages et stratèges fédéraux, (suite et fin)*, par M. Paul Monceaux.—*Le bas-relief mitriaque de Pesaro*, par M. Albert Lebègue.—*La stèle de Menschieh*, par M. J. Baillet.—*Les inscriptions de Naucratis*, par M. Mallet, *(à suivre).—Statistique monumentale du département du Cher. Conclusions. Histoire de l'Architecture dans le département du Cher*, par M. Buhot de Kersers.—*Bulletin mensuel de l'Academie des inscriptions.—Société nationale des Antiquaires de France.—Nouvelles archéologiques et correspondence.—Bibliographie.—Revue des publications épigraphiques relatives à antiquité romaine*, par M. R. Cagnat.

Estampas: I-II. *Plan et vue du praetorium de Lambèse.*—III. *Fresque de Pompei.*—IV. *Œnochoé du Musée du Louvre.*

BULLETTINO DELL IMPERIALE ISTITUTO ARCHEOLOGICO GERMANICO. Sessione romana. Vol III. Fasc. 3 e 4. Roma 1888.

Fasc. 3.—F. Duemmler, *Vasensherben in Aeolis* (Taf. VI).—A. Mau, *Scavi di Pompei* (Tav. VII), Ch. Huelsen, *Il sito e le iscrizione della Schola Xantha sul Foro romano* (Tav. VIII), *Miscellen.*

Fasc. 4.—G. Jatta, *La gara di Tamiri con le Muse* (Tav. IX),—A. Michaelis, *Le antichità della città di Roma descritte da Nicolao Muffei.*.—F. Studniczka, *Die archaische Artemisstatuette aus Pompei* (Taf. X).—E. Petersen, *Commodo e Tritoni.*—T. Mommsen, *Miscellanea epigrafica—Sitzungsprotocolle.*

REVUE DE L'ART CHÉTIEN. Lille. Société de S^t. Augustin.—32me année, 1889. Tome VII, 1re livraison.

Texto: *Note sur un dessin original du XVe siècle appartenant au Chapitre de Rouen*, par l'abbé Sauvage.—*Les croix stationnales de la basilique du Latran, à Rome,*

par Mgr X. Barbier de Montault.—*Excursion de la Gilde de St-Thomas et St-Luc dans le Nord de l'Allemagne* (2me article), par Jules Herbig.—*Éléments d'iconographie chrétienne. Types symboliques* (cinquième article), par L. Cloquet.—*Mélanges.*—*Travaux des Sociétés savantes.*—*Bibliographie.*—*Périodiques.*—*Index bibliographique.*—*Chronique.*

Estampas: I. *Fac-simile d'un dessin original du* XVe *siècle appartenant à la bibliothèque capitulaire de Rouen.*—II. *Plan de la cathédrale d'Halberstad.*—III. *Une page enluminée du pontifical de Ferry de Clugny.*—IV. *Fragment de peintures murales à l'église de Saint-Martin à Hal.* (Suite aux pl. XV, XVI et XVII de l'année 1888).

Boletin de la Institucion Libre de Enseñanza. Madrid. Tomo XII, n.os 283–290.

Boletin del Centro Artistico de Granada. Tomo III, n.os 55–56. (Numero extraordinario publicado com motivo del III centenario de la muerte de Fray Luis de Granada), 57 a 59.

O Occidente. Revista illustrada de Portugal e do extrangeiro. 12.º anno. Vol. XII. 1889, nos 361 a 369.

Traz, entre outros, o seguinte artigo que pode interessar á archeologia:

N.º 361, *Villa da Freira,* (com 4 gravuras) por M. M. Rodrigues (*conclue no n.º* 362).

Revue Épigraphique du Midi de la France. (Publicada pelo sr. A. Allmer, em Vienna (Isère)). N.º 51.—Octobre, novembre, décembre 1888.

Contêm este numero muitas inscripções do sul da França, e o começo d'um artigo do sr. Hirschfeld *Contribution à l'histoire du culte impérial chez les romains.*

O CASTELLO ROMANO DE VALLONGO.

(Estampa VI)

Fica a 18 kilometros a oriente de Evora, pelo caminho mais direito. Tal caminho é má carreteira e será melhor tomar pela estrada de Reguengos; mais 2 ou 3 kilometros compensados pela commodidade do transito. A nova estrada que de Evora conduz á florescente villa de Reguengos é uma longa avenida, entre duplas filas de eucalyptos, colleando sobre as largas ondulações das terras de pastagem, das *folhas* de cereaes, de vinhedos novos, de manchas de matagal dia a dia mais reduzidas.

A estrada corta o Degebe pela ponte do Albardão, entre grandes fragas escuras, de pittoresco aspecto; passada a ponte toma-se uma carreteira á esquerda, é o caminho de Montoito: atravessa-se um montado, cortam-se umas terras de pão; chega-se a uns altos e olhando á esquerda prende a vista aquella construcção antiga, robusta, tisnada e altaneira, tão diversa dos *montes* alemtejanos, das casas das herdades, em geral baixas e muito caiadas.

É o castello real, ou o castello velho de Vallongo. A pouca distancia alveja a egreja da freguezia de S. Vicente.

Na carta da Commissão geodesica está marcado o Castello real.

Occupa a chapada de um cerro não muito alto mas ingreme, de accesso difficil. Pela base do cerro passa uma pequena ribeira; a sége sobe a custo a ladeira que vae terminar na porta da castello; as outras faces do quadrado são apenas accessiveis a peões. Não tem vestigios de fossos; ou o tempo os apagou, ou não os julgaram precisos visto o rapido declive do outeiro.

Aquelle castello já em documentos do começo do seculo XIV é chamado *velho*. No «Livro dos herdamentos do cabido» (Documentos historicos da cidade de Evora, 1.ª parte, pag. 44) assim apparece designado: «Estas som as possyssões que o bispo e o cabido an de commum. Primeyramente en Euoramonte o herdamento que foy de meem pires pestana na alcrouisca e começasse no castello velho...» etc.—Era uma propriedade enorme que abrangia Montoito e a Pedra alçada; terreno hoje dividido em 15 herdades vastas. Todos os nomes locaes mencionados nesse antigo documento, Alcrovisca, valle de Mem Coca, Pedra Alçada, Montoito, estão actualmente em uso.

Em 1556 (4.º Livro dos acordos do cabido d'Evora fol. 9 v.), na divisão das quadrellas da propriedade rural, chamam-lhe Castello Real.

Ainda em 1571 o cabido mandava fazer reparos nas portas, portal e forno do castello velho (1.º L.º de lembranças do cabido d'Evora, fol. 43).

Como a planta mostra é o castello uma quadra murada, com torreões nos angulos, sendo maior e principal o que fica mais a norte e á direita da entrada. Este (B) tem dois pavimentos, e communica por escadas descobertas (J) com a quadra e com a muralha.

Toda a construcção tem o cunho romano; a entrada (A) é um arco romano elegante, de boa silharia de granito, cunhaes tambem de silhares bem faciados, tão solidos que teem mantido no seu primitivo prumo os pesados cubellos e os pannos dos muros. Nos torreões que ficam ao norte (B, D), juntaram algumas construcções, a escada de caracol (C) á torre maior, para communicar directamente dos pavimentos superiores com o exterior do edificio, e na torre menor (D) houve internamente modificação, arranjando uma construcção circular que chamam prisão (E), e assim parece ser. Nestas construcções em portas e frestas empregou-se a ogiva.

Depois juntaram umas barracas de alvenaria commum para habitações (J, J, J). Actualmente no castello não reside lavrador, e as casas são occupadas por pastores e caseiros pobres.

Mas, tanto as construcções gothicas (?), como as barracas relativamente modernas, não alteraram as linhas geraes do edificio; e o exterior conserva-se puro.

Nenhuma inscripção, nos arredores nenhuns vestigios de estrada, ou ponte; apenas tem apparecido algumas moedas romanas, bronzes dos imperadores.

GABRIEL PEREIRA

ONDE FOI A BATALHA DE OURIQUE?

I

Sabe-se que D. Affonso Henriques derrotou Exmar, chefe sarraceno, em 25 de julho de 1139, num logar chamado Ourique.

As unicas fontes «legitimas e positivas» que existem para a averiguação deste facto historico são as seguintes, que já A. Herculano coordenou [1]:

1. «In loco qui dicitur oric fuit prelium inter paganos et christianos, *preside* rege Alfonso *Portugalie* ex una parte, et rege paganorum examare ex altera qui ibidem mortem fu*giendo*... sitio enasit in die sancti iacobi apostoli mense iulii. Era M.ªC.ªLXX.ªVII.ª» (*Chronicon Lamecense* in *Port. Mon. Hist.*, *Script.* I, p. 20).

2. «In era M.ªC.ªLXX.ªVII.ª Mense iulii, die sancti iacobi, in loco qui dicitur ouric, lis magna fuit inter christianos et mauros, preside rege ildefonso portugalensi, et ex parte paganorum rege esmare, qui uictus fugam peciit.» (*Chronicon Conimbricense* in *Port. Mon. Hist.*, *Script.* I, p. 2).

3. Inquirição sobre as questões de primazia entre Braga e Toledo, na qual um certo Garcia Liufreiz de Jaraz disse que se lembrava de ter vinte annos «*tempore Belli de Aurich*» (Viterbo, *Elucid.* v. *Ladéra*).

4. «... in campo haulich V reges paganorum cum innumera eorum barbara multitudine de ultra citraque mare ut eum omnino perderent coadunata, deuicit, auxilio sibi facto diuino, ac beati iacobi patrocinio, cuius ea die sollempnitas fuisse peribetur.» (*Vita S. Theotonii* in *Port. Mon. Hist.*, *Script.* I, p. 86).

5. «Era MCLXXVII. Julio mense die D. Jacobi Apostoli fuit victoria Alfonsi Regis de Esmar Rege Sarracenorum et innumerabili prope eius exercito, in loco qui dicitur Aulic, tunc cor terre Sarracenorum, quo

---

[1] *Hist. de Port.*, I, pag. 505, nota XVI.

Na mesma nota, a pag. 509, accrescenta Herculano: «Advirta-se em ultimo logar que em nenhum historiador por nós conhecido, quer árabe, quer christão, d'aquelle tempo ou dos immediatamente proximos, se acha mencionado o successo de Ourique, sem exceptuar o proprio Rodrigo de Toledo, que na sua Historia das cousas de Hespanha dedicou um capitulo especial (L. 7, c. 6) *ás batalhas insignes do rei de Portugal, D. Affonso.*»

perrexit Rex Alfonsus: femine sarracene in hoc prelio Amasonico ritu ac modo pugnarunt, et occise tales deprehense.» (*Chronicon Gothorum* in *Port. Mon. Hist.*, *Script.* I, p. 12).

A. Herculano no logar citado discutiu e determinou definitivamente a chronologia d'estas fontes[2]; não tenho, pois, a demorar-me nesse objecto, bastando para o meu proposito tel-as apresentado segundo a ordem da sua antiguidade.

D'essas fontes o que unicamente se colhe é que, num logar chamado *Ourique*, D. Affonso Henriques combateu contra o rei moiro Exmar, que foi derrotado e posto em fuga. Dado o devido desconto ao texto n. 4 (*Vita S. Theotonii*), isto é, posta de parte a hyporbole dos *cinco reis moiros*[3] e a *innumeravel multidão de barbaros d'aquem e d'além mar*, fica-nos esta fonte egual ás antecedentes, nn. 1 e 2; o n. 3 serve apenas para provar que se deu *em Ourique* uma batalha. O texto n. 5 (*Chronicon Gothorum*) repetindo a hyperbole do *quasi innumeravel exercito* fala só do rei Exmar, mas accrescenta em compensação duas circumstancias notaveis: uma, que Ourique *era então o coração do ter-*

---

[2] Convém que o leitor desejoso de profundar o assumpto da presente memoria, conhecendo-o em todas as suas particularidades, veja a citada nota XVI da *Hist. de Port.*, em que A. Herculano discute as fontes da jornada de Ourique; e que leia tambem o artigo *Ladéra* no *Elucidario* de Viterbo.

Notarão talvez algumas pessoas que eu não alluda no texto ao célebre documento chamado *Juramento de D. Affonso Henriques*, nem ao não menos famoso *Auto das Cortes de Lamego*. Não o faço, porque está provado ha muito serem falsos esses documentos. A impostura do primeiro, apezar de inteiramente manifesta, foi posta em evidencia por fr. Joaquim de Santo Agostinho (*Mem. de Litt. da Acad. R. das Scienc.*, T. V, p. 335. Cfr. Ribeiro, *Diss. Chron.*, T. I, Diss. 2, p. 60 e seg., e T. III, P. 1, n.º 187; *Mem. da Acad.*, T. XII, P. 1, p. 75 e seg.; e *Elucid.*, v.v. *Cruz* e *Ladéra*); a falsidade do segundo documento foi definitivamente demonstrada por Antonio do Carmo Velho de Barbosa no seu *Exame critico das Cortes de Lamego* (Porto, 1845—8.º). Nem faço tambem allusão ao supposto texto árabe apresentado por Antonio Caetano Pereira, pois é sabido que foi apenas uma miseravel impostura indigna d'um homem de lettras (Vej. a *Introducção* do IV vol. da *Hist. de Port.* de A. Herculano, e o artigo do sr. D. Simbaldo de Mas na *Revista Peninsular*, V. II, p. 60, 97 e 114).

Egualmente deixei de alludir a quanto disseram outros escriptores sobre a batalha e sobre o milagre (como o bispo Cenaculo e o padre Antonio Pereira de Figueiredo), porque nada do que elles produziram a esse respeito merece a honra de ser discutido; do mesmo modo que está hoje abaixo de toda a consideração a famosa discussão, a que deu origem a mencionada nota de A. Herculano, discussão todavia não absolutamente inutil naquella epocha.

[3] Nas *Chron. brev. e mem. avulsas de S. Cruz de Coimbra* (in *Port. Mon. Hist.*, *Script.* I, p. 25) diz-se de D. Affonso Henriques: «E este muito honrado Rey foy persoalmente no grande desbarato que se fez a par de santarem quando foy morto o gram miramollim de marrocos, e desbaratados e mortos com elle treze Reys mouros com muita multidoe de mouros daalem e daaquem mar.»—O milagre da apparição de Christo a D. Affonso teria melhor cabida neste successo de Santarem do que no de Ourique. Por esta hyperbole dos *treze reis moiros* vê-se o credito que estas *Chron. brev. e mem. avulsas* merecem.

ritorio sarraceno; outra, que *as mulheres moiras combateram tambem*.

Como se vê, em nenhuma das fontes mencionadas se determina qual a posição geographica do local da batalha. Ora, havendo em Portugal tres logares do nome de Ourique, qual d'elles foi o theatro da famosa batalha?

É o que me proponho discutir e averiguar.

II

As localidades do nome de Ourique, que ha em Portugal, são as seguintes:

1—uma villa do Alemtejo meridional ao sudoeste de Beja;

2—um sitio de Lisboa, que constitue hoje um dos seus bairros, e que se chama *Campo de Ourique*;

3—um campo da margem esquerda do Mondego, a oeste de Formoselha, e que tem por nomes *Valla* ou *Campo de Ourique*.

Pode considerar-se fóra de discussão o terceiro local, já pela ponderação de ser absurdo que o rei conquistador fizesse *fossados* nas suas proprias terras; já por não haver noticia nem probabilidade de que os moiros houvessem penetrado em 1139 até á margem do Mondego.

A discussão é sómente sobre se a batalha se feriu no Alemtejo meridional, se no logar que hoje fórma um bairro de Lisboa, e que se denomina—*Campo de Ourique*.

Vejamos que peso teem as razões em que se fundamentam os que localisam a batalha na villa de Ourique.

Das fontes, já sabemos que nada dizem; da tradicção, veremos adeante que não existe.

O erudito Viterbo, porém, tratando o assumpto, adduziu o testemunho d'um documento de doação e venda d'um casal em Travansela, termo de Satão, feita a Munio Guimariz por D. Affonso Henriques em julho de 1139.

Viterbo, o illustre auctor do *Elucidario*, é considerado uma auctoridade; e bem merece o nosso respeito, a nossa veneração, este indefesso erudito, que tão grandes serviços prestou á historia patria e á sciencia. Mas nem por isso essa obra é sem *senão*. Ainda em vida do auctor, algumas vozes, poucas é verdade, attacaram alguns pontos da obra, distinguindo-se, entre todas as criticas, as brutaes aggressões d'um homem não menos notavel, que tambem é credor da nossa consideração, João Pedro Ribeiro, a quem a violencia do caracter e, cumpre confessal-o, talvez a vingança, a emulação e a inveja induziram a invectivar, quasi sempre sem razão, o insigne antiquario de Gradiz.

Viterbo, que cita pelo menos tres vezes o alludido documento

(vv. *Foro Morto*, *Fossado* e *Ladêra*), diz em duas d'ellas que o rei D. Affonso fez a doação quando *ia de caminho para o Fossado de Ladêra* (v. *Ladêra*), reproduzindo até as palavras do antigo pergaminho «*quando ibamus in illo Fossado de Ladêra*» (v. *Fossado*). O erudito, cautelloso e nunca assás louvado Viterbo commetteu todavia ácerca d'este documento dois erros: um de copia, outro de interpretação. Erro de copia, porque o original, que se conserva ainda no Archivo Nacional, não diz *ibamos* mas *ibimus*. Erro de interpretação, porque alli D. Affonso não diz que ia para o fossado de Ladêra.

Eis o documento integralmente:

«In christi nomine. Ego Infans Alfonsi filius henrici comes, et regine domna tarasia alfonsi regis magni filia, salutem in christi amen. Ideo placuit mihi per bonam pacem et voluntas ut facerem tibi munio guimaris carta de ipso casale qui fuit de gontumiro, et habet jacentia in uilla trauansela, in territorio Saatam, Et dedit nobis ipso quando ibimus in illo fossado de ladera. Et accepi in precio de te uno caballo bono, et uno manto. Habeas tu ipso casale firmiter, et omnis posteritas tua, a foro morto usque in temporibus seclorum, et nullus homo qui hoc factum meum isrumpere uoluerit in primis sit excommunicatus, et postea componat tibi in duplo, aut qui tua uoce pulsauerit, et ad illo imperatore qui illa terra imperauerit, et alio tanto iudicato. Facta carta donationis, et uenditionis, in mense Julii E. I. C. LXXVIJ. Ego Infans Alfonsi tibi munio guimaris, in hanc karta manus meas roboro. In Saatam Alcaide Raimundus garcie. In culimbria episcopus bernardus. In brachara archiepiscopus Johannes. Pro testes: Laurentius testis. Mozo testis. Pelagius testis. Gunsalus testis. Petrus testis. Menendus notuit»[4].

Como se vê, D. Affonso não fez a doação a Munio Guimariz, quando ia para o fossado de Ladêra. O doador diz, sim, que o casal de Travansela lhe havia sido dado por Gontomiro, quando fora de caminho para elle. Além d'isso, comquanto a phrase *In Saatam Alcaide raimundus garcie* não implique necessariamente que o documento foi feito em Satão, tudo concorre para a intelligencia de que elle alli foi escripto; porque, sendo desnecessaria a menção do alcaide, e extranha essa menção antes da dos prelados de Coimbra e Braga, pessoas de mais elevada cathegoria, só se pode elle explicar alli pelo facto da presença da auctoridade da terra, em que o documento era lavrado.

D. Affonso não ia pois para tal fossado, como disse Viterbo; referia-se o principe a um facto antigo para indicar a proveniencia do casal que doava. De maneira que caduca inteiramente o corolario tirado do supradicto documento pelo auctor do *Elucidario*, quando diz:

---

[4] Documento da Sé de Vizeu; no Archivo Nacional, Salla P, Caixa 51.

«Como quer que seja, parece fóra de questão, que o principe D. Affonso se ia chegando para o Campo de Ourique, onde naquelle mez e anno lançou os fundamentos solidos á Monarchia Portugueza».

A falsa, mas talvez involuntaria, interpretação de Viterbo tinha por fim tornar provavel a hypothese de D. Affonso haver passado ao Alemtejo; pois sendo o documento feito *no caminho de* Ladêra (que parece era o Rabaçal, perto da foz do Zezere), ficava até certo ponto prejudicada a difficuldade do tempo a gastar para transpor a distancia d'alli até Ourique.

Ora, havendo cem probabilidades contra uma de que a doação de que se trata foi feita ou escripta na villa de Satão, ao norte de Vizeu, embora ella tivesse sido lavrada no primeiro de julho, era quasi impossivel que o principe tivesse tempo de conduzir as suas tropas até ao sul do Alemtejo, de modo que ellas podessem entrar em batalha a 25 do mesmo mês.

Viterbo, combatendo a opinião de certo escriptor[5], que não nomêa, e que eu ignoro quem fosse, nada prova contra a allegação de que é desrazoavel «que o principe D. Affonso passasse o Tejo por entre os Mouros de Abrantes e Torres Novas, e marchando ao longo de Evora e Beja, praças temiveis naquelle tempo, fosse arrostar» as grandes forças moiriscas concentradas no Alemtejo, «ficando cerrado pela frente, pelos flancos e retaguarda,... com distancia tão enorme de Coimbra», isto é, mais de cincoenta leguas da sua côrte. O famoso escriptor illude a questão, pois que nada valem as pretendidas provas que adduz para mostrar que era facil a D. Affonso o passar ao Alemtejo (v. *Ladêra*).

É caracteristico d'um conquistador o atrevimento; mas é-lhe requisito indispensavel a prudencia. Que D. Affonso podia chegar ao Tejo é perfeitamente admissivel. Já possuia Leiria (tomada em 1135) e Ourem (1136), e os Cavalleiros do Templo tinham Thomar, segundo parece. Mas o internar-se no Alemtejo seria uma insania de que julgo incapaz o *conquistador*. São em favor d'esta opinião as seguintes datas de varias conquistas de D. Affonso:

Leiria.....	1135	(retomada pelos moiros em 1140)
Ourem.....	1136	
Batalha de Ourique...	1139	
Santarem... (março?)	1147	(é ainda cercada pelos moiros em 1184)
Lisboa..... (outubro)	1147	

[5] Já no seculo passado houve, pois, quem combatesse a jornada ao Alemtejo. Busquei conhecer a quem Viterbo se referiu, mas nada ainda poude conseguir.

Conversando ha tempo com o meu erudito amigo, o sr. Gabriel Pereira, dignissimo director da Bibliotheca Publica, mutuamente communicámos as nossas dúvidas ácerca do theatro da batalha de 25 de julho de 1139, dúvidas conformes de parte a parte. Foi essa conversação que me suggeriu a idéa de escrever a presente memoria.

Cintra.....	
Mafra.....	(outubro) 1147
Almada.....	
Palmella....	
Torres Novas	
Alemquer...	1147 ou 1148
Obidos.....	
Evora.....	1150 (retomada pelos moiros, reconquistada em 1166)
Beja.....	1150 (abandonada, e retomada em 1162)
Alcacer do Sal. (julho)	1158
Elvas.....	1166 (é retomada pelos moiros)
Moura e Sérpa.....	1176

O unico ponto onde D. Affonso poderia passar o Tejo seria entre a Barquinha e a foz do Zezere. Ao occidente, desde Torres Novas para o sul, e ao oriente, desde Abrantes, tudo estava em poder dos moiros. Aquelle ponto era o unico que poderia offerecer passagem (e ainda assim difficilmente). Por isso, é por alli que todos os historiadores da batalha de Ourique fazem passar D. Affonso. Mas, como acreditar-se que os moiros de Torres Novas, de Abrantes, de Santarem, de Almeirim, Salvaterra, Mafra, Lisboa e Coruche, de um lado; e por outra parte os moiros do Crato e de Aviz, de Extremoz e de Elvas, de Montemór e de Evora, de Alcacer e de Palmella, de Cacem, de Moura, de Beja, de Serpa, de Mertola e de Alcouchel, deixassem penetrar o christão até aos confins do Alemtejo? Para tal succeder seria preciso que D. Affonso viajasse incognito apenas com alguns amigos. Mas que elle penetrasse com um exercito até ás alturas de Mertola, sem que a moirama que encontrava tentasse tolher-lhe o passo, e sem que toda a moirama que deixava atraz de si se congregasse para cortar-lhe a retirada, o que não era difficil, é muito mais que inverosimil, toca as raias do impossivel. Para que lhe não impedissem a volta, seria necessario que os moiros de todas aquellas povoações acima indicadas ignorassem o seu movimento, o que ninguem de juizo são pode admittir. O terrivel D. Affonso já havia tornado o seu nome muito célebre, e os seus fossados incutiriam certamente grande temor nos moiros; mas nem por isso elles deixariam de aproveitar uma occasião tão propria para fazerem grande estrago nas suas tropas e porventura destruirem de vez o seu terrivel inimigo.

Admira que A. Herculano, tendo certamente conhecido o documento acima transcripto, não haja notado a falsa interpretação de Viterbo, nem haja meditado um pouco na subscripção d'elle. Se o houvera feito, d'outro modo teria tratado o objecto. Ainda assim, o nosso primeiro historiador reconhecia as difficuldades da empreza attribuida a D. Affonso, e sobretudo achava extraordinaria a rapidez com que a executara, como elle o deixa claramente entrever nas seguintes pala-

vras: «Comecemos por nos recordarmos de que ainda nos principios do mez de julho o principe português não tinha saido dos seus dominios, onde então fazia mercês (*Elucid.*, v. *Ladêra*), e de que a 25 se deu a batalha. Assim, é necessario que em vinte dias, pouco mais ou menos, o exercito christão passasse o Tejo, que Esmar soubesse da invasão...» etc.[6] Mesmo que D. Affonso houvesse saido de Coimbra, ou ainda de Leiria, era para admirar a rapidez com que teria effectuado a travessia até ao fundo do Alemtejo; calcule-se, pois, como se não tornaria mais maravilhosa ainda a jornada se elle partisse de Satão, perto de Vizeu!

É um exemplar da Chronica dos godos, que pertencia a Resende, que traz desinvolvidamente as peripecias da batalha de Ourique, sem que todavia ahi se mencione a posição geographica do local da batalha. Herculano, na nota a que me tenho referido, determinava optimamente o valor d'elle. Ainda assim, o grande historiador, foi muito benevolo para o escriptor quinhentista, ao dizer: «O exemplar de Resende foi, sem dúvida, enfeitado e paraphraseado posteriormente, não dizemos por elle, mas por alguem». Não subscrevo a tal opinião. Resende, que tantas inscripções falsificou, para tornar célebre a sua terra natal, como hoje está demonstrado, mais facilmente haveria falsificado uma passagem da sua copia do *Chronicon Gothorum*. Fosse ou não Resende o falsificador, elle tinha interesse em fazel-o. Basta ler o capitulo *De Orichiense Agro*[6] no livro quarto da sua obra para se reconhecer quanto lhe convinha fundamentar em documento antigo a sua extravagante narrativa, que nem merece ser criticada. Ora foi a Resende que D. Sebastião incumbiu de fazer a inscripção commemorativa da batalha, ao passar por Ourique, onde não havia monumento algum que attestasse que ella alli se ferira: «Nullum ibi erectum trophaeum, nullam inscriptionem...»; só alli havia uma humilde capella, arruinada. A existencia da capella nada significa; era um dos muitos sanctuarios antigos que abundavam e abundam ainda por toda a parte[7].

Das datas de conquistas feitas abaixo do Tejo, atraz mencionadas, vê-se, além da difficuldade da passagem até ao sul do Alemtejo, que teria sido absolutamente inutil o seu feito d'armas, que não pode ser explicado, e portanto muito menos pode ter justificação.

Uma das maiores (!) objecções, que oiço sempre erguer a favor da collocação do theatro da batalha, no Alemtejo, é que isso é uma tradicção

[6] Herculano, *Hist. de Port.* I, p. 507, nota XVI.

[7] Resendii, *De Antiquit. Lusit.* (Eborae, 1593), p. 209 e seg. Os monumentos (arco e inscripção), que Resende diz foram feitos por ordem de D. Sebastião, nunca existiram senão na mente do falsario auctor. Vej. o que disse o Marquez de Abrantes na *conferencia de* 31 *de julho de* 1721 da Academia Real da Historia.

muito antiga. Mas nem a critica scientifica acceita objecções d'esta natureza, nem é verdadeiro que a apregoada tradicção tenha fundamento.

Até 1290 nada se sabe ácerca da villa de Ourique; todos os escriptores que teem falado da batalha e da povoação são concordes em o affirmar. É aquella data a mais antiga em que apparece menção da villa, no foral que lhe foi dado por D. Diniz. Era natural, naturalissimo, que, nesse foral, houvesse alguma allusão, por mais leve que fosse, á batalha, se ella alli se houvesse ferido. Entre 1139 e 1290 decorreram apenas cento e cinquenta annos, espaço de tempo sem discussão insufficiente para fazer desapparecer a memoria do successo, se elle houvera tido importancia; e no caso de alli ter sido o theatro da batalha, alguma coisa se diria relativamente a ella. Mas a verdade é que nem mesmo o foral de Ourique tem uma fórma ou redacção especial; é elle simplesmente um foral do typo de Evora, «forum et costume de Elbora», do que poderá certificar-se quem, como eu o fiz, o examinar no Archivo Nacional.

Assim, a tradicção da batalha na villa de Ourique não era conhecida em 1290.

Nem pode prejudicar este modo de ver o dizer-se que a batalha se não deu em Ourique mesmo, porém num sitio visinho. É só num documento relativamente moderno que se encontra a indicação geographica do local da batalha. Nas *Chronicas Breves de S. Cruz de Coimbra* lê-se:

«E depois que todo esto ouue feito, ajuntou todas suas gentes e foy sobre os mouros e correlhes a terra toda des coimbra atee santarem, e dassy pousou ho teio e correo toda a terra ataa o canpo dourique honde achou elRey ismar, que assa sazom era Rey, com cinquo reis que o uinham buscar em sua ainda sabendo o grande dapno que lhes fazia em sua terra, e entrou com elles em batalha em o logar que he dicto crasto uerde, e uence os, e matou e prendeo a maior parte de todas suas gentes»[8].

Mas é sabido que a compilação de memorias, onde se encontra esta indicação, foi feita na segunda metade do seculo XV[9], perdendo por isso toda a auctoridade.

Logo, sendo a tradicção desconhecida ainda em 1290, e apparecendo depois de 1450, foi neste periodo que ella se formou.

O nome de *Ourique*, de que varios escriptores teem querido tambem lançar mão para affirmar a grandeza do acontecimento e localisal-o no Alemtejo, nada nos diz. Nos *Vestigios da Lingua arabica em Portugal*, por fr. João de Sousa, accrescentados por fr. Joaquim de Santo Antonio Moura, encontra-se o seguinte artigo d'este ultimo au-

[8] *Chron. brev. e mem. avulsas de S. Cruz de Coimbra*, in *Port. Mon. Hist., Script.*, I, p. 27. Cf. p. 24, e p. 25.

[9] *Port. Mon. Hist., Script.*, I, p. 23.

ctor: «Ourique اريق *Orique*. He nome de Lugar. Villa assim chamada no Bispado de Beja.» Nada dizendo da sua etymologia, e suspeitando eu que esse nome era um appellativo, em razão de encontral-o em tres localidades de Portugal, e tão distantes entre si, consultei o meu illustre amigo, e insigne antiquario e arabista, o sr. D. Eduardo Saavedra, o qual me communicou[10] o seu parecer nas seguintes palavras:

«Nunca he visto escrita en árabe la palabra Ourique, aun cuando no afirmo que no esté en algún libro. Asi es que solo por conjetura puedo decir que su significación debe ser عريق diminutivo de عرق que equivale á montaña y á filon de mineral.»

III

O successo de Ourique é facilimo de historiar, com todo o rigor da critica.

D. Affonso, que precisava de augmentar pela conquista os seus dominios, e que só para o sul podia luctar com vantagem, o que é obvio, foi lentamente descendo para o Tejo, sempre com a mira na cidade de Lisboa, a mais forte de todas as praças moiriscas acima do Tejo, e a mais importante cidade do occidente da peninsula pela sua posição geographica, e que verdadeiramente podia ser classificada de coração da moirama «tunc cor terre sarracenorum». Possuindo já Leiria e Ourem, num ou noutro d'estes castellos planeava fossados que executava com habilidade e fortuna. Era o *fossado*, como se sabe, uma correria com mão armada, feita com o fim de «talar, ou colher as novidades, e fructos, que os inimigos havião agricultado. Para este fim apoderados do campo, se entrincheiravão ligeiramente em vallos, ou fossos, contendo-se unicamente na defensiva, e guardando as costas aos que se occupavão na extracção dos fructos, e forragens»[11].

O espirito ardente, aventureiro, tenaz de D. Affonso não podia repoisar com a idéa da conquista de Lisboa. Mas uma tal empreza offerecia enormes difficuldades; tão grandes eram ellas que só em 1147 conseguiu fazer tremular na cidade do Tejo o seu pendão, e ainda assim precisou para isso do auxilio dos cruzados. Ora, pretendendo D. Affonso apoderar-se de Lisboa, um dos seus primeiros passos era necessariamente *reconhecel-a*. Elle proprio, como bom general, que cal-

[10] Sobre a fórma apresentada por Moura, diz-me o mesmo eximio arabista: «No he encontrado en ninguna parte la lectura arabiga de Ourique que da Moura. En árabe no significa nada, y la raiz á que puede referirse significa tener ciertas enfermedades, como ictericia ó imsomonio».

[11] Viterbo, *Eluc.*, v. *Fossado*.

culava as difficuldades da empreza pelas informações recebidas, quiz naturalmente proceder ao reconhecimento, antes de tentar uma acção. Para isso levantou as suas tropas e partiu de fossado sobre Lisboa.

Os que defendem a batalha de Ourique, no Alemtejo, não podem contestar esta opinião sob pretexto algum; pois, quaesquer que fossem as difficuldades de D. Affonso para chegar até Lisboa, eram extraordinariamente menores do que para penetrar até quasi á serra de Monchique. Sabido de mais a mais que elle ainda em começos de julho estava em Satão, é quasi impossivel julgal-o no fundo do Alemtejo em 25 d'esse mês.

Havendo descido de Satão a Coimbra, e d'ahi a Leiria ou Ourem, D. Affonso não tomou certamente o caminho de Thomar, pois d'ahi para Lisboa teria de seguir o Tejo, o que seria inexequivel. Elle não se achava ainda com forças sufficientes para atacar as praças moiriscas que por esse lado encontraria; e por outro lado, sendo o seu fim só reconhecer Lisboa, nada mais lhe importava do que atemorisar o inimigo com um golpe de mão ousado no âmago do seu territorio, mas d'onde podesse retirar a salvo depois de talar os campos e dizimar a população rural.

Tomou, pois, para o sul por uma linha intermedia a Torres Novas e Obidos, deixou á esquerda Santarem, passou entre Alemquer e Torres Vedras, deixou á direita Mafra e Cintra e veiu acampar no alto ou Campo de Ourique, em frente e a tres kilometros da cidade.

Entrincheirado naquella optima posição, as suas tropas assolam os arredores da forte cidade, avexam e destroçam a população suburbana; e o rei, do seu ponto estrategico, observa a cidade, mede a altura de suas muralhas, avalia a fortaleza d'ellas, calcula o meio e o logar do assedio, planêa os movimentos de ataque, e pesa as difficuldades do assalto.

Os moiros da cidade, irritados com o arrojo d'um fossado alli mesmo ás portas de Lisboa, vendo os campos assolados, e a população suburbana maltratada e saqueada, animados por se reconhecerem superiores em numero á força inimiga, tentam uma sortida que, segundo pensam, deve pelo menos afugentar os christãos. Exmar (Ismar? Ismael?), governador ou *wali* da cidade, talvez porque sabe que Ibn-Errik dirige o fossado, commanda em pessoa as suas forças, ou para melhor conseguimento da empreza, ou pelo desejo ardente de derrotar o temivel christão.

Exmar é, porém, infeliz. Os portuguezes levam os moiros de vencida; nem a estes lhes vale o auxilio da população suburbana, chegando a combater as proprias mulheres, «femine sarracene in hoc prelio Amasonico ritu ac modo pugnarunt et occise tales deprehense», se é verdadeira esta circumstancia do *Chronicon Gothorum* (o que todavia não é muito para admirar, pois, como se lê em Casiri, que Herculano cita, as mulheres almoravides entravam ás vezes nos combates auxiliando as tropas). Exmar, vendo perdida a victoria, recolhe-se, com

grande difficuldade e precipitadamente, á cidade, «ibidem mortem fugiendo... sitio evasit» *(Chron. Lam.)*.

Bem grandes seriam os desejos de D. Affonso de atacar a cidade. Mas a prudencia conteve-o. Reconheceu que as suas tropas não eram sufficientemente numerosas; que a cidade era fortissima (sabem-se as difficuldades que houve em 1147 para a sua tomada), e bem defendida; e sobretudo que, embora conseguisse apoderar-se de Lisboa, não tardaria a ser ahi cercado pela moirama que accorreria de Santarem, de Mafra, de Cintra, de Almada, de Palmella, etc. O que mais lhe convinha era retirar para o seu territorio, antes que a noticia da victoria produzisse algum levantamento de moiros; e é isto que D. Affonso fez, o que é natural, assolando outra vez os campos na retirada.

O facto d'um reconhecimento feito a Lisboa por D. Affonso, em 1139, é tanto mais plausivel que parece ser confirmado pelos acontecimentos que se seguiram e de que nos deixou noticia o *Chronicon Gothorum*.

Em 1140, o vencido de Ourique, Esmar, sabendo que D. Affonso levára as suas armas á Galliza e experimentára revezes, julga a occasião propícia para tirar a desforra do desbarato soffrido. Por isso foi accommetter o castello de Leiria[12], de que se apoderou, e que destruiu, matando parte da guarnição e fazendo captiva outra parte. A vingança de Esmar não se satisfez só com a tomada de Leiria; foi ainda atacar e destruir Trancoso. Felizmente para os portuguezes, D. Affonso desceu rapidamente do norte e em dois combates successivos desbaratou os sarracenos.

D. Affonso, que (como é sabido e fica notado) mirava sobretudo á conquista de Lisboa, havendo derrotado Esmar em Ourique (1139) e em Trancoso (1140), neste mesmo anno ou em começos do seguinte[13] fez uma tentativa para se apoderar de Lisboa, auxiliando-se para isso d'uma armada franceza de setenta navios, que se dirigia á Terra Santa, e que por motivo ignorado aportou ao Douro. «O principe português resolveu então commetter os sarracenos pelo districto de Santarem. Tractou o negocio com os capitães da frota, que levantou ferro e, descendo ao longo da costa, entrou na bahia do Tejo, emquanto um exercito, marchando por terra, se aproximava de Lisboa. Era o logar forte e bem defendido, como o tempo mostrou, e as forças do rei de

---

[12] «Sequenti An. cum Alfonsus esset apud Tuden Galletie occupatus, Esmar subito missis copiis Leirenam cepit et succendit.» *Chron. Gothorum*. Veja Herculano, *Hist. de Port.*, p. 331 e p. 510, nota XVII.

[13] «Eodem Tempore obsidetur Olisipo ab Alfonso Henricio auxilio LXX. nauium gallicorum, qui terram sanctam nauigabant, et peruenerunt ad Portum Gaie, et intrauerunt Durium, sed tunc urbs capi non potuit, suburbana tamen et ager direptus et vastatus.» *Chron. Gothorum*, l. c.

Portugal juntas ás dos cruzados insufficientes para conquistal-o. Devastados os seus arredores, a armada velejou para o Estreito, e o exercito recolheu-se com os despojos obtidos, que eram um dos principaes motivos dessas correrias continuas»[14].

Está-se a ver, nesta tentativa de conquista, no anno de 1141, uma consequencia do reconhecimento feito em julho de 1139, e do desejo de tomar uma vingança mais completa, de Esmar. O facto do insuccesso d'esta tentativa demonstra que o rei considerava as suas tropas só por si insufficientes para o ataque de Lisboa. O auxilio pedido aos francezes prova essa impotencia, como põe em relevo os ardentes desejos que o rei tinha de se apoderar da cidade mais importante do Gharb.

IV

Assim como se imaginou o milagre da apparição de Christo a D. Affonso, com o fim de cercar de maravilhoso os feitos do conquistador, e dispor já as coisas para fazer d'elle um sancto; assim se phantasiou que a batalha se realisára no fundo do Alemtejo, para tornar o acontecimento mais grandioso, mais extraordinario. Entrando-se nestes phantasticos caminhos, o pensamento perde-se, a razão transvia-se. O imprudente amor do maravilhoso, o immoderado desejo de ferir a imaginação com coisas portentosas, e algumas vezes até a intenção immoral de deslumbrar *o vulgo ignaro insano* para varios fins, tem feito disfarçar a verdade, revestindo os acontecimentos de circumstancias já extravagantes, já impossiveis.

A jornada a Ourique, nos confins do Alemtejo, inexplicavel pelas suas enormissimas, quasi invenciveis difficuldades, seria absolutamente inutil, porque nada produziria. As datas já atraz mencionadas de varias conquistas são a prova irrefragavel d'isso.

A batalha de Ourique, aqui sob os muros de Lisboa, foi um facto importante, embora nada tivesse de maravilhoso. A sua importancia consistiu em mostrar aos moiros a força e o atrevimento de D. Affonso, em lhes incutir grande temor. A jornada até Lisboa, perfeitamente explicavel pela sua relativa facilidade, foi utilissima porque proporcionou ao conquistador occasião de espalhar o terror na moirama, enfraquecel-a com o fossado, dar ás tropas o prazer da pilhagem, e acima de tudo fazer o reconhecimento da praça, a que miravam todos os seus esforços.

---

[14] Herculano, *Hist. de Port.* I. p. 336.

A jornada ao Alemtejo seria da parte de D. Affonso um acto de tão extraordinaria temeridade que bem mereceria o nome de loucura. A jornada até Lisboa foi um acto de necessidade. O estudo attento e circumspecto dos feitos de D. Affonso, dá-nos o convencimento da sua coragem enorme, da sua tenacidade ardente, da sua fogosa audacia; mas faz-nos reconhecer tambem que todas as suas acções foram detidamente pensadas, excellentemente calculadas e resolvidas, e postas em execução com esse arrojo prudente que constitue o caracter peculiar dos grandes conquistadores.

Lisboa, 29 de maio de 1889.

BORGES DE FIGUEIREDO

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ANTHROPOLOGIA E DE ARCHEOLOGIA PREHISTORICAS

[Em agosto proximo futuro effectuar-se-ha em Paris a 10.ª sessão do *Congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas*, a primeira que se reune depois da de Lisboa em setembro de 1880. Esta nova sessão deve ser tanto mais interessante, que oito annos decorreram desde a antecedente e que algumas das questões propostas pela Commissão organisadora são da mais alta importancia. Na *Revista Archeologica* ficam archivados os seguintes documentos iniciaes do Congresso:]

CONGRÈS INTERNATIONAL D'ANTHROPOLOGIE ET D'ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUES

DIXIÈME SESSION.—PARIS 1889.

Paris, le 15 février 1889.

MONSIEUR,

Lorsque le Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques termina sa neuvième session à Lisbonne, le 29 septembre 1880, rien n'avait été décidé pour la session suivante, et l'on se sépara, laissant au Conseil permanent, créé par l'article qui venait d'être ajouté au règlement général, le soin de s'occuper de l'organisation de la dixième session. Depuis lors, huit ans se sont écoulés, et toutes les tentatives des membres de ce Conseil pour reconstituer le Congrès ont malheureusement échoué.

Au mois de juillet dernier, plusieurs de nos collègues français, estimant que l'Exposition universelle qui va avoir lieu à Paris fournissait une excellente occasion de reprendre des réunions trop longtemps interrompues, se mirent en rapport avec les membres du Conseil permanent, qui tous adhérèrent aux propositions qui leur étaient faites, sauf deux, dont nous attendons encore les réponses.

Un comité se constitua sous la présidence de M. de Quatrefages; conformément à l'article 7 du règlement ce Comité a rédigé un ques-

tionnaire, que nous vous adressons. Nous y avons joint le texte du règlement et la liste des membres et correspondants du Comité.

Permettez-nous d'espérer que vous voudrez bien nous accorder, cette fois encore, votre précieux concours, en nous donnant votre adhésion personelle et en usant de votre influence pour assurer le succés de notre dixième session, qui s'ouvrira le 19 août prochain, dans les salles du Collège de France, et sera close le 26.

Nous vous rappelons que toute personne s'intéressant au progrès de nos études peut prendre part aux séances du Congrès en acquittant la cotisation, fixée comme précédemment à 12 francs (10 shillings, 10 reichmarks, 9 couronnes, 5 florins).

Le reçu du trésorier donne droit à la carte de membre et à toutes les publications du Congrès.

Des excursions seront organisées entre les séances; le programme vous en sera ultérieurement adressé.

Veuillez agréer, Monsieur, l'assurance de notre considération la plus distinguée.

Pour le Comité d'organisation du Congrès: *A. de Quatrefages*, Président.—*Dr. E.-T. Hamy*, Secrétaire général.

Les adhérents sont priés de faire parvenir sans retard, en indiquant avec soin leurs noms, prénoms, qualité *et* résidence, *le montant de leur cotisation au trésorier du Congrès, M. le baron de Baye, avenue de la Grande-Armée, 58. Les demandes de renseignements devront être adressées à M. le docteur Hamy, secrétaire général du Comité, rue de Lübeck, 40.*

RÈGLEMENT GÉNÉRAL DU CONGRÈS

Article premier.—Un Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques, faisant suite aux réunions qui ont eu lieu en 1865 à la Spezia et en 1866 à Neuchâtel, a été définitivement constitué à Paris en 1867. A partir de 1872, les sessions auront lieu tous les deux ans (voté à Bruxelles en 1872).

Art. 2.—Le Congrès ne pourra avoir lieu deux fois de suite dans le même pays.

Art. 3.—Font partie du Congrès et ont droit à toutes ses publications les personnes qui en ont fait la demande et ont acquitté la cotisation.

Art. 4.—A la fin de chaque session, le Congrès désigne le lieu où se tiendra la session suivante; il choisit en outre parmi les savants résidant dans le pays désigné: 1° le Président de la session future; 2° plusieurs autres savants chargés de constituer, sous la direction du Président, un Comité d'organisation.

Art. 5.—Le Comité d'organisation peut s'adjoindre, suivant ses besoins, d'autres savants nationaux. Il demande en outre le concours des savants étrangers qui lui paraissent pouvoir recueillir le plus grand nombre d'adhésions en faveur du Congrès. Ceux-ci prennent le titre de Membres correspondants du Comité.

Art. 6.—Le Comité fixe l'époque de la session, le nombre des séances, le taux de la cotisation; il envoie les lettres de convocation, recueille et concentre les adhésions et délivre les cartes des membres. Il se charge de tous les soins matériels qui concernent l'installation du Congrès et la tenue de ses séances.

Art. 7.—Il prépare, publie et distribue, plusieurs mois à l'avance, le programme des séances; il peut fixer un certain nombre de questions; mais il devra toujours réserver une partie des séances pour toutes autres questions non comprises dans le programme, proposées par un membre du Congrès et approuvées par le Conseil.

Art. 8.—Le Bureau du Comité remplit les fonctions de Bureau provisoire dans la première séance de la session. Les membres du Bureau définitif sont nommés dans cette première séance, à la majorité relative, à l'exception du Président, qui est élu depuis l'année précédente, et du Trésorier déjà institué par le Comité d'organisation.

Art. 9.—Le Bureau se compose: 1° d'un Président; 2° de six Vice-Présidents, dont deux au moins doivent être résidents; 3° d'un Secrétaire général; 4° de quatre Secrétaires; 5° d'un Trésorier.

Art. 10.—Le Conseil se compose: 1° des membres du Bureau définitif; 2° de six membres nommés au scrutin de liste. Font en outre de droit partie du Conseil: 1° les quatre membres fondateurs du Congrès de la Spezia; 2° tous les anciens Présidents, qui conservent le titre de Présidents honoraires. Les membres du Comité d'organisation qui n'entreraient pas dans l'une des catégories précédentes assistent aux séances du Conseil avec voix consultative.

Art. 11.—Toutes les demandes de communication survenues pendant la session et toutes les réclamations sont soumises au Conseil, qui statue definitivement. Le Conseil est en outre chargé de proposer au vote du Congrès, conformément à l'article 4: 1° la désignation du lieu où se tiendra la session suivante; 2° la nomination du Président et des membres du Comité d'organisation du futur Congrès.

Art. 12.—Dans sa seconde séance, le Congrès nomme, sur la proposition du Conseil, une Commission de publication dont le Secrétaire général est président de droit et dont le Trésorier fait également partie. Cette Commission, entièrement composée de membres nationaux, sera en outre chargée d'apurer les comptes.

Art. 13.—S'il y a un reliquat, il sera reporté à l'actif de la session suivante.

Art. 14.—Les objets offerts au Congrès pendant la session et toutes les pièces de la correspondance sont acquis au pays où la session a lieu. Leur destination est déterminée par le Conseil.

Art. 15.—Le Comité de chaque session établit un règlement particulier concernant toutes les dispositions sur lesquelles il n'est pas statué dans le présent règlement général.

Art. 16.—Toute proposition tendant à modifier le règlement général devra être signée de dix membres au moins, déposée sur le bureau pendant le courant de la session et soumise à l'examen du Conseil. Celui-ci, après en avoir délibéré, prépare un Rapport qui est inséré ainsi que la proposition dans les publications du Congrès et qui est mis aux voix sans discussion, par oui ou par non, dans la première séance de la session suivante.

Premier article additionnel.—Voté pendant la session de Bologne (1871).—La langue française est seule admise pour les communications verbales pendant les séances et dans la publication du compte rendu du Congrès et des mémoires qui y sont joints.

Deuxième article additionnel.—Voté pendant la session de Budapest (1876).—Les membres du Congrès qui auront été nommés Vice-Présidents pendant quatre sessions deviendront de droit Vice-Présidents honoraires.

Troisième article additionnel.—Voté pendant la session de Lisbonne (1880).—Les fondateurs du Congrès, les anciens Présidents et les Vice-Présidents honoraires nommés en vertu du deuxième article additionnel du règlement général constituent un *Conseil permanent* chargé de maintenir la tradition du Congrès, de veiller à la bonne exécution du règlement, de faire les études préparatoires relatives au sujet des sessions futures et de faire face aux difficultés imprévues qui pourraient surgir dans l'intervalle de deux sessions.

Proposition d'un quatrième article additionnel.—Cette proposition, signée par douze membres du Congrès de Lisbonne et adoptée par le Conseil, est ainsi conçue:

«Les membres du Congrès qui auront été cinq fois secrétaires passeront de droit secrétaires honoraires et feront partie du Conseil permanent.

«S'ils assistent à deux nouveaux Congrès, ils deviendront vice-présidents honoraires».

Conformément à l'article 16 du règlement général, il sera voté, sans discussion, par oui ou par non, sur cette proposition, dans la première séance de la dixième session.

QUESTIONS PROPOSÉES PAR LE COMITÉ

I. Creusement et remplissage des vallées, remplissage des cavernes, dans leurs rapports avec l'ancienneté de l'homme.

II. Périodicité des phénomènes glaciaires.

III. L'art et l'industrie dans les cavernes et les alluvions. Valeur des classifications paléontologiques et archéologiques appliquées à l'époque quaternaire.

IV. Relations chronologiques entre les civilisations de la pierre, du bronze et du fer.

V. Relations entre les civilisations de Hallstadt et des autres stations danubiennes et les civilisations de Mycènes, de Tirynthe, d'Issalik et du Caucase.

VI. Examen critique des crânes et ossements quaternaires signalés dans les quinze dernières années. Éléments ethniques propres aux divers âges de la pierre, du bronze et du fer dans l'Europe centrale et occidentale.

VII. Survivances ethnographiques pouvant jeter quelque lumière sur l'etat social des populations primitives de l'Europe centrale et occidentale.

VIII. Jusqu'à quel point les analogies d'ordre archéologique ou ethnographique peuvent-elles autoriser l'hypothèse de relations ou de migrations préhistoriques?

COMITÉ D'ORGANISATION POUR LA SESSION DE 1889

Président: M. Quatrefages (A. de).—*Vice-Présidents*: MM. Bertrand (Alexandre), Gaudry (Albert).—*Secrétaire général:* M. Hamy (le docteur E-T).—*Secrétaire:* M. Boule (Marcellin).—*Trésorier:* M. Baye (le baron De).—*Membres du Comité:* MM. Arbois de Jubainville (D'), Berthelot, Bertrand (M.), Cartailhac, Chantre, Cotteau, Duval (Mathias), Edwards (Alph. Milne), Faidherbe (le général), Girard de Rialle, Hébert, Lagneau (le docteur), Lapparent (De), Letourneau, Maspéro, Maunoir, Maury (A), Mortillet (G. de), Nadaillac (le marquis de), Oppert, Pozzi (le docteur), Rhôné (A.), Reinach (S.), Topinard (le docteur).

CORRESPONDANTS DU COMITÉ

PORTUGAL

MM. E. A. Allen, Borges de Figueiredo, Choffat, F. Adolpho Coelho, Z. Consiglieri Pedroso, L. Cordeiro, Joaquim P. N. Delgado, Estacio da Veiga, Comte de Ficalho, Martins Sarmento, le docteur Oliveira Feijão, Possidonio da Silva, Vasconcellos Abreu.

CRUZEIRO EM VILLA-VIÇOSA

(Estampa VII)

Em frente da egreja de Villa-Viçosa, ergue-se um interessante cruzeiro, cujo auctor é desconhecido, e que vae reproduzido segundo um desenho do habil artista hispanhol D. Luis Vermell, hoje fallecido [1].

Como se vê, é simples o monumento, que consiste apenas numa cruz em que se enrosca uma serpente.

Tem-se dito e repetido que o reptil representado é um dragão (talvez em razão de parecerem patas dois appendices que o esculptor deu ao animal); e tem-se querido intender que o monumento haja sido obra dos Duques de Bragança, que tinham por divisa um dragão.

Esta explicação não tem fundamento algum. O facto de ser figurado o ophidio com dois appendices pouco abaixo do pescoço é frequente; e esses appendices representam as azas que muitas vezes se dão ás serpes. É bem conhecida e espalhada a superstição das cobras com azas.

Todavia, é bem simples de explicar este monumento. A serpente é a imagem symbolica do Christo: symbolo que teve sua origem nos seguintes versiculos do c. XXI dos *Numeros*: «8 Et locutus est Dominus ad eum: Fac serpentem aeneum, et pone eum pro signo: qui percussus aspexerit eum, vivet.» e «9 Fecit ergo Moyses serpentem aeneum, et posuit eum pro signo: quem cum percussi aspicerent, sanabantur.» Esse symbolo encontra-se melhor expresso no Evangelho de S. João, III, 14: «Et cicut Moyses exaltavit serpentem in deserto: ita exaltari oportet Filium hominis»; ao que se deve comparar o que diz Santo Ambrosio, *De Spiritu Sancto*, III, 9: «Imago crucis est serpens aeneus».

É muito frequente na iconographia christã a representação d'este symbolo extravagante, com o qual estão em contradição muitos outros versiculos biblicos, como estes do c. XVIII livro *IV Reis*: «3 Fecitque *(Ezechias)* quod erat bonum coram Domino, juxta omnia quae fecerat David pater ejus.» e «4 Ipse dissipavit excelsa, et contrivit statuas, et succidit lucos, confregitque serpentem aeneum, quem fecerat Moyses: siquidem usque ad illum tempus filii Israel adolebant ei incensum: vocavit nomen ejus Nohestan.» E é tanto mais extravagante este em-

[1] Este desenho foi publicado na revista *O Occidente*, a cujo proprietario e dignissimo director agradeço o haver auctorisado a reproducção.

blema, que a serpente foi adoptada tambem pelo christianismo como o symbolo do genio do mal; o que foi egualmente beber na Biblia, na tentação d'Eva, pelo Diabo, do qual diz Santo Agostinho na Hom. 36: «Diabolus enim, in scripturis sanctis, leo et draco est, leo propter impetum, draco propter insidias.» E compare-se ainda a serpente que a Virgem esmaga com o pé, figuração d'uma allegoria biblica formalmente enunciada.

BORGES DE FIGUEIREDO

MISCELLANEA EPIGRAPHICA

I

Inscripção dos arredores de Cascaes

O distincto anthropologo Paula e Oliveira, tão prematuramente fallecido, na exploração que em 1885 fez nas povoações de Murches, Alcoitão e Abucharda, nos arredores de Cascaes, descobriu um cippo funerario romano, que hoje se conserva no Museu da Direcção Geral dos Trabalhos Geologicos, á frente da qual está o distinctissimo professor o sr. J. F. Nery Delgado.

O cippo, muito damnificado, mede $0^{m},62$ de alto, 0,37 de largo, e $0^{m},30$ de espessura media; as lettras, pouco profundas, teem $0^{m},067$ de altura. Na parte superior notam-se vestigios das extremidades lanceoladas de tres folhas (sendo a do centro um pouco mais curta) da *roseta* em que degenerou o swástika[1]. A inscripção diz assim:

D M s
LABERIA ...f
MATERNa
H S E

D(iis) M(anibus) [*S(acrum)*]. *Laberia* ..... [*f(ilia)*] *Matern*[*a*] *h(ic) s(ita) e(st)*.

Consagração aos deuses dos mortos. Laberia Materna, filha de ....., aqui está sepultada.

Nas inscripções de Lisboa, e seu termo, é conhecida uma Laberia (*C. I. L.*, II).

---

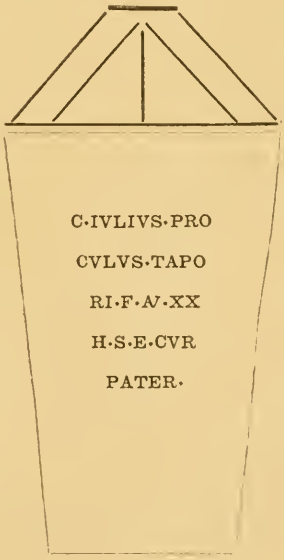
[1] Vej. *Revista Archeologica*, II, p. 60-64.

II

Inscripções dos arredores de Mourão

No *Progresso do Alemtejo*, n.º 573, de 7 de abril ultimo, vem a noticia da descoberta d'um cemiterio romano «entre Reguengos e Mourão, na estrada que para esta ultima villa anda em construcção, que a abertura da mesma poz a descoberto, cortando-o em parte e não profundamente». Ahi se encontraram duas lapides da ardosia que abunda nas proximidades de Mourão, e com inscripções, que foram já recolhidas na Bibliotheca de Evora.

1. Uma das lapides, de $1^m,95$ de alto, e de $0^m,6$ e $0^m,4$ nas larguras extremas, tem a seguinte inscripção:



Caius Iulius Proculus, Tapori f(ilius), an(norum) xx, *h(ic) s(itus) e(st). Curavit pater.*

Gaio Julio Proculo, filho de Taporo, da edade de vinte annos, aqui está sepultado. Este monumento é devido aos cuidados de seu pae.

2. Na outra lapide, que está partida, e que mede $0^m,87$ de alto, por $0^m,5$ e $0^m,4$ de largo, lê-se a inscripção que segue:

P·IVLI·C·F·
GAL · TANC
INI·A·L·H·S
E · S · T· T·L

Publius Juli(us), Caii f(ilius), Gal(eria Tribu), Tancinus, an(norum) L, *h(ic) s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

Publio Julio, filho de Gaio Julio, Tancino, da Tribu Galeria, fallecido aos cinquenta annos, aqui está sepultado. Seja-te leve a terra.

III

Inscripção de Maceira, concelho de Leiria

No *Commercio de Portugal*, de 27 de abril ultimo, n.º 2936, e em *O Districto de Leiria*, de 11 de maio, n.º 372, deu o sr. J. Callado noticia d'uma inscripção que existe: «Em frente da egreja matriz da freguezia de Maceira, concelho de Leiria, na soleira da porta de uma casa dependente da mesma egreja, num cippo de marmore que mede $1^{m},36$ por $0^{m},32$»:

D M S
MARCIO CRESV
MO AN XXX
MARCIA CRESTE
5 MATER
P C

D(iis) M(anibus) S(acrum). Marcio Cresumo, an(norum) XXX. *Marcia Creste mater p(onendum) c(uravit).*

Consagração aos deuses dos mortos. A Marcio Cresumo, fallecido aos trinta annos, fez elevar este monumento sua mãe Marcia Creste.

O cognome *Creste* (Chreste) encontra-se numa inscripção de Lisboa (*C. I. L.*, II, 203); de *Chrestus* (e *Crestus*) encontram-se varios exemplos na peninsula (*C. I. L.*, II, 1890, 4970$_{55}$, etc).

BORGES DE FIGUEIREDO

A DECIFRAÇÃO DAS INSCRIPÇÕES «LUZIBERICAS» DO SR. BONANÇA*

Tem-se ultimamente falado bastante na *Historia da Luzitania e da Iberia*, do sr. João Bonança, para que se torne necessario tratar aqui a questão geral. Eu tenho unicamente um fim: o averiguar se estou em erro não acreditando que o sr. Bonança haja descoberto o exacto valor das lettras das inscripções vulgarmente ditas celtibericas, ou *luzibericas*, como elle lhe chama.

Tornando publica esta minha descrença, entendo dever apresentar ao menos duas das razões d'ella: accrescentando desde já que não estou isolado no campo em que me encontro.

Antes, porém, de entrar no assumpto, devo fazer duas considerações: uma sobre a influencia da obra, outra sobre o systema de resposta aos séus adversarios, adoptado pelo sr. Bonança.

Primeira consideração:—A obra do sr. Bonança é a mais prejudicial que neste seculo se tem escripto em Portugal, pela razão de incutir, a quem não tem sciencia, idéas já erroneas, já absurdas. E essas idéas, apezar de toda a sua estupenda absurdidade, teem sido acceitas, perfilhadas ingenuamente e acariciadas com prazer, porque ellas miram a despertar um sentimento de patriotismo. Pretendendo falar ao coração, essas idéas exploram um falso amor patrio, que imagina que um povo é tanto mais glorioso, quanto mais alta é a sua problematica antiguidade e as suas phantasticas acções.

Segunda consideração:—O sr. Bonança adoptou um extravagante systema de resposta ás criticas feitas á sua obra. Não argumenta contra a impugnação, mas discute unicamente palavras e erros typographicos: não se mantém na posição do escriptor que, convencido da verdade que defende, ataca as opiniões do adversario, mas antes vem declarar falsarios os que transcrevem qualquer passagem da sua obra; não conserva a serenidade, nem emprega a linguagem de quem tem a consciencia do saber e a razão pela sua parte, mas pelo contrario, as suas respostas são simples aggregadas de accusações de diffamação, de invectivas pessoaes, e de grosserias inadmissiveis na boa sociedade.

Nestas circumstancias, indo eu dar duas das razões por que não creio na leitura das inscripções «luzibericas» feita pelo sr. Bonança, devo advertir, não só que as minhas palavras serão apenas d'aquellas que

* Algumas pessoas manifestaram o desejo e notaram a conveniencia de ser archivado na *Revista Archeologica* este artigo, que já foi publicado em o n.º 151 do jornal *O Reporter* de 1 de junho de 1888.

se empregam entre pessoas delicadas, mas tambem que espeto não terá o incommodo de vir dizer-me que lhes falseei passagens da sua obra.

*

No n.º 2:628 do *Commercio de Portugal*, de 15 de abril de 1888, referindo-se o sr. Bonança a um artigo do sr. Leite de Vasconcellos, publicado no *Reporter*, diz:

—«A publicação da *Historia da Luzitania e da Iberia* foi precedida de um prospecto acompanhado de uma circular assignada por alguns cavalheiros respeitaveis pela posição social, pela fortuna e pelo saber.

«N'essa circular recommenda-se a obra referida para ser assignada.

«É n'estas circumstancias que apparece um sujeito, accusando-me da ter falseado o plano da obra *com o fim de a avolumar em desproveito do leitor*.

. . . . . .

«O prospecto da *Historia da Luzitania e da Iberia* foi distribuido aos milhares por todo o mundo.

«Na pag. 7.ª diz: *Tomo I: Introducção. Livro I: Historia do globo terrestre desde a sua origem até a distribuição climaterica dos animaes e das plantas.*

«Este é exactamente o assumpto que, em harmonia com o prospecto, se contém na parte publicada da *Historia da Luzitania e da Iberia*.

«Até hoje não foi excedido o volume nem o preço da obra, nem o será».

Esta transcripção do artigo do sr. Bonança (jornal citado: 1.ª pag., col. 7.ª, 2.ª pag. col. 1.ª) é feita para desde já estabelecer que o auctor da *Historia da Luzitania e da Iberia* declara implicitamente que o prospecto da sua obra não será excedido nem alterado.

Além d'isso toda a gente que vê o prospecto, conhece desde o primeiro volver d'olhos que alli se encontra indicada toda a materia de que a obra ha de tratar, e até já dividida e ordenada por livros e capitulos. Por conseguinte o prospecto contém verdadeiramente o summario de cada livro e de cada capitulo da obra. E não ha meio de duvidar d'isso, porque no mesmo prospecto, na parte intitulada *condições da publicação e assignatura*, se diz (pag. 21, linha penultima):

A obra está escripta.

Ora, fazendo-se esta declaração no prospecto, é indubitavel que os summarios dos capitulos não podem ser alterados, nem deslocados ou distribuidos d'outra maneira. Se é falsa a declaração de que a obra está escripta, foram enganados os assignantes; se a declaração é verdadeira, não póde ser alterada a materia, nem distribuida de modo diverso d'aquelle por que foi dada no prospecto. Combinado este com a

declaração feita pelo sr. Bonança (e que fica transcripta), não ha receio (creio eu) de que a materia da obra appareça divergente da do prospecto. Posto isto, examinar este ou aquella é inteiramente a mesma coisa.

*

Vê-se da simples leitura do prospecto que o sr. Bonança adoptou um systema, e que não segue o methodo. Effectivamente, o ponto capital da obra é a leitura dos inscripções *luzibericas* (entendendo eu por *inscripções* não só as lapidares mas tambem as monetarias). Isso é evidente, em presença da *Historia da Luzitania e da Iberia*, que tão conhecida é já, e ainda mais em vista do prospecto, onde se póde dizer que todas as affirmações dependem da tal leitura.

Ora é claro que, se o auctor procedesse com methodo, a primeira coisa de que trataria na obra, seria necessariamente de nos expor o seu systema de interpretação das inscripções *luzibericas*. Uma vez feito isto, e havendo-nos demonstrado que conseguira matar essa esphinge, contra a qual tantos sabios teem luctado debalde, todos os homens de sciencia proclamariam a descoberta, e o auctor adquiriria uma gloria egual á de Champollion. Então, desassombrado, caminharia na exposição do seu modo de vêr sobre os diversos povos que habitaram a peninsula; e, partindo do conhecido, nos revelaria, decerto, muitas particularidades, ainda hoje ignoradas dos povos que nos precederam.

Mas o sr. Bonança põe de parte o methodo, coisa que já prova que lhe falta a educação scientifica, indispensavel a quem se entrega a trabalhos como aquelle que pretende realisar. Demonstremos: (o leitor póde comparar o que se segue com o prospecto alludido).

O primeiro livro da obra trata das oito primeiras *eras do mundo* (segundo a pseudo-theoria do auctor). O livro segundo tem por objecto a *nona era do mundo;* no capitulo oitavo se trata da «Constituição das raças e linguas europêas» etc.; nos capitulos nono e decimo tratam-se questões ethnographicas e linguisticas relativas aos celtas e aos gaulezes, á *raça hispanica*, e aos ligures. Os livros terceiro a sexto falam de geologia, hydrologia, botanica e zoologia. Com isto se terminará o primeiro volume da obra.

Passemos ao volume segundo. O livro setimo trata da «Geographia civil da peninsula hispanica no dominio romano»; ahi se dará no capitulo quarto uma «Exposição de cerca de cem termos geographicos, encontrados por nós *(pelo sr. Bonança)* nas moedas e inscripções luzibericas (celtibericas)», etc.; o capitulo quinto terá por objecto: «... similhança dos primitivos nomes das povoações hispanicas com os modernos. Mappa geographico da Luzitania e da Iberia, augmentado com cerca de cem povoações descobertas por nós *(pelo sr. Bonança)*, e não inscriptas em nenhum outro mappa da Hispanha antiga; com a orthographia celtica, latina e moderna de cada povoação», etc.

Aqui, umas perguntas ao sr. Bonança: Para que faz a exposição

dos taes nomes geographicos lusibericos neste capitulo, antes de nos demonstrar que os soube interpretar? Para que ha de o leitor embasbacar-se deante d'uma lista de nomes que não entende e de cuja existencia ainda não tem prova? E como é que o sr. Bonança localisa as povoações, cujos nomes pretende ler nas moedas? Situa-as nos locaes onde essas moedas foram encontradas? ou tiveram os *lusiberos* e previdencia de indicar nas suas moedas as competentes *coordenadas?*

Passemos ao oitavo livro, que trata das «moedas, legendas e inscripções celtibericas». Note-se a ordem das materias;—no cap. primeiro, fala da bibliographia lusiberica; no cap. segundo, trata das «primitivas moedas da Lusitania e da Iberia, interpretadas e classificadas por um novo systema. Formação do alphabeto celtiberico na Peninsula Hispanica.»; no cap. terceiro, veem mais inscripções lusibericas; e no cap. quarto é que apparece o—«Abecedario lusiberico.»—De modo que o leitor terá de andar de deante para traz, como o caranguejo (segundo a locução vulgar). Para entender o capitulo 2.º e 3.º ha de estudar primeiramente o capitulo 4.º Que passa-tempo tão agradavel lhe proporciona o auctor! Com o alphabeto lusiberico fecha o volume segundo.

O terceiro tomo começa (livro nono, capitulo terceiro) com a comparação dos «alphabetos luziberico, latino, grego archaico e phenicio»; e essa materia (que devia ter precedido toda a do oitavo livro) extende-se pelos capitulos seguintes até ao quinto, em que se diz que «o portuguez e o hespanhol são as linguas das legendas e das inscripções luzibericas».

Do que fica dito se vê claramente que o auctor da *Historia da Luzitania e da Iberia* não tem methodo, que as materias estão confundidas, inteiramente deslocadas, movendo ao riso pela pretenção de apresentarem uma fórma scientifica. A falta de methodo na obra do sr. Bonança é para mim uma prova de que o auctor não tem segurança alguma das gravissimas proposições que aventa.

A segunda razão por que não creio na interpretação do sr. Bonança, é a seguinte:

O portuguez actual, como o actual hispanhol divergem muito do portuguez e do hispanhol do seculo dezeseis, estes dos do seculo quatorze, est'outros dos do seculo doze. Qual dessas fórmas da linguagem portugueza e hispanhola encontra o sr. Bonança em documentos de ha dois mil annos?

Por outro lado, está demonstrado já até á evidencia que o portuguez e o hispanhol proveem da lingua latina. Ora, estando isso evidente demonstrado, é absurdo suppor que se possa demonstrar o contrario.

Do que se conclue que a leitura das inscripções celtibericas feita pelo sr. Bonança é simplesmente uma questão de combinação de valores arbitrariamente dados a varios signaes; de modo que, nessas circumstancias, tanto póde lêr o portuguez e o hispanhol, como o chinez e o russo.

*

Tenho apresentado duas das razões por que não creio que o sr. Bonança haja descoberto o valor dos caracteres celtibericos, e por consequencia, que a lingua portugueza e a hispanhola sejam aquellas em que estão escriptas as inscripções que se encontram com esses caracteres.

Como o signatario d'estas linhas, muitos outros homens de trabalho, que teem passado longos annos a estudar, duvidam da descoberta do sr. Bonança.

Todos esses descrentes procuram a verdade, todos elles trabalham para a sciencia, todos teem demonstrado que não são movidos de inimizade pessoal, todos elles são homens de honra. É necessario, pois, que o sr. Bonança, para adquirir o nome de homem de sciencia, demonstre publicamente que o merece.

Não se brinca nem com a popularidade, nem com o prestigio do momento. É indispensavel confirmar uma reputação com actos proprios, e não com elogios alheios. O sr. Bonança tem sido atacado na sua obra; defenda-se. Se ella não estivesse escripta, esperar-se-hia que a escrevesse. Está-o, porém. O tornar publico o seu systema de leitura dos caracteres celtibericos, longe de o prejudicar engradece-o. Hoje, depois do muito que se tem falado da sua pessoa e da sua obra, ninguem póde roubar-lhe a gloria da descoberta, se acaso a fez. A publicação do seu systema de decifração, ao contrario de tirar merecimento ao resto da obra, virá corroborar muitas das asserções já publicadas nos fasciculos, e porventura fazer desculpar algumas inexactidões que alli se notam.

A posição do sr. Bonança é neste momento muito falsa. E só tem um unico meio de levantar-se. Esse meio é manifestar já a veracidade da sua descoberta. Se o fizer, demonstra a sua superioridade, confunde os que em nome da sciencia são actualmente seus adversarios, e ficará com direito á admiração e á estima de todos os seus concidadãos e dos homens de sciencia de todo o mundo.

Se, porém, não manifestar já a sua descoberta, com a demonstração cabal sobre monumentos authenticos, dará prova de que tem ultrajado a sciencia, illudido os seus amigos, e zombado d'uma nação inteira.

Lisboa, 31 de maio de 1888.

BORGES DE FIGUEIREDO.

BIBLIOGRAPHIA

Relatorio ácerca da quarta sessão do Congresso geologico internacional realisado em Londres no mez de setembro de 1888, por Joaquim Filippe Nery da Encarnação Delgado — Lisboa, 1889, in-4.º

O representante de Portugal na quarta sessão do Congresso geologico internacional, o eminente geologo o sr. Nery Delgado, dá conta neste bem elaborado relatorio de todos os trabalhos do Congresso, e das importantes discussões que houve, sobre a determinação definitiva das denominações que de futuro deviam dar-se aos tres systemas do paleozoico inferior, correspondentes, na classificação paleontologica hoje adoptada, ás faunas primordial, segunda, e terceira; sobre varias questões concernentes aos schistos crystallino; sobre os limites divisorios dos terrenos quaternarios e terciarios; etc. O sr. Delgado foi nomeado membro, em Portugal, d'uma nova Commissão internacional de nomenclatura.

O relatorio termina com uma interessante e minuciosa noticia de alguns museus de Inglaterra.

PERIODICOS

Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Comptes rendus des séances de l'année 1888. Quatrième Série, Tome XVI. Bulletin de Septembre-Octobre:

Séances de Septembre-Octobre.—Communications: XLI *Quelques notes d'archéologie sur la chevelure féminine*, par M. Edmond Le Blant.—XLII *Note sur une inscription latine découverte par le R. P. Brunel à Césarée de Cappadoce*, par M. Héron de Villefosse.—XLII *Épitaphe d'un marin de la flotte britannique, trouvée à Boulogne-sur-Mer*, par M. Héron de Villefosse.—XLIV *Observations de M. Deloche sur la communication de M. Levasseur, relative à la densité de la population et au nombre moyen des enfants dans la Gaule au IXe siècle, d'après le Polyptyque de l'abbé Irminon.*—XLV *Réponse de M. Levasseur aux observations de M. Deloche.*—XLVI *De quelques lampes chrétiennes découvertes à Carthage*, par M. Edmond Le Blant.—Livres offerts.

Bulletin de Novembre-Décembre:

Séances de Novembre-Décembre.—Communications: XLVII *Le pavillon de Nectanèbe II à Philae*, par M. G. Bénédite.—XLVIII *Traduction de la harangue grecque de l'empereur Néron, découverte par M. Maurice Holleaux à Acraephiae, en Béotie*, communiquée par M. Foucart.—XLIX *Fouilles d'Aïn Tounga* (Thigiica): *le sanctuaire de Saturne*, par M. René de la Blanchère.—L *L'histoire d'une inscription. Une rectification au* Corpus Inscriptionum semiticarum, 1.re partie, n.º 122, par M. Philippe Berger.—Appendice n.º III, *Rapport de la Commission des Écoles d'Athènes et de Rome sur les travaux exécutés par les membres de ces deux écoles pendant l'année* 1886 *et reçus par l'Académie pendant l'année* 1887, par M. A. Croiset.—Appendice n.º IV, *Rapport fait au nom de la Commission des Antiquités de la France, sur les ouvrages envoyés au concours de l'année* 1888, par. M. Ant. Héron de Villefosse.—Appendice n.º V, *Séance publique annuelle.—Discours d'ouverture de M. le marquis d'Hervey de Saint-Denys*, président.—*Jugement de concours.—Annonce de concours dont les termes expirent en* 1888, 1889 *et* 1890.—*Conditions générales de concours.—Délivrance des brevets d'archivistes paléographes.—Notice sur la vie et les travaux de M. Joseph-Natalis de Wailly, membre ordinaire de l'Académie des inscriptions et belles-lettres*, par M. H. Wallon, secrétaire perpétuel.—*Liste chronologique des ouvrages de M. Natalis de Wailly.—Un grand amateur français du* XVII.e *siècle, Fabri de Peiresc*, par M. Léopold Delisle, membre de l'Académie.—Livres offerts.—Tables des matières.

BULLETTINO DELL'IMPERIALE ISTITUTO ARCHEOLOGICO GERMANICO. Sessione romana. Vol. IV. Fasc. 1. Roma, 1889.

A. Mau, *Scavi di Pompei* (tav. I).—P. Wolters, *Beitraege zur griechischen Ikonographie* (tav. II-III).—Ch. Hülsen, *Antichità di Monte Citorio*.—E. Petersen, *Hera von Alkamenes*.—Sitzungsprotocolle.

REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES, orgão dos trabalhos da *Sociedade Carlos Ribeiro*. Publicação trimestral. Porto, 1889—1.º volume, n.º 1.

Traz entre outros artigos:

O mytho de Istar em uma lenda popular extremenha e asturiana, por Theophilo Braga.—*A questão da anthropologia nas estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego*, por Santos Rocha.

REVUE ARCHÉOLOGIQUE, publiée sous la direction de MM. Alex. Bertrand et G. Perrot.—Troisième Série.—Livraison de Mars-Avril.

Texto: *De quelques monuments antiques relatifs à la suite des affaires criminelles* (suite), par M. Edmond Le Blant.—*Note sur les nécropoles de Carthage*, par M. de Vogüé.—*Les Gaulois dans l'art antique et le sarcophage de la Vigne Ammendola* (suite), par M. Salomon Reinach.—*Les inscriptions de Naucratis* (suite et fin), par M. D. Mallet.—*Sur les monnaies de Micipsa, et sur les attributions de quelques autres monnaies des princes numides*, par M. Philippe Berger.—*Le nouveau cippe romain de Boulogne-sur-Mer*, par M. V.-J. Vaillant.—*Tessères antiques, théâtrales et autres*, par M. J.-Adrien Blanchet.—*L'ère de Yezdegerd et le calendrier perse* (suite), par M. E. Drouin.—*Statistique monumentale du département du Cher. Conclusions. Histoire de l'architecture*

dans le département du Cher (suite), par M. Buhot de Kersers.—*Bulletin mensuel de l'Académie des Inscriptions.—Nouvelles archéologiques et correspondance.—Bibliographie. —Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité romaine,* par M. R. Cagnat.

Palnches: V–VIII. *Nécropole de Carthage, fouilles du Père Delattre.*—IX. *Trophée d'armes galatiques du portique d'Athéna, à Pergame.*

Revue de l'Art chrétien. Lille. Société de S^t^. Augustin.—32me année 1889. Tome vii, 2ème livraison.

Texte: *Les lampes du musée de Saint-Louis de Carthage,* par A. L. Delattre, prêtre miss. d'Alger.—*Le cardinal Étienne de Vancza, archevêque de Strigonie,* par F. de Mély.—*Jean Bellegambe et ses travaux pour des familles de Douai,* par Mgr Dehaisnes. —*Les orfèvres et joailliers à Rome* (primer article), par Mgr X. Barbier de Montault. —*La châsse de saint Éleuthère à Tournai,* par L. Cloquet.—*La restauration des Églises dans le Nord de l'Allemagne,* par Jules Helbig.—*Excursion de la Gilde de St-Thomas et de St-Luc dans le Nord de l'Allemagne* (troisième article), par Jules Helbig.—*Mélanges: Inventaires diverses,* par Mgr X. Barbier de Montault.— *Un vitrail d'Andresy (S. et O.),* par L. Marsaux.—*Travaux des Sociétés savantes.—Bibliographie.—Périodiques.—Index bibliographique.—Chronique.—Nécrologie.*

Planches: V. *Vitrail de la cathédrale de Chartes,—portrait du cardinal Étienne de Vancza.*—VI. *Châsse de St-Éleuthère à Tournai.* Vues d'ensemble.—VII. Id. Id. Détails.

Revue Épigraphique du Midi de la France. (Publicada pelo sr. A. Allmer, em Vienna (Isère)). N.º 52.—Janvier, février, mars 1889.

Contém este numero muitas inscripções do sul da França, a continuação do artigo do sr. Hirschfeld *Contribution à l'histoire du culte impérial chez les Romains;* e uma nota do mesmo distincto archeologico sobre *La Loi de Narbonne.*

SOBRE UMA PASSAGEM DE ARISTOTELES RELATIVA Á PENINSULA IBERICA

Lendo ha tempo a *Politica* do sabio stagirita, deparou-se-me no cap. 2 do livro VII o trecho seguinte, que váe acompanhado da respectiva traducção latina dada na edição de que me servi[1]:

Ἐν δὲ τοῖς Ἴβηρσιν, ἔθνει πολεμικῷ, τοσούτους τὸν ἀριθμὸν ὀβελίσκους καταπηγνύουσι περὶ τὸν τάφον, ὅσους ἂν διαφθείρῃ τῶν πολεμίων:

«et apud Hispanos, gentem bellicosam, tot numero obeliscos (*verucula vel fastigiatas bases*) circum cujusque tumulum defigebant (*erigebant*) quot hostes interemisset»;

o que vem a significar, em linguagem, que entre a guerreira gente dos Iberos ou hispanos, se elevam em torno do tumulo tantos obeliscos quantos haviam sido os inimigos mortos pelo individuo que alli jazia.

Esta passagem é preciosa, por duas razões. Porque é uma das mais antigas noticias dos *cromlechs*, visto que ascende ao quarto seculo antes de Christo (Aristoteles viveu de 384–322). Outra razão é ser esta passagem talvez o unico testemunho preciso, que nos resta da antiguidade, ácerca do fim a que eram destinados, senão todos, alguns dos mencionados monumentos.

Os *cromlechs* teem sido considerados já como monumentos funerarios ou commemorativos, já como symbolos religiosos, figurando mesmo divindades ou sendo uma representação phallica.

É possivel e, atrevo-me a dizel-o, até provavel que os *cromlechs* tivessem todas essas diversas significações, conforme as ideias dos homens que os elevaram; porque, em verdade, embora esses monumentos tenham todos de commum a disposição de que deriva o nome que se lhes deu, ha grandes variedades todavia entre elles, devendo ser classificados segundo os seus caracteres particulares.

A existencia de *cromlechs* em torno de sepulturas ou tumulos (*tumuli*) é desde muito tempo notada, encontrado-se na Europa e na Asia como na Africa.

Na peninsula teem sido apontados varios *cromlechs*; se, porém to-

[1] Ed. *Firmin Didot*, vol. I, p. 603.

dos elles são sepulcraes é o que não posso dizer por falharem as informações precisas. Muitos *menhirs*, indicados em varios pontos, fizeram parte provavelmente de *cromlechs*: como os da Navarra; a chamada *Piedra de las Virgens* entre Baena e Bujalame na provincia de Jaen; o que está proximo da egreja parochial de Ergos, na Galiza, e outros d'esta provincia; o do municipio de Lobios na Serra do Gerez; etc.

Em Portugal, o sr. Possidonio da Silva «a signalé deux enceintes de blos (*cromlech* en breton), dans la province du Minho, une sur le plateau du mont Saint-Lucie, l'autre sur le plateau du mont Saint-Roch; mais il ne donne aucun détail et aucune figure, et nous laisse ainsi dans une incertitude trop grande»[2].

Ha tambem duas alas de pedra e um menhir proximo, no caminho de Cepães a Fafe no districto de Braga, segundo diz Pereira da Costa[3].

Encontro, porém, numa obra infelizmente ainda hoje incompleta do sr. D. José Villa-amil y Castro a menção precisa e documentada com um desenho d'um *cromlech* sepulcral na Galiza. Diz o distincto archeologo: «... he de citar en primer lugar el que muestra muchas señales de ser, ó haber sido, un *cromlech*, ó un *cairn*; situado en un alto que lleva el significativo nombre de *Monte das fachas*, sobre la parroquia de S. Justo de Cavarcos, ayntamiento de Barreiros, e compuesto... de tres gruesos *chantos* ó piedras pizarrosas y otros tres pedruscos cuarzosos, todos ellos sobresaliendo como un metro de la tierra y teniendo otro tanto de ancho, que cierran, dejando intérvalos entre ellos y no en posicion completamente simétrica, un espacio elíptico, de 2.50 metros por 2,90, en el centro de un muy borrado *tumulus*...»[4].

Assim pois estão na mais intima relação o *cromlech* do *Monte das fachas* e a citada passagem de Aristoteles. O monumento confirma a exactidão da noticia recolhida e conservada pelo grande philosopho; a noticia dá-nos a explicação d'esta especie de monumentos.

E seja-me permittido ainda arriscar sob todas as reservas uma hypothese, que todavia não julgo indigna de ser ponderada. Não poderão ser considerados os vastos *cromlechs* e sobretudo os longos *alinhamentos* como memoriaes de grandes luctas, sangrentas, crueis, selvagens? Se em torno do tumulo dos chefes ou mais distinctos guerreiros se elevavam tantos obeliscos quantos os inimigos que elle matára, não me parece inadmissivel que, pelo menos em caso de luctas mais graves e notaveis, como as travadas em defeza do territorio, os vencedores elevassem no campo da batalha tantos monumentos quantos os

---

[2] Cartailhac, *Les âges préhist. de l'Espagne et de Portugal*, p. 191.

[3] *Not. d'alguns dolmins ou antas*, p. 91.

[4] Villa-amil y Castro, *Antigüedades prehistóricas y célticas de Galicia*, p. 55. O numero de *menhirs* indicado pelo auctor é *seis*; na figuração do monumento (*lámina IV*) veem-se, porém, *sete* pedras.

inimigos mortos, sendo assim, a um tempo, para elles tropheus honrosos de victoria e para os adversarios signaes vergonhosos de sua derrota.

Lisboa, 20 de junho de 1889.

BORGES DE FIGUEIREDO.

S. DOMINGOS DE BEMFICA

Na falda norte da serra de Monsanto está o logar de S. Domingos de Bemfica; um antigo mosteiro em parte abandonado, rodeado de quintas fidalgas com seus palacios, jardins, cascatas e alamedas de secular arvoredo; e uma pinha de pequeninos predios antigos a entestar com o maninho da serra.

O nome *Monsanto* feriu-me a attenção e procurei se por aquelles sitios haveria vestigios de templo ou edificio de remota antiguidade, tão raros no aro da capital. No meu segundo passeio deparei um grande marmore lavrado, provavelmente parte superior de uma ara romana, encostado á parede da quinta do sr. marquez de Fronteira.

Ha duvidas todavia sabre a proveniencia da pedra: julga-se não ter sido encontrada alli, sim na *ribeira velha*, no antigo palacio Fronteira, por occasião de certas obras, e removida para Bemfica ha uns 40 annos.

O achado incitou-me a continuar na indagação, e num pittoresco retiro agora mal tratado da cerca monastica fui encontrar uma estatua que parece de arte romana: é na fonte do *satyro* que fr. Luis de Sousa descreve na chronica do seu convento.

O célebre dominicano já conheceu a estatua e a fonte na disposição actual: lá estão tambem as cinco ardosias, duas quadradas e tres ellipticas, com o lettreiro latino, que elle tambem menciona.

Pode affirmar-se que o logar está qual estava então, apenas descurado. Ora os estragos que a estatua apresenta não tem explicação facil na posição actual. O satyro nada tem da rudeza gothica, vem das imitações classicas da renascença. O resto apezar de muito gasto ainda tem singular expressão de alegria; segurava nas mãos uma taça ou urna que depois mutilaram para collocar uma torneira. Na cabeça e nas coxas grandes madeixas ondeadas: os musculos bem estudados nos hombros e braços. Parece uma estatua romana.

Junto da fonte estão avulsas algumas pedras lavradas, dois fechos de abobada com a esphera de D. Manuel e a cruz de Christo, parte de um friso e dois pelouros medianos.

É um encanto aquelle sitio de S. Domingos; o terreiro com seu antigo arvoredo dispõe bem o visitante da egreja, uma pobre egreja que é um ninho de recordações portuguezas.

Entretanto, á esquerda, o sarcophago de «Vasco Martins da Albergaria, cavalleiro fidalgo da casa do sr. infante D. Henrique e seu camareiro mór, filho de Affonso Lopes da Albergaria, o qual passou da vida deste mundo das feridas que houve na tomada e no descerco de Geuta aos... dias do mez de dezembro da era de Jesus Christo, de 1436 annos».

É um pequeno sarcophago de tampa alta; o lettreiro na facha anterior da tampa e da arca. No meio o brazão com a cruz de Aviz, sanguinha, aberta e floreteada, com oito escudetes azues das quinas reaes. Aos lados do escudo uma fitas em relevo onde se lê a divisa *porem vede bem*. Á direita o tumulo de João das Regras, encimado pela estatua onde evidentemente o esculptor quiz reproduzir o aspecto do famoso jurisconsulto. Tem barrete e habito talvez de lettrado; a gola larga segura por tres botões. Na mão direita sobre o peito segura um livro. Os cabellos um tanto ondeados cahindo sobre a fronte. Á esquerda da figura a espada com o cinturão enrolado. A espada está tratada com minucia, o punho lavrado em linhas, o extremo com sua flor; é uma espada direita, larga, curta. O cinto é lavrado tambem de flores, tendo bem definidas a fivella e a ponteira.

Aquella estatua é um documento precioso de indumentaria.

O tumulo tem inscripções, escudos, e assenta sobre quatro leões de marmore. Não é este o unico varão illustre cujo nome se encontra no mosteiro; fr. Vicente (1401), outro amigo do mestre de Aviz, e Diogo Gonçalves Belliago (1410) teem alli as suas inscripções sepulcraes, assim como fr. Arnão (1502).

Na capella de S. Gonçalo de Amarante ha algumas estatuas em marmore de Carrara, de valor artistico. O sacrario é de madeira entalhada, de grande elegancia, principalmente no corpo superior.

Bons azulejos vestem as paredes, assignados por Antonio de Oliveira Bernardes.

No cruzeiro jazem muitas pessoas distinctas principalmente da casa Fronteira e Alorna. O ultimo que alli foi repousar o célebre D. Carlos Mascarenhas fallecido em maio de 1861.

Na escura passagem do cruzeiro para a sacristia uma campa singelissima com um nome que illumina os espiritos, fr. Luis de Sousa.

E no claustro proximo, muito tranquillo e fresco, convidando a serena meditação, a capella e o jazigo de D. João de Castro.

É um grupo incomparavel de recordações portuguezas.

GABRIEL PEREIRA

SOBRE UMA FÓRMA DO SWASTIKA

Publiquei ha tempos na *Revista Archeologica* (vol. II, n.º 4) uma curta nota sob o mesmo titulo da presente, com o fim de estabelecer que o signal

que se encontra em grande numero de cippos funerarios, não é outra coisa mais do que uma simples modificação do *swastika*

servindo de intermediaria, entre as duas fórmas, a seguinte

ácerca da qual se lerá sempre com todo o proveito a interessantissima obra de Ludwig Müller *L'emploi et la signification dans l'antiquité du signe de croix gammée* (Copenhague, 1877—4.º).

É notavel, porém, que, quanto á peninsula iberica (quanto me permittem verifical-o as notas que tenho tomado directamente e as informações que hei podido colher), seja no territorio da antiga *Galaecia* que mais abunda esse symbolo.

Foi-me ha pouco offerecido pelo sr. João Furtado (a quem muito agradecido me confesso) um breve mas curioso manuscripto intitulado *Memoria historica sobre umas lapidas romanas recentemente descobertas na cidades de Leon, em Hespanha*, escripta em julho de 1863 *pelo P.*[e]

Carlos João Rademaker, natural de Lisboa. Juntas a esse manuscripto estão doze paginas lithographadas, com rapidos esboços de dezenove monumentos epigraphicos (entre os quaes se distingue uma ara interessantissima sagrada a Diana), precedidos das suas respectivas medidas e do seguinte titulo *Reseña de diez y nuere monumentos romanos hallados en la ciudad de Leon (marzo 1862—oct. 1863).*

Entre esses dezenove cippos encontro não menos de seis que teem o famoso symbolo.

Num d'elles (n.º 4) vê-se o symbolo ao meio da lapide, entre as linhas da inscripção, e accrescentado com o fóco luminoso central «*corporis Agni margaritam ingens*» (vej. *Rev. Arch.*, II, p. 64).

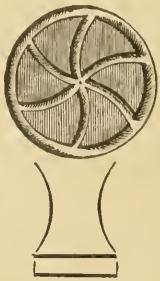
Noutro (n.º 9) são as hastes ou raios do symbolo lanceoladas; só quatro existem em inteiro, por estar a pedra mutilada no alto; ainda assim ha vestigios dos dois raios superiores.

Noutro monumento (n.º 5) muito mutilado, nota-se o symbolo em duplicado, posto um ao lado outro, e talvez com oito raios cada um, e com o fóco luminoso.

Noutro cippo (n.º 6) veem-se dois swastikas a par, e por cima d'elles outro de maiores dimensões e maior numero de raios, e tambem com o fóco luminoso.

No n.º 10 apparece o symbolo com quinze raios[1].

Finalmente num monumento (n.º 18), em que é mencionado um LVCRETIO · PROCVLO · ARM · CVS · (*Lucretio Proculo armorum custodi*), vê-se no alto da pedra representado o symbolo tres vezes, sendo o do meio um pouco maior que os dois lateraes, e affectando já uma transição para a *roseta*, ao passo que os outros dois conservam a pureza da figura primeira da presente nota. Mas o mais natavel neste ultimo monumento é que essas tres representações do mesmo symbolo, que são separadas pelas duas lettras da formula D(*iis*) M(*anibus*), estão collocadas, como que alçadas, sobre pequenos supportes ou peanhas, do que dá uma ideia aproximada a figura seguinte:



[1] Advirta-se que todas as indicações que dou são apenas feitas em presença das mencionadas estampas lithographicas, que é facil conterem algumas imperfeições: mas para o fim, que me proponho, são sem gravidade essas inexactidões.

Esta representação, verdadeiramente notavel, e de que não me lembro de haver encontrado outro exemplo, corrobora a opinião de ser não só significativo, mas uma degeneração do swastika, o signal a que me tenho referido.

Nos monumentos christãos tambem apparece o mesmo symbolo; mas nesses tanto pode ser uma modificação do swastika, como do chrismon ou monogramma do Christo, cuja fórma inicial é

Pode até dar-se o facto, que ulteriores noticias e discussões talvez esclareçam, de ser a um tempo derivação d'ambos.

12 de junho de 1889.

BORGES DE FIGUEIREDO

SELLOS ANTIGOS

(Estampa VIII).

I—Sellos da Villa das Vellas (Açores)

A Camara Municipal da Villa das Vellas usava antigamente de dois sellos. Um, o usado d'ordinario para authenticar os documentos, era redondo, com uma cruz da ordem de Christo tendo a haste inferior ladeada por dois açores, e em volta a legenda · : · DACAMARADAVILADASVELA *(sic)*. Este sello foi «em 27 de outubro de 1674 entregue pelo procurador do concelho, André Fernandes Pereira, ao chanceller municipal e vereador mais velho do anno anterior, Jorge Gomes Fagundes, o qual sello elle procurador mandára fazer por ordem da camara» (o que tudo consta do termo d'entrega no sobredicto dia.

O outro sello, mais antigo, e que «era empregado nos diplomas relativos á saude publica, é de fórma aproximadamente eliptica, tem gravada a imagem de S. Sebastião, e inferiormente a ella as iniciaes C*V*, *Concelho das Vellas*. Tem cinquenta e oito millimetros de alto por trinta e sete de largo. (Est. VIII, n. 1).

II—Sello de Villa-Franca-do-Campo (Açores)

O antigo sello do Municipio de Villa-Franca-do-Campo é redondo, com trinta e oito millimetros de diametro, e representa a mão alada da *Justiça* segurando a espada, d'onde pende uma balança; por cima, corôa real fechada; por baixo, no campo tambem, V*F iniciaes do nome da povoação; em volta a legenda que diz: QUIS * SICUT * DEVS *? Pela fórma da corôa pode attribuir-se a execução d'este sello ao ultimo quartel do seculo XVI. (Est. VIII, n. 2).

Obtive os moldes d'estes curiosos sellos, por intervenção da Ex.ma S.ra D. Maria Luiza Duarte, a quem muito agradecido me confesso.

Borges de Figueiredo

NOTICIA D'UM MSS.

DE LAPIDE PHILOSOPHORUM

Adquiri ha pouco um Manuscripto muito interessante sob varios pontos de vista, de procedencia italiana, e que pelo objecto e caracteres paleographicos deve talvez ascender á segunda metade do XVI° seculo.

Compõe-se elle de 44 fol. de papel, de grande formato, e acha-se coberto por uma capa de pergaminho, folha de antigo missal em bellas lettras onciaes.

Na capa, pela parte interior tem collada uma folha de papel, onde se escreveu no alto com uma lettra mais moderna o titulo *De lapide philosophorum*. Nessa mesma folha vê-se desenhado um *forno de alchimista*, dividido na parte superior em tres corpos: um, á esquerda, designado por *furnus*, sobre o qual se vê uma caldeira expressa pela palavra *caldarium* onde se effectua o banho-Maria *Balneum Marie*; outro corpo central, com uma abertura lateral na parte inferior *os canonis ab igne*, e outra abertura circular superior, com a lettra *canonũ ab igne*; finalmente o terceiro corpo, com o lettreiro *Furnus distillationis cum registris*, e encimado de duas retortas e receptaculos, indicados pela palavra *Receptoriũ*. A estampa é acompanhada d'outras indicações concernentes ás dimenções da bocca do forno e da chaminé.

No recto da primeira folha, sem numeração, do mesmo tratado lê-se em seis linhas: *Fumus albus.* | *Leo viridis.* | *simul cõgiuncta,* | *et Aqua Fœtida...* | *cum qua, et per quam, et sine qua* | *nihil potest fieri in nostro magisterio.*

Segue-se logo na mesma pagina uma indicação dos dias nefastos, d'esta maneira:

«Questi sõno li giorni infelici, nelle quali nõ si fa cosa | alcuna d'importanza secondo latini:

Grego	11 12 13 14 15. 16
Di genaro	.i. 2 .3 .4. 5. 6.
Gregoria	16 17 28
Di febraro	.6. 7. i8.
Di Martio	.i. i5. i7. i8
di Aprile	i6. i8.
di Maggio	7. i5. i8.

di Giugno..... i6. i8.
di Juglio..... i6. i8.
di Agosto..... 2i. 22.
di Settembrio..... i3. i8.
Ottobrio..... i6.
Nouẽbrio..... i5. i8.
Decẽbrio..... 6. 7. ij.»

Temos pois aqui uma lista de dias chamados aziagos, egypcios etc., do que já na *Revista Archeologica,* vol. I, p. 65 e seguintes tractou o meu amigo Ad. Coelho. Como o notará quem confrontar os dias criticos indicados no Mss. de que tracto com as relações dos apontados no alludido artigo verá que entre todas as listas ha differenças.

No verso da primeira folha do Mss. encontra-se uma lista de nomes dispostos em columna de Alchimistas, ou suppostos taes:

«Nomina ph*ilosopho*rum,.
Hermete,
Aristotele,
Hortulano,
Platone.
Geber.
Alberto Magno,
Ares,
Morieno.
Alchidio.
Haly Rex.
Rosonio,
Martirisato.
Minadar.
Mesue
.S. Thomaso.
Auicena,.
Rasis.
Arnaldo d'uilla noua,.
Maestro d'l arte generale,.
Raimondo Iulio,
Maestro Paulo della pergola,
X.°phoro da Parise,.
Giouanne dasen.,
et tota turba philosophorum.,.»

No recto da folha immediata (marcada com o numero 1, d'onde se deprehende que o auctor alli considerava o começo do tratado), depois da invocação *Jhus Maria* lê-se o titulo seguinte: «Liber intitu-

latus, preciosum Dei donũ»; e logo começa o texto (cujas abreviaturas aqui vão desinvolvidas):

«Qui uerissimam artis alchimiae cognitionem habere desiderant, libellum hunc diligenter inspiciant, ac saepissime perlegant, et optatum prospere consequentur. Audite igitur filij priscorum philosophorum, qua altissima enim uoce, libet exclamare, cum statuerim uobis principium humanarum rerum, ac statum aperire, secretum omnium secretorum, et thesaurum thesaurorum: nom ficte, non irrisorie, sed certissime, et humanissime ipsum patefaciens: modo mihi talem exhibeatis audiendi deuotionem, quale uobis afferam doctrinae magisterium...»

Segue-se uma longa exposição em que se define a alchimia e se explicam varias coisas que lhe respeitam, tudo auctorisado com os nomes do philosophos mencionados na lista já transcripta; e no *recto* da folha 3 encontram-se os doze artigos da *sciencia maior*, conforme a indicação lançada no fim da pagina precedente: «seguitur tabula scientiae maioris».

Eis esses doze artigos:

«Primo habetur in leone nostro uiridi uera materia, et cuius sit coloris, quae uocatur adrop, uel azone, uel duenec.

«2.º, et 3.º habetur, qualiter corpora soluuntur in argentum uiuum philosophorum, id est, in aquam magisterij nostri. et fit vnum corpus nouum.

«4.º habetur putrefactio philosophorum, quae nunquam fuit uisa diebus nostris, et fit leui igne in .xl. diebus. et dicitur prima purificatio.

«5.º habetur, qualiter maior pars istius aquae facta est terra nigra feculenta, de qua loquuntur omnes philosophi. et hoc fit in .xl. diebus. et dicitur. 2.ª purificatio.

«6.º qualiter haec terra nigra in principio stans super aquam, paulatim submersa est in fundo uasis: et uocatur humectatio post secundam putrefactionem.

«7.º qualiter ista terra iterum dissoluta est in aquam, colorem olei referens, et uocatur oleum philosophorum.

«8.º qualiter natus est draco ex nigredine, qui satiatur mercurio suo, Et interficiens seipsum, et submergens se in ea aqua aliquamtulum dealbatur, et fit elixir.

«9.º qualiter aqua mundatur totaliter à nigredine, et acquirit colorem lactis. Sed multi, et diuersi colores apparent in nigredine, et fit cinis.

«X.º Qualiter illae nebulae nigrae, quae erant in uase supra aquam descenderunt in corpus, unde exierunt.

«Xi.º Qualiter ille cinis factus est albissimus, ut marmor corruscans, et est elixir ad album.

«Xij.º Qualiter illa albedo conuersa est in rubedinem transparentem, ut rubinus, et est exlixir ad rubeum.»

Segue immediatamente toda a explanação da grande sciencia, começando o auctor pela indispensavel observação: «Et si nis bene intelligere totum opus, lege de parte, in partem, et uidebis mirabilia». D'este ponto em diante é o texto acompanhado de figuras bem illuminadas com as cores e metaes (ouro e prata) competentes; sendo a primeira a *conjuncção* do sol e da lua, de que resulta o liquido verde contido numa ambula representada entre os dois astros, com a lettra: *ó benedicta uiriditas quae generas cunctas res.*

Apóz outras estampas de menos apparato, que todas vão illustrando as transformações que o texto indica na materia alchimia, veem-se successivamente uma ambula contendo um figura real de apparencia feminil, illuminada a prata; outra ambula contendo um rei, illuminado a oiro. A primeira tem entre outros lettreiros o seguinte: «*Ego sum elixir ad album transformans omnia corpora imperfecta in uerum argentum melius quam si de minera extraheretur*»; a segunda é acompanhada d'esta lettra, além d'outras: «*Ego sum elixir ad rubeum transformans omnia corpora imperfecta in purissimum solem*».

Finda no recto da fol. 12 este tractado da arte alchimia com estas palavras: «Hanc ego scientiam in multa aetatis prolixitate ex Dei solius inspiratione acquisiui, cum omnibus authoribus diutius studerem, et uaria experiri non desisterem, et nisi iudicij diem timerem, huius scienciae nihil patefacerem, nec ulli prophetisarem. Volui autem debita fidelibus reddere, prout author fidei mihi largitus est. Laus deo semper. pax uiuis, et requies defunctis. amen. Deo gratias. Fidelium animae per misericordiam dei requiescent in pace.»

Depois do tratado que fica descripto, succedem-se sem numeração original treze paginas de estampas; as oito primeiras conteem figuras illuminadas com algumas indicações, nas cinco restantes são os desenhos á penna. Inventariemos as figuras:

Fol. 13 v. fig. 1.—Ambula, contendo um liquido verde, de cujo gargalo sae uma planta com sete flores brancas; dos lados do vaso, e como que segurando-o, um rei á esquerda, uma rainha á direita; por cima a lettra: *opera d'vn giorno.*

Ibid., fig. 2.—O mesmo vaso; por baixo do liquido verde um residuo de oiro; rei e rainha, de pé, em completa nudez, salvo as corôas; do gargalo do vaso, que é de côr vermelha, em que se vê uma creança nua, sae uma haste de planta com tres flores, duas brancas e uma vermelha, por cima a lettra: *opera di giorni* xv.

Fol. 14, fig. 3.—O mesmo vaso; por baixo do liquido verde, residuo de prata: homem e mulher em copula; por cima quatro cabeças; do gargalo de côr verde, onde se vê um anjo de azas vermelhas, sae uma haste de planta com nove flores: cinco brancas e doiradas, tres vermelhas e doiradas e uma só vermelha; por cima: *opera di vn mese.*

Ibid., fig. 4.—O mesmo vaso cingido d'uma zona de prata; no meio dos vapores que o enchem, homem e mulher em copula (imposta

a mulher); do gargalo sae uma planta de tres flores, duas vermelhas e brancas, outra vermelha toda; por cima: *opera duj mesi.*

Fol. 14 v. fig. 5.—O mesmo vaso, cheio de vapores, cingido d'uma zona de prata; na abertura um corvo com as azas e bico abertos.

Ibid., fig. 6.—O mesmo vaso contendo um liquido de varias côres onde nadam quatro cobras vermelhas; sobre o liquido vapores; na abertura, pomba de prata com um ramo de oliveira no bico.

Fol. 15. fig. 7.—O mesmo vaso, cingido da zona de prata; dentro, mulher nua; na abertura, pomba d'oiro com as azas abertas.

Ibid., fig. 8.—O mesmo vaso; sobre um residuo de prata dragão em que predominam a côr verde e a vermelha; o resto cheio de vapores; na abertura um corvo com as azas e bico abertos.

Fol. 15 v. fig. 9.—O mesmo vaso; residuo multicor; por cima vapores com chammas? vermelhas; na abertura, pomba de prata com ramo d'oliveira no bico.

Ibid., fig. 10.—O mesmo vaso; residuo d'oiro d'onde sae uma planta verde com flor d'oiro e prata; na abertura do vaso, pomba d'oiro com as azas abertas.

Fol. 16, fig. 11.—O mesmo vaso; sobre residuo de prata, rainha do mesmo metal, em pé e com sceptro; da abertura sae uma planta com duas folhas e uma flor de prata.

Ibid., fig. 12.—O mesmo vaso; sobre residuo d'oiro, rei do mesmo metal, em pé e com sceptro; da abertura sae uma planta com duas folhas e uma flor de oiro. (Tres lettreiros, riscados).

Fol. 17 v.—Estampa muito complicada representando uma arvore com quatro ramos terminando com figuras symbolicas acompanhadas dos nomes: *Elixir rubeum, ignis — Elixir album, aer — aqua — terra.* Num dos ramos o corvo, *caput corui.* Por cima, duas chaves de prata, *claues albae*; duas chaves d'oiro, *claues rubeae*; o sol; o sol e a lua conjunctos, cada um de sua côr; o sol e a lua conjunctos, de prata. Entre os ramos da arvore o dragão tendo sobre o costado uma trempe com a ambula. O sol á esquerda, a lua á direita do tronco da arvore, no qual ha duas portas com ferrolho; as raizes da arvore mergulham numa bacia onde bebem dois animaes com pontas, ambos com o pescoço atravessado por espadas; o da esquerda, amarello (d'oiro) bebe *Aqua rubia,* o da direita branco (de prata) bebe *Aqua alba*; sob cada animal a palavra *Rebis.* A estampa é acompanhada de varios lettreiros.

Fol. 18.—Homem de tres cabeças (a central de mancebo, as outras figurando o sol e a lua), com tres symbolos, no joelho direito (♋), na coxa esquerda (♋) e no seio esquerdo (♋), sobre o dragão cuja cauda segura, e ao qual enterra a espada na guella; no corpo do dragão oito signos planetarios ♄, ♃, ♂, ☉, ♀, ☿, ☽, ♄.

Fol. 19, fig. 1.—Rei no throno: por cima o sol; em frente do rei (Sol) ajoelhados os planetas ☽, ☿, ♀, ♂, ♃ e ♄. Fig. 2.—*Amalgama.* Mercurio ferindo o Sol. Fig. 3.—O Sol prostrado; Mercurio sentado sobre elle.

Fol. 20.—*Prima imbibitio.* Mercurio entrando num sepulcro. Fig. 2.—*Secunda.* O sol deitado no sepulcro. Fig. 3.—*Tertia.* Mercurio tapando o sepulcro onde está o Sol e uma creança?

Fol. 21, fig. 1.—*Quarta.* Sepulcro cerrado. Fig. 2.—*Quinta.* Mercurio e outra figura destapando o sepulcro onde se veem dois esqueletos. Fig. 3.—*Sexta.* Mercurio tirando os ossos do sepulcro.

Fol. 22, fig. 1.—*Septima.* Mercurio depondo na terra os ossos dos dois esqueletos. Fig. 2.—*Octava.* Busto (o Sol) com resplandor saindo d'uma nuvem; no solo cinco figuras (os planetas) em oração. Fig. 3.—*Nona.* O mesmo busto, mais completo, estendendo um braço como para receber um osso que uma figura suspensa no ar tira do sepulcro.

Fol. 23, fig. 1.—*Elixir Rubeum, iam absolutum.* Rei (o Sol) sentado na borda do sepulcro. Fig. 2.—*Elixir Rubeum. Proiectio.* Rei (o Sol) no throno; ante elle adorando-o cinco figuras (os planetas).

Aqui terminam as curiosissimas estampas. O resto do Mss. compõe-se de escriptos diversos, em verso e proza, em italiano e latim, mas todos sobre o mesmo assumpto do primeiro tratado.

No *verso* da folha 24 encontram-se umas oitavas italianas: *De lapide philosophico,* precedidas da seguinte receita:

Bis decem sume, decem atque septem,
Nonem includas, tresdecim adiungas.
Primum postponas, totumque concludas.

Encontram-se depois successivamente: alguns sonetos; uma *Expositio quorundam carminum in fine Geberis descriptorum;* e um escripto sobre a natureza do mercurio e sobre a pedra philosophal, com os requisitos que deve ter o alchimista, os preceitos que deve seguir, e muitas outras informações, terminando assim o ignoto auctor:

Hacc docuit experientia
Per Deum dixi veritatem.

Finalmente, apoz tres paginas de largas considerações em lingua latina sobre a *arte* e opiniões de varios dos seus cultores, termina com alguns versos latinos e italianos.

Talvez que, do confronto d'este Mss. com outros tratados da mesma materia, se possa apurar quem foi o seu auctor.

BORGES DE FIGUEIREDO

FRUCTOS DA EGREJA DE S. LOURENÇO (LISBOA).

[A seguinte bulla, do papa Clemente VI, dada em Avinhão aos seis de agosto do anno de 1345, é interessante por se referir a auxilios dados a estudantes pobres que cursassem theologia, direito ou medicina:]

«Clemens episcopus seruus seruorum dei Venerabili fratri Archiepiscopo Bracharensi salutem et apostolicam benedictionem. Exhibita nobis, pro parte dilectorum filiorum Prioris et portionariorum secularis ecclesie sancti Laurentii Vlixbonensis, petitio continebat quod quondam Michael electus Visensis, nerusque patronus eiusdem ecclesie, ex speciali commissione sibi facta per bone memorie Johannem Episcopum Vlixbonensem, quandam de fructibus, redditibus et proventibus, iuribus atque bonis ipsius ecclesie ordinationem fecisse dinoscitur, illa, uidelicet in partes duodecim diuidendo, quarum quatuor omnibus oneribus ipsius ecclesie persolutis, Priori qui esset pro tempore assignauit, quatuor uero alias, quatuor portionariis ipsius ecclesie, tribus uidelicet ex ipsis portionariis seruientibus in ipsa ecclesia ab antiquo, et quartam ex ipsis portionibus quarto portionario, quem idem electus ad dei seruitium et diuini cultus augmentum, in ipsa ecclesia, absque tamen dictorum aliorum trium portionariorum tunc uiuentium preiudicio, tunc nouiter ordinarat, concessit, reliquas autem quatuor partes, quatuor pauperibus clericis studentibus in Theologia aut in iure uel in medicina in qua illarum scientiarum cum consilio Prioris et portianoriorum ipsius ecclesie ac perpetui administratoris capelle, per quondam Petrum de Vlixbona in aedem parrochiali ecclesia canonice fundate, dicti studentes melius proficere crederentur, per spatium octo annorum pro ipsorum sustentatione, per Priorem eiusdem ecclesie qui esset pro tempore de consilio dicti administratoris, dari et assignari uoluit et concedi, et quod post dictum tempus, eisdem quatour alii studentes surrogari deberent et sic imperpetuum successiue seruari debere mandauit, prout in litteris super hec confectis Johannis Episcopi Vlixbonensis, et Michaelis predictorum sigillis munitis plenius et seriosius dicitur contineri. Quare pro parte dictorum Prioris et portionariorum, nobis extitit humiliter supplicatum ut cum opus huiusmodi utilitatem afferat euidentem ordinationem et distributionem predictas, dignaremur auctoritate apostolica, ex certa scientia confirmare. Nos igitur de premissis notitiam plenariam non habentes, fraternitati tue de qua fiduciam gerimus in domino specialem, per apostolica scripta commictimus et mandamus quatinus informationem auctoritate nostra recipias diligentem, an dicta ordinatio sit expediens et utilis et utrum eidem Priori sufficiens sit facta prouisio, et si per informationem huiusmodi inveneris ita esse super

quo tuam conscientiam oneramus confirmandi auctoritate apostolica ordinationem ipsam plenam et liberam tibi concedimus tenore presentium facultatem. Dante Auinionem. viij Idus Augusti Pontificatus nostri Anno Quarto».

Esta bulla tem ainda pendente o respectivo sello de chumbo com a lettra CLE—MENS—PP VI.

OS ARCHITECTOS FRIAS

(Correcção)

[A pag. 51, o artigo relativo a *Theodosio de Frias,* filho de Nicolau, acaba na segunda linha. As sete que se seguem são o final do artigo relativo a *Luis de Frias,* que, por lapso, foi mutilado no acto da paginação. Eis o artigo integralmente como devera ter saido:]

Luis de Frias, a que no diccionario de Raczynski se dá uma errada filiação, não deslustrou a memoria e habilitações dos seus maiores. Foi cavalleiro-fidalgo, moço de camara de Felipe III, architecto regio, nomeado em 1610, cargo vago pela promoção de seu pae a mestre das obras dos paços; superintendente da guarda de el-rei, em Alcantara, pelos annos de 1615 a 1628; e familiar do Santo Officio em 1626.

Os seus trabalhos referem-se especialmente á edificação das prisões. A habilitação inquisitorial de seu filho em 1637 diz que elle—«servira muitos annos de architecto dos *cadafalsos*, que se fizeram nesta cidade».

Casou com D. Antonia da Cruz, de quem nasceu um filho unico, o Theodosio, que segue.

Viveu e morreu, como seu pae, nos paços de Alcantara.

CAVALLO DE BRONZE DA EPOCHA ROMANA

(Estampa IX-X)

Este pequeno e raro monumento foi «encontrado nos trabalhos antigos da Mina de S. Domingos, Mertola», conforme a indicação de proveniencia que o acompanha no Museu da *Commissão dos Trabalhos Geologicos*, á qual pertence[1].

Este objecto, que vae representado com as suas reaes dimensões, tem semelhanças, nos traços geraes, com a insignia militar que foi publicada no *Museo Español de Antigüedades* vol. II, p. 91; diverge, porém, d'ella em varias particularidades, que facilmente reconhecerá quem fizer o confronto dos dois monumentos.

Tem o cavallo (ao que parece) tosquiada a crina e não entrançada (*intorta juba*), ao inverso da descripção de Varrão *non angusta juba, crebra, fusca, suberispa subtenuibus setis implicata in dexteriorem partem cervicis*). A cauda desappareceu.

Está devidamente ajaezado. Tem a cabeçada (*frontis munimenta*), com a competente testeira (*frontale*); pendendo d'esta sobre a fronte um ornato circular. Tem o freio com as competentes redeas (*habenae*) passadas ao pescoço; e sobre o dorso vê-se-lhe a sella simples (*ephippium*) mas com orla (*limbus*). Por baixo d'ella, ou o artista quiz representar um xairel franjado (*stragulum fimbriatum*), ou ajaezou o cavallo com o peitoral (*antilena*) e a retranca (*postilena*); todavia mais parece que houve a intenção de figurar um xairel, por isso que na face opposta se vê claramente o peitoral.

Junto da cabeça, no pescoço, notam-se quatro globulos acompanhados d'uma fita ou cordão ondulado com que se quiz sem dùvida representar o *monile* ou a *phalera*.

Temos visto o objecto do lado principal, quero dizer, do lado destinado a patentear-se. Do lado opposto, não se vê o xairel, nem o *monile*, mas só parte do peitoral, como notei, e da redea. O orificio rectangular, que alli se nota abaixo da sella, era destinado evidentemente a facilitar a sua adaptação. Pode intender-se que o cavallo existente constituisse uma insignia; e que, ligado lateralmente a outro identico, os dois formassem uma biga. Confesso não saber decidir esta questão. Se a ultima hypothese não deve ser excluida, é extranha a presença da sella.

[1] Obsequiou-me com o *cliché* para a phototypia da est. IX-X o dignissimo Director da *Commissão*, o sr. J. F. Nery Delgado.

No pescoço, á frente, nota-se um appendice de que não sei dar explicação. Na hypothese de o cavallo fazer parte d'uma biga, poderia esse appendice representar a extremidade do temão. O appendice não está unido ao focinho do cavallo (como se poderia suppôr só á vista da estampa). Compare-se a figura dada por A. Rich no *Dict. des ant. rom. et grecq.* 3.ᵉ éd., s. v. *Arcera,* onde cita Ginzrot, *Wagen und Fahrwerke,* que eu não pude ver.

Na parte inferior do peito, mesmo sobre o jogo dianteiro nota-se d'um e d'outro lado uma saliencia, cuja significação ignoro.

No estado em que o objecto está, é impossivel decidir com segurança se o cavallo tinha as patas assentes sobre uma base (como o da insignia do *Museo Españ. de Antig.* ja citada), ou se era simplesmente adaptado á hasta pelo orificio mencionado.

Este interessante monumento parece figurar um d'esses pequenos e ageis cavallos de que nos fala Marcial (XIV, 199):

> Hic brevis, ad numerum rapidos qui colligit ungues,
> Venit ab auriferis gentibus, Astur equus;

esses singulares cavallos chamados Asturcos, como tambem Plinio nos diz (*H. N.*, VIII, 67): «In eadem Hispania Gallaica gens est, et asturica: equini generis (hi sunt quos thieldones vocamus, minori fama appellatos asturcones) gignunt, quibus non vulgaris in cursu gradus, sed mollis alterno crurum explicatu glomeratio: unde equis tolutim carpere incursus traditur arte.»

A posição da cabeça e das pernas dianteiras dão ao animal uma attitude imponente que faz lembrar a descripção de Virgilio (*Georg.* III, 83-84):

> .... si qua sonum procul arma dedere,
> Stare loco nescit, micat auribus, et tremit artus.

O interessante monumento, seja ou não uma insignia militar, é indubitavelmente de fabrica hispanica.

BORGES DE FIGUEIREDO

INSCRIPÇÕES DE SYNAGOGAS DOS JUDEUS PORTUGUEZES

I.—Synagoga de Lisboa. (Inscripção em hebreu; 9 linhas)

Lapida de marmore rosado, saccharoide muito brando; mede $0^m,85 \times 0^m,50$. Os caracteres são em alto relevo; as linhas são parallelas aos lados maiores do rectangulo; e entre as linhas 1.ª e 2.ª, 4.ª e 5.ª, 8.ª e 9.ª, ha umas barras rectilineas. Ao meio das linhas 5.ª, 6.ª, 7.ª, e 8.ª existe um espaço rectangular em branco, que parece ter sido destinado a receber algum emblema ou figura.

Esta lapida foi achada em Lisboa proximo da egreja da Conceição Velha, onde antigamente houve uma synagoga; appareceu na excavação, que se fez depois do terremoto de 1755, para o alicerce de uma casa. Foi adquirida por D. Fr. Manuel do Cenaculo, que a mandou conduzir de Beja para Evora: onde existe no Palacio de D. Manuel.

Segundo a inscripção, a synagoga foi construida pelo Rabbino Jehudah, filho de Gedalyah, e terminada no anno de 5067 da Creação do Mundo, isto é, 1307 da era de J. C. Sabe-se que no reinado de D. Diniz (1261–1325) foi ministro da fazenda o Rabbi mór D. Judas; não temos porém dados bastantes para identificar este personagem com aquelle a que se refere a inscripção.

Cf. *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*, por Augusto Filippe Simões, Evora 1869, pag. 22; traducção feita pelo Rabbino Isaac Ben-Assaig, em 1823. *Boletim da real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes*, Lisboa 1875, n.º 5 da 2.ª serie, pag. 77; Neubaner publicou esta inscripção nos *Archives des Missions scientifiques et litteraires*, Paris 1868, 2e serie, tom. 5.e pag, 435.

זה השער ליי צדיקים יבואו בו: באו שעריו בתודה חצרותיו בתהלו

הולכי בדרכי יי רוצי לבית התעודה: שלש פעמים בכל יום בואו שעריו בתוד

וקחו בידכם פרים ושירים ומזמור לתודה: בנין מהודר ויפה בנה הרב יהו

בן רב גדליה מקורא תוך ישרים ועדה: לשם אל תקימו ובנו ומלאכה תמור

שלמה מלאכת בית אלהינו בי — רח תמוז .....א לאתנ

בשנת חמשת אלפים היא וגם — ששים וגם שבע למנינ

האל אשר נתן בלב הרב לפאר — בית אלהינו ומש

הוא יאכוף עמו לבית קדשו ויר — אנו בבנינו ובני בנ

אשרי אדם שמע לי לשקד על דלתתי יום יום לשמר מזוזת פת

Traducção

[1] Esta é a porta do Senhor, os justos entrarão por ella. Entrai as suas portas em acção de graças, os seus atrios para o louvar*. [2] Os que andais pelos caminhos do Senhor, e os que correis ao Templo da Lei, tres vezes em cada dia vinde ás suas portas em acção de graças; [3] e tomai em vossas mãos fructos; e [cantai] canticos e psalmos em acção de graças.

Este edificio decorado e formoso construiu o Rabbino Jehudah, [4] filho do Rabbino Gedalyah, nomeado entre os principes e do conselho; ao nome de Deus levantou e construiu esta obra em reconhecimento.

[5] Foi acabada a obra do Templo do nosso Deus no mez de Tamuz... da nossa vinda; [6] no anno cinco mil e sessenta e sete desde a nossa criação.

[7] Deus que poz no coração do Rabbino, que embellezasse o Templo do nosso Senhor e a sua Morada; [8] elle ajuntará o seu povo no Templo do seu sanctuario, e nos escolherá com os nossos filhos, e com os filhos dos nossos filhos.

[9] Bemaventurado o homem que me obedece, velando as minhas batentes todos os dias, e guardando as hombreiras da minha porta**.

II.—Synagoga do Porto. (Inscripção em hebreu; 8 linhas)

Lapida de granito duro; mede $1^m,54 \times 0^m,65$; espessura $0^m,18$. Os caracteres são gravados, e bem legiveis; as linhas são parallelas aos lados maiores do rectangulo.

Esta lapida foi descoberta no Convento de Monchique, no Porto, em 1862. A synagoga era pouco mais ou menos no local, em que no anno de 1598 foi construida a egreja e convento de S. Bento da Victoria. Muito provalmente a população hebraica habitava junto da synagoga; existem ainda alli perto as *Escadas da Esnoga*, e as *Escadas dos Judeus*. A lapida está actualmente no Museu Archeologico do Carmo, em Lisboa.

A synagoga foi construida pelo Rabbino Don Jehudah, que occupava um logar eminente na côrte, e provavelmente no fim do seculo XIV, ou principio do seculo XV.

---

* Ps. 100, 3.
** Prov. 8, 34.

Cf. *Catalogo do Museu Archeologico do Carmo,* pelo architecto J. Possidonio da Silva, Lisboa, 1873, n.º 541; *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, Lisboa, 1875, n.º 5 da 2.ª serie, pag. 77; Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, Lisboa, 1876, tom. VII, pag, 502.

אשר יאמר· איך לא נשמר· בית נאמר· בתוך חומה
הלא יודע· כי לי מודע· אשר נודע· רמי קומה
אותי שומר· הלא יאמר· קל וחומר· אני חוטה
גדול היהודים· גביר הנלודים· בעמיך נגידים· והנו נצב
דורש טוב לעמו· עבד אל בתומו· בנה בית לשמו· אבני מחצב
למלך משנה· בראש הוא נמנה· בגדולה ולפני מלכים יתיצב
הוא הרב דון יהודה· המגיד נר יהודה· לו נאות הנסוכה
במאמר הרב שיהיה· דון יהוסף [ב]ן אריה· פקיד ונגיד על המלאכה

Traducção

[1] Se alguem disser: «como o Templo nomeado não foi guardado dentro de um muro». [2] Eis que [o Templo] responderá: «porque eu tenho um amigo, que é conhecido dos altos da côrte, [3] que é para mim guarda». Eis que [o amigo] dirá: «eu sou a cal (?) e o barro do muro».

[4] Elle é grande entre os judeus; poderoso entre os bem nascidos principes do teu povo; e eis que é o mais excellente. [6] Bom protector do seu povo; servo de Deus em sua sinceridade.

Ao nome de Deus construiu um Templo de pedra de cantaria. [6] Segundo abaixo do rei; depois d'elle é contado em grandeza, e na presença dos reis se assenta. [7] Elle é o Rabbino Dom Jehudah, gloriosa luz de Jehudah; a elle pertence a uncção.

[8] Por ordem do Rabbino, que viva, Dom Jehoseph ben Arieh*, intendente e director da obra.

III.—Synagoga de Amsterdam. (Inscripção em portuguez; 27 linhas)

Em Amsterdam os judeus constituem approximadamente a decima parte da população, e possuem dez synagogas. A mais importante, e a maior de todas, é a dos judeus portuguezes, cuja fundação data de 1675. Foi construida, segundo se affirma, com a disposição do Templo de Salomão: e tem alfaias de ouro e prata de grande valor.

* Dom José de Lião.

Estes judeus portuguezes são descendentes dos que foram expulsos de Portugal na primeira metade do seculo XVI, e que levaram para Amsterdam o nucleo das grandes riquezas, que os actuaes judeus possuem. Apesar de expulsos, os judeus portuguezes conservam sempre muito amor a Portugal, e falam ainda a lingua portugueza, que tem transmittido de paes a filhos, durante umas poucas de gerações.

Cf. *Diario de Noticias*, de 30 de outubro de 1883; J. Ludolf (*Commentarius ad historiam Aethiopiae*, Francfourti, 1699, pag. 371)publicou a planta da Synagoga de Amsterdam.

EM 6.ª F.ª 10 MENACHEM DO ANNO 5435
SENDO PARNASSIM OS SENHORES:
YSHAC LEVY XIMENES PRESIDENTE,
MOSSEH CURIEL — DANIEL PINTO — ABRAHAM
5 JESURUM ESPINOZA
MOSSEH YSRAEL PEREIRA — JOSEPH DE AZEVEDO
ABRAHAM ZAGACHE GABAY
SE ESTREOU ESTA ESNOGA CONSTRUIDA
SEGUNDO O PROJECTO DO
10 ARCHITECTO ELIAS BOUMAN.
ZELOSOS FAVORECEDORES DA FABRICA FORÃO:
O SR. HAHAM YSHAC ABOAB DA FONSECA
O SR. YSHAC DE PINTO
O SR. MOSSEH CURIEL
15 AS QUATRO PRIMEIRAS PEDRAS AS
PUZERAM
OS SENHORES
MOSSEH CURIEL, JOSEPH YSRAEL NUNES
YMANUEL DE PINTO, DAVID YMANUEL
20 DE PINTO.
A COMMISSÃO DA CONSTRUCÇÃO SE COMPOZ
DOS SENHORES
YSHAC DE PINTO, SAMUEL VAZ, DAVID
SALOM DE AZEVEDO
25 ABRAHAM DA VEIGA, JAHACOB ABOAB
OSORIO, JAHACOB YSRAEL PEREYRA
YSHAC HENRIQUES COYTIÑO.

Linha 1. *Menachem* é talvez מרחשון, 8.º mez do anno sagrado, e 2.º do anno civil dos judeus. A era de 5435 da creação do mundo corresponde a 1675 de J. C.

Linha 2. *Parnassim*, פרנשים, directores.

Linha 7. *Gabay*, גבי, thesoureiro.

Lisboa, 7 de julho de 1889.

F. M. Esteves Pereira

INSCRIPÇÕES LATINAS DO ALGARVE

Existem no Museu do Algarve (Lisboa) muitos monumentos epigraphos de varias epochas, abundando os da romana. D'estes já foram alguns publicados no *C. I. L.* II, na *Ephemeris Epigraphica*, II e III, e na *Revista Archeologica* I.

Darei hoje conta dos titulos ainda ineditos (segundo penso), excepto um, em Portugal, sendo-me agradavel exarar aqui o testemunho do meu agradecimento ao sr. Estacio da Veiga, fundador e dignissimo director do mesmo museu, o qual me ministrou todas as necessarias informações da procedencia dos monumentos.

D'entre as vinte e cinco inscripções que vão seguir-se, seis são dedicações a devindades (1–6); uma é honorifica (7); as restantes, funerarias (8 a 25).

1—Encontrada no sitio dos Serros Altos, concelho de Albufeira; alt. 0,^{m}41, larg. 0,^{m}22:

capella

S⁄S⁄I
VOTVM
POSVIT
ARAM
5 //ECVEMP//

cobris

S(ancto) S(ilvano) I(nvicto) | *votum.* | *Posuit* | *aram* | ... *e-cuemp*...

L. 1. Cf. *C. I. L.*, VII, 451. L. 5 desespéro de ler o nome do dedicante.

2—Encontrada na Torre de S. Clemente, concelho de Loulé; $0^m,79$ de alt., e $0^m,23$ de largo:

	D S S		
	FONTEIVS		
	PHILOMV		*D(eo) S(ancto) S(ilvano)* |
pnaretra	SVS EXVO	arcus	*Fonteius* | *Philomu* | *sus ex*
5	TVANIMO		*vo* | *tu animo* | *libens* | *posuit.*
	LIBENS		
	POSVIT		

3—Encontrada no sitio da Retorta, freguezia de Boliqueime, concelho de Loulé; $0^m,64$ de alt., e $0^m,23$ de larg:

HIC	
ALFON	
SVSEXVO	... [*Fonteius* | *Philomu?*] | *sus ex*
TOANIMO	*vo* | *to animo* | *libens* | *posuit.*
5 LIBENS	
POSVIT	

L. 1 e 2 são modernas; foi picada a pedra e rebaixada para ser alli escripto o nome de *Alfonsus*, aproveitando-se a ultima syllaba do nome primitivo.

Pela fórma dos caracteres este monumento é absolutamente coevo do antecedente (n.º 2); e pela disposição das palavras parecem ter sido feitos pelo mesmo quadratario. O que tudo, junto á terminação ...svs do nome do dedicante, e á proximidade das localidades, torna provavel ter sido mandado fazer este monumento pelo mesmo individuo que mandou executar o antecedente.

4—Encontrada na Torre d'Apra, concelho de Loulé; alt. $0^m,55$, larg. $0^m,29$:

AR	
SACRVM.	[*M*]*ar*[*ti Aug(usto)*] | *sacrum.* |
PACCIVS	... *Paccius* | *Fronto* | [*votum* |
FRONTO	*solvit* | *libens* | *animo?*]
5 [illegible]	

L. 1 Veem-se os vestigios inferiores das lettras TAVG; havia, pois, na pedra T.

5—Encontrada na muralha do Castello de Faro; alt. $0^m,35$, larg. $0^m,27$:

SPEIDOMI
RAM

Spei Domi | [*tia?*. . .*a?*] *ram*
[*a*(*nimo*) *l*(*ibens*) *p*(*osuit*)?]

Não é monumento christão.

6—Encontrada na muralha do castello de Faro; alt. $0^m,40$, larg. $0^m,26$ e $0^m,20$:

M
LVCAN
SPDD

. . . . . [*sacru*]*m*. | . . . . *Lucanus* | *d*(*e*) *s*(*ua*) *p*(*ecunia*) *d*(*ono*) *d*(*edit*).

7—Encontrada no Montinho das Laranjeiras, concelho de Alcoutim; alt. $0^m,96$, larg. $0,^m08$; lettras de $0,^m06$ a $0,^m08$ de alto.

E
S
1 N · H I *onorem*
E N
5 LV
)7

D'esta inscripção, sem dúvida honorifica, só posso completar duas palavras na l. 3.

8—Encontrada no logar da Cruzinha, freguezia da Mexilhoeira, concelho de Portimão; alt. $1^m,26$, larg. $0^m,47$

D M S
SNVMISIVS
PHAIVS
ANN ≠ L
5 I ISE≠STTL

D(*iis*) *M*(*anibus*) *S*(*acrum.*) | [*Aiu?*]*s Numisius* | *Phaius* *ann*(*orum*) *L* | *h*(*ic*) *s*(*itus*) *e*(*st*); *s*(*it*) *t*(*ibi*) *t*(*erra*) *l*(*evis*).

L. 2 Prefiro AIVS (*C. I. L.*, II, 2786) attendendo ao espaço.

9—Encontrada em S. Martinho, concelho de Faro; pedestal de estatua; alt. $1^m,2$, larg. $0^m,42$:

	D M S		
	CAECILIAE		
	L·FI· MARI		*D(iis) M(anibus) S(acrum)* |
guttarnium	NAE OSSO	patera manubriata	*Caeciliae* | *Lucii f(iliae) Ma-*
5	NOB AN		*ri* | *nae Osso* | *nob (ensis) an-* |
	N O R V M		*norum* | *LXXXV.* | *H(ic)* etc.
	LXXXV		
	H·S·E·S·T·T·L		

10—Encontrada em S. Martinho, concelho de Faro; alt. $0^m,82$, larg. $0^m,36$:

	D M S		
	LI(I / IA		
corona	////C///MA	(emblema obliterado)	*D(iis) M(anibus) S(acrum.)*
	///\\/\/N///S		| *Li[c]i[n]ia* | .....
5	//////////////		

11—Encontrada no cemiterio ossonobense de Guelhim, concelho de Faro; alt. $0^m,68$, larg. $0^m,41$:

D M S	*D(iis) M(anibus) S(acrum.)*
DAIHINE	| *Daphine* | *an(norum) VII,*
ANVIIIISESTIL	*hic* etc.

L. 2 *Da[ph]ne*; D, A, H, I, N, E são certos.

12—Encontrada na Silveira, concelho de Faro; alt. $0^m,68$, larg. $0^m,41$:

	sertum	
	D M S	*D(iis) M(anibus) S(acrum.)*
	SEX·N·EROS	| *Sex(tus) N(umisius) Eros* |
	VIX AN PLVS	*vix(it) an(nis) plus* | *minus*
5	MINVS LV	*LX*; | *h(ic)* etc.
	H·S·E·S·T·T·L	

Todos os pontos são triangulares.

13—Encontrada no Colmeal, freguezia de Santa Barbara, concelho de Faro; alt. $0^m,42$, larg. $0^m,33$:

D M S	*D(iis) M(anibus) S(acrum.)* |
/P/M/ORIA	.... *oria.*

14—Fragmento encontrado no concelho de Faro, em que apenas se lê:

D M S

15—Encontrada na muralha do Castello de Faro; pedestal de estatua; alt. 1m,20, larg. 0m,55:

D M S
ILVPERCIL
LAΛWXXXX
HICSITAES
5 TSTTL

D(iis) M(anibus) S(acrum.) | *I(ulia)* | *Lupercil* | *la an(norum) XXXX*|*hic sita es*|*t. S(it)* etc.

16—Encontrada na muralha do Castello de Faro; alt. 0m,28, larg. 0m,06.

V L D I
V I A N
III M VI
D X I I

...uldi(us) | *vi(xit) an(nis)* | *III, m(ensibus) VI,* | *d(iebus) XII.*

17—Encontrada na Quinta do Marim, concelho de Olhão; alt. 0m,71, larg. 0m,48:

ꝑ D ꝑ M ꝑ S ꝑ
ꝑTROILUSꝑ
ꝑVIXITANXXXꝑ
ꝑMESIIIIꝑ
5 ꝑHSESTTLꝑ

D(iis) M(anibus) S(acrum.) | *Troilus* | *vixit an(nis) XXX* | *me(n)s(ibus) III.* | *H(ic)* etc.

18—Encontrada na Quinta do Marim, cancelho de Olhão; alt. 0m,41, larg. 0m, 24:

D ꝑ M ꝑ S
CAEEMERAꝑ
VIXꝑANNꝑXXVIIII
MENSꝑVIIIIꝑDꝑX
5 HꝑSꝑEꝑSꝑTꝑTꝑLꝑ

D(iis) M(anibus) S(acrum.) | *Cacemera* | *vix(it) ann(is) XXVIIII* | *mens(ibus) VIII d(iebus) X.* | *H(ic)* etc.

L. 2 CAEEMERA é certo; todas as lettras estão perfeitamente distinctas.

19—Encontrada em Olhão; cippo de fórma doliaria, de 0^{m},88 de largo e 0^{m},39 de diametro (tem nos topos figurado um emblema):

	D M S	*D(iis) M(anibus) S(acrum)*
	ET PATRICIAE	*| et Patriciae. | Vixit ann(is)*
lanx quadrata (vej. n.º 21)	VIXIT ANN	*XXV mens(ibus) | VII diebus*
	XXV MENS	*VIIII. | S[it tibi terra levi]s?*
5	VIIDIEBVSVIIII	
	S I B TRIBS	

L. 6 parece ter sido intenção do quadratario o dar por extenso a formula SIT TIBITERRALEVIS; mas que desistiu de graval-a. Pretendendo fazer a correcção, confundiu as lettras ao emendal-as (o R tem vestigios de haver sido primitivamente um L); nem é inadmissivel que houvesse um erro proveniente da confusão entre *brevis* e *levis*. Pode tambem adittir-se que houve a intencão de indicar as horas: *[horis] trib[u]s.*

20—Encontrada na Quinta do Marim, concelho de Olhão; cippo de fórma doliaria, de 0,^{m}77 de largo e 0,^{m}40 de diametro:

D M S	*D(iis) M(anibus) S(acrum.)*
DIODORA VIX	*| Diodora vix(it) | ann(is)*
ANN XXV	*XXV. | H(ic)* etc.
HSEST TL	

L. 4 entre as lettras ST e TL ha uma cavidade na pedra, donde se poderia inferir que estivesse escripto H·S·EST·[S·T·]T·L; mas é mais provavel que, ao gravar das lettras, saltasse uma falha da pedra, e o lapicida se visse obrigado a gravar mais adeante os dois ultimos caracteres.

21—Encontrada na Quinta do Marim, concelho de Olhão; alt. 0^{m},46, larg. 0^{m},33:

	D M S		*D(iis) M(anibus) S(acrum.)*
	MONTANVS		*| Montanus | vixit | ann(is)*
patera ansata	VIXIT	lanx quadrata, in qua nescio quid impositum est lagenis duabus simile *Hübner*	*XXXIII | mensib(us) II |*
	ANN· XXXIII		*dieb(us) VII. | S(it)* etc.
5	MENSIBII		
	DIEB·VII		
	S·T·T·L		

Publicada na *Ephem. Epigr.* IV, pag. 7.

22—Encontrada na Quinta do Marim, concelho de Olhão; cippo de forma doliaria, compr. 0m,58, diam. 0m,38:

D M S
sic HIRINIANA
VIX
ANNIS LII
sic 5 MINS II D IIII
STTL

D(iis) M(anibus) S(acrum.) | Hiriniana | vix(it) | annis LII | mins(ibus) II d(iebus) IIII. | S(it) etc.

Publicada na *Ephem. Epigr.* IV, pag. 7.

23—Encontrada na Quinta do Marim, concelho de Olhão; cippo de forma doliaria; comp. 0m,60, diam. 0m,38:

D M S
sic AVINTINA
VIXIT ANN
XXXV PA
5 TROCLVS
MERENTI
POSVIT·HSITE

D(iis) M(anibus) S(acrum.) | Avintina | vixit ann(is) | XXXV Pa | troclus | merenti | posuit. H(ic) sit(a) e(st).

Publicada na *Ephem. Epigr.*, IV, pag. 7.

24—Encontrada na Torre d'Ares, concelho de Tavira; pedestal de estatua; alt. 0m,75, larg. 0m,50:

D · M · S ·
HONORI · AEM
CHAERIDIS · VIX
AN·XXVII·M·VI·D Xv
5 C·FLAV·RELATVS
VXORI
H · S · E · S · *f · t · t ·*

D(iis) M(anibus) S(acrum.) | Honori Aemi(liae) | Chaeridis. Vix(it) | ann(is) XXVII m(ensibus) VI d(iebus) XV | Gaius Flav(ius) Relatus | uxori. | H(ic) etc.

Mencionada pelo Prof. Hübner na *Rev. Arch.* I, p. 38[1].

---

[1] No importantissimo artigo a que me refiro, publicou o illustre epigraphista outras inscripções do Algarve.

25—Encontrada na Torre d'Ares, concelho de Tavira; alt. 0m,66, larg. 0m,42:

D M S
QVINTVS
FLAVIVS
SILRANVS
5 AN X ////
////////////

D(iis) M(anibus) S(acrum.)
| Quintus | Flavius | Silranus |
an(norum) X...

Mencionada pelo Prof. Hübner, que leu SERANVS l. 4, na *Rev. Arch.*, I, p. 38.

BORGES DE FIGUEIREDO

BIBLIOGRAPHIA

COURS D'ÉPIGRAPHIE LATINE, deuxième édition entièrement refondue et accompagnée de planches et de figures, par René Cagnat professeur d'épigraphie et antiquités romaines au College de France.—Paris; Ernest Thorin, éditeur; 1889—8.º

A interessante obra do sr. R. Cagnat, publicada em 1886 com o titulo de *Cours élementaire d'épigraphie latine*, teve um tão grande e merecido acolhimento no mundo scientifico, que o seu auctor acaba de dar a publico uma nova edição. Comquanto o plano da obra não haja sido essencialmente alterado, a nova edição inteiramente refundida e correcta, constitue um verdadeiro e completo tratado d'epigraphia latina. Antes do *Cours élémentaire*, nenhum outro trabalho didactico especial havia em França sobre o assumpto. Hoje, com a publicação do *Cours d'épigraphie latine*, está essa lacuna inteiramente preenchida.

Discipulo distinctissimo de homens da estatura de Léon Renier e Ernesto Desjardins, o sr. René Cagnat tem em poucos annos adquirido uma posição e um nome elevado entre os archeologos e epigraphistas; assim com a regencia do seu curso no Collegio de França, como com trabalhos importantes, taes como (falo só dos que conheço) a sua excellente dissertação *De municipalibus et provincialibus militiis in imperio romano* (Paris, Thorin, 1880), a grande obra *Épigraphie gallo-romaine de la Mozelle* (Paris, 1888) em que collaborou com o fallecido numismata Charles Robert, e a sua *Revue des publications épigraphiques* publicada no fim de cáda numero da *Revue Archéologique*.

O *Cours d'épigraphie latine* consta de tres partes principaes. A primeira trata dos alphabetos usados nas inscripções romanas; este tratado não podia deixar de basear-se na maxima parte no collossal trabalho do eminente epigraphista, o meu venerado amigo, o sr. Emilio Hübner, que tem por titulo *Exempla scripturae epigraphicae latinae* (Berlin, 1885). Na segunda parte, occupa-se o auctor larga e proficientemente dos elementos communs ás diversas classes de inscripções, do *cursus honorum*, e dos nomes e titulos dos imperadores e dos membros da sua familia; accompanhando sempre todas as noções, que dá, dos competentes exemplos, de indicações uteis, de listas methodicas das

tribus, dos diversos sacerdocios, magistraturas e officios, etc.; e ainda d'uma lista chronologica dos imperadores, com seus poderes tribunicios, consulados e saudações imperiaes. A terceira parte da obra versa sobre as differentes classes d'inscripções e suas formulas peculiares, não faltando aqui tambem os numerosos exemplos nem os paradigmas. Depois de tratar com grande mestria os diversos assumptos que ficam apontados, e de indicar as regras a seguir na restituição das epigraphes e na averiguação da sua genuinidade (critica das inscripções) juntou ainda o sr. Cagnat ao seu excellente *Curso* um utilissimo appendice das siglas e abreviaturas, lista feita de novo cuidadosamente sobre os melhores trabalhos que existiam.

O *Cours d'épigraphie latine* do sr. René Cagnat não só está optimamente ordenado e elaborado, mas tambem, pela methodica explanação de muitas materias e pela substanciosa condensação de muitas theorias e noções, que andavam em grande parte dispersas, constitue actualmente um completissimo trabalho sobre o assumpto.

O editor, o sr. E. Thorin, imprimiu com todo o cuidado esta obra para a qual está destinado um logar nas bibliothecas dos estudiosos..

B. DE F.

SUR L'AUTHENTICITÉ DE QUELQUES LETTRES DE JULIEN, par Franz Cumont.—Gand, 1889—8.º

O sr. Franz Cumont, archeologo muito distincto e um dos collaboradores da *Revue Archéologique*, acaba de publicar um breve mas interessantissimo trabalho sobre as cartas attribuidas a Juliano, *o apostata.*

Discutindo com grande lucidez e segurança varias passagens d'algumas d'ellas e confrontando outras, deduz o erudito auctor a conclusão que, das oitenta e cinco cartas dadas pelos editores, umas dezoito «são d'um mesmo escriptor que não pode ser o imperador Juliano. Quatro mais, sem que sejam do primeiro, não são tambem do segundo; e parte do resto é egualmente inauthentica num certo sentido». Porque «alguns éditos, como a lei sobre os medicos, que se encontram misturados a essa correspondencia e que teem toda a pompa e emphase do estylo official d'essa epocha» não ofram certamente redigidos pelo imperador. As dezoito cartas acima alludidas, conclue o sr. Cumont que foram escriptas pelo sophista Juliano de Cesaréa de Cappadocia; sendo devido o erro da attribuição ao facto de «um compilador byzantino ter lido na subscripção, em vez de Ἰουλιανοῦ Καισαρέως, o nome bem conhecido Ἰουλιανοῦ Καίσαρος.

Este novo trabalho do sr. Franz Cumont demonstra, além de grande erudição, uma extremada agudeza de engenho.

B. DE F.

PERIODICOS

ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES LETTRES. Comptes rendus des séances de l'année 1889. Quatrième Série, Tome XVII. Bulletin de Janvier-Février:

Séances de Janvier-Février.—Communications: I *Lettre M. Geffroy, directeur de l'École française de Rome.*—II *Note sur les fouilles de l'église des Saints Jean et Paul, au mont Célius, à Rome,* par M. Edmond le Blani.—III *Extraits d'une lettre de M. Geffroy, directeur de l'École française de Rome.*—IV *Gentilices romains d'origine non latine dans les noms de lieu de la Gaule,* par M. H. d'Arbois de Jubainville.—V *Des rapports d'intimité entre Fortunat, sainte Radegonde et l'abbesse Agnès,* par M. Charles Nisard.—VI *Lettre au président de l'Académie sur l'effondrement du temple de la Croix à Palenqué (Méxique),* par M. Désiré Charnay.—VII *Lettre de M. Geffroy, directeur de l'École française de Rome.*—VIII *Les époques de Hammurabi et d'Aménophis IV,* par M. J. Oppert.

—Appendice n.º I. *Rapport de la Commission des Écoles d'Athènes et de Rome sur les travaux exécutés par les membres de ces deux Écoles pendant l'année* 1887, *et reçus par l'Académie en* 1888.—Appendice n.º II. *Rapport du Secrétaire perpetuel de l'Académie des inscriptions et belles-lettres sur les travaux des Commissions de publication de cette Académie pendant le second semestre de* 1888, *lu le* 25 *janvier* 1889.—Livres offerts.

Revue Archéologique, publiée sous la direction de MM. Alex. Bertrand et G. Perrot.—Troisième Série.—Tom. XIII, Livraison de Mai-Juin, 1889.

Texte: *Note sur le Prométhée du Musée de Cherchell*, par M. Victor Waille.—*Portraits antiques de l'époque grecque en Egypte*, par M. G. P.—*Étude sur quelques anneaux et cachets de l'époque mérovingienne* (suite), par M. M. Deloche.—*Les Gaulois dans l'art antique et le sarcophage de la Vigne Ammendola* (suite et fin), par M. Salomon Reinach.—*L'ère de Yezdegerd et le calendrier perse* (suite), par M. E. Drouin.—*Tessères antiques, théâtrales et autres* (suite), par M. J.-Adrien Blanchet.—*Les inscriptions gauloises. Nouvel essai d'interprétation* (suite), par M. Jacques Guillemaud.—*Statistique monumentale du département du Cher. Conclusions. Histoire de l'architecture dans le département du Cher* (suite), par M. Buhot de Kersers.—*Bulletin mensuel d'Académie des inscriptions.—Société nationale des Antiquaires de France.—Nouvelles archéologiques et correspondance.—Bibliographie.—Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité romaine*, par M. R. Cagnat.

Planches: X–XI. *Têtes du Musée de Cherchell* (*Algérie*).—XII–XIII. *Peintures antiques sur bois provenant de l'Egypte.*

Revue de l'Art chétien. Lille. Société de S^t. Augustin.—32me année, 1889. Tome VII, 2ème livraison de juillet.

Texte: *La sculpture dans l'ancien pays de Liége et sur les bords de la Meuse au* XIe *et* XIIe *siècles, par* Jules Helbig.—*Les tapisseries des églises de Paris*, par Jules Guiffrey.—*Un Missel de Marmoutiers du* XIe *siècle* (primier article), par L.-A. Bosseboeuf.—*Les orfèvres et joailliers à Rome* (deuxième et dernier article), par Mgr X. Barbier de Montault.—*Excursion de la Gilde de St-Thomas et de St-Luc dans le Nord de l'Allemagne* (quatrième et dernier article), par Jules Helbig.—*Élements d'iconographie chrétienne; types symboliques* (sixième article), par L. Cloquet.—*Mélanges: Quelques mots sur la décoration intérieure des églises*, par L. de Farcy.—*Iconographie de la mosaïque de Torcello; Visite archéologique de la ville de Dijon*, par Mgr X. Barbier de Montault.—*Correspondance.—Travaux des Sociétés savantes.—Bibliographie.—Périodiques.—Index bibliographique.—Chronique.*

Planches: VIII. *Vierge dite de Dom Rupert.* Bas-relief.—IX. *Décoration de la cathédrale d'Angers à l'occasion d'un Jubilé.*—X. (Numérotée XIV par erreur) *La Pala d'oro à Venise.*

Revue Épigraphique du Midi de la France. (Publicada pelo sr. A. Allmer, em Vienna (Isère)). N.º 53.—Avril, mai, juin, 1889.

Contém este numero varias inscripções interessantes, e artigos bibliographicos.

QUESTÕES ETHNOGENICAS

Lusitanos, ligures e celtas

Entre os raros investigadores das antiguidades peninsulares, occupa entre nós logar proeminente o sr. F. Martins Sarmento, cujos descobrimentos archeologicos teem merecidamente recebido applausos dos homens que se interessam pela sciencia do passado. Pela minha parte mais de uma vez tenho prestado homenagem aos meritos d'esse douto. Mas não se contenta elle com ser descobridor de antiguidades, nem archeologo de merito; attrahe-o o dominio das questões ethnogenicas, no qual infelizmente baqueia, vindo defender erros gravissimos e contribuindo assim para augmentar a confusão de ideias que existe sobre as origens ibericas. Desde 1880 sinto a necessidade de combater esses erros, mas causas diversas me tem impedido de o fazer até hoje.

O sr. Sarmento chegou muito tarde aos estudos historicos e a proposito das suas explorações das Citanias, que se tornaram para elle o que os psychologos chamam—um orgão de appercepção—de tudo o mais; não faz ideia clara dos methodos de critica applicaveis aos textos classicos, dos principios mais elementares da sciencia da linguagem, das bases das sciencias ethnicas; é um trabalhador isolado numa pequena cidade de provincia, rodeado de pessoas muito bem intencionadas, mas sem competencia para discutirem as suas opiniões, que acceitam incondicionalmente. Jacob Grimm falou algures da «coragem de errar» e H. Steinthal achou para um estado psychologico que infelizmente é vulgar a maravilhosa expressão—«heroismo da leviandade». O sr. Sarmento tem essa coragem de errar e esse heroismo da leviandade, acobertando-se com um principio «uma coisa, diz elle, hoje um pouco desprezada, que se chama evidencia».

Essa evidencia, como a entende o sr. Sarmento, não é mais que a presumpção subjectiva, que acaba por levar á intolerancia, e por isso ella está de facto não só um pouco, mas até muito desprezada. Com taes requisitos não admira pois que o illustre archeologo não trepide em rejeitar as conclusões mais solidas e unanimes dos homens de primeira ordem no dominio das sciencias historicas e acceite ao contrario com a maior facilidade algumas theses ou simples conjecturas d'alguns d'elles, as quaes não tem a seu favor argumentos solidos, quando ellas lhe parecem servir de apoio ás theorias preconcebidas que tem a peito, emquanto ao mesmo tempo vae buscar ao arsenal dos livros justamente

esquecidos asseverações sem fundamento, que tenta defender com argumentos novos, infelizmente sem valor.

A ethnogenia antiga da Europa offerece grande numero de problemas, muitos dos quaes ficarão provavelmente sempre sem solução, comquanto muitas obcuridades tenham sido e continuem a ser resolvidas, graças aos progressos enormes dos methodos de investigação e principalmente á constituição definitiva da glottologia. A anthropologia não ministra ainda senão relativamente muito pouco do que ha que esperar d'ella para a solução d'aquelles problemas, que aliás são distinctos dos anthropologicos, e atrasou até os seus progressos pela leviandade com que seus cultores quizeram tirar conclusões de dados insufficientes. Os thesouros archeologicos augmentam incessantemente e avança se na sua comparação e classificação; mas infelizmente não raras vezes os archeologos ultrapassam os limites que lhes impõem a natureza e methodo das suas proprias investigações. Só mais tarde é que pela combinação de todos os dados reunidos e interpretados á luz da ethnologia geral progrediremos com segurança no conhecimento dos antigos povos da Europa, das suas relações e origens. O essencial é que não se percam nunca de vista os resultados seguros já obtidos, e que se busque completal-os, distinguindo criticamente o que está provado do que o não está.

Até 1879 a Citania de Briteiros era celtica para o sr. Sarmento[1]. «Parece-nos solidamente assente, escrevia elle nesse anno, que o fundo da população que habitou a Citania era celtico»[2]. Por essa epocha o sr. Sarmento, declarando-se pouco competente em materia glottologica, fazia etymologias celticas. Era d'elle, comquanto corresse mundo com outras marcas de fabrica, a de Citania de *Cytean*, em kymrico casas; mostrou se que a palavra era d'origem finnica e tinha chegado ao kymrico pelo anglosaxão. Nos barros da Citania leu o sr. Sarmento uma sigla *Aivg* que interpretou, abrindo o famoso Diccionario de O'Reilly, pelo irlandez, como um genitivo significando *do principe*. Um celtista eminente escreveu a esse proposito: «M. Hübner a rendu aux services et aux mérites de M. Sarmento un hommage auquel nous sommes heureux de nous associer. Mais ce ne sera pas sans exprimer le regret que les savants d'outre Pyrénées croient licite de fabriquer des étymologies celtiques avec le dictionnaire irlandais d'O'Reilly. Nous avons à cela plusieurs raisons: 1° Il y a dans O'Reilly des mots forgés, qui n'ont jamais existé. 2° Les mots y sont donnés sous leur forme moderne. 3° Pour transporter un mot irlandais en ancien celtique, il faut tenir compte des lois phonétiques de la famille celtique toute entière.

---

[1] F. Martins Sarmento, *Observações á Citania do sr. dr. Emilio Hübner*. Porto, 1879. Opusculo in-8.° *Acerca das escavações de Sabroso (Estudo)*, in *Renascença*, Porto, 1879.

[2] *Art. cit.* p. 123, n. 5.

Ainsi est il impossible d'admettre que le mot *airg*, que M. Sarmento croit lire dans un monogramme assez compliqué, soit le génitif d'un mot *arg* «prince» qu'il a trouvé dans O'Reilly. Il est contraire à toute vraisemblence de supposer que les génitifs à flexion interne aient existé à une époque aussi ancienne»[3]. A transformação profunda que experimentou o irlandez e em que formas anteriores do genitivo como *vatis*, *consamalis* se mudaram em *faith*, *cosmail* parece ter-se dado depois do seculo VI da nossa era[4]. Os vestigios que temos de lingua celtica na peninsula iberica são sufficientes para provar que não se tinha cá dado anteriormente ao periodo romano ou nesse perido transformação semelhante.

De 1879 para 1880 operou-se grande revolução no espirito do sr. Sarmento, como dois novos escriptos mostraram[5]. O illustre archeologo via agora os celtas sob aspecto muito diverso; dir-se-hia que pronunciara um «odi Celtas et arceo» e os punha fóra da sua Citania com a mesma facilidade com que lá os admittira. Respondia então ás criticas dos celtistas, dizendo-lhes que elles chamavam sem razão celtas a povos que não o eram e que as chamadas linguas celticas não provinham de modo algum dos celtas da historia. Os homens de maior saber e de maior genio nos dominios da antiguidade que o nosso tempo produziu teriam pois vivido todos numa extraordinaria illusão que o sr. Sarmento, depois de ter compartilhado d'ella, conseguira desfazer num anno ou menos d'estudo, em Guimarães. Era um resultado assombroso na apparencia. A verdade é que o illustre archeologo teve muito pouco trabalho para o alcançar. A these que vinha defender era velha na essencia, velhissima até, comquanto modificada de diversos modos a sabor dos que a tinham acolhido em differentes epochas. Remonta já em germen ao seculo XVI; mas foi sobretudo no seculo XVIII que se desenvolveu, para ser renovada em nossos dias por Renard na sua *Histoire de la Belgique*, por Moke, *La Belgique ancienne et les origines gauloises, germaniques et franques* (1855), por A. Holtzmann, *Kelten und Germanen* (1855) e Kunssberg, *Wanderung in das germanischen Alterthum* (1861)[6]. Um facto notavel é este: em todas as epochas em

---

[3] H. Gaidoz in *Revue celtique* IV (1879-80), p. 280. O artigo do sr. Gaidoz refere-se tambem aos trabalhos dos hispanhoes srs. Fidel-Fita e Joaquim Costa.

[4] Vid. *Revue celtique* III, 321 ss. As inscripções ogamicas dos seculos V e VI são extranhas ás transformações que mais tarde nos revelam as glossas irlandezas a partir do seculo VIII; todavia o sr. W. Stokes considera a lingua d'essas inscripções como uma especie de lingua archaica sagrada (*Celtic Declension* in Bezzenberger's *Beiträge*, XI, 144).

[5] *Os Lusitanos. Questões d'ethnologia.* Porto, 1880, *R. Festus Avienus. Ora Maritima, estudo d'este poema na parte respectiva á Galliza e Portugal.* Porto 1880. O primeiro opusculo foi reproduzido em francez em *Congrès internat. d'anthrop. et d'archéol. préh. Neuvième session à Lisbonne. 1880*, pp. 393-431.

[6] Vid. sobre a historia e refutação d'essa these Diefenbach in *Kuhn's Zeitschrift* IV. 379-398; Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, I. *Glossaire gaulois*. 2.ª ed. pp. 22-60; Léon Vanderkindere, *Recherches sur l'éthnologie de la Belgique* (1872); Brandes, *Die ethno-*

que a these apparece, defendem-na somente escriptores d'importancia secundaria e nunca nenhum dos grandes espiritos cujo nome pertence de direito á historia da sciencia. Segundo os auctores das duas ultimas obras, cujos titulos acabo de transcrever, os verdadeiros celtas eram germanos e os dialectos neo-celticos falados pelos habitantes da Baixa Bretanha e de parte das ilhas britannicas (Irlanda, Galles, Alta Escocia, ilha de Man) provéem das populações fixadas anteriormente aos celtas nessas regiões. Tal é a these acceita pelo sr. Sarmento, que chama a essas populações anteriores aos celtas — ligures, valendo-se do que Belloguet escreveu sobre o elemento ligur na antiga população da Europa e combinando-o com a these do sr. d'Arbois de Jubainville, segundo a qual a lingua dos ligures pertenceria ao grupo indoeuropeu. O sr. Sarmento crê que os dialectos neo-celticos são indoeuropeus e d'esse modo tem na mão, segundo elle, a chave de todos os enigmas, de todas as contradições apparentes que nos offerecem os dados de diversas origens relativos á ethnogenia antiga da Europa occidental. Assim os antigos só nos falam de *Celtici* no promontorio Nerio, em toda a Lusitania de Strabão (do Tejo á costa norte da Galliza); mas a toponymia lusitanica é explicavel pelas linguas neo-celticas; logo essa toponymia não pode provir dos celtas; logo provem de outro povo indoeuropeu, dos ligures. Para provar que na Lusitania (sempre no sentido de Strabão) houve ligures, o sr. Sarmento arranja uma interpretação do poema de Festo Avieno *Ora maritima*, em que acceita dos interpretes anteriores, principalmente de Müllenhoff, só o que convem ao seu fito e introduz combinações que nalguns pontos principaes tambem não são novas, mas que estão em contradicção com os dados d'aquelle celebre philologo. Reservo para outra occasião, para quando passar em revista as diversas interpretações do poema didactico latino, o exame succincto da que nos diz sobre o assumpo o sr. Sarmento, que demais, segundo me informam, prepara nova edição do seu trabalho; notarei só o seguinte. O sr. Sarmento acolhe, sem discutir, a conclusão de Müllenhoff de que na epocha a que pertence o periplo phenicio, que se suppõe ter sido a base principal do poema de Avieno, os celtas não estavam na peninsula iberica, unicamente porque o roteiro não traz o nome de celtas. Essa conclusão é de extrema debilidade como já foi visto[7]; tambem Avieno não fala de celtas nas ilhas britannicas; mas Müllenhoff vê-os já lá, fundando-se nos nomes *Albiones* e *Hierni* que figuram no poema; como a segunda conclusão é

graphische Verhältniss der Kelten und Germanen (1857). Não tenho á mão as dissertações dos academicos belgas no mesmo sentido. Essas refutações podem considerar-se antiquadas. Sobre as relações dos celtas e dos germanos é capital, ainda que insufficiente, a obra de Karl Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde* II.

[7] Por exemplo, por G. Phillips in *Sitzungsberichte der kais. Akad. d. Wissenschaften*. Phil. hist. Class. LXXI. Bd. Heft. IV. 1872.—Juli. Wien. p. 704. Espero poder provar que é insustentavel a chronologia de Müllenhoff, reproduzida pelo sr. d'Arbois de Jubainville.

mais fundada que a primeira, o sr. Sarmento repelle aquella e aproveita-se d'esta, que lhe quadra ao seu systema. Tambem não lhe merece attenção o que Müllenhoff diz da significação do termo ligures, applicado no periodo epico grego a povos que não eram ligures, caso de que ha tantos similes. A identificação do promontorio Oestrymnis, que Müllenhoff vê em Brest, com o cabo Ortegal, identificação que é um ponto culminante para interpretar o resto, é já velha; encontra-se por exemplo no famoso *Diccionario geografico-historico de la España antigua* de Don Miguel Cortés y Lopez, ácerca do qual o sr. E. Hübner enunciou um justissimo juizo condemnatorio[8]. Como se vê, ainda aqui o sr. Sarmento não diz nada de novo. Mas, repito, o exame das interpretações do poema d'Avieno fica para outro logar, e então terei occasião de mostrar que muitas das suppostas revoluções no quadro ethnico da Europa antiga foram provavelmente apenas revoluções nas ideias ethnicas dos antigos.

A argumentação do sr. Sarmento a favor do ligurismo do onomasticon lusitanico é de tudo o que conteem os seus escriptos sobre o assumpto[9] o que apresenta maior apparencia de solidez; mas essa argumentação na essencia não vale mais que o resto, e além d'isso a questão só pode ser estudada dentro do conjuncto dos dados sobre a ethnographia e ethnogenia da Europa antiga, de que o sr. Sarmento só tem conhecimentos fragmentados. Não está provado, nem pode provar-se, que o onomasticon antigo lusitanico pertença inteiramente ao onomasticon das linguas chamadas celticas: ha nelle elementos d'outras fontes, como já apontei noutra parte;[10] o problema não é tão simples como o suppoz o sr. Sarmento. As noticias ethnographicas e ethnologicas dos antigos não tem para nós senão um valor secundario, como já mais de uma vez tem sido indicado e como mostro de novo num estudo começado a publicar na *Revista de sciencias naturaes e sociaes* da Sociedade Carlos Ribeiro (n.º 2). Já Humboldt, Kiepert e Phillips procuraram determinar a extensão dos estabelecimentos celticos na peninsula, valendo-se principalmente do onomasticon; mas os seus resultados foram insufficientes por falta d'estudo completo da questão; a carta, traçada por Kiepert, da dispersão dos nomes celticos na peninsula é porém já assaz instructiva. Demais, duas passagens bem conhecidas, uma de Pomponio Mela (3, 1, 10–11, ed. Frick) e outra de Polybio, citada por Strabão (3, 2, 15), sobre o parentesco dos turdetanos e dos celticos, podem servir de base para indicar grupos celticos na Lusitania strabonica fóra da estreita região septentrional, onde o geo-

---

[8] Vid. o cit. *Diccionario* I, 289. Cortés adoptou depois a opinião de que Oestrymnis era o cabo de Cornwall (t. III, 243). O juizo do sr. Hübner acha-se no *C. I. L.* II, p. XXV.

[9] Aos já citados juntam-se o artigo *Os celtas na Lusitania* in *Revista scientifica* (Porto, 1882), pp. 75–83, 128–139, 184–198, 294–305 e 359–372 e o livro *Os Argonautas. Subsidios para a antiga historia do Occidente* (Porto, 1887).

[10] Vid. *Revista lusitana* I, 352.

grapho grego os colloca. O argumento contra o parentesco dos turdetanos e celticos apresentado pelo sr. Sarmento, baseia-se sobre a chronologia da invasão (*sic*) celtica na peninsula segundo Müllenhoff, que, como já disse, assenta sobre tenuissima base. Os melhores argumentos contra aquelle pretendido parentesco são d'outra natureza; mas não o admittindo, invalida-se o systema ethnographico e ethnogenico dos antigos com relação á peninsula: se estes opinavam por parentescos que não existiam, tambem podiam desconhecer parentescos realmente existentes. Aponto só essa questão que será examinada miudamente noutra parte. Para que o argumento principal do sr. Sarmento tivesse algum valor era mister que estivesse provado que a lingua dos ligures era realmente indoeuropea; mas o sr. d'Arbois de Jubainville não conseguiu em verdade proval-o. Da lingua dos ligures propriamente dictos quasi não temos vestigios excepto nomes geographicos, de proveniencia muitas vezes duvidosa. A Liguria foi sede de estabelecimentos de povos muito diversos, gregos, phenicios, italiotes; a pressão celtica sobre as populações liguricas era muito antiga e deu logar a numerosas infiltrações que tornavam difficil a destrinça de celtas e ligures. São factos conhecidos. Vid. p. ex. Strabão 5, 1, 10. O sr. d'Arbois de Jubainville retirou na segunda edição da sua obra *Les premiers habitants de l'Europe* a maior parte dos argumentos glottologicos apresentados na primeira a favor do indoeuropeismo ou, se se prefere, aryanismo dos ligures; e fel-o com muito boas razões, algumas das quaes nos indica com franqueza verdadeiramente scientifica; todavia o eminente celtista não julga dever ainda abandonar a sua these do indoeuropeismo dos ligures e busca argumentos novos no estudo dos nomes geographicos contidos na taboa com a sentença arbitral dada pelos irmãos Minucios entre os genovezes e viturios (117 a. C.). D'aquelles nomes geographicos apenas tres offerecem ao sr. d'Arbois de Jubainville materia para comparações indoeuropeas incertas! É sobre essa base e a interpretação hypothetica dos nomes Ligures e Ambrones que assenta a these do indoeuropeismo d'esse povo. Demais o sr. d'Arbois de Jubainville conclue: «De ces faits il resulte que la langue des Ligures est différente de celle des Celtes; mais nous ne croyons pas qu'on ait établi que cette langue fût étrangère à la famille indo-européenne comme le pensait Müllenhoff[11].» Assim, segundo o sr. d'Arbois de Jubainville, o ligur pelo menos era distincto das chamadas linguas celticas; mas a verdade é que d'elle nada se sabe positivo, como já muito bem notou o sr. E. Windisch[12]. Poder-se-hia provar, com razões que não valem

---

[11] *Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª ed. (1889), I, p. 365.

[12] *Grundriss der romanischen Philologie*, herausgegeben von G. Gröber, I, p. 284–285 (Strassburg, 1888). Um nome de rio da Liguria, *Porcobera* ou *Procobera* (na sentença dos Minucios) é considerado pelo sr. de Jubainville (*Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª ed. I, 363) como composto de *bera*, correspondente ao latim *-fero* e ao bretão *ber* em *a-ber*, foz de rio, *per* em *Quimper*, confluente. Comparando esse nome de rio com outro *Com-bera-nea* (do mesmo documento) divide aquelle em *por-co-bera*. Mas

menos do que as do actual director da *Revue celtique*, que o ligur se liga ao basco[13], o que demais estaria d'accordo com as opiniões dos paleoethnologos italianos, que veem nos ligures um dos ramos dos iberos, isto é, um povo prearya affim dos que em a nossa peninsula foram pela lingua os antepassados dos bascos[14]. Vê-se pois que é falha absolutamente de base a opinião do sr. Sarmento segundo a qual os dialectos neo-celticos seriam os reflexos modernos da lingua dos ligures.

É curiosissimo e eminentemente adequado para demonstrar a falta de methodo do sr. Sarmento que, sendo da maxima importancia para a sua these, ethnogenica, o estudo dos ligures authenticos, isto é, dos ligures da Liguria historica, elle apenas faz a elles raras referen-

---

o que será *por*? O nome acha-se transcripto *Porcifera* em Plin. *h. nat.* 3, 5, 7, 48; a fórma moderna é *Polcevera*. O sr. L. Havet (*Mém. de la Soc. de ling.*, IV, p. 238) pensa que os signaes *f* e *b* são a notação d'um mesmo som que faltava em latim e devia ser identico ao *v* bilabial dos francezes, italianos, inglezes, ao *w* dos allemães. O sr. de Jubainville não pensou nessa difficuldade phonetica, se o é. *Porcifera* poderia ser a interpretação latina, talvez até a traducção litteral de *Porcobera*. Cuno (*Vorgeschichte Roms*, I, p. 97), sem ter em attenção as formas *Porcobera*, *Procobera*, explica litteralmente *Porcifera*, como composto de *porco-* (lat. *porcus*) e refere-se a Polybio II, 15 e Strabão 5, 1, 12, que fallam da riqueza da producção do valle do Pó em porcos e do commercio d'estes animaes com Roma. *Porcifera* significaria pois a *que leva, serve ao transporte dos porcos*. Mas neste caso teriamos na lingua a que pertenceu *Porcobera* a forma *porco*, que não era celtica, pois os dialectos celticos tinham antes da sua separação perdido o *p* d'esta como de muitas outras formas (irlandez *orc*); vid. E. Windisch, *Kuhn's Beiträge*, VIII, 1–48, especialmente p. 7. O elemento *briga*, tão characteristico da toponymia chamada celtica, é extranho á Liguria, visto os *Segobrigii* de Justino serem mythicos. *Berigiema*, que o sr. de Jubainville suppõe derivado de *berg-* all. *berg*, apresenta um typo phonetico e morphologico que parece desconhecido no que chamamos linguas celticas.

[13] Vid. W. v. Humboldt, *Prüfung* etc. cap. XXXII. *Asia*, nome ligurico do centeio, segundo Plinio foi explicado pelo basco (Diefenbach, *Origines Europaeae*, Lexicon, s. v.) e lido *sasia* foi explicado pelo celtico (W. Stokes, *Rev. celtique* 14, 40 7). *Iria*, nome d'um logar da Liguria e d'outro da Callaecia, não parece indoeuropeu e é uma das formas com mais verisimilança explicadas pelo basco; vid. W. v. Humboldt l. c. e A. Luchaire, *Etudes sur les idiomes pyrénéens de la région française* p. 155, 186, 187–191.

[14] A questão ligurica será no seu conjuncto estudada em artigo especial. Müllenhoff (*Deutsche Altertumskunde* I), o archeologo Helbig (*Die Italiker in der Poeben.* Leipzig, 1879) e os paleoethnologos italianos (*Bulletino di Paletnologia italiana*. Reggio dell'Emilia, 1875 e segg.) consideram os ligures como prearyas; os ultimos veem em geral nelles iberos (vid. por ex. Chierici, *Gl'Iberici in grotte artificiali*, etc. in *Bullet. cit.* VIII, 1 e segg.); Helbig inclina-se a essa opinião, que não foi sufficientemente fundamentada. Max. Deloche (*Comptes-rendus de l'Acad. des Inscriptions*. 1880. 11 sept.), A. Maury (Journal des Savants, 1877 e *Bibl. de l'École des Hautes etudes. Mélanges publ. par la Section hist-et phil.* 1878) e Cuno (*Vorgeschichte Roms* I) pretendem que os ligures fossem um ramo dos celtas; mas esses dois eruditos francezes admittem que elles possam ter sido um povo prearyo celtisado. Luigi Schiaparelli combateu o indoeuropeismo dos ligures numa memoria *Sulle Stirpi Ibero-liguri*, de que só conheço um resumo publicado nos *Atti della R. Acad. delle Scienze di Torino*, vol. XV (1880); afigura-se-me ser trabalho fraco. Francisco Molon, *Paletnologia italiana. I nostri Antenati. Opera postuma.* Parma, 1877 não tem o minimo valor. Não vi ainda A. Issel, *La Liguria ed i suoi abitanti nei tempi primordiali*. Genova, 1885. R. de Belloguet, na sua

cias, passa quasi completamente por alto as noticias dos antigos que lhes respeitam, não menciona sequer os trabalhos dos paleoethnologos italianos que se occupam d'elles e contenta-se com citar Celesia, *Dell'antichissimo idioma de Liguri*, obra sem valor scientifico. O quadro que Strabão e Diodoro de Sicilia, fundados principalmente em os escriptos do philosopho viajante Posidonio (contemporaneo de Cicero) nos apresentam dos ligures differe em alguns pontos do dos lusitanos, concordando noutros[15]; em verdade, nem essas differenças bastam para negar a communidade d'origem, nem as concordancias para a affirmar. O fundo da população antiga da Lusitania não é indubitavelmente celtico: é segundo todas as probabilidades prearyco; diriamos iberico, se este termo não fosse muito indefinido, pois no sentido geographico diz muito pouco, e no sentido ethnico pode dizer de mais, se se pretende que todos os iberos ou prearyas da peninsula fossem necessariamente affins ethnicamente entre si, affins dos bascos pela lingua, affins ainda, como vimos já querem alguns escriptores, com os ligures. Se o sr. Sarmento tivesse collocado a questão nesse terreno concederlhe-hiamos de barato a não celticidade originaria de lusitanos e callaicos, do mesmo modo que somos forçados a admittir que os povos romanicos não são romanos no sentido ethnogenico. Mas affirmando o ligurismo dos elementos do onomasticon lusitanico de procedencia celtica, negando toda a influencia celtica na Lusitania, o auctor que combato collocou-se numa situação que o obriga a argumentos perfeitamente contradictorios e a não ver ou a não querer ver o escolho contra o qual elles se vão quebrar. Antes de examinarmos a questão glottologica, vamos ver a facilidade do distincto archeologo nos argumentos d'ordem archeologica ou ethnographica, em que nos poderia prestar tão grandes auxilios, se não estivesse perturbado pelas suas falsas theorias.

«O celta, diz o sr. Sarmento[16], tem a paixão infrene do militarismo egoista, que lhe não aproveita para fundar uma nacionalidade, um imperio seu proprio... Desde certa época, desde Diniz o Antigo, pelo menos, é rara a guerra de importancia no mundo conhecido dos antigos, em que não appareçam celtas mercenarios».

---

obra já citada, vol. II: *Types gaulois et celto-bretons*, que aliás contém muitos factos e considerações de valor, traz hypothesss ethnogenicas em que os callaici são apresentados como ligures, graças a combinações onomatologicas inadmissiveis. Essa parte, a peor do livro, foi a inspiradora do snr. Sarmento na sua identificação de lusitanos e ligures, que, uma vez fixada no seu espirito e relacionada com os seus descobrimentos archeologicos, lhe ministrou o ponto de vista exclusivo para todas as interpretações dos textos.

[15] Strab 4, 6 e 5, 1 e 2; Diodor. Sic. 5, 39; A. Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde* II, 318-320 Entre os escriptores modernos sobre a ethnographia dos ligures, vid. Amédée Thierry, *Histoire des Gaulois* I, 434-438 (6.ª ed. 1866), que opina tambem pelo parentesco dos ligures com os iberos assim como G. Lagneau.

[16] *Revista scientifica*, I, 78.

«Em logar de vender os seus serviços ao extrangeiro e de correr aventuras por terras extranhas, como os celtas e os celtiberos, os lusitanos faziam as suas incursões sobre povos mais ou menos visinhos e voltavam aos seus lares, para planear outras novas[17]».

Este argumento serve tanto contra o celticismo como contra o ligurismo dos lusitanos, pois os ligures tambem figuraram como mercenarios em exercitos extranhos, por ex. já no de Amilcar em 480 a. C. (Herodoto VII, 165, Diodor. Sic. 11, 1) e vemol-os mercenarios dos despotas da Sicilia até ao tempo de Agathocles (Diodor. Sic. 21, 3).

«A arma propriamente sua (do celta) é a espada de ferro, de dous gumes e sem ponta, de má tempera, que vergava ao primeiro golpe, ficando inutilisada para o segundo, se o combatente a não indireitava com o pé. O escudo era alto, quadrilongo e incommodo[18]».

»A armadura dos lusitanos era principalmente o escudo redondo de dois pés de diametro e a *sica*, adaga. Esta armadura, descripta por Strabão, encontra-se invariavelmente nas celebres estatuas callaicas. Ignoramos se a *sica* lusitana era de bronze. A julgar pelas das estatuas callaicas, a sua semelhança com a adaga de bronze irlandeza assim o inculcaria. De bronze sabemos que eram as pontas das suas lanças, Seja porém como fôr, entre a armadura dos lusitanos e dos celtas ha completa disparidade»[19].

Sem discutir a questão complicada se os celtas tiveram sempre e por toda a parte as mesmas armas[20], basta, para provar que esse argumento nada vale na ethnogenia dos lusitanos, fazer d'um lado a observação de que «os celtas na Celtiberia (como o proprio sr. Sarmento repete) abandonaram tambem a sua espada primitiva» e que portanto poderiam ter feito o mesmo na Lusitania. «Quanto ao escudo (diz ainda o nosso auctor), segundo Diodoro, os celtiberos usavam indifferentemente da rodella, ou do escudo largo. Este porém não se encontra nos lusitanos»[21]. Mas os ligures, que tinham espada curta, como os povos ibericos, usavam de «escudos oblongos, conformados á maneira celtica» como nos informa o mesmo Diodoro (5, 39).

«É quasi certo que os celtas não construiram *oppida;* repugnava-lhes viver em cidades muradas e isto condiz com a sua educação nomada e aquelle genio fanfarrão que lhes fazia dizer que de nada tinham medo senão da queda do céo[22]».

«A innumeravel quantidade de ruinas pre-romanas, que se encontram pelos topos dos nossos montes e outeiros, mostra que os *oppida* na Lusitania deviam ser ás centenas»[23].

---

[17] *Revista scientifica* I, 186.
[18] Idem I, 79.
[19] Ibidem, I, 186. Cf. Diodor. Sic. 5, 54.
[20] Cf. Bellouet, *Ob. cit.*, III, 435–446.
[21] *Revista scientifica,* I, 186.
[22] Ibid., I, 79
[23] Ibid., I, 187.

A asserção de que os celtas não construiram *oppida* é erronea[24] e deriva do systema ethnico que o sr. Sarmento arranjou para seu uso. Não entrarei aqui no exame d'esse ponto que prende com outros assaz complexos; limitarme-hei a pôr em relevo que o sr. Sarmento quer (este é o ponto) para os seus ligures a honra de terem construido *oppida* como as Citanias que elle tem explorado. De facto Strabão diz que a maior parte dos celtici do Anas viviam dispersos por logares abertos, *vicatim:* τὰ πολλὰ γὰρ κωμηδὸν ζῶσιν (3, 2, 15, p. 151 C.); mas o sr. Sarmento ignorou ou não quiz saber que o mesmo geographo fallando dos ligures do Mediterraneo, dos ligures mais authenticos de que temos noticia, diz (e aqui sem a restricção de que viviam assim pela maior parte) que elles viviam tambem *vicatim:* κωμηδὸν ζῶσι (5, 2, 1, p. 218 C.). Os outros argumentos d'ordem archeologica e ethnographica applicados pelo sr. Sarmento á ethnogenia dos lusitanos teem approximadamente o mesmo merito; ora no emprego dos argumentos d'essa especie é necessario um rigor de methodo a toda a prova.

Os estudos ethnicos mostram que ha discordancias por vezes grandes, de costumes, instituições, industrias e todos os outros elementos de vida social entre povos da mesma origem, assim como concordancias por vezes muito consideraveis d'elementos da vida social entre povos d'origens diversissimas. As causas d'esses factos são varias. As discordancias tem a sua causa nas direcções diversas que os povos da mesma origem tomam em virtude da acção d'um grande numero d'influencias, entre as quaes o contacto e mistura com outros povos, o commercio, representam papeis importantes. As concordancias resultam principalmente da identidade de processos psychologicos determinados por condições similares e da adopção, da imitação de elementos da vida social d'outros povos. É por isso que na ethnogenia dos lusitanos teem para mim valor secundario argumentos como o seguinte. Os ligures do Mediterraneo não cremavam, inhumavam os cadaveres, como concluiu Conestabile das explorações dos cemiterios liguricos e do que se julgou achar confirmação no facto de Sulla ter sido o primeiro da gens Cornelia, supposta d'origem ligurica, o qual quiz ser incinerado e isso com receio da pena de talião pelo que fizera a Mario[25]. Segundo Corssen, que se funda nas passagens citadas na nossa ultima nota e nos factos archeologicos, italiotes (romanos e umbro-sabellicos) e etruscos teriam recebido o costume da incineração das colonias gregas d'Italia[26]. Em verdade outras das velhas familias romanas, além da Cornelia, como as dos Scipiões, não cremavam até ao tempo do imperio; todavia a argumentação de Jacob Grimm[27] induz-me a acceitar que os

[24] Vid. p. ex. Belloguel, *Ob. cit.*, III, 448–453.

[25] *Cic. de legibus*, 2, 22, 56, Plin. *h. n.* 7, 54, 187; A. Bertrand, *Revue d'éthnographie*, II (1883), p. 243.

[26] Kuhn's. *Zeitschrift*, XVIII, 200–202.

[27] Na sua bellissima memoria *Ueber das verbrennen der Leichen* (*Klein. Schriften* II, 210–313). Cf. A. Pictet, *Les origines indo-européennes*, III², 235–246.

italiotes penetrando na Italia não perdessem inteiramente o costume da cremação, commum a todos os antigos povos indoeuropeus, com excepção dos iranos (excepção já explicada); mas empregassem de preferencia a inhumação por influencia dos povos prearyas que alli encontraram e aos quaes, como talvez aos prearyas da peninsula iberica, era desconhecida a cremação. Mais tarde pela influencia dos gregos o processo da incineração tornou-se frequente. Esse processo não foi todavia usado exclusivamente pelos indoeuropeus; encontra-se entre outros povos como os japonezes, os mexicanos, antigos hungaros; corresponde a um estado já bastante adeantado de concepções religiosas. Os celtas continentaes praticavam em parte a cremação dos cadaveres; entre os antigos irlandezes, ao que parece, os reis eram inhumados e aquelle processo não era tido na conta d'uma honra, mas de castigo para os grandes malfeitores, cujas cinzas êram lançadas ao vento[28]. Ora os lusitanos cremavam os cadaveres com grandes honras funebres quer esse costume se achasse generalisado, como levam a admittir os factos archeologicos, quer não. É ler em Appiano *Iber.* 75 a descripção das exequias de Viriato. (Cf. T. Livio 25, 17). Assim se alguma coisa ha que concluir d'esses factos ethnographicos é que na Lusitania a cremação dos cadaveres era muito provavelmente d'origem celtica e de modo algum ligurica. A questão todavia é, como todas as do mesmo genero, assaz complexa.

«Os celtas, diz o sr. Sarmento, approximavam-se dos persas, expondo os seus mortos ás bestas feras e ás aves de rapina»[29], e reporta-se a Belloguet[30]. Temos aqui mais um exemplo do modo como o auctor vimaranense generalisa a favor das suas theses o que nos escriptores antigos se refere por vezes só a um dado ramo dos celtas. Belloguet, referindo-se ao parallelo estabelecido por Jean Reynaud entre os magos e os druidas, diz que esse celtomano indicou uma semelhança «entre les funérailles des Perses et un usage des anciens Celtes qu'on a trop peu remarqué, quoiqu'il fût en contradition flagrante avec les coutumes funéraires des Gaulois, soit celles que rapportent César, Diodore et Méla, soit celles qu'on leur attribue généralement en présence de tous nos dolmens et de tous nos tumuli. Pausanias affirme de la manière la plus positive, x, 21, que les Celtes qui envahirent la Grèce avec le second Brennus, ne demandaient point de trève pour enterrer leurs morts, parce qu'il leur était indifférent de devenir la pâture des bêtes sauvages et des oiseaux carnassiers. Ils n'avaient d'ailleurs, ajoute l'auteur grec, ni pleurs ni compassion pour ceux qui avaient succombé, et pensaient en outre qu'une telle indifférence devait causer plus d'épou-

---

[28] Vid. os textos citados por Jacob Grimm, *Ob. cit.*, p. 238. Os principaes textos relativos á cremação dos celtas da Gallia são: Cesar *B. g.* 6, 19, 4; Mela 3, 2; Diodor. Sic. 5, 28.

[29] *Revista scientifica*, I, 80.

[30] Belloguet, *Ob. cit.*, III, 140–142.

vante à leurs ennemis». De nenhum outro ramo dos celtas extrapeninsulares se refere tal rito funebre, ou antes falta de rito, que se apresenta aqui em condições muito particulares. Mas Silio Italico attribue aos celtas que associaram o seu nome aos iberos, sem duvida, portanto, aos celtiberos, rito similar[31]. O sr. Sarmento aproveita essas indicações para achar semelhança entre celtas e celtiberos e differença entre esses e lusitanos; mas não viu que Silio Italico noutra parte[32] chama aquelle costume não celtiberico, mas iberico, e que os factos archeologicos parecem indicar que elle não foi extranho á Lusitania.

O estado dos ossos humanos achados na gruta da Furninha (Peniche) foi objecto de discussão colorosa no congresso d'anthropologia e d'archeologia prehistorica de Lisboa (1880); vid. a bella memoria do sr. Delgado no *Compte-rendu* p. 207–264 e o resumo da discusão p. 264–278. Alguns dos investigadores que tomaram parte na discussão recusaram-se a vêr naquelles ossos, quebrados e apresentando vestigios da acção do fogo, restos de banquetes d'anthropophagos. Ossos em estado similar appareceram tambem nas estações neolithicas da serra do cabo Mondego, explorados pelo snr. A. dos Santos Rocha[33], que regeita tambem a hypothese do cannibalismo. O sr. R. Severo[34] suggere a hypothese d'uma incineração imperfeita, seguida d'inhumação. Essa hypothese é acceitavel, mas insufficiente, pois muitos dos ossos apresentam vestigios evidentes de fracturas, incisões devidas a dentes de carnivoros e pequenos roedores. Herodoto diz-nos (I, 40) que não se inhumava o cadaver d'um persa antes d'elle ter sido despedaçado pelos cães e aves de rapina. Strabão (15, 3, 20, p. 735 C.) e Justino (41, 3) não fizeram mais que repetir nesta parte o que dissera o historiador grego. Os antiquissimos habitantes das grutas da Furninha e do cabo Mondego faziam, ao que parece, como os persas: expunham os cadaveres aos animaes antes de os inhumarem e combinavam talvez ainda esse rito funerario com o d'uma incineração incompleta. Essa hypothese combinada, que sou, creio, o primeiro a enunciar, explica todos os factos que se observam com respeito aos vestigios humanos nas referidas estações prehistoricas.

---

[31] Sil. Ital. *Pun.* 3, 340–3:

> Venere et Celtae sociati nomen Iberis,
> Iis pugna cecidisse decus, corpusque cremari
> Tale nefas, coelo credunt Superisque referre,
> Impastus carpat si membra jacentia vultur.

[32] Idem, Ibid. 13, 47:

> Tellure (ut perhibent) is mos antiquus Ibera:
> Exanima obscoenus consumit corpora vultur.

[33] *Antiguidade prehistoricas do concelho da Figueira.* Coimbra, 1889; *Revista de sciencia naturaes e sociaes* I, 18–25.

[34] *Revista cit.* I, 46.

Insiste muito o sr. Sarmento naquellas passagens em que Strabão, seguindo os escriptores gregos que lhe serviram de base, nota relações entre costumes hellenicos e costumes de povos da Lusitania. Reservo para outro logar o exame d'essas passagens, assim como o das fabulas relativas a colonias gregas ao noroeste da peninsula, ás quaes varios escriptores portuguezes dão ainda hoje fé, e notarei sómente que escapou ao archeologo vimarenense um argumentosito a favor da sua these ligurica, ministrado pelo referido geographo. Diz este (4, 6, 2, p. 202 C.) que os ligures foram julgados gregos e isso pelo simples facto d'usarem (todos ou só alguns?) de escudos de bronze. Aqui temos pois lusitanos e ligures aproximados dos gregos. É verdade que os lusitanos não tinham escudos de bronze e que demais ha textos para todas as hypotheses. O mesmo Strabão (2, 5, 28, p. 128 C.) diz em termos muito claros que nos Alpes ha um grande numero de povos todos celtas, com excepção dos ligures; mas que estes, apesar de serem ethnicamente distinctos (ἑτεροεθνεῖς), são semelhantes (παραπλήσιοι) aos celtas pelo modo de viver. D'outro lado o anonymo, vulgo Scymno de Chio[35], informa-nos de que os celtas teem costumes hellenicos, isto é, semelhantes aos dos gregos, o que era devido ao commercio dos dois povos.

Essas indicações, que poderiam ser muito augmentadas, provam apenas que o sr. Sarmento para apoiar a sua these não só se collocou a grande distancia dos sãos methodos, mas ainda se julgou dispensado d'estudar detidamente os mais indispensaveis textos classicos.

Mas eis alguma coisa mais grave.

«Strabão, escreve o nosso auctor, que nos dá os lusitanos, gallegos, astures, cantabros, como tendo os mesmos usos e costumes (3, 3, 6 e 7), nenhuma analogia descobre entre taes usos e os dos celtas. Todas as analogias são entre ligures e gregos. Assim falando dos costumes das mulheres d'esta parte da Hespanha, o geographo passa sem transição para os costumes das mulheres liguricas do Mediterraneo, sendo preciso ler duas vezes seus textos, para liquidar se é das primeiras, se das segundas que elle trata (Strabão 3, 4, 17)[36].» Eis agora o unico trecho do geographo grego em que a proposito de gentes da Lusitania se fala de gente da Liguria, trecho que dou na traducção de Tardieu para que todos os nossos leitores façam ideia clara do que vale a argumentação do auctor que combato.

«Indépendemment des détails qui précèdent sur les mœurs étranges de l'Iberie, nous trouvons dans les historiens et dans les poëtes maints détails [plus étranges encore], je ne dis pas sur la bravoure, mais sur la ferocité, sur la rage bestiale des Ibères, et en particulier de ceux du nord. On raconte par exemple que, dans la guerre des Cantabres, des mères tuèrent leurs enfants pour ne pas les laisser tomber

---

[35] *Geographi graeci minores*, ed. Müller-Didot I, 202, v. 183.
[36] *Os Lusitanos*, p. 16,

aux mains de Romains: un jeune garçon, dont le père, la mère et les frères étaient enchaînés les égorgea tous sur l'ordre de son père, à l'aide d'un fer qui lui était tombé sous la main; une femme égorgea de même tous ses compagnons de captivité. On vit enfin un prisonier, que des soldats ivres s'étaient fait amener au milieu d'eux, se précipiter de lui-même dans les flammes d'un bûcher. Pous ces traits-là, disons-le, se retrouvent chez les Celtes, les Thraces et les Scythes, le courage (et j'entends le courage des femmes aussi bien que celui des hommes) étant une vertu commune à toutes les nations barbares. Toutes ces femmes barbares (isto é, iberas, celtas, thracias, scythas, etc.), en effet, travaillent à la terre; à peine accouchées, elles cédent le lit à leurs maris et les servent[37]. Souvent même, elles accouchent dans les champs, lavent leur enfant dans le courant d'um ruisseau près duquel elles s'accroupissent, et l'emmaillottent elles-mêmes. En Ligurie, par exemple, Posidonius entendit conter à un certain Charmolaüs de Massalia, son hôte, le fait suivant: il avait pris pour lui bêcher un champ des ouvriers à la journée, des hommes et des femmes; une de ces femmes ayant ressenti les premières douleurs de l'enfantement s'écarta un moment de l'endroit où elle travaillait, accoucha et revint aussitôt se remettre à la besogne, pour ne pas perdre son salaire. Charmolaüs s'aperçut qu'elle travaillait avec peine, mais sans en deviner d'abord la cause, il ne l'aprit que tard dans la journée, la paya alors et la renvoya. Quant à elle, après avoir porté le nouveau-né à une fontaine voisine et l'y avoir lavé, elle l'enveloppa comme elle put, et le rapporta chez elle sain et sauf[38].»

Como se vê, é assaz clara a passagem do geographo grego. Fala da coragem dos iberos e particularmente dos do norte, mas observa em seguimento que essa qualidade nada tem de characteristico, pois se

---

[37] Se essa passagem se refere, como se julga com razão, ao costume da *couvade*, não pode acceitar-se que Strabão o attribua aqui restrictamente aos cantabros, mas sim que elle generalisou, como era tão usual nos escriptores antigos, attribuindo-o a todos os povos barbaros. A *couvade* achou-se espalhada pelo mundo inteiro; vid. H. Ploss, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker*, 2.ª ed. Berlin, 1883. I, 143–160. Os antigos escriptores notam especificadamente o costume entre os habitantes da Corsega (Diodor. Sic. 5, 14) e os Tibarenos, povo da Cilicia (Apoll. Rhod. *Argon.* 2, v. 1009–1014, repetido por Valerio Flacco *Argon.* 5, 148). Xenophonte, que fala dos Tibarenos de passagem (*Anabasis* 5,5) não menciona esse costume, que foi attribuido, sem fundamento, aos bascos modernos; vid. A. Hovelacque et J. Vinson, *Études de linguistique et d'éthnographie*. p. 196–209.

[38] Tem havido casos recentes do mesmo genero em Portugal, especialmente no Douro e Minho. Ainda ha algumas semanas na Foz do Douro uma mulher que de madrugada dera á luz uma creança estava ás 7 horas da manhã fazendo o seu almoço e tres dias depois continuava na praia o seu serviço de banheira. Em geral nas mulheres dos povos incultos o parto não é acompanhado de tanta perturbação como nas mulheres civilisadas; aquellas escolhem para esse acto posturas que estas não supportariam e dispensam muitas vezes qualquer assistencia; vid. George J. Engelmam, *Posture in Labor, an ethnological Study* in *Transactions of the American Gynecological Society*. Vol. v (1881), pp. 175–269.

acha tambem entre celtas, thracios e scythas, em geral em todos os povos barbaros; nota a robustez das mulheres barbaras que trabalham nos campos e para as quaes o parto é um acto que não as obriga a interromper mais que momentaneamente o seu trabalho e cita, para corroborar, um caso colhido por Posidonio na Liguria. É evidente que Strabão não quiz tirar d'isso tudo nenhuma conclusão ethnogenica, nem aproximar os lusitanos ou os cantabros dos ligures mais que dos celtas ou d'outro povo barbaro. Todo dominado pelas suas opiniões preconcebidas, o sr. Sarmento não viu os celtas referidos naquella passagem, como não os viu noutras de Strabão comparando de novo celtas e lusitanos ou povos affins. Assim no livro III (3, 7, p. 155 C.) do geographo grego fala-se d'alfaias ou vêstes comuns a lusitanos e celtas. Para o nosso caso do momento é indifferente que a lição dos codices κηρίνοις ἀγγείοις seja a boa ou que se deva preferir a de Meineke (vol. I, p. 210 ed. Teubner) ξυλίνοις ἀγγ. ou a de C. Müller χηλίοις ἀγγ. p. 129, ed. Didot) ou ainda a conjectura do mesmo philologo αἰγείοις (sc. σάγοις). No primeiro caso tratar-se-hia de vasos de cera, no segundo de vasos de pau, no terceiro de cestos (vasos tecidos) e no ultimo de saios de pelle de cabra (de lã grosseira ou de pelo de cabra, Tardieu).

Strabão diz-nos (3, 3, 7, p. 154 C.) que os lusitanos dormem no chão (χαμαιεῦναι) e mais abaixo que o fazem em camas de palha. Noutra parte (3, 4, 16, p. 164 C.) refere que os cantabros, cujos costumes nos affirma (3, 3, 7, p. 155 C.) serem os mesmos dos callaicos, e astures, assim como os povos vizinhos dos cantabros, limpavam os dentes com urina decomposta[39], acrescentando que esse costume, como o de dormir no chão, é commum aos iberos e aos celtas.

Podem facilmente estabelecer-se outros parallelos, não indicados pelo geographo grego, entre esses povos ibericos e diversos extrapeninsulares, como celtas, germanos. Assim a compra da mulher ou dotação da mulher pelo marido, que Strabão nos indica entre os cantabros (3, 4, 18, p. 165 C.), encontrava-se tambem entre os germa-

---

[39] Cf. as passagens de Catullo:

Tu praeter omnes une de capillatis,
Cani culosae Celtiberiae fili,
Egnati, opaca quem bonum facit barba
Et dens Hibera defricatus urina.
Carm. 37, ed. A. Rossbach.

Nunc Celtiber es: Celtiberia in terra,
Quod quisque minxit, hoc sibi solet mane
Dentem atque russam defricare gingivam,
Ut quo iste vester expolitior dens est
Hoc te amplius bibisse praedicet loti.
Carm. 39.

nos[40], e era costume primitivamente commum a todos os povos indoeuropeus[41]. Entre os celtas da Gallia as coisas passavam-se já de modo diverso, a julgar d'uma passagem de Cesar[42], que tem sido objecto de numerosas discussões. No antigo direito irlandez achamos em vigor (os textos são irrecusaveis) a compra da mulher[43].

Não haveria utilidade em examinar um por um todos os argumentos ethnographicos do sr. Sarmento, á parte os glottologicos, que, além do que se acha já dicto, exigem exame particular. Todavia, antes de passar adeante, não deixarei de mencionar o que illustre archeologo diz da religião dos que elle entende por celtas. «Organisação religiosa não se lhes conhece. O sr. Bertrand, depois de affirmar que elles não fundaram nada de duravel, accrescenta: «O seu nome não ficou ligado a nenhum grupo de monumentos, a nenhuma costumeira, a nenhuma divindade topica, ou de tribu, de que possamos com segurança adjudicar-lhes a honra[44].» «Pouco sabemos das instituições religiosas dos lusitanos; o que porém nos consta das noticias dos antigos, e mormente das inscripções que chegaram até nós, permitte affirmar que o seu Olympo era extremamente povoado[45].» Admittindo, em opposição com os factos e contrariamente á opinião da maioria dos escriptores sobre o assumpto, que os celtas da Gallia e ainda os celtas orientaes, invasores da Grecia e da Asia menor, não tinham religião ou não se distanciavam muito d'isso, como é que o sr. Sarmento não vê voltar-se tambem o seu argumento contra a sua these do germanismo dos celtas? O Olympo dos germanos não era por certo menos povoado que o dos lusitanos; como estes, aquelles sacrificavam animaes (até victimas humanas) ás suas divindades; como os gallegos e lusitanos eram peritos nos auspicios e augurios[46].

(Continúa)

F. Adolpho Coelho

---

[40] Tacito *de moribus Germanorum*, c. 18, confirmado por numerosos documentos posteriores.

[41] J. Grimm, *D. Rechtsalterthümer*, 2.ª ed. (1854), p. 420 ss.

[42] *B. g.* 6, 19; Cf. Belloguet. *Ethnogénie gauloise* III, 392 ss.

[43] Vid. d'Arbois de Jubainville, *L'achat de la femme dans la loi irlandaise* in *Revue celtique* III, 361–364.

[44] *Revista scientifica* I, 79–80. O sr. A. Bertrand julgou provar a existencia na Gallia de dois povos distinctos, dos quaes o mais antigo seria o dos celtas, outro mais recente o dos gallos, considerando assim gallos e celtas como distinctos (*Archéologie celtique et gauloise* (1876), p. 248–264 e 384 ss.). Essa distincção encontra-se noutros auctores, como Lemière, A. de Barthélemy, G. Lagneau. Já Thierry e outros tinham distinguido galls e kymris. O que characterisa aqui a opinião do sr. Sarmento é que para elle os gallos são os mais antigos e identicos aos ligures, os celtas os mais recentes. Tal inversão de dados basta para fazer suspeitar a arbitrariedade d'essas opiniões. A. Maury mostrou em artigos já citados do *Journal des Savants* (1877) como os factos apontados por A. Bertrand se conciliam com a unidade ethnica (não anthropologica) de gallos e celtas; note-se que Bertrand considera (p. 251) esses dois povos como ramos do tronco celtico.

[45] *Revista scientifica* I, 187.

[46] Vid. Jacob Grimm, *Deutsche Mythologie*.

O SANTUARIO DE ENDOVELLICO

(Est. XI)

A ermida de S. Miguel da Motta encima um cabeço de fortes declives, bastante alto (290^{m} sobre o nivel do mar) para vencer os cerros visinhos, de modo que domina um largo horizonte. Pertence á Junta de parochia da villa de Terena, e está encravada em uma herdade do sr. Manuel Ignacio Bello, do Alandroal.

O *monte* ou casal da herdade dista uns 50^{m} da ermida, em nivel inferior. Os arredores proximos são agrestes, sem arvoredos; algumas terras de pão entre grandes manchas de estevaes: pelo sopé do cabeço vae serpeando em direcção a Terena e do Guadiana a ribeira do Lucefeci, singular pelas moitas espessas de aloendros que lhe vestem o leito e as margens.

Para chegar a essa ruina temos o caminho de ferro do Sul, e das estações de Evora ou Azaruja, mais commodamente da primeira, tomar um carro para a villa do Redondo e d'aqui seguir para o Alandroal ou para Terena; do Alandroal para a capella da Motta serve ainda o carro; indo por Terena, grande parte do caminho será a pé. Mas a visita a Terena tem interesse para o estudioso porque é ao sul d'esta villa, a 2 kilometros, que fica o notavel santuario da Senhora da Boa Nova, onde se encontram as duas inscripções endovellicas de Sitnia e de Terentia. A meu ver a ermida de S. Miguel da Motta representa apesar das suas ruinas e reconstrucções o templo pagão de Endovellico; a Senhora da Boa Nova é o santuario christão que herdou e representa a devoção antiga, a tal ponto que collocaram a pequena ara votiva de Sitnia Victorina na parede ao lado do altar mór.

Na ermida christã, gothica ou romanica, ha o corpo e a capella ou local do altar, e uma pequena casa ao lado d'este que serve de sacristia; não é assim a ermida da Motta; aqui vemos um corpo central e dois latteraes mais estreitos, ambos divididos em tres cubiculos, que de modo algum lembram as capellas latteraes dos nossos templos mais modernos.

Esta disposição encontra-se em templos romanos (Montfaucon, t. II, pl. 44, n.º 3).

O templo da Troia, em frente de Setubal, tinha outra disposição; os angulos do corpo principal abriam-se em pequenas construcções semi-circulares. Em S. Miguel servia de sacristia, depois do templo ser apropriado ao culto christão a casa que tem porta para o cerrado ou

pequena tapada que separa a ermida do *monte* da herdade. Fóra da ermida, ao lado da porta principal, estava a casa do ermitão, que parece construcção relativamente moderna.

Fr. Antonio da Purificação Portuense na sua *Chronica da antiquissima Provincia de Portugal da ordem dos eremitas de S. Agostinho*, parte 2.ª, liv. VI, tit VI, pag. 199 e seguintes, escreve muito do celebrado santuario a que elle chama templo de Cupido, expondo uma historia do capitão Maharbal e de uma nau de gregos que encalhou no Algarve, vindo depois os tripulantes, longa e extravagante jornada, fundar um templo na paragem onde hoje vemos a ruina de Terena a Velha que está junto da nova, a 3 leguas de Villa Viçosa; que a imagem de Cupido era segundo Pedro Alladio, no seu livro dos sacrificios dos lusitanos, sem olhos, azas nos pés, e na bocca um coração; que o interior do templo estava inçado de lettreiros (o que pode ser verdade) e que ainda estava de pé em tempo de D. Theodosio, 5.º duque de Bragança, o qual o mandou derrubar, e fez trasladar para o convento de S. Agostinho os lettreiros da gentilidade. Nem na questão do facto é rigoroso este agostinho que escrevia antes de 1656. O duque de certo não mandou destruir o templo; se assim fosse como explicar o ter deixado ainda alli tantas e tão notaveis lapidas grandes e pequenas; limitou-se provavelmente a fazer transportar para Villa Viçosa as pedras soltas ou que mais facilmente se podiam tirar.

Mais tarde reedificou-se o templo, isto é nivellaram paredes, arranjou-se o telhado, rebocaram, fizeram umas pinturas barbaras de que ainda existem restos; obra rudemente executada sem nenhuma attenção pelas antiguidades, porque as aras, as pedras lavradas, bellos marmores alguns de fino trabalho, foram empregadas na alvenaria, partidas ou inteiras.

Os chronistas da serra d'Ossa divagando sobre as antiguidades e nobrezas d'aquelles sitios referem-se á ermida de S. Miguel quando tratam do santuario de Endovellico. Venus e não sei quantos deuses mais, e famosos heroes e guerreiros tiveram na opinião dos asceticos phantasistas os seus paradeiros em S. Gens e no Castello Velho.

O *Castello Velho*, ainda agora designação usual, é um grande outeiro proximo da serra d'Ossa, a oriente, que apresenta uma vastissima trincheira, visivel a distancia de 5 kilometros; tambem ha vestigios de trincheira no alto da serra d'Ossa, em S. Gens; muito menor que a do Castello Velho: em ambos os locaes a lenda popular julga escondidos mysteriosos thesouros, de mouros já se vê; mas inscripções, achados significativos faltam completamente nos dois sitios; verdade é que em nenhum d'elles houve ainda exploração.

Mas voltemos aos historiadores paulistas. Tanto fr. Henrique de Santo Antonio na *Chronica dos eremitas da serra d'Ossa*, como fr. Manuel de S. Caetano Damasio na *Thebaida Portugueza* se referem ás indagações archeologicas de fr. Martinho de S. Paulo. Este começa por contar longamente do primeiro idolo que os pagãos adoravam no tem-

plo do outeiro de Terena (que é a ermida de S. Miguel, e não a Boa Nova que occupa uma chapada espaçosa).

Fr. Martinho refere-se ao primeiro idolo que era de prata, tinha os olhos fechados, um coração na bocca e azas nos pés; este foi roubado pelos soldados de Julio Cesar, etc. Mas depois d'esta invenção merecem reparo, e parecem ter fundamento as informações do paulista.

Os pagãos fizeram outro de marmore; depois os christãos destruiram o templo pagão, e na lei da Graça tomaram o idolo, por ser obra excellente, e metteram-no na parede da egreja que erigiram e dedicaram a S. Miguel, na qual abrindo-se ha poucos annos (diz o chronista) uma porta que sae para a casa do ermitão (deve ser a que deita para a tapada) acharam o idolo mettido na parede que os rapazes fizeram pedaços, do qual eu (o chronista), ainda vi um pedaço que era da perna e joelho do idolo, e outras muitas pedras com inscripções de Endovellico.

Ora parece que dada a epocha em que o frade escrevia elle não poderia inventar as circumstancias dos olhos fechados, coração na bocca, azas nos pés; provavelmente estes dados eram com effeito da estatueta de marmore encontrada na parede, que alguem lhe descreveu, pois declara que só vira um fragmento sem importancia,

Ha uns doze annos a ermida estava em abandono completo; em noite de tempestade abateu o telhado que ninguem tratou de reconstruir; em breve as chuvas fizeram saltar os fracos rebocos e appareceram novamente as inscripções, os fragmentos de marmore lavrado.

Aquelles paredões parecem formados em grande parte por aras e esculpturas. Como se serviram do conhecido marmore branco de Extremoz, os caracteres estão nitidos, como as arestas das pedras lavradas.

É um ninho de preciosidades archeologicas.

O sr. padre Espanca, de Villa Viçosa, publicou as novas inscripções no *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 2.ª serie pag. 253-274. Eu dei noticia no *Manuelinho d'Evora*, n.º 38, de 1881; e tambem na *Renascença*, do Porto. Quando o sr. Emilio Cartailhac visitou o Alemtejo em exploração archeologica estivemos tambem em Terena, e se bem recordo foi elle que remetteu os calcos ao sr. Emilio Hübner, de Berlim.

Por esse tempo houve uma curiosa questão judicial, filha da mesquinha politiquice sertaneja, por causa de duas pedras esculpidas encontradas no santuario, uma das quaes, ao que me dizem, representa um idolo. Creio que estas esculpturas estão hoje em poder do sr. dr. João Martins da Silva Marques, da villa do Redondo.

As inscripções de Endovellico são bem conhecidas; julgo escusado accumular noticias bibliographicas. Mencionarei, porque o não tenho visto citado, Bellermann, *Erinnerungen aus Südeuropa*, na parte intitulada *Romische Alterthümer in Portugal*, principalmente a nota n.º 47.

Umas das novas inscripções traz o nome Antubellicus, do dedicante.

Nos fragmentos que vi em S. Miguel apparecem esculpidos, nos lados das aras, varios objectos, um ramo de flores, uma adaga, um cão, etc.

Desejo que fique bem marcado o facto da importancia nos ultimos seculos, pelo menos a datar do seculo XIV, do santuario da Boa Nova, que parece ter herdado a devoção de Endovellico. Não é um santuario vulgar, dos que todas as povoações tem; a sua influencia ou preponderancia alastra-se por muitas povoações em redor, por um vasto districto. A devoção popular pela Boa Nova de Terena é mais significativa que a da Senhora da Penha em Lisboa, ou a da Senhora da Atalaya, ou a da Senhora do Cabo, ou do Senhor do Bomfim em Setubal, ou da Senhora da Visitação em Montemór, ou da Senhora do Carmo, na Azaruja. Só lhe conheço egual no sul do paiz, a da Senhora da Colla, proximo de Ourique; e, note-se, ambos esses templos, Ourique e Boa Nova, estão ligados a tradições antigas; o sanctuario da Senhora da Colla no sul do Alemtejo entre muitos cerros com fortificações antehistoricas; o da Boa Nova proximo do templo de Endovellico, e não longe dos entrincheiramentos da serra d'Ossa.

Este ainda me parece mais curioso e digno de estudo no ponto de vista da religião popular.

A Boa Nova é um templo magnifico do seculo XIV, de aspecto imponente com as suas ameias. ogivas, varandas apoiadas em grandes cachorros lavrados; tem o aspecto, exteriormente, de uma fortaleza; internamente houve modificações ligeiras em varias epochas, a ultima e talvez a maior em 1706 pelo conde de Villa Nova, que todavia lhe não destruiram a feição primitiva.

Como já disse é n'este templo, ao lado da capella mór que está a inscripção endovellica de Sitnia Victorina; exteriormente, num cunhal do lado sul, a de Terentia que a Endovellico dedicou uma estatua.

A capella mór está vestida de quadros em madeira, do seculo XVI, dignos de attenção, que molduram a imagem do orago; aos lados ha varias imagens, de S. Braz, Santa Luzia, Senhora da Cabeça, etc. No cruzeiro estão grandes arcas antigas, destinadas a receber as offertas em cereaes.

Á volta das imagens ha uma quantidade grande de votos; algemas de captivos que obtiveram a liberdade; moletas de aleijados; novellos de pessoas que estiveram em grandes e prolongados perigos; embrulhos com promessas e requerimentos junto do orago; olhos de cêra, e de prata, e cartas de alfinetes junto da imagem de Santa Luzia; cabrinhas de cera, inteiras, ou só as cabeças, á Senhora da Cabeça; e em volta de S. Braz uma multidão de objectos quasi todos encarnados, em tecido, bordados, até em crochet, como pulseiras, anneis ou collares, em allusão ás enfermidades das aberturas do córpo, da garganta ou da vagina.

Em muitos santuarios ha dias determinados do anno para as romarias ou festividades proprias, e fóra de taes dias raras são as visitas devotas, ou de cumprimento de promessas; na Senhora da Colla e na Boa Nova de Terena, embora isolados dos povoados, são frequentissimas as peregrinações de familias inteiras agradecendo a saude de alguem, a resalva do mancebo, o parto feliz, a boa ceara, a prosperidade do rebanho ou da manada.

Desejo ainda mencionar um elemento que póde ser util a philologos. Percorrendo o livro de *Composições do cabido d'Evora* encontrei uma *composiçom* tratada entre o bispo D. Martinho e cabido, com D. Gil Martins e sua mulher D. Maria Johannes a respeito de egreja ou egrejas que estes fizessem em *Oydalvicenez* e seus termos; é documento datado da era de 1269; anno 1231; e diz logo que—hoje é Terena. Este nome—Terena—apparece nos—costumes de Terena communicados de Evora de 1280, incluindo costumes de 1264 e 1270; talvez os mais notaveis do paiz pela copia dos dados e nomes da vida pastoril (v. *Doc. Hist. da cidade d'Evora.*)

Vae muito dilatada a noticia; permitta-se-me só um pedido e uma indicação. A ermida está em ruinas: é o gallinheiro do *monte*; não é barbarie o destruir de vez os paredões; será grande perda o deixar que algum curioso nacional ou estrangeiro approveite as pedras; estas seriam um ornamento no museu de Evora ou nos museus de Lisboa.

Para conduzir essas aras e esculpturas é melhor caminho o do Alandroal ao Redondo, e depois á estação do caminho de ferro; e feitas bem as contas serão precisos uns cem mil réis, na totalidade, para salvar do tempo, dos rapazes, do *curioso*, ou do estrangeiro, esses monumentos tão singulares e significativos na archeologia peninsular.

Eu peço que salvem esses monumentos.

G. Pereira

AS THERMAS DOS CASSIOS, EM LISBOA

(Est. XII)

Dou hoje comprimento á promessa feita a pag. 33 (not. 10), publicando da memoria de F. M. d'Andrade, então citada, a parte que respeita ás *Thermas dos Cassios*, descobertas em 1771 no sitio das Pedras-Negras. Como se verá, Andrade pouco mais faz que reproduzir a descripção feita d'essas ruinas pelo padre D. Thomaz Caetano de Bem,

segundo o Ms. que existe na Bibliotheca Nacional (A, 3, 37); addiciona-lhe varias considerações que são acceitaveis. Pelo que é preferivel reproduzir a descripção annotada, a dar simplesmente o texto de Bem.

Eis, pois, o que actualmente se sabe das Thermas dos Cassios (note-se que todo o texto em italico é do Padre Bem):

[Principiou o Padre Bem a sua memoria pelas Thermas ou Banhos dos Cassios, e passando depois a tratar das da rua Bella-da-Rainha, suppondo-as como continuação daquellas, diz a pag. 14 do seu escripto o seguinte:] *As sobreditas Thermas ou banhos parece comprehendiam um grande espaço, e que tinham grande extenção: por quanto correndo d'este logar quasi tresentos passos para a parte do meio dia na rua chamada da prata e defronte da Parochial Igreja de Santa Maria Magdalena, e trabalhando-se para abrir os alicerces de algumas casas de pessoas particulares, se descobriram outros muitos nichos ou tanques de semelhante fabrica, e construcção; e junto a estes a seguinte inscripção.....* [É a que até aqui temos analysado[1].

Neste ponto é a nossa opinião contraria á do Padre Bem, e para a sustentar seremos um pouco extensos, tratando em particular das Thermas dos Cassios.

No manuscripto da Bibliotheca Nacional, de Lisboa, intitulado *Varias Inscripções Romanas* ha um rude esboço da planta das ditas Thermas, sobre o qual se fez outra mais regular e em escala egual á da planta das Thermas da rua Bella-da-Rainha, como se vê no desenho ... (Est. XI). O que vae de tinta preta é o que contêm o esboço original; as medidas, lançadas com carmim[2], são tiradas da Memoria do Padre Bem, segundo o qual faremos a explicação, pondo para esse fim da mesma côr algumas lettras de referencia.

Começa a Memoria dizendo a pag. 2]: *Trabalhando-se nos alicerces para a fabrica do palacio que o Correio Mór d'este Reino tem nesta Corte, contiguo ao sitio chamado das Pedras-Negras, se descobriram para a parte do Poente umas Thermas ou Banhos com uma grande copia de agoa. A sua fabrica se conhecco logo ser obra dos Romanos, e do tempo em que o seu Imperio mais florecia; pela elegancia e mayestade da construcção; e pela noticia que dava a Inscripção que a acompanhava. Constava de um grande Banho. A figura deste era oval e concava;* [não entendemos a que parte do edificio se referem estas duas ultimas palavras, e provavelmente succedeu o mesmo ao Dr. Tavares[3] que as

---

[1] Referencia ás Thermas romanas da rua Bella-da-Rainha, e sua inscripção; v. p. 23 segg.—B. de F.

[2] Julguei desnecessario reproduzir com suas côres a estampa polychromica feita por Valentim de Freitas, que acompanha a memoria de Andrade (cf. *Mem.* cit. p. 23). A est. XI não foi reduzida de um terço, como as est. III–V.—B. de F.

[3] Tavares, *Instrucções e cautelas praticas sobre... aguas mineraes...* P. I p. 127–135.—B. de F.

omittiu] *e como metade d'um cylindro, servindo-lhe de cupola o segmento de uma ellipse ou esferoide; e era como um nicho.* [Suppomos que fez esta comparação por a sala das Thermas ser semelhante ao nicho que tinha dentro.] *A sua total altura eram quarenta e cinco palmos ordinarios* [entendemos ser o comprimento ou extenção da mesma sala, o que concorda com o numero 45 que tem o esboço por cima do semicirculo, o qual não se pode tomar por altura, por ser excessiva, além de que a um lado da parte de fóra tem—altura—onde teriam tenção de a notar]; *a sua largura, vinte e dois e meio* [tinha portanto metade do comprimento, bem que no esboço ha o numero 20 sobre o taboleiro da escada e a syllaba—to—mais acima, provavelmente como abreviatura de *toda* referindo-se a largura do vão]; *e a sua base ou grossura doze.* [Parece pelo que se segue ser a grossura do massame geral do alicerce]. *D'esta base e pavimento se alevantava hum tanque* [lá está notado por—Banho—]: *a sua figura era um segmento de circulo* [não sabemos explicar estas palavras; parece querem dizer que a abobada era em fórma de segmento de circulo, isto é, que era de escarção]. *O lado ou linha curva era o mesmo nicho* [é o lado—A—]; *e uma parede que ao lado opposto, e parte externa se levantava desde o pavimento e da sua base, a qual cerrava a boca ou parte do arco, ficando assim, o dito tanque comprehendido entre o semi-arco do nicho e a parede que em linha recta fechava o mesmo nicho.* [Esta parede é o lado B, mas o tanque ou banho ficava entre esta parede e o assento onde no esboço se vê.

A pag. 3 diz:] *A elevação d'este tanque era de dez palmos e a sua extenção para uma e outra parte era a mesma do nicho* [Reconhece-se por isto que chama nicho ao todo da sala, além de que a confunde com o tanque seguindo-se que os dez palmos era a altura das suas paredes lateraes até onde começava a abobada, porque a altura toda da sala até ao fecho, havia ser maior para conter dentro o nicho]. *No meio do dito tanque, e da parte inferior, isto é, no meio do semicirculo, e lado correspondente ao lado recto da parede levantada, que temos dito, se descobriram os vestigios ou parte de um assento; e ao pé d'este, e no mesmo lado circular do nicho, os vestigios do cano ou registo, por onde a agoa se communicava ao dito tanque, tudo fabricado de excellente materia a que damos o nome de argamassa.* [As duas linhas onde está a lettra—C—mostram a situação do assento cujo verdadeiro prestimo era para *pluteo*, ou bordadura do tanque. Onde era o cano lá está escripto e ainda marcado com uma linha: era elle saliente, visto que a pag. 7 diz o Padre Bem]: *O cano ou aqueducto, que corria pela parte postica d'estes tres nichos ou tanques egualmente fornecia de agoa a todos.* [A planta não indica parte postiça por onde corresse a agua, a não ser onde se lê—cano—estando sobreposto em cima do pavimento do tanque, por ser alli propriamente onde era o assento, e por essa razão lhe chamaria parte postiça, vindo a passar o cano pelo interior do assento e servindo a este o pluteo de espaldar

para se encontrarem, vendo-se ao mesmo tempo que ficava da parte do banho, e não no lado circular da sala. Em quanto a nós, tomos a linha que fica proxima ao logar onde se lê—cano—como contorno da alvenaria que o formava e ao assento, porque para representar um lado do interior do cano deveria haver outra linha pontuada.] *Para entrar para este tanque ou banho havia aos dois lados da parede exterior duas escadas, e cada uma de cinco degráos de pedra, e cada degráo de altura de tres quartos de palmo; o seu comprimento de dois palmos, com a largura correspondente* [O esboço diz—Escada 5g—que suppoz querer significar cinco degráos, e como mais adeante accrescenta—3 terços—dividiu-se a largura da sala em tres partes, dando uma ao taboleiro, e as duas ás escadas, pondo-lhes os ditos degráos.

Diz mais a pag. 8]: *Estas Thermas ou Banhos, e toda esta fabrica se dividia, e estava separada do Publico por meio de uma parede de obra ordinaria, mas antiga, que se desmanchou* [lá tem o nome]. *A parte inferior, ou pé da dita parede, era parallelo. e igual ao labio, ou extremidade superior do tanque do nicho maior* [era parallelo ao que chama vestigios de assento]; *d'onde se conhece, que este tanque ficava inferior á superficie da terra, e via publica; e consequentemente tambem os outros dois tanques dos lados por serem de altura ainda menor que o primeiro.* [D'estes tanques falar-se-ha ainda. A pag. 9. diz:] *A serventia para estes banhos ou thermas, era por uma pequena abertura, e porta de coiceira, que se achou no meio d'esta mesma parede; porém não se pode averiguar a que altura se elevava a dita parede; ou se tapava e encobria todo o nicho. e fabrica; porque esta tinha jà padecido em outro tempo, como claramente se estava vendo, bastante mudança e ruina.* [A pag. 6]: *A situação do dito nicho era a seguinte. A boca olhava para a parte o Meio Dia, como tambem o lado exterior, e reto do tanque estava em baixo, isto é no pavimento. O corpo do dito nicho, e lado semicircular do tanque, era da parte Norte; e o arco ou as suas columnas olhavam para o Nascente e Poente.* [Como nada mais diz sobre decoração, nem o esboço a indica, é de crer que a não tinha, devendo tambem suppor-se que por arco quiz designar o da abobada que principiava nas paredes que ficavam ao nascente e poente, as quaes chamou columnas, provavelmente porque em consequencia da falta da parede do sul, sendo vistas pelos topos, se assemelhavam a pilares.] *A estes lados do Nascente, e Poente, e continuos ou contiguos ao dito nicho, havia mais outros dois nichos pequenos em tudo na mesma fórma e figura do nicho grande, que deixamos descripto; e só com a differença de serem os seus corpos fabricados de pedra um pouco grosseira, ou aspera; os seus tanques abertos em pedra sómente; sem vestigios de assento, nem escada, por serem os ditos Tanques muito baixos e pequenos.* [Estes dois nichos ou banhos estão no esboço, provavelmente como simples indicação, para se fazer idéa de como eram por dentro, por isso que os collocaram ao lado da planta com os competentes corredores de serventia, ficando assim contiguos. Nestas circumstancias, para melhor esclarecimento,

levantou-se a planta continua e de vermelho, para indicar que é acrescentamento, com a fórma geral de nicho grande, porém com pouco fundo; e para se poder formar melhor idéa, vão na parte inferior, nas figuras 1.ª e 3.ª as copias dos dois banhos na proporção da sala, e como estão no esboço original; devendo advertir-se que no original estão assim collocados onde se pozeram as plantas ficando as linhas *D* e *E*, como acrescentadas em continuação dos extremos da outra linha que está por baixo de *C*, e que tem as mesmas é já referidas lettras *D* e *E*, ficando do mesmo modo as linhas *F* e *G* em continuação dos extremos da linha do assento, junto aquella parte onde se lê—cano. Temos para nós que as linhas *D* e *E* representam o pavimento, e sendo assim, é para notar-se que dos contornos das abobadas dos nichos apenas um chegue a ellas. Na fig. 1.ª entre as linhas *D* e *F* está escripto—banho—e entendemos querer dizer que a frente do banho pequeno ficava voltada para o banho maior]. *Na parte superior dos seus tanques, se via tambem outro Nicho mais pequeno* [H] *proporcionado ao corpo d'aquelle a que servia de ornato, porém dentro destes se não achou figura, ou estatua alguma como no primeiro* [Estes pequenos vãos ou nichos, eram decerto armarios para guardar os utensilios de que usavam nos banhos, e não ornato, como se diz]. *Os tanques d'estes dois nichos pequenos recebiam a mesma agoa, que o tanque do outro grande nicho, por um semelhante registo; porque o cano ou aqueducto, que corria pela parte postiça destes tres nichos ou tanques, egualmente fornecia de agoa a todos. O aqueducto para o despejo, e evacuação da agoa destes tres tanques, se o houve, não se descobrio; mas somente para a parte oriental da dita fabrica, em distancia de trinta pés pouco mais ou menos, havia um grande reservatorio d'agoa ou cisterna; que ao presente se achava debaixo de uma escada interior do mesmo Palacio. Nesta cisterna se achou agoa; e mandando-se limpar se descobrio um aqueducto que corria para a parte dos tres nichos que temos referido: porém como este aqueduto ou cano se vae estreitando cada vez mais, em figura de uma pyramide conica, e á maneira de um funil, e se não podia desmanchar, como era necessario para uma tal averiguação; não se póde tambem haver d'elle um perfeito conhecimento e noticia. Descobrio-se porém o aqueducto, e agoa que servia os ditos tres tanques; e se conheceo que este aqueducto, ou cano e agoa, corria da parte do Norte e se presume vir do monte sobre que está fundada a Cidadella ou Castello de Lisboa.* [A pag. 4 diz:] «*No meio do espaço do dito nicho, que restava do tanque para a parte superior do mesmo nicho, havia outro nicho mais pequeno; porém da mesma figura e em tudo semelhante ao grande* [este nicho está só representado por um contorno devendo ter o da grossura da parede]: *e nelle se descobrio uma estatua de excellentes marmores, de cor branca, e de figura humana. No rosto, em um braço, e em huma perna se via algum tanto damnificada. A sua estatura era ordinaria; vestida segundo o traje militar dos Romanos; o seu ornato porém segundo o habito imperatorio, ou dos generaes Romanos. No elmo christa e folhagem, o collo ou pes-*

coço nu; e o corpo se representava coberto de aço, ou ferro no modo a que chamamos armas brancas. Na parte exterior d'estas, e sobre o peito se via a figura do sol; e logo mais abaixo, ou sobre o ventre a figura de duas esphinges, ou serpentes com azas, rosto humano, e o braço do cotovello por deante nu. Da mão esquerda pendente um escudo, tambem de marmore; em que se via gravada a figura de uma Loba dando de mamar a dois meninos, isto é Romulo e Remo, tambem nus. O pé calçado tambem ao modo Romano; isto é somente com a caliga, e o mais da perna, até ao joelho, nu. Acima d'este pequeno nicho que temos dito, e quasi em distancia de cinco palmos, porém em a mesma parede do nicho, se via um mattone ou tejolo de cor vermelha da largura de dois palmos, e mais de tres de comprimento; em que se lia a seguinte Inscripção... [No esboço vê-se notado o tejolo por traz e pouco distante do nicho da estatua, em as mesmas dimensões que lhe dá o P. Bem, postas por algarismos, do que se segue que estava mal informado João Pedro Ribeiro, quando no tom, IV, parte I, pag. 51 das suas *Dissertações chronologicas e criticas*, disse:—«Com o mesmo intrumento *(o pincel)* foi talvez escrita huma inscripção em letras vermelhas, sobre reboque em huns Banhos publicos dos Romanos, que se descobrirão depois do terremoto...»—Ora nós antes de transcrevermos e analysarmos a inscripção, diremos que não pode haver dúvida em ser ella feita em tejolo, por isso que se dá perfeita conformidade no que diz o P. Bem com o que está no esboço. Ignoramos, é verdade, como as lettras seriam feitas, porém conjecturamos que eram de relevo no tejolo, com o fundo cheio de cal ou argamassa, ficando vermelhas como sobre um reboco... Servindo-nos de um esboço que d'esta mesma inscripção dos Cassios encontrámos em um volume de varios papeis manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o qual tem por titulo *Apontamentos sobre varias moedas*, e de outro que se intitula *Collecção de varias inscripções romanas*, onde a mesma se acha manuscripta, confrontando uma com outra, e regularisando algumas letras da do esboço, que nos parece ter sido copiada do original, damol-a» da maneira seguinte:][4]

THERME CASSIORUM~
RENOVATE A SOLO IVXTA IVSSIONEM
NVMERI ALBANI V·C·P·P·L·
CVRANTE · AVR FIRMO
5 NEPOTIANO ET FACUNDO COSS (p. Ch. 336)

As thermas dos Cassios, as que jazem sob a Rua-Bella-da-Rainha e o theatro descoberto em 1798 na Rua de S. Mamede, são os edificios romanos mais importantes que se teem encontrado em Lisboa.

BORGES DE FIGUEIREDO

[4] Cf. *C. I. L.*, II, 191.—B. de F.

MISCELLANEA EPIGRAPHICA

I

Inscripção de Almourol

O castello de Almourol, fundação ou reedificação do celebre mestre do Templo D. Gualdim Paes em 1171, poeticamente situado numa pequena ilha no meio do Tejo, perto da Foz do Zezere, é um dos mais notaveis monumentos militares da edade media entre nós; e não será talvez extremamente arriscado identifical-o com o antigo mysterioso Moron (Str. III, 3, 1).

Neste castello existe, embutida na parede interior do pateo, uma curiosa inscripção romana, trazida para alli d'outra parte, mas talvez não de longe. Segundo um excellente calco, que obsequiosamente me offereceu o meu illustre patricio e amigo, o sr. conselheiro Adolpho Ferreira de Loureiro, a inscripção mede 0m,56 de alto e 0m.40 de largo e diz o seguinte (os pontos são triangulares):

D·M·S
Q·CADI·FRONTONIS
ANN·XXV·ROMAE·DE·
FVNCTI·RELIQVIAE·H·S·S
5 CADIA·TVSCA·AN·XXX·H·S·E
M·CADIVS·RVFVS·LIBERIS
OPTVMIS·PIISSIMIS·POSVIT
CORNELIA·FRONTONIS·F
ANN XXIII·ALBVRA·MATER
10 FRONTONIS·NT·TVSCAE·H·S·E
CADIVS·RVFVS·VXORI·
OPTVMAE·V·T·L·//////

Esta curiosa inscripção ministra-nos os nomes de diversos membros d'uma familia, e consta de duas partes distinctas. A primeira

parte consiste na memoria posta por M. Cadio Rufo a seu filho Quinto Frontão e a sua filha Tusca; é a seguinte:

D(iis) M(anibus) S(acrum).
Q. Cadi(i) Frontonis, ann(orum) XXV, Romae defuncti, reliquiae h(ic) s(itae) s(unt);
Cadia Tusca, an(norum) XXX, h(ic) s(ita) e(st);
M. Cadius Rufus liberis optumis piissimis posuit.

A segunda parte, com muita probabilidade gravada algum tempo depois, é a memoria feita pelo mesmo M. Cadio Rufo a sua neta Cornelia (filha de Frontão) e a sua mulher Albura; diz assim:

Cornelia Frontonis f(ilia) ann(orum) XXIII (sc. *h. s. e.*);
Albura mater Frontonis et Tus ae h(ic) s(ita) e(st).
Cadius Rufus uxori optumae.
V(obis) t(erra) l(evis) [*s(it)*].

Na l. 10 as tres ultimas lettras estão um tanto gastas, sendo comtudo perfeitamente visiveis o HS; a terceira lettra, porém, de que apparece apenas uma haste vertical, poderia tomar-se por um S, e neste caso referir-se a formula a Cornelia e a Albura; mas da comparação d'estas tres lettras com as que terminam a l. 5 resulta que são identicas, devendo ler-se a formula HSE.

Na l. 12 a penultima lettra é á primeira vista duvidosa, parecendo ser P ou T. Mas um exame demorado faz claramente notar que o que parece a haste curva do P é continuação d'uma falha da pedra.

Todos os nomes que se leem nesta inscripção são já conhecidos, embora pouco vulgares quasi todos na peninsula. D'entre elles são raros: *Cadius* (*C. I. L.*, II, 380) e *Albura* (*C. I. L.*, II, 73 inscrip. do Museu Cenaculo de origem incerta, 341 de Leiria, 853 de Plasencia).

A orthographia assim como a fórma da escriptura indicam pertencer o monumento aos fins do I seculo.

II

Inscripção de Conimbriga

Quando em principios de agosto de 1888 visitei as ruinas de Conimbriga (Condeixa-a-velha) tomei calco do seguinte fragmanto epigraphico (altura das lettras $0^{m},05$):

G IVLI*o*
QVADRAT*o*

Pelo tamanho das lettras e pela disposição da pedra, que evidentemente foi parte d'um pedestal ou pertenceu a um edificio, esta inscripção é honorifica. Convém notar que um *C. Antius A. Iulius A. f. Quadratus* foi consul em 93 e 105 (Klein, *Fasti cons.*; *C. I. L.* III, p. 859; *C. I. L.*, V 875; *C. I. G.*, II 3532 3548 3549, III 4238 *d*). Cf. principalmente *C. I. L.*, II 189 ...*tius Quadratus leg. Aug. pr. pr.*, inscripção de Lisboa.

BORGES DE FIGUEIREDO

BIBLIOGRAPHIA

PALEOETHNOLOGIA. ANTIGUIDADES MONUMENTAES DO ALGARVE. TEMPOS PREHISTORICOS por Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga. Lisboa, Imprensa Nacional. Vols. II (1887) e III (1889).

Em novembro de 1887 noticiei na *Revista archeologica e historica* (n.º 11) o apparecimento do primeiro volume d'esta obra verdadeiramente importante; e alli prometti tratar d'ella com alguma extensão, logo que estivesse terminada a parte relativa aos *tempos prehistoricos*, materia que o seu abalisado auctor contava poder ultimar no segundo volume. Ao auctor, falhou, porém, o calculo, e com isso ganhou a sciencia archeologica; pois que no segundo e terceiro volumes continúa a occupar-se com grande proficiencia da prehistoria do Algarve; e ainda essa primeira parte do vasto quadro que traçou só terminará com o quarto volume, que conterá um estudo especial das tres edades — *do cobre, do bronze* e *do ferro* — que, segundo a theoria do auctor, não só no Algarve, mas em toda a peninsula, succederam ordinalmente ao periodo neolithico. É obvio que não se pode ajuizar desde já com absoluta segurança do notabilissimo trabalho do sr. Estacio da Veiga, sem ainda conhecer as demonstrações de suas theses; seria mais do que um risco, seria uma imprudencia. Assim, aguardando ainda e anciosamente o derradeiro volume da prehistoria do Algarve, só tenho por hoje a affirmar que é realmente admiravel a copia de factos e documentos produzidos pelo distinctissimo archeologo.

LISBOA ANTIGA por Julio de Castilho. Parte II: BAIRROS ORIENTAES. tom. VI (com 10 estampas tiradas á parte). Lisboa, Livraria Ferreira, 1889.

Prosegue o sr. Julio de Castilho (Visconde de Castilho) na tarefa que se impoz de nos dar a conhecer Lisboa, patria sua querida. Tendo publicado em 1879 num volume a primeira parte da obra, em que tratou dos bairros occidentaes, quasi annualmente nos vae brindando com os valiosos volumes que formam a segunda parte em que, alargando muitissimo o quadro que primeiro se traçára, passo a passo percorre em todas as direcções e em todas as epochas os bairros orientaes da nossa bella e memoravel capital. O velho e transformado castello, a antiga e damnificada sé, os histo-

ricos palacios transfigurados ou destruidos, os templos, as capellas, as ermidas, as ruas, os sitios, toda a sorte de monumentos, os costumes quer passados de todo quer modificados com o decorrer dos tempos; a antiga Olisippo, a Lisboa de todas as epochas da monarchia; tudo isso passa ante nossos olhos, num panorama extenso e formoso, cheio de vigoroso colorido. O auctor, homem de vivo sentimento, poeta distincto, e prosador elegante, patentea uma vasta erudição; não da erudição balofa e vaidosa que consiste em accumular citações, e que só é tida em conta pelos ignorantes; mas da erudição solida e sem presumpções, que dá creditos ao escriptor.

O volume que ultimamente se publicou, contém variadissimas noticias; de mistura com numerosas informações topographicas e ethnographicas, entremeadas de notas biographicas e considerações historicas, fala-nos o sr. visconde de Castilho da antiga parochia de S. Jorge, da ermida de Santa Barbara, ás Fontainhas, das romarias da mesma santa, do palacio do armeiro-mór em Arroyos, da egreja da Magdalena, das ermidas de S. Crispim, do mosteiro do Salvador, da parochia de S. Bartholomeu do Castello, do Rocio, do paço dos Estaos (depois, da Inquisição), do Passeio Publico, etc., etc. Neste, como nos antecedentes volumes, avultam a observação dos costumes, a descripção minuciosa dos logares e dos edificios, e as averiguações genealogicas. As estampas que o acompanham são summamente interessantes; enumeremol-as: «I Indice das quatro primeiras plantas, II Planta do andar terreo do palacio da Inquisição, III Planta da sobre-loja do mesmo palacio, IV Planta do andar nobre, V Planta do andar superior, VI Alçados das tres fachadas do palacio, VII Indice das plantas do cadafalso dos autos-da-fé, VIII Cadafalso que se armava no Terreiro do Paço» (todas estas são copias do livro original das Plantas e Fabricas da Inquisição, que se conserva na Torre do Tombo); e tem mais uma «Vista de uma parte da cidade, desenho de Serrão, 1619» e «Planta do sitio onde estava edificado o hospital de todos os Sandtos, convento de S. Domingos, etc., em 1750».

Affirmando que a *Lisboa antiga* é uma obra importante e indispensavel a quem quizer conhecer as antiguidades d'esta cidade, não se julgue, porém, que eu acceito todas as asserções do benemerito escriptor. Releve-me tambem o auctor um reparo: e é que cada vez mais se vae accentuando a discordancia entre a maior parte da materia e o titulo da obra, que melhor se chamaria *Lisboa antiga e moderna*.

Conclúo dizendo que a obra do sr. visconde de Castilho tem incontestavelmente muito merito, honra muito o seu auctor, e é um valioso monumento elevado á cidade de Lisboa.

PERIODICOS

Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Comptes rendus des séances de l'année 1889. Quatrième Série, Tome XVII. Bulletin de Mars-Avril:

Séances de Mars-Avril.—Communications: IX *Pourquoi Properce a-t-il dit que le chef gaulois Virdumaros se vantait d'avoir le Rhin pour ancêtre?* par M. d'Arbois de Jubainville.— X *Note sur les mesures chaldéennes de superficie,* par M. J. Oppert.— XI *Lettre de M. Geffroy, directeur de l'École française de Rome.*— XII *Lettre de M. Salomon Reinach à M. Alexandre Bertrand, sur une inscription grecque trouvée à Notium, près de Colophon.*— XIII *Une bague byzantine du* X^e^ *siècle, appartenant à M. le baron Pichon.*— Livres offerts.

Bulletin de Mai-Juin:

Séances de Mai-Juin.—Communications: XIV *Un essai d'exposition internationale en 1470,* par M. de Maulde.— XV *Résumé d'un mémoire sur les écrits encore inédites des anciens médicins grecs et sur ceux dont le texte, perdu en grec, existe en latin ou en*

arabe, par M. Georges-A. Costomiris.— XVI *Lettre de M. Geoffroy, directeur de l'École française de Rome.*— XVII *Lettre du même.*— XVIII *Note de M. Victor Waille, communiquée par M. Georges Perrot, sur une dédicace à Licinius Hiéroclès, gouverneur de la Maurétanie Césarienne, découverte à Cherchel le 23 mai 1889.*— XIX *Lettre de M. Geoffroy, directeur de l'École française de Rome.*— XX *Note sur l'emplacement de Neferis (Afrique)*, par le R. P. A.-L. Delatre, communiquée par M. Héron de Villefosse.— XXI *Note sur des découvertes faites à Gabès et à Gafsa (Tunisie)*, par M. Héron de Villefosse.— Livres offerts.

Boletin de la Institucion Libre de Enseñanza. Madrid. Año XIII, n.os 292–302, 304.

Traz o seguinte artigo archeologico:

N.º 297. *Inscripcion ibero-latina de Jódar*, por C. (Continúa nos n.os 398 a 402.

O Occidente. Revista illustrada de Portugal e do extrangeiro. Vol. XII, 1889, n.º 370–390.

Traz os seguintes artigos que podem interessar á archeologia:

N.º 375. *Ruinas da egreja matriz da Batalha* (com uma gravura).— N.º 276. *O Castello de Leiria* (com uma gravura).— *Elvas. Porta da Alcaçova* (com uma gravura). — N.º 379. *Rua da Judiaria*, por Julio de Castilho (com uma gravura).— N.º 381. *O Castello de Evora Monte* (com uma gravura).— N.º 387–389. *O castello de Guimarães*, por I. de Vilhena Barbosa (com uma gravura).— N.º 389. *Capella de S. Jorge em Aljubarrota*, (com duas gravuras).

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, orgão dos trabalhos da *Sociedade Carlos Ribeiro*. Porto, 1889 — 1.º vol. n.º 2.

Traz entre outros artigos:

Sobre os conhecimentos ethnicos dos gregos e dos romanos, por Adolpho Coelho.— *Os Atlantes de Diodoro Siculo*, por Martins Sarmento.— *Contribuições para a Ethnographia portugueza. Notas sobre malacologia popular*, por Rocha Peixoto.

Revue Archéologique, publiée sous la direction de MM. Alex. Bertrand et G. Perrot.—Troisième Série.—Tome XIV, Livraison de Juillet-Août, 1889.

Texte: *Étude sur quelques cachets et anneaux de l'époque mérovingienne* (suite), par M. M. Deloche.— *Quelques verreries romaines de Bologne-sur-Mer*, par M. V.-J. Vaillant.—*Inscriptions céramiques de la nécropole punique d'Hadrumète*, par M. Philippe Berger.— *L'ère de Yezdegerd et le calendrier perse* (suite), par M. E. Drouin.—*Restauration des frontons d'Olympie*, par MM. Paul Monceaux et Victor Laloux.— *Tessères antiques, théâtrales et autres* (suite), par M. J.-Adrien Blanchet.— *Chronique d'Orient*, par M. Salomon Reinach.—*Statistique monumentale du département du Cher. Conclusions. Histoire de l'architecture dans le département du Cher*, (suite et fin), par M. Buhot de Kersers.— *Bulletin mensuel de l'Académie des inscriptions.—Société des Antiquaires de France.—Nou-*

velles archéologiques et correspondence.— Bibliographie.— Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité romaine, par M. R. Cagnat.

Planches : XIV–XV. *Verreries romaines de Boulogne-sur-Mer.*—XVI–XVII. *Olympie. Grand Temple de Zeus. Fronton de la façade orientale (angle de droite).*—XVIII–XIX. *Olympie. Grand Temple de Zeus. Fronton de la façade occidentale (partie centrale).*—XX–XXI. *Olympie. Grand Temple de Zeus. Restauration des frontons d'après les fragments retrouvés et les descriptions de Pausanias.*

Livraison de Septembre–Octobre:

Texte: *Note sur l'usage du système pondéral assyrien dans l'Arménie russe à l'époque préhistorique*, par M. J. de Morgan.— *Le trésor de Saint-Pubu, canton de Ploudalmézeau (Finistère)*, par M, P. du Chatellier.—*Note pour faire suite au tracé du plan de la mosquée d'Omar, publiée en juin-juillet 1888*, par M. C. Mauss.— *Inscriptions céramiques de la nécropole punique d'Adrumète* (suite et fin), par M. Philippe Berger.— *L'ère de Yezdegerd et le calendrier perse* (suite et fin), par M. E. Drouin.— *Tessères antiques, théâtrales et autres* (suite et fin) par M. J.-Adrien Blanchet —*L'art provincial dans l'Afrique romaine*, par M. R. de laBlanchère.—*Le tombeau de saint Quentin*, par M. Germain Bapst.—*Note sur la métallurgie du cuivre en Sardaigne*, par M. Alphonse Baux.—*Nécrologie. Funérailles du baron Jean Witte.—Bulletin mensuel de l'Académie des Inscriptions.—Nouvelles archéologiques et correspondance.—Bibliographie.*

Revue de l'Art chrétien. Lille. Société de S^t^. Augustin.— 32me année, 1889. Tome vii, 2ème livraison d'Octobre.

Texte: *Au lecteur.—Les épées d'honneur distribuées par les papes pendant les* xive, xve *et* xvie *siècles* (premier article), par Eug. Muntz.— *L'étendard de la Sainte-Ligue à la bataille de Lépante*, par C. Fernandez Duro.—*Miniatures de François Clouet au trésor Imperial de Vienne*, par F. Mazerolle.— *Un Missel de Marmoutiers du* xie *siècle* (deuxième et dernier article), par L.-A. Bossebœuf.— *Études d'anaglyptique sacrée* (premier article), par l'abbé Ch. Didelot.— *Les tapisseries des églises de Paris*, par Jules Guiffrey.— *Les statuaires à Rome*, par Mg. X. Barbier de Montault.— *L'art à Amiens vers la fin du moyen âge dans ses rapports avec l'école flamande primitive* (premier article), par C. Dehaisnes.—*Mélanges.— Travaux des Sociétés savantes.—Bibliographie. —Périodiques.— Index bibliographique.— Chronique.— Questions et réponses.*

Planches: XI. *Étendard de la Sainte-Ligue à la bataille de Lépante.*—XII. *Oriflamme de la galère royale à la bataille de Lépante.*—XIII. *Miniatures du Missel de Marmoutiers.*—XIV. *Plan de Notre-Dame de Paris.*—XIVbis *Chevet de l'église d'Aulnay.*

Revue Épigraphique du Midi de la France. (Publicada pelo sr. A. Allmer, em Vienna (Isère)). N.° 54.—Juillet, août, septembre, 1889.

Contém varias inscripções de Grand-Villares (Jura), Lyon, Bellecombe (Drôme), e Saintes (Charente inférieure).

BAIXO-RELEVO ROMANO, DESCOBERTO EM ELVAS

Em 1849 foi publicado na *Revista Popular*, vol. II, p. 142, a seguinte nota que transcrevo para acompanhar a gravura[1] feita segundo um desenho do fallecido artista hespanhol D. Luis Vermell:

«Cópia de um antigo ms.,
que existe em certa livraria em Elvas.

«Quando se fez a fortificação d'esta cidade, se achou no fôsso que se fez no Revelim que fica em frente das costas da Capella-mór da Igreja do Hospital de S. João de Deos, huma pedra marmore, em que está esculpida de meio relevo, huma imagem ou figura de Cupido, com arco, e setta, ao qual os officiaes, que o desenterrárão, puzerão na face da parede do dito Revelim, que olha para o Rocio do Calva-

[1] Agradeço ao meu amigo o sr. Caetano Alberto a permissão de reproduzir esta grávura do *Occidente*, vol. V, n.º 118 (1882).

rio (*quondam*—Campo de S. Sebastião), que parece ser figura de Endovelico, que assim lhe chamárão os antigos, edificando-lhe hum templo na Villa de Terena (que Julio Cezar destruio), de pedras lavradas, a maior parte das quaes foi levada para Villa-Viçosa, para a obra da Igreja dos Frades de Santo Agostinho, do que faz larga menção Manuel de Faria e Sousa no seu *Epitome das Historias Portuguezas*.

«*N. B.*—O dito relevo está recostado sôbre huma pelle de leão, e com a clava: he mais natural que seja Hercules?...»

Esta noticia era precedida, na revista d'onde a colhi, de um pequeno artigo sem importancia.

Cupido está tranquillamente deitado sobre uma pelle de leão, com o rosto appoiado na mão esquerda. O seu facho acceso cae-lhe ao longo do corpo, com a chamma para baixo. Tem a aljava *(corytus)* a tiracollo, e parece segurar os cordões d'ella, cujas extremidades são ornadas de borlas. O rosto está muito damnificado, para que se possa conhecer a sua expressão. Parece que foi representado sem a venda, porque dos dois lados do rosto não ha vestigios d'ella sobre o cabello ondeado.

Tem-se dito e repetido que esta figura representava Endovelico, sem que para isso haja razão alguma, visto não se saber ainda hoje ao certo que divindade era esta cujo culto existiu no Alemtejo.

Este baixo-relevo pertenceu, segundo penso, a um monumento funebre, provavelmente d'uma creança. Comquanto podesse ter outra applicação, esta é a que se me afigura ser a verdadeira, por motivo de comparação com varios monumentos antigos conhecidos, que julgo desnecessario citar, e com muitissimos monumentos modernos.

Borges de Figueiredo

QUESTÕES ETHNOGENICAS

Lusitanos, ligures e celtas *

No proprio nome dos lusitanos estaria uma prova da sua origem ligurica. «Dirão os competentes se o nome de *ligures* ou melhor *liguses*, segundo a demonstração do sr. Jubainville, e o nome de Lusitani não é um e o mesmo. O suffixo *etani* é relativamente moderno, pois que nenhum escriptor verdadeiramente antigo o conhece, e lusitani parece estar para liguses, como turdetani para tartessii. Seria necessario, é verdade, admittir a fórma intermediaria ligusitani, e a sua contracção em liusitani, lusitani, pela queda do *g*, e assimilação das vogaes; mas a queda do *g* nas linguas chamadas neo-celticas é um facto tão vulgar que a objecção fundada em tal argumentação não nos parece ponderosa[47].» O sr. Sarmento ignora que de factos phoneticos das linguas modernas não pode concluir-se para factos phoneticos das linguas antigas. Era mister citar os factos antigos de syncope intervocalica de *g* no dominio celtico, que aliás poderia vêr em Zeuss-Ebel. Já noutra parte reuni os dados d'essa questão[48]. O sr. d'Arbois de Jubainville[49], considera o antigo celtico *māros* (de que se suppõe provir o irl. *mór* magnus, kymr. ant. *maur*, mod. *mawr*) como alteração d'uma fórma anterior **mágaros*, da raiz *mag* (cp. lat. *mag-nu-s*, etc.); ora *Virdu-maros* é o nome d'um chefe gallo morto em 222 a. C. e *Britto-maros* o nome d'outro chefe, tambem gallo, morto em 225 a. C.; logo, se esses nomes conteem o elemento *maro-*, de que provéem aquellas fórmas neo-celticas, temos nelles exemplo antiquissimo de syncope de *g* intervocalica. A. Fick[50], considera aquelle antigo celtico *māros* como correspondente ao germanico *mār*, em nomes proprios como *Mār-oald*, *Mār-ulf*, *Māro*, *Waldo-mār*, *Wolf-mar*, ao slavo *miro*, em nomes proprios como *Miro-gniew*, *Miro-dar*, *Vladi-mēr*, etc. e ao lat. *merus*; *māros* significaria

* Continuado d'esta *Revista*, III, n.º 9.
[47] *Os Lusitanos*, p. 25–26 n.
[48] *Revista lusitana* I, 371–373.
[49] *Études grammaticales sur les langues celtiques* I, pp. 13*–15*.
[50] *Die Griechischen Personennamen* (Göttingen, 1875), pp. LXXXV e CCXVI.

claro, brilhante, afamado, bello, consideravel. Desenvolver-se-hia d'ahi a significação de grande ou terá o neo-celtico *mār* outra origem, ou assistirá razão ao sr. d'Arbois de Jubainville? A explicação d'este eminente celtista convem pela significação; mas como não ha nenhum outro exemplo tão antigo de syncope de *g* antes de *a*, como a forma **magaros* não apparece completa, emquanto nos apparecem completas todas as outras formas em que houve syncope antiga de *g*, o que prova o seu primeiro caracter esporadico, parece-me preferivel a explicação do sr. A. Fick. Demos todavia de barato que de *Ligures* se fizesse **Liuses*; era mister agora mostrar que de **Liuses* se fizera **Luses*; ora não ha exemplo nenhum antigo celtico de fusão de *iu* em *u*. As ligações de *i+a* ou *u* resistem nalgumas linguas muito tempo; assim um proto-celtico **nipat* deu, num periodo em que o celtico não se scindira ainda em dialectos, num periodo portanto antiquissimo, a forma **niat* pela suppressão de *p*, caracteristica do celtico; essa forma reproduz-se no ant. irl. *niae*, gen. *niath*; já o bret. mod. tem *niz* neveu. Tambem o lat. *fiducia* deu o port. ant. *fiuza* não *fuza*. Mais abaixo apontarei um exemplo germanico de *u* por *iu*. Ha demais outras difficuldades na hypothese do sr. Sarmento, que seguiria melhor caminho na comparação de *Lusi(tani)* com *Lusones*, nome d'um povo celtiberico, embora isso repugnasse á sua these ligurica.

Vejamos agora quaes são os celtas cuja existencia admitte o sr. Sarmento. Na peninsula hispanica, segundo elle, são celtas os Celtici do Anas e do promontorio Nerio e os celtiberos, misturados com outro elemento ethnico mal conhecido. Fóra da peninsula «os belgas são celtas tão puros, como os volcae (variante: bolcae, belcae) tectosages e os volcae arecomices do sul da Gallia, como os tectosages do bosque Hercynio e da Galatia, como os boios (tolistoboii) da Galatia, do bosque Hercynio, do valle do Pó, como os gesatas de ao pé do Rhodano, emfim como os mais legitimos celtas da historia, segundo se prova pela identidade de nomes, de usos e de habitos entre todas essas tribus[51].» O sr. Sarmento não nos deu porém essas provas, contentando-se com dizer que «são tão abundantes, que nos tomariam muito espaço, por mais que as quizesse resumir»; e manda consultar entre outros Diefenbach e Thierry, cujas conclusões totaes são muito diversas das do archeologo portuguez. Para mim aquelles povos são tambem celtas, como o são para quasi todos os que se teem occupado da ethnographia antiga da Europa: nesse ponto estou d'accordo plenamente com o sr. Sarmento, que, enunciando a sua crença com relação a elle, nos ministrou a base mais solida para arruinar a sua hypothese ligurica. Celtas puros é que eu não posso acceitar que fossem aquelles celtas enumerados pelo illustre archeologo. Como podiam ser puros esses celtas estabelecidos em paizes em que outras camadas humanas se tinham sobreposto e persistiam, como provam os estudos anthropolo-

[51] *Revista scientifica* I, 261.

gicos[52]? Mas para a minha doutrina glottologica é questão secundaria se aquelles celtas eram ou não puros e o sr. Sarmento pode até aproveitar a favor das suas hypotheses a impureza ethnica, por mim affirmada, d'aquelles povos. Trata-se agora de saber se elles eram germanos ou não. Qual o criterio principal? Evidentemente a lingua, com quanto outros dados corroborem o que este criterio nos ministra. Se esses celtas que o sr. Sarmento crê livres da influencia ligurica, se esses celtas que não falavam ligur, segundo elle, mas o verdadeiro celtico, tinham uma lingua distincta das dos germanos e aparentada estreitamente ás dos irlandezes e antigos brittones, formando com estas um systema particular na familia indoeuropea, a hypothese do sr. Sarmento está arruinada. Ora a demonstração de que a lingua d'aquelles celtas não era germanica, mas estreitamente affim dos dialectos chamados neo-celticos estava em grande parte nos trabalhos de Zeuss e sua escola e a contraprova nos trabalhos dos mais insignes germanistas; sem duvida é trabalhoso reunir os elementos d'essa demonstração, que não se acham concatenados num livro especial, mas sim dispersos em obras numerosas, e demais para comprehender o seu valor é mister ser glottologo, o que não é de modo algum o sr. Sarmento: todo o systema do illustre archeologo vimaranense está até condicionado exactamente pelos seus tenuissimos conhecimentos dos methodos glottologicos. Ás suas affirmações indemonstraveis opponho uma já demonstrada: nos vestigios que temos da lingua ou dialectos dos belgas, dos volcas, dos boios, dos galatas não ha um só que possa ser considerado como exclusivamente germanico, (isto é, como não commum ao germanico e a outra lingua diversa, embora indoeuropea), emquanto

---

[52] Na Belgica, p. ex., houve juxtaposição e cruzamento do typo alto dolichocephalo loiro, que o sr. Sarmento considera como sendo o exclusivamente celtico, e os typos baixos de cabello castanho ou preto, brachycephalos. Vid. p. ex. Belloguet, *Ethnogénie gauloise* II, 147–148, livro que o sr. Sarmento consultou. Os germanos tambem não eram uma raça pura, apesar da descripção classica. Estudando as populações germanicas a que se attribuin o maior grau de pureza, achou o sr. R. Virchow juxtapostos diversos typos nos mais antigos depositos osteos. De 62 craneos frisios, diz elle, 32 são mesocephalos, 19 brachycephalos e 11 dolichocephalos (*Beiträge sur physischen Anthropologie der Deutschen, mit besonderer Berücksicht der Friesen* in *Abhandlungen der König. Akad. der Wissenschaften zu Berlin*, 1876). Na Frisia a população germanica sobrepusera-se a uma antiga população celtica ou repellira esta, repulsão que, como succede em regra nos casos analogos, não seria completa. O antiquissimo dominio dos celtas extendera-se até á bacia do Weser, como demonstrou Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde* II, 207–236. Na antiga poesia nordica a côr castanha dos cabellos é um caracteristico dos godos, longobardos e francos, que portanto não se apresentam já com o typo classico dos germanos. No tempo dos vikings, os germanos meridionaes pareciam aos olhos dos seus irmãos scandinavos de cabellos mais escuros que elles proprios. Vid. Karl Weinhold, *Altnordische Leben*, p. 181; *Die Deutschen Frauen in dem Mittelalter* I, 2.ª ed. 224. O sr. Sarmento, que considera os ligures como representando o typo baixo, brachycephalo, de cabello escuro, pode servir-se d'esse e d'outros argumentos para povoar a Europa de ligures. Hölder vê em craneos do Wurtemberg craneos ligures, puros e mixtos (A. de Quatrefages e E. T. Hamy, *Crania ethnica*. Texte, p. 491).

a maior parte d'esses vestigios não podem de modo algum ser considerados como germanicos e se ligam ao onomasticon da Gallia propria, da Gallia cisalpina, das ilhas Britannicas e de todos os outros paizes em que houve estabelecimentos celticos. Muitos d'aquelles vestigios, emfim, teem reflexos innegaveis nos dialectos neo-celticos. Conclue-se do que acabo de affirmar que a lingua dos celtas puros do sr. Sarmento é fundamentalmente a mesma que a lingua dos seus pretendidos ligures. Era esta these que o illustre archeologo devia tratar de destruir. Tentou o; vê-se. Folheou Zeuss, Glück, Curtius, Förstemann, apanhando com o maximo cuidado o poucochinho que lhe parecia favoravel ás suas ideias, escondendo aos olhos da propria consciencia o muito que lhes era desfavoravel, como pae carinhoso que busca illudir-se a respeito do teratismo do proprio filho, e, quando esperavamos d'elle uma refutação em forma da these adversa, reduz as suas observações a uma nota, falta de ar, e duas paginas de texto contrariadas. Lê-se alli esta famosa conclusão: «Vê-se, porém, que para o nosso principal intuito, importa pouco que fique provado se o celtico é ou deixa de ser uma lingua teutonica: o que importa é que fique solidamente provado, e cremos tel-o conseguido, que só por um verdadeiro milagre seria possivel que os celtas, em tudo differentes dos povos occidentaes, nos apparecessem com uma lingua que se não podia distinguir da d'elles[53].»

Os povos occidentaes fallaram por certo muitas linguas; na peninsula hispanica, entre outras o euscara; tambem em diversas regiões d'esta peninsula se fallou celtico; fallou-se celtico na Irlanda, na Britannia, em quasi toda a Gallia transalpina, em grande parte da Gallia cisalpina, no Noricum, na Vindelicia, na Pannonia, etc. Qual é pois a lingua commum aos povos occidentaes de que falla o sr. Sarmento? E uma lingua aparentada ao neo-celtico e á lingua das inscripções chamadas gallas? Nesse caso é a lingua dos celtas do proprio sr. Sarmento, embora isso se lhe afigure um milagre. Nem sempre a verdade e o erro são o que se nos afigura verdade ou erro.

Apesar d'aquella conclusão desesperada, o sr. Sarmento tenta ainda defender o germanismo dos celtas e appella para Holtzmann; ora este professor allemão quiz ver uma instituição germanica no druidismo, deuses germanicos nos deuses do que o sr. Sarmento chama pantheon druidico; assim *Esus* era para Holtzmann um deus germanico. Mas, comquanto isto ande intimamente ligado á argumentação do erudito allemão, não serve ao archeologo portuguez, porque então lá iriam fugindo dos ligures para os celtas o Bormanico e os outros deuses da Lusitania; o sr. Sarmento vê-se portanto forçado a confessar que Holtzmann caira em «espantosas exagerações.» A verdade é que este tratou toda a questão, interpretando de modo muito pouco critico os textos classicos e com conhecimentos muito superficiaes da historia das

[53] *Revista scientifica*, I, 368-370.

linguas celticas e das germanicas. Depois do valor dos argumentos do professor allemão ter sido posto em duvida por Glück, Diefenbach, e outros, urgia tentar nova demonstração, percorrendo um por um os vestigios da lingua ou linguas dos celtas e examinar se elles eram ou não germanicos; mas, como já disse, o sr. Sarmento contentou-se com muito pouco: apresenta-nos apenas como germanicos alguns restos da lingua dos celtas orientaes ou galatas e passa o resto em claro. Esses restos são: 1] os appellativos *a*) *gesum* (*gaesum*), que o sr. Sarmento diz não poder decifrar-se pelo neo-celtico, segundo Diefenbach, que todavia não soube explical-o pelo germanico; *b*) *trimarchisia* ou *trimarrisia* (assim escreve mui de proposito o sr. Sarmento), de que diz «parece, nome e cousa, mais germanico que contrario», sem nos dar a razão do seu parecer: *c*) *drynemeton*, de que diz: «é um enigma, que ninguem decifrou ainda»; 2] os nomes dos chefes galatas *Leonorius* e *Lutarius*, de que pergunta se não são geminamente germanicos; 3] o elemento *rix* d'um grande numero de nomes proprios galatas, etc. Além disso escreve de modo geral: «Dos nomes pessoaes diz terminantemente o sr. Holtzmann: «Os nomes pessoaes dos galatas da Asia Menor são sem contestação alguma teutonicos.» E mais abaixo: «Sendo a onomastica da Lusitania celtica, e sendo celtas puros, fallando uma lingua sem mistura de linguas occidentaes, os bandos que emigraram para o nascente da Europa e para a Asia Menor, necessariamente que entre os nomes pessoaes d'estes e dos lusitanos ha de haver alguns communs, ou pelo menos um ar de familia muito accentuado. Nada d'isso; nem um só nome commum, nem nomes que apresentem um ligeiro ar de familia[54].»

É intuitivo que a questão não devia ser posta nos estreitissimos limites dos vestigios da lingua dos galatas e dos lusitanos, mas sim no campo da comparação de tudo o que sr. Sarmento julga ligurico com o que crê celtico.

A palavra *gaesum*, *gesum*, podia ser tão commum ao celtico e ao germanico como o são a raiz *drub* (vid. *Revista lusitana*, I, 370), o thema *verto-*, digno (ant. celt. n. h. *Vertiscus* etc.; kymr. mod. *gwerth*, b. bret. *gwerz*; all. mod. *werth*, *Werth*), como o são *terra*, *casa* e innumeras outras ao italiano, provençal, portuguez e, com mais ou menos variantes phoneticas, ás outras linguas romanicas. A coincidencia da forma de *gaesum* no germanico e no celtico não offerece difficuldade, pois um *gh* indoeuropeu é representado egualmente por *g* nas duas familias do grupo, *s* primitivo por *s* germanico e celtico, o diphthongo europeu *ai* por o mesmo diphthongo, em varios casos, nas mesmas linguas. Para não alargar indefinidamente este artigo reporto-me ás grammaticas comparadas. Um excellente resumo do que nos interessa aqui acha-se na obra recente de K. Brugmann, *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*.

---

[54] *Revista scientifica*, I, 369 ss.

A palavra *gaesum* reproduz-se no ant. irl. *gae*, *gai*, derivado *gaide* (gl. pilatus: a pilo pilatus; i. e. pilo, hasta praeditus)[55].

Porque escreve o sr. Sarmento *trimarchisia* e *trimarrisia*? A forma *trimarkisia* (τριμαρκισία), para designar o elemento da cavallaria galata composta de senhor e dois servos a cavallo, acha-se fixada de modo que não admitte contestação no texto de Pausanias (10, 19, 12); assim vem já nas edições do seculo XVI e na moderna da collecção Didot, onde todavia no index se lê erradamente *trimarisia*. Dahler, Jablonski e tantos outros acceitaram como boa essa forma *trimarkisia*, antes de se ter pensado numa comparação com o neo-celtico. As más lições *trimarisia*, *trimarrhisia* resultaram da hypothese sem fundamento de que *trimarkisia*, assim como a palavra *marka* (μάρκαν), cavallo, no mesmo texto de Pausanias, teriam relação com *marha*, voz de guerra dos sarmatas limigantes, segundo Ammiano Marcellino (19, 11, 10). As palavras *tri*, tres, e *marka*, cavallo, reproduzem-se nas linguas germanicas noutras formas, segundo as leis phoneticas respectivas; a primeira, em gothico *threis* (thema *thri*), tinha em todos os dialectos germanicos antes do V seculo da nossa era uma spirante inicial representada por *th*, que os gregos transcreveram por delta ou theta e não por tau; assim o nome germanico *Thiudareiks* acha-se transcripto Δευδίριξ em Strabão (7, 1, 4, p. 292 *C.*). Ao celtico *marka* correspondem ant. alto all. *marah*, com *h* regularmente pelo *k* primitivo, norsico *mer*, *meri*, equus, anglosax. *maere*, *mere* equus. Assim pois *marka*, *trimarkisia* são conformes ao consonantismo do que chamamos celtico e não do germanico; cf. ant. irlandez *marc* .i. ech., *marcach* equestris em Cormac (W. Stokes, *Three Irish Glossaries*, p. 28; Zeuss-Ebel, p. 38), etc.; *tri*=irl. *trí*, kymr. *tri*, etc. Demais em germanico não ha formações em *-isia*[56].

Drynemeton (Δρυνέμετον Strab. 12, 5, 1, pag. 567 *C.*) era o logar onde se reunia o senado ou conselho de trezentos membros dos ga-

[55] Ebel in Kuhn's *Beiträge* III, 232; Zeuss-Ebel p. 52. Ebel, naquelle primeiro logar, taxa de hypercritico o que diz Diefenbach, mau glottologo como é sabido, nas *Origines europaeae* s. v. *Gesum*. Essa hypercritica agradou ao sr. Sarmento.

[56] Ao contrario ha diversos nomes em *-isia* no dominio do que historica e glottologicamente chamo celtico e alguns, senão todos, teem radicaes que se ligam ao que o sr. Sarmento chama ligurico; p. ex. *Albisia*, que tem o mesmo radical que *Albiones*, considerado como puro ligurico pelo referido escriptor, e *Carisia*, considerado como celtico por Zeuss-Ebel p. 785 e proveniente do radical *car*, que se encontra no neo-celtico, isto é no ligurico de sr. Sarmento. *Carisia* encontrou-se numa inscripção lusitanica (Vallado, perto d'Alcobaça, no *C. I. L.* II, nr. 35) e noutra de Lugo (*Ibid.*, nr. 2952); noutra tambem de Lugo ha *Carisius* (*Ibid.*, nr. 2583). Todavia *Carisius* podem ser puramente latinos ou celticos e latinos ao mesmo tempo, sem se poder apurar em qual caso tem uma ou outra origem. O nome *Matisius*, que contem o mesmo suffixo *-isio* de *trimarkisia*, achou-se numa sigla figulina de Tarragona (*Ibid.*, nr. 309) e liga-se pelo mesmo radical a *Mato* duma inscripção de Talavera de la Reina, dentro dos limites do antiga Lusitania (*Ibid.*, nr. 926). Por agora basta isto. Sobre o suffixo *-isia*, vid. Zeuss-Ebel, p. 785 e cfr. R. Thurneysen *Kelto-romanisches*, p. 17. Sobre *mato-*, vid. d'Arbois de Jubainville in *Revue celtique*, X, 165-167.

latas para julgar processos de morte. Esse nome é indubitavelmente composto de *dru* e *nemeton*; o segundo elemento é bem conhecido do antigo celtico e neo-celtico e significou primeiramente logar consagrado, depois templum, sacellum[57]. Com relação ao primeiro elemento *dru* é que ha duvidas. Suppoz-se connexo com *druida* ou com um nome **drus*, celtico, significando carvalho, ou com ambos, porque se derivava *druida* d'esse hypothetico **drus*[58]. O sr. d'Arbois de Jubainville contesta a etymologia de druida d'esse **drus*, mostrando que o antigo thema celtico que significa carvalho é *dervo*[59].

Ora este thema corresponde ao sanskrito *dāru*, especie de pinheiro, madeira, e grego δόρυ, madeira; viga; ao lado dos quaes apparecem sanskrito *dru-s* arvore, madeira e grego δρῦ-ς arvore, carvalho. Que difficuldade em admittir que no antigo celtico, que devemos suppôr dividido em diversos typos dialectaes, houvesse um thema *dru-*, designando ou arvore em geral ou uma especie determinada de arvore, o pinheiro, o abeto, talvez mesmo o carvalho? Não temos em portuguez, ao lado de *roble*, *carvalho*, vestigio da forma *cerco* (lat. *quercus*) em *Cercal*, etc.? *Dru-nemeton* seria pois o logar consagrado do *dru* (carvalho, abeto ou outra arvore), o que nos lembra do costume dos germanos julgarem os processos debaixo de arvores como o carvalho, a tilia, o abeto, a que os scandinavos preferiam o freixo[60]. O sr. W. Stokes propoz uma etymologia de *druida*, a que não se tem dado a attenção que merece[61]. Segundo elle ant. celtico **druis*, gen. **druidos*, ant. irlandez *drui* (thema em *-d*), liga-se ao ant. irlandez *derb* (graphia *derv*), mod. *dearbh* sure, true; de forma que *druis*, *druida* significaria *sooth-sayer*, *wahr-sager* e nada teria que ver com δρῦς[62]. Ora *drui(d)s* deriva de *dru*; temos portanto em celtico uma dupla forma *derv* e *dru*, significando certo, verdadeiro, o que nos ministra um parallelo perfeito da dupla forma *derv* e *dru*, arvore, carvalho, acima discutida,

---

[57] Vid. Zeuss-Ebel, p. 10, Stokes, *Celtic Declension* (in Bezzenberger's *Beiträge* XI), p. 124; d'Arbois de Jubainville, *Introd. à l'étude de la littérature celtique*, p. 113–116. A *nemeton* ligam-se o nome de povo *Nemetati* e o de cidade *Nemeto-briga*, na Callaecia, isto é na Lusitania.

[58] E. Windisch não teve repugnancia por essa etymologia in Curtius' *Grundzüge* etc., 5.ª ed. p. 339; com um ponto d'interrogação achamol-a tambem em K. Brugmann, *Ob. cit.* §. 272; J. Rhys, *Lectures on the Origin and Growth of Religion as illustrated by Celtic Heathendom*, p. 221, defende-a ainda.

[59] *Introd. à l'étude de la litt. celtique*, p. 117–128. O sr. Perrot acceita a explicação de *drunemeton* por «temple des chênes» e acha representantes d'esses carvalhos nas proximidades de Angora (Ancyra), na sua *Exploration archéologique de la Galatie et de la Bithynie* (Paris, 1872) I, 173.

[60] Vid. J. Grimm, *D. Rechtsalterthümer*, 2.ª ed. p. 794–798. Escusado será dizer que tal costume não é exclusivamente germanico.

[61] *Revue celtique*, III, 37.

[62] Cf. W. Stokes, *Calendar of Oengus*, Gloss. p. CCXLVI: «The sister form, *derbb*, may represent an Old-Celtic *dergvo* which would be Goth. *triggva*». A forma *derv* corresponde a ant. alt. all. *triu*, mod. *treu*. A. Fick, *Vergl. Wörterb.* III³, 124.

confirmando portanto a explicação dada de *drunemeton*[63]. A palavra que significa druida em kymrico liga se a *derv*: é *derwydd*.

Quando se pretende que os nomes de chefes galatas *Leonorius* (*Lonorius* em Tit. Livio 38, 16 ed. Weissenborn, Λεοννόριος Strab. 12, 5, 1, p. 567 *C.*, Λέων no epitome) e *Lutarius* (Tit. Livio *l. c.*) são germanicos, pensa se nos nomes germanicos *Leonard* e *Liuthari*[64]; mas esquece-se a impossibilidade d'essa origem. Como é que *Leonard* seria transcripto *Leonorius* e não *Leonardus* pelos escriptores romanos, suppondo que existisse já na epocha das expedições galatas? A supposição dum derivado em *-orio* do thema germanico *-lewon* é inadmissivel, pois em germanico não ha nomes em *-orio*; essas formações são ao contrario frequentes no onomasticon celtico; exemplos: *Ande-cumborius*, composto de *ande*, particula que se encontra em o neo-celtico, e *cumborius* derivado de *cumba*, que se reproduz tambem no neo-celtico[65]; *Cum-muntorius*, composto de *com*, particula que se acha tambem no neo-celtico e *muntorius*, derivado de *muntor*, em irlandez *montar, muntar*[66]; *Carantorius* derivado de *carant*, da raiz celtica *car*[67]: ora nenhum dos elementos d'esses nomes podem demais ser considerados como germanicos. O mesmo suffixo *-orio* encontra-se noutros nomes que nada tem de germanico, mas que estamos auctorisados a considerar como celticos: taes são *Bonxorius* (inscr. pyrenaica, Luchaire, *Études*, etc. p. 48), *Ressoria* (*C. I. L.* III, 3377) ao lado de *Ressatus*, *Ressicus*, *Ressilla*, *Ressomarus*, etc.; **Cortorius* de que deriva *Cortoriacum* (Zeuss-Ebel, p. 779: cp. *Duro-cortorum* Caes. *B. G.* 6, 44, 1); *Celorius* (Glück, *Ob. cit.* p. 27); *Velorius* (*Ibid.*) e o nome do chefe galata *Orestorius* (Ὀρεστόριος Paus. 10, 22, 2, 3; cp. *Horestii*, povo da Britannia, se aqui não ha um nome de radical macedonico). O mesmo nome *Leonorius* apparece nos como o d'um santo do paiz de Galles[68] e deve ser derivado d'um antigo thema celtico *leon* do nome do leão, por **levon*< **laivon* . Como se sabe, a historia do nome do leão nas linguas europeas é obscura; mas hoje não se admitte já que seja em todas ellas um nome de emprestimo. Ebel afirmou que o kymrico *llew* e o cornico

[63] Um parallelo similar é-nos offerecido pelas formas *ganu*, e *gnu*, joelho; vid. A Fick, *Ob. cit.* I[3], 556.

[64] A fonte d'essa supposição está em Diefenbach, *Celtica* II, 1, 253 (publicado em 1840), que diz que *Lutarius* e *Leonorius* podem ser em verdade germanicos, mas tambem certamente celticos e que portanto não permittem a hypothese da derivação germanica dos galatas ou de uma parte das suas tropas; o sr. Sarmento, que possue Diefenbach, não leu essa observação final.

[65] Sobre *Ande-cumborius*, vid. Glück, *Ob. cit.* p. 26 ss.

[66] Sobre *Cummontorius*, vid. Glück, *Ob. cit.* p. 29 ss.

[67] Sobre *Carantorius*, vid. J. Rhys, *Lectures on Welsh Philology*, 2.ª ed. p. 282–386.

[68] *Acta Sanctorum* Julii tom. I, 118 ss. Diefenbach notou o facto, mas o sr. Sarmento não viu nesta parte Diefenbach, como não viu este e outros auctores em tudo o que perturbava as suas hypotheses. A lenda do santo contem outros nomes cambricos.

leu eram tirados do latim, como outros affirmaram que o latim *leo* era tirado do termo grego correspondente e este do semitico; mas Stokes estabeleceu que o *o* final de lat. *latro, draco* se tornou *i* em kymrico: *lleidr, dreic*; *leo* daria portanto em kymrico *llei* e não *llew*(=cornico *leu*), cuja forma fundamental deve ter sido **levos* ou **livos*[69]. O irlandez tem as formas *leo, leoman*. Com respeito ao ant. irl. *leoman* diz Stokes: «The diphtong *eo* reminds one of the OHG. *lewo(n)*[70].» Os nomes europeus do leão foram derivados por C. Pauli[71] d'um radical *liv*, de que proveem lat. *lividus, livor, lividus*, irl. *li*(=*liv*) color, corn. *liu* color, *lyw* color, splendor, gloria, mod. kymr. *lliw*, b. bret *liou*, color[72]. É pois muito admissivel a hypothese d'um antigo thema celtico *leon*=lat. *leon-*, que explica perfeitamente o derivado *Leonorius*.

O nome germanico *Liudaharis* só apparece com a forma *Liuthari* posteriormente ao IV seculo da nossa era, isto é, no periodo em que se opera a segunda Lautverschiebung, em virtude da qual as linguas germanicas se separaram em dois grupos dialectaes; *Liuthari* pertence já ao alto allemão. As formas *Luthar* e *Luther* são muito posteriores ainda. O diphthongo germanico *iu* é transcripto *eu* ou *iu* pelos escriptores latinos, ευ pelos gregos; já vimos acima a transcripção do nome *Thiudareiks* em Strabão; Förstemann apresenta as transcripções Λεύδαρος (Procop.) por *Liudhard*, Λεύδαρις (Procop.) por *Liudaharis, Liudharis*, Λεύθαρις (Agath.) por alamanico *Liuthari*. O nome galata *Lutarius*, que remonta ao III seculo antes da nossa era, não pode de modo algum ser transcripção do nome germanico que se pretende corresponder-lhe. O nome *Lutarius* acha se numa inscripção de Verona (*C. I. L.* V, nr. 3260), no dominio dos celtas cisalpinos; esse nome é derivado d'um thema *luto-* por meio do suffixo *-ario*, que se acha nos nomes celticos *Ducarius, Savaria, Vocarium*[73], que nada tem de germanico. Celtico é ainda o nome, que tem o mesmo radical no primeiro elemento, *Lutu-marus*, d'uma inscripção do Noricum (*C. I. L.* III. nr. 4724). Se os nomes *Luta* (*Ibid.* V, nr. 6123), *Luto* (*Ibid.*, nr. 5340), *Lutulla* (*Ibid.*, nr. 5279, 5444) e outros ainda apparentemente do mesmo radical são celticos, é incerto. O nome parece aparentado com o lat. *Lutatius* e talvez o seja tambem com o nome de logar *Lutetia*, que se considera como derivado de *luto-*, thema celtico correspondente ao do lat. *lutum* (ant. irl. *loth* palus, coenum)[74].

Não ha na Lusitania antiga, como, excepcionalmente com razão,

[69] W. Stokes in Kuhn's *Beiträge* VII, 70; d'Arbois de Jubainville in *Rev. celtique* II, 424; Ebel in Kuhn's *Beiträge* II, 147 e *Gramm. celt.* 109, 115.

[70] *Calendar of Oengus*, Gloss. p. CCLXXXIII.

[71] *Die bennenung des löwen bei den Indogermanen*. Münden. 1873.

[72] Vid. ainda A. Pictet, *Les origines indo-européennes* I². 528–532; G. Curtius, *Ob. cit.* 5.ª ed. p. 366; W. Stokes in Kuhn's *Beiträge* IV, 395.

[73] Vid. Glück. *Ob. cit.* p. 89.

[74] Vid. Zeuss-Ebel, p. 15. 70. 94. 159, etc. W. Stokes in Kuhn's *Beiträge* IV, 411.

observa o sr. Sarmento, nomes compostos com *rix*; em toda a Hispania parece até ser só o nome de povo *Allotriges*, que apresenta esse elemento[75], aliás tão frequente no onomasticon celtico extrapeninsular. Segue-se d'ahi que *rix* seja germanico nos nomes celticos? Ao celtico *rix*, *rig-* corresponde de facto o germanico *ric* e, demais, nomes germanicos em *ric* são transcriptos pelos escriptores classicos com *-rix*, o que já vimos no exemplo acima transcripto de Strabão. Mas porque esse, como outros elementos, fossem communs ao germanico e ao celtico, e a outras linguas da mesma familia, não se segue que não possamos muito bem distinguil-os. Ora 1) *rix* apparece-nos num grande numero de nomes celticos antigos, cujos primeiros elementos não podem ser de modo algum germanicos e se ligam ás linguas neo-celticas; 2) nestas ultimas linguas ha compostos com *rig* (*ri*, segundo as leis phoneticas). Citarei só alguns exemplos: *Adiato-rix*, nome d'um tetracha dos galatas, cujo primeiro elemento *adiato-* nada tem de germanico e se reflecte no neo-celtico[76]); *At-epo-rix*, nome d'outro tetrarcha dos galatas, cujos elementos *at* (=*ate*) e *epo* são puramente celticos e de modo algum germanicos[77]); *Toutio-rix*, epitheto d'Apollo (Orelli *Ampl. coll.* n.º 2059), cujo primeiro elemento *toutio-* deriva de *touto-*, que apparece tambem nas formas *tauto-*, *teuto-* e *tuto-* (kymr. ant. *tût*, mod. *tûd*, irl. *tuath*, populus, regio) e corresponde ao gotico *thiuda*, ant. alto all. *diota*, *diot*; o nome *Toutio-rix* ou antes **Touto-rix* (sem o suffixo *io* no primeiro elemento) é exactamente a forma celtica correspondente ao gotico *Thiudareiks*, ant. alto all. *Diotrich*; vimos já a mais antiga transcripção d'esse nome pelos escriptores classicos, a de Strabão. Como esse, ha outros muitos nomes communs, não só a celtas e germanos, mas ainda a outros povos do mesmo grupo glottologico[78]); as leis phoneticas de cada typo glottico particular permittem-nos distinguir na maioria dos casos qual a forma celtica, qual a germanica. O nome celtico antigo *Touto-*

---

[75] Vid. o meu art. in *Revue celtique* VI, 482–483.

[76] Glück, *Ob. cit.* p. 2 ss.

[77] Sobre a particula *ate*, vid. Zeuss-Ebel, p. 866; *epos* é a forma celto-britannica do nome do cavallo; em kymrico ha o derivado *ebôl*, *ebawl*=*epâl* (pullinus equus); a forma correspondente irlandeza do nome do cavallo era *ecos*, mais tarde *ec*, depois *ech*, *each*. (Vid. Glück, *Ob. cit.*, p. 42). O nome é fundamentalmente o mesmo que o latim *equus*, cujo *qu*, segundo o caracteristico phonetico do brittannico, se mudou em *p*, emquanto em irlandez era representado por *c*; ao latim *equus* etc. corresponde o germanico *ehu* (só conservado em ant. saxão). O mesmo elemento *epo* apparece em o nome d'outro chefe galata *Epo-so-gnatus* por **Epo-su-gnatus*, cujos elementos *su* e *gnatus* nada teem tambem de germanico e se reproduzem nos dialectos neo-celticos; vid. p. ex. d'Arbois de Jubainville, *Rev. celtique* VIII, 182, que traduz esse nome perfeitamente por «bien habitué au cheval». Ainda *Epo-redo-rix*, o nome d'outro tetrarcha dos galatas, contem os elementos *epo* e *rix*, e alem d'isso o elemento puramente celtico *redo-*; *epo-redo-* reflecte-se litteralmente no kymrico *ebrwydd*, celer, citus, celer instar equi (Glück, *Ob. cit.* p. 42).

[78] Vid. listas d'esses nomes no excellente livro de A. Fick, *Die Griechischen Eigennamen*, pp. CXCII–CCXIX. O sr. d'Arbois de Jubainville estudou na *Revue celtique* II, 404–407 alguns nomes bretões que são apparentemente identicos a nomes francos.

rix reproduz-se no ant. kymrico *Tutri* (Glück, *Ob. cit.* p. 2, em que se acham os elementos da discussão d'este nome). O ant. bretão *Clot-ri* apresenta tambem o elemente *rig, reig*, com perda perfeitamente regular do *g*, e contem fundamentalmente os mesmos elementos que o nome franco *Clode-ricus*[79]. *Tautamus*, nome do successor de Viriato no commando, segundo Diodoro Sic., (não *Tantalus*, como por confusão com o nome grego se acha em Appiano, *Iber.* 75) liga-se ao referido thema celtico *teuto- tout-*, de *Toutio-rix*, etc. *Tanco rix*, um dos raros nomes celticos femeninos em *-rix* (*C. I. L.* VII, n.º 355), tem no primeiro elemento o thema de que deriva o nome lusitanico muito frequente *Tancinus* (*C. I. L.* II, n.º 119. 286. 307, etc.). Poderia ainda mostrar como outros nomes celticos compostos com *rix* se ligam pelo primeiro elemento a nomes lusitanicos. Citarei tambem os compostos neo-celticos (ant. kymr.) *Bled-ri*, *Rot-ri*, *Jud-ri* (Zeuss-Ebel, p. 98). Seria absurdo pretender que em todos os compostos com *-rix* se conservasse o sentido primitivo de *rei*; no germanico a forma correspondente veiu a ter por fim quasi o valor d'um suffixo. Entre os francos occidentaes era esse elemento pouco usado; um facto similar succedeu entre os celtas da nossa peninsula, em cujo onomasticon faltavam diversos elementos frequentes, p. ex., na Gallia; ao contrario, outros elementos como *briga*, em os nomes geographicos, são aqui muito mais frequentes que fóra da peninsula. No meu artigo *Nomes de deuses lusitanicos*, estudei o nome celtico isolado *Durbedicus*[80]. Deixando os nomes em *-rix*, acerca dos quaes eu escrevi ha já bastantes annos um pequeno ensaio no jornal *A Harpa*, voltemos aos nomes galatas, dando mais algumas indicações, sem exgotar de modo algum o assumpto, o que exigiria espaço e tempo de que agora não posso dispôr.

Cassi-gnatus, nome d'um chefe galata ao serviço do rei de Pergamo (Tito Liv. 42, 57), é formado do mesmo elemento *gnatus*, já notado em *Epo-su-gnatus* e de *cassi* que se acha em *Tri-casses* (cujo elemento *tri*

[79] D'Arbois de Jubainville, *l. c.* Um outro nome que parece ser ao mesmo tempo celtico e germanico é *Ariovistus*, que em Floro 2, 4, 4 se nos depara designando um chefe dos gallos insubres, occorre numa inscr. da Britannia (*C. I. L* VII, nr. 1320) e nos é dado por Cesar como nome d'um chefe germanico. O primeiro elemento *ario-* occorre em o nome celtico *Ario-manus* (*C. I. L.* III. nrs. 4598. 4880); cp. *Cenomani*; a elle se ligam os nomes lusitanico *Aranicus* (Ibid., II, n.º 851), cantabricos *Arains* e *Araica* (Ibid., n.º 2952) e o da taboa dos Zoelas *Arausa* (Ibid., n.º 2633). O elemento *visto-*, segundo as leis phoneticas, pode ser perfeitamente o mesmo em celtico e germanico, pois em germanico *k, t, p* precedidas de *s* escapam á *Lautverschiebung*. E. Förstemann (*Altdeutsches Namenbuch* I) colloca *Ariovistus* sub *hari*, mas diz que a origem germanica do nome é muito incerta. Temos talvez em o nome do chefe germanico um nome germanico celtisado. Outros nomes germanicos celtisados são os dos chefes cimbros *Boiorix* e *Teutobodus*; sobre esses e outros nomes germanicos celtisados, vid. J. Grimm, *Geschichte der deutschen Sprache*, 3.ª ed., p. 445 e K. Müllenhoff, *D. Altertumskunde* II. 118–121. Ao sr. Sarmento não escaparam os nomes *Ariovistus* e *Boiorix*, como argumentos a favor do germanismo dos celtas.

[80] *Revista lusitana* I, fasc. 4, pp. 369–371.

já discutimos acima), *Vidu-casses*[81] e *Bodio-casses*, tres povos da Gallia (Plin. *h. n.* 4, 18, 107: *Cassi-vellaunos*, chefe supremo dos bretões insulares (Caes.), *Cassi*, povo britannico (Idem)[82]. Nenhum d'esses elementos é germanico.

Teuto-bodiaci, nome d'uma das divisões dos Tectosages da Galacia (Plin. *h. n.* 5, 32, 146), é composto de *teuto-*, já discutido, e de *bodiaci* (cp. acima *Bodio-casses*)=ant. irl. *buadach* victorioso[83]. Esse nome contem o suffixo tão caracteristicamente celtico (e nada germanico) *-iaco*, que se encontra tambem no nome de deus *Turiacus*, da Callaecia, descoberto pelo proprio sr. Sarmento, que nem assim achou ainda ar de familia entre os nomes galatas e os nomes lusitanicos. O mesmo suffixo apparece em os nomes de logares da Galacia *Rosolaciacum*, *Rosolodiacum* ou *Orsologiacum* (*Itin. Ant.* 143, 3. 575, 10. 206, 1), *Acitoriziacum* (*Tab. Peut.*) e *Laudiciacum* (*Ibid.*)[84].

O elemento *bogii* de *Tolisto bogii* (T. Liv. 38. 15, Flor. Polyb., Strab.), nome d'um ramo dos galatas, encontra-se em os nomes de formação celtica (não germanica) *Ad bogius* (Brambach n.º 1230, origin. de Périgueux), *Com-bogius* (*C. I. L.* III, n.º 4945, do Noricum), *Vercom-bogius* (*Ibid.*, n.º 4732, do Noricum) e é identico a *Boii*; todavia a explicação dada d'esse nome, com o auxilio do neo-celtico, pelo sr. d'Arbois de Jubainville, assim como a que o illustre director da *Revue celtique* nos dá de *Tectosages*, não me deixa convencido[85].

Cambaules, nome d'um chefe galata (Καμβαύλης Pausan. 10, 19, 5), provém d'um thema *cambo*, que não é germanico, mas celtico, como mostram varios outros nomes antigos, taes como *Cambete* (Zeuss-Ebel, p. 64), *Cambonum* (*Ibid.* p. 772, Glück, *Kelt. Namen.* p. 118) *Camburcus* (Zeuss-Ebel, p. 808), todos tres derivados, por meio de suffixos celticos, e os seguintes compostos: *Cambo lectri* (Zeuss-Ebel, p. 64; Glück, p. 34), *Cambo-vicus* Zeuss-Ebel, p. 64; Glück, p. 34), *Moricambe* (Zeuss-Ebel, pp. 13, 64, 81, 763; Glück, p. 34), *Cambo-dubra* (Zeuss-Ebel, p. 136; Glück, p. 35), *Cambo-dunum* (Zeuss-Ebel, p. 40, 58, 64, 81, 176). Do mesmo thema *cambo-* deriva o nome antigo de logar da Callaecia *Cambetum*. Os elementos *dubro-* e *duno-* encontram-se em neo-celtico: o primeiro reflecte-se no kymrico *dwfr*, aqua, o segundo no irland. *dún*, castrum, arx, kymr. *dîn* castellum, oppidum, e apparece em o nome de logar antigo da Callaecia *Cale-* (ou *Cala-*) *dunum*[86].

Arti-cnos é um nome composto, que se encontra numa inscripção grega da Galacia (Ancyra) publicada por Boeck *C. I. Gr.* III, n.º 4039,

---

[81] Vid. *Revista lusitana* I, fasc. 4, pag. 368, n.º 68.

[82] D'Arbois de Jubainville. *Études grammaticales sur les langues celtiques* I, 33*

[83] *Ibidem*, p. 17*.

[84] *Ibidem*, p. 20*. Sobre *Turiacus* e outros nomes em *-iaco*, vid. o meu artigo *Nomes de deuses lusitanicos* in *Revista lusitana* I, fasc. 4, pp. 375–377.

[85] D'Arbois de Jubainville, *Ob. cit.* I, 15*. 39*.

[86] Sobre *cambo-*, vid. Glück, *Kelt. Namen.* p. 34; sobre *dubro-*, *Ibid.*, p. 35; sobre *dūno-*, *Ibid.*, p. 139, etc.

lin. 37 (Μούσανος Ἀρτίκνου) e é puramente celtico, sendo impossivel achar no germanico os seus elementos. O sr. d'Arbois de Jubainville estudou ultimamente esse nome[87], que escapara á attenção do sr. G. Perrot[88]. O elemento *cnos* estava já perfeitamente conhecido e explicado[89]: servia para formar patronymicos e encontra-se em diversos nomes contidos em inscripções em lingua galla, como *Druti-cnos*, *Oppiani-cnos*, *Nantoni-cnos*, *Versi-cnos*, *Toutissi-cnos*, *Dannotali-cnos*. Pictet, Becker e d'Arbois de Jubainville veem nesses nomes compostos synctaticos em que o primeiro elemento é um genitivo que rege *-cnos*. G. Flechia e W. Stokes acham na primeira parte themas em *-o*, com esta desinencia phoneticamente (não synctaticamente) mudada em *i*, e comparam os compostos latinos *coeli-cola* (*coelo* + *cola*), *terri-gena* (*terra* + *gena*); sigo a ultima opinião. Comprehende-se, porém, facilmente que essa explicação mais intima da estructura d'esses nomes nada influencia com relação á sua absolutamente indubitavel celticidade e impossibilidade completa de terem o quer que seja de germanico. Desculpe o estimavel leitor as repetições e as expressões por vezes um tanto singulares a que me força o absurdo da hypothese que combato. O elemento *cnos* devia significar gerado e foi ligado com toda a razão ao ant. irland. *cenél* genus, ant. kymr. *cenetl* (mesma significação), verbo irland. *cinim* eu descendo. Compararam-se ainda o osco *konoss* em *loufrikonoss*[90] e o sanskrito *kanā*, *kanyā*, rapariga. Se *cnos* tivesse correspondente em germanico, devia esse começar por *h*. No estudo citado do sr. d'Arbois de Jubainville occorre um grande numero de compostos e derivados do thema *arto-*, que entra no composto *Arti-cnos*, e que aquelle celtista explica pelo kymrico *arth* urso (cp. o nome proprio latino *Ursus* e seus derivados) e acha reflectido em os nomes compostos da Bretanha continental, contido nos documentos do Cartulario de Redon: *Arth-mael* (=**Arto-maglos*) e *Arth-uiuu* e *Arth-biu*. Entre os nomes compostos com *arto-* figura *Arto-briga*, nome d'um logar do Noricum ou da Vindelicia, paizes em que sabemos ter havido celtas. O nome *Arthun*, que figura em cartas dos seculos VIII e X, d'um logar do Loire corresponde a um antigo gallo *Arti-* (ou *Arto-*)*dunum*; assim *Arti-cnos*, por intermedio

---

87 *Revue celtique* X, 159–176.

88 «Dans les inscriptions grecques et latines, en assez grand nombre, qui ont été trouvées à Ancyre, et qui toutes sont postérieures à la grande inscription de l'Augusteum, c'est à peine si on trouve un nom, un seul, auquel on puisse, faute de l'expliquer par le grec ou le latin, supposer une origine celtique... Nous faisons allusion au nom de Caracylaia, femme de Julius Sévérus, qui fut consul en 155 après Jésus-Christ. L'inscription (*C. I. Gr.* 4030) dit en propres termes qu'elle descendait des anciens rois...» G. Perrot, *Explor. archéol. de la Galatie.*

89 Vid. p. ex., A. Pictet, *Essai sur quelques inscriptions en langue gauloise* (1859), p. 39–41 (com explicação em parte falsa). Idem, *Nouvel essai sur les inscr. gaul.* (1867), p. 38, J. Becker in Kuhn's *Beiträge* III, 426; R. de Belloguet, *Glossaire gaulois* p. 366–367; Zeuss-Ebel, pp. 38. 854 e W. Stokes, *Celt. Declension* in Bezzemberger's *Beitrage* XI, 114–115, que fecha a discussão.

90 W. Corssen in Kuhn's *Zeitschrift* XI, 417.

dos compostos *Arto-briga* e *Arto-dunum* liga-se aos nomes de logares da Lusitania compostos com *briga* e *dunum*. O nome *Artullia* G. f. Severa occorre numa inscripção de S. Bartholomeu de Messines (*C. I. L.* II, n.º 8), portanto fóra da Lusitania strabonica.

O exame dos outros vestigios da lingua dos galatas que invadiram a Macedonia, a Grecia, e de que uma parte se estabeleceu na Asia Menor, no paiz que d'elles recebeu o nome, confirmaria os resultados da precedente investigação. Um ou outro d'esses nomes offerece algumas difficuldades á explicação, talvez porque nos chegaram alterados; taes são *Cerethrius* e *Acichorius* ou *Cichorius*; mas esses nomes não são evidentemente germanicos, como não o é *Chio-mara*, que algum ethnologo facil seria tentado a comparar ao nosso nome *Guio-mar*, d'origem aliás germanica.

Em *Chiomara*, o *ch* (gr. X) está escripto por *c* (*k*), como noutros nomes, segundo mostram Zeuss-Ebel, p. 78. Com aquelle nome comparem-se os seguintes: *Civis-marus* (regulus Gallorum, Tit. Livio 24, 42) e *Cimarus* (numa inscripção da Britannia in *C. I. L.* VII, nr. 131).

Não deixarei esta discussão dos nomes galatas sem indicar um parallelo interessante, que parece ter escapado, como tantos outros, aos investigadores. Zeuss (*Die Deutschen und die Nachbarstämme*, p. 180) considera os *Vettii* da Macedonia (Tit. Liv. 45, 30) como povo galata (celta) e compara o seu nome com o do chefe galata *Solo-vettius* (Idem, 45, 34), composto de *solo-*, que apparece em *Solo-durum* (*durum* é celtico puro e reflecte-se nos dialectos neo celticos), *Soli-marus* (*C. I. L.* XII, nr. 652, 2921, etc.), *Soli-boduus* (*C. I. L.* V, nr. 4748), cujo segundo elemento *boduus* apparece em *Teuto-boduus*: cf. *Teuto-bodiaci* (vid. supra). Parece que o elemento *vettii* é o mesmo que se acha na segunda parte de *Sego-vetes* d'uma inscripção de Lara de los Infantes (*C. I. L.* II, nr. 2855); o elemento *sego-* apparece em *Sego-vesos* noutra inscrip. da mesma região (*Ibid*,. nr. 2871), nome que é tambem o d'um dos chefes gallos que invadiram a Italia, segundo a narração de Tito Livio. Os romanos tinham tambem o nome *Vettius* e na Umbria havia uma cidade *Vettona*. Apesar de os *Vettones*, vizinhos dos lusitanos, não serem considerados celtas, não podemos deixar de estabelecer a seguinte relação: *Vettii* : *Vettones* : : **Lusi* : *Lusones*. Mais tarde discutirei a questão que esse e outros parallelos onomatologicos suggerem a respeito dos Vettones.

Comquanto algumas particularidades secundarias da discussão que precede possam não ser exactas, comquanto omitta por brevidade numerosos elementos de comparação, creio que essa discussão põe fóra de toda a dúvida: 1.º que a lingua dos galatas orientaes não era de modo algum germanica; 2.º que essa lingua era fundamentalmente a mesma (á parte differenças dialectaes) que a dos celtas das Gallias e da Britannia; 3.º que essa lingua é fundamentalmente a mesma de que sahiram por differenciações successivas os dialectos neo-celticos (irlandez, kymrico ou cambrico, falado no paiz de Galles, baixo-bretão ou armo-

ricano, etc.); 4.º que diversos elementos do onomasticon galata se encontram no onomasticon lusitano ou se ligam aos elementos d'este ultimo por intermedio do onomasticon dos outros celtas.

O mesmo processo applicado aos vestigios da lingua dos belgas e dos outros ramos dos celtas dar-nos-hia o mesmo resultado: os belgas apparecer-nos-hiam distinctos dos germanos e parentes pela lingua dos neo-celtas.

Essa these, invulneravel, graças ao trabalho persistente de Zeuss e seus discipulos, é um guia seguro na historia antiga do occidente, cuja luz não foi aproveitada por completo; mas não esqueçamos que ella só serve para nos esclarecer no estudo d'uma das camadas mais recentes dos povos pre-romanos da peninsula e que por baixo d'essas camadas ha outras em que se não projecta já luz semelhante.

(Continúa)

F. Adolpho Coelho

ANALECTA ARCHEOLOGICA *

1. S. Thomé de Covellas

Na freguezia de S. Thomé de Covellas, concelho de Baião, ha um monte chamado *Mantel*, em que se vêem vestigios muito claros de um castro, muralhas e fossos. Não consta que se tenha lá descoberto coisa alguma, posto que uma exploração, em fórma, talvez ministrasse muitos elementos archeologicos. Segundo a lenda popular,

Entre Mantel
E Rabel
Stá o cordóum
De Maria Marzella

«que carréga dez *azémbolas* (=azemolas)», e de certo todo de ouro; em vez de *Mazella* outras versões dizem *Mazélla* e *Marcella*. Esta lenda relaciona-se com as dos *thesouros encantados*.—Na freguesia de Santa Cruz do Douro, que é vizinha da de S. Thomé, ha um *Crasto*,

* Sob este titulo serão publicadas breves noticias, notas soltas, e informações succintas de antiguidades encontradas em varios pontos do país, ou de que restam apontamentos ineditos, ou mencionados em livros ou jornaes onde não seria facil procural-as.

junto á Quinta de Agrellos; ahi perto encontrei em abril d'este anno de 1889 o fragmento de um machado prehistorico de pedra polida.— Noutra freguesia proxima, o Gòve, dizem-me que ha tambem um castro; ainda porém lá não pude ir.

J. Leite de Vasconcellos

2. Mondim da Beira

Junto á villa de Mondim da Beira ha um monte chamado *O Crasto*, em que a tradição popular localisa, como sempre, lendas de Mouros. Nunca vi objectos archeologicos achados lá; ouvi porém na minha infancia dizer aos velhos da localidade que tinham por alli apparecido espadas, etc. (talvez machados prehistoricos). A isto me referi já no *Almanach da Beira*, Viseu (1872), pag. 94–95.—Perto do Crasto fica o *Penedo encavallado*, onde o povo cuida que está uma *Moira encantada;* cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 210-*a*. O mais interessante que eu me recordo de ahi ter visto é uma explanada um pouco extensa e toda cercada de lageas, algumas das quaes pelo menos se levantavam facilmente com a mão, mesmo sem auxilio de instrumento.

J. L. de V.

3. Mosteirô (Baixo-Douro)

Na quinta de Mosteirô (Baixo-Douro), possuida por meu primo Manoel Nicolao Osorio Pereira Negrão, amador enthusiasta de archeologia, e já senhor de uma bella collecção em grande parte feita por aquelles sitios, encontram-se diversos vestigios de antiguidades, como ruinas de casas, telhas de rebordo e moedas romanas; tambem se encontrou uma pequena ara de pedra, consagrada a Juppiter, cuja inscripção foi já publicada in *Rev. de Guimarães*. Em volta da quinta existem vestigios de castros em montes.

J. L. de V.

4. Santa Marinha do Zêzere

Na freguesia de Santa Marinha do Zezere, concelho de Baião, ha um monte chamado *O Crasto*, onde se vêem ainda vestigios de muralhas, e onde tem apparecido diversas antigualhas (em ceramica, vidro, etc.). O mais interessante que appareceu, e que por minha indicação foi para o Museu de Guimarães ha annos, são dois objectos de pedra: um, representando uma figura humana decapitada, e outro, representando toscamente um quadrupede indeterminavel. Este, quando eu o vi pela primeira vez, estava mettido na parede de uma casa, for-

mando saliencia; a estatueta fui dar com ella numa loja de porcos, e já estava sem cabeça. Será empresa difficil conhecer a significação rigorosa tanto de uma como da outra antigualha: quanto ao quadrupede, talvez tenhamos alli um objecto de culto religioso da epocha lusitana, por ventura um ex-voto consagrado a uma divindade, como ha mais no paiz, e eu mesmo tenho descoberto alguns. A julgar pelos objectos apparecidos e pelo fragmento de um tijolo com a marca de oleiro A (que o ex.mo sr. Carlos Maria Coutinho, estimavel cavalheiro da localidade, e meu amigo, teve a amabilidade de me offerecer), o *Crasto* de Santa Marinha pertence á epocha romana.—A pouca distancia, na Quinta de Guimarães, appareceram tambem ha annos sepulturas de tijolo; mas o vandalismo dos trabalhadores destruiu tudo, imaginando que estava lá dentro «o Diabo da carapuça vermelha» (textual); apenas eu trouxe de lá um fragmento do *osso temporal* (da região chamada em anatomia *o rochedo*). Disseram-me que alguns tijolos tinham lettras. Erão certamente sepulturas romanas.—Constou-me que appareceu tambem no *Crasto* uma cabeça de pedra,—talvez a que falta á estatueta; os trabalhadores destruiram-na igualmente, na supposição de que ella continha dinheiro!

J. L. DE V.

5. S. Martinho de Angueira

Ao pé de S. Martinho de Angueira, na raia transmontana, ha uma elevação denominada o *Crasto*, rodeada ainda de grossas trincheiras de terra bem distinctas. Ao lado estende-se o *Campo da matança*, e corre o rio do mesmo nome, isto é, *Rio da matança*. Com quanto eu já lá estivesse, não me consta que ahi tenha apparecido nenhuma antigualha de importancia.

J. L. DE V.

6. Favaios

Junto a Favaios, conselho de Alijó, ha um monte chamado a *Cêrca dos Mouros*, com ruinas de edificações antigas, e semeado de fragmentos ceramicos.—É para notar que nos arredores de Alijó apparem moedas romanas; em 1883 deram-me lá uma consular de prata (denario), e vi mais.—Tambem tenho noticia de que nas caldas de Carlão, no mesmo concelho, appareceram em 1882 ou 1883 não só objectos de metal, como moedas, etc., mas pedaços de louça, e parece que uma amphora.

J. L. DE V.

7. Braga

Em um dos numeros do *Commercio do Porto*, do mes de outubro de 1883, appareceu uma noticia dada de Braga, na qual se colhem as seguintes informações:

«Nas escavações de que nesta cidade se estão fazendo, nas Carvalheiras, para o novo collegio dos orphãos de S. Caetano, appareceu nos dias passados um lastro de mosaico romano, similhante a um outro que nos dias anteriores tinha apparecido tambem no mesmo local.

«É composto de pequeninos cubos de pedra lioz, formando florões em roda de um centro circular de côres; e é da especie conhecida entre os romanos com as designações de *pavimenta sectilia* e *emblemata vermiculata*...

«Como estes dois mosaicos, ultimamente achados aqui em Braga, não são de fundos de piscinas romanas no mesmo nivel; e, como o primeiro achado está bastante mais baixo que o segundo,—poderia suspeitar-se talvez, segundo me disse ainda o sr. Pereira Caldas, que a primeira piscina romana fosse das *subtegulaneas*, e fosse das *subdialias* a segunda, ambas em *Vitruvio* indicadas...

«Não appareceu todavia, ao pé de uma ou de outra, apezar da extensão das escavações, nem o mais pequeno vestigio da *incilia*, por onde o observador poderia rastrear-se em averiguações d'esta ordem».

B. DE F.

8. Obidos

Num pedaço de papel encontrado dentro d'um volume da *Historia Genealogica da Casa Real* de Caetano de Sousa, lê-se em escriptura dos meiados do seculo passado a seguinte nota, que se transcreve sem as abreviaturas do original:

«Do testamento do Conde de Odimira D. Sancho de Noronha, que se acha no Cartorio das Freiras das Chagas de Villa-Viçosa, e tem huma copia os Condes de Vimieiro, se declara que o corpo de seo Pay, que era o Conde de Gijon, está sepultado em Obidos junto ao Altár-mór da Igreja, que está na ametade da villa, donde bem se deixa colegir que não morreo em Castella prezo, como segue este Autor, e que sua may a senhora D. Isabel jás na Sée da dita villa de Obidos, que assim devião chamar naquelle tempo á Collegiada de Obidos».

B. DE F.

9 e 10. Beja

Em 27 de março de 1888 communicou-me o sr. J. Tavares Lança as seguintes noticias:

«Quando procederam ao terraplanamento para construir a estação do caminho de ferro, em Beja, mesmo no local onde ella está numa baixa ao Oriente da cidade, encontrou-se um cemiterio que se dizia ser romano. Tiraram-se muitas pedras do comprimento approximadamente de $2^{m},0$ e de $0^{m},90$ de largo, e que hoje estão applicadas a diversos misteres. Das pedras verticaes que completavam as sepulturas, como estavam quebradas, umas ficaram sotterradas outras extraviararem-se.

No resto do terreno que não foi mechido ainda existem mais; as sepulturas formadas por pedras estavam distanciadas com grandes intervallos, nos quaes havia outras sepulturas feitas de grandes tejolos, formando a parte superior uma linha angular, assim /\. Nestas sepulturas encontraram-se diversos vasos pequenos, uns de vidro, outros de barro.»

Ao abrirem-se, no Largo Nove-de-Julho, na parte S.E. de Beja, os alicerces da casa de habitação do sr. Amandio Gomes Ponce, foram vistas pelo sr. Tavares Lança (tendo sido para isso convidado por um dos operarios) varias sepulturas abertas em rocha, dispostas na direcção de nascente a poente, nas quaes existiam ainda fragmentos de ossos.

B. DE F.

11. Figueira-de-Castello-Rodrigo

O distincto e conhecido escriptor, o sr. Pedro Augusto Ferreira, dignissimo abbade de Miragaya, communicou me em data de 3 de agosto e noticiou para o *Districto da Guarda* (n.º 597) em 8 do mesmo mez, a descoberta de algumas antiguidades em Figueira-de-Castello-Rodrigo.

Foram encontradas «este anno, quando arroteavam um campo de trigo para chão do novo cemiterio da villa, chão que demora cerca de 400 metros a N. da egreja matriz.

«No dicto campo corria livremente o arado desde seculos, e quando o mandaram arrotear até dois metros d'altura, para mais facilmente se abrirem as sepulturas, trabalho que deram de empreitada, o empreiteiro encontrou a um metro d'altura o tal mosaico... que tomava um espaço de cinco a seis metros em quadro e offerecia grande resistencia, pois assentava sobre uma grossa camada de cimento ou argamassa, e esta sobre tejolos.

«Estava tudo intacto e era talvez o atrio d'algum palacio ou templo romano; mas o... empreiteiro destruiu quasi tudo barbaramente. Apenas aproveitaram... tres grandes fragmentos do mosaico...

«Ainda lá deve estar um bom trecho de dicto mosaico sotterrado e intacto, porque a empreitada do arroteamento não comprehendia os dois passeios ou ruas que atravessam interiormente o cemiterio, e uma das dictas ruas passava sobre o mosaico e alguns tejolos, alguns dos quaes eu ainda poude obter, entre elles um tejolo enorme que já estava assente na lareira de uma cosinha e que tem de espessura cerca de um decimetro e 38 centimetros em quadro.

«Tambem obtive os tres fragmentos de mosaico, dous dos quaes estavam nos paços do concelho e me foram muito generosamente cedidos pelo ex.mo sr. dr. Francisco Antonio Soares de Vilhena, digno presidente da camara. São lindissimos...

«Um dos fragmentos tem de largura $0^m,45$ e de comprimento $0^m,75$; outro tem de largura $0^m,50$ e de comprimento $0^m,72$; e o terceiro tem de largura $0^m,65$ e de comprimento $0^m,80$.

«Consta-me que junto do dicto mosaico se encontraram certos compartimentos, especie de cosinha, uma panella com cinza, algumas moedas romanas e uma grande lapide com uma inscripção, mas o empreiteiro destruiu tudo!

«Nem um cavaco da panella poude obter—nem lobrigar um fragmento da lapide, que tanta luz podia dar para sabermos que monumento era aquelle que alli pompeou ha cerca de dezenove seculos!...

«Tambem me consta que no alto da Serra da Morofa, junto de Castello Rodrigo, houve um *castro*, pois ainda lá se encontram vestigios de fortificações antiquissimas.»

Seria para desejar e louvar que a Camara Municipal de Figueira-de-Castello-Rodrigo recolhesse ao menos todas as antiguidades que se fossem encontrando na terra da sua jurisdição.

B. DE F.

MISCELLANEA EPIGRAPHICA

Correcções e additamentos

AO VOLUME I

P. 20 milliario de Decio; *accrescente-se:* Tambem se pode attribuir ao monumento a data de 251, se o poder tribunicio se contar só desde a proclamação de Decio pelo senado em setembro-outubro de 249.

P. 91 inscripção de Proculeius, *lêa-se: D(iis) M(anibus). Proculeio Gracili, annorum LV.* etc.

P. 109 inscripção de Didacus, *lêa-se: V° Idus I(a)n(ua)rii obiit Didacus Moniz cui(u)s a(n)i(m)a req(u)ies meret. E(r)a MCCXXIX. Aspice q(u)ia q(uo)d es fui et q(uo)d su(m) eris.* etc.

P. 186 inscripção de Priscianus, *lêa-se* l. 5: STELINA, ainda que é duvidoso. Cf. *C. I. L.*, II 46.

AO VOLUME II

P. 109 inscripção de *Aeminium*. Revendo ainda outra vez os optimos calcos que possúo, reconheço que a primeira lettra não pode ter sido um G; apparece uma haste quasi vertical (um pouco inclinada para a esquerda) que pode ser a ultima d'um M, resultando a leitura do pronome M(*arcus*); mas fica subsistindo um difficuldade, e é que provavelmente houve na pedra lettras antes do M que eu julgo deviam fazer parte do pronome, que em tal caso seria MAM(*ercus*); mas este pronome é tão raro (e só se tem encontrado na gens Aemilia) que deve ser regeitada esta hypothese, acceitando-se a de M(*arcus*).

P. 110 inscripção de Conimbriga (2); *lêa-se*:

//////////M·
/////L·FR°N
//////AN·L^X

P. 111 inscripção de *Pax Julia; lêa-se:* CANDIDV|LA etc. Esta leitura é absolutamente indubitavel.

P. 125 inscripção de *Aeminium; lêa-se:* l. 5 CONSTANTI°, l. 6. INVICTO. (Havendo caido algumas lettras na occasião de impôr a folha, não foi avisado o auctor, pelo que só tarde teve conhecimento do erro grosseiro, a que elle é completamente alheio).

P. 172 inscripção de Lamego (5); *lêa-se: Dibus M(anibus) F(lavii)* etc.

AO VOLUME III

P. 88 inscripção de Mourão (1); *lêa-se: Caius Iulius Proculus, Tapori f(ilius), an(norum) XX, h(ic) s(itus) e(st). Cur(avit) pater.*

P. 88 inscripção de Mourão (2). Tenho a observar que, existindo na

pedra TANCINI, se deve ler: [*d. m. s.*] *P. Juli(i) C. f(ilii) Gal(eria tribu) Tancini, an(norum L).* (*H(ic)* etc.

P. 123 n.º 17 *lêa-se: D(iis) M(anibus) S(acrum). Troilus vixit ann(is) XXX me(n)s(ibus) IIII.* etc.

P. 123 n,º 18, *lêa-se: D(iis) M(anibus) S(acrum). Cacemera vix(it) ann(is) XXVIIII mens(ibus) VIIII.* etc.

P. 156 inscripção de Conimbriga. Encontrei este fragmento num pequeno muro de pedras soltas da propriedade do sr. Wenceslau Martins de Carvalho (segundo me disseram), existente em parte do local da antiga povoação. As lettras são do fim do primeiro seculo.

BORGES DE FIGUEIREDO

AO LEITOR

Chegando ao termo do terceiro volume da *Revista*, cumpro gostoso o dever de dirigir os mais cordeaes agradecimentos a todas as pessoas que me teem coadjuvado na empreza, que me propuz, de fomentar o incremento dos estudos archeologicos em Portugal:—aos collaboradores que a teem honrado com os seus importantes trabalhos;—aos assignantes que se teem dignado contribuir para que os meus esforços não fossem baldados. A fidelidade dos ultimos é uma prova evidente de que o programma traçado para a *Revista* não tem sido alterado. Se algumas poucas materias teem tido menos desenvolvimento do que era para desejar, está a causa d'isso, unicamente, nas estreitas dimensões da publicação nascente. Todavia o conjuncto de trabalhos, de noticias, de informações, e de estampas, que vieram a lume, bem mostram quanto me tenho esmerado em tornal-a interessante á custa de consideraveis sacrificios, o que não deve causar extranheza a ninguem.

A necessidade da *Revista* está demonstrada, assim pela acceitação geral que ha tido sempre, como pela influencia que já tem produzido. Effectivamente se nota que ultimamente está entre nós despertada a curiosidade pelos monumentos antigos, e que ha interesse em acompanhar os progressos que tem feito a sciencia archeologica.

Convencido de que o valor da *Revista Archeologica* depende sobretudo da cooperação de seus collaboradores, solicitei o concurso valiosissimo de archeologos eminentes, assim nacionaes como estrangeiros, que generosamente se dignaram honral-a com os seus trabalhos.

Percorrendo os volumes da *Revista,* ahi se encontram, entre muito importantes artigos devidos a outros conhecidissimos archeologos, trabalhos assignados por nomes cujo valor é desnecessario proclamar: de epigraphia latina e christã, do sr. professor Emilio Hübner e do sr. dr. D. Manuel Rodriguez de Berlanga; de geographia romana, do sr. D. Aureliano Fernández-Guerra y Orbe; de geographia e epigraphia arabe, do sr. D. Eduardo Saavedra; de philologia e ethnographia, do sr. professor F. Adolpho Coelho; de epigraphia hebraica, do sr. Esteves Pereira; de varios assumptos archeologicos, dos srs. Gabriel Pereira, Leite de Vasconcellos, etc., etc.

Com a preciosa cooperação dos mencionados cavalheiros, e d'outro escriptores auctorisados, o quarto volume da *Revista* apresentará maior variedade de assumptos, interessando á archeologia prehistorica e historica. Varios trabalhos estão já preparados ou em preparação para o novo anno. Entre esses se contam alguns artigos sobre numismatica do sr. Leite de Vasconcellos professor da respectiva cadeira na Bibliotheca Publica.

Para o primeiro e segundo numeros do quarto volume estão promptos varios artigos e suas estampas, podendo ser já especialisados: um sobre as *antiguidades romanas de Chellas;* outro sobre duas moedas portuguezas ineditas e unicas conhecidas, uma d'ellas pertencente ao gabinete do sr. Cyro Augusto de Carvalho, bem conhecido e intelligente colleccionador.

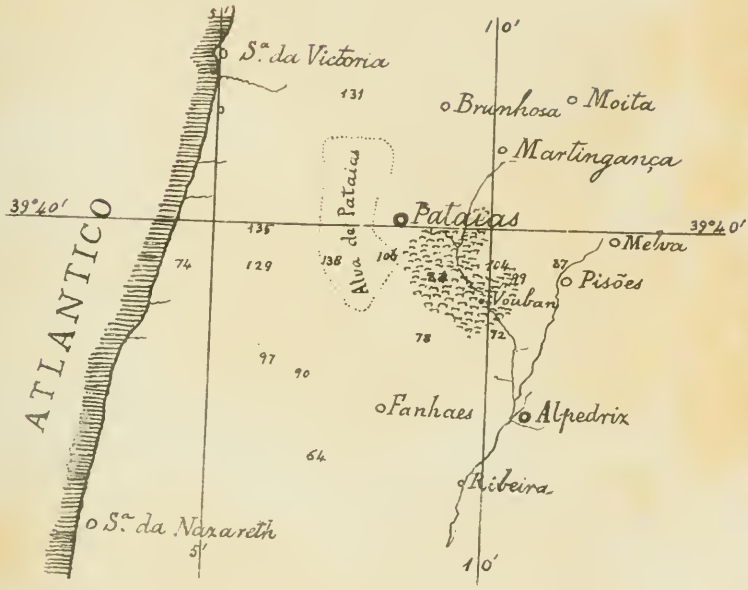
A fim de que a *Revista* corresponda, assim á variedade de assumptos a tratar, como ao desejo manifestado por grande copia de assignantes de que lhe fosse augmentado o numero de paginas em cada fasciculo, embora o seu preço soffresse uma justa alteração (tão verdadeiro é o facto de ter sido sempre excessivamente diminuto o preço, attendendo sobretudo ás illustrações); em o novo anno de existencia que a *Revista* vae encetar, cada fasciculo conterá vinte e quatro paginas, do que resulta um augmento de noventa e seis em volume; e além d'isso as phototypias e outras estampas serão em maior cópia e mais cuidadosamente executadas do que até agora. Estes melhoramentos, desejados sem dúvida por todos os assignantes, e feitos com o aprazimento do maior numero, só produzirão um pequeno augmento de preço, consideravelmente compensado.

Tenho, pois, a esperança de que cada um dos assignantes continuará a dispensar a sua protecção á *Revista Archeologica;* reconhecendo que esta publicação, devida aos esforços de um só individuo, não tem um fim mercantil, mas tende unicamente a constituir um elemento de progresso.

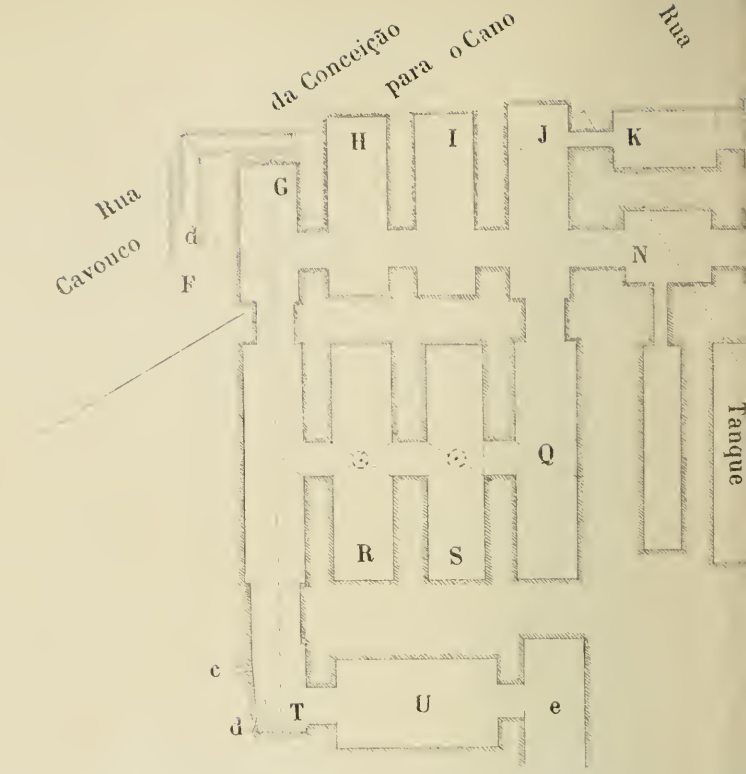
Lisboa, 15 de dezembro de 1889.

BORGES DE FIGUEIREDO

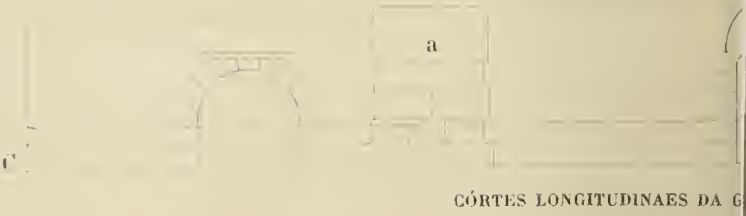
TUMULO DE D. MARIA AFFONSO,
Em Odivellas



ARREDORES DE PATAIAS



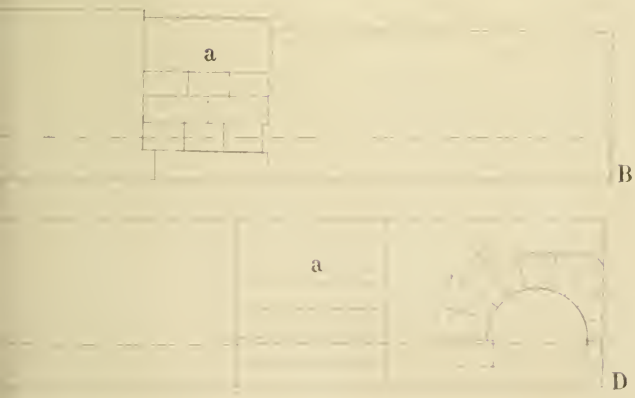
PLANTA DA PARTE CON



CÓRTES LONGITUDINAES DA G

THERMAS ROMANAS DA I

DAS THERMAS



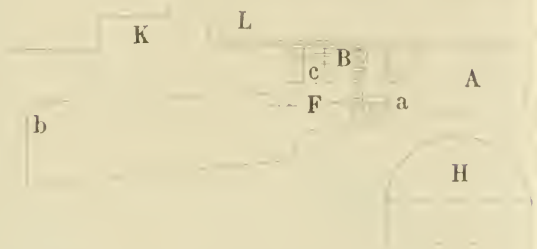
SOBRE A LINHA GT

LA DA RAINHA, EM LISBOA

1

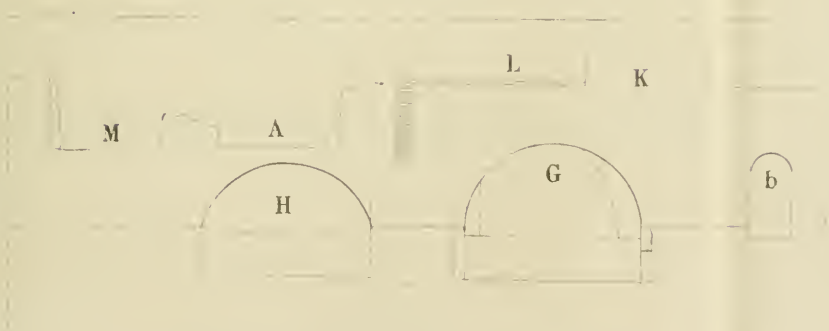
PLANTA DE PARTE DO PAVIMENTO SUPERIOR

2



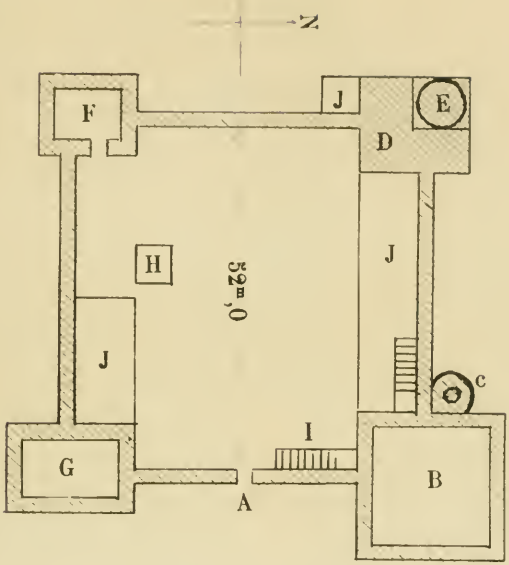
CÓRTE REPRESENTANDO O CENTRO DO CANO NA LINHA PQ

3



CÓRTE REPRESENTANDO O LADO DO CAVOUCO RS

THERMAS ROMANAS DA RUA BELLA DA RAINHA, EM LISBOA



BOSQUEJO ICHNOGRAPHICO DO CASTELLO DE VALLONGO

CRUZEIRO DE VILLA VIÇOSA

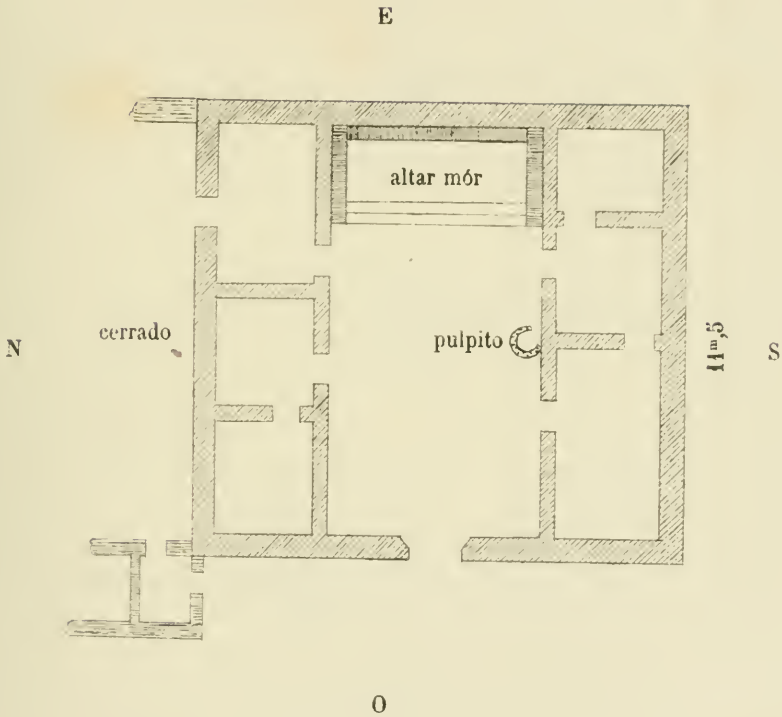
1

SELLO DA VILLA DAS VELLAS

2

SELLO DE VILLA FRANCA DO CAMPO

IX E X.



ESBOÇO ICHNOGRAPHICO

DA CAPELLA DE S. MIGUEL DA MOTTA

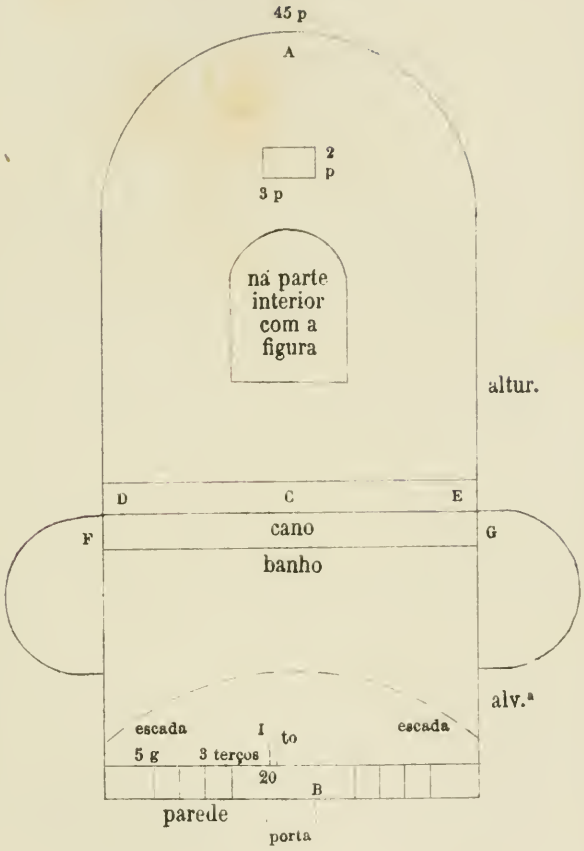
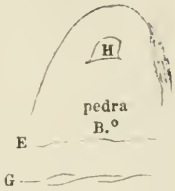


Fig. 1.ª

Fig. 2.ª

Fig. 3.ª



THERMAS DOS CASSIOS

ANTIGUIDADES ROMANAS DE CHELLAS

A pequena povoação de Chellas, pertencente á freguezia do Beato Antonio, de Lisboa, d'onde dista cerca de 3 kilometros, teve sua origem, ou pelo menos o seu incremento, como é facil de comprehender, na agglomeração de habitações em torno d'um mosteiro que naquelle sitio existia desde muitos seculos e cujos principios são absolutamente ignorados.

Fr. Luis de Sousa[1], Coelho Gasco[2], Marinho de Azevedo[3], fr. Antonio Brandão[4], D. Rodrigo da Cunha[5], e ainda outros escriptores de menos conta, discutem com mais ou menos verdade e felicidade as origens d'essa casa claustral, confessando todos quer explicita quer implicitamente que lhes eram de todo o ponto desconhecidos os primordios d'ella.

Não é meu proposito tratar essa questão. Mas porque tal assumpto dos inicios do mosteiro se prende um tanto com o objecto sobre que tenho a discorrer, considero-me obrigado a reunir aqui succintamente o que se sabe d'aquella casa.

Apura-se que primitivamente fora o mosteiro de frades, porque o diz uma doação a elles feita no anno de 1192 por D. Sancho I, doação confirmada por uma postilla de D. Affonso II em 1219; é expressão d'essas escripturas a seguinte: «Fratribus Sancti Felicis de Achellis». De passagem farei notar que é esta a fórma do nome em todos os antigos documentos, como se pode ver nos citados auctores, principalmente em Azevedo que faz muitas transcripções[6].

Sousa, que transcreve a doação alludida, accrescenta que esses frades «erão Cavalleiros da ordem de S. João do Hospital de

---

[1] *Hist. de S. Domingos*, I, 1, 23.
[2] *Antiguidades de Lisboa*, ms. (Bibl. Pub. de Lisboa, A, 3, 37).
[3] *Fundação de Lisboa*, II, 4.
[4] *Mon. Lusit.*, P. 3, x, 36.
[5] *Hist. eccles. de Lisboa*, II, 38.
[6] Azevedo, II, 2. Mas advirta-se que em Portugal ha os seguintes nomes de logar, em pontos muito afastados: Chellas (3), Chello, Chellos, Chellinho, Chelleiros, Chellão (ou Mellão).

Jerusalem que vivião então em communidade; e consta por outros estormentos de compras, e vendas, que permanecem hoje no cartorio do Convento»[7]. Brandão não sabe se eram de Malta ou de Sant'Iago[8]; Cunha declara não saber a que religião pertenciam[9]. «Mas qual foi o anno em que os Frades largárão esta casa, e começou a ser povoada de Freiras, e quem foi o meio, e instrumento de as juntar e trazer a ella, isto ficou tão cego, e apagado ou com o longo discurso dos annos, que tudo escurecem, ou com a rudeza dos homens, que nada escrevião, senão o que precisamente era forçado para o que trazião entre mãos; que totalmente o não podemos descobrir. Sómente alcançamos de pergaminhos velhos do cartorio com bastante clareza, que no espaço de dez annos, que houve entre o da doação e confirmação dos Reis atrás escrita, e o de mil e duzentos e vinte e nove, se fez a mudança de Frades para Freiras»[10]. Estas, segundo Sousa, eram dominicanas; e, no dizer de Cunha, conegas regrantes de S. Agostinho.

A invocação de S. Felix vem ao mosteiro da deposição alli dos restos do martyr, conforme resa uma inscripção que já no tempo de Gasco e Azevedo estava collocada «na Igreja... na parede do arco, pelo qual as mulheres devotas desta Cidade pássão as crianças que lévão em romaria a S. Felix»[11]... «He a pedra de fórma redonda, de marmore vermelho, jaspeado; e ainda que está partida em dous pedaços, se deixão ler as lettras»[12]. A inscripção, existente no mesmo logar, é perfeitamente legivel e diz o seguinte[13]:

A ☧ ω
DEPOSITIO
BONEMEMORI~
MARTVRII~
5 FELICIS DECEM
IDIBVS ERA
DCCIIII

A ☧ Ω *Depositio* | *bone memori(e)* | *martyr(is) id(est)* | *Felicis, decem(bris)* | *idibus, era* | *DCCIIII*.

[7] *Hist. de S. Domingos, l. c.*
[8] *Mon. Lusit., l. c.*
[9] *Hist. eccl. de Lisboa, l. c.*
[10] *Hist. de S. Domingos, l. c.*
[11] Azevedo, IV, 7.
[12] Azevedo, IV, 8.
[13] Cf. Hübner, *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, n.º 18.

Além d'esta memoria de S. Felix, existia ainda em 1864, no mosteiro, outro monumento dos martyres Adrião, Nathalia e seus companheiros, do qual já Azevedo disse: «pedra já muy gastada, e quebrada, que está em huma das paredes do páteo, e no alto d'ella se divisão parte das duas lettras Gregas *Alpha & Omega*; e abaixo se lêm estas Latinas, barbaramente escriptas»[14]. D'este fragmento publicou o sr. Vilhena Barbosa naquelle anno um *fac-simile*[15], que eu não julgo necessario reproduzir e que deixa a crença de não haverem sido comprehendidas nem bem copiadas as lettras da segunda parte da terceira linha; diz assim:

∂EPO
SITIOBONEME
MORIAECTFRI///

[A ✳ Ω] *Depo | sitio bone me | moria* . . . . . .

Gasco, dando conta do apparecimento de varias antigualhas, exprime-se do modo seguinte ácerca do achado da lapida de S. Felix: «na reedificação que de nouo se fez neste sagrado Convento, em tempo de seu bom Prelado, Dom Miguel de Castro... que foi no Anno de 603, se achárão ainda nos altares em que estáuão postas, ferros, e taboas de náo em que ellas (*as reliquias*) uiérão, e achárãosse mais, fechaduras, e taboas tão antiguas, que paresião cortiça; afóra hũ cofre que está ainda todo inteiro, cheo todo de Reliquias. Sobre estes sanctos corpos, se achou hũa pedra redonda»[16] etc.

Não sei que credito se deva dar rigorosamente á tradição, referida por todos os escriptores citados, que «pelo valle de Chellas entrava hum esteiro do mar, o qual chegava até o pateo do Mosteiro onde está o poço dos Sanctos Martyres»[17]. O Tejo, já no tempo de fr. Luis de Sousa, estava a quasi meia legua de distancia[18]. «E no lugar, em que hoje está o claustro do Convento, se achárão no tempo da reedificação muitas argolas de ferro e bronze, pre-

---

[14] Azevedo, IV, 17. Ant. Caet. de Sousa, no *Agiol. Lusit.* IV, p. 395 tomou este fragmento como sendo a parte superior da inscripção de S. Felix. A observação de Sousa moveu o sr Hübner a considerar na obra de Azevedo uma dupla menção do lettreiro de Felix.

[15] *Archivo Pittoresco*, VII (1864), p. 372.

[16] Gasco, f. 47 v.

[17] Azevedo, IV, 8.

[18] Sousa, *l. c.*

zas nas pedras de um cáis de enxelharia, a que se amarrávão as embarcações, que pelo esteiro subião até o templo de que ficou memoria no letreiro, que fica sobre a capella de S. Felix, em que se lê o seguinte»[19]:

ESTA CAPPELLA SE REEDIFICOU EM TEMPO DO ILLUS=
TRISSIMO SENHOR D. MIGUEL DE CASTRO, ARCEBISPO DE
LISBOA, PRELADO DESTA CAZA, CÕ CUIO GOUERNO FOI SEM=
PRE ADMINISTRADA ANTES DOS REIS DE PORTUG. COMO
5 SE UE DE HUM CIPO FEITO NA ERA DO S. DE MIL, E DAS
ARMAS DE ELREI VUAMBA, Q̃ REPARTIO OS BISPADOS, EM
ESPANHA, O Q̃ TUDO SE ACHOU NESTA REEDIFICAÇÃO
CÕ RUINAS DE HUM CAIS DE ENXELHARIA, ONDE DE=
SEMBARCARAÕ ESTES SANTOS MARTIRES, POR ESTE UALLE
10 SER MAR.

Esta inscripção foi mandada esculpir e collocar onde se encontra por D. Miguel de Castro[20], arcebispo de Lisboa, no anno de 1604, por occasião de se trasladarem as reliquias. O sr. V. Barbosa alludindo ao *cipo feito na era do senhor de mil*, diz: «Em uma parede do mesmo quintal (*da sacristia*) está uma pedra com tres lettras gothicas... são E. D. M., abreviatura de *Era Domini Millia*, o que quer dizer em vulgar: Era do Senhor de mil. Este cippo corrobora de algum modo a tradição de que o mosteiro de Chellas tornou a ser restaurado e habitado sob o dominio dos moiros...»[21]. Esta pedra está actualmente na frontaria da egreja, ao lado do portal, á esquerda de quem entra. Nas suas tres grandes lettras monachaes creio não poder-se admittir a era de *mil* (*Era Domini millesima*), attendendo ao caracter da escriptura, mas sim uma data posterior. É, portanto, apenas um fragmento, que não pode ministrar-nos informação alguma.

Na mesma parede do quintal da sacristia, á altura do rosto

---

[19] Azevedo, II, 6. Gasco tambem fala do caes, dizendo que era «á porta, que vay para o Parlatorio» f. 42.

[20] A inscripção posta por D. Miguel de Castro superiormente ao altar tem muitas lettras conjunctas, pelo que preferi dar aqui, por conveniencia typographica, a transcripção que se encontra na parede, junto do altar, e do lado do evangelho. Segue-se, na mesma capella, a dedicação do altar, em latim. Essa transcripção foi feita sem dúvida por occasião dos reparos que houve a executar no mosteiro logo depois do terremoto de 1775, a que allude o Sr. V. Barbosa (*Arch. Pitt.*, VII, p. 375).

[21] *Arch. Pitt.*, VII, p. 380.

d'uma pessoa de estatura ordinaria, lê-se a seguinte inscripção gravada na argamassa do revestimento, com lettras de 0m,04 de alto:

NESTE ALICERCE 12 PALMOS DEBAIXO DA TERRA
°///ST//////

Fizeram traços horizontaes sob as palavras da primeira linha, para continuar o lettreiro, mas desistiram de completal-o, existindo do pouco que se fez apenas duas lettras legiveis. Talvez esta memoria indique existirem alli sotteradas as ruinas do caes de silharia.

Se este caes era obra romana, coisa que nada teria de extrardinario, só o poderia mostrar um exame que demandaria escavações naquelle local. Eu penso que essas escavações não seriam nem muito grandes nem muito dispendiosas, e que os resultados compensariam largamente a despeza.

Emquanto se espera por quem nas estações officiaes tome interesse pelos nossos monumentos archeologicos, para resolver aquella questão, passemos a examinar os documentos romanos de Chellas.

I

EPIGRAPHIA

1

O monumento de que primeiro tratarei é a inscripção erradamente chamada de *Julia Flaminia*, tantas vezes citada e reproduzida por varios auctores. Devo começar por ella, attendendo a duas circumstancias: é uma, ser este monumento o primeiro que apparece na ordem das descobertas; outra é, ter elle sido considerado como confirmação da lenda de haver precedido, naquelle local, ao mosteiro christão um collegio de vestaes.

D'esta monstruosa lenda não encontro outros vestigios além do que refere D. Francisco de Monçon[22], que foi o seu forjador; pois é elle quem primeiro contando a historia de Achilles se ter escondido no templo das vestaes, para não ir á guerra, diz que o astuto Ulysses se disfarçára em bufarinheiro e o fora lá descobrir; e «accrescenta mais o doutor Monçon, de quem é toda esta relação, que estava o templo edificado na praya do mar onde agora vemos o Convento de Chellas, nome corrupto de Achilles, que nelle esteve; ... ficariamos mais satisfeitos d'esta sua opinião se nos

[22] *Espejo del principe christiano,* c. 90. Cito segundo Azevedo.

dissera, quaes eram os auctores d'ella, para que não correra por conta da sua reputação o credito que se lhe pode dar»[23].

Vejamos, porém, o que se sabe do encontro do monumento e o que resultou da extravagante interpretação que fizeram do lettreiro. Diz Azevedo: «Na ultima reformação que se fez da Igreja do Mosteyro de Chellas, nas ruinas da parede do Altar Mór em vinte e tres de Junho do anno de mil seiscentos e tres, se achou huma pedra, entre outras muy antigas, com as letras para dentro, a qual tinha tres palmos de comprido, e outros tantos de largo, e ainda hoje se vê na parede do quintal da sachristia, da banda da Capella Mór: logo que se descobriu, lêrão alguns curiosos nella as seguintes letras, posto que agora se não lêm tão claramente:

JULIA . Q . F . F . V.
Q . JULIUS . Q . F . C.
SEVERUS
H . S . SUNT.

«Cuja significação he. Aqui estão sepultados, Julia Flaminea Vestal, filha de Quinto, e Quinto Julio filho de Quinto, e Cayo Severo. Mais letras parece que a pedra tinha, que por estar quebrada se não podem ler, e esta foy a que deu occasião para escreverse sobre o altar de S. Adrião que era cippo de Julia Flaminea. . . »[24].

Em consequencia d'esta leitura e interpretação, reforçou-se a lenda de ter havido em Chellas um collegio de vestaes, lenda acceita e largamente explicada por todos os escriptores portuguezes por mais graves (excepção feita de frei Luis de Sousa), e logo memorada numa inscripção mandada esculpir pelo arcebispo D. Miguel de Castro, citada por todos os auctores, e que existe superiormente ao altar dedicado a Santo Adrião, que está do lado da epistola[25]:

ESTE CONUENTO HE DE CONEGAS REGRANTES DE
S. AUGOSTINHO, POR ESCRIPTURAS ANTIQISSIMAS. FOI CAZA *sic*
DAS UESTAES ANTES DA UINDA DE CHRISTO N. S. O Q̃ SE
UÈ PELLOS UESTIGIOS DAS PEDRAS Q̃ ESTAÕ NA CLAVSTRA
5 UELHA POR. O. CIPO DE IULIA FLAMINEA, E ARA DAS UES=
TAES, CÕ O BURACO DA URNA DO IGNE PERPETUO. ASSIM
Q̃ SE ACHA SER REEDIFICADA ESTA CAPPELLA QVATRO
UEZES; HUMA EM TEMPO DAS UESTAES, OUTRA NA PRI=
MITIUA IGREIA DE HESPANHA, E DUAS DEPOIS.

[23] Azevedo, II, 1.
[24] Azevedo, II, 6. A inscripção encontra-se no *C. I. L.*, II, 290.
[25] Observação identica á que foi feita em a nota 20.

A «ara das vestaes com o buraco da urna do igne perpetuo», de que fala esta curiosa inscripção, é assim descripta por Azevedo: «Consérvão se hoje algumas pedras no Convento de Chéllas, já gastadas, e consumidas com a grande antiguidade; ... em hũa parede da claustra velha, se conserva huma pedra quadrada de alabastro finissimo, já muy gastada, a qual vista, e notada attentamente pelo Doutor Fernão Sardinha do Couto, Medico deste Convento (pessoa bem conhecida nesta Cidade por suas lettras) affirma ter no meyo hum buraco ovado, e quatro pequenos nos cantos, que se póde conjecturar, serem encaixes de véllas, ou candieiros. A esta pedra chamão as Religiosas *a urna do fogo Vestal*, o qual ardendo em alguma materia, que ficava dentro do buraco ovado, cahião as cinzas na parte baixa, e interior das bazes, ou meya pyramide, em que a pedra se encaixava, na fórma, que demonstrão algumas moedas Romanas de ouro, prata, e metal, que traz estampadas Justo Lipsio nos capitulos quinto, e decimo do livro de Vesta»[26]. Esta pedra ainda existia em 1864, segundo parece deprehender se do que diz o citado sr. Barbosa: «As pedras de que fallam as duas outras inscripções, e que se acham no claustro velho, são as seguintes: Uma pedra quadrada de alabastro, com um buraco oval no meio, e quatro mais pequenos nos cantos. É a que dizem ser a ara do fogo perpetuo»[27]. Por mais pesquizas que ultimamente fiz no mosteiro, não poude encontrar esta pedra, nem noticia d'ella. O que desde uns doze ou quartorze annos alli existe, como sendo, segundo a tradição, o objecto que as freiras chamavam *ara das vestaes*, é uma pedra quasi quadrada, com uma larga cavidade rectangular d'um lado e arredondada do outro, e com um só orificio da banda semi circular. É uma simples pia de esgosto, evidentemente destinada a ser embutida na parede por quatro lados, contado o inferior. O que é provavel é ter sido talhada essa pia numa antiga peça de cantaria que servira a outro uso que eu não posso determinar.

Felizmente a inscripção de Julia, em caracteres altos e elegantes do primeiro seculo, e com pontos triangulares ainda existe no mesmo logar que Azevedo indica, collocada num cunhal d'uma das paredes do quintal da sacristia. Por varias vezes a tenho examinado detidamente, d'ella tirei calcos, e fiz a seguinte leitura:

---

[26] Azevedo, II, 4. Gasco, f. 40–40 v., nada mais diz.
[27] *Arch. Pitt.*, VII, p. 379.

IVLIA · Q · F · FVNdana
Q · IVLIVS · Q · F · Gal.
SEVERVS
H · S · SVNT

Iulia Q. f(ilia) Fun[dana].| Q. Iulius Q. f(ilius), G[al(eria tribu)], Severus| h(ic) s(iti) sunt.

As ultimas lettras da primeira linha, unicas que nunca foram bem lidas, são indubitavelmente FVN; a pedra partiu pela haste obliqua do N parecendo esta lettra um I a olhos inexperientes; mas qualquer, que examinar a pedra, reconhecerá claramente o que fica apontado.

Como commentario a esta inscripção, notarei que em outras de Lisboa se encontram os seguintes individuos manifestamente ingenuos: *Q. Julius Q. f. Gal. Plotus* (*C. I. L.*, II, 194), *C. Julius C. f. Gal. Clemens* (*ibid.*, 223), *C. Julius C. f. Gal. Rufinus* (*ibid.* 225), *Q. Julius M. f. Gal. Silvanus* et frater ejus *C. Julius Rufus* (*ibid.*, 227), *C. Julius C. f. Gal. Terentianus, Julia Sex. f. Maxuma* et *Terentia L. f. Ammia* (*ibid.*. 5100); e no termo de Lisboa ha mais: em Odrinhas *L. Julius L. f. Gal. Aelianus* et ejus frater *L. Julius L. f. Gal. Julianus* (*ibid.*, 267), e *L. Julius M. f. Gal. Macrinus* (*ibid.*, 303); em Morelinho *M. Julius M. f. Gal. Avitus* (*ibid.*, 301). É quasi certo que entre estes individuos houve algum grau de parentesco.

E para obstar á objecção de quem, por menos lido, ache arrojada a minha restituição do cognomen de *Fundana* á primeira pessoa mencionada no epitaphio, e pergunte se elle era usado nesta região (embora essa circumstancia seja de pequenissima importancia), notarei aqui que em inscripções de Lisboa se encontram: *Curia Sex. f. Fundana* (*C. I. L.*, II, 212). *Q. Caesius Q. f. Gal. Fundanus* (*ibid.*, 4997), *C. Cassius Fundanus veteranus* (*ibid.*, 5099); em Fayão termo de Collares *Q. Atilius M. f. Fundanus* (*ibid.*, 274); em Cintra -.[*C*]*omini*[*us*] *Fundanus* (*ibid.*, 285).

2

De pessoas Julias da tribu Galeria outra inscripção dá Azevedo com as seguintes palavras: «Outra pedra está na parede do quintal da Sachristia do Mosteiro de Chellas, mas já tão gastada, que

haverá trinta e tres annos, quando foy descoberta, se não poderão ler mais que estas letras»[28], (que eu restituo assim):

. . . . . F·GAL· . . . . . .
iuliA·Q· *f*. FL. . .
H·S· *s*.

. . . *f(ilius), Gal(eria tribu)*, . . . | [*Iuli*]*a Q.* [*f(ilia)*] *F*[*l*?. . .] | *h(ic) s(iti)* [*s(unt)*].

O meu venerado amigo o sr. Hübner, dando a inscripção (*C. I. L.*, II, 324) completa a formula H·S·*e*; mas eu intendo que o monumento foi elevado á memoria de duas pessoas.

Se houvesse a certesa de serem coevos ou quasi coevos os dois monumentos (o que facilmente se conheceria da escriptura, se não tivessemos a lamentar a perda do segundo), poder-se-hia affirmar que o Q. Julius da segunda inscripção era algum dos da primeira; mas que eram membros d'uma mesma familia é evidente:

a *Q. Julius* [*Fundanus*], e seus filhos:
Julia Fundana,
Q. Julius Severus.

b *Q.* [*Julius* . . . . .], e seus filhos:
[*homem]
[*Juli*]*a Fl*. . .

Attribuo ao Q. Julius do grupo *a* o cognome *Fundanus*, porque, pela ordem da menção funebre, Julia foi primogenita, tendo nesse caso recebido naturalmente o cognome derivado do de seu pae.

3

Aos mencionados individuos podem talvez juntar-se os da inscripção que vae seguir-se, os quaes podem tambem ter sido ingenuos. Este monumento foi descoberto não no mosteiro, mas muito proximo, na quinta da Bella-Vista, que pertenceu ao pae de Coelho Gasco[29]:

---

[28] Azevedo, III, 4.
[29] Gasco, f. 235, evidentemente mal lida: Azevedo, III, 6; *C. I. L.*, II, 291.

D·M
IVLIAE·LABERNARIAE
ANN·XXXVII
C · IVLIVS · SILVANVS
5 IVLIA·GLAVCA
PARENTES
F

D(iis) M(anibus).| Iuliae Labernariae|ann(orum) XXXVII|*C. Iulius Silvanus|Iulia Glauca|parentes|f(ecerunt).*

4

Gasco e Azevedo ainda fazem menção d'outra lapida. O primeiro diz: «Neste sagrado templo de Chellas se achou a outo do mês de Maio, no Anno do Senhor de 1606, hum marmore Romano, que eu vy, e tresladei, que está hoje em hũ quintal, iunto á Sancristia, que he de sette palmos de comprido, e cinco de largo»[30]. Azevedo diverge em dar o anno de 1608[31]. Apresento aqui as copias de Gasco e Azevedo seguidas da engenhosa restituição do sr. Hübner[32]:

Gasco:	*Azevedo:*	*Hübner:*
GAVIO ⁝ CIGALO ⁝	GRAVIO CIGALO.	C·*g*AVIO·C·*f*·GAL·⸗
REGVLO ⁝ AED ⁝	REG . . .	REC*to*
ANN ⁝ XX ⁝ VII ⁝	ÆDIL . . .	AEDIL*i*
	ANN.XXVIIII	ANN.XXVIIII

C. [G]avio C. f(ilio), Gal(eria tribu),|Rec[to]|aedil[i]|ann(orum) XXVIIII.

5

Finalmente outra pedra foi «achada na ultima reformação, que se fez da Igreja de Chellas, debaixo do Altar mór, e está hoje em huma parede do quintal da Sacristia, e nella se lêm sómente as seguintes lettras»[33]:

MAC . . . . . .
N.ET.I . . . . .
O.IMP . . . . . .
AUG . . . . . .

[30] Gasco, f. 41.
[31] Azevedo, I, 21.
[32] *C. I. L.* II, 262.
[33] Azevedo, III, 26.

Esta inscripção existente ainda em 1864, segundo o sr. V. Barbosa[34], que diz distinguirem-se apenas as lettras do principio de cada linha, foi ultimamente debalde procurada por mim. O sr. Hübner, publicando-a, annota: «Latet *magno et invicto imperatori... Augusto*, quibus formulis quarti saeculi imperator aliquis indicatur»[35]. Mas, pela circumstancia, indicada por Azevedo (na copia) e pelo sr. Barbosa, que as lettras eram do começo das linhas, parece-me poder-se fazer a seguinte restituição d'este milliario:

domino nostro
MAG*gnentio mag*
N . ET . I*nvict*
O . IMP*eratori*
5 AVG. . . . . p. C. 350–353

Descriptos os monumentos epigraphicos, passemos ás esculpturas.

II

ESCULPTURA

I

(Est. I)

Entre os monumentos de esculptura, tratarei primeiro d'um que até hoje ainda não foi descripto, sendo certamente o que mais o merecia d'entre todos os de Chellas, como se verá. Reunirei primeiro as diversas menções que d'elle se teem feito e passarei depois á sua descripção.

Parece-me que Azevedo alludiu a este monumento, nas seguintes palavras: «Achárãose mais no claustro velho deste Convento em algumas columnas de differentes pedras, entalhadas de relevo as figuras de Palas, Minerva, e outros Idolos da cega gentilidade»[36]. O que me faz suppôr que Azevedo se referia ao monumento de que vou tratar, é a circumstancia do local; porque elle existia em tres fragmentos nesse claustro velho, onde é mencionado por Moreira[37], e pelo sr. Barbosa que em 1864 disse: «Indo

[34] *Arch. Pit.* VII, p. 380.
[35] *C. I. L.*, II, 4631.
[36] Azevedo, II, 6.
[37] *Collecção de inscripções*, mss. (Acad. R. das Sc. de Lisboa, Gab. III, E. 19, 1). II, p. 297 v.–298.

do claustro velho para a cêrca, vêem-se mais estas pedras: uma de marmore branco, no meio da qual está esculpida uma grande cara com um olho fechado. Outra do mesmo marmore com duas figuras, uma d'ellas sentada e a outra em pé, e no meio um pequeno rosto. Outra com quatro figuras, duas sentadas e duas em pé, tendo cada uma d'aquellas seu livro na mão, e caindo-lhe dos hombros comprido manto. Do centro da pedra resalta uma grande cara»[38]. Bem se vê que nem Moreira nem o sr. Barbosa fizeram a competente e facil approximação dos tres fragmentos, nem alcançaram a significação das figuras alli representadas. Quanto ao dizer Azevedo que eram *algumas columnas*, nada prejudica a opinião de que se referia ao mesmo monumento; porque a phrase que emprega é muito confusa e pleonastica, se não erronea (*figuras de Pallas, Minerva*), e é evidente que não percebia nada do objecto de que falava.

Por occasião da *Exposição retrospectiva da arte ornamental* em Lisboa, no anno de 1882, foi o monumento emprestado para nella figurar. O respectivo catalogo menciona-o da maneira seguinte:

«25. Baixo-relevo em marmore branco. Obra romana. Comprimento $2^{m},13$; altura $0^{m},29$. Estava em tres fragmentos nas paredes de um claustro, de onde veiu em 1881.

«*Extincto convento de Chellas, Lisboa*»[39].

Basta dar um volver d'olhos á estampa I, reproducção fiel do monumento, para se conhecer que esta pedra é a parte anterior do friso da tampa d'um rico sarcophago.

Ao centro do friso estava gravado o epitaphio, que brutalmente foi apagado de modo que nem uma só lettra se pode perceber. Dizer como, quando e por quem foi praticado o vandalismo não é coisa possivel. Mas havendo margem para conjecturas, não deixarei de apresentar a que mais plausivel me parece, e é que o friso foi utilisado para servir de deanteira a uma banqueta de altar. As suas dimensões de comprimento e altura auxiliam esta hypothese, bem como em ajuda vem o facto de haverem mutilado em baixo o friso, fazendo desapparecer a parte inferior das pernas das figuras: o que visivelmente foi feito para mais facil adaptação do objecto a um espaço determinado. Se o baixo-relevo não houvesse sido applicado a um uso christão, não teriam obliterado a inscripção sepulcral, como o não fizeram á lapida de Julia Fundana, e ás outras

---

[38] *Arch. Pitt.*, VII, p. 380.

[39] *Catalogo illustrado da Exposição retrospectiva da arte ornamental*, 1882, p. 333.

que conservaram intactas. Serviu pois esta reliquia esculptural de deanteira de banqueta nalgum altar, e passou sem ser notada durante alguns annos mesmo por essa causa. Alli se encostavam as sacras; e as bellas figuras que o adornam passaram por effigies de santos ou bemaventurados. Numa occasião, porém, ao fazer-se modificação no altar, foi substituido na sua serventia e embutido em tres porções na parede do claustro, onde estava já no tempo de Azevedo, se é effectivamente a este monumento que este auctor se refere na passagem que ultimamente d'elle citei. Deixemos, porém, este ponto bem pouco importante afinal, e examinemos esta preciosa reliquia romana.

Nas duas extremidades do friso ostentam-se duas mascaras comicas excellentemente trabalhadas; atravez dos olhos e boccas d'ambas ellas se vêem os olhos e boccas dos actores, que o artista cinzelou cuidadosa e habilmente. Este ornato das mascaras era muito usado em sarcophagos, como é sabido, e do que se encontram muitos exemplos na obra de Montfaucon e noutras muitas antigas e modernas[40].

Os baixos-relevos que se vêem dos dois lados do quadro que teve a inscripção são muito semelhantes; a mão do artista era habil, mas a sua imaginação pouco fertil; porque, embora pelo assumpto escolhido não houvesse excessiva facilidade em variar as scenas, salta logo aos olhos a repetição da disposição e attitudes das figuras. Examinenos os dois grupos.

Grupo da esquerda:

Thalia, a musa da comedia, bem caracterisada pela sua tunica (χιτών) de pelles ao modo das bacchantes, e coberta com o pallium (ἱμάτιον), que sustem com a mão esquerda, eleva na direita a mascara que lhe compete. Está de pé em attitude de colloquio com um homem barbado, e envolto em toga (ἀναβολή), o qual, sentado num lectulus, com as duas mãos segura e lhe mostra um volumen aberto.

Ao lado de Thalia, está a musa da tragedia, Melpomene, com a sua costumada *tunica talaris* (χιτὼν ποδήρης) de largas e altas prégas, cingida por um largo cingulum (ζώνη); a sua mão direita, que estava pendente segurando a massa, como é natural, desappareceu; a direita ergue a mascara tragica. Escuta, de pé, um homem barbado sentado num lectulus, com a toga descincta deixando o peito nú; o qual, com a mão esquerda aberta e descaida, e tocando no hombro da musa com a direita, parece fazer um rasgado gesto de persuasão.

---

[40] Veja tambem na *Revue Archéologique* (3ème Série, Tom. XI, p. 160 e pl. VII-VIII) um sarcophago descoberto em Sidon.

Por detrás das figuras, uma cortina (*aulaeum*) forma o fundo do quadro.

Grupo da direita:

Polymnia, a musa da poesia sublime, de pé, encostada á sua caracteristica columna, appoia a fronte na mão direita e escuta attentamente um homem em quem desponta a calvicie e cujo rosto está completamente barbeado, ao inverso de todas as outras figuras masculinas. Está elle sentado numa dobradiça de pernas curvas (*sella curulis*), com a toga sustida no hombro esquerdo, ficando-lhe o peito e braço direitos completamente a descoberto; na mão esquerda tem um volumen meio desenrolado, e une a direita ao peito com um emphatico gesto de quem se exprime com convicção.

Segue-se Clio, a musa da historia, a qual está toda involta no pallium, e na sua costumada attitude meditativa: o cotovello direito firmado sobre a mão esquerda que segura um volumen, e a face encostada á mão direita. Parece attender um homem de rosto barbado, com a toga descaida do hombro direito ficando-lhe o braço e o peito a nú; está elle sentado num lectulus onde appoia a mão esquerda com um volumen, e ergue a mão direita com gesto oratorio.

Por detrás das figuras o *aulaeum*.

Todas as quatro musas tem ornada a fronte com a dupla penna, conhecido tropheu da victoria alcançada pelas nove irmãs sobre as sereias. A proposito notarei aqui uma breve e judiciosa observação d'um notavel archeologo, o sr. Clermont-Ganneau, sobre este attributo: «je crois que c'est en Égypte, dans la plume piquée sur la tête de la déesse *Ma* (la Vérité), qu'il faut chercher, comme celle de tant d'autres, l'origine *iconologique* de cet attribut traditionel des Muses»[41].

Tanto num como noutro grupo a acção está toda nos homens, as musas conservam uma impassibilidade que se concerta com a sua natureza. Parece que o artista quiz representar quatro poetas; mas quaes teve elle em mente figurar é o que eu não sei reconhecer, deixando a empreza a quem tiver para isso sagacidade. Demais a mais é difficil distinguir se o artista quiz representar poetas gregos se latinos.

Notarei ainda uma circumstancia, e é o serem encaracolados os cabellos de todas as figuras. Embora elles assim se encontrem em centenas de obras da antiguidade, devem comtudo approximar-se os dois seguintes factos: que todas as razões conspiram para a consideração, que o monumento foi executado na peninsula

---

[41] Clermont-Ganneau, *Sarcophage de Sidon représentant le mythe de Marsyas*, na *Revue Archéologique*, 3.ème Série, tom. XI, p. 164.

para um habitante de Olisipo, e probabilissimamente por um artista peninsular; e que os habitantes d'uma grande parte da Hispania tinham os cabellos annelados, como muitos escriptores antigos o apontaram, e como o demonstram os bustos representados nas moedas ibericas.

Conhecem-se, além do interessante fragmento que hoje publico, dois sarcophagos descobertos no occidente da Lusitania: um é o apparecido nas proximidades de Alcobaça, de que trata Viterbo[42], e que hoje está no Museu do Carmo em Lisboa; outro foi encontrado no Monte-da-Azinheira, concelho de Villa-Nova-de-Reguengos, districto de Evora, e pertence hoje ao Museu municipal do Porto[43]. A obra do sarcophago de Alcobaça é muito menos perfeita. Mas entre o que está no Porto e o friso existente em Chellas ha grandes pontos de relação, começando por ser da mesma pedra: marmore branco chamado de Extremoz. O trabalho é identico num e noutro monumento. As figuras e os trajos então tratados da mesma sorte. Em quasi todas as figuras do sarcophago, do mesmo modo que nas do friso, são os cabellos da cabeça representados por meio de buraquinhos redondos, e as divisões dos dedos apenas apontadas.

Poder-se-hia suppôr que este sarcophago pertenceu a um poeta, em vista do assumpto da sua ornamentação; mas nada se pode avançar a esse respeito. O que é indubitavel é ter sido mandado fazer por um personagem abastado e naturalmente importante.

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[42] *Elucidario*, s. v. *Alcobaxa* e Tab. I, n.º 11.

[43] *Noticia e descripção de um sarcophago romano... comprado pela cidade do Porto para o seu museu municipal, pelo director do seu museu* (E. A. Allen) Porto. 1867.

ESTUDIO DEL SARCÓFAGO ANTROPOIDE Y ESQUELETO QUE CONTIENE, ENCONTRADOS EN CÁDIZ EN 1887

Con ocasion de nivelar el terreno en que se habia de celebrar la Esposicion marítima nacional, se descubrieron, á mas de bronces y lápidas funerarias, varios sepulcros, tres de los cuales, á unos treinta metros de distancia del sitio en que se encontraba la necrópolis romano-gaderitana á que pertenecian las referidas lápidas, parecian ser de fecha mas remota que estas.

No obstante haberse ya ocupado de esas tres sepulturas nuestro erudito paisano el ilustre malageño dr. Don Manuel Rodriguez de Berlanga, en el número de esta revista correspondiente al mes de Marzo del pasado año 1888, trataremos de estudiar, bajo el punto de vista antropológico, los restos hallados en ellas.

De estos tres sepulcros, dos fueron descubiertos á fines de Febrero, y el de mayor importancia el 30 de Mayo de 1887, en el sitio llamado *Punta de la Vaca*, al Este de Cádiz, á unos mil trecientos metros de la *Puerta del Mar*, y á poca distancia del mar.

Segun los datos recogidos por nosotros y los publicados por el dr. Berlanga en su citada memoria, las tres tumbas se hallaron contigüas, escavadas en la piedra calcárea de una pequeña colina. y rellenos los huecos hasta la cumbre de esta de arcilla impermeable. Dentro de la escavacion practicada en dicha piedra caliza, se habian construido tres conpartimentos con destino á igual número de sepulturas; la principal dirigida al Oeste, mientras que las otras dos, unidas, se hallaban á sus pies.

Estas dos últimas contenian restos humanos, una de hombre, otra de mujer, reducidos á fragmentos, y repectivamente restos de armas de hierro y de un collar de trozos de tibias, y un magnifico anillo de oro, en el cual se halla engastada una piedra giratoria, que ostenta, grabados en hueco, un escarabajo, el *Ateuchus sacer* de los egipcios, y una figura de mujer de cuerpo entero, y un collar de oro, marfil, esmalte azul y ágata, pertenecientes los dos últimos objetos á la sepultura de la mujer.

Espléndida sepultura era la principal, que bien podemos llamar, con el dr. Berlanga, antropoide, hallandose constituida por un arca hueca de mármol de una sola pieza, de dos metros quince centimetros de largo por sesenta y siete de anchura máxima, cu-

briendola otra tanbien monólita, que representa un hombre de edad madura, bien poblada barba y rizado pelo, revestido por rígido trage que le cubre hasta sus desnudos pies, ostentando en la mano izquierda, cuyo brazo está doblado en ángulo recto hacia dentro, un corazon, y teniendo asida con la derecha, pendiente y bien esculpida, aunque poco destacada, como la anterior, una corona, pintada al fresco, de la que hoy apenas se notan vestigios. Tiene, á mas, la cabeza provista de una terminacion cilindrácea, que, dado el caso sea adorno, es bien difícil de explicar. ¿Será, suponiendo esto último, acaso el simbólico *pschent* de los sacerdotes egipcios, la *tiara* del navegante tirio, el *apex* del augur romano, ó simple adorno de caudillo cartaginés ó celtíbero?

Ni nos inclinamos á esto último, á pesar de la muy respetable opinion del dr. Berlanga, ni aceptamos las no menos autorizadas del ilustre dr. Hübner y del ex.mo sr. Don Adolfo de Castro, que lo suponen fenicio ó romano, creyendo que es solo un simple saliente para asir la tapa del sarcófago, como los otros tres que esta presenta á los lados y á su pié.

Dirásenos acaso que el mero hecho de haber sido hallado un esqueleto entero dentro del citado sarcófago no arguye la imposibilidad de que fuera romano, pues los *Cornellii* hasta el tristemente célebre Sila, fueron enterrados y no quemados, siendo esta forma de sepelio comun á muchas familias romanas[1], que su barba recuerda la de los Antoninos, aunque aun mas la del Zeus de Fidias que ostentan las monedas de Élida; mas, á pesar de esto, la forma hierática de la estatua nos recuerda en algo los antigüos ξόανον griegos, y quizás tanbien la Ηρα encontrada hace pocos años en Samos[2], y su faz es semejante á la de las estatuas arcaicas del mejor estilo, por lo que podemos afirmar que es obra de un artista griego, influenciado aun por el hierático estilo egipcio, ó de un gaderitano discípulo de esta escuela.

Prueba de esta afirmacion nos la dá el erudito dr. Berlanga en su citado artículo, quien compara el referido sarcófago con el de Esmunezar, rey de Sidon, construido de análoga manera, aunque afortunadamente provisto de bien legible inscripcion, y con otros tanbien antropoides, mas sin inscripcion alguna, hallados, como el anterior, en Fenicia, y conservados actualmente en el Louvre; obras, segun el duque de Luynes, ejecutadas por artistas inbuidos en las teorias estéticas del arte griego.

Tanbien parece infirmar la idéa de que este sarcófago perte-

---

[1] XII Tablas; Plin. *H. N.*, VII, 5 y XXXV, 27.
[2] Maxime Collignon, *Arch. grecque*, p. 138.

neciese al arte romano, la circunstancia de hallarse la imágen en el esculpida con túnica, jamás usada por los romanos en actos solemnes[3].

En cuanto á que el adorno de la cabeza fuera el *pschent* egipcio, no lo creemos en manera alguna sostenible por lo que antes hemos dicho, y porque aunque no fuese extraño hallar en Cádiz restos de los sectarios de Isis, y mas aun despues de habernos citado Silius Itálicus[4] su existencia en esta ciudad, muy dificil nos parece explicar la significacion de la barba y bien rizada cabellera de la estátua, barba jamás usada por ningun egipcio, á mas de la del corazon que tiene asido en la mano izquierda, simbolo mas propio de un sanguinario cartaginés ó celtibero, que de los pacificos comedores de ajos, que tan gran horror profesaban á la efusion de sangre.

Pasemos ahora á la descripcion del esqueleto, desprovisto por completo de adornos, que reposa desde luengos siglos en tan espléndido féretro.

Este, en perfecto estado de conservacion, esceptuando la cara, nos muestra tan extraña mezcla de carácteres de superioridad é inferioridad, que es en extremo dificil asignarle un tipo determinado.

Expondremos las medidas que, con escasos medios, hemos podido tomar sobre él, gracias á la amabilidad de nuestro muy querido amigo el Pbro. Don Francisco Asis de Vera, dignisimo director del Museo Arqueológico Provincial de Cádiz, en que los citados restos se conservan, discutiendo despues á que raza, á que pueblo, parecen convenir los datos recogidos.

MEDIDAS TOMADAS EN EL CRÁNEO

Diámetro antero-posterior, de la gabela al inion	178	mm.
» transversal máximo	140	»
» vertical ó basilo-bregmático	117	»
» transverso frontal máximo ó estefánico	119	»
» » » mínimo	93	»
Curva horizontal anterior	177	»
» » posterior	340	»
» » total	517	»
Distancia del basion al inion	64	»
» del basion al punto alveolar!	80!	»

[3] Cic., *Ver.*, XXXIII.
[4] Sil. Ital., *Punic.*, III, V, 24 á 28.

Anchura máxima de la fosa temporal	100 mm.
Altura máxima de la misma (tomada del centro de la cisura de Glasser)	80 »
Distancia mínima de la curva fronto-parietal á la sutura sagital	70 »
Volúmen del cráneo (cubicacion hecha con alpiste)	1280 cc.

Indices

Cefálico	= 78,6
Angulo ocipital de Daubenton	= + 3°
Indice vertical $\left(\frac{\text{basilo-bregmático} \times 100}{\text{D. antero posterior máximo}}\right)$	= 66
Indice $\left(\frac{\text{vertical} \times 100}{\text{D. transverso máximo}}\right)$	= 83,6
Indice $\frac{1}{2}\left(\frac{\text{vertical} \times 100}{\text{D. ant. post. max.}} + \frac{\text{vertical} \times 100}{\text{trans. max.}}\right)$	= 74,8
Indice estefánico $\left(\frac{\text{D. min. frontal} \times 100}{\text{D. max. frontal}}\right)$	= 78,1
Indice frontal $\left(\frac{\text{D. frontal max.} \times 100}{\text{D. trans. max.}}\right)$	= 85,0

MEDIDAS TOMADAS EN EL RESTO DEL ESQUELETO

Altura total aproximada	$1^m,65$
Altura del tronco (del atlas al sacro) aprox.	$0^m,68$
Anchura máxima de la pelvis	$0^m,26$
Longitud máxima de la misma	$0^m,20$
» del húmero	$0^m,282$
» » radio	$0^m,215$
» » fémur	$0^m,410$
» » tibia	$0^m,332$

Indices

Indice pelviano	= 76,8
$\frac{\text{Húmero} + \text{radio}}{\text{tronco}} \times 100$	= 73,5
$\frac{\text{Fémur} + \text{tibia}}{\text{tronco}} \times 100$	= 109

Fémur : 100 : : húmero : 68,4
Húmero : 100 : : radio : 76,2
Fémur : 100 : : tibia : 81,0
Fémur + tibia : 100 : : húmero + radio : 66,9

CARÁCTERES DESCRIPTIVOS

La forma de la frente es trapezoidal redondeada, siendo su gabela poco apreciable, su térion se halla, como en la inmensa mayoria de los cráneos humanos, en H, siendo sus fosas temporales poco profundas, é inclinadas de un modo bien marcado de arriba abajo y de fuera adentro.

El plano del agujero ocipital prolongado hacia delante termina en el cornete medio, por lo que, siguiendo la nomenclatura de Broca, le corresponde la letra I. Su inion es de pequeñas dimensiones, pudiendosele asignar la cifra 12 en la escala del autor antes citado, y que tantas veces nos veremos obligados á citar; faltando por completo huesos wormianos, hallandose en el cráneo solo soldadas las suturas esfeno-basilar y sagital, siendo las paredes de este de poco espesor y encontrandose, en vez de los agujeros emisorios de Santorini, dos, uno á cada lado, colocados simétricamente en la escama del frontal, y proximos á las articulaciones de este con los parietales.

Preciso nos ha sido prescindir por completo del ángulo facial, dato de primer órden en esta clase de trabajos; pero, careciendo el cráneo de que hablamos de los huesos de la cara, nos hemos visto á ello obligados, pudiendo afirmar, sin embargo, que este ángulo es bastante abierto.

El maxilar inferior, de coloracion amarillenta, que contrasta singularmente con la grisaceo-azulada del resto del esqueleto, es, no obstante hallarse algo deteriorado, en extremo notable.

Este hueso es ortoñato, de cóndilos dirigidos fuertemente de dentro á fuera, y ligeramente de arriba abajo, formando un ángulo de vértice interno de unos 160º. Es bastante pequeño, siendo su menton casi inperceptible, y sus dos únicos tubérculos genii poco desarrollados, al contrario de sus largas espinas de Spix. Fuertes rugosidades presenta este maxilar en la parte correspondiente á la insercion de los pterigoideos internos; viniendo á caer en él sus agujeros mentonianos precisamente debajo del primer molar de cada lado. Faltanle todos los incisivos y molares del lado izquierdo, escepto el primero de estos últimos, mostrandose la mandibula tan corroida en el sitio que debieron ocupar estos, que el díploe es claramente perceptible. La corona del primer molar izquierdo se halla muy desgastada, habiendo desaparecido el canino á el contigüo, soldandose el alvéolo de este, y notandose, bajo el sitio que debió ocupar, el maxilar desgastado por la carie, carie padecida muchos años antes de morir el individuo, por hallarse restablecida la lámina vitrea, no obstante lo profundo de la lesion.

Estudiando los demas restos de la cara, se nota en ellos poco

proñatismo, la carencia de inter-maxilares, y el no hallarse soldados los maxilares entre si.

El esternon está soldado al apendice xifoides, mientras que no lo está el coxis al sacro, datos que nos permiten afirmar haber ocurrido la muerte del sujeto de que nos ocupamos entre los cuarenta y cinco y los cincuenta y cinco años.

La cavidad oléerana del húmero se halla inperforada, al contrario de lo que ocurre en uno de los diez hallados en la necrópolis romano-gaderitana á pocos metros de él.

Nada de particular, nada que demuestre un proceso patológico del sistema óseo se nota en el resto de este esqueleto.

Pasemos ahora a tratar de descubrir algun carácter de raza que pueda deducirse de las medídas ya expuestas.

Resalta al primer golpe de vista que estos restos son de bien dificil clasificacion. En efecto, se hallan en ellos aminorados de tal manera alguno de los carácteres propios del hombre, que si aceptásemos por completo la teoria de Vogt, solo pudieron ser de un estúpido, de un ser indigno del magnífico féretro que, con tanta fidelidade, durante luengos siglos ha custodiado sus restos.

El pequeño volúmen de su cráneo, 1280 cc., no permitiendonos considerarle como semi-microcéfalo, nos lo haria comparar, segun Barnard Davis con un australiano; y, sin embargo de esto, esceptuando su marcada platicefalia, es, si se nos permite la frase, bastante armonioso por ser en él pequeñas, en justa proporcion, todas las dimensiones.

Su mesaticefalia (Broca), ó su sub-braquicefalia (Huxley), cuyo indice es de 78,6, nos permite afirmar que seria punto menos que imposible perteneciese á un egipcio, como se ha afirmado por eruditos de justo renombre, que sin duda alguna no han podido estudiar con toda detencion este esqueleto.

Más probabilidades existen de que pudiera ser un *semita*, esto es, un tirio ó un cartaginés, sin embargo, sus indices cefálico, estefánico y frontal, y su ángulo ocipital, asi como su *norma verticalis*, contradecirian este aserto, aunque sea mas probable que el primero.

Todos sus carácteres reunidos, sobre todo la *norma verticalis*, la forma de la frente, su ángulo parietal negativo, esceptuando solo dos, la pequeña capacidad del cráneo, y su indice cefálico inferior á 80, son caracteristicos del tipo celta, unico que creemos que, con probabilidades de acierto, puede asignarse al esqueleto de que nos ocupamos.

El primero de los carácteres, esto es, la pequeñez general del cráneo, es por completo negativo, pues si lo fueramos á tomar como dato étnico de primer órden, dificilmente podriamos clasificarle, no

ya entre los australianos, sino aun entre los cráneos ante-históricos de Torremolinos y Neanderthal. En cuanto al segundo, parece indicio cierto de la mezcla en él del tipo celta con otro sub-dolicocéfalo.

Por mas que uno de los mas ilustres arqueologos de nuestra España haya afirmado que lo que al dr. Berlanga, R. P. Vera y ex.mo sr. Don Adolfo de Castro parece corazon, sea una adormidera, mas bien creemos, por su bien marcada forma, en que se ha exagerado el surco inter-auricular, sea lo primero, en cuyo caso bien pudiera significar la estatua yacente del sarcófago algun alto personaje, desceñida la corona al notar en el corazon de la victima funestos augurios, muy aplicables á su fúnebre empleo.

En cuanto á los restos hallados en las dos sepulturas contigüas á la de que nos hemos ocupado, se hallan en tal estado de deterioro, reducidos, no obstante su dureza, á tan pequeños fragmentos, que es por todo extremo dificil poder decir algo de ellos.

El cráneo del hombre, de color amarillento, es de un espesor extraordinario, careciendo de diploe y hallandose su frontal muy deprimido, casi sin gabela y provisto de gruesos arcos superciliares.

Su mandibula inferior, rota en varios fragmentos, carece casi por completo de tubérculos genii, siendo algo proñata y presentando aun intacta toda la dentadura, de precioso esmalte.

En los fragmentos de este cráneo, se hallan sin soldar casi todas sus articulaciones, dato que, unido al poco desgaste de sus dientes y á la presencia de sus terceros grandes molares, nos demuestra ser de un hombre adulto y joven aun.

Unido á un cúbito de caballo, que no sabemos con certeza si fué encontrado con él, se halló este esqueleto, conteniendo su sepultura dos trozos informes de hierro que debieron ser armas, á mas de otro de este mismo metal, mucho mejor conservado, en el que creemos se puede reconocer el *soliferreum* de que nos habla Tito Livio[5].

Una estrella de barro sin cocer, con cinco puntas, que quizas fuera un amuleto, fué hallada por nosotros al rebuscar en el cajon que contenia estos restos, asi como otros de pequeña vasija de barro rojo, finisimo.

Extraños son por extremo los adornos que se encontraron al abrir el sepulcro donde reposaban estos restos, adornos consistentes en trozos de tibias, al parecer humanas, agujereadas no solamente en sentido axial, sino tanbien en el perpendicular á este, y

[5] Liv. XXXIV, 14.

que debieron servir de adorno guerrero, acaso recuerdo de alguna horrible hazaña.

Los restos hallados en el otro sepulcro pertenecieron a una mujer, consistiendo la mayor parte en trozos informes, entre los cuales se halla un coronal harto deprimido, y un maxilar inferior muy pequeño, de bien desarrollado menton, desprovisto de dientes y de distinta coloracion que los demas restos, por lo que dudamos le perteneciera.

Con este esqueleto, fueron hallados un anillo de oro con doble sello giratorio, de origen, segun el dr. Berlanga, oriental, y un collar, tanbien de oro y piedras, piezas que afirman las personas que han podido verlas, son de bastante mérito artístico; pero que, por no conservarse en el Museo Arqueológico de esta ciudad, é ignorar donde se encuentran, no hemos podido estudiar.

Reasumiendo lo expuesto, teniendo en cuenta, la forma arcaica griega de la cabeza esculpida en el sarcófago antropoide, el estudio del esqueleto en él contenido, asi como el de los restos y objetos hallados en las dos sepulturas próximas á aquel, creemos que el citado esqueleto es de algun egregio prócer celtibero, de algun ilustre magistrado gaderitano, investido como tal de funciones sacerdotales y representado en el ejercicio de estas; e que los otros dos son de algun pariente ó aliado suyo, jefe de alguna bárbara tribu céltibera de los contornos, y de su mujer, unidos ambos por estrecho vinculo al prócer; que, unos y otros, deben remontarse al siglo IV° ó V° antes de nuestra era; y que la coloracion gris azulada del esqueleto contenido en el sarcófago, no obstante contrastar con la amarillenta de los otros restos, es solo debida á una prolongada estacion en medios diversos.

Imposible nos es describir, como deseariamos, la posicion en que fueron hallados estos restos y la topografia esacta de sus tumbas, pues no habiendose levantado actas mas que á la apertura del sarcófago antropoide, ni dado órdenes para ello al Arquitecto Provincial que dirigia los trabajos de nivelacion, al efectuar los cuales se encontraron, hoy, pasados mas de dos años, es de todo punto imposible reunirlos ni aun aproximadamente.

Cádiz 26 de Noviembre de 1889.

MANUEL SANCHEZ—NAVARRO Y NEUMANN

BIBLIOGRAPHIA

Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Comptes rendus des séances de l'année 1889. Quatrième Série, Tome xvii. Bulletin de Juillet-Août:

Séances de Juillet-Août.—Communications: xxii *Note sur les fouilles de Vulci*, présentée par M. Geffroy, directeur de l'École française de Rome.—Appendice n.° III *Rapport du Sécretaire perpétuel de l'Académie des inscriptions et belles-lettres, sur les travaux des commissions de publication de cette Académie pendant le premier semestre de 1889, lu le 19 juillet 1889.*—Livres offerts.

Bulletino dell'Imperiale Istituto Archeologico Germanico. Sessione Romana. Vol. iv. Roma, 1889.

Fasc. 2.—G. F. Gamurrini, *Il matrimonio italico. Discorso letto nella seduta solenne del Natale di Roma il 12 aprile 1889* (tav. IV).— A. Mau, *Scavi di Pompei.*—H. Winnefeld, *Antichità di Alatri* (tav. V. VI).—A. Schneider, *Zu den attischen Kleinmeistern* (taf. VII).—C. Wernicke, *Bronzi di Epidauro.*—Th. Mommsen, *Miscellanea epigrafica.*—Ch Hülsen, *Il cesto dei pugili antichi.*—H. Dessau, *Note di epigrafia.*—Sitzungsprotocol'e.

Fasc. 3.—Botho Graef, *Herakles des Skopas und verwandtes* (taf. VIII. IX).—Ch. Huelsen, *Jahresbericht über Funde und Forschungen zur Topographie der Stadt Rom 1887–1889.*—A. Mau, *Bibliografia pompeiana.*

Revue Archéologique, publiée sous la direction de MM. Alex. Bertrand et G. Perrot.—Troisième Série.— Tome xiv, Livraison de Novembre-Décembre, 1889.

Texte: *Étude sur quelques cachets et anneaux de l'époque mérovingienne* (suite),par M. M. Deloche.— *Le cylindre de Urkham, au Musée Britannique*, par M. J. Menant.— *Les tablettes cunéiformes de Tel-el-Amarna*, par M. A.-H. Sayce, traduction de M. Salomon Reinach.—*Inscriptions de la cité des Lingons, conservées à Dijon et à Langres*, par M. Robert Mowat.—*Catalogue des vases peintes grecs et italo-grecs de collection de M. Bellon*, par MM. Chamonard et Couve. Préface de M. Maxime Collignon.— *Tête en marbre du Musée de l'Acropole d'Athènes*, par M. Henri Lechat.—*Le pape Urbain V. Essai sur l'histoire des arts à Avignon au* xive *siècle*, par M. E. Muntz.— *Bulletin mensuel de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres.*— *Société nationale des Antiquaires de France.*— *Nouvelles archéologiques et correspondance.*— *Bibliographie.*— *Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité romaine*, par M. René Cagnat.

Planches: XXII. *Cylindres royaux, premier empire de Chaldée.*— XXIII. *Tête de marbre du Musée de l'Acropole.*— XXIV. *Mausolée du pape Urbain V.*

A ARCHEOLOGIA NOS «LUSIADAS»

PROEMIO

Teem sido considerados ou estudados já alguns dos numerosos elementos que entraram na composição dos «Lusiadas», o palladio da nacionalidade portuguesa. Varios escriptores se occuparam já da copia de noções alli contidas interessando á botanica[1], á zoologia[2], á geographia[3], etc.: resta, porém, ainda muito que estudar no poema, como a mineralogia, a meteorologia, a astrologia, a milicia, a nautica, a ethnologia, a historia.

Outro importantissimo trabalho, ainda a fazer, é de certo o estudo critico das fontes de que se serviu Camões: quer a averiguação e avaliação das origens dos vastos conhecimentos que mostra sobre muitos ramos do saber, quer a determinação cabal das obras especialmente por elle consultadas para a colheita dos factos que sublimou em magnificas estrophes. O conjuncto de todos esses estudos formaria um dos maiores monumentos que é possivel elevar ao grande genio.

Eu, admirador apaixonado (quem pode deixar de sel-o?) das obras de Camões, cuja leitura tanto mais me deleita, quanto mais a repito, a cada passo encontro ensejo de fazer novas observações; e, julgando poder illucidar alguns pontos do poema, vou tractar da «archeologia nos «Lusiadas».

Em cada estrophe do poema, permitta-se-me o exaggero da expressão, se nos deparam noticias, menções ou allusões, que constituem para nós uma larga copia de antiguidades: e seria de indiscutivel interesse um estudo geral dos costumes, trajos, usos, crenças, objectos, machinas, apparelhos, em summa de todas as coisas pertencentes aos fins do sec. XV e á primeira metade do sec. XVI, e que, modificando-se ou desapparecendo, são actualmente para nós verdadeira archeologia. Embora se tenha alguma coisa dito,

---

[1] *Flora dos «Lusiadas»* pelo Conde de Ficalho, Lisboa. 1880.—8.º

[2] *Fauna dos «Lusiadas»* por Eduardo Sequeira (*Bol. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, serie VII, n.º 1, e *Extracto*). 1887.

[3] *A geographia dos «Lusiadas»* por A. C. Borges de Figueiredo, e *Carta da geographia dos «Lusiadas»* pelo mesmo auctor.

está pela maior parte disperso por varios livros. Estudar, descrever, determinar e exemplificar com reproducções de monumentos, ou com o traçado hypothetico na falta de originaes (mas traçado rigoroso e não phantastico como modernamente nalgumas publicações se pratica), as armas e machinas de guerra usadas por nossos antepassados; as naus, galés e outras embarcações por nós construidas em nossos estaleiros ou cujo typo desappareceu ou se alterou; os instrumentos de nautica; os trajos civis, militares e religiosos; quaes os objectos de commercio, as fazendas, os adornos, as quinquelharias, que se fabricavam no reino ou que se importavam: tudo isso formaria um conjuncto de dados importantissimos sob os diversos pontos de vista archeologico, historico, artistico e economico.

O que, porém, deve entender-se por «a archeologia nos «Lusiadas», não é tudo quanto alli nós hoje encontramos de antigo com relação ao nosso tempo; mas sim o que na epocha de Camões constituia já a classe das antiguidades.

Não me detenho em ponderações sobre a distincção entre a archeologia e a historia, pois fazer tal implicaria dúvida da illustração do leitor; mas, fazendo esta reflexão, observo que é difficil, na analyse que me proponho, estabelecer com toda a precisão o limite que separa uma da outra. Ora, como o melhor meio de obstar a confusões e incongruencias, é determinar bem o objecto do trabalho, cumpre-me indicar que é meu proposito tratar unicamente do que é do dominio exclusivo da archeologia com respeito ao nosso país. É obvio que pouco interesse haveria em dissertar sobre

o sagrado templo de Diana
Do subtil Ctesiphonio fabricado (II, 113)

em discursar ácerca da *confusa Babel* (III, 64) e do *colosso de Rhodes* (V, 40); em repetir o que se tem dito do templo de Jupiter Ammon (VII, 48), do bifronte Jano (*ibid.*), de Anubis Memphitico (*ibid.*). Do mesmo modo seria bem pouco interessante accumular observações sobre a mythologia. Tudo isso está feito.

O estudo da *archeologia nos «Lusiadas»*, é objecto que considero de importancia, já por serem incompletos os commentarios com que foram illustradas algumas passagens do poema, já por serem erroneas as conclusões que se hão tirado, e que teem perseverado, de varias allusões do poeta. Camões que caminhou tão adeante do seu tempo na linguagem, não podia ter avançado na sciencia. Camões era um poeta; não lhe competia como tal profundar as questões scientificas, discutir problemas de ethnographia, historia, geographia, astronomia; mas acceitar os dados que as chronicas nacionaes e os escriptores antigos e seus coevos lhe mi-

nistravam, as tradicções populares, e embellezar e engrandecer a sua epopêa com todos os elementos historicos e lendarios que podessem produzir o maravilhoso e despertar o enthusiasmo, o patriotismo. Não devemos, pois, de modo algum censurar o grande poeta por algumas inexactidões archeologicas que se encontram na sua obra; elle falou segundo o sentir e o saber da sua epocha, e não pretendeu incutir noções erroneas, senão reunir tudo quanto podia, segundo as idéas d'então, engrandecer a gloria dos portugueses. E ainda assim, nota-se por vezes que elle foi cautelloso na menção de diversos factos; pois que em geral deixa á tradição a responsabilidade do que conta.

I

VIRIATO

(e, a proposito, o Monte Herminio)

Em varios pontos da sua epopêa faz Camões menção do famoso caudilho lusitano conhecido pela designação de Viriato.

Na prática de Jupiter aos deuses reunidos no Olympo em concilio sobre as coisas do Oriente, diz o Padre poderoso falando dos lusitanos:

> Deixo, deuses, atraz a fama antiga,
> Que co'a gente de Romulo alcançárão,
> Quando com Viriato na inimiga
> Guerra Romana tanto se affamárão. (I, 26)

Esta menção repete-se tres vezes, mais ou menos amplificadamente, no poema. Quando o Gama está explicando ao Catual as figuras pintadas nas bandeiras da armada portuguesa, encontra-se a seguinte passagem.

> «Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
> De mortos, com presença furibunda?
> Grandes batalhas tem desbaratadas,
> Que as aguias nas bandeiras tem pintadas».

> Assi o Gentio diz: responde o Gama:
> «Este que vês, pastor já foi de gado;
> Viriato sabemos que se chama,
> Destro na lança mais, que no cajado:
> Injuriada tem de Roma a fama,
> Vencedor invencibil, affamado:
> Não tem com elle, não, nem ter podérão
> O primor que com Pyrrho já tivérão.

«Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tirárão, que os espanta;
Que o grande aperto em gente, indaque honrosa,
A's vezes leis magnanimas quebranta». (VIII, 5–7)

Nestas duas passagens apresenta-nos Camões os topicos principaes da vida e acções do heroe lusitano[4], de quem falam com mais ou menos louvor os proprios escriptores romanos, Livio, Floro, Valerio Maximo, Aurelio Victor e outros, excepção feita de Cicero, que apenas entendeu dever classifical-o de barbaro feroz. O patriotismo do grande orador tornou-o injusto. Naquelles auctores, pois, e principalmente nos gregos Appiano, Diodoro da Sicilia e Dion Cassio, se podem ver as poucas mas interessantes noticias que da mysteriosa existencia do aguerrido patriota elles nos conservaram.

Além das passagens transcriptas, outras do poema são consagradas ao vencedor do consul Fabio Serviliano. Numa parte, faz dizer a Vasco da Gama, na sua narração ao rei de Melinde, depois de descrever Portugal, que conforme ao uso erudito do tempo chama Lusitania:

D'esta a Pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve. (III, 21)

Adeante quando o Gama explica ao Catual o combate, representado numa bandeira, de dezesete portuguezes contra muitos castelhanos junto de Almada, durante a guerra entre o Mestre de Aviz e D. João de Castella, exprime-se d'esta sorte, referindo se aos lusitanos:

Sabe-se antiguamente que tresentos
Já contra mil Romanos pelejárão,
No tempo que os virís atrevimentos
De Viriato tanto se illustrárão. (VIII, 36)

Vê-se nos dois ultimos trechos repetida a mesma idéa da origem do nome do heroe lusitano, insistindo o poeta em derival-o do termo latino *vir*, varão. Não é para extranhar, que o épico houvesse imaginado uma tal etymologia, movido da semelhança do

[4] Advirta-se que me refiro ao Viriato defensor da liberdade da Hispania, e não ao personagem do mesmo nome que Silio Italico menciona como um dos combatentes de Cannas, morto pelo consul Paulo Aemilio (*B. P.*, X, 219–220):

Quum Viriathus agens telis, regnator Iberae
Magnanimus terrae...

Entre a batalha de Cannas e as primeiras façanhas do grande Viriato, decorreram uns setenta annos.

termo latino com o primeiro elemento da outra palavra; sabe-se como no seculo XVI e ainda quasi até aos nossos dias se *fazim etymologias*.

Se muito pouco conhecemos da vida do famoso lusitano, quanto ao seu nome ignoramos absolutamente qual fosse. O termo Viriato é apenas um qualificativo. Plinio diz, falando dos braceletes ou pulseiras usados pelos homens, *viriolae celtice dicuntur, viriae celtiberice*[5]. Semelhantemente sabemos que *torques* significava collar: e que T. Manlio tendo morto um gaulês lhe tirou o que trazia e se adornou com elle, tomando ou recebendo d'ahi em deante o cognome de *Torquato*, isto é, homem que traz um torques ou por elle se distingue[6]. Temos pois que Viriato quer dizer sómente o «homem que se distingue pelo porte d'uma *viria* ou bracelete». Mais tarde, porêm, passou o termo a servír de cognome tambem, e foi vulgar na Lusitania[7].

Ao nome de Viriato anda ligado, desde a epocha do Renascimento, o do *Monte Herminio*, na supposição de que algumas das acções do celebre lusitano haviam tido como theatro uma montanha assim chamada; chegando até a dar-se a denominação de *cava de Viriato* a um antigo campo fortificado junto a Vizeu. Estas lendas não derivam d'uma tradição popular; foram forjadas por eruditos como Brito e Resende, e acolhidas sem discernimento algum. Na serra da Estrella (que teem querido identificar com o Herminio de Hirtio[8] e de Dion Cassio[9]) não ha lenda popular de Viriato, nem me consta que se encontre em outro ponto da peninsula; o que de resto não invalidaria a minha opinião, por ser certo que algumas vezes, ainda que raras, uma lenda erudita se popularisa com o tempo. Veremos que nenhuma relação ha entre Viriato e o Herminio; e ao mesmo tempo veremos o que se pode apurar sobre a identificação d'esta designação locativa. Comquanto Camões não fale do Herminio nem da serra da Estrella, entendo não ser fóra de proposito tratar aqui este objecto, pela supposta ligação que sempre se considerou entre estes logares e Viriato.

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[5] Plin., *H. N.*, XXXIII, 40.

[6] A. Gellio. *Noct. Att.*, IX, 13; Liv. VII, 10.

[7] *C. I. L.*, II, 684 (Santa Cruz de la Sierra, Esp.), 791 (Coria, Esp.), 2435 (Avellar, perto de Braga), 2970 (Gastian, perto de Estellam, Esp.); *Rev. Arch.* I, p. 81 (Viseu). As inscripções, dadas como relativas ao Viriato historico, são falsas. Só uma (*C. I. L.*, II, 49*) pode ter sido authentica, mas nesse caso foi viciada ou mal lida; é a que diz: hic iacet viriatus lusitanus dux. Eu considero-a absolutamente falsa.

[8] Hirt., *B. Alex.*, 48.

[9] Dion Cass., 37, 52, 59.

ANTIGUIDADES ROMANAS DE CHELLAS*

II

ESCULPTURA

2

No livro de Azevedo, a quem devemos a maior copia de noticias relativas a Chellas, lê-se ainda o seguinte: «Entre as mais pedras, e antigualhas, que forão achadas na reedificação da Igreja do Mosteiro de Chellas foy huma pedra quadrada com huma Cruz lavrada, que a divide em quatro partes, quarteada de huma malafada, e huma rosa mal feita, que logo parece não ser obra Romana, a qual dizem (não sabemos com que fundamento) ser as armas de Vuamba, como o declara o letreiro, que está sobre a Capella de S. Felix»[44]. O sr. V. Barbosa diz d'este monumento, na mesma passagem em que fala do fragmento que tem a data E. D. M: «por cima, em bastante altura, acha se outra pedra de fórma quadrada. resaltando da parede. e que não terá menos de metro e meio em cada face. É guarnecida de moldura e esquartelada, tendo em dois quadrados duas rosas ou florões, e nos outros dois um lavor espherico a modo de botão. Afigura-se-nos ser peça de tecto d'um peristylo»[45]. Estas duas descripções completam-se.

Dou aqui um schema do monumento, que está ainda no mesmo local indicado pelo sr. V. Barbosa. O meu amigo Gabriel Pereira, que visitou o edificio antes de começarem as obras que ultimamente alli fizeram e a que já alludi, viu no claustro velho uma pedra identica, já partida, que actualmente não foi possivel encontrar. Tanto uma como outra podem muito bem ter sido peças

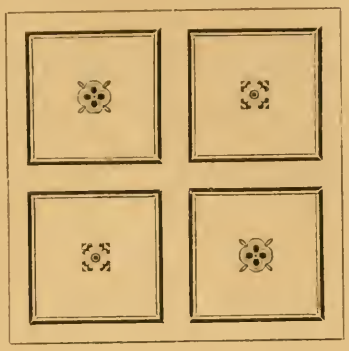
---

* (Continuado de p. 15).

[44] Azevedo, IV, 10. O lettreiro ficou transcripto a p. 4.

[45] *Arch. Pitt.*, VII, p. 380.

de tecto, como opina o sr. Barbosa. Parece-me poder affoitamente affirmar-se que é trabalho romano.

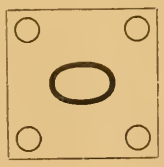


Os florões são quintifolios com um botão central; dois são rodeados d'um annel liso.

3

A chamada *ara das vestaes*, que, segundo já vimos[46], tinha *um buraco oval no meio e quatro mais pequenos nos cantos*, e de que não encontrei o mais pequeno vestigio, foi provavelmente um monumento romano.

Eis, segundo as descripções, qual a disposição das cavidades ou orificios:



Pode optar-se por que a pedra fosse effectivamente a parte superior dum altar domestico, a *ara impluvii* com a sua competente cavidade (*focus*, *foculus*) onde se accendia o fogo e se consumiam as offertas. As cavidades pequenas nos cantos seriam acaso destinadas a receber as extremidades de hastes que sustinham figuras de divindades? Lembro-me de que li ou ouvi esta hypothese, sem poder dizer onde nem quando, com referencia ás aras de Panoias.

[46] Vej. p. 7.

Mas não é tambem despropositada a hypothese, que a pedra fosse a parte superior d'um monumento funebre; o buraco oval seria a cavidade do cippo destinada a conter as cinzas: e os quatro pequenos buracos dos angulos seriam feitos com o fim de nelles se collocarem outras tantas pequenas urnas funerarias[47].

Poderia até ser uma simples *mensa* funeraria, que tinha ao centro um orificio, por onde se lançavam perfumes no interior da sepultura.

Não tendo visto o monumento, apresento estas tres hypotheses, sem ter motivos para preferir nenhuma d'ellas, mas notando que a ultima é a menos acceitavel.

III

NUMISMATICA

Consta-me que por varias vezes appareceram dentro do recinto do mosteiro moedas romanas, mas desconheço o destino que levaram, ficando na ignorancia das epochas a que pertenciam.

Ultimamente comtudo, por occasião de serem destruidas as ruinas do claustro antigo e de se terraplenar o local para servir de deposito de material de guerra, encontrou-se, além de moedas portuguesas, um mediano bronze de Elagabalo, que foi obtido pelo sr. Estacio da Veiga. Este bem conhecido archeologo, sabendo que eu estava tractando das antiguidades romanas de Chellas, teve a gentileza de m'o offerecer. Apezar do muito mau estado da moeda, pude classifical-a:

[IMP C]A[ES M A]VR ANTON[INUS PIVS AVG]—Busto laureado de Elagabalo com rosto juvenil, voltado á direita, com o paludamento.

℞. VICTOR AN[TONINI AVG]S C—Victoria, caminhando para a direita, tendo na mão esquerda uma palma que se lhe apoia no hombro, e erguendo uma corôa na mão direita[48].

*

[47] Desconheço as dimensões da pedra, pelo que não sei se poderá comparar-se á urna mandada fazer por *P. Aelius Phoebus Aug. lib.* para si e seu filho *P. Aelius Callinicus*; vej. Montfaucon, *Ant. Expl.*, v, p. 95 e est. LXXXII.

[48] Cohen, *Mon. frappées sous l'empire romain*, III, p. 543, n.º 227 (Gravada).

MONUMENTOS ROMANICOS

(Est. II e III)

Ficam descriptas as antiguidades de Chellas, evidentemente romanas umas, outras que, segundo penso, se devem reputar como taes. Além d'essas, foram consideradas romanas outras, que o não são. Assim, antes de apresentar as conclusões que entendo dever tirar dos factos expostos, julgo conveniente descrever ess'outros monumentos, que lançam, em minha opinião, grande luz sobre a historia do mosteiro de Chellas. Esses monumentos são tres.

1. (Est. II). Embutida tambem no cunhal do chamado quintal da sacristia, por baixo da inscripção de Julia Fundana, existe um curioso monumeto, que Azevedo é o primeiro a descrever nestes termos: «... outra pedra de seis palmos de comprido, e dous de largo, com tres circulos, e dentro de cada um delles huma figura de animal com azas nos pés, que parecia o Cavallo Pégaso, ou Ipogripho: a qual pedra foy achada com outras em Chellas, abrindo-se os alicerces da Capella Mór»[49]. O sr. Barbosa descreve-o assim: «Pelo gosto do desenho, e por certa perfeição do trabalho, é inquestionavelmente obra dos romanos. Compõe-se o desenho de um gripho (cavallo alado com cabeça de gallo), e um pégaso (cavallo com azas), circundados de festões de folhagem que se cruzam nos intervallos. Este genero de ornatos era muito usado nos frisos dos edificios romanos, sobretudo nos templos, alternando-se aquellas ou outras figuras em toda a extensão do friso. Umas vezes deixavam ficar os lavores simplesmente cavados, como se acham na pedra que a nossa dita gravura representa; outras vezes enchiam-n'os de uma massa negra com a qual imitavam obra mosaica. Parece-nos ser a referida pedra fragmento de intercolumnio, ou de outro qualquer ornamento collocado ao alto, attenta a posição dos dois animaes fabulosos que alli figuram. Pertencia provavelmente ao templo de Vesta»[50].

Este muito interessante e raro monumento, foi, depois de Azevedo escrever, reduzido a dois terços, porque serraram uma parte para o adaptar ao cunhal em que foi collocado. Tem actualmente o comprimento de $0^{m},90$: e a largura é de $0^{m},44$. As cabeças dos dois animaes representados não são absolutamente eguaes, embora sejam muito grandes as semelhanças que existem entre as duas figuras; por isso concordo neste ponto com o sr.

---

[49] Azevedo, III, 8.
[50] *Arch. Pitt.*, VII, p. 380.

Barbosa, considerando que o artista quiz representar na parte superior um pégaso, e na inferior um gripho.

Ao ver o trabalho refendido da esculptura, acode á lembrança o *pavimentum scalpturatum* dos romanos. Mas, um exame attento faz logo abandonar essa ideia. Embora a pedra, calcareo vermelho, tenha soffrido muito da passagem dos annos, nota-se que o artista intencionalmente fez desapparecer todas as arestas, o que certamente não faria, se o refendido fosse destinado a receber um betume qualquer. Assim, pois, esta esculptura foi destinada a constituir só pelo relevo a ornamentação d'uma pilastra.

Não posso subscrever á opinião de Azevedo, que julgou o trabalho romano, nem á do sr. V. Barbosa, que mostra acreditar na existencia d'um templo de Vesta em Chellas.

Tudo contribue para fazer considerar romanico este monumento: o estylo ornamental e a execução.

Identico trabalho refendido se encontra, se bem que muito diverso o assumpto, nuns baixo-relevos que ladeiam o portal da egreja de San-Miguel-de Lillo (perto de Oviedo, Asturias); nelle está, ao que parece, representada a Virgem ou Christo nimbado e Daniel na cova dos leões. «A droite et à gauche de la porte d'entrée, il y a des montants de pierre, sorte de bas-reliefs representant, avec un certain art qui dans sa sauvagerie naïve ne manque pas de caractère, les mêmes sujets sculptés en creux»[51].

2.—(Est. III).—Ainda existe no mosteiro outra esculptura, de que Azevedo não teve conhecimento, segundo se deprehende de não a mencionar, mas ácerca da qual o sr. Barbosa diz: «está collocada na parede interior de uma casa de arrecadação contigua ao vestibulo da egreja. É, provavelmente, fragmento de um friso cujos lavores são em relêvo. A esculptura mostra ser menos perfeita do que a do outro fragmento em que apparecem o gripho e o pégaso: e por conseguinte de uma epocha de decadencia para as artes. Comtudo, cremos que é obra romana.

«Póde julgar-se que o seria dos godos na reedificação do templo de Vesta, quando alli collocaram as reliquias de S. Felix e dos seus companheiros martyres no anno de 665»[52].

Como se vê da gravura junta[53], este friso compõe-se de duas fachas: uma inferiormente, estreita, ornada d'uma continua haste

---

[51] A. de Saint-Cloud, *Notice sur Santa-Maria-de-Narranco et San-Miguel-de-Lillo, églises asturiennes*, no *Bul. de la Soc. Académique franco-hispano-portugaise de Toulouse*, IV (1883), n.º 2.

[52] *Arch. Pitt.*, VII, p. 380-381.

[53] Depois de 1864 foi rebocada a parede da quadra em que está o baixo-relevo; não encontrando vestigios nem noticias d'elle, suppul-o perdido; e por

de vide, d'onde rompem alternadamente cachos d'uvas e parras; superiormente outra, com o triplo da largura da primeira, tendo figuras de leões que parecem estar devorando folhas d'uma planta que se ergue entre elles. Por traz de cada animal, no segundo plano, está uma arvore que não pode ser bem definida, mas onde effectivamente parece ter se querido representar uma palmeira. O assumpto d'este grupo repetia-se no resto do friso[54].

O trabalho deste friso não é refendido mas ha grande relação entre elle e o da pedra do pégaso e do gripho: nem é muito arriscado suppôr que uma e outra peça são obras do mesmo artista. A dos leões está muito melhor conservada, em consequencia de não ter soffrido a acção da intemperie.

Pode estabelecer-se comparação entre o estylo d'esta peça e o d'outro fragmento de esculptura que existe no primeiro gigante a partir do nascente, na face norte da Sé de Lisboa (hoje meio occulto por um plano inclinado), no qual fragmento, muitissimo damnificado e carcomido, se vêem, segundo a opinião do sr. visconde de Castilho: «tres arcaturas ornamentaes, em estylo bysantino, de um decimetro de altura, separadas por columnellos, e lavradas de folhagens; o timpano dos arcos tem umas canelluras con-

isso mandei fazer a gravura que vae no texto, segundo a que deu o sr. Barbosa no *Arch. Pitt.* Voltando, porém, ultimamente a Chellas (em 2 de fevereiro de 1890), em companhia do meu amigo Gabriel Pereira, tantas inquirições fizemos que afinal uma pessoa da localidade, o sr. Ant. José de Moura disse recordar-se d'esse baixo-relevo; e tão feliz reminiscencia teve, que nos apontou o local da parede onde devia estar o que tão anciosamente procuravamos. Algumas pancadas de bengala fizeram cair o reboco, e appareceu-nos á vista o baixo-relevo. Está-se já a executar uma phototypia do *cliché* que tirei. Essa Estampa III será distribuida opportunamente com um dos numeros da *Revista*. Por ella se verá que na gravura que vem no texto (que é *fac-simile* da publicada no *Arch. Pitt.*) estão invertidas as figuras, por erro do gravador.

[54] Sobre o symbolismo da palma e da vinha vej. por ex. Martigny, *Diction. des antiquités chrétiennes*, vv. *Palme* et *Vigne*.

centricas de gosto grego: e no vão do arco da esquerda enxerga se um animal..., talvez um cordeiro, uma cabrita...»[55].

3.—Azevedo enumerando os achados acheologicos feitos durante a reedificação do mosteiro em 1604, depois de falar do objecto que denominaram *urna do igne perpetuo*, diz: «Acha-se mais na mesma parede do claustra velha huma taboa de marmore com folhagens, e montaria por molduras, a qual parece obra Grega, e no vão della seis figuras de joelhos, com as mãos levantadas, e os rostos tão comidos, e gastados, que com certeza se não pode affirmar, se são homens, se mulheres: como tambem se não pode affirmar de outra, que se divisa em lugar alto com differente vestido, e parece estar sentada...

«Tem cada huma destas figuras vestido hum genero de manto, que as cobre: o qual, conforme a meu juizo, he o que os antigos chamavão *suffibulum*, como se colhe do mesmo Fésto, com o qual as Vestaes cobríão as cabeças quando sacrificávão; e os cabellos cortados, a modo de nossos antigos Portuguezes...

«A figura, que parecia estar sentada na parte alta da pedra, não se poderá affirmar, que seja o Pontifice Maximo, porque se lhe não divizão as feições do rosto... O que parece mais conforme á boa razão, he ser a figura da cadeira alguma Flaminea, ou Prelada das nossas Vestaes»[56].

A descripção que do monumento faz Coelho Gasco é muito mais succinta: eil-a:

«Nas claustras velhas deste nosso antiquissimo mosteiro, está huã formosa taboa de fino marmore, obra Grega, excellentemente esculpida, onde estão alguãs uirgẽs uestaes de releuo, com habitos ecclesiasticos, e rosagantes, a quem os Latinos chamárão *suffibula*, que vem a m.to corresponder com o habito do glorioso Padre Sam Bernardo; estão com os cabellos tosquiados, e huã dellas está de ioelhos, emcostada em hũ menino, com as mãos leuantadas. E logo, iunto della, está hũ uenerando sacerdote gentio, uestido ao modo, de q̃ se pinta Jupiter, assentado, em hũa cadeira alta: algũas destas Vestaes estam lendo por liuros, e cada hũa metida em hum marco»[57].

O sr. Barbosa diz que esta pedra ainda existia em 1864 no mesmo logar e descreve-a assim: «Uma lapida grande de marmore, em fórma de painel, fazendo-lhe moldura caçadas de differentes animaes, ornadas e entremeadas de folhagens, em bem acabado relevo. No centro tem seis figuras humanas de joelhos, com as mãos ergui-

[55] Visconde de Castilho (Julio), *Lisboa antiga*, P. II, vol. III, p. 211-212.
[56] Azevedo, II, 5.
[57] Gasco, f. 41 v.-42.

das; e em logar mais alto outra figura que mostra estar sentada. Trajam vestidos talares, mas tem os rostos gastos de modo que se não distinguem feições. Poderão representar vestaes adorando a sua divindade, ou em qualquer ceremonia do seu rito, diante da sua companheira mais velha e superiora, que se intitulava *Virgo Maxima*. Porém, seja o que for que representem, é, sem questão, uma esculptura de arte romana»[58].

Perdido o monumento só arriscadas conjecturas podem fazer-se sobre o assumpto e edade da esculptura. Confrontando as tres descripções que ficam transcriptas, tiro, porém, a seguinte. As attitudes das figuras *de joelhos e com as mãos erguidas*, segundo uns, ou lendo por livros e cada huma mettida em hum marco (*lêde:* nicho), segundo outro; o terem *os cabellos tosquiados*, e o *trajo muito semelhante ao habito de S. Bernardo*, tudo isso parece indicar um monumento christão. Além d'isso havia tambem, conforme notou Gasco, um menino com as mãos erguidas. Ora, como já adverti, as mulheres devotas de Lisboa costumavam levar as creanças em romaria a S. Felix; e assim, approximando factos, é admissivel ser a lapide um *ex voto* mandado executar por alguma pessoa em reconhecimento da cura milagrosa d'uma creança. O baixo-relevo representaria, pois, ao centro a imagem de S. Felix, e ante esta, a mãe em attitude de supplica apresentando a creança ao sancto; as restantes figuras seriam de algumas freiras que se interessavam pela cura, e oravam para conseguil-a. Azevedo diz: «E são tão continuos os milagres, que Deos Nosso Senhor obra por sua intercessão, que ha livro particular d'elles que o Capellão tem em seu poder, principalmente em crianças, que desconfiadas de remedios humanos, offerecidas a S. Felix tres sestas feiras, ou cóbram a saude perdida, ou morrem logo, como acontece a muitas, que as devotas mãys pássão por hum arco, tocando-as no alto d'elle: onde se lê este letreiro com os erros, que n'elle poz o official, que o lavrou»[59]. O lettreiro não tem interesse algum.

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[58] *Arch. Pitt.*, VII, p. 379–380.
[59] Azevedo, IV, 9.

DA ETYMOLOGIA DE «CHELLAS»

(Cfr. *Rev. Arch.*, IV, 1 e not.)

Não ha nenhuma difficuldade phonetica para que se possa propôr o adj. lat. *planus* como etymon d'este nome. O sentido tambem se não oppõe, porque na *Chorogr. mod.* de Baptista encontro CHELLAS mais duas vezes, e CHELLO, CHELLOS, CHELLINHO, que tambem já o sr. Borges de Figueiredo tinha apontado, *loc. cit.* Todos estes nomes são deminutivos, uns de *planus*, outros de *plana*, e um do já deminutivo CHELLO. O *pl* inicial reduziu-se a *ch*, como em *chanca* = *l. planca*, *chuva* = *chúvia* = *l. pluvia*, *chorar* = *l. plorare*, etc. O *n* medial syncopou-se como em *rella* (de que ha a forma transmontana *rãella* ou *rãñella*) = **ranella*, arc. *Graada* = *Granada*, arc. *saar* = *l. samare*, etc. As syllabas *ae* resultantes da syncope reduziram-se a *e*, como em dial. *quenda* = arc. *caenda* (*l. calenda*), MACEDO < **Matianetum*, etc. Assim, em resumo: *planellas* > * *chaellas* > CHELLAS. E o mesmo para os outros. Não é raro no nosso onomastico apparecer um deminutivo de deminutivo, por ex.: CHELLINHO : CHELLO :: COVELLINHAS : COVELLAS. Geralmente em português o segundo deminutivo tem suffixo diverso do do primeiro, ex.: *caixotinha*, *pequerruchinho* (peq[u]-err-uch-inh-o).

Em varios doc. lat., que alcançam até á data de 1229, e que véem em Marinho de Azevedo, *Fund. de Lisboa*, vol. II, cap. 2, lê-se: DE ACHELIS e *Sancti Felicis* DE ACHELIS. Foram estas fórmas que levaram alguns escriptores antigos a imaginar que o edificio de Chellas era obra do *Achilles* grego! Mas o *ch* não se devia pronunciar *k*, e sim palatalmente, isto é, quasi *tx* (som que se conserva ainda no norte do país). Num doc. de 1292 lê-se já (Azevedo, *ib.*) tres vezes em português ACHELAS, de que *Achelis* não é senão falsa latinização em guisa de ablativo, e não fórma viva, o que se prova com um doc. lat. do anno de 1191, onde se lê tambem *Achellas*, e não *Achellis*: apud D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos conegos de S. Agostinho*, 1668, 2.ª P., pag. 557 e 558. Esta fórma ACHELAS, com *a* prosthetico, não se oppõe á minha etymologia, porque tal *a* apparece com frequencia, por ex.: *Apremonis*, nome popular de PERO-MONIZ (freg. no Cadaval), *Achão-de-sapo* idem de CHÃO-DE-SAPO (*ib.*), ARRAMADINHAS (vid. Baptista, *ob. cit.*) = *ramadinhas*, etc.

Não pude descobrir a epocha em que *Achelas*, ou antes *Achellas*, que assenta em *Chellas*, tornou a revestir a fórma primitiva; apenas num doc. port. do anno de 1310 vem ainda *mosteiro de Achellas* (apud D. Nicolau, *ib. ib.*), e já Brandão na *Monarch. lusit.*, P. III, l. X, cap. 36, ed. de 1632, traz CHELLAS, e bem assim successivamente D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccl. de Lisb.*, ed. de 1642, Marinho de Azevedo, ib., ed. de 1652, e o ms. das *Antig. de Lisb.* de Gasco, que está na Bibliotheca Nacional (não já em A—3 - 7, mas sim em B—15—8).

O facto de haver muitos nomes immediatamente connexos com *Chellas* dá a entender que todos eram nomes communs; e portanto mais plausivel é a minha explicação, como já disse.

Da mesma familia são ainda, quanto a mim, além de CHÃO e suas diversas fórmas, os seguintes: CHEIRA, CHEIRAS e CHEIRES, CHEIRINHO e CHEIRINHOS, ACHEIRAS,—que me parece provirem do l. *planarius*, *-a*. Uma fórma intermedia conserva-se mesmo em CHAEIROS. Igualmente: ACHETE e CHETAS, deminutivos do l. *planus*, *-a*; CHAINHA e CHAINHO, outros deminutivos, onde as syllabas *ai* se conservaram como em FONTAÍNHAS e CASAÍNHOS; ACHADA, ACHADA DOS GAMOS, ACHADINHA, ACHADAS e CHADAS, que provéem do l. *planatus*, *-a*, por intermedio de *achaada* e *chaada*, fórmas archaicas que Viterbo traz in *Elucidario*, s. v.—Como o l. *planitia*, fórma accessoria de *planities*, tem a mesma raiz que *planus*, posso tambem aqui indicar CHAINÇA e CHAINÇA DO MEIO, que estão phoneticamente para *planitia* como *painço* para l. *painicium*. Por incidente direi que PAINZELLA me parece ser um deminutivo da familia de *panicium*.

Na *Chorog. mod.* de Baptista, onde colhi todas estas fórmas onomatologicas, ha CHADEIRO, CHADEIROS e CHADEIRA, que á primeira vista poderão parecer ligadas com CHELLAS, mas que o não estão, pois provéem, segundo penso, do l. *platanus* (i. é. de **platanariu-*).

As formas CHELLEIRÓS e CHELLÃO, referidas na *Rev. Arch.*, loc. cit., não as posso explicar neste momento; julgo porém que nada terão que ver com CHELLAS.

Lisboa, 7/2/90.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

ANALECTA ARCHEOLOGICA

12. Evora

O periodico *O Universo Illustrado*, vol. IV, pag. 363 (novembro de 1880) publicou um artigo do sr. Gabriel Pereira, sob o titulo *Sepulturas romanas recentemente descobertas nas proximidades de Evora*, do qual extráio os trechos seguintes:

«Entre a ermida de S. Sebastião e os moinhos de vento denominados da Senhora da Gloria, a pouco mais de um kilometro a poente da muralha romana, descobriram-se ha alguns annos pavimentos de mosaicos e restos de paredes de alvenaria: alguns fragmentos d'esses mosaicos vi eu ainda ao redor dos moinhos, mas incapazes de se aproveitarem. Um mais consideravel foi mettido no muro d'um telhal visinho, mas hoje está muito damnificado; era formado de pedras brancas e escuras fazendo estas fachas de $0^{m},08$ de largura, e dispostas em losangos.

«Nas herdades da Fonte-Coberta, da Morgada, etc., têem apparecido ruinas diversas; nesta ultima, no declive brando de um cabeço arredondado todo elle cheio de fragmentos de telhões, ladrilhos e louça grosseira, mostrando ter alli existido um povoado consideravel, descobriram-se tres vastos pavimentos contiguos, revestidos de variados mosaicos. As ruinas romanas da Fonte-Coberta parecem marcar um edificio consideravel de cuidadosa fabrica, mas isolado. Ha vestigios de pavimentos de mosaico, um comprido canal, restos de ladrilhos, paredões, etc., formando um conjuncto que faz surgir a idéa de habitação campesina, d'uma *villa* de proprietario culto e abastado.

«Hoje venho dar noticia de recente descoberta. Ha um mez o proprietario de um telhal nas proximidades da cidade encetou a excavação em demanda de argila num ferrejal que fica a uns 600 metros da porta do Raymundo, á beira da estrada de Vianna, um pouco para baixo da horta do Bispo. Em breve o cavador começou a topar fragmentos de ladrilhos, e a um metro de profundidade descobriram-se supulturas inteiras, cujas paredes são formadas por tejolos deitados uns sobre outros.

«Estão descobertas duas sepulturas, uma muito menor que a outra.

«Dentro encontraram alguns vasos de barro e vidro que as rudes partiram, salvando-se apenas um frasco. A excavação descobriu tambem uma porção da estrada romana, num nivel superior de 0m,5 ao nivel das sepulturas; como é sabido costumavam os romanos fazer os seus jazigos á beira dos caminhos.

«Este bocado da estrada, dirigindo-se para o sul, deve pertencer á via romana que ligava Evora a Pax Julia directamente, estrada de que ha vestigios, marcos, etc., certa por consequencia, ainda que não entra no Itinerario de Antonino: ou porque foi contruida posteriormente ao tempo dos Antoninos (2.º seculo de Christo) ou por omissão, como julgo mais provavel em vista do Itinerario 10.

«Neste ponto a calçada está pouco inferior á camada de terra aravel.

«Os tejolos são vulgares, tem 0m,44 de comprimento por 0m,13 de largura e 0m,06 espessura, apresentando duas profundas chanfraduras.

«São conhecidos estes ladrilhos; em Merida encontraram-se eguaes e descreveu-os o sr. D. Vicente Barrantes no Museu d'antiguidades, vol. 7.º, pag. 549, num excellente artigo sobre os barros de Merida. Estes de Merida porém tem maior largura, 0m,15.

«Outros ladrilhos apresentando uma saliencia num dos lados menores travavam com estes. Nas sepulturas de que falo não estão travados, formam simplesmente as paredes, isto é, aproveitaram os tejolos destinados a ladrilhar ou forrar pavimentos ou coberturas, na construcção de parede. Em consequencia das chuvas abundantes, os trabalhos do telhal pararam, as covas encheram-se de agua, e só provavelmente na primavera continuará a excavação: e agora que já os curiosos estão prevenidos esperamos que não teremos a lamentar a rudeza inconsciente dos trabalhadores».

B. DE F.

13. Ançã

Lê-se na *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra* (1853) por A. L. de S. Henriques Secco, em nota ao artigo relativo a Ançã (p. 4–5):

«Informa-me o sr. João Lopes de Sampaio Bacellar, que em 1798 fallecera na Villa um sabio (o dr. *Damião José Saraiva*, muito bom poeta...), que escreveu um opusculo laudatorio da mesma... Pouco tempo depois da morte do dicto sabio, comprou o sr. José da Cunha Pereira Bandeira de Neiva um quintal no sitio da fonte, e escavando-o para nivellar o terreno, teve occasião de encontrar (1842 ou 1843) uma elegante figura de fino alabastro, em meio corpo de dous palmos e meio d'alto, parecendo representar um mancebo romano, que facilmente obtiveram os srs. Ferreiras Pintos, em cujo poder hoje está; quatro ou cinco arcos de tejolo de dous a tres palmos d'altura, e outro tanto de largura; um pavimento de lindo mosaico: grande porção d'argamassa mui compacta, com engraçados relevos, e um tubo de chumbo, que sendo de duas pollegadas de diametro na extremidade inferior, ia engrossando proporcionalmente para a outra extremidade, que não observaram por se achar introduzida na parede de casa alheia: produzindo a porção descoberta perto de tres arrobas» (cerca de 44 kilogrammas).

B. DE F.

14. Elvas

O jornal *O Elvense*, n.º 742, de 11 de março de 1888, sob a epigraphe «aos archeologos» deu uma noticia, de que faço o seguinte extracto:

«Diz a tradição que na conquista d'Elvas tomaram parte os Cavalleiros do Templo...

«Os templarios depois da conquista edificaram uma ermida em frente e proxima de uma das portas da alcaçova mauritana, tornada cidadella portugueza. Por este motivo chamou-se aquella porta, que é talvez o arco que dá serventia do largo das Freiras para o Castello, a porta do *Templo* e por corrupção da *Trempe*.

«Nos principios do seculo XVI foi a ermida dos templarios cedida á Misericordia d'Elvas para que servisse de nucleo ao seu hospital.

«Foi chamada a egreja da Magdalena, e nós principios do seculo XIV, chamava-se á actual egreja da Magdalena a *Magdalena Nova* para a distinguir de certo da outra.

«É provavel que por esse tempo a velha ermida dos templarios estivesse derrocada.

«Parte d'isso nos diz Ayres Varella e o resto consta de varios documentos e por todos é sabido. Tinha-se, porém, perdido a lembrança do velho Templo, quando ha dias, ao desmoronar o derro-

cado convento das freiras de S. Domingos, cedido para edificação de um theatro, se deparou com a egreja dos Cavalleiros do Templo.

«A portaria e o refeitorio do mosteiro chamavam a attenção dos entendidos d'esta terra, e que já sabiam, que por alli devera ter existido...

«Empana a alegria do achado a magua de não poder conservar-se a egreja. Pois apezar de evidentemente renovada a primitiva ermida, pela Misericordia talvez nos pricipios do seculo XVI, como mostra a abobada e as laçarias que são d'aquelle tempo, não ha meio de conservar aquella preciosidade archeologica pelo estado de ruina em que jaz.

«Se tantos annos durou, foi pelas edificações modernas que a rodeiam e pelas paredes com que a dividiram em compartimentos. A capella mór parece que estava transformada no cubiculo da rodeira, que dava para o pateo da entrada.

«A descoberta foi casual: mas ao reconhecimento d'esta antiguidade fica vinculado o nome do sr. dr. Francisco de Paula Santa Clara, nosso estimado e erudito collaborador, e do nosso amigo Victorino d'Almada, ex-redactor d'este jornal.

«Parecia-nos que, antes de a demolir completamente, se devia tentar photographar a veneravel egreja dos templarios».

B. DE F.

BIBLIOGRAPHIA

La geografía de España del Edrisí por Don Eduardo Saavedra.—Madrid, Imprenta de Fortanet, 1881–1889. 8.º

O vasto tractado de geographia de Edrisí foi vulgarisado em resumo por uma traducção latina nos começos do seculo XVI, sob o titulo imperfeito de Geographia do Nubiense; mais tarde D. José Conde deu o texto arabe relativo á Hespanha, acompanhado de uma versão castelhana; e finalmente Jaubert fez uma traducção franceza Do texto arabe outra publicações parciaes se fizeram, sendo a mais critica a dos hollandezes Dozy e Goeje, o primeiro dos quaes tractou da parte correspondente á Hespanha.

Apesar, porém, de toda a sua indiscutivel competencia, Dozy deixou escapar algumas imperfeições, que deram ensejo ao sr. D. Eduardo Saavedra para uma importante memoria.

O eminente arabista e abalisado archeologo examina e estuda com uma singular penetração e com uma segurança que só um vasto e solido saber pode dar, a situação de varios sitios e povoações mencionadas pelo Edrisi e determina a sua identificação com as actuaes designações locativas. Parte d'essas identificações estavam por fixar; outras eram duvidosas ou erradas. Uma importante observação que o illustre academico faz, a qual devem ter presente os que suppõem embellezar seus livros com palavras estravagantes, é que «os arabes da Hispanha tinham um modo especial de pronunciação, como hoje succede aos da Syria, do Egypto, de Argel e Marrocos, a ponto de não se entenderem uns aos outros, embora usem da mesma grammatica e quasi identico diccionario». Pelo que «transcrever os nomes arabes de Hispanha conforme a pronuncia propria de Cufa ou Mecca, é produzir intencionalmente uma desfiguração de todo o ponto discordante das palavras mais conhecidas, assim entre nós, como entre os nossos antepassados e os seus constantes inimigos, que pelo menos estavam de accordo em dizer Rota, Valencia, Huesca e Tortosa, e não *Ruta*, *Balensia*, *Wexa* ou *Tartuxa*. Os valiosos estudos começados por Gayangos e continuados por outros doutos arabistas até Eguilaz, não deixam dúvida nesta materia de tanta importancia».

D'entre as muitas identificacões discutidas proficientemente e resolvidas pelo sr. Saavedra, conhecem os leitores já as que respeitam a localidades do territorio português, visto haver sido publicado na *Revista Archeologica* (I, p. 49–52) um trabalho d'este escriptor sob o titulo «La geografía árabe de Portugal».

O sabio academico tem desde muito e por muitos escriptos de reconhecido cido merito adquirido solidissimos creditos. Este seu novo e grave trabalho bastaria, porém, para lhe fundamentar uma elevada reputação.

Estudos Eborenses (Historia, Arte, Archeologia), por Gabriel Pereira.—Evora, 1887–1889. 8.º

Noticiei em tempo (*Rev. Arch.*, I, 80) o apparecimento dos nove primeiros opusculos dos *Estudos Eborenses* do sr. Gabriel Pereira; hoje tenho a satisfação de informar que se acham já publicados mais dez. Os artigos de que tractam são:

10.º O brazão d'Evora; 11.º A egreja de Santo Antão; 12.º O archivo municipal; 13.º A restauração em Evora; 14.º–16.º O archivo da Santa Casa da Misericordia d'Evora; 17.º Evora e o Ultramar; 18.º e 19.º Os assédios d'Evora em 1663.

Em todos estes opusculos se encontram com uma notavel sobriedade e com uma cuidadosa exactidão noticias importantes da famosa cidade. Qualquer d'esses trabalhos que ficam mencionados são memorias de incontestavel merecimento onde se aprende muito e que se leem sempre com prazer. No primeiro opusculo citado dá noticia o erudito auctor das tres esculpturas mais antigas que em Evora existem representando o brazão de cidade, concluindo por deducções e com fino criterio que um d'esses monumentos ascende ao seculo XIII. Esse brazão «mostra-nos Giraldo a cavallo, galopando á esquerda, a mão direita erguida com a espada nua; no campo do escudo, superiormente, a cabeça da moura á esquerda, a do mouro á direita, tudo mettido num todo architectonico ogival. O guerreiro está perfeitamente harmonico com a base historica; está sem elmo, sem peças d'armadura, sem escudo, veste um largo gibão, e tem um manto pequeno; não é um *cavalleiro*, tal como a idade media applicava a palavra, é um chefe de bando a cavallo». Nos demais opusculos informações egualmente interessantes; vemos passar ante nossos olhos successivamente, os monumentos subsistentes ou perdidos; os graves successos e as scenas vulgares mas caracteristicas da povoação em varias epochas; entramos nos cartorios e archivos, onde examinamos os titulos e os pergaminhos; nos templos, onde a par de insignificancias modernas se nos deparam reliquias valiosas d'outras eras; visitamos os estabelecimentos que a piedade instituiu; revolvemos armas e papeis de mortos; recordamos glorias immarcessiveis.

Oxalá que o dignissimo director actual da nossa Bibliotheca Publica não cesse de enriquecer e honrar a sua patria com seus importantes trabalhos.

ÉTUDE GÉOLOGIQUE DU TUNNEL DU ROCIO, contribution à la connaissance du sous-sol de Lisbonne, par Paul Choffat; avec un article paléontologique par M. J. C. Berkeley Cotter et un article zoologique par M. Albert Girard.—Lisbonne, 1889.—4.º est. (Publ. da *Commissão dos trabalhos geologicos de Portugal*).

Desde a sua chegada a Portugal em 1878, o sr. Paulo Choffat tem ininterruptamente enriquecido a sciencia e o nosso paiz com valiosos trabalhos que de ha muito lhe assignalaram um logar distincto entre os geologos de renome. A sua enorme actividade e os seus vastos conhecimentos teem-se patenteado em numerosas memorias, já publicadas algumas de collaboração com outros geologos de reconhecido merito, já na maior parte producto exclusivamente seu.

A obra que o sr. Choffat acaba de publicar é uma nova affirmação do seu talento e do seu saber. Ahi temos, além do que especialmente se refere ao tunnel do Rocio, um importante estudo sobre *o solo de Lisboa, suas deslocações e os tremores de terra*, que constitue a ultima parte da obra, onde ministra copiosas e interessantissimas informações, e reune muitos factos de summa importancia geologica e archeologica.

Tomo a liberdade de traduzir aqui, porque entra muito particularmente na indole da *Revista*, o que o sr. Choffat diz no seu excellente trabalho sob a epigraphe:

«INDUSTRIA PREHISTORICA

«Os entulhos atravessados á entrada do tunnel e na bocca de alguns poços nada ministraram digno de nota.

«Em compensação mencionarei antigas pedreiras com galerias subterraneas, atravessadas pelo córte á saida N.O. do tunnel.

«Estas galerias são abertas nos bancos de silex do calcario crystallino; como estes bancos são separados uns dos outros apenas por 15 a 30 centimetros de calcareo, é evidente serem destinados á exploração dos silex.

«Havia duas galerias ou, melhor, duas salas sobrepostas (est. VII, fig. 1). A galeria inferior, muito maior que a outra, estende-se por trinta metros já parallelamente já transversalmente á linha. As communicações com o exterior estavam completamente obstruidas pela terra vegetal e por alguns restos de pedreiras. Duas d'ellas foram descobertas pelos trabalhos de excavação; uma lateral estava na direcção da casa do guarda-linha, e correspondia á sala inferior, a outra em correspondencia com a sala superior era pelo contrario vertical; esta era provavelmente accidental, porque correspondia a um ponto em que o tecto da galeria quasi tocava o solo. Estava proximo da extremidade meridional da frente do tunnel.

«Estas galerias eram inclinadas seguindo a stratificação dos bancos de silex, e como estes não são parallelos, segue-se que a altura das galerias era variavel. O maximum que eu observei é de cerca de 1 metro e o minimum de $0^{m},70$.

«Para sustentar a abobada, ergueram pilares a distancias irregulares, e fizeram tambem empedramentos de grossa alvenaria destinados, segundo parece ao mesmo effeito.

«Estas galerias estavam meio entulhadas por meudos pedaços de rocha calcarea e de silex, cimentados a espaços por um abundante deposito stalagmitico. Pelo meio da linha, encontraram-se ossadas humanas inteiramente encaixadas neste deposito. Estas ossadas foram dispersas, mas, do que poude ver, estavam muito quebradas para que fosse possivel fazer nellas um estudo anthropologico.

«Quando tive noticia d'esta descoberta, encarreguei um collector da Commissão geologica de assistir ao trabalho d'excavação do córte, mas em consequencia d'um equivoco, foi elle chamado á Commissão no proprio dia em que começava o alargamento da parte que tinha contido as ossadas.

«Este ponto era situado pouco mais ou menos ao meio da sala superior; os fragmentos que estavam dispersos pelo solo pareciam provir exclusivamente dos silex e do calcareo que os encerravam, mas já não succedeu o mesmo quando os trabalhos se approximaram das paredes das galerias. Appareceram então numerosos pedaços de basalto, tanto na galeria inferior como superior. Insisto neste facto porque, não havendo communicação vertical entre a galeria inferior e a superficie da terra, e sendo pelo contrario inclinada para a saida, é claro que todos os fragmentos de basalto, trabalhados ou não, que ella continha na parte superior, ahi foram postos pelo homem.

«Alguns d'esses pedaços de basalto estavam encaixados na camada stalagmitica, outros estavam soltos no meio dos restos cobertos por essa camada.

«Os pedaços de basalto, trabalhados ou não, tem em geral o tamanho d'um punho, raro attingem o dobro da grandeza; não os vi maiores. De 15 exemplares de fórma intencional que tenho á vista, 11 tem a fórma de cylindros mais ou menos regulares, arredondados no ambito das superficies planas. Varia o seu diametro de 80 a 97 millimetros e a altura entre o meio das duas faces planas é de 65 a 70 millimetros em 7 d'elles, é de 60 a 63 em 3, e de 46 no ultimo. As faces planas são quasi parallelas entre si excepto num exemplar (fig. 2, est. VII). Outro exemplar apresenta as mesmas proporções, mas é uma bola que só tem uma face plana. A sua maior larguro é de 101 a 104 millimetros e a sua altura de 89. Todavia são muito faceis de utilisar com uma só mão. Emfim, o ultimo d'estes 15 exemplares é muito menos manuseavel: é um disco de 140 millimetros de diametro, com a espessura de 55. Está quebrado em quasi todo o seu ambito.

«Com estes instrumentos de lasalto achava-se um espheroide de quartzite com duas pequenas faces planas oppostas e uma pequena face lateral. Tem de diametro 51 millimetros, e 42 millimetros de distancia entre as duas faces planas oppostas (fig. 3, est. VII).

«É evidente que os grandes instrumentos serviram de maços sem cabo para bater sobre um escopro ou instrumento semelhante.

«Ora maços analogos figuram entre os instrumentos da edade neolithica, encontrados nos arredores de Lisboa; ahi se teem descoberto espheroides de quartzite analogos ao da entrada do tunnel.

«Se, além d'isso, considerarmos a enorme extensão que os instrumentos de silex da epocha neolithica apresentam em Portugal e a extensão relativamente restricta em que o silex podia ser explorado, podemos concluir que nestas pedreiras de que temos falado os homens d'essa epocha exploravam esta substancia então tão procurada.

«A exploração subterranea do silex na epocha neolithica é já conhecida na Belgica, na Inglaterra e na França (Aveyron); comtudo é ainda um facto muito raro, e que merece ser notado.

«De mais a mais, as explorações nos paises precitados eram executadas no meio de poços verticaes terminando em estreitas galerias; ao passo que aqui em Lisboa encontramos vastas galerias com entradas lateraes. A unica feição commum é a, segundo julgo, a existencia de pilares para sustentaculo da abobada.»

Todos mais assumptos da obra do sr. Choffat são tratados com a mesma proficiencia.

O appendice do sr. Cotter *lista critica dos restos de animaes* do terciario atravessado pelo tunnel, e o do sr. Girard *estudo dos animaes encontrados na sondagem de Alcantara*, são dois serios trabalhos que de novo evidenciam o grande merecimento de seus auctores.

Ao eminente geologo, assim como aos seus distinctos collaboradores, dirijo as mais sinceras felicitações.

Historia de la propiedad comunal por Rafael Altamira y Crevea, doctor en derecho, secretário del Museo pedagógico: con un prólogo de D. Gumersindo de Azcárate.—Madrid, J. López Camacho impresor, 1890.—8.º

Este livro, producto de demorados e laboriosos estudos, constitue uma novidade altamente interessante e mostra em seu auctor um grande e desinteressado amor pela sciencia.

O sr. D. Rafael Altamira, formando o proposito de fazer a historia da propriedade communal, e sem se illudir sobre as difficuldades da empreza, traçou um plano, na verdade muito racional, e executou-o com grande felicidade. Desde os tempos primitivos até á actualidade, reune e coordena grande somma de materiaes que compara e estuda, lançando muita luz sobre as multiplas evoluções da propriedade e sobre a organisação da sociedade.

Para definir bem o caracter d'esta excellente obra, cuja leitura me illucidou sobre alguns pontos ácerca dos quaes eu não obtivera esclarecimentos satisfatorios nos outros livros, traduzo o seguinte importante trecho que termina a introducção:

«Os estudos historicos teem uma finalidade propria, independente de toda a applicação a que os submettam, e nisto reside, essencialmente, o seu altissimo valor. Mas, como todos os factos que formam o seu conteudo são afinal a vida inteira, e nella e com seus ensinamentos vae nascendo a educação do homem, re-

flecte-se o historico em duas consequencias cujo interesse de cada dia se torna mais manifesto e se considera com maior amplitude: por um lado, como *experiencia* do modo artistico segundo o qual hão conseguido realisar-se as ideias e as doutrinas; por outra parte, como material sobre que exercer a reflexão, e d'onde tirar os novos principios, as novas regras que uma observação mais attenta da realidade constantemente aperfeiçoa.

«Tal é o ponto de vista a que mira o nosso livro. O problema economico impõe-se, embora nos pése; referimos a elle todas as preoccupações que a tradição de um regimen individualista (enlaçado, para maior fortaleza, com o movimento politico) e a illusão da immutabilidade das instituições, por si produzem; e covém, hoje mais do que nunca, bafejar as ideias demasiado absolutas dos pensadores theoricos com o vento saudavel da historia. Se d'esta prova nascesse alguma coisa de positivo para resolver os conflictos actuaes, a historia haveria alcançado o seu melhor triumpho.»

Acceite o sr. Altamira, com as minhas mais calorosas felicitações, os meus mais sinceros agradecimentos.

Oração funebre nas solemnes exequias celebradas na cathedral d'Evora em 13 de novembro de 1889 pela alma de S. M. El-Rei Dom Luiz I, pelo Arcebispo de Perga.—Evora, Minerva Eborense, 1889. 8.º

Neste notavel discurso o seu illustre auctor novamente patentea grandes merecimentos de escriptor, aliás já reconhecidos e devidamente apreciados Não sendo porém da indole d'esta *Revista* o entrar na demorada apreciação de trabalhos puramente litterarios (o que no caso presente sinto), limito-me a notar que na oração do dignissimo prelado ha rasgos de verdadeira eloquencia.

A probidade scientifica do sr. João Bonança. Capitulo para o inquerito da «Historia da Lusitania e da Iberia» por Rocha Peixoto. —Porto, 1890. (Publ. da *Sociedade Carlos Ribeiro*). 8.º

Este opusculo é um protesto muito energico contra os graves erros de diversa natureza que se encontram na obra do sr. Bonança. O illustrado auctor, segundo me affirmou, só depois de o haver publicado teve conhecimento do artigo que publiquei o n.º 151 do jornal *O Reporter* de 1 de junho de 1888, e foi reproduzido na *Revista Archeologica*, III, p. 89–93.

OS CARTULARIOS DAS CATHEDRAES

Os archivos das cathedraes portuguezas são quasi desconhecidos. O nosso clero, bastante conservador das alfaias e paramentos, não tem dado egual attenção aos seus documentos. Na Exposição de Arte Ornamental realisada em 1882 patenteou-se bem a opulencia de alguns thesouros ecclesiasticos em tecidos e ourivesaria. A sé de Coimbra, a egreja da Sª. da Oliveira de Guimarães possuem dezenas de peças artisticas notaveis e bem conservadas. Essas joias tem sido salvas pelo clero atravez as varias crises e liquidações tumultuosas que o paiz tem soffrido. As velhas casas fidalgas, mesmo as mais illustres, tem bem pouco. Falamos muito dos nossos heroes, das façanhas dos avós, mas não se topa uma rodela ou uma couraça: sumiu-se tudo no ferro velho; desfez-se na oxydação da indifferença completa e inconsciente. Mas aos archivos deu o clero menos attenções; algumas cathedraes deixaram perder os seus documentos, os seus velhos pergaminhos. Na sé da Guarda tombos e avulsos apodreceram num armario que durante annos se conservou num sotão onde chovia como na rua, junto do admiravel côro de fino entalhado, que em parte deixaram apodrecer tambem. O archivo da velha cathedral de Lamego teve um fim mysterioso.

Não só as egrejas capitaes das dioceses tinham archivos; nas matrizes, freguezias ou parochias, e nas collegiadas possuindo bens e cumprindo instituições, havia tambem muitos documentos: grande parte foi incorporar-se nos archivos dos Seminarios, onde jazem desconhecidos mas salvos; outros, aos milhares, perderam-se de ha muito.

Em Hespanha só nos ultimos annos se tem dado attenção a este grande manancial de dados historicos. Ainda em 1859, D. José Maria de Eguren (*Memoria descriptiva de los códices notables conservados en los archivos eclesiasticos de España*. Madrid, 1859, in-8.º) escrevia: «Grande es la importancia, y en esta nacion no conocida por cierto, de los tumbos ó becerros y de los cartularios, libros que deben ser contados entre los manuscritos mas interessantes de la edad-media.» E menciona como dos mais inte-

ressantes o *Libro verde de la iglesia de Gerona*, o *Tumbo del monasterio cisterciense de Nuestra Señora de Sobrado*, na Galliza, escripto no sec. XII, contendo documentos desde o sec. IX, e os *tumbos* das cathedraes de Santiago e de Sahagun.

Em França começou em 1840 a publicação regular dos cartularios. Na *Collection de documents inédits sur l'histoire de France* entra uma divisão sob o titulo *Collection des Cartulaires de France*. O tomo primeiro é o *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Pére de Chartres* (Paris, 1840), publicado por M. Guérard. Tem prolegomenos de grande interesse, um *index chronologicus chartarum*, seguindo-se a transcripção na integra dos documentos, o mais antigo dos quaes é do anno 889.

No mesmo anno Guerard publicou o *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Bertin* com muitos documentos latinos até 1176. Em 1850 appareceu o primeiro volume do monumental *Cartulaire de Notre-Dame de Paris*; no fim do 4.º volume, que é o 7.º da collecção dos cartularios, vem um copioso *Index generalis*. Modernamente naquelle brilhante paiz continúa a publicação de documentos ecclesiasticos fóra mesmo das collecções officiaes, ou da protecção das poderosas associações scientificas. Assim, Aug. Chassaing publicou o *Cartulaire des Hospitaliers* (ordre de Saint-Jean de Jerusalem) em 1888, contendo documentos até meio do sec. 16.

O abbade L. Froger deu aos estudiosos o *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Calais* (Le Mans, 1888, in-8.º). Tem uma introducção historica; seguem os documentos na integra, e os indices de nomes de pessoas e de logares. Este cartulario faz parte das publicações da *Société historique et archéologique du Maine*, e a sua impressão fez-se á custa de uma commissão de oito cavalheiros da localidade. Menciono este facto muito repetido em França, onde como é sabido ha grande dedicação pelos estudos historicos, para mostrar como alli, mesmo em centros de terceira e quarta ordem, se procede.

Comparando isto com o que succede no nosso Portugal! Em Coimbra vegeta, em anemia, a secção de archeologia do Instituto. No Porto formaram-se com certo ardor algumas instituições que viveram como as rosas, e deram desgostos a um dos homens de mais valia que temos em Portugal, o sr. Joaquim de Vasconcellos. Aqui em Lisboa vejo archeologia no Carmo, no palacio das Janellas Verdes, na Academia das Sciencias, na Bibliotheca Nacional, muitos elementos para um Museu regular, que se conservam isolados, sem disposição methodica. O museu do Algarve, notabilissimo, devido aos esforços do sr. Estacio da Veiga, está installado numas casas quasi subterraneas da Academia das Bellas Artes. Em França ha pequeninas cidades, Agen por exemplo, com os seus museus orga-

nisados, as suas sociedades scientificas e eruditas, as suas publicações locaes muito correctas.

Citemos ainda a respeito de archivos ecclesiasticos o livro de Beriah Botfield, *Notes on the cathedral libraries of England* (London, 1849), que nos marca o principio dos trabalhos neste genero em Inglaterra.

A sé de Coimbra tem o seu archivo que visitei ha tempos rapidamente e me pareceu opulento. Possue livros de actas capitulares, que chegam, como os de Evora, a meio do sec. xv.

Mas, ignoro porque circumstancias, um cartulario da cathedral conimbricense existe, de ha muito, na collecção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde tem a marcação Z, 5, 26, incorporado na collecção dos livros illuminados. É um in-folio, de pergaminho, tendo a folha $0^{m},32 \times 0,21$; occupando o texto $0,23 \times \times 0,145$. A pagina contem 30 a 32 linhas. Tem encadernação relativamente moderna, rotulo vermelho na lombada, e em caracteres dourados os dizeres, *Sé de Coimbra. Documentos.* Tem 76 fl. Contém principalmente documentos do sec. xiii.

Para dar idéa mais exacta do que seja um cartulario vamos folhear este, apontando algumas passagens mais salientes.

Alguns documentos pontificios sobre immunidades ecclesiasticas occupam as primeiras folhas; na pag. 4 apparece um documento mais especial: *Littera seu sententia domini Innocencii III in causa seu causis inter ecclesiam Colimbriensem et monasterium sancte Crucis.* Refere-se ás longas questões entre a sé e o mosteiro de Santa Cruz; em Coimbra houve questões seculares; mais tarde a Universidade travou longa demanda tambem com Santa Cruz; o apparecimento do collegio das Artes com o elemento jesuitico provocou nova serie de questões.

A pag. 8. *Arbitrium seu sententia domini Elborensi episcopi et. P. cantori Colimbriensi in causa seu causis inter Colimb. ecclesiam et monasterium Sancte Crucis.* Versa sobre jurisdicção episcopal nas egrejas de Leiria, de Quyayos, Laurosa e Candaosa. Em certa demarcação diz-se: «usque ad Alqueidonem donni Munionis qui est versus Leirenam, et inter Alqueidonem Pelagii mauri nigri qui est versus Grangiam de Colmenis».

Sobre a alçada episcopal: «Episcopus vero in ecclesiis ville Leirene habeat tantum potestatem conferendi ea sacramenta que per solos episcopos conferuntur, videlicet, consecrationes altarium, baselicarum reconciliationes, puerorum consignationes... Et mandamus quod recipiatur episcopus honorifice cum pulsatione campanarum.»

Mencionam-se em seguida os dizimos e direitos de padroado:

de Ladeya, de Eiras, Taveiro, Laurizal, Mira, S. Facundo, S. Martinho, Travanca, S. Marina in Sena (anno 1252).

Nem todos podem entrar no corpo sacerdotal: «...criminosi, irregulares, illegitimi vel corpore viciati enormiter ad ordines non accidant.»

13 v. Doc. relativos a questões sobre limites entre as egrejas de Coimbra e da Guarda (Egitania). É de 1255; tem muitos nomes de localidades; é doc. de merito para a chorographia dos dois bispados.

23 v. «...Laurosa, Midones, Arega, Dornis, Aquis bellis... a monte vel loco qui dicitur Asina brava... Sena et Gandela... castra de Couvelliana, Celorico, Linares et Felgosino cum terminis... exceptas ecclesias de Belmonte.»

Pagamentos por *aureos*, mas a pag. 48: «...duas marcas et dimidiam sterlingorum veterorum. XIII. solidos et III sterlingos per marca.»

55. «Carta concambii de Buarchos, Caseyra et aliis locis inter ecclesiam colimbriensem et mon. sce. Crucis.» O bispo cede «Buarchos et Caseiram;» e o prior tudo o que tem: «in Villa pauca quae est juxta Laurosam et Candanosam cum ecclesiola sua et villam planam.»

56. Assignaturas: «G. prior sancte Crucis claustralis,» etc. 22 assignaturas são de presbyteros.

56 v. «Carta de modo et quantitate procurationis de Leyrena.» É documento interessante sob diversos pontos de vista, lavrado em Coimbra em junho de 1262. Os encargos são de variedade singular: «...corpos unius vacce sine corio vel L solidos portugalensis monete... duos porcos vel LXXX solidos... et quatuor edos et sedecim gallinas... et duos quartarios de bona farina triticea... et duos puzales de vino et unum modium de ordeo et medietatem unius alquerii de butiro vel de oleo sicut tempus exegerit et medietatem unius alquerii de melle et medietatem unius libre de pipere et medietatem unius uncie de azafrano... et L ova et unam libram de cera per libram Colimbr. et unam restem de cepis et aliam de alliis, et unum affusale de lino et unum alquerium de farina triticea et duas carregas de lignis ad opus quoquine et unam carregam de palea.»

64. «Carta donationis de Tavaredi.» Feita a doação á egreja de Santa Maria de Coimbra por D. Sancho e D. Dulce. Entre os confirmantes: «Comes donnus Menendus maiordomus curie. D. Petrus Alfonsi. D. Johannes Fernandi pretor colimbrie. Petrus Menendi dapifer regis. Egeas Pelagii. Domnus Osoreus.»

64 v. «Carta de casali de Columba.» D. Sancho I concede ao bispo D. Pedro e seus conegos «...decem morabitinos... de ca-

sali de Columba et de aliis villis circum adjacentibus annuatim sub nomine reditus pape... Stephanus Petri publicus tabellio civitatis Colimbr.» É de 1209.

65. Outra carta de Sancho I confirmada por Affonso III em 1255: «Sciatis quod amore dei et beate uirginis marie et ad petitionem domni P. Bracaren. electi et domni F. Alcup. abbatis et domni Gomecii Ramiriz magistri Templi relaxo vobis collectam illam quam dare solebatis apud Agnii...»

66. «Carta emplazamenti de cauto de Nogueyra»: na era de 1300 «... cum cuppis, archis, tiniis, tulliis, mensis.» Previne a mudança da moeda «... quales comuniter currerint in Colimbria».

67. «Carta compositionis inter ecclesiam colimbr. et mon. de Cellis de Vimaranis super decimis de vineis et olivetis». Entre o bispo de Coimbra e as «religiosas domnas domnam Eluiram Luppi abbatissam et conventum monasterii...» Menciona grande numero de propriedades e nomes de rendeiros «... Salamonis hebrey in Ribella... olivetum que fuit Martini Gonçalvi conlacii regine domne Tharasie in termino qui dicitur Portela».

68. «... concanbium de dois casaes in Mortuaaqua».

69 v. Outra calligraphia. Domingos Martins tabellião dos coutos do bispo de Coimbra em terra de Ceia (1282).

72. Carta de Affonso III ao bispo de Coimbra mandando «quod faciat turrem in Belmonte et quod laboret suum castellum de Belmonte».

72. Ordena-se a «Simeoni de Spino...» para assentar marcos entre Sortelha e Belmonte... e aos tabelliães «de Gardya et de Covelliana...» Doc. interessante para aquellas localidades «... ad terminum in quo laborant homines de Ollas de Godino et ad locum qui dicitur aqua de Lavacolos.. et ex altera parte ad terminum in quo laborant homines de anguilis et ad vallem qui vocatur vallis de Spinal... aquas de Lavacolizeos».

75 v. D. Affonso III a D. Egas Fafys, bispo de Coimbra «... que faça a torre da ssé se a el prouger ou quando a el prouger con sas casas... e con seu curral... a qual torre eu mandey derribar e agora mandola facer porque mho rogou» (1265).

Bem se vê pelos rapidos apontamentos que fiz quanto estes documentos do cartulario de Coimbra importam á archeologia e á historia local e geral.

Darei agora noticia de um cartulario eborense. É conhecido no archivo sob a designação *Livro primeiro das composições*. Está encadernado em taboas forradas de couro fino, escuro, lavrado. Todo em pergaminho, tendo as folhas $0^{m},34$ de altura por $0^{m},24$ de largura. Grandes margens. Texto em tinta mui preta; titulos,

iniciaes, numeração em vermelha. Admiravelmente conservado; ligeiramente cego em poucos pontos; correctamente escripto. Tem 82 folhas.

Este *Livro primeiro das composições* contém valiosos documentos da egreja eborense, a mais influente no terço meridional do país, e com a especialidade de attingirem a interessante epocha da conquista aos moiros, o restabelecimento official, definitivo e geral do catholicismo n'esse vasto territorio.

Entre este cartulario e o de Coimbra ha differenças consideraveis, em exacta correspondencia com a diversidade das condições politicas e sociaes das duas dioceses. Em Coimbra apparece-nos pouco o rei, muito o bispo, e o poderoso e illustre mosteiro de Santa Cruz.

Neste cartulario da cathedral eborense as composições versam principalmente sobre as relações ecclesiasticas e civis da mitra e cabido, entidade importante logo no seu principio pela enorme propriedade territorial, com o rei, as ordens religiosas, as militares, e os simples donatarios que em troca de privilegios, isenções, ou quinhões de rendas, tomaram a seu cargo a construcção de egrejas ou a reconstrucção das que a prolongada conquista deixara em ruina.

A primeira *composiçom* respeita á egreja de Alvito e foi celebrada entre o bispo e cabido de Evora e a ordem da Trindade. A segunda sobre o mesmo assumpto.

As composições 3 a 8 pelo bispo com o cabido.

9. Com el-rei, sobre as egrejas e padroados de Arraiollos e Vimieiro.

10 a 15. Com el-rei sobre Serpa, Moura e Mourão.

16 a 22. Com a ordem de Santiago, sobre Cabrella, Torrão, Aljustrel, Cacem, Mertola, Garvão, Mecejana, Panoias, Castro Verde, Ferreira.

23 a 38. Com a ordem de Aviz. Sobre as egrejas de Benavente, Coruche, Seda, Estremoz, S. Maria d'Alcobaça em Elvas, Veiros, Fronteira, Cabeço de Vide, Aviz, Cabeção, Cano, Sousel, Figueira, Benavilla, Cambas, Alpedio e Alperriom.

39 a 41. Com a ordem do Templo, sobre Nisa, Montalvão, Alpalhão, Ares.

42 e 43. Com a ordem do Hospital sobre as egrejas do Crato.

44 e 45. Com o convento de Santa Cruz, de Coimbra, sobre as egrejas de Arronches e Assumar.

46. Com S. Vicente de Lisboa sobre a fundação da egreja de S. Cucufate.

47 a 53. Com o bispo da Guarda, sobre questões de limites, e as egrejas de Monforte, Alter do Chão, Amieira.

54 a 56. Com João de Aboim sobre as egrejas de Villaboim e Portel.

57 e 58. Com Gil Martins de Viana, sobre as egrejas de Viana Foxem, e Oydalvicenez.

E assim vão seguindo as composições sobre Montemor-o-novo, Samora, Beja, Arrentella, com o mosteiro de Alcobaça, sobre Beringel, com os concelhos de Evora, Elvas, Estremoz.

79 a 93. Cartas dos primeiros reis sobre portagens, doações e sentenças; de Villa Viçosa, Noudar, herdade de Javalacira, Lavar (Lavre), etc.

Os ultimos documentos, 107-109, de privilegios concedidos pelos pontifices.

Como se vê são documentos que importam á historia de todo o Alemtejo.

Logo na primeira folha temos uma descripção curiosa do sello da Trindade «...sigillo pendenti viri religiosi fratris Joannis Ministri maioris ordinis... quod sigillus ego predictus tabelio legi et diligenter inspexi; quod sigillus habebat figuram sive ymaginem Jesu Christi sedentis in trhono sive catedra et ex parte dextra erat ymago hominis unam crucem in manu deferentis et a sinistra erat ymago alterius hominis manus versas Christi ymaginem porrigentis. Ymago vero Jesu Christi per singulas manus utrumque ymaginem aprehendebat. Orbita sive litere ipsius sigilli tales erant—S. Maioris ministri ordinis sancte trinitatis et captivorum.—Ex parte vero altera sigilli erat contra sigillus in quo erat ymago capitis humani et littere circumscripte dicebant—Visitasti me—.» É em documento de 1280 contendo outros de datas anteriores.

A *composiçom* relativa á fundação de S. Cucufato é do anno 1225 «...monasterium sancti Cucufati elborensis diocesis nuper de faucibus gentilium liberatum cum locis adjacentibus...»

Ainda existe o velho edificio. Mas os vestigios dos templos christãos da alta edade-media são rarissimos no Alemtejo. Sabemos alguns nomes de bispos eborenses anteriores á monarchia, são conhecidas as inscripções Christans desses tempos, mas os monumentos architectonicos são raros e pouco interessantes. Se não existiram construcções lavradas, sumptuosas, como a egreja do Mileu na Guarda, ou a de Villar de Frades cujo portico admiravel existe, e bem merece ser conhecido por artistas e archeologos, e tantos outros templos do terço norte do paiz, com certeza havia egrejas modestas, talvez pouco numerosas, que a conquista, a guerra prolongada de portuguezes contra agarenos no territorio alemtejano deixou em ruinas. Isto mostra-se bem nos documentos do cartulario eborense. É no seculo XIII que se fundam ou se reedificam muitas egrejas. O bispo e o cabido de Evora faz compo-

sição sobre a egreja de Villaboim (fl. 36) em 1262. «...Ordinamus quod ecclesia sancti Joannis nostre diocese que in terris et possessionibus domni Joannis Petri de Avoym et uxoris sue domne Marine Alfonsi auctoritate nostra noviter construitur videlicet in loco qui dicitur villa Avoym in termino de Elvis quod antea *fons de mocarave* vocabatur.» Aqui temos um antigo nome de logar talvez perdido no uso actual.

Documentos relativos á edificação ou reconstrucção de templos são numerosos no cartulario eborense. Em geral o proprietario do terreno corria com as despezas da obra ficando depois com um ou dois terços das offertas, importantes em muitas egrejas. Ha *imagens* que tem manadas de gado, e alguns moios de cereaes de renda annual. Muitas de taes instituições tiveram importancia na vida economica e agricola do paiz; a algumas se ligam os celleiros communs, instituições de credito agricola que prestaram muitos serviços e ainda prestam alguns.

Gil Martins faz as egrejas de Foxem (Vianna do Alemtejo) por 1231 «...quidem loca per eundem dominum Egidium et uxorem suam reddita sunt noviter ad culturam... ecclesia seu ecclesie que in predicto loco seu locis noviter construetur vel construentur...» Para o bispo e cabido d'Evora só fica nessa composição uma 4.ª parte; para Gil Martins outra; e a «medietas omnium decimarum cum mortuariis, primitiis, oblationibus et aliis obventionibus ad opus ipsius ecclesie vel ecclesiarum.»

Aqui temos na composição com o prior e raçoeiros de Santa Maria de Beja (1262) uma passagem curiosa sobre as missas da *doma* «...de tali modo missam debeat celebrare videlicet in qualibet die lune, martis, et mercurii de reliquie, die jovis de sancto spiritu, die veneris de cruce, die sabbati de sancta maria, die dominica de die.»

Outra c mposição interessante trata das egrejas de Portel (1262) «...noviter construuntur videlicet in ecclesia sanct. Joannis et in ecclesia sanct. marie ...S. Vicentii de Portel, ...S. Petri de Marmelar ...S. Jacobi de corte de minguyos ...S. Laurentii de Alqueeyva, ...S. Joannis de Portel Mafomede ...tum quam terre ille et possessiones de manibus sarracenorum per christianos sunt noviter liberate tunc quare ipse terre et possessiones in quibus dicte ecclesie sunt fundate de novo per eosdem patronos redacte sunt ad culturam.»

A auctoridade ecclesiastica faz estas concessões todas porque a terra foi tomada aos sarracenos e porque os proprietarios a fizeram cultivar. Um seculo de luctas devastára os campos alemtejanos, os terrenos jaziam maninhos; os templos em ruinas. Passadas as hostes do rei e das ordens militares vem o poderoso bispo

e corpo capitular tratar da religião e da vida economica, da cultura de cereaes e da creação dos gados; poucos annos mais tarde os paulistas da serra d'Ossa exploram a colmêa e chegam a fabricar em larga escala o mel e a cera; e entram tambem na industria dos utensilios de madeira, escudêlas, colheres, etc.

Desejei mostrar neste artigo, dando noticia de dois cartularios de cathedraes collocadas em diversas circumstancias, que nos archivos ecclesiasticos se guardam documentos de alto valor historico; oxalá que o clero portuguez attendesse á melhor disposição dos seus archivos, no que prestaria não menor serviço que na cautellosa conservação dos artisticos paramentos e alfaias que se guardam nos thesouros das suas cathedraes.

GABRIEL PEREIRA

O CASTELLO DA FEIRA

O castello da Feira é o monumento mais importante e mais curioso, que conheço entre nós, da architectura civil da edade media. Já noutro logar tive occasião de falar d'elle; e volto hoje a fazel-o.

A villa, que esta interessante edificação domina, está situada a 43 kil. a NNE. de Aveiro, e é denominada nos antigos documentos *Villa de Santa Maria*.

A primitiva construcção do castello, situado em uma eminencia de onde se descobre a villa e grandes extensões de terreno, é attribuida por uns aos godos e por outros aos arabes.

Não sei se antes do actual edificio alli existiu outro qualquer, porque o presente não tem o minimo indicio das construcções godas ou arabes. É uma edificação da edade media, perfeitamente caracterisada em todos os seus promenores.

A primeira entrada para o recinto do castello, aberta em uma cortina do muro, é constituida por uma porta ogival encimada pelo brazão d'armas dos condes da Feira, que consistia em um escudo com uma cruz de prata floreada.

Dizem alguns escriptores que estas armas foram dadas a D. Rodrigo Forjaz Pereira, por se achar na batalha de Navas de Tolosa em 1212, «em cujo dia appareceu no céo uma cruz vermelha, semelhante á de Calatrava (Aviz), a qual muitos fidalgos, dos que alli estavam, tomaram por armas ou por timbre das que já tinham».

Transposta essa entrada, vê-se um pequeno pateo em rampa suave, existindo de cada lado da porta aberturas á maneira de boca de forno, que terminam por seteiras em fórma de cruz. No muro do lado direito do pateo estão outras duas seteiras identicas.

Do pateo segue-se para outra porta ogival, que dá entrada a uma passagem abobadada a tejolo, e disposta em angulo.

Transposta essa passagem, encontra-se o visitante em um terreiro, a céo aberto, no fundo do qual se destaca a imponente torre, pittorescamente enlaçada por massiços de heras.

---

[1] No artigo *Villa da Feira*, na revista *O Occidente*, n.os 361 e 362.

A torre é quadrangular, erguendo-se a cada canto um torreão.

Dá entrada para ella uma porta com arco de volta redonda, parecendo ser esta uma das partes primitivas da construcção.

O interior é espaçoso e muito elevado. Não existe nenhum dos antigos pavimentos, mas vê-se perfeitamente onde se introduzia o

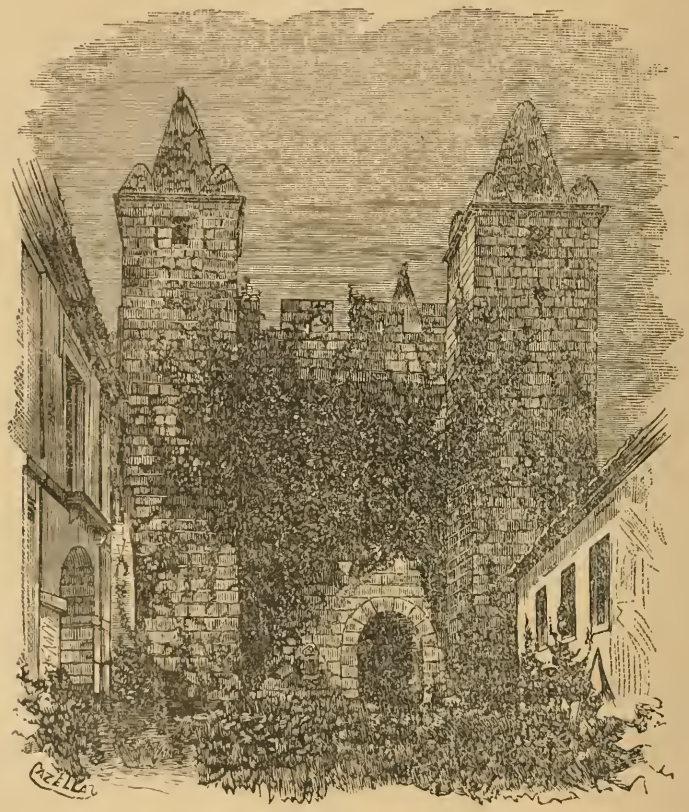
PORTA PRINCIPAL DO CASTELLO

madeiramento d'esses andares. Em um d'elles destacam-se ainda tanto por cima da entrada, como do lado direito, as chaminés dos fogões. Do lado esquerdo, aberto no massiço da parede, está tambem um pequeno altar, com tres degraus, tendo de cada lado um columnelo que parece datar das ultimas epochas do estylo ogival.

O tecto é formado por uma forte abobada de granito com nervuras diagonaes e está perfeitamente conservado.

Subindo ao primeiro andar e atravessando-se uma passagem de madeira pouco segura, penetra-se por uma pequena porta em uma estreita escada de caracol, de granito, tambem em perfeito estado de conservação, que nos conduz ao terraço da torre.

O pavimento d'esse terraço é formado por grandes lagens de granito, que os seculos ainda não conseguiram desconjuntar. A



SEGUNDA PORTA DE ENTRADA DO CASTELLO

cada canto do terraço eleva-se um pequeno torreão, de abobada de tejolo, e para o qual dá acceésso uma pequena porta. O terraço é todo ameiado e d'elle se descobre um extenso panorama, não só pela altura da torre como pela elevação em que está construida.

Descendo de novo ao pavimento terreo e ao atravessar o passadiço de madeira, veem-se ainda, em uma janella proxima, restos

muito tenues da antiga pintura que decorava algumas partes do edificio.

Do lado esquerdo da entrada principal e proximo de uma que dá sahida para o exterior, abre-se no pavimento uma abertura circular, sem resguardo algum, e que é sem duvida alguma uma cisterna.

Transpondo-se a porta referida, encontra-se a pouca distancia outra cisterna, a céo aberto, para o fundo da qual se desce por uma estreita escada de caracol, de granito.

Communicaria esta cisterna com o interior do edificio? Talvez.

Uma vez fóra da torre e caminhando-se para direita, depara-se-nos uma extensa passagem subterranea que desemboca nos campos que constituiam os dominios do castello. Essa passagem é por vezes ornada de seteiras em fórma de cruz e a meio d'ella existe um pequeno corredor que dá para um espaço ao ar livre.

Nada mais imponente e mais bellicoso do que o aspecto d'essas ruinas acastelladas que demonstram o cuidado que houve em preservar o edificio dos assaltos do inimigo. Por toda a parte grossas muralhas, casamatas e revelins.

E como a natureza alli se expande em completa liberdade, esses restos venerandos das opulencias da edade media envolvem-se em um manto poetico de heras e de outras plantas que lhes dão uma perspectiva formosissima.

O rei D. Manuel fez em 1512 importantes obras de restauração no referido castello, construindo inclusivamente uma fonte junto da porta principal da torre, que ainda alli se vê, encimada pelas suas armas.

Proximo da torre e dos dois lados do terrado que a ella conduz, existem os antigos paços mandados construir pelos senhores do castello. São edificações que nada teem de notavel na sua architectura e que hoje se acham muito arruinadas.

Foi o rei D. Manuel que creou em 1515 o condado da Feira a favor de D. Diogo Pereira, senhor de Bèsteiros. O condado continuou nesta familia até ao reinado de D. Pedro II, em que se extinguiu por falta de successão, passando o castello e as suas terras e fóros para a casa do infantado.

MANUEL M. RODRIGUES

A ARCHEOLOGIA NOS «LUSIADAS»

I

VIRIATO

(e, a proposito, o Monte Herminio) *

Só os dois citados auctores antigos, Hirtio e Dion Cassio, mencionam o monte Herminio. Examinemos as respectivas passagens, e comecemos pelo escriptor latino.

Tractando de Cassio Longino, propretor na Hispania Ulterior, diz Hirtio: «Itaque cum primum in unum locum exercitum conduxit, HS centenos militibus est pollicitus; nec multo post in Lusitania Medobregam oppidum, montemque Herminium expugnasset, quo Medobregenses confugerant, ibique imperator esset appellatus; iterum HS centenis milites donavit. Multa praeterea et magna praemia singulis concedebat, quae speciosum reddebant praesentem exercitus amorem, paulatim tamen et occulte militarem disciplinam severitatemque minuebant. Cassius, legionibus in hiberna dispositis, ad jus dicendum Cordubam se recepit»[9]. Vê-se que a cidade Medobrega estava proxima do monte Herminio, onde os seus habitantes se haviam refugiado; que alli os foi combater e vencer Cassio Longino; e que este, depois de premiar as suas tropas, deixa-as em quarteis de inverno e vae para Cordova a abrir o seu tribunal.

Este nome de cidade *Medobrega* não é mencionado por outro auctor antigo; mas o patrio d'elle derivado encontra-se com leves variantes em Plinio e numa das inscripções da Ponte de Alcantara. Plinio (4, 35, 118) dá a fórma *Medubrigenses*; a inscripção (*C. I. L.*, II, 760) contém *Meidubrigenses*. O sr. Hübner já estabeleceu a identidade d'estes dois nomes (*C. I. L.*, II, p. 95) e d'elles com os *Medobregenses* de Hirtio (*C. I. L.*, II, p. 696 Ad n. 760). Ha, de resto, um termo de comparação em *Calagurritana* (*C. I. L.*, II, 4326) e *Calagorritanus* (*C. I. L.*, II, 4245).

Uma circumstancia importante é a concordancia de monumentos com a informação ministrada por Plinio, dizendo que os Medu-

---

* Continuado de p. 29.

[9] Hirt., *B. Hisp.*, 48–49.

brigenses eram chumbeiros, *Medrubigenses qui Plumbarii* (*l. c.*) Ora no local de Aramenha, junto de Marvão na serra de S. Mamede, existiu uma povoação romana de que são testemunhos varios monumentos, entre os quaes seis inscripções (*C. I. L.*, II, 159–164). Quem primeiro d'elles fala é Resende por estas palavras: «Ipsa etiam destructa civitas a monte cui subiecta est Herminia vulgo dicitur, sive, ut Lusitane loquar, Haraminia. Supersunt tota illa inter monteis convalle, heic turreis, illic super fluvium pontes, heic aedium nobilium strata pavimenta, etiam Alarotica, illic ductus aquae fontanae, parte alia parietes semidiruti, et alia veteris frequentiae manifesta indicia. Fodinae quoque plumbi ut indiginae aiunt, multis locis per latera montis apertae»[10].

D. fr. Amador Arraiz confirma a existencia das ruinas de Aramenha, expressando-se com os mesmos termos que Resende: «Em meu tempo se acharam nas suas ruinas muitas columnas e sepulturas de marmores preciosos, com elegantes lettras, e moedas de oiro de bellissimas medalhas; duas especialmente recreáram minha vista, pondo os olhos nellas: uma que se bateu e correu no tempo de Vespasiano censor, e Tito imperador, e Tiprociano pontifice[11], e outra em tempo de Trajano, como se mostra nas suas inscripções.

«Vêem-se tambem em todo o valle e varzea de Aramenha muitas torres e pontes sobre o rio Sevèr, lastros e solhos de casas nobres bem ladrilhados e lageados, e um cano de agua doce, que de uma fonte corria pela cidade, muros derribados, e outros indicios manifestos da antiga frequencia de gente que nella havia.

«Tambem se acham pelos lados do monte, em muitos logares, abertas minas de ouro, prata, e chumbo»[12].

Rodrigues de Gusmão, a proposito das minas, dizia em 1861: «Uma d'estas galerias ainda, ao presente, se acha no mesmo estado em que a descreveu Antonio Patricio no seu *Diccionario Geographico*»[13]. O que neste se lê é, a bem dizer, o mesmo que refere o padre L. Cardoso: «Tem mais esta Freguesia huma cova profundissima, sita no infimo da serra da Portagem, para a parte do Occidente, que terá cincoenta covados de altura, e faz para a parte do Norte huma caverna tão comprida, que se não sabe o comprimento que tem pela escuridade. Foy esta cova feita na ro-

---

[10] Resende, *De antiquit. Lusitaniae*, p. 43.

[11] Era, sem dúvida, um aureo de Tito com as legendas: T. CAES. IMP. VESP. CENS. ℞. PONTIF. TRI. POT. (Cohen, *Descrip. des monnaies frappées sous l'empire romain*, I, 348, n.º 59 e al.)

[12] Arraiz, *Dialog.*, IV, 10.

[13] R. de Gusmão, *Apontamentos archeologicos* no *Archivo Pittoresco*, IV (1861), p. 394 (not. 5).

cha de pedra viva; e dizem communmente, que foy mineral de chumbo, que já se acabou»[14].

Duarte Nunes de Leão diz que na Aramenha «se vêem vestigios de templo grande»[15], ao que R. de Gusmão annota: «Ainda existem alguns d'estes vestigios actualmente, em uma propriedade do dr. Alvaro da Fonseca Coutinho»[16].

Resumi todos estes testemunhos[17], porque se completam, e cerral-os-hei com a indicação d'outro monumento de Aramenha. Na porta chamada do carro de Castello de Vide ha uma inscripção que diz que no reinado de D. João v *foi este portado tirado debaixo das antigas ruinas...* no sitio *chamado Aramenha, transferido e posto neste logar por Manuel de Azevedo Fortes, governador d'esta praça, no anno de Christo de 1710*[18]. Esclarece a inscripção o seguinte documento transcripto do original pelo sério escriptor R. de Gusmão:

«Manoel de Azevedo Fortes, cavalleiro professo da ordem de Christo, coronel de infanteria do partido da corte, e governador da praça de Castello de Vide por Sua Magestade que Deus Guarde,

«Certifico que, encarregando-me Sua Magestade, que Deus Guarde, a reedificação d'esta praça, que os inimigos deixaram demolida, e sendo necessario fazer-se uma nova porta na cortina de S. Francisco, por estar de todo incapaz a que chamavam do carro, me vali de um portado de cantaria grossa e fortissima, que ficou inteiro entre as ruinas da antiga cidade de Medobrega. aonde chamam Aramenha, uma legua d'esta villa, e estava servindo de portico e entrada a uma quinta que naquelle sitio tem Luiz Freire da Fonseca Coutinho, o qual sabendo o meu intento, e que desejava servir-me do dito portado para a fortificação d'esta praça, querendo-lh'o comprar, o offereceu gratuitamente para o serviço de Sua Magestade, sacrificando a este fim o gosto que tinha em conservar na sua quinta aquella antiguidade e memoria, pois foi fundada a dita cidade, segundo os historiadores, mil novecentos e seis annos, antes da vinda de Christo. E com effeito, mandei conduzir o dito portado para esta praça, para se collocar na nova porta de Aramenha, e com elle se poupou á fazenda real, só no arranco e lavor

---

[14] Cardoso, *Dicc. Geogr.*, s. v. *Aramenha.*

[15] Nunes de Leão, *Descr. de Portugal*, cap. 4.

[16] R. de Gusmão, *l. c.*

[17] O sr. Hübner diz (*C. I. L.*, II, p. 21) que viu em Lisboa um opusculo aqui impresso em 1841 com o titulo *Observações que fazem crer... que... uma cidade denominada Aramanha... existia... junto ao Prado de Marvão... onde está hoje a frequezia de S. Salvador.* Não o encontro mencionado no *Dicc. bibl.* de Innocencio F. da Silva, nem o encontrei na Bibliotheca Publica.

[18] R. de Gusmão, *o. c.* p. 394.

das pedras, se se houvessem de mandar fazer, mais de duzentos mil réis. Passa o referido na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos, de que mandei passar o presente por mim assignado. Castello de Vide, 15 de novembro de 1710. Manoel de Azevedo Fortes». (Tem o sello das armas de que usava)[19].

A circumstancia de serem chumbeiros os habitantes da cidade que existiu junto de Aramenha, do mesmo modo que os mencionados por Plinio, parece-me dar-nos muitas presumpções de que os *Medubrigenses* do naturalista, os *Meidubrigenses* da Ponte de Alcantara, e os *Medobregenses* de Hirtio são um unico povo. Mas duas circumstancias mais ha a considerar, que transformam em convencimento as presumpções obtidas.

É uma, que a inscripção da Ponte de Alcantara, a que alludi, menciona como povos que contribuiram para a sua construcção os *Igaeditani*, *Lancienses oppidani*, *Talori*, *Interannienses*, *Colarni*, *Lancienses transcudani*, *Aravi*, *Meidubrigenses*, *Arabrigenses*, *Banienses*, *Paesures*[20]. De todos estes só a tres por emquanto se tem podido assignar a exacta posição geographica: *Igaeditani*, cujo nome subsiste em *Idanha-a-velha*[21]; *Aravi* de que se encontraram monumentos na *Deveza* junto a Marialva[22]: *Banienses*, que parece habitavam as visinhanças de *Moncorvo*[23]. Dos restantes ha apenas a certeza de que a maior parte estava ao norte do Tejo. A ordem, por que se acham dispostos os nomes, e que nem obedece á serie alphabetica nem á posição geographica (porque, se não se conhece o local preciso das *civitates*, sabe se todavia para algumas a sua relativa disposição), pode ser que indique em primeiro logar os maiores contribuintes para a construcção da ponte. Ora, sendo esta de egual utilidade para os povos do sul do Tejo como para os do norte do mesmo rio, é claro que entre aquelles não deixaria de haver alguns que contribuissem tambem para a construcção da ponte. Assim, por este lado, não pode objectar-se a identificação dos nomes Meidubriga, Medubriga e Medobrega.

A outra circumstancia, tirando-nos as dúvidas sobre o local de Medobrega, mostra-nos evidentemente qual foi o *mons Herminius* de Hirtio.

O meu amigo e distincto philologo Adolpho Coelho já se occupou uma vez d'este nome dizendo: «Il n'y a que le nom de lieu *Aramenha* qui paraisse se rattacher à *Erminius*... Le thème *mino-*

---

[19] R. de Gusmão, o. c., p. 394.
[20] *C. I. L.*, II. 760.
[21] *C. I. L.*, II, 435-451, 460.
[22] *C. I. L.*, II. 429.
[23] *C. I. L.*, II. p. XLIV Ad n. 2399.

serait dérivé de la racine *min* du lat. *pro-min-eo. e-min-eo, im--min-eo, men-tu-m, mon-ti-*... Il y a en kymr. *menyd*, mont, en cornique *menith*, en armor. *menez*... Comp. encore *Minaticum*, lieu de la Gaule (*Beitraege zur vergl. Sprachforsch*, III, 418, Zeuss-Ebel, p. 806), *Vindo-mined* (mons albus, Zeuss-Ebel, p. 132). **Er-minos*, d'où la forme adjective *Erminius*, aurait donc la même signification que **Er-cunos*, d'où *Ercunia*, *Ercunius*, c'est-à-dire, *très élevé, celui qui est très élevé*»[24].

De modo que, resumindo tudo, apuramos:

ser *Meidubriga*, *Medubriga* e *Medobrega* o mesmo nome d'uma só povoação;

ser essa povoação situada no local modernamente chamado Aramenha, proximo de Marvão, na serra de S. Mamede;

ser *Aramenha* corrupção de Herminio;

e, portanto, ser o Herminio de Hirtio a serra de S. Mamede.

Vejamos agora a passagem de Dion Cassio.

Falando da guerra da Hispania, conta que Cesar, estando no sul da Betica, movido de varias causas se dirigiu para o monte Herminio, πρὸς το ὄρος το ἑρμίνιον ἐτράπετο, a cujos habitantes ordenou que descessem para a planice, καὶ ἐκέλευσε τοὺς οἰκήτορας αὐτοῦ ἐς τὰ πεδινα μεταστῆναι, a fim de que elles não aproveitassem a natural segurança de local para exercer pilhagens; presentia o habilissimo general que aquella gente se recusaria a obedecer, e que portanto teria elle ensejo de fazer-lhe a guerra. Sahiu-lhe o caso como cuidára, e derrotou os que pegaram em armas. Alguns povos visinhos, atterrados com isto, para obstar a que Cesar os fosse atacar tambem, passaram suas mulheres e filhos, e tudo o que de maior valor possuiam, para além do Douro, ὑπὲρ τὸν δώριον. Cesar apodera-se-lhes das cidades, e em seguida persegue-os e derrota-os. Depois, sabendo que os habitantes do Herminio se haviam revoltado e pretendiam cortar-lhe a retirada, κἀντοῦτῳ μαδὼν τὸν ἑρμίνιον οἰκοῦνται ἀφεστηκέναι τέ, toma caminho diverso do que primeiro seguira, cae sobre elles e persegue-os até ao Oceano[25].

Resende falando do Herminio, conclue que o monte a que allude Hirtio é incontestavelmente a serra de Aramenha, e que a montanha a que se refere Dion Cassio só pode corresponder á Serra da Estrella; isto pela circumstancia da passagem do Douro, pois, se os factos succedessem ao sul do Tejo, a passagem seria além d'este rio. Diz elle: «Uxorum, filiorum, aliarumque rerum in

---

[24] Ad. Coelho, *Sur la forme de quelques noms géographiques de la Péninsule Ibérique*, nas *Mélanges Graux* (1882) p. 231-232.

[25] Dion Cass., *B. Hisp.* 37, 52. 59.

pretio habitarum exportatio ultra Dorium, ad Stellae montem Durio propinquiorem videtur pertinere»; accrescentando todavia logo: «Rursus fuga Herminiensium et Caesaris insequentio usque ad Oceanum, exposito priori loco monti magis conveniunt»[26].

Cita este actor muitos documentos, em que apparece a palavra *Hermeno* correspondendo á Serra da Estrella, sendo todas as expressões que nelles se empregam reduziveis á formula, *in territorio Senae, sub monte Hermeno*; pelo que se torna indiscutivel que com este nome era designada pelo menos parte d'aquella grande serra. Em documentos da mesma epocha (seculo XII) apparece já a designação *Serra da Estrella*; como por exemplo no instrumento de doação da villa de Góes, por D Thereza e D. Affonso Henriques, a D. Anaya Vestrariz, datada do anno da resurreição 1113: «Et inde quomodo vadit per ipsam Lumbam a directo ad caminum de Serra Stellae, vertentibus aquae contra Tara, et contra Hunães» *(Unháes)*[27].

Encontra-se tambem em muitos documentos antigos o termo *ermio*, que pronunciado *êrmio* correspondencia a *ermo*; mas lido *ermio* pode ser uma fórma de *Herminio*. No foral de Ceia do anno de 1136 leio: «Et homines qui fuerint trans ermio[28] et prendiderint maurum qui fugiat aut mulo aut caualo aut asino aut bouem aut uaca et illi fuerit de salamanca aut de zamora aut de terra de mauros aut de terra extranea dent quintam partem ad illo Rege et alia alcaidaria non dent... Et de mondeci usque in hermeno qui inuenerit mauro aut caualo detque ganauerit det terciam partem ad Regem et alia habeat»[29]. E no foral da Covilhã de 1186 depara-se-me o seguinte: «Moratores de Coueliana non dent portadigo. Assignamos ei terminos per stellam et inde per barelas et per uerticem de teixeiras, et de frauegas, et inde quomodo discurrunt aque ad ozezar, et inde per bouem quomodo currit ad Coam, et inde per souereira per cimalias de alferezes, quomodo uenit aaceph, inde alpreada quomodo intrat in alponsur, et alponsur in tago, et in portum de Rotano ad cortizadam, et inde ad Valongum, et inde ad portum de nudeir per foz de pera, et intrat in serra de ermio quomodo uertit aquas ad ozezar»[30]. Conclue-se pois do que dizem estes dois foráes e do que diz, entre outros documentos, o que fica citado, pouco acima, da doação de Góes, que ou parte da Serra da Estrella já

---

[26] Resende, *o. c.*, p. 48.

[27] Brandão, *Mon. Lusit.* v, Append., Escript. xv.

[28] No Regest. de Affonso II lê-se a variante «serra de ermeo» (*êrmeo*? ou *erméo*=*ermeno*?)

[29] *Port. Mon. Hist.. Leges et Consuet.*, Foral de *Sena*. p. 371–372.

[30] *Ibid.*. Foral de *Coueliana*, p. 458–459.

assim era chamada no seculo XII e outra parte conservava o nome de Herminio sob a fórma *Hermeno*, ou, o que é mais provavel, que ambas as denominações lhe eram applicadas. Além d'isso, temos a phrase do foral de Covilhã «serra de ermio» que pode ser *serra de êrmio* (serra do ermo) ou *serra de ermio* (serra do Herminio). No foral de Ceia, vimos «trans ermio» e mais abaixo «in hermeno» parecendo ser duas designações diversas, embora seja vulgarissima a anomalia de um mesmo nome apparecer escripto de varios modos no mesmo documento medieval. Despresando porém por duvidoso o nome *ermio*, fica todavia apurado em definitiva que a serra da Estrella foi chamada *Hermeno*, isto é, Herminio.

Do que fica dicto parece que o ἑρμίνιον ὄρος de Dion Cassio deve identificar-se com a Serra da Estrella. Ainda assim tenho a fazer algumas observações que se me offerecem.

Abstraindo completamente de discutir se houve um erro de copia, ou uma troca de nomes feita pelo auctor, ou uma errada informação que obteve; mas examinando só o texto de Dion, tal qual o conhecemos, não vejo realmente que seja necessaria a conclusão de Resende. Admittindo a hypothese que o ἑρμίνιον ὄρος corresponde exactamente ao mons Herminius de Hirtio, não encontro difficuldade na interpretação dos factos succedidos após a derrota dos habitantes do Herminio. Dion diz que alguns povos visinhos, atterrados com aquelle desastre, para se livrarem de sorte egual, passaram além do Douro; mas não diz se esses povos visinhos estavam ao sul do Tejo se ao norte d'elle; e, vista a proximidade entre a serra de S. Mamede e o Tejo, pode perfeitamente intender-se que os taes povos visinhos estavam ao norte do rio. Assim temos que elles cuidaram em passar além Douro, convencidos de que só uma grande distancia os poderia livrar do inimigo; e, certamente, atravessar o Tejo nas proximidades de Marvão, ou serra de S. Mamede, seria coisa facillima para Cesar. Agora, por outro lado, admittir a hypothese que o ἑρμίνιον ὄρος correspondia á Serra da Estrella, o facto de transpôr o Douro não seria de grande vantagem aos que Cesar perseguia.

Além d'isso, a Serra da Estrella nunca foi habitada. Hoje, só quem quizer fechar os olhos perante a evidencia, poderá persistir em crer tal; porque, pelas suas condições climatericas, a serra propriamente dicta não pode, nem nunca poude, ser habitada com permanencia. Se nalguma epocha, por mais remota que fosse, alli tivesse havido uma população estavel, fixa, ou mesmo que alli demorasse em largas temporadas, restariam sem dúvida monumentos, insignificantes que fossem, d'esses antigos habitadores. Mas a realidade é que na Serra da Estrella não existem nenhums vestigios de populações que alli se estabelecessem mesmo em curtos

periodos[31]. D'este modo tambem não é possivel admittir que a Serra da Estrella corresponda ao ἑρμίνιον ὄρος, pois então Dion não poderia attribuir-lhe habitantes.

Quanto a mim, pois, Hirtio e Dion Cassio são concordes na situação do Herminio. Mas isto invalida então que a Serra da Estrella se chamasse Herminio? Não.

O nome *herminio* (*er-minos*, muito alto), encontra-se como vimos sob duas fórmas (pelo menos): *hermeno* e *aramenha*. A primeira não será difficil de encontrar ainda nalguns documentos applicada a outros logares. Mas pelo que toca á segunda fórma, subsiste ella ainda hoje em não menos de quatro localidades, (comprehendida a de que já falei); são ao todo:

freguezia de S. Salvador de *Aramenha*, termo de Marvão, na serra de S. Mamede[32];

quinta de *Aramenha*, na freguezia da Varzea, concelho de Santarem[33];

quinta de *Aramenha*, na freguezia do Cartaxo[34];

casal de *Aramenha*, na freguezia A dos Francos, concelho de Obidos[35].

Que conclusão tirar da existencia d'esta designação locativa, que se encontra em logares affastados uns dos outros? Que essa denominação, ha muitos seculos tornada definitivamente nome proprio, conservou todavia durante longo tempo o seu primodial emprego commum. O nome *alpe*, hoje proprio d'umas cordilheiras bem conhecidas, encontra-se a cada passo com a significação de *monte* nos nossos documentos da edade media[36]. Do mesmo modo, o nome *Herminio* serviu para designar muitas elevações, muitas emminencias (*im-min-eo*), ficando como proprio aos logares que apontei, e porventura a outros da peninsula que desconheço. Se nos documentos medievaes se encontra com mais frequencia o termo *alpe*, é que o seu emprego foi mais vulgar que o de *herminio*, que muito cedo se tornára obsoleto, perdendo-se a noção do seu significado.

Agora, pergunto, que relação ha entre Viriato e monte Herminio? Toda e nenhuma. Porque, se considerarmos que as montanhas

---

[31] Veja p. ex., *Expedição scientifica* (da Soc. de Geogr. de Lisboa) *á Serra da Estrella em 1881. Secção de Archeologia*, relatorio do sr. dr. F. Martins Sarmento (Introducção).

[32] J. M. Baptista, *Chorogr.* N j 1.

[33] Id., *ibid.*, L m 26.

[34] Id., *ibid.*, L d 1.

[35] Id., *ibid.*, K h 4.

[36] *Port. Mon. Hist.*, *Dipl. et Chartac.* passim. Viterbo. *Elucid.*, s. v. *Alpes*.

da peninsula eram communmente chamadas *herminios*, em qualquer das da Lusitania ou em todas ellas pode ter estado Viriato, sem que se possa preferir uma ou outra. Os auctores que falam do notavel caudilho só dizem que elle vivia de preferencia nos montes («in montibus suis trophaea fixit» diz Floro[37]); mas nenhum dá o nome d'esses montes, nem ministra informações seguras para a sua identificação. Torna-se até evidente que o heróe não estivesse sempre nas mesmas montanhas durante os quatorze annos que sustentou a lucta da independencia da Lusitania. Assim, Viriato relaciona-se pelo menos com um *herminio*, com um monte, mas não se sabe qual, se o *Mons Herminius* de Hirtio, se o ἑρμίνιον ὄρος de Dion Cassio, se outra qualquer emminencia.

Se fizeram da Serra da Estrella o theatro das famosas proezas de Viriato, foi isso apenas uma asserção gratuita, uma phantasia patriotica; foi por ser ella a mais elevada montanha da Lusitania; porque para o grande heróe era precisa uma scena pomposa. Por isso só se tem achado como ponto verdadeiramente estrategico a Serra da Estrella, sendo-o tanto como ella a de S. Mamede, a de Monchique, e outras muitas; por isso, contra a realidade dos factos, a supposeram habitada pelos antigos.

Taes são as reflexões que se me offerecem sobre a velha e inconnexa phrase «Viriato e o Monte Herminio».

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[37] Floro, II, 17.

BIBLIOGRAPHIA

ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES LETTRES. Comptes rendus des séances de l'année 1889. Quatrième Série, Tome XVII. Bulletin de Septembre-Octobre:

Séances de Septembre-Octobre.—Communications: XXIII, *Fragment d'un registre des enquêteurs de saint Louis*, par M. L. Delisle.—XXIV, *Résumé analytique d'un mémoire sur Damascius et sont traité des premiers principes*, par M. Ch.-Em. Ruelle.—XXV, *Note sur un cylindre chaldéen apocryphe du Muséum britannique*, par M. Joachim Menant.—XXVI, *Une monnaie bactro-chinoise bilingue du premier siècle avant notre ère*, par M. Terrien de Lacouperie, docteur ès lettres et en philosophie.—XXVII, *Inscriptions trouvées à Maronnée*, par M. Degrand, consul de France à Andrinople. (Communication de M. H. Weil).—XXVIII, *La langue, la religion et les mœurs des habitants du Houaza*, par M. le Dr. Leitner, directeur de l'Institut oriental de Woking (Grande-Bretagne).—XXIX, *Les cités alliées et libres de la Gaule d'après les monnaies*, par M. Anatole de Barthélemy.—XXX, *Sixième note sur les fouilles de Cherchell* (exploration du palais des Thermes), par M. Victor Waille, professeur à l'École supérieure des lettres d'Alger, communiquée par M. Georges Perrot.—XXXI, *Quelques observations sur les ossuaires rapportés de Perse par M. Dieulafoy et déposés au musée du Louvre*, par M. Jivandji Jamshedji Modi.—Livres offerts.

BULLETINO DELL'IMPERIALE ISTITUTO ARCHEOLOGICO GERMANICO. Sessione Romana. Vol. IV. Roma, 1889.

Fasc. 4.—H. Heydemann, *Due monumenti dell'Italia meridionale* (taf. X, XI).—E. Petersen, *I rilievi tondi dell'arco di Costantino* (taf. XII).—Sitzungsprotocolle.

COMMUNICAÇÕES DA COMMISSÃO DOS TRABALHOS GEOLOGICOS DE PORTUGAL. Tomo II, fasc. I, 1888-1889.

I, *Note sur les ossements existents dans le musée de la Commission des travaux géologiques*, par F. Paula e Oliveira.—II, *Note sur une météorite ferrique trouvée à S. Julião de Moreira près de Ponte de Lima* (Portugal), par Alfredo Ben-Saude.—III, *Dr. Welwitsch. Quelques notes sur la géologie d'Angola coordenées et annotées*, par Paul Choffat.—IV, *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas comprehendidas nos mesmos jazigos*, por J. F. Nery Delgado.—V, *Nouvelles fouilles faites dans les kioekkenmoeddings de la vallée du Tage*, par F. Paula e Oliveira (mémoire postume).—VI, *Anti-*

quités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes, par F. Paula e Oliveira (mémoire postume).—VII, *Caracteres descriptivos dos craneos de Cesareda*, por F. Paula e Oliveira (memoria postuma).—VIII, *Notice sur quelques objets préhistoriques du Portugal fabriqués en cuivre*, par Alfredo Ben-Saude.—IX, *Nota ácerca dos foraminiferos fosseis da provincia d'Angola*, por Charles Schlumberger.

O Occidente. Revista illustrada de Portugal e do extrangeiro. n.os 391-396 (1889) e 397-404 (1890).

Traz o seguinte artigo que interessa á archeologia:

N.º 402. *O Castello de Cesimbra* (com uma gravura).

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, orgão dos trabalhos da *Sociedade Carlos Ribeiro*. Porto, 1889—1.º vol. n.º 3.

Traz entre outros artigos:

Sobre os conhecimentos ethnicos dos gregos e dos romanos, por Adolpho Coelho.—*Nouvelles publications sur les dépots mesozoïques du Brésil*, par Paul Choffat.—*Contribuições para a anatomia das Siphonarias*. por Augusto Nobre.

Revue de l'Art chétien. Lille. Société de St. Augustin.— 32me année, 1890. 1er livraison.

Texte: *Cloche, avec inscription dédicatoire, du* VIIIe *ou du* IXe *siècle, trouvée à Canino*, par le Comm. J.-B. de Rossi.—*De quelques inscriptions en vers* (1er article), par M. Anatole de Montaiglon.—*Études d'analyptique sacrée* (deuxième article), par M. l'abbé Ch. Didelot.—*L'art à Amiens vers la fin du moyen âge dans ses rapports avec l'école flamande primitive* (deuxième article). par Mgr C. Dehaisnes.—*Le tableau de dévotion de la collection de Piolant, à Poitiers* (premier article), par Mgr X. Barbier de Montault.—*Mélanges.—Revue des inventaires*, par Mgr X. Barbier de Montault.—*Travaux des Sociétés savantes.—Bibliographie.—Périodiques.— Index bibliographique.— Chronique.— Questions et réponses.*

Planches: I. *Cloche du* VIIIe *siècle découverte à Canino.*—II. *Tableau de dévotion de la collection Piolant.*—III. *Mariage mystique de sainte Catherine, par Anthony.*

LUGO ROMANA

I

Esculpturas—Mosáicos—Lápidas

Lucus Augusti compartió con *Astúrica augusta* y con *Brácara augusta* el predominio, durante la dominacion romana y los primeros siglos de la Edad media, sobre todas las demás poblaciones del N. O. de la peninsula ibérica. La importancia de estas tres ciudades ha decrecido considerablemente en los tiempos modernos, y, más que la de las otras, la de Astorga, hoy reducida á simple capital de partido judicial, aunque conserva su sede episcopal.

Lugo se halla actualmente en época de verdadero renacimiento, debido, únicamente, á las favorables condiciones de su situacion topográfica y geográfica, que la hacen forzoso centro de comunicaciones y defensa militar de la comarca.

Pero este renacimiento positivo, todavia incipiente, no se ha dejado sentir en el campo de la Arqueologia; pues ni se ha aumentado el caudal de antigüedades alli descubiertas, ni, lo que es más doloroso, se ha ganado nada en punto á buena conservacion de las anteriormente encontradas.

Ya Don Mauro Castellá Ferrer en su magna *Historia del Apostol Santiago* (Lib. I, cap. XIX, fol. 74) se lamentava (á fines del siglo XVI) de que «en Lugo ha habido muchas memorias de los Romanos, pero el tiempo y la poca curiosidad las han gastado». Y, por lo que al presente toca, se ofrece, hay que reconocerlo forzosamente, no pequena dificultad para prestar asentimiento á lo que ha escrito el Exmo sr. D. Juan de Dios de la Rada y Delgado, director de la Escuela Superior de Diplomática, en el *Museo Español de Antigüedades* (tomo I) al tratar del *mosáico* de la calle de Batitales de la misma ciudad de Lugo, cuando dice: «tuvimos ocasion de admirar los muchos monumentos de época romana en que abunda la antigua *Lucus Augusti*... Lugo durante la dominacion romana tuvo una gran importancia, como nos lo atestiguan las

muchisimas lápidas, fustes de columnas, restos de estátuas que en ella se encuentran y su magnifica muralla.»

Lo que hoy existe allí de antigüedades romanas es, á parte de una docena escasa de lápidas, harto poco, y tan guardado que mejor puede decirse que está oculto.

Una de las más insignes antigüedades encontradas en Lugo fué aquella estátua que Dom Mauro Castellá Ferrer dice (despues de poner lo que queda copiado) que alcanzó á ver, añadiendo «no se si aora permanece,» y habia sido hallada cerca de la muralla. Segun ese autor, era: «vna figura de vna donzella esculpida en piedra, con vn escudo en la mano, la otra tenia leuantada, y parece huvo en ella saetas, figura por la qual los Romanos significaban á España»[1].

Los genealogistas se apoyaron en esta antigua obra escultórica, para sacar deduciones tan peregrinas como la que D. Francisco Davila y Lugo consignó en su *Panegyrico al libro de la Corona de espinas de Christo N. S. de Don Gaspar de Seixas y Lugo, Caballero del Abito de Christo,* al decir que: «Los Lugos... añadieron á estas armas vna Cruz... de su centro salen quatro Espigas de trigo... aludiendo sin duda con las Espigas á aquella Estátua de mármol que se divisa en las murallas de la Ciudad de Lugo, de vna Ninfa armada, con su escudo embraçado y en la mano diestra vn manojo de espigas.» D. Fernando de Saavedra transcrivió esto, copiando al P. La Gándara[2] en su *Memorial de la casa de Saavedra* (fls. 117–118. Granada 1677) añadiendo: «Con otra tal entró el Emperador Augusto triunfante en Roma despues de aver vencido á España; y en Lugo la hizo poner por aver sido la última ciudad de España y del Orbe que conquistó para su imperio».

Espigas y no saetas, dijo el P. La Gándara, en efecto, que era lo que la estátua tenia en una mano, creyendo que significaban haber sido Lugo la última ciudad conquistada por los Romanos, con lo que se inauguró la paz llamada Octaviana. Y el P. Risco dió por seguro que era figura de España, la misma que se representa en las monedas romanas con rodela y dos lanzas en la mano isquierda, y dos espigas en la mano derecha: simbolos de la fertilidad de estas Provincias y del valor militar de sus habitantes.

Parece que existia aun, cuando escribió Gil Gonzales; pues se lee en su *Teatro* (III, 171): «Vna figura está en pié cerca de sus murallas, que representa á España, con vn Escudo embrazado

---

[1] El P. Seguin (*Galicia reino de Cristo Sacramentado* I, 331) dice que se refiere a la figura puesta al frente de la *Historia* de Morales.

[2] Vide *Armas y triunfos* pag. 211; y *Nobiliario* Lib. III, cap. 3, pag. 308. Y tambien *El Cisne Occidental* II, 198.

en la vna mano, y en la otra vn Manojo de saetas: Mostrando con esta disposicion, ser velicosa y guerrera.»

Pero el Doctor Pallares, autor de la historia de Lugo titulada *Argos divina*, ya no alcanzó á verla, en los fines del siglo XVII, y sospechó que la habia empleado en edificar algun vecino inadvertido de su atigüedad é importancia.

De otra notable obra escultórica del tiempo de los romanos, hallada em Lugo, se tienen algunas noticias.

Era una escultura que existió en una piedra de los muros, en la misma Puerta Nueva, ó cerca de ella, por la parte de dentro de la ciudad; la cual, dicen, representaba á Hércules Lybico, con los brazos desnudos, armado de la clave y acompañado de la aguila, á su derecha, simbolo de las victorias alcanzadas de los Geriónes. Cuya piedra fué tenida por Pallares como muy fuerte fundamento para probar que habia sido Hércules el fundador de la ciudad de Lugo, por los años de 1718 antes de Jesu Cristo, (segun el cómputo debido á eruditos sujetos, incluso el Maestro Fray José Bugariños, de la orden de Predicadores, y segun la cuenta del P. Bernardo de Brito) en la primera, y no en la segunda venida de Hércules, despues de la muerte de su pretendido hijo Hispalo.

Da á entender que existia esta piedra todavia á los fines del siglo pasado, el canónigo Camino, en la noticia que envió al P. Risco, en 1795 cuando dice: «Entre las antigüedades que se han conservado más tiempo en los muros de esta ciudad, es una piedra en que está retratado Hércules Lybico armado de la... maza con que se le atribuye haber domado los monstruos... Tiene... á su lado derecho grabada una Aguila como simbolo de las victorias de Hércules, ó para significar que le suministraba las armas como á Jupiter». (*Esp. Sagrada* XL, 17).

Cean Bermudez (*Sumario de las antigüedades romanas* pag. 207) da tambien á entender que existia (en 1832) al decir: «Está grabada en una de sus piedras (de la muralla) la figura de Hér-«cules con su maza; pero no existe otra de muger que hubo en lo antiguo, y tenia un escudo embrazado, y en la mano derecha un manojo de espigas».

Quizá sea esa efigie de Hércules, aquella hallada en un nicho junto á la Puerta Nueva, hácia el año 1865, de 80/60 cent., de que por entonces, se me envió um ligero apunte del que doy el *fac-simile*.

Concluyo con la parte escultórica de las antigüedades romanas de Lugo, poniendo la noticia de que la Comision provincial de

monumentos de esta ciudad posee, parece, una cabeza marmórea de fauno, que yo no he visto[3].

No obstante lo que queda dicho, han abundado en Lugo los hallazgos de objectos antiguos, considerados como de procedencia romana.

El prebendado de la catedral D. Jerónimo Agudo y Pacavin, natural de la misma ciudad de Lugo, en carta escrita á D. Pedro Rodriguez Campomanes, fechada en 4 de Junio de 1767, (original en la Biblioteca de la Real Academia de la Historia, Estante 18, leg. 57), le participaba que «al acer una guerta en una cortiña dentro de las murallas, y á la inmediacion de ellas, halló una piedra de canteria con inscripcion[4], que al parecer servia de mesa (altar?) pues estaba sobre otras dos que la servian de pié»; añadiendo que «hubo la desgracia de faltarle el número del año, aunque hize bolber a cabar para encontrarle... pues se conoce haberse roto al sacarla»; y que «allé alli varias ruinas de casas y diversas especies de ladrillos algunos de cerca de media vara en cuadro... tambien tal cual moneda de cobre y debajo de una piedra una especie de brasero en pedazos, de un metal que acá no se conoce, y otros dos pedazos como especie de yerro muy pesado lo que hice meter en la fragua, tardo en encenderse pero era tal el olor, como si fuera azofre...»; y concluye afirmando que «en esta ciudad apenas se aze obra que no se allen ruinas y paredes dadas de blanco».

Muchos años despues, el arquitecto D. Alejo Andrade Yañez, en cierta *Memoria sobre las antigüedades de Lugo*, remitida á la Real Academia de la Historia, (con fecha: Lugo á 2 de Marzo de 1837) que se conserva en su Biblioteca (Est. 18 leg. 57) en cinco hojas útiles en folio se llama «testigo presencial» de que en Lugo, «por do quier que uno vaya suministran fragmentos antiguos á poco que se profundice el suelo»; por lo cual (refiere): «me determiné, no á escribir la historia critica de la ciudad, pero si á presentar á la sabiduria de V. E. todos los objectos que pude descubrir á la ocasion de haber dirigido la carretera que sale con direccion á Santiago, las obras de la plaza y las que desde Agosto último hasta esta fecha se hicieron para mejorar la muralla y asegurar su futura conservacion».

---

[3] Tienese noticia de haberse encontrado en Lugo: fustes de columnas, fragmentos de estátuas y algun idolo de bronce, todo lo cual atestigua la importancia y riqueza de esa ciudad en la época romana.

[4] No se encuentra en el legajo lo copia de la inscripcion que dice remitia con la carta.

Durante esas obras, efectuadas en la plaza en los años de 1836 y 1837, tambien se hallaron monedas frente á la casa consistorial; pero Andrade, que da la noticia en su *Memoria*, no especifica cuales fuesen[5].

Del descubrimiento del primer mosáico hallado en Lugo, dió noticia D. José Cornide, diciendo que se habia descubierto últimamente en carta (fechada en la Coruña á 3 de Noviembre de 1786) publicada en el *Diario curioso, erudito, económico y comercial*, número 147, correspondiente al 24 de Noviembre del propio año de 1786[6].

En el año de 1842, fué cuando se verificó el descubrimiento de la parte principal del celeberrimo mosáico, la más insigne antigüedad romana que hasta nuestros dias se conserva en toda Galicia. El dia tres de Setiembre de dicho año, al empezar á abrir una zanja en la calle de Batitales para encañar el agua, «se descubrieron trozos de columnas y un pedestal y luego un pavimento todo de mosáico». Asi se referia el hallazgo en cierto papel enviado á la Academia de la Historia (existente en su Biblioteca Est. 18 leg. 57), añadiendose: «Los del pueblo dicen qua hace tiempo se halló igual pavimento... en el centro de una de las casas inmediatas... y otro trozo... junto al deshecho convento da agustinas... á cuarenta varas de lo ahora descubierto».

Este valioso hallazgo despertó un entusiasmo y produjo un movimiento que, ciertamente, no se reproducirian hoy, en igual caso, desques de medio siglo de pretendido aumento de cultura social. A los ocho dias y desde Mondoñedo, con fecha 10 del propio Setiembre, el *socio* de la Academia de la Historia D. Pedro Vivero y Moreo, pasaba oficio dando parte del descubrimiento, y antes de transcurrir un mes, en 6 de Octubre, pasaba otro transcribiendo á la Academia el que le dirigiera la Comision Arqueológica de la *Sociedad Económica de Lugo*. Y ya el 15 del mismo mes en que se verificó el hallazgo, enviaba carta desde Avila D. Francisco de Mazarredo á D. Martin Fernandez de Navarrete diciendole: «no desagradará a V. el informe que le doy del descubrimiento del hermoso pavimento de un gran templo en Lugo... Convendrá no se descuiden VV. en dar las órdenes convenientes... para su

[5] Algunos años antes, el docto canónigo Camino, en carta fechada á 29 de Agosto de 1803, dirigida á D. Joaquin J. de Flores (Biblioteca de la Real Academia de la Historia, Est. 18. leg. 57.) le participa que tenia recogidas varias monedas y «una fibula ó broche al parecer de clámide ó toga romana».

[6] A este primier descubrimiento alude el sr. Rada, en su dicha monografia, al desir: «se cita y nosotros lo hemos aprendido por la tradicion oral de personas fidedignas, que hace ya más de noventa años al abrir los cimientos de una de las casas inmediatas, por el lado del S., se halló otro gran trozo del mismo mosáico, con adornos, basas de columnas, huesos y astas de animales y otros fragmentos iguales á los encontrados en el año de 1842...»

conservacion ó... para levantar el pavimento y llevarse á Madrid la cabeza en mosaico... copia sin duda de algunos de sus idolos... Tal descubrimiento (añade) en Inglaterra haria la riqueza de un pueblo, y á más le protegeria el govierno»: palabras que claramente revelan un amargo quejido por la falta de auxilio oficial para la conservacion de los monumentos arqueologicos y fomento de su descubrimiento. Que escribiria hoy el sr. Mazarredo se ahora hubiese tenido que ocuparse de tal haliazgo y de tales cosas!!

No he de detenerme á hacer una descripcion de esta notabilisima obra (ya destruida) de la antigua musivaria. El curioso la hallará en varias obras, y especial y principalmente en la citada monografia del sr. Rada y Delgado, publicada en el tomo I del *Museo Español de Antigüedades.*

El más considerable caudal de antigüedades romanas conservadas en Lugo le constituian las lápidas; que son casi los últimos restos, caracterizados plenamente, que aun hoy se conservan en Lugo procedentes de la época en que era dominada por los sucesores de Augusto. Hace alguns siglos debian existir muchas e interesantisimas; pero, ya lo dijo Gil Gonzalez (*Teatro,* III, 171) «monumentos Romanos ay muchos (en Lugo), tan maltratadas las letras, que trauadas vnas con otras no forman sentido».

En el *Corpus Inscriptionum Latinarum,* publicado en Berlin, pone el sr. Hübner 27 lápidas correspondientes á *Lucus Augusti* (números 2570 á 2596). De ellas he hallado cinco durante mi última visita á esa poblacion hace un par de años; que son las señaladas con los números 2571, 2589 y 2591, colocadas en el torreon rectangular que se encuentra al salir de la ciudad por la puerta del postigo, á mano izquierda, frente al barrio de Regatelo; la 2587, puesta en otro torreon, tambien rectangular, frontero á la capilla y cementerio del Carmen, y la 2573–2574, colocada asimismo en otro torreon de los quadrangulares, pero en el pretil por la parte interior, en el paseo que corre sobre la muralla, al rededor de ella, frente al viaducto de la Chanca y á una huerta existente entre las casas señaladas con los números 30 y 32. Además encontré otras dos lápidas, cerca de las primeras mencionadas, tan completamente borradas que apenas puede colegirse si, en efecto, una de ellas es la publicada por Hübner con el número 2579.

Otras lápides que permanecen colocadas en una parede de la rua Nueva (junto á la casa número 3) estan completamente ilegibles por la espesa capa de cal que las cubre[7].

[7] A estas lápidas se refiere la comunicacion que en 7 de Julio de 1803, dirigió el canónigo de Lugo Don Joaquin Antonio del Camino, á Don Manuel Abella,

No he de monopolizar las páginas de la *Revista* por entretenerme en hacer una mera transcripcion, ni una pura glosa, de las copias puestas en el *Corpus inscriptionum* citado, de las susodichas 27 lápidas y de las noticias que sobre ellas alli se dan. Pero si voy á detenerme un momento para ocuparme de outras cuatro lápidas descubiertas últimamente que no figuran en la citada magna obra berlinesa; aun cuando no para repetir lisamente lo dicho sobre ellas en el *Boletin de la Real Academia de la Historia* hace un par de años (Número de Febrero de 1888), sino, al contrario, para añadir y enmendar algo importante de lo que entonces se escribió.

En verdad, dista de ser extraordinario el interés que ofrecen esas lápidas que han permanecido inéditas hasta hace dos años. Tres son funerarias, y de estas una se halla incompleta y otra entera. Es la que marcaba la sepultura de Publia Florina, fallecida á la edad de ocho años. Falta el encabezado á la que Tito Publilio Floro dedicó a su conyuge Severa. Y partida en dos está la dedicada á la memoria de Emilia Homulina, que llegó á los treinta, por su esposo, un tal Valerio ó Valeriano. Sin embargo, la tercera ofrece la singular anomalia ortográfica (que ha hecho notar el P. Fita) en el uso del diptongo *œ*, que explica, el mismo erudito Padre, por la igualdad de extension simétrica entre la segunda y la última línea de la lápida.

Hélas aqui.

1.ª—Lápida de $0^m,73$ de alto y $0^m,30$ de ancho.

D·M·S
PVBLIA
FLORNA
AN VIII
5 H S E

D(iis) M(anibus) S(acrum). Publia Florina an(norum) VIII h(ic) s(ita) e(st).

Consagrado á los dioses manes. Aqui yace Publia Florina fallecida de edad de ocho años.

---

acerca de la colocacion de ocho inscripciones romanas, publicadas par Masdeu, en la parede de un nuevo y hermoso edificio de las principales calles de Lugo, su dueño D. Juan Matias Vila, subdelegado que fué de rentas provinciales.

Sobre lo mismo trata en otra carta que en 18 de Agosto siguiente dirigió á D. Joaquin Juan de Flores. Refierese á las antigüedades de Lugo otra que envió á los ocho dias (fecha 25) al proprio Flores, y en otra de 9 de Octubre del mismo año le habla del templete de baños. (Bibl. de la Acad. de la Hist. Est. 18, leg. 57).

Al decir que he hallado cinco lápidas legibles en la muralla no affirmo de una manera absoluta que no exista alguna más, en paraje poco visible ó que se hubiese escapado á mi vista y á la de las personas que me acompañaban. Recelo que en la parte derribada de la muralla hace tres años para abrir una puerta frontera á la nueva carcel, debia hallarse la que pone Hübner con el número 2583.

2.ª—Lápida de $0^m,49$ de alto y $0^m,30$ de ancho.

S E V E R A E
T · PVBLIEVS
FLORVSVXORI

Severae T(itus) Publilius Florus uxori.
¿(Consagrado á los dioses manes)? Tito Publilio Floro á su muger Severa.

3.ª—Lápida de $1^m,25$ de alto y $0^m,30$ de ancho.

D M S
AEMILIAE
HOMVLLINAE
ANNXXX·VAL
5 FANESTER
CONIVGI · KA
R I S S I M Æ

D(iis) M(anibus) S(acrum). Aemiliae Homullinae ann(orum) XXX Val(erius) Fanester coniugi karissimae.
Consagrado á los dioses manes. Valerio Fanester á su carisima conyuge Homulina fallecida á la edad de treinta años.

El P. Fita entiende que el esposo de Victoria Omullina (cuyo nombre suena en una inscripcion de Alcira, número 3698 del *Corpus*) se llamaba Valerio Fronton, de quien, ó de otro homónimo, hay memoria en lápida de Idaña publicada tambien por Hübner con el número 450; pero este sapientisimo epigrafista ha tenido la bondad de comunicarme particularmente, su opinion de que el sobrenombre de Valerio no era Fronton sino Fanester, como ya leyó cierto aficionado que dió conocimiento del hallazgo de tales lápidas al sr. D. Aureliano Fernandez-Guerra, por los años de mil ochocientos y setenta. *Fānēster*, *tris* es vocablo usado por Vitruvio, que significa perteneciente á Fano, ciudad de Ombria. El plural *Fanestres*, *ĭŭm*, suena en una inscripcion referiendose á los habitantes de la misma poblacion.

4.ª—Lápida de $1^m,28$ de alto y $0^m,33$ de ancho.

I O V I
OP · MA
X · FLA ·
FLAVVS
5 EX · VO
T O

Iovi Op(timo) max(imo) Fla(vius) Flavus ex voto.
Ex voto de Flavio Flavo á Júpiter optimo máximo.

Esta cuarta lápida fué descubierta en Julio de 1883, casi á mi presencia, y es mucho más interesante que las otras. Contiene el ex-voto que Flavio Flavo hizo á Júpiter Máximo, ó sea al Júpiter de la teogonia romana (no á un Júpiter regional, conforme á uso bastante general, bajo una de las advocaciones especiales con que se le veneraba en las comarcas gallegas), como en el mismo Lugo lo hizo tambien cierto Sulpicio Clemente consignandolo en la lápida, publicada por Hübner, con el número 2571, que se conserva (segun queda dicho) encrustrada en la muralla[8]. Cuyo Flavio Flavo es posible que sea el sujeto que con el mismo nombre figura en dos lápidas de Coimbra (números 366 y 372 del *Corpus*).

En Junio de 1887 hallé colocadas esas cuatro lápidas (en cinco pedazos) en la muralla, por la parte exterior, á mano derecha saliendo por la puerta de Santiago ó del *postigo*, y al lado opuesto, de esta puerta, del sitio en que fueron colocadas aquellas otras lápidas encontradas alli mismo al deshacer un torreon en 1837. Medida tomada (al parecer) por la Comision de Monumentos, quizá temerosa de perderlas si se llevase á efecto la creacion del museo arqueológico en Santiago; pero sin preocuparse del riesgo grave de destruccion, á que las exponia en aquel parage, y está harto demostrado por la que han sufrido las otras alli puestas, á causa de la fuerza y frecuencia con que azotan los vendabales y aguas pluviales, en aquel parage.

Aprovechando esta favorable ocasion que se me ofrece, al ocuparme de epigrafia romana, voy, por via de apendice á lo que dejo puesto sobre los monumentos paleográfico-litológicos de Lugo, a dar noticia de otro de la misma clase recientemente descubierto dentro del territorio de Galicia y del antiguo *Conventus juridicus lucenis*, en el puerto del Son, situado al S. de la ría Noya enfrente de Muros.

---

[8] Lápida de 0m,84 de alto y 0m,40 de ancho.

S·V·L·P

CLEME
NS IVE
IOVI O M
V-S-L-M-

Un dibujo fué remitido á la Real Academia de la Historia por el arquitecto Andrade, á raiz del descubrimiento, participando que mandaba «embutirla (con otras tres halladas con ella) en el nuevo revistimiento del mismo torreon (en que se encontraron puestas de plano) saliendo del *Postigo* á la izquierda. Entonces envió á la Academia copias de diez lápidas.

Dice, segun el dibujo (no calco) que se me ha remitido:

DIANE
VENAT
RICI · AR
PO · VR
5 EF · FA/S
TA/VS
EX · PR
UICTOR
S·PRO·°S
10 A · SVA·

Diane renatrici Arpo (T)ure(i) f(ilius) Faustanus ex pr(aecepto) Victor(i)s pro sa(lute) sua [9].

(Se continuará)

José Villa-amil y Castro

[9] Otro hijo de Tureo (*Tvrei f*) figura en una lápida hallada en Brozas (Norba, de la Lusitania, número 745 del *Corpus*). Y un Tureo (*Tvrevs*) en otra de la muralla de Coria (*Caurium* en la Lusitania, n.º 788).

MISCELLANEA EPIGRAPHICA

I

Inscripção de Perozêllo

Folheando o vol. v da *Collecção de Inscripções* de Moreira [1], deparou-se-me a fol. 942 v.–943 o seguinte:

«Na Igreja de S. Thomé de Perosêllo, nas visinhanças de Braga, se descubriu (1741) uma lapida romana, com esta inscripção:

C. Aemil. Valens. Eq. Alfl.
Jur. M. Ari. Manl. VI.
V. Si. M.

«Entende-se ser um voto, que se cumpriu por Cayo Emillio, Capitão da Guarda do Imperador Sergio Galba.» (!)

---

[1] Antonio Joaquim Moreira, official da secretaria da Academia Real das Sciencias de Lisboa, fallecido em 1865, tomou a empresa de reunir todas as inscripções de Portugal, chegando a formar uma longa collecção, onde avultam principalmente as modernas, e que é avolumada pelos epitáphios dos cemiterios de Lisboa. Afóra estas ultimas e algumas outras da capital, que parece foram copiadas dos originaes pelo collector, todas as mais (com a excepção que notarei) foram por elle copiadas das obras impressas, *sem designar as fontes d'onde as colheu*, e repetindo por vezes os titulos. Accrescentou ainda a collecção com copias de outras pessoas: esses transumptos foram feitos, pela maior parte, em folhas soltas, sem indicação de proveniencia nem assignatura do copista, ou encontram-se em breves memorias. Raros são os lettreiros de que apresenta o *fac-simile*. Além de tudo isso juntou tambem estampas e folhas de varias obras. Salvo os epitaphios dos cemiterios alludidos, tudo o mais está sem ordem nem methodo; o collector ia copiando successivamente o que se lhe deparava. Quando o sr. E. Hübner veiu a Lisboa em 1860 a colher materiaes para o vol. II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Moreira, do mesmo modo que Levy Maria Jordão, e talvez por ordem d'este, recusou-se a communicar ao eminente epigraphista allemão as suas copias (Vej. *C. I. L.* p. 5), que não eram só as que formam esta sua collecção, mas certamente outras de que não encontro vestigios. É extremamente fatigante o percorrer as páginas d'aquelles grossos nove volumes, onde, com rarissimas excepções, as epigraphes estão escriptas em cursivo; sendo necessario uma grandissima attenção para não escapar alguma coisa de valor no meio d'aquella extravagante miscellanea. Apesar de todo o enfado que me ha de causar, espero que terei paciencia para examinar os nove volumes folha a folha, linha a linha.

Segundo o seu mau costume, Moreira não diz onde colheu esta inscripção; sendo notavel que, havendo ella sido descoberta em 1741, não appareça (que eu saiba) em nenhuma obra portugueza ou extrangeira.

A inscripção é interessante e deve restituir-se assim:

C·AEMIL·VALENS

EQ·AL·FL·CIV·R

MART·MAGN·VIC

V·S·L·M

C. Aemil(ius) Valens eq(ues) Al(ae) Fl(aviae) [c]iv(ium) r(omanorum) Marti magn(o) vi[c(tori)] v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito).

A *Ala II Flavia Hispanorum civium romanorum* é conhecida; encontra-se numa inscripção tambem da Gallaecia (*loci incerti*), que vem no *C. I. L.*, II, 2600. É tambem uma dedicação *Marti patri*, feita por *Tib. Iunius Tib. fil. Quadratus domo Roma praef. equit. al. II Fl. Hisp. C. R.*, com a qual se deve confrontar o n.º 2554 pertencente tambem á Gallaecia.

Embora a copia que Moreira nos conservou, não apresente lacunas, são evidentes as duas que indiquei; todavia é quasi certo que não havia outras, aliás tel-as hia apontado o copista. O numero da *ala* não foi mencionado, segundo perece, pois devia estar antes do nome d'ella, o que não succede. Depois do *Fl(aviae)* devia seguir-se o designativo *His(panorum)*, que tambem julgo não existiu na pedra, visto não se notar que houvesse alli lacuna, esta certamente maior do que seria a antecedente, pelo que não deixaria de ser notada. Creio, em conclusão, que, por motivo do espaço, e attendendo a que era bem comprehensivel para o tempo em que foi feita, se omittiram na inscripção duas das indicações da *ala*.

A divisão que dou das linhas é que me parece mais natural e conforme aos exemplos que se encontram nos *Corpus*; em geral nas inscripções votivas, gravadas em aras, não podiam as linhas ser muito longas.

Na linha 3 dou MART porque, a ter havido na pedra o nome inteiro do deus, o copista não se haveria enganado. Restituo MAGN·VIC por me parecer que *manl* é absolutamente inexplicavel; foi transposição de lettra na copia.

II

Inscripção do Roqueiro

Na *Collecção de inscripções* de Moreira, lê-se III, fol. 588 a seguinte epigraphe, escripta em cursivo mas com as linhas já divididas e com esta indicação locativa «Na parede d'umas casas do logar do Roqueiro»:

CICERO
MANCI
NABIAE
L · V · S

Cicero | *Manci(ni filius)* | *Nabiae* | *l(ibens) v(otum) s(olvit).*

O cognome Cicero apparece aqui pela primeira vez na peninsula; l. 2 MANCI(*nus*) encontra-se *C. I. L.*, II, 3576: l. 3 NABIAE, *ibid.* 756, 2601, 2602. Será acaso a mesma inscripção encontrada no monte Baltar, no sitio Vendoma, entre Porto e Penafiel que diz (*C. I. L.*, II, 2378):?

C T̄ VRO
PIN T̄ M
NABIÆ
// BENS
5 //// ////

III

Inscripção falsa de Alberquim

No jornal *Gazeta de Portugal*, n.º 73, de 27 de janeiro de 1888 (edição da noite), encontrei a seguinte noticia:

«Refere um jornal que o sr. João Pires Louro, de Perovizeu, andando a construir uma casa proximo ás ruinas do castello de Alberquim, os trabalhadores, ao abrirem os alicerces para essa casa, encontraram uma sepultura romana em fórma de tina, cavada numa unica pedra, e esta tendo differentes lavores perfeitamente conservados, e no centro uma especie de medalhão, onde se encontra a seguinte inscripção, meio desfeita pelo tempo:

MANLIUS VIRTUTIBUS
PROBON... DEC... L...
AN... X...
D DIVOS L...

«Parece que o sr. Pires Louro vae offerecer ao museu archeologico a sepultura, junto da qual se encontraram varios objectos de barro, de uso romano, e algumas moedas com as effigies de differentes Cesares.—MAX.»

Embora a inscripção me parecesse extravagante, attendendo a que muitas vezes, por impericia dos copistas, ellas apparecem tão desfiguradas que se torna difficilima e hypothetica a sua restituição, procurei obter um calco do lettreiro e uma photographia do monumento. Para esse fim vali-me da intervenção do meu prestimoso amigo e patricio o sr. commendador Antonio Pereira de Carvalho que immediatamente escreveu, para me satisfazer, a uma pessoa da sua amizade, a qual respondeu em 22 de fevereiro de 1888 o seguinte:

«Devolvo a V. Ex.ª a carta do seu amigo, que foi illudido por uma brincadeira de Carnaval. Creio que o Jornal que deu a noticia sobre o tal *tumulo* foi o denominado *Independencia e Ordem* de que o sr. João Pires Louro professor de instrucção publica em Perovizeu é correspondente; d'aqui a origem da brincadeira carnavalesca. Existem ao que parece uma ruinas do castello de Alberquim, pouco visiveis já, sem inscripções de qualidade alguma, e que são—dizem—de origem arabe e não romana: tumulos nem um só, e inscripções nenhumas.

«De antiguidades por aqui ha apenas alguns monumentos—celtas—, *antas*, e teem apparecido algumas moedas de prata e cobre com inscripções romanas; mas em Perovizeu nem mesmo d'essas moedas consta tenham apparecido».

Archivo na *Revista* esta inscripção falsa, porque poderia de futuro alguem tomal-a como verdadeira, mas mal copiada, o que produziria pesquizas inuteis.

BORGES DE FIGUEIREDO

O *EX-LIBRIS* DE D. FR. MANUEL DO CENACULO

(Est. IIII)

Quem quizer ter perfeito conhecimento da vida e escriptos de D. fr. Manuel do Cenaculo, precisa ler o *elogio funebre* que d'elle fez o academico Trigoso[1] em 24 de junho de 1814. Não tendo a tratar esse assumpto, mas apenas de referir-me ao illustre franciscano, intendo não ser deslocado dar aqui uma nota biographica, o que farei o mais succintamente possivel.

D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas nasceu em Lisboa no primeiro dia de março de 1724, sendo seu páe José Martins, ferreiro ou serralheiro de officio. Professou com dezeseis annos de edade no Convento de Jesus da Ordem Terceira, de S. Francisco, aos 25 de março de 1740. Passando a Coimbra, doutorou-se em theologia em 26 de maio de 1749 e foi seguidamente oppositor e lente de theologia desde 1751 até 1755. Por esses tempos estudou o grego, o arabe e o syriaco, o que então estava em moda aprender entre nós. Depois d'esta primeira epocha da sua vida, exerceu os seguintes cargos: Provincial da Ordem Terceira em Portugal em 1768; Deputado da Real Meza Censoria desde 21 de abril do mesmo anno; Confessor do principe D. José em 16 de março de 1769; Primeiro bispo de Beja em março de 1770, sendo neste mesmo anno nomeado Mestre do Principe, Presidente da Meza Censoria, e Presidente da Junta de Providencia Litteraria, creada para a reforma dos estudos; Presidente da Junta do Subsidio Litterario em 10 de novembro de 1772. Amigo e creatura do marquez de Pombal, foi envolvido na sua desgraça, e exilado da côrte, indo para o seu bispado, onde entrou com toda a solemnidade a 18 de maio de 1777. Tendo sido eleito arcepispo d'Evora em 3 de março de 1802, nesta cidade morreu aos 26 de janeiro de 1814, aos noventa annos de edade.

Cenaculo foi um dos mais ardentes e circumspectos amadores de antiguidades que tem havido em Portugal, e um dos mais generosos promotores da instrucção, devendo-lhe muitas bibliothecas

---

[1] *Elogio historico do rev. D. fr. Manuel do Cenaculo, arcebispo de Evora,* por Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, na *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa,* t. I, parte 1.ª

larga copia de livros. Fundou em Beja um Museu de antiguidades que, passado a Evora, conserva ainda o seu nome e o perpetuará certamente. A unica obra em que especialmente tratou de archeologia é a *Vida de S. Sisenando* que existe em manuscripto na Bibliotheca Publica de Evora.

Por hoje, as linhas que ficam acima e as que mais vão seguir-se teem unicamente por fim acompanhar o distinctivo usado pelo benemerito arcebispo nos livros da sua bibliotheca particular.

A estampa que acompanha este artigo é feita com a propria chapa original em cobre, que hoje me pertence. Sendo ocioso descrever a divisa, limito-me a fazer notar que Cenaculo adoptára o lema SOBRIETATE ET CONSTANTIA: e a transcrever a inscripção, que diz modestamente:

AD USUM DOCT(*oris*) FR(*atris*) E(*m*)MANUELIS A COENACULO LIS(*bonensis*) TERTII ORDINIS S(*ancti*) P(*atris*) FRAN(*cis*)CI.

Abaixo da gravura lê-se o nome do artista *A. Padrão f(ecit)*; assignatura que, se não nos dá uma data precisa, limita todavia o tempo, determinando, de combinação com as indicações do lettreiro, a epocha em que Cenaculo começou a usar d'aquelle *ex-libris*.

Antonio Joaquim Padrão foi pintor e gravador, collaborou numa celebre *vista de Lisboa*, onde se vê o marquez de Pombal no primeiro plano tratando da reedificação da cidade, e falleceu moço em 1760. Desenhou tambem uma *vista da praia de Belem* e o *embarque dos jesuitas*. Podem ver-se poucas mais noticias em Raczynski[2].

Ora, havendo-se Cenaculo doutorado em 1749 e tendo fallecido Padrão em 1760, ahi temos já um limite de epocha; mas não devemos parar aqui. Vimos que o futuro arcebispo esteve em Coimbra (*oppositor e lente de theologia*) até 1755, e comquanto seja admissivel que elle, mesmo de Coimbra mandasse fazer em Lisboa a sua divisa, é muito mais provavel que, ao voltar para esta cidade a entregar-se aos seus estudos predilectos, e começando a fazer bibliotheca propria, encarregasse Padrão de abrir a gravura. Assim temos mais reduzido o periodo, que foi de 1755 a 1760.

Publicando o *ex-libris* de illustre Cenaculo, presto uma pequena homenagem a um dos mais zelosos preservadores de antiguidades que tem havido em Portugal.

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[2] Raczynski, *Dict. hist.-artistique du Portugal*, p. 216.

INSCRIPÇÕES EM VERSOS LEONINOS DE PORTUGAL

INTRODUCÇÃO

Emprehendo a publicação das *inscripções em versos leoninos*, de Portugal. Se esta classe de epigraphes não tem certamente uma tão alta importancia como as inscripções latinas, nem por isso deixa de ter grande interesse; porque são documentos historicos de irrefragavel auctoridade, relativos a uma epocha, cujos usos e costumes, apesar do muito que se tem feito, ainda não estão bem esclarecidos. Pode resultar do estudo comparativo d'essas inscripções o conhecimento de muitas particularidades interessantes a varios trabalhos especiaes.

Na maxima parte correm já impressas as inscripções em versos leoninos. Mas, por um lado, estão ellas dispersas e sepultadas em livros pouco vulgares e de pouco usual e agradavel leitura, como a *Monarchia Lusitana* e o *Agiologio Lusitano*; por outra parte, a julgar por aquellas de que subsistem os originaes, nem essas inscripções foram sempre bem lidas ou interpretadas, nem a sua copia feita com toda a exactidão devida. Assim, é importante reunir em corpo esses lettreiros dispersos, fazel-os reviver, e apresental-os, tanto quanto possivel, na sua genuinidade.

Nos titulos, cujos originaes se perderam, sigo naturalmente a copia que mais fiel me parece, assim quanto á essencia do texto como relativamente á sua fórma material ou disposição graphica. Em geral, nos livros impressos como nos manuscriptos que nol-as conservam, encontram-se as inscripções transcriptas em caracteres italicos ou cursivos, sem divisão de linhas e com todas ou quasi todas as abreviaturas e siglas explicadas; de modo que é hoje impossivel restituil-as á sua primitiva disposição, na ausencia do original.

Nas inscripções leoninas, quasi sempre cada linha comprehendia um verso; e assim, quanto á divisão das linhas, pode admittir-se que as copias geralmente não se apartam dos originaes.

Succede, o contrario no que respeita á escriptura. Ás vezes, nalgumas raras copias, o emprego do ẽ=em, do p̄=per, do ꝑ=pro, do q̃ ou q;=que, do *9*=com ou us, etc., parece mostrar-nos que houve intenção de reproduzir fielmente as abreviaturas e ligações do original; mas rarissimo será o caso em que tal succeda. Não só é evidente, em muitas inscripções, que havia nos originaes abreviaturas que não foram reproduzidas; mas tambem, como era frequente o uso, direi até a moda, de certas fórmas abreviativas nos livros impressos, para facilitar a composição typographica ou dar-lhe variedade e poupar espaço, muitas vezes não pode dicidir-se se as abreviaturas existiram ou não no original. Por isso intentendi dever eliminal-as.

Pela confusão feita pelos antigos entre o I e o J, assim como entre o U e o V, encontra-se a mesma inscripção em dois auctores com diverso emprego de lettras. Quanto ao J, sendo o seu emprego rarissimo antes do fim do seculo XIV, não ha o minimo inconveniente em estabelecer como regra que nas inscripções em verso leonino foi usado o I; e por isso faço sempre essa restituição. Quanto ás outras lettras, é impossivel absolutamente determinar qual a que existiu no original. Na escriptura do periodo em que principalmente se usaram estas inscripções, era tão vulgar o emprego do U como o do V; e, bem longe de haver uniformidade, ou emprego racional d'estas lettras, é frequentissima até a substituição d'uma á outra, como em UVLTVS, UIRTVS, etc. Na impossibilidade, pois, da restituição orthographica, adopto o emprego do V; porque, se não existe a exactidão absoluta, prevalece comtudo a uniformidade. Proscrevi absolutamente os diphtongos, porque não eram empregados na epocha d'estas inscripções (rarissimos, senão duvidosos, são os exemplos); dou portanto *que*=quae, *celum*=coelum, etc.

O emprego do Y não pertence tambem á epocha d'estes monumentos; os que se encontram nas copias, são apenas provenientes da correcção erudita.

Debalde se procuraria encontrar nestes versos o constante emprego das regras da prosodia latina. Em geral o auctor tinha unicamente em mira a rima. Por desleixo ou ignorancia não dava ao hexametro ou ao pentametro o numero exacto de seus pés; e mais frequentemente do que era para desejar, se encontra rimando com o final do verso não a cesura do terceiro pé mas outra syllaba; e até algumas vezes a rima é formada pelo concurso da syllaba final d'uma palavra e da inicial da palavra seguinte. Outras vezes tambem, sobretudo nas composições em disticos, a rima apparece encadeada, e interpollada havendo consonancia entre a cesura da primeira parte d'um verso e o final do verso immediato, e rimando o fim do primeiro com a cesura do segundo. Finalmente succede ain-

da que alguns versos d'uma inscripção carecem de rima, ou a teem apenas toante.

Para a ordenação dos titulos, cuidei no systema chronologico e no geographico. Mas a reflexão me fez abandonar o primeiro porque é absolutamente impraticavel; grande parte das inscripções não são datadas, e tambem fallece a unica base para se lhe poder attribuir uma data provavel ou approximada, a fórma da escriptura. Assim, vou publicando as inscripções pertencentes a cada povoação; sendo depois, por meio de indices, facil a busca de qualquer titulo.

Acompanho cada epigraphe das informações biographico-historicas que poude colher; faço-o, porém, succintamente.

Predominam, e não é para extranhar, os epitaphios. Mas teem elles subido interesse. Assim como as inscripções pagãs, e as christãs dos primeiros seculos, obedeciam estes epitaphios em verso leoninos a formulas, que ou se mantinham tradicionalmente ou se conservavam em cadernos, que eram consultados por quem as compunha. Encontrar-se-hão exemplos d'essas formulas, nalgumas das inscripções leoninas, de Portugal.

Pelo que respeita ás fontes, não tenho a pretenção de as dar por completo. Mas apresento as mais antigas, d'onde derivaram as transcripções d'outros auctores.

As obras que maior copia de titulos ministram são o *Agiologio Lusitano* por George Cardoso (continuado por D. A. Caetano de Sousa) e a *Monarchia Lusitana* nas partes compostas pelos chronistas Brandões (Antonio e Francisco); seguindo-se-lhes a *Historia genealogica da casa real* de D. Antonio Caetano de Sousa, a *Historia Serafica* por Fr. Manuel da Esperança, e a *Chronica de Cister* de Fr. Bernardo de Brito e os dois livros de D. Rodrigo da Cunha *Catalogo dos Bispos do Porto* e *Catalogo dos Bispos de Lisboa*.

Por ultimo cumpre-me observar que é provisoria a publicação que agora faço.

AROUCA

1—No mosteiro da ordem de S. Bento. «O letreyro da sua sepultura (*da rainha D. Mafalda*) he o seguinte» Brito; «diante do altar do bemaventurodo S. Pedro, aqui foi feita a sepultura da santa rainha, em a qual se pos hum epitaphio em verso que refere o doutor frey Bernardo de Brito na *Chronica de Cister*; e melhorando-se depois de muitos annos, e mudandose o corpo da rainha pera outro sepulchro, ouve descuido de se pôr o letreiro, e parte d'elle vi na propria taboa em que estava escrito, a qual levou huma religiosa pera o seu leito: faço esta lembrança pera que conste da verdade» Brandão.

HIC IACET ILLUSTRIS REGINA MAPHALDA SEPVLTA—
QVAM SVA COMMENDAT BONITAS ET GRATIA MVLTA
REGNANS CASTELLE—INDVATVR MORE PVELLE
VIRGO MANET MVNDA—FVGIENS A MORTE SECVNDA
5 SERVIVIT CHRISTO—MVNDO DVM MANSIT IN ISTO
OMNIBVS ISTA SATIS—EXEMPLVM DEDIT BONITATIS
PRANDIA CENTENIS—GRATIS DISPERGIT EGENIS
ES DEDIT ET VESTES—CVI SVNT SVA MVNERA TESTES
HEC HVMILIS BLANDA—DEVITANS FACTA NEFANDA
10 FVLTA BONIS NITVIT—CRIMINA NVLLA LVIT
CVNCTIS DISCRETA—FACTIS VERBISQVE FACETA
VERA PVDICA PIA—DOCTA MODESTA SCIA
GRANDIS MVNIFICA—FVIT ET SPECIALIS AMICA
PATRVM SANCTORVM—QVOS CANTAT GLORIA MORVM
15 HEC LOCA DITAVIT—QVIBVS HIC SVMVS REPARAVIT
ET MONACHAS FIXIT—CVM QVEIS SINE CRIMINE VIXIT
EST HEC REGINA—CVM SANCTIS ABSQVE RVINA
ET IAM LETATVR—QVIA CELI SEDE LOCATVR
MILLE DVCENTORVM NONAGINTA FVIT ERA— E. 1295
20 QVINQVE QVANDO ADIVNCTIS CVM TRANSIT FEMINA MERA p. C. 1257

Brito, *Chr. de Cistér*, p. 895; fr. Ant. Brandão, *Mon. Lusit.*, IV, p. 204; Cardoso, *Agiol. Lusit.*, III, p. 37–38; fr. Manuel da Esperança, *Hist. Seraf.*, I, p. 494; D. Thomaz da Encarnação, *Hist. Eccl. Lusit.*, III, p. 267; Sousa, *Hist. geneal.*, I, p. 119.

l. 2 *Quam sua concedat* Todos (houve no original cõmẽdat); l. 3 *regnas—puelae* Brito, Sousa; l. 6 *omnibus ista sacris* Sousa; l. 7 *et genis* Brito; *Prandia concennis dispergens gratis et*

egenis Brandão; l. 9 *branda* Brito, Brandão; *divitans* Brandão; l. 13 *mugnifica* (sic) Brito; l. 15 *summus* Todos; l. 16 *cum quas* Brandão; l. 17 *et hae* Cardoso; l. 20 *Quando adjunctis cum transit foemina mera* Brito, *foemina mere* Brandão, *Quando ad cœlestes transivit foemina mera* Cardoso (é evidente que pretendeu corrigir o verso); houve talvez no original QVATVOR.

D. Mafalda, filha de D. Sancho I de Portugal, casou em 1215 com Henrique I de Castella. Havia grande desproporção na edade dos conjuges; celebraram-se as bodas em Valladolid; e parece que o matrimonio não chegou a consumar-se. D. Berenguella, mulher de Affonso IX de Leão, descontente com o casamento do irmão, maquinou a separação dos dois esposos, fazendo com que se representasse ao papa Innocencio III que elles eram parentes em grau prohibido para matrimonio e não fôra previamente requerida nem dada a competente dispensa. Emquanto, por ordem do papa, se procedia ao processo do respectivo inquerito, falleceu Henrique I em 1217. Por isso voltou a Portugal a princeza e recolheu-se ao mosteiro de Arouca da ordem de S. Bento, que era padroado seu seu, e que ella mudou para a ordem de Cistér, tomando alli o habito. Falleceu a 1 de maio de 1256, conforme (dizem) o Livro dos Obitos de Santa Cruz de Coimbra: «Kal. Maii abiit illustr. R. D. Maphalda filia R. D. Sancii, et D. Dulciae». No mesmo anno fez testamento que começa; «In Dei nomine. Sub Era M.C.C.LXXXX.IIII? Ego Regina Domna Mafalda...»; deixando muitos e importantes legados ao mosteiro em que viveu, e mandando-se nelle sepultar. A data do citado livro dos obitos não concorda com a indicada na copia da inscripção dada por Brandão. Vej. Sousa, *Hist. geneal.*, I, p. 115-120 e *Provas*, n.º 17.

CONSTANTIM

(Termo de Villa Real)

2—Na egreja de Santa Magdalena. «Ao pé do altar da capella de S. Fructuoso» Santa Maria.

HIC IACET IN TERRIS — FRVCTVOSVS ABBAS CELEBRIS
CVSTOS ET AMICVS GREGIS — EIVS ANIMA SIT IN CELIS
OBIIT PLENVS MERITIS — IIII IDVS NOVEMBRIS — E. 1200 p. C. 1162
ERA BIS CENTESIMA — PERACTA MILLESIMA

Santa Maria, *Chron. dos Con. reg.*, I, p. 297 (que não divide

as linhas); Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, *Mem. resuscitadas de Portugal d'Entre Doiro e Minho*, ms. (Bibl. Pub. Lisboa, A, 6, 3) fl. 183 (que dá a inscripção em lettras capitaes, e divide a l. 1 em ABBAS, l. 2 em GREGIS, l. 3 em CELIS, e escreve l. 4 CENTESSIMA e MILLESSIMA).

D. Fructuoso Gonçalves succedeu, como prior do Mosteiro de S. Martinho de Caramos, a D. Gonçalo Mendes. Foi eleito canonicamente e confirmado pelo arcebispo de Braga, D. Paio Mendes, em 18 de janeiro de 1124. Renunciou o priorado em 1130, para ir visitar a Palestina, sendo eleito em seu logar D. Mendo Pires. Voltando a Portugal, foi nomeado abbade da egreja de Santa Maria de Constantino. Vej. Santa Maria, *Chr. dos coneg. regr.* I, p. 297.

LANDIM

3—No mosteiro de Santa Maria. «Em hum lanço do claustro apparece a sepultura do nosso D. Pedro Garcia, Prior que foi della em 1198, com o seguinte epitaphio» Cardoso.

VIR BONVS ET RECTVS — IACET HIC SVB MARMORE TECTVS
OBIIT KAL· MARTII PETRVS GARCIE PRIOR E· MCCXXXVI E. 1236 p. C. 1198

Cardoso, *Agiol. Lusit.* II, p. 15; Santa Maria, *Chr. dos coneg. reg.*, I, p. 302; Encarnação, *Hist. Eccl. Lusit.*, III, p. 185.

l. 1 *sub lapide* Santa Maria; l. 2 *Obijt Kal. Mart. Petrus Garcia, | Prior de Landim. E. 1236.* Cardoso; *Kalend. Martii D. Petrus Garcia,* Santa Maria; ERA 1236 Encarnação.

D. Pedro Garcia, sendo eleito prior do mosteiro de Landim em 1178, por fallecimento de D. Pedro Rodrigues, governou durante vinte annos. Vej. Santa Maria, *Chr. dos coneg. reg.*, I, p. 302.

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

A ARCHEOLOGIA NOS «LUSIADAS» *

II

O SUPPOSTO TEMPLO DE DIANA, EM OLISIPO

Além de muitas allusões á fabula da fundação de Lisboa por Ulysses (por ex.: III, 57), e que não merecem citação, Camões faz dizer a Paulo da Gama, explicando ao Catual as figuras representadas nas bandeiras da armada:

Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?

Ulysses he, que faz a santa casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda. (VIII, 4–5).

Além d'outros escriptores, Faria y Sousa nos *Commentarios aos Lusiadas*, e Marinho de Azevedo na *Fundação de Lisboa* (II, cap. 15 e 17) occupam-se assim da fundação de Lisboa por Ulysses, como da edificação do alludido templo de Minerva; pretendendo principalmente o ultimo demonstrar tal absurdo e repetindo o que outros auctores allegaram sobre a situação do templo, que uns disseram ter sido na fortaleza (hoje *Castello de S. Jorge*), outros em Chellas.

Camões colheu provavelmente a fabula do templo de Minerva naquelles versos de Resende, no seu poema *Vincentius levita et martyr*, onde ao falar da fundação de Lisboa por Ulysses, diz:

condit sibi moenia parva
Colle super, templumque tibi Tritonia virgo:[1]

Sem me occupar com essa fabula da fundação de Lisboa por Ulysses, direi alguma coisa ácerca do templo de Minerva.

---

* Continuado de pag. 70.

[1] Resende, *Vincentius levita et martyr* (Olisip. 1545) II, 184–185.

O que deu origem á crença na existencia d'esse templo, foi a errada interpretrção de duas passagens de Strabão, o qual na sua descripção da peninsula diz: ἀλλα καὶ ἐν τῇ Ἰβηρία Ὀδύσσεια πόλις δείκνυται καὶ Αθηνᾶς ἱερὸν[2], isto é, «tambem na Iberia ha a cidade Odyssea e o templo de Minerva»; do que se não pode intender onde foi a cidade nem o templo. Se nada mais nos dissesse, não poderia haver certeza da situação d'essa cidade Odyssea que tinha o templo de Minerva, e portanto só se poderia recorrer ao criterio dos melhores auctores para alguma coisa saber do seu local.

Mas o mesmo geographo, descrevendo a costa sul da peninsula, depois de falar de Malaca e da cidade dos Exitanos prosegue dizendo: Μετὰ ταύτην Ἄβδηρα, Φοινίκων κτίσμα καὶ αὐτή. ὑπὲρ δὲ τῶν τόπων ὀρεινῇ δείκνυται Ὀδύσσεια καὶ τὸ ἱερὸν τῆς Ἀθηνᾶς ἐν αὐτῇ, ὡς Ποσειδώνιός τε εἴρηκε καὶ Ἀρτεμίδωρος καὶ Ἀσκληπιάδος ὁ Μυρλεανός, ἀνὴρ ἐν τῇ Τουρδητανίᾳ παιδεύσας τὰ γραμματικὰ καὶ περιήγησίν τινα τῶν ἐθνῶν ἐκδεδωκώς τῶν ταύτῃ. οὗτος δε φησιν ὑπομνήματα τῆς πλάνης τῆς Ὀδυσσέως ἐν τῷ ἱερῷ τῆς Ἀθηνᾶς ἀσπίδας προσπεπατταλεῦσθαι καὶ ἀκροστόλια[3]. Ao que corresponde em portuguez: «que depois d'esta (Exitana) se encontra Abdera, tambem fundação de Carthagineses. Ao norte d'estes logares, está situada nos montes Odyssea, e nella um templo de Minerva, como contam Posidonio e Artimidoro, e Asclepiades de Myrlea, que foi mestre de grammatica na Turdetania, e fez uma descripção dos povos d'estas regiões. Refere este que estão conservados naquelle templo monumentos das viagens de Ulysses, taes como escudos e esporões de navios».

Esta passagem completa a antecedente, e é perfeitamente explicita. Tira-nos todas as duvidas sobre a situacão da Odyssea e do templo de Minerva, que existiram um pouco ao norte da moderna Adra (Almeria, Espanha).

Azevedo, já citado, como outros escriptores, pretendem que as duas passagens de Strabão se referem a logares differentes; mas tal pretenção é absolutamente insustentavel e absurda, como a interpretacão critica e o bom senso nol-o fez reconhecer.

Temos pois em conclusão que, embora não repugne de modo algum o ter havido um templo de Minerva em Olisipo, nem os escriptores antigos, nem monumento algum architectonico, iconographico ou epigraphico, nem memoria d'elles, nos auctorisam a crer na sua existencia.

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[2] Strab., III, 2, 13 (ed. Müller).
[3] Strab., III, 4, 3. Cf. Steph., *De urb.*, s. v. Ὀδυσσεῖς.

A ARCHEOLOGIA NOS «LUSIADAS» *

III

EGAS MONIZ

e o seu monumento sepulcral no Mosteiro de Paço de Sousa

(Est. V)

Tres vezes fala Camões de Egas Moniz: na dedicatoria a el-rei D. Sebastião (I, 12); na historica narrativa de Vasco da Gama (III, 35–40); e na já mencionada descripção das bandeiras da frota portugueza (VIII, 13–15). Na primeira passagem apenas o nomêa: na segunda refere o heroico feito do aio de D. Affonso Henriques: na ultima resume o que contára na antecedente.

Eis o principal do episodio que nos relata o feito:

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder: que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte podéra ser perdido
Segundo estava mal apercebido.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava
Que o Principe, a seu mando submettido,
Lhe désse a obediencia que esperava:
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal comprida.

* Continuado de pag. 96.

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
. . . . . .

Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido.
Mas, o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde emfim que a ira a piedade. (III, 35-40)

Na descripção das bandeiras menciona o grande poeta uma circumstancia que deixára de apontar:

Vel-o cá vai c'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno (VIII, 14).

É obvio não ser meu proposito tratar aqui do facto historico, discutindo-o. O feito de Egas Moniz em 1127 é authentico[1], não podendo por uma parte acceitar-se os argumentos de contestação do chronista Duarte Nunes de Leão[2], e sendo por outra parte confirmada a tradição pelos monumentos sepulcraes do heroe e de seus filhos. É d'esses monumentos que eu pretendo dizer algumas palavras.

O academico Antonio d'Almeida escreveu em 1831 uma *Memoria polemica* ácerca da verdade da jornada de Egas Moniz a Toledo[3], que nos conservou noticias importantes sobre os alludidos monumentos, e que é acompanhada de duas estampas lithographicas muito grosseiramente executadas a traço. No *Panorama*[4] saiu em 1837 uma gravura tosca em madeira, copia da segunda estampa lithographica de Almeida. Antonio Feliciano de Castilho, nos seus *Quadros historicos*[5] deu tambem (em 1838) representação dos monumentos, em excellente lithographia do habil Sendim, que é copia ao que parece das estampas de Almeida, mas já constituindo um bom desenho. Emfim, no *Archivo Pittoresco*[6] foi publicada em 1859 outra figuração, boa gravura em madeira, feita em presença da lithographia dos *Quadros historicos*. Além d'estas estampas, resta ainda o testemunho da exactidão das representações, dado pelo academico Barbosa Canaes que, falando do feito de Egas Moniz, escreve: «tradição aliás perpetuada na esculptura de relevo con-

[1] Herculano, *Hist. de Port.*, I, p. 284-285 e Nota XII.
[2] *Chron. de D. Affonso Henriques*. I, p. 73.
[3] *Hist. e mem. da Acad. r. das Sciencias de Lisboa*, t. XI, p. 1.ª, p. 127-190.
[4] *Panorama*. I (1837), p. 100 e 101.
[5] Castilho, *Quadros historicos*, p. 14 e est.
[6] *Arch. Pitt.*, II (1859), p. 273 e 274.

temporanea, no mosteiro benedictino do Salvador de Paço de Sousa, aonde muitas vezes a vimos, e examinámos, e d'ella temos o desenho, em tudo conforme ao que publicou aquelle douto academico»[7] (*Antonio d'Almeida*).

O monumento existe ainda, mas coberto de cal e muito deteriorado (segundo me informam); e sendo-me impossivel ao presente obter d'elle uma photographia, fiz executar as figuras da estampa V segundo a gravura do *Archivo Pittoresco*, cotejada com a excellente lithographia de Sendim.

Egas Moniz fora sepultado no mosteiro de Paço de Sousa, como acaba de ver-se, mosteiro fundado segundo se pensa por Truictozendo Guedes pelos annos de 956. Ao moimento de Egas ficava encostado o de seus filhos. Não estavam os sepulcros na egreja principal. «Avia no Mosteyro outra como Igreja, que corria do lado do Cruzeiro para a parte do norte, edificio muito bem feito de pedra de cantaria, a que chamávão Corporal»[8]; era alli que se erguiam os monumentos.

Em 1603, demolindo-se esta egreja, foram os tumulos desmanchados e depois recompostos na Capella-mór da egreja do mosteiro, terminando-se os trabalhos aos 7 de dezembro de 1613, e ficando encostados á parede, o monumento «do pay da parte do Evangelho, e o dos filhos da parte da Epistola»[9].

Pelos annos de 1741, foi rebaixado o pavimento da Capella mór, e de novo demolidos os monumentos, estragando-se muito; deixaram ahi na parede «quazi detraz do Citial da Cadeira Abbacial» a tampa de monumento de Egas Moniz, «ficando esta ás avessas», e «por cima meterão as duas pedras que representão, huma o seu tranzito, e a outra o seu enterro». «Na face do Presbiterio da parte do Evangelho, colocárão a soleira ou baze com os dous Leões; por sima della a pedra que tem esculpido Egas Moniz a cavallo faltando-lhe meio corpo dos peitos para sima como deixamos escripto; pozérão de hũa e outra parte desta pedra as duas testas do tumulo; discorro que lhe picárão o que lhe pareceo para as acomodarem no ambito do Presbiterio... Na frente do Presbiterio da parte da Epistola colocárão as pedras do Monumento dos filhos, postos por sua ordem, excepto a pedra da testa, e lhe pi-

[7] Barbosa Canaes, *Noticia do inclito varão D. Egas Moniz de Riba do Douro* (*Panorama*, III, p. 227).

[8] Fr. Leão de S. Thomaz, *Benedictina Lusitana* II, p. 273–274.

[9] Almeida, *o. c.*, p. 134. (Baseando-se Almeida em documentos authenticos, de que transcreve tudo o que importa aos monumentos, por brevidade citarei geralmente o seu trabalho, a que deve recorrer quem quizer tomar especificado conhecimento da fonte de que o erudito academico se serviu, e que foi o «Diatario do Paço de Sousa» no Archivo do mesmo Mosteiro).

La Ciudad es quadrada con muro de veinte piés y mas en ancho, y las quatro puertas que se corresponden una en frente de otra, tienen torreones gruesisimos de hermosa Silleria al dos tanto, como toda la antigua». (Pag. 116 de la edicion del P. Florez).

D. Mauro Castella Ferrer (*Historia del apostol Santiago* fl. 74 v.) al finalizar el mismo siglo XVI, escribia ya, sin rodeos, que en «Lugo... adonde avia Conuento juridico de Romanos, oy dia estan en piè las murallas que ellos fundaron que es vna de las mayores antiguallas de España». Gil Gonsalez se lanzó á afirmar que «Los Romanos fabricaron sus muros, que es el más notable edificio que tiene España, con trescientos cubos ó torres. El ancho de sus murallas es tan grande que pueden dos carros andar ellas sin embaraçarse el vno altro otro. La materia es argamasa, y tan fuerte, que no hay instrumento que la pueda contratar, con que se promete vna vida de infinitos años.» (*Teatro eclesiastico*, III, 169). Y pocos años despues, al mediar el propio siglo XVII, los P. P. la Gándara y Pardo reprodujeron la afirmacion, refiriendose el primero de ellos á Morales. (*Cisne Occidental* II, 316, y *Excelencias del apostolo Santiago* II, 70).

El P. Risco un siglo adelante escribió sobre esta famosa muralla: «Obras suyas (de los Romanos) son en dictamen de todos los escriptores las murallas, cuya grandeza y fortaleza hicieron memorables á la Ciudad». (*Esp. Sag.* XL, 15). Y entre los autores contemporáneos ha sido muy general la opinion de que la construccion de las murallas de Lugo era verdadera obra de romanos.

Lo cierto es que no ha llegado hasta nosotros noticia alguna concreta de su construccion. Y su falta de caracter artístico nos priva de toda clase de datos é indicaciones sobre la época á que pertenece. Su misma considerable anchura[16], que se ha aducido como testimonio de ser obra, grandiosa y monumental, que sólo pudo realizarse en tiempo de los romanos, no excede mucho de la que tienen los de Avila, que, dandoles demasiada antigüedad, la tradicion, ó la leyenda, las atribuyó á los maestros Casandro y Florian de Pituerga, cuando la general restauracion que hizo en la ciudad D. Ramon de Borgoña, á los fines del siglo XI.

---

[16] Varia la anchura de 5 á 7 metros. Abraza 2131 metros de circuito, tiene de altura en unas partes 10 y en otras más, hasta llegar á 14, segun exigen las sinuosidades del terreno para que su superficie resulte un tanto nivelada, y está guarnecida de ochenta y tantos torreones redondos, que poco á poco y sucesivamente, con uno ú otro motivo, se van disminuyendo. Su fábrica es de grosera mamposteria, como la que actualmente se usa en el pais utilizando la piedra pisarrosa que tanto abunda en la comarca, salvo algunos, muy pocos, torreones que tienen revestimiento de silleria. No se conserva un solo merlon del almenado (si es que lo tuvo, como parece probable).

Ninguna puerta se encuentra en todo el circuito de la muralla que pueda ser tomada como del tiempo de los romanos, ni aun de época muy posterior. Ni siquiera de cuales eran las primitivas existe noticia cierta, por más que el Dr. Pallares se haya aventurado á decir que eran «cuatro principales y otra secreta que llaman falsa, y aunque una de las otras se llama nueva no es porque no sea antigua desde el tiempo de los romanos sino por haber estado tapeada, como la falsa, por largos años». Tanto motivo tenia, en verdad, Pallares para afirmar que estas puertas fuesen romanas como para dar por cierto, segun lo hace, que las murallas fueran fabricadas por Hércules y su gente, para estar en ella, como en ciudad de refugio, seguros de la parcialidad de Gerion, y que los romanos no hicieron más que reedificar la parte arruinada y amplificarlas con los 86 cubos.

Dos de los torreones que caen hácia el Campo del Castillo, conservan unas construcciones formadas por la elevacion de sus muros atravesados de ventanas muy estrechas y semicirculares. Cuyas construcciones dice el Licenciado Molina, en su citada *Descripcion de Galicia*, que las hubo en todos los torreones del ámbito, y eran casas de los guardas de la ciudad, provistas de vidrieras, como expresa en la seguiente octava y su correspondiente glosa.

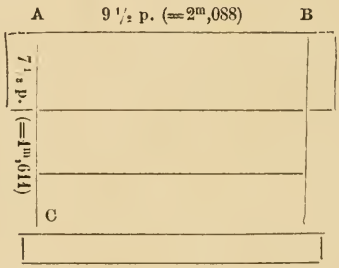
La cerca de Lugo, que fue vna ciudad
De las antiguas, y grandes de España,
Hazer otra cerca, ni aun media tamaña,
No hay Reyes que tengan posibilidad,
Dos carros bien caben sin contrariedad,
De dura argamassa las torres labradas,
Con muchas ventanas que fueron cerradas,
De sus vidrieras de gran claridad.

«La cerca desta ciudad se tiene por una de las marauillosas, y estrañas de toda España, porque demas de la gran redondez, y espacio della,... tiene tres grandezas. La una es la anchura que esta cerca tiene, que pueden dos carros andar por cima della, y rodear toda la ciudad, sin tocar en las torres, que buelan fuera. La otra es la multitud de torres, pues a cada ochos pasos, poco más ó menos, está vna, en la qual de antes quando esta ciudad estava en su prosperidad, auia vna casa, y vn morador, digo en cada torre, que tenian cargo de velar la ciudad, y en estas mismas torres parecen agora los edificios, y enmaderamientos de aquellas casas: cada torre estas tiene agora muchas ventanas, las quales solian estar con sus vidrieras, que ninguna faltaua, y oy dia se hallan en la ciudad pedaços destas vidrieras, que son gruessas, y blancas. La otra grandeza es la fuerte argamassa, y material de que está hecha toda ella, es cosa notable, y de gran cuenta.»

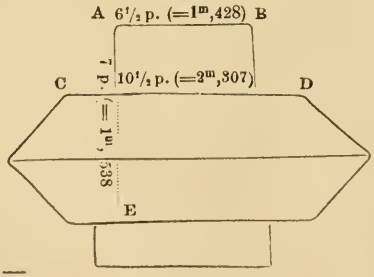
e huma Matrona, todas a cavallo, descobertas, e com habitos sem ornato, seguidas de outras como crianças deitadas em berço, todas acompanhadas por homens e mulheres descobertas, e em posição de vigiarem as outras figuras e cavalgaduras. A terceira pedra, ou immediata ao socco, representa somente ser pedra de ornato...

«Na parede do lado esquerdo da Igreja, e defronte do monumento, que se acaba de descrever... está collocado outro *Monumento*... He tambem composto de tres peças, duas das quaes estão unidas, e fazem a parte superior do *Monumento*. Representa huma a hum homem deitado em cama, e com huma figurinha nua como a sahir-lhe pela bocca fora, á qual rodêão duas figuras de Anjos; estando na cabeceira da cama, e no lado fronteiro duas outras figuras de mulher com ambas as mãos na cabeça..., e a outra... mostra dous homens pegando n'hum corpo para o deitar dentro de de hum sepulchro, estando na cabeça d'elle huma figura com baculo e livro nas mãos, e no lado outra figura de mulher em postura de lamentar-se. Por baixo do *Monumento* está huma pedra com lavores, parte da qual se acha dentro do socco da parede com fórma de tres faces, e na do meio se acha gravado estar sepultado debaixo della *Egas Moniz* com a sua competente Era...».[15]

As medidas dos dois grupos, dadas por Almeida são as seguintes, no primeiro:



no segundo grupo:



[15] Id., *ibid.*, p. 129–132.

Diz, na sua descripção, fr. Antonio da Soledade que á figura de Egas Moniz faltava «ametade do corpo do peito para sima»; Almeida dá na estampa a figura completa, e na descripção nada diz da mutilação; Barbosa Canaes (já alludido) assevera que o monumento está como o representa a estampa de Almeida. Por outra parte, A. do C. Velho de Barbosa informou do estado do monumento a Alexandre Herculano, que diz o que se segue, começando por se referir ao trabalho de Almeida: «D'essa memoria, porém, e do que se refere na Benedictina Lusitana ácerca d'aquelle monumento parece deduzir-se que o relevo antigo que representava a parte superior do corpo de Egas Moniz já não existe, o que tornaria de nenhum valor o tumulo como prova do facto historico. Entretanto, uma nota subministrada pelo sr. Velho Barbosa, escriptor bem conhecido e testemunha acima de toda a excepção pelas suas luzes e criterio, nos tira de dúvida a semelhante respeito. Como antigo monge benedictino, o sr. Velho Barbosa teve occasião de estudar attentamente aquelle monumento. Segundo elle affirma, na pedra do tumulo existe ainda o relevo primitivo da corda pendurada ao pescoço do cavalleiro, tendo-se quebrado só a porção do vulto acima da barba, porque só esta porção resaltava da pedra. Assim fica sufficientemente confirmada a tradição popular ácerca da façanha de Egas Moniz».[16]

Em presença de tão diversos testemunhos escriptos e figurados, para que o monumento foi restaurado, ou nos desenhos, que d'elles tiraram, representada pelo artista a cabeça do heroe, para não dar o monumento mutilado. Veremos o que se apura no seguimento d'este artigo.

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[16] Herculano, *Hist. de Portugal*, I, p. 493 (Nota XII).

LUGO ROMANA*

II

Alcantarillas—Baños—Puente

Es presumible que *Lucus Augusti* no hubiese carecido de los edificios de que solian estar provistas las mas importantes ciudades romanas, y, por tanto, ni de circo, teatro ni anfiteatro. Restos de este último presumieron algunos que fuese (sin gran fundamento, en verdad) cierto *promontorio de guijarros hermanados com argamasa*, de la misma fortaleza que los de la fuente del Castiñeiro y de los baños, que á principios del siglo pasado, cuando escribia Pallares, existia en la plaza mayor ó de las Cortiñas de S. Roman[10] (y fue arrasado en 1736 para allanar la plaza), el cual, por tener unas escaleritas, formadas por los guijarros, al contorno hasta lo alto, juzgaban muchos (y parece que no sin motivo) que era un *rollo* antiguo que habia sido reemplazado por el construido en el *campo de S. Roque, en 1548*.

El P. Risco da como existente estre *promontorio* cuando él escribia, á fines del siglo pasado, al decir: «en la plaza mayor que llaman la de las Cortiñas de S. Roman, se vé un trozo de edificio, cuya argamasa indica haber sido obra de los Romanos, que Pallares presume fué distinta del anfiteatro por ser corto el circuito en que se halla» (*Esp. Sagr.* XL. 24).

Otros tomaron el tal *promontorio* por la entrada de ciertas *minas*, de bóveda de ladrillo, que, afirman, cruzan la ciudad y van á salir por debajo de las murallas en diferentes sitios; bajo la creencia de que hubiesen sido construidas para poder entrar viveres en la ciudad si fuese cercada.

Tocante á ese *promontorio* (ó mejor á sus cimientos) y á esas

---

* Continuado de p. 82.

[10] Con motivo de celebrarse una corrida de toros.

minas, el arquitecto Andrade escribió en su citada *Memoria* del año 1837, que, «al igualar la superficie de la plaza hallé á menos de media vara cimientos de edificios, de forma rectangular, ó compuestos de masas informes, pero de tal consistencia que fué menester rozar á pico y con indecible trabajo una caja de un palmo de profundidad» (para las guias del empedrado). Se componia (añade) de «cal y almendrilla alternada con cuarzos encajonados y apisonados de tal modo que... resisten á la fuerza de la palanca.» Y prosigue: «Los conductos ó alcantarillas subterráneas no eran menos frecuentes, y segun la direccion varia que observé en ellas deduje que la antigua publacion fué enteramente distincta de la actual.»

El destino probabilisimo de tales *minas* fué, pues, el de alcantarillas ó cloacas para salida de las aguas sucias. De ellas, segun se asegura, existe un trozo que atraviesa bajo el edificio de la antigua cárcel (construida en el centro de la ciudad en 1776), y se encontró otro al construirse la torre de la iglesia del convento de la Nova (hoy parroquial), no hace muchos años.

Quizá, en otro caso. fuesen esas *minas* las cañerias para la distribucion de la agua potable que un acueducto conducia por el mismo sitio que el actual, construido en 1754, desde la fuente del Castiñeiro, en sustitucion del que claramente mostraba ser artificio romano.

Es seguro que los romanos tuvieron en Lugo establecimiento balneario y que para él utilizaron el copioso manancial de calientes aguas sulfurosas que brota cerca del Miño.

Ya el Licenciado Molina en la *Descripcion de Galicia*, que escribió é imprimió en Mondoñedo en 1550, dió como cosa corriente la antigüedad de tales baños dedicandoles toda una de las 130 octavas reales que contiene la obra, y en ella puso:

Tambien hallareis en aquella ciudad
Los baños antiguos de quien ay memoria,
Que Plinio los pone tambien en su historia,
Por esso los pongo por su antigüedad
Y su letrero dirá la verdad
Demas de mostrallo su viejo edificio,
Ser estas aguas, y aqueste artificio,
Obrado en el tiempo de Gentilidad.[11]

[11] La cita de Plinio no es exacta. No respondo de la correccion de esta octava, porque no tengo á mano la edicion principe.

Y en la correspondiente glosa añade: «Estan en la ciudad de Lugo los más antiguos baños, y edificio de los que ay en España... á la entrada en una esquina tiene escrito el tiempo en que se hizo que sube de mil años, digo el edificio, porque los mismos baños son de gran tiempo antes».

Ambrosio de Morales escribió algunos años despues: Los (baños) de Lugo... Estan agora dentro de una como torre antigua, más en tiempo de los Romanos estuvieron en unas Tiérmas, que aun duran en pié alli junto, de fábrica verdaderamente Romana, con todas las particularidades que sabemos tenian estos edificios. Y aun creo debe haber titulo Romano de su fundacion, sino que la yedra, como es muy poderosa en aquella tierra, lo tiene cubierto todo. El edificio donde agora está el baño no tiene inscripcion ninguna, ni son letras las que alli muestran. Por estar estos baños muy junto á la ribera del gran Miño, hicieron los Romanos por aquella parte á la lengua del agua un paredon costosisimo de argamasa, con que estorbaron el anegarlos el rio.» *Antigüedades.* — Madrid — Cano — 1792 — f. IX de la *Crónica* pag. 177). Y en la relacion de su *Viage Sacro*, puso: «hay Baños con grande edificio de Romanos para ellos y señaladamente un bravo paredon de argamasa para estorvar que el Rio Miño.... no los cubriese.... cien pasos huele el piedra zufre y el agua está muy teñida de su color.... Plinio hace mencion de ellos por (saludables)» (pag. 116 de la edicion del P. Florez).

De *maravilla* los calificó Gil Gonzales (*Teatro Eclesiástico* III, 171) aunque, en verdad, sus palabras más parecen referirse á las aguas que al edificio[12]. Y, sea asi ó no, pocos años despues habia escasos motivos para tal calificacion, pues que Limon nos dice que «estan los baños de la ciudad de Lugo á las riveras del rio Miño, es vn estanque descubierto de piedra labrada. Tendrá de altura como vn estado».[13]

El *bravo paredon* de que habla Morales no era lo único, sin duda, que por fines del siglo XVII se conservaba. El Dr. Pallares (*Argos Divina*) dice de los baños, que «con tal artificio estaban resguardados de las avenidas del Miño que los cercaron los romanos con una cerca de guijarro y argamasa, e de tal fortaleza, que á

[12] «Otra Maravilla suya es, los baños que tiene saludables para la vida hermana. Sus aguas tienen gran fuerça contra enfermedades de frialdad y vienen á gozar deste beneficio público enfermos de diferentes Provincias».

[13] «Nace (añade) el agua brotando háçia arriba, es capaz para bañarse muchas personas juntas, tiene desaguadero al rio, por donde se vaçia, y limpia. El calor de dichas aguas es más que templado, y hacen encima de si dichas aguas grato sutil *(sic)*. Son vtiles para la cura de muchas enfermedades, especialmente dependientes de humores frios.» (Limon, *Aguas termales.* 1697).

pico acerado con dificultad se puede apartar un guijarro de otros»; y añade que dentro del patio de la primera puerta hay «algunas bóvedas de ladrillo y dentro de ellas un altar para poder decir misa á los enfermos». Estas bóvedas de ladrillo existian aún hace unos veinte años. Ignoro si se conservan aun.

Tambien afirma Pallares, en conformidad con lo escrito por el Licenciado Molina, pero en contra de lo que dijo Morales, que habia inscripcion en el edificio de los baños; pues puso en su citada obra: «en las ruinas que hoy permanecen, y de una piedra que se reconoció consta ser grande la antigüedad de su edificio».

Otra construccion, si no era la misma torre antigua de que habla Morales, existia á fines del siglo pasado; y de ella dice el erudito y laborioso canónigo lucense D. Joaquin Antonio del Camino, en comunicacion dirigida á D. Joaquin Juan de Flores, con fecha 25 de Agosto de 1803 (original en Biblioteca de la Real Academia de la Historia, Est. 18. leg. 57) que se conservaban «los baños y su oficina de tiempo de los romanos... los canales por donde circulaba y se repartia el agua hasta entrar en el Miño... con los restos de un pequeño templo al parecer y redondo, permaneciendo todavia parte de su bóveda ó cascaron de bastante altura». En otra comunicacion dirigida al mismo Flores, con fecha 9 de Octubre del propio año le habla tambien del templete de los baños.

En una obra publicada en la localidad algunos años despues, y donde era de esperar que se hallarian noticias copiosas y concretas sobre el baño, solo con gran vaguedad y no pequeña incorreccion de estilo, se habla de las construcciones antiguas diciendo: «por donde sale la sobrante agua del espuesto Baño hay un promontorio senmento de circulo de bóveda, que á primera vista enerva el concepto sobre el papel que haria en sus tiempos, en el qual tambien aparece un arco encajonado en la pared mas alto que los de las bóvedas, por el que se infiere seria tal vez baño suntuoso, ó de lujo de estufa determinado solo para los Pretores en tiempo de los Romanos, y todas estas obras demuestran el gran de aprecio, y estimacion que han hecho del tal Baño los Heroes de la antigüedad». (D. José Sanjurxo y Mosquera, *Descripcion del baño termal de la ciudad de Lugo.*—Lugo, Pujol; 1817. 4.°, 31 páginas).

El uso del *baño* de Lugo debió prolongarse por toda la Edad media. Cuando menos el nombre se mantuvo constantemente; siendo abundantissimas, y frequentes las citas que hallamos de la *via que vadit ad balneum* ó *ad balneos* (años 1115, 1171, 1228, 1237 y 1299); ó simplesmente llamada *via balnei* (años 1171, 1196, 1200, 1202, 1204, 1210, 1219) ó *costa balnei* (citada en 1202, con mo-

tivo de cierta viña situada en ella, y en 1461 al decirnos que *en outros tempos soya ser probada de vinas*), y afirmandose más concretamente la existencia del baño, con la locucion *ut itur*, ó *sicut itur ad balneum* (años 1203 á 1219), ó la de *a balneo usque ad sanctum felicem* (1216, 1221 y 1234) y tambien *juxta balneum* (1227), y muy expresiva y singularmente con las palabras empleadas en la carta de venta otorgada por Sancia Froilaz á favor de su hermano Sebastian Froilaz, en 1195, para determinar la parte de huerto y viña objeto del contrato, diciendo que estaba situada *iuxta balneum... et iacet ex alia parte iuxta uiam que uadit a balneo ad malagon et ex alia parte finit in pariete ipsius balnei* (Libro 3 de la iglesia de Lugo n.º 47). Estas y parecidas expresiones fueron reemplazadas al finalizar la Edad media, com otras como la de *camino que vay do vaño para a veyga de Fingoy*, que se halla en un foro de 1461.

Emplearonse tambien las aguas termales de Lugo para efectuar la *prueba Caldaria*; como se desprende de un documento[14] de que da noticia el P. Risco (*Esp. Sag.*, XL, 190), segun el cual habiendo sido acusados Octofredo y su mujer Egila de cierto hurto en casa del presbitero Ederigo, de Santiago de Villapelugos, en el año 996,... *fecerunt inde pena de rio* (?) *in mineo ad illas Kaldas;* la cual, por cierto, no les fué favorable, pues, repetida la prueba, *(et presit nos post ea eecerunt inde alia pena caldaria per mano sagione petro)* resultó quemado el brazo, probablemente, del sayon *(et in peccato nostro exibit ipsa pena ustulata super nos...)* y ellos salieron condenados, teniendo que hacer entrega de unas fincas en satisfaccion del daño causado.

Alli cerca de los baños, levantaron los romanos outra fábrica importante.

La via que conducia á *Bracara augusta* desde *Lucus*, directamente, por *Martia*, al salir de la ciudad lucense atravesaba el Miño por un puente que dió origen al actual; pero que no debe conservar sino muy poco de su primitiva fábrica, por las continuas composiciones que ha sufrido durante la Edad media y los tiempos modernos. Desde el siglo XII existen menciones frecuentes de él, y abundan las noticias de *mandas* dejadas en los testamentos[15] para

---

[14] Incluido en el tomo 9 de pergaminos de la Catedral, n.º 88.

[15] En 1199, *Exemena Froile* lega *pauperibus de ospitali de ponte minei X solidos... ponti de balneis XX solidos.* (Pergamino unido al Tumbo de Lugo, n.º 133.

En 1227, *Pelagius Petri lucensis canonicus...* manda *Ponti de luco i. solidorum.* (Libro B de la Iglesia de Lugo, 242).

atender á su entertenimiento; de cuya *obra* eran *procuradores* en 1336 frey Fernando de Bolaño *frayre da orden de san ffrancisco* y Gomez Pellaez da Cruz; quienes como tales vendieron al Cabildo la mitad de cierta casa que Domingo Perez, alguazil, *mandara á dita obra*, en 75 mrs. *para os meter eno lavor y obra da dita ponte.* (Tomo A, fol. 10, del Cabildo de Lugo).

III

La muralla

He dejado intencionalmente de ocuparme de la celebérrima *muralla* de Lugo, hasta el final de este trabajo, porque es menester tratar de ella con alguna relativa extension y porque, en rigor y en definitiva, constituye un monumento que participa mucho del caracter medieval, y, ahora, ya no poco del moderno.

Tengo que comenzar por repetir lo que al principio he dicho acerca del número de monumentos romanos que se conservan en Lugo, segun el ex.^{mo} sr. D. Juan de Diós de la Rada y Delgado, para volver á manifestar que tropiezo con grandes dificultades para poder asentir á lo que, en la misma citada monografía, ha escrito dicho señor sobre la muralla de Lugo, poniendo: «los veteranos de las vencedoras legiones romanas debieron ser sus pobladores y quizá coetáneo su engrandecimiento con el de Leon; porque las murallas de uno y otro pueblo son enteramente iguales, asi en el sistema de fortificacion como en la manera de estar construidas». Pues esta última afirmacion, tan terminante, entiendo que no está absolutamente conforme con la realidad.

La idea de que la murallas de Lugo son de tiempo de los romanos, se remonta á los tiempos en que escribió Ambrosio de Morales la relacion de su *Viage Sacro*, donde puso: «El casco de esta ciudad con sus muros es agora el mismo que fué en tiempo de Romanos...

En 1290, *Rodericus Ferdinandi canonicus*.... lega *ponti lucense v. solidos.* (Pergamino unido al Tumbo, n.° 106).

En 1297, *Fernandus Martini archi-diaconus de Sarria*... manda *ponti lucensi c. morabetinos.* (Libro B, 392).

En 1321, *Oraca Perez de Santa Alla* manda... *duas oytauas* (de pan) *aaponte de Lugo.* (Id., id., 282).

En 1326, *Juan Scriban* lega *a ponte de lugo huna oytaua de ceveyra.* (Pergamino unido al Tumbo, n.° 137).

En 1456, *Ines Fernandez moller de Ruy de Goyos vecinos de Lugo*... manda *para aobra da ponte de lugo tres maravedis.* (Libro 5 de la iglesia de Lugo, 32).

Y en 1487, *Juan Alfonso clérigo del coro* de la catedral lega *a ponte desta cibdade dos mrs.* (Pergamino unido al Tumbo n.° 144).

La Ciudad es quadrada con muro de veinte piés y mas en ancho, y las quatro puertas que se corresponden una en frente de otra, tienen torreones gruesisimos de hermosa Silleria al dos tanto, como toda la antigua». (Pag. 116 de la edicion del P. Florez).

D. Mauro Castella Ferrer (*Historia del apostol Santiago* fl. 74 v.) al finalizar el mismo siglo XVI, escribia ya, sin rodeos, que en «Lugo... adonde avia Conuento juridico de Romanos, oy dia estan en pié las murallas que ellos fundaron que es vna de las mayores antiguallas de España». Gil Gonsalez se lanzó á afirmar que «Los Romanos fabricaron sus muros, que es el más notable edificio que tiene España, con trescientos cubos ó torres. El ancho de sus murallas es tan grande que pueden dos carros andar ellas sin embaraçarse el vno altro otro. La materia es argamasa, y tan fuerte, que no hay instrumento que la pueda contratar, con que se promete vna vida de infinitos años.» (*Teatro eclesiastico,* III, 169). Y pocos años despues, al mediar el propio siglo XVII, los P. P. la Gándara y Pardo reprodujeron la afirmacion, refiriendose el primero de ellos á Morales. (*Cisne Occidental* II, 316, y *Excelencias del apostolo Santiago* II, 70).

El P. Risco un siglo adelante escribió sobre esta famosa muralla: «Obras suyas (de los Romanos) son en dictamen de todos los escriptores las murallas, cuya grandeza y fortaleza hicieron memorables á la Ciudad». (*Esp. Sag.* XL, 15). Y entre los autores contemporáneos ha sido muy general la opinion de que la construccion de las murallas de Lugo era verdadera obra de romanos.

Lo cierto es que no ha llegado hasta nosotros noticia alguna concreta de su construccion. Y su falta de caracter artistico nos priva de toda clase de datos é indicaciones sobre la época á que pertenece. Su misma considerable anchura[16], que se ha aducido como testimonio de ser obra, grandiosa y monumental, que sólo pudo realizarse en tiempo de los romanos, no excede mucho de la que tienen los de Avila, que, dandoles demasiada antigüedad, la tradicion, ó la leyenda, las atribuyó á los maestros Casandro y Florian de Pituerga, cuando la general restauracion que hizo en la ciudad D. Ramon de Borgoña, á los fines del siglo XI.

---

[16] Varia la anchura de 5 á 7 metros. Abraza 2131 metros de circuito, tiene de altura en unas partes 10 y en otras más, hasta llegar á 14, segun exigen las sinuosidades del terreno para que su superficie resulte un tanto nivelada, y está guarnecida de ochenta y tantos torreones redondos, que poco á poco y sucesivamente, con uno ú otro motivo, se van disminuyendo. Su fábrica es de grosera mamposteria, como la que actualmente se usa en el país utilizando la piedra pisarrosa que tanto abunda en la comarca, salvo algunos, muy pocos, torreones que tienen revestimiento de silleria. No se conserva un solo merlon del almenado (si es que lo tuvo, como parece probable).

Ninguna puerta se encuentra en todo el circuito de la muralla que pueda ser tomada como del tiempo de los romanos, ni aun de época muy posterior. Ni siquiera de cuales eran las primitivas existe noticia cierta, por más que el Dr. Pallares se haya aventurado á decir que eran «cuatro principales y otra secreta que llaman falsa, y aunque una de las otras se llama nueva no es porque no sea antigua desde el tiempo de los romanos sino por haber estado tapeada, como la falsa, por largos años». Tanto motivo tenia, en verdad, Pallares para afirmar que estas puertas fuesen romanas como para dar por cierto, segun lo hace, que las murallas fueran fabricadas por Hércules y su gente, para estar en ella, como en ciudad de refugio, seguros de la parcialidad de Gerion, y que los romanos no hicieron más que reedificar la parte arruinada y amplificarlas con los 86 cubos.

Dos de los torreones que caen hácia el Campo del Castillo, conservan unas construcciones formadas por la elevacion de sus muros atravesados de ventanas muy estrechas y semicirculares. Cuyas construcciones dice el Licenciado Molina, en su citada *Descripcion de Galicia*, que las hubo en todos los torreones del ámbito, y eran casas de los guardas de la ciudad, provistas de vidrieras, como expresa en la seguiente octava y su correspondiente glosa.

La cerca de Lugo, que fue vna ciudad
De las antiguas, y grandes de España,
Hazer otra cerca, ni aun media tamaña,
No hay Reyes que tengan posibilidad,
Dos carros bien caben sin contrariedad,
De dura argamassa las torres labradas,
Con muchas ventanas que fueron cerradas,
De sus vidrieras de gran claridad.

«La cerca desta ciudad se tiene por una de las marauillosas, y estrañas de toda España, porque demas de la gran redondez, y espacio della.... tiene tres grandezas. La una es la anchura que esta cerca tiene, que pueden dos carros andar por cima della, y rodear toda la ciudad, sin tocar en las torres, que buelan fuera. La otra es la multitud de torres, pues a cada ochos pasos, poco más ó menos, está vna, en la qual de antes quando esta ciudad estava en su prosperidad, auia vna casa, y vn morador, digo en cada torre, que tenian cargo de velar la ciudad, y en estas mismas torres parecen agora los edificios, y enmaderamientos de aquellas casas: cada torre estas tiene agora muchas ventanas, las quales solian estar con sus vidrieras, que ninguna faltaua, y oy dia se hallan en la ciudad pedaços destas vidrieras, que son gruessas, y blancas. La otra grandeza es la fuerte argamassa, y material de que está hecha toda ella, es cosa notable, y de gran cuenta.»

Todas estas especies vertidas por el buen Licenciado, han sido admitidas y reproducidas sin reservas por los escritores que en el transcurso de estos últimos siglos han tratado de las antigüedades de Lugo.

El propio erudito y laborioso canónigo de la iglesia de Lugo, D. Joaquin Antonio del Camino, en la descripcion de la muralla que remitio al P. Risco, en 1795, dió por cierto que todos los torreones habian tenido dos ó tres altos que alcanzaban tanta altura desde el adarve, como elevacion tenia la muralla, hasta él, desde flor de tierra, y que en ellos se alojaba el presidio militar. He aqui sus palabras textuales:

«Los muros de esta Ciudad, son una fortaleza perfectamente acabada, en lo que permitian las reglas de la antigua marcial arquitectura. Forman un circulo aunque no del todo regular, y algo más largo que ancho, en lo que sin duda tuvieron presente la advertencia de Vitruvio lib. I, cap. 5, sobre que las plazas fuertes no fuesen quadradas ni esquinadas, sino redondas, para descubrir mejor el campo del enemigo, etc. Morales se engañó en su Viage santo, quando escribió que la ciudad... es quadrada... La altura de la muralla varia *(dice venia)* segun la igualdad ó declive del terreno, y hay parages donde sube de diez á once varas. De la anchura nada exageran los que dicen, que por el adarve pueden andar dos carros, á lo menos de los que se acostumbran en Galicia, lo que es digno de notarse, atendiendo á que Vitruvio, solo pide que los muros tengan tal grandor, que puedan andar sobre ellos dos hombres sin embarazarse uno al otro. Las torres ó cubos son ochenta y cinco: pero Pallares pone ochenta y seis, y es sin duda, que alguna se desmoronó, ó quedó metida dentro de alguno de los edificios que modernamente se han levantado al rededor de las murallas. La distancia entre torre y torre no siempre es igual, y hay parages donde solo distan medio tiro de ballesta. Estas torres se conoce tenian dos ó tres altos ó estancias, contando la que está al nivel del adarve, pues en algunas todavia se conservan ventanas grandes en figura de arcos, ya tres, ya quatro y cinco en cada estancia, y segun todas las trazas servian de alojamiento al presidio militar, y permanecen vestigios de chimeneas etc. Todas las torres son redondas conforme á las reglas de Vitruvio, a excepcion de algunas pocas que se levantaron en tiempos muy posteriores á los Romanos; sin duda de resulta de haber caido las primeras, como ha sucedido en una de ellas el invierno pasado (1794-1795), y es de temer suceda con otras, si no se toma providencia de repararlas. Dichas torres remontan mucho sobre la muralla, y segun lo que ha quedado de ellas, descollaban desde la cima del muro tanto ó cerca, como está subida la cava ó foso en el dia enteramente ce-

gado. En la gola ó hácia el interior de las torres, no se corta ni interrumpe el cuerpo del mismo muro, al contrario de lo que sucedia en otras antiguas fortalezas. El material es piedra de sesgo, ó segmento uno de los que recomienda Vitruvio para las obras de fortificacion, de que abundan estas inmediaciones, y las piedras estan unas sobre otras horizontalmente, lo mismo que las que en lugar de tejas cubren los edificios de la Ciudad.» (*Esp. Sag.* XL, 15-17).

A esto añadio por su cuenta el P. Risco: «En el número de los cubos, y de las torres que tienen las murallas sobre ellos se nota variedad en los Autores señalando unos el de 30 y otros el de 300, en lo qne se engañaron mucho por diminucion, ó por exceso, siendo 85 los que se ven en todo el circuito de los muros. Cada torre de estas se compone de dos altos, y eran edificios hechos de forma que pudiesen viver en ellos como en casas los que tenian á su cargo velar para defensa de la Ciudad. Tenia tambien cada torre muchas ventanas con sus vidrieras gruesas y blancas, y se hallan hoy dia muchos fragmentos de ellas como testifican los vesiños de la ciudad.» (*Esp. Sagr.* XL. 15).

Hasta D. Juan Agustin Cean Bermudez en la obra que dedicó especialmente á las antigüedades romanas, con el título, bien conocido, de *Sumario de las que hay en España* (Madrid, 1832), da como un hecho la existencia de las *casas* de que habla Molina; poniendo: «conserva (Lugo) su ostentosa muralla... contiene setenta y nueve torres ó cubos de pizarra repartidos á trechos y cada una consta de dos ó tres pisos en alto, pues parece haber sido habitaciones de presidio militar.» (pag. 207).

Pero el caso es que el Licenciado Molina no dise claramente que todas las torres de la muralla conservavan lo que él tomó por casas de los vigilantes. Quizá ni él vio tales casas, ni nunca las hubo sino en los únicos torreones que hoy las conservan, ó en alguno más de los inmediatos; y por consiguiente, lejos de tenerlos todos los ochenta y tantos torreones, sólo se levantaron tales construcciones en aquellos que pertenecian al *castillo* (asi llamado), que es la parte, además, en que actualmente está más estrecha la muralla, oprimida de las casas, pegadas á ella por el interior de la ciudad.[17]

Pónese como testimonio fehaciente de que las murallas de

[17] Del castillo de Lugo hase ya mencion el obispo D. Pedro en cierto documento publicado por el P. Risco (*Esp. Sagr.* XLI esc. II) donde divide la ciudad: *infra ambitum muri lucensis civitatis ab exteriori porta Castelli ejusdem urbis interius, qui vulgo bezerrile dicitur inter menia ejusdem opidi et domum... Petri diduci.* (*Tumbo* de la Iglesia esc. 104).

Lugo, construidas por los romanos resistieron los siglos siguientes hasta que hubo terminado, en aquel pais, la pasagera dominacion musulmana; el texto del privilegio concedido, en 832, por Alfonso el Casto á la misma iglesia de Lugo, despues de alcanzada la victoria sobre aquel rebelde Mahamut y de tomado el castillo, antiguo castro, de Santa Cristina (*Esp. Sagr.* XL, escr. XV pag. 371) donde dice que Lugo fue la única ciudad que quedó entera despues de la invasion agarena y que conservó sus murallas (*Lucensem Vrbem... Ecclesiam Sanctæ Mariæ seu Vrbem prefatam que sola integerrima remanserat a Paganis non destructa murorum ambitu*). A diferencia de lo sucedido á las ciudades de Braga y Orense de que en ese privilegio hace donacion á la iglesia de Lugo; las cuales (como alli se consignó) habian quedado completamente inhabitables y destruidas (*dono et concedo Civitates Bragaram scilicet metropolitanam et Auriensem Vrbem que omnino a Paganis destructa esse videntur et populo et muro*).

El contexto de dos de los famosos documentos del obispo Odoario, testigo de la invasion musulmana, parece contradecir algo la especie de que Lugo hubiese conservado sus murallas romanas, pues dicen terminantemente que, despues de reconquistada por Alfonso el Casto, la halló inhabitable y desierta (*invenimus ipsam sedem desertam et inhabitabilem factam*) y que tuvo que restaurarla á cimientos; expresando, no obstante, que lo hizo dentro de sus muros, cuya existencia, portanto, resulta afirmada (*Luco Civitatis id est ipsam prædictam Civitatem ab omni integritate conclusa intus in circuitu murorum ex radice restauravi*). (*Esp. Sagr.* esc. XII y X, años 760 *(circa)* y 747).

Hablase otra vez de los muros en la donacion que, en 897, livro Alfonso III, el Magno, á la misma iglesia lucense, incluyendo en ella á la propia ciudad (*Lucensem urbem quemadmodum murorum et arcium clauditur ambitu interius et exterius ab integro*). (Id. Id. esc. XIX).

Favorece la opinion de que los antiguos muros de Lugo subsistian despues, y mucho, de la reconquista de la ciudad, al propio tiempo que perjudica á la de que subsistan todavia las murallas construidas por los romanos, la cláusula contenida en el privilegio otorgado por Alfonso VI, en 1088, para indemnizar á la iglesia de Lugo de los daños que sufrió con motivo de la revelion del conde D. Rodrigo Ovequez y de otros próceres gallegos, que se apoderaran de la ciudad, al decir que el Rey no podiera tomarla más que derribando su muralla y echando por el suelo una muy alta torre que la defendia (*murus ejusdem civitatis et turris precelsa ad terra est déjecta... Ecclesia... Sancta Maria... debastata*). (*Esp. Sagr.* XL, es. XXIX y esc. 19 del *Tumbo* de la misma iglesia).

Si, en efecto, en 1088 habian sido derribadas las murallas de Lugo, muy pronto volvieron á ser levantadas. Como existentes (por de pronto) las da el mismo monarca Alfonso VI, al decir, en el privilegio de donacion que otorgó á favor de la misma iglesia de Lugo en 24 de Julio del año siguiente de 1089, que le dona *infra muros eiusdem urbis quicquid ibi mea regia potestas possidet vel possidere regio more debet* (Tumbo de la iglesia de Lugo esc. 20). Y, más fija y terminantemente, lo afirma el obispo de esa misma iglesia Pedro III. en las dos cartas otorgadas en 1120 y 1132 (*Esp. Sagr.* XLI. esc. II. y Tumbo esc. 104 y pergamino n.º 75 unido al Tumbo) al decir que asigna á los canónigos la parte de la ciudad comprendida *infra ambitum muri lucensis civitatis ab exteriori porta Castelli ejusdem urbis... inter menia ejusdem oppidi... Finitus terminus iste ad Orientalem plagam una cum porta Toletana in turre Froilani*; y (en el otro documento) que da al canonigo Pedro Diaz *illas casas... que fuerunt ospicium peregrinorum intra muros lucensis civitatis.*

Desde ese tiempo, por todo el resto del siglo XII y durante los siguientes, son frecuentisimas las noticias y menciones de los muros y de las puertas que en ellos se abrian. Nombranse la *Porta Toletana* y *Porta castelli* (1120), *Porta minea* (1147), *Porta Sancti Petri* (1176), *Porta nova* (1188) y *Porta de postigo* (1231). Y tambien de las torres levantadas sobre algunas de las puertas se hallan antiguas menciones: como de aquella de que el papa Juan XXII dice al Arzobispo de Santiago que el obispo lucense Juan reconstruia en 1327 (*quamdam turrim que supra unam de portis Civitatis... constructa fuerat ab antiquo, faceret reparari et ejusdem turris opus jam quasi consumationem attingeret*); sobre cuya torre ó castillo, llamandole asi, expidiera carta el rey Fernando IV en 1312, mandou refiriendose á otra en que mandara derribar el tal castillo; y como las dos torres que, por esos mismos tiempos levantara sobre la puerta de S. Pedro el infante D. Felipe, segun el mismo refiere en otro documento del mismo año de 1327, (*conozco que tengo la fortaleza que yo mandé facer sobre la puerta de S. Pedro de Lugo*) y que el Papa (documento citado) especificaba que tenia dos torres (*quodam fortalitio... cum duabus turribus*). Estos textos han dado pié para que se atribuya al infante D. Felipe la construccion, durante las revueltas ocurridas en la minoria de Alfonso XI, de los torreones revestidos de silleria, existentes en la muralla, y á que, en este sentido, escribiera el canónigo Camino, en la noticia enviada al P. Risco, que «solo hay algunas pocas torres de piedra sillar construidas en siglo más reciente y algunas de ellas en el reynado de D. Alonso XI por el Infante D. Felipe, segun papeles del archivo del Cabildo, las quales no igualan

en la gallardia y gentileza á las de los Romanos.» (*Esp. Sagr.* XL, 17).

La primera dificultad que se ofrese, para admitir que las murallas romanas de Lugo pudieron haber subsistido á través de la Edad media, está en la disposicion tomada por Witiza de que fuesen derribados los muros de todas las ciudades de España, excepto los de Toledo, Leon y Astorga, por reverencia de estas ciudades, segun el Todense.[18] A ella opone Pallares el contexto de un privilegio concedido por Chindaswinto al monasterio de S. Clodio; el testimonio de Luitprando, y el ejemplo de los muros de Madrid y otras poblaciones; concluyendo por afirmar, muy formalmente, que «de las mismas murallas se reconoce son las mismas que aumentaron y reedificaron los romanos.»

Constituye fuerte argumento en contra de que la muralla de Lugo pueda ser obra romana, la circunstancia de haber sido encontradas dentro de ella, en su macizo, varias lápidas romanas. Tal como la dedicada á Julia Pompeyana (número 2590 de Hübner) que fué hallada en el macizo de la pared al tiempo de reedificarse la puerta del postigo, en 1759: la dedicada á Cesar por su legado Fabio Maximo (número 2583 de Hübner) encontrada doce años despues, tambien entre las piedras del macizo de la muralla al derribar parte de ella para hacer una casa, junto á la puerta de S. Pedro, y, últimamente, en 1883, la dedicada á Jupiter por Flavio Flavo, que apareció al deshacer unos torreones para ensanchar la via pùblica, al lado izquierdo de la puerta del postigo, conforme se sale.

El mismo P. Risco asiente, implicitamente á la opinion de que las murallas de Lugo son posteriores á los romanos, al reconoser que «ha sucedido aqui lo mismo que en Leon, donde, como escribi en el Tom. XXXIV pág. 39, se han empleado las inscripciones que habia en muchas lápidas en diversos edificios y especialmente en los muros.» (*Esp. Sagr.* XL. 18).

La opinion del arquitecto Andrade, expuesta en la *Memoria* ya citada, que remitió á la Academia de la Historia en 1837, era abiertamente contraria a la creéncia general de que la muralla de Lugo datase de la época romana. «Si considero (dise) el trabado y la conservacion de la pizarra de los trozos primitivos, en especialidad de los lienzos que miran al norte, me convenzo de que no es tanta su antigüedad como quisieron atribuirle algunos escritores demasiado anciosos de las glorias del pais. Es cierto que la parte

---

[18] *Muri tamen Toletanæ urbis et Legionis et Astoricensis integri remanserunt propter earumdem reverentiam civitatum.*

expuesta á los recios temporales y frecuentes aguaceros... no ofrece la misma union... que aquella, pero aun asi era demasiado resistir una piedra que no es la mas dura para construccion. Otras obras tengo visto que por su notable antigüedad presentan el sobrepuesto de la argamasa por no haber podido resistir al peso de los siglos los demas materiales, y nada de esto me ofreció el recinto de esta ciudad en los repetidos reconocimientos que hice. Por de pronto sabemos ya á no dudarlo que algunos torreones, que la generalidad suponia primitivos, son posteriores al tiempo de los romanos como lo confirma el hallazgo de las inscripciones... si llegase el caso de demoler alguno otro de los que estan revestidos de piedra sillar... hallariamos nuevos datos.»

«A mediados de 1836 (continua Andrade en su *Memoria*) se dió principio á la reparacion,... en la demolicion de una sola almena pude reunir las lápidas (siete que cita) y algunos trozos de columnas y outras piedras... enteramente borrados los caracteres de sus inscripciones. Saliendo de la puerta de Santiago, llamada vulgarmente del postigo, y á mano izquierda, habia un torreon semicircular de pizarra en su macizo revestido de sillares de diferentes formas. Para proveer de materiales á las demas obras de la muralla[19] hubo que deshacerle y en sus paramentos se hallaron sentadas de plano las piedras con inscripciones» (coya copia remite); y especifica que la lápida que señala con el número 7 (y pone en blanco) cubria á la número 2 (la 2591 del *Corpus*) y estaba adherida á ella por capa de argamasa ó betun de extraordinaria dureza, y las demás con las inscripciones hácia abajo, puestas de plano.

Aún para admitir que la muralla de Lugo sea obra de la Edad media, en su fábrica actual, pero de trazado y cimentacion romana, se opone una circunstancia. La completa identidad que existe entre el perimetro que describe la muralla de Lugo, y el que tenia Santiago segun las indicaciones que nos suministran los datos abundantes y precisos, que poseemos desde la época de su prosperidad en la primera mitad del siglo XII. Lo cual induce á afirmar (y con esto pongo fin á este ya largo articulo) que la muralla de Lugo fué levantada, á cimientos, á fines del siglo XI, ó en el primer cuarto del siglo XII; al propio tiempo que la de Compostela, poco despues de la destruccion que produjeron las gentes que trajo Alfonso VI contra los rebeldes, y poco antes de aquella época de de gran prosperidad que alcanzó tambien Lugo, en el dozavo siglo, cuando levantó su catedral el maestro Raimundo, y estaba la

[19] En la época de la guerra de la Independencia (hácia 1808) se habia hecho una reparacion en el pretil de la muralla.

poblacion henchida de industriales extranjeros, avecindados en ella, que usaban nombres tan caracteristicos como los de Ramdelosth, Ferreth, Sthanas, Lombardus, Bonboth, Rabolin, Guilelmoth, Brethan, Reboth, etc.

Madrid 15 Marzo 1890.

José Villa-amil y Castro

NUMISMATICA PORTUGUEZA *

UM ENSAIO MONETARIO DE 1752

São vulgares as moedas de cobre de *quarenta réis* (XL) e de *vinte réis* (XX), cunhadas em 1722, com destino ao Brasil, tendo no reverso *aes usibus aptius auro*, legenda que não apparece em nenhumas outras moedas.

O sr. Cyro Augusto de Carvalho, bem conhecido e intelligente colleccionador, possue uma moeda em tudo semelhante ás de 1722 mas cunhada no reinado de D. José e com a data de 1752. Eil-a:

IOSEPHUS·I D·G PORT·ET·BRASIL·REX — Escudo das quinas, encimado da coroa real que corta a legenda, e ladeado de seis florões e quatro pontos.

℞ ÆS ◎ VSIBVS ◎ APTIVS ◎ AVRO ◎ 1752 ◎ — No centro d'uma coroa o valor XL entre seis florões.

Parece que as lettras IOSEPHVS·I·D·G PORT do anverso foram recunhadas, ou que foi emendado o cunho, por motivo d'algum erro. Julgo, porém, que houve a substituição do nome IOSEPHVS·I· ao

* Não satisfazendo a primeira gravura que se mandou executar, só hoje pode incluir-se na *Revista* esta noticia.

nome IOANNES·V·, até pelo facto de estarem muito juntas as lettras. É verdade que, no anverso, a data 1752 não tem vestigios de emenda ou retoque (D. José começou a governar em 1750); mas pode ter-se feito um cunho novo para o reverso, perdido ou estragado o primeiro, e aproveitado o do anverso com a alteração do nome.

Por tudo isso não me parece que esta moeda haja tido curso; considero-a um ensaio monetario.

B. DE F.

QUESTÕES ETHNOGENICAS*

Lusitanos, ligures e celtas

Vou em parte resumir, em parte completar a minha discussão ácerca da ethnogenia da Lusitania antiga.

I—*Houve ligures da Lusitania?*

1.—*Os textos.* Nenhum texto classico falla de ligures em toda a faixa occidental da peninsula correspondente á Lusitania romana e á Callaecia. A interpretação, inadmissivel a meu vêr, que o sr. Sarmento dá ao poema *Ora maritima* de Festo Avieno está em desacordo com a de Müllenhoff e d'outros, segundo a qual é impossivel collocar ligures na Callaecia, como quer o auctor portuguez. Baseado nos textos só póde fallar-se dubitativamente de ligures noutra parte da peninsula[91].

Comquanto, como já disse, reserve para outras occasiões o exame das interpretações do poema *Ora maritima* não posso resistir ao desejo de dar um exemplo do processo critico do sr. Sarmento.

No seu estudo sobre aquelle poema disse Karl Müllenhoff: «Os versos 160–162 indicam um segundo promontorio

Aryi iugum
rursum tumescit prominens in asperum
septentrionem

«Pois Pithoeus e Ortel reconheceram já com razão que 160 em *V* (edição de Veneza de 1488) inhospita sariyum e 172 in abque arui

* Continuado d'esta *Revista*, III, n.º 11.

[91] Avieno *Ora maritima* 283–285 menciona um «Ligustinus lacus», de que saía o Tartesso, rio que se suppõe ser o mesmo que o Baetis, hoje Guadalquivir. Estevão de Byzancio menciona uma «Ligustina, cidade dos ligures» não longe de Tartesso. A fonte das duas passagens pode ser a mesma. Vid. K. Müllenhoff, *Ob. cit.* I, 81–82, 136-137; d'Arbois de Jubainville, *Les premiers habitants de l'Europe* I², 379-380.

iugo conteem um nome. Pelo nome parece ser o mesmo que o Ὀρούϊον ἄκρον, que Ptolemeu 2, 5, 2 põe ao norte da foz do Minho e Ukert p. 283 considera com toda a razão como identico ao cabo Silleiro, á sahida da bahia de Vigo [92].

O sr. Sarmento diz [93] que a lição de Müllenhoff «é gratuita; pelo menos nenhuma razão vemos no seu livro que possa justifical-a.» Todavia as razões estão em parte claras em parte latentes no livro allemão, para quem não esteja dominado por qualquer prevenção. Convinha ao interprete portuguez que se lesse *arui iugum*, sendo *arui* appellativo, traduzindo elle a expressão por «promontorio da campina» ou «monte do campo» e collocando o referido iugum entre a foz do Lima e a do rio Ancora, num sitio que elle conhece muito bem dos seus passeios, e identificando-o com o monte Dôr, «cuja raiz o mar lava pelo poente, sendo por todos os outros lados rodeado de ferteis campinas [94]. Mas o Aryium ou Argi iugum

rursum tumescit prominens in asperum
septentrionem

o que não póde dizer-se de modo algum do tal monte Dôr. O sr. Sarmento resolve esta como outras difficuldade de modo simples: trata-se d'uma alteração perfeitamente arbitraria feita por Avieno no texto do roteiro que lhe serviu de base.

Alfredo Holdier na sua recente edição de Festo Avieno [95] põe a lição *Aryium* em vez de *Aryi iugum* no v. 160 e *Arui(i) iugo* em v. 172; como Pithoeus, Ortel e Müllenhoff, viu elle que essas passagens não podiam deixar de conter um nome proprio. As razões latentes são faceis de descobrir. Uma denominação como monte, cabeço do campo seria singular e unica em Festo Avieno. Não são appellativos que no poema servem para a determinação de cada iugum, mas nomes proprios: Veneris iugum v. 158, 437, 443, Cepresicum iugum v. 182–3, Cyneticum iugum v. 201, iugum Barbetium v. 425, iugum Traete v. 452, Pyrenae iugum v. 472, Crabrasiae iugum v. 489, iugum Celebandicum v. 525, Pyrenaeum iugum v. 565, Setii ingum v. 609. Apenas temos um nome proprio combinado com um appellativo, aqui perfeitamente justificado, em Tononitaeque rupis iugum v. 545. O sr. Sarmente não attendeu a este uso do poema, que torna perfeitamente improvavel a sua hypothese.

---

[92] *Deutsche Altertumskunde* I, 100.
[93] R. Festus Avienus, *Ora maritima*, p. 44, n.º 2.
[94] *Ob. cit.* p. 44.
[95] *Rufi Festi Avieni Carmina* recensvit Alfred Holder. Ad Aeni Pontem, 1877.

2.—*Os dados archeologicas, ethnographicos.*—Nenhum desses dados é sufficiente para provar que os povos do norte do Tejo até á costa da Callaecia fossem ligures. Com relação a este povo na peninsula diz o sr. Cartaillac: «Ils occupaient certaines régions, vraisemblablement assez limitées, dans le midi et l'ouest de la péninsule; on les a signalés aux envions de Narbonne; ils étaient plus nombreux á l'est du Rhône, en Gaule et en Italie, le long du littoral méditérranéen. D'après Pruner-Bey, Carl Vogt, Nicolucci, c'étaient des brachycéphales de petite taille constituant dans notre occident une strate éthnique complètement distincte de la race dolichocéphale. Parmi tous les matériaux préhistoriques[96] que nous avons décrits je ne vois rien à leur attribuer. Les contrées qu'ils ont occupées n'ont rien de plus ni de moins que les autres[97].»

A opinião de que os povos aryas fossem os importadores do bronze para a Europa está muito longe de ter a base segura que lhe attribue o sr. Sarmento[98]. A conclusão de A. Pictet[99] tem sido rejeitada. Está-se hoje geralmente longe de admittir que os aryas ou indoeuropeus primitivos conhecessem o bronze antes da sua separação. Schrader[100] pretende que elles só conheciam o cobre. Max Müller incluiu-se a que elles conheciam tres metaes: o oiro, a prata e o cobre[101].

3.—*Os dados anthropologicas.*—São como se sabe muito escassos os dados anthropologicas seguros que temos uma relação aos antigos habitantes da Lusitania (romana) e Callaecia; a conclusão a que se chegou é que desde antiquissimos tempos se cruzaram ou juxtapuseram aqui diversas raças; ninguem achou entre essas, assim como nos typos modernos da população, o typo ligur. Vejamos o que nos dizem sobre o assumpto duas auctoridades de primeira ordem: «Les preuves anthropologiques de l'existence des Ligures dans la péninsula Ibérique sont absolument négatives. Dans le sud-est de la France ils ont laissé bien peu de traces de leur passage, et s'ils ont pu s'étendre jadis dans une partie de l'Italie, comme le pense M. Nicolucci, de façon à laisser dans l'Emilie, le Modénais, etc. des

---

96 Entre os quaes os descobertos na Citania.

97 Émile Cartaillac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 332.

98 *Revista scientifica* I, 78 n.º 1.

99 *Les origines indo-européennes* I², 200–208.

100 *Handelsgeschichte* p. 121 apud Max Müller, *Biographies of Words and the Home of the Aryas* (1888), p. 252–256.

101 *Ob. cit.* Vid. os factos citados pelo celebre orientalista para provar que o cobre, endurecido por um processo especial, podia ser empregado no fabrico das armas. Sobre o estado actual da questão da origem do bronze darei aqui uma noticia num dos proximos numeros.

témoins de leur séjour, c'est seulement dans les régions maritimes de l'ancien royaume de Piémont que leurs descendants forment encore maintenant une notable partie de la population [102].» Devo observar, pois, collocado no ponto de vista da sciencia pura, busco attender a todas as faces das questões, tomo conta, tanto quanto posso, dos prós e contras de cada hypothese, que o doutor Victor Jacques, secretario da sociedade anthropologica de Bruxellas, examinando os vestigios osteos achados pelos engenheiros Siret no sueste da Hispanha [103], achou nelles representantes de diversas raças: «De ces trois races, trois et peut-être quatre sont représenteés dans la population de l'Argar à l'aurore de l'âge du bronze; ce sont: Cro-Magnon, dans la variété rencontrée dans les moyens niveaux inférieurs de Grenelle; la race des moyens superieurs de Grenelle, apparentée aux brachycéphales de la fin de l'âge de la pierre taillée et du commencement de l'âge de la pierre polie, la race pyrénéenne, et probablement aussi la race de Furfooz n.º 2; le type dit de Mugem apparaît avec les mêmes caractères que dans les autres stations de la Péninsule et est largement représenté. Ces races existaient déjà aux âges de la pierre, nous ne pouvons pas dire dans le sud-est de l'Espagne, mais dans diverses parties de la Péninsule, sauf la race pyrénéenne occidentale pour laquelle les renseignements font défaut [104].» O anthropologista belga falla depois de relações entre um d'esses typos e o typo ligur; mas o que diz é tão vago que o melhor de tudo nos parece a sua conclusão: «Toutefois, nous le savons, toutes ces hypothèses demandent à être appuyées sur des faits plus précis et des observations plus nombreuses avant d'entrer dans le domaine de la science [105].»

O sr. Sarmento pretende que os ligures foram o povo constructor dos dolmens, os homens da edade da pedra polida, que para elle não é distincta da do bronze [106], homens do typo chamado meridional, isto é morenos, baixos, de cabello escuro. Deve acceitar-se como já vimos, essa caracteristica anthropologica dos ligures, mas foram elles realmente os homens da edade da pedra polida e da

[102] MM. A. de Quatrefages et Ernest T. Hamy, *Crania ethnica*. Paris, 1882. Texte, p. 488.

[103] Henri et Louis Siret, *Les premiers âges du metal dans le Sud-est de l'Espagne*. Anvers, 1887, 4.º Texte. Contém: *Ethnologie* par le Docteur Victor Jacques.

[104] *Ob. cit.* p. 385.

[105] *Ibidem*, p. 388. Analysando o trabalho do dr. Jacques diz o sr. marquez de Nadaillac: En présence de ces mélanges que nos connaissances actuelles ne peuvent que difficilement expliquer, toute conclusion sérieuse est impossible.» *Revue d'anthropologie* 17.ᵉ année (1888), p. 603.

[106] Vid. o artigo do sr. Martins Sarmento na *Revista scientifica do Atheneu do Porto* n.º 3 (1885), p. 77–82 e *Os Argonautas*. p. 246 ss.

edade do bronze, ou da edade commum da pedra polida e do bronze, como quer o sr. Sarmento?

Para o sr. Verneau, a raça preponderante na peninsula na epocha da pedra polida e ainda depois na do bronze é a de Cro-Magnon: essa raça seria loira, d'olhos azues, e achar-se-hia ainda hoje representada por certos kabylas disseminados em diversas partes da Africa septentrional, como os de Denhadja, e pelos guanchos das Canarias: elles teriam sido os constructores dos dolmens da Hispanha e da Africa; na Hispanha teriam em parte recuado ante a invasão dos ligures annunciados pelo sr. Victor Jacques no trabalho já citado e, ao que parece, de modo mais explicito numa nota anterior, cujas conclusões foram depois modificadas [107].

Se pois houve ligures entre as antigas povoações peninsulares, esse elemento parece ter sido muito pouco importante. Resta resolver a questão das relações ethnogenicas dos bascos e dos ligures, na qual ha pendentes grandes contradicções.

A termos que dar fé aos anthropologos, que ao que parece, são os unicos competentes em questões d'anthropologia, os homens da epocha do bronze na Grã-Bretenha não eram de modo algum ligures, como sonha o sr. Sarmento. «Viessem d'onde viessem, os homens da edade do bronze na Britannia eram muito bem dotados physicamente. Eram, por via de regra, altos e robustos; tinham cerebros desenvolvidos; as suas feições, embora um pouco asperas e grosseiras, devem ter sido viris e até imperiosas. O chefe de Gristhorpe, cujos restos estão no Museu York, deve ter tido o aspecto d'um verdadeiro rei dos homens, com a sua estructura athletica, a larga fronte, os sobrolhos salientes, as maxillas fortes e o profil aquilino.» [108] «D'onde veiu essa raça? A sua grande semelhança com um typo que abunda nos tumulos da edade da pedra da Dinamarca foi notada por muitos observadores... Considerando este facto á luz dos dados dos auctores classicos a respeito dos Cimbri, o seu estabelecimento original no ou cerca do Jutland e o seu movimento na direcção de sudoeste para a Gallia Belgica é-se disposto a pensar que os craneos de Borrely podem ter pertencido a uma raça, senão identica, todavia proxima parente dos Cim-

[107] M. Verneau, *La Race de Cro-Magnon, ses migrations, ses descendants* in *Revue d'Anthropologie*, xv année (1886), p. 10-24; Idem, *L'Atlantide et les Atlantes* in *Revue scientifique* (*Revue rose*) t. XLII, n.º 3 (21 juillet 1888), pp. 70-78. Sobre vestigios da raça de Cro-Magnon em Portugal, vid. F. Paula e Oliveira *Note sur les ossements humains etc.* in *Communicações da Commissão dos trabalhos geologicos*, t. II, fasc. 1. Outros trabalhos do mesmo benemerito investigador, cuja morte prematura os amigos da sciencia deploram, acham-se no mesmo fasciculo das *Communicações*.

[108] John Beddoe, *The Races of Britain* (Bristol and Londres, 1885), p. 17.

bri, que teriam sido em parte subjugados, em parte expellidos por uma raça dolichocephala de conquistadores, dinamarquezes ou anglos, e que podia ter achado o seu caminho para as ilhas britannicas, atravez da região do Rheno e da Gallia do Norte, adquirindo a civilisação do bronze na sua marcha.»[109]

A hypothese de Beddoe não parece segura; mas os factos anthropologicos observados nas estações britannicas da edade do bronze não podem ser regeitados.

4.—*Os dados glottologicos.*—Não está provado que a lingua dos ligures tivesse relações estreitas com os dialectos neo-celticos, a ponto d'estes deverem ser considerados como representantes d'essa lingua. O proprio sr. d'Arbois de Jubainville diz que não pode provar-se pelo methodo linguistico que os ligures fossem indo-europeus[110]. Ora essa demonstração não pode dar-se tambem por outro methodo.

Provou-se directamente no artigo anterior que as linguas neo-celticas proveem em verdade da lingua ou lingua dos antigos celtas, incluindo os galatas da Asia menor. Argumentos indirectos concorrem para mostrar que o ligur devia ser uma lingua muito differente.

Os siculos seriam ligures, segundo geralmente se admitte e o proprio sr. Sarmento quer[111]; ora que vestigios ha da lingua dos siculos que se liguem ao neo-celtico? As palavras italicas (não celticas) que se encontram nas composições dos poetas syracusanos Epicharmo e Sophron podem ter chegado ao povo de Syracusa pelo commercio com os italiotes, como bem viu Helbig[112]. Este mesmo eminente archeologo notou que ha palavras siculas que não podem explicar-se pelo italiote; mas nem essas nem os nomes proprios de logar siculos se ligam ao celtico[113]. Na Hispania antiga a unica coisa que parece ligar-se ao ligur é o suffixo *-asco* do nome de logar *Vipascum* ao sul do Tejo, fóra da Lusitania strabonica, suffixo que parece o mesmo que se acha em diversos nomes proprios e appellativos modernos hispanhoes e portuguezes. É um facto de que já me occupei[114] e de que espero ainda tornar a tratar.

---

[109] *Ibidem*, p. 16–17.

[110] «Les Ligures, ou mieux Liguses, dont une fraction importante a porté le nom de Sikéles ou Sicules, semblent avoir appartenu à la race indo-européenne *sans qu'on puisse toutefois l'établir par les methodes de la linguistique.*» *Les premiers habitants de l'Europe* I², 26. As palavras sublinhadas faltam na 1.ª ed.

[111] *Os Argonautas*, p. 214.

[112] Vid. *Deutsche Litteraturzeitung*, 1877. 21 Mai, col. 765.

[113] Cf. Ottfried Müller, *Die Etrusker*, I¹, 10 ss.

[114] *Revista Archeologica*, III (1889), p. 1–16. Na *Revue celtique* XI (1890), pp. 153–161 trata o sr. d'Arbois de Jubainville dos nomes de locar em *-asco* na Italia septentrional.

Diefenbach pretendeu que houvesse surprehendentes analogias entre o dialecto genovez e o gallego e o portuguez[115]; antes d'elle já se tinha repetido essa asserção que se reproduziu depois. O sr. Sarmento aproveitou-a a favor da sua hypothese do ligurismo dos lusitanos[116]. Em verdade um philosopho italiano distincto, cedo roubado pela morte á sciencia, Napoleone Caix[117], suppoz tambem a existencia d'essas relações particulares entre o genovez e o portuguez, as quaes com outras entre o sardo e o hispanhol o levaram a estabelecer um grupo de dialectos d'Italia a que chamou ibero-italico. Mas a primeira auctoridade glottologica italiana, o sr. Ascoli, que é ao mesmo tempo o mais profundo conhecedor dos dialectos do seu paiz, mostrou facilmente a falta de fundamento de tal opinião. De facto reduzem-se a muito pouco as taes surprehendentes analogias entre genovez e portuguez. O ligur moderno é um dialecto romanico em que ha provavelmente tenuissima influencia do antigo ligur e que apresenta particularmente commum com o portuguez apenas o seguinte:

1.º o reflexo do *pl* latino (continua palatal): *c'aga* (lat. *plaga*), *c'assa* (lat. *platea*), *c'attu* (lat. *platus*), *c'egà* (lat. *plicare*) *c'ü* (lat. *plus*), etc.; cp. portuguez *chaga*, *chato*, *chegar*, ant. *chus*, etc.[118]

2.º a syncope do *l* medial entre vogaes, cp. portuguez *só* (lat. *solus*), *moer* (lat. *molere*), *moinho* (lat. *molinum*), etc.

3.º a fórma do artigo definido em genovez *u*, *a*, port. *o*, *a*.

Ora o primeiro phenomeno (*pl* representado por continua palatal) encontra-se tambem em napolitano, como observa o sr. Ascoli[119] e Caix classificou o napolitano no seu grupo italico e esse dialecto nada tem que ver com ligures. Relativamente aos phenomenos 2 e 3 diz o eminente professor de Milão: «la somiglianza, da molti avvertita, fra genovese e portughese, in ordine al dileguo del L delle base latine (portogh. *dór* do(l)or), non offre nulla d'intrinseco in sino a che non si provi che il portoghese sia anch'egli passato, como fa il genovese, per lo stadio del *r*. Ora, non solo questa prova non é data, ma *a priori* ha contro di sè, que il *r* primario non si dilegua nel portoghese, laddove nel genovese egli ha comune la sorte col secondario (quindi, a cagion d'esempio, cosi *muî* morire, come *muin*=murin=molino). Terremo dunque fortuito anche l'incontro dell'odierna forma dell'articolo genovese: *u*, *a*,

---

[115] L. Diefenbach, *Celtica*, II, 1 (1840), p. 39.

[116] *Os Lusitanos*, p. 16, n. 2.

[117] *Saggio sulla storia della lingua e dei dialetti d'Italia*. Parte prima, Parma, 1872, p. 2..-25.

[118] G. I. Ascoli, *Del posto chi aspetta al ligure nel sistema dei dialetti italiani* in *Archivio glottologico italiano* vol. II. punt. I, p. 123-124.

[119] *Archivio*, II, 414.

col portoghese: *o*, *a*; e analogamente fortuita la sua coincidenza con l'articolo côrso: *u*, *a* (accanto a *lu*, *la*)[120]». Observarei ainda que tambem o napolitano tem as formas do artigo *o*, *a*: ex. *a lampa e o fummo*, *o lucigno d'a cannela*[121].

É estupendo como ainda hoje se repetem invenções sem base ácerca de relações de linguas. Assim o sr. Sarmento não hesitou em reproduzir de Diefenbach a anecdota absurda d'uma dama de Galles que teria encontrado num bazar em Argel gente do interior da Africa, cuja lingua ella comprehendeu com o auxilio do cambrico![122] Aquella gente devia ser (no espirito do sr. Sarmento) resto de ligures que por lá teriam ficado de tempos remotissimos, d'esses tempos em que o sr. Sarmento vê tudo com assombrosa clareza; mas o mais extraordinario é que apesar das profundas transformações porque passou o cambrico e porque devia ter tambem passado o tal seu parente hypothetico d'Africa, ainda essa dama se entendeu com os mysteriosos africanos, como no *Homme qui rit* de Victor Hugo uma irlandeza e uma biscainha se entendem perfeitamente, fallando cada uma a sua lingua.

5.— *Os dados chronologicos.*— A passagem hesiodica (*Fragm.* 132, ed. Didot), em que alguns se fundam para povoarem de ligures todo o occidente, tem tanto valor como a denominação Togal (Portugal), por Europa, usada no Senagal ou de Francos por europeus, no Levante, Abessinia etc. e menos valor que a passagem de Ephoro (*Fragm.* 43, ed. Didot), que alguns seculos depois dos poetas hesiodias dá aos celtas todo o occidente. Aquella primeira passagem só prova a meu vêr, que o primeiro nome ethnico que chegou aos ouvidos dos poetas beocios, partindo da costa noroeste do Mediterraneo, foi o dos ligures, que elles supposeram habitarem todo o occidente e estenderam-se até ao norte da Europa, de que esses poetas tinham apenas vaguissima noticia. É um processo que se tem repetido innumeras vezes. Mais tarde descobrindo os gregos iberos e celtas onde só suppunham haver ligures inventaram lendas de combates de que resultaria a expulsão dos ultimos de taes e taes logares. Com effeito, quem conservaria a memoria d'esses combates e por que meio chegaria essa memoria ao conhecimento dos gregos? Os gregos fizeram a historia e a chronologia por processos muita vezes ingenuos; compete-nos penetrar no mechanismo psychologico d'esses processos e descobrir a realidade que possa estar por baixo. É difficil, porque

---

[120] *Ob. cit.*, II, p. 155-6, n. 2. Referindo-se ainda a essa coincidencia diz Ascoli, (p. 414): «dalla qual era a ogni modo assai curioso que si avessero a inferiri origini iberiche.»

[121] *Giambattista Basile, archivio de letteratura popolare*, IV, 21 e passim.

[122] *Os Lusitanos*, p. 22.

mania mythoepica é uma doença eterna do espirito humano, embora se transforme. Quer-se collocar alguma coisa no vazio das epochas remotas, ainda que não seja senão um phantasma. No artigo seguinte, destinado a illucidar a questão se *houve celtas na Lusitania*, mostrarei a impossibilidade de determinar a epocha da entrada d'esse povo na peninsula iberica.

(Conclue)

F. Adolpho Coelho

INSCRIPÇÕES EM VERSOS LEONINOS DE PORTUGAL *

GUIMARÃES

4 — No mosteiro de S. Domingos, «em tumulo levantado, & cõtem este Epitafio breue & elegante» Brandão

HIC SITA LAVRENTI — MENDES SVNT OSSA BEATI

Fr. Ant. Brandão, *Mon. Lusit.*, IV, p. 413–414; D. Thom. da Encarnação, *Hist. Eccl. Lusit.*, IV, p. 256.

Fr. Lourenço Mendes foi religioso do mosteiro de S. Domingos de Guimarães, e viveu no reinado de D. Affonso III.— Vej. *Mon. Lusit.* IV, c. 26.

SANTAREM

5 — No convento de S. Francisco «Na capella de Santo Antonio se achou ha poucos annos hum sepulchro, que estava escondido no reboco da parede, o qual foi de João Pires pae de D. Esteuão Annes Bispo da Sé de Coimbra. Falleceo no mez de Iulho de 1290. & tinha hum dilatado elogio de 24 versos leoninos, pelos quaes se discursáuão muitas de suas virtudes, em particular a deuação de nosso Padre serafico, & a grande caridade, q̃ mostraua a seus frades, como se vê por estes versos seguintes:» Esperança

. . . . . .
NOBILIS : O MILES : FRANCISCVM : SEMPER : AMASTI :—
PAVPERIEM : FRATRVM : PRO QVO : CREBRE : RELEVASTI :
. . . . . .

Fr. Manuel da Esperança, *Hist. Seraf.*, I, p. 471.

* Continuado de pag. 94.

6 — Na egreja de Santa Maria de Alcaçova. «Junto á porta que vai para a claustra» Cardoso. (Na parede direita d'uma escada que sobe para uma dependencia, partindo do corredor que communica a egreja com a claustra).

ANNO:DOMINICE:INCARNACIONIS:M: p. C. 1236
CC:XXXVI:E:M:CC:LXX:IIII:V:IDVS: E. 1274
MAII:PIE:RECORDACIONIS:MENEND:
ALFONSI:ORPHANORV:PATER:VIDVARV:
5 IUDEX:DEFENSOR:ECCLESIE:ET:AMATOR:
AC:PIUS:HOSPITV:HOSPITALIS:
FELICITER:MIGRAUIT:AD:DOMIN
UM:ANIMA:EI:REQESCAT:I:PACE:AM:
UIVAT:CVM:XPO:TVMVLO:Q':CLAVDIT:ISTO:

Vivat cum C(h)r(ist)o — tumulo q(u)i claudit(ur) isto.

Copiei e tirei calco. — Cardoso, *Agiol. Lusit.*, III, p. 191; Cunha *Hist. eccl. de Lisboa*, II, f. 185 (ambos sem divisão de linhas, sem abreviatuuras, e com variedades orthographicas).

L. 4 *Alphonsus* Cardoso e Cunha.

Mendo Affonso é apenas conhecido pelo seu epitaphio.

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

BIBLIOGRAPHIA

Étude sur le Kef par le lieutenant Ém. Esperandieu.—Paris, A. Barbier (1888), 8.º

O sr. Espérandieu, bem conhecido já pelos seus trabalhos epigraphicos insertos em varios periodicos, e nomeadamente no *Bulletin de l'Académie d'Hippone*, reuniu em volume os estudos que neste ultimo repositorio havia publicado sobre a cidade do Kef, a antiga *Sicca-Veneria*, que parece, averiguado ter tido origem phenicia.

Divide-se o livro em duas partes, na primeira das quaes o auctor dá algumas noticias da historia da cidade e da provincia de que ella fazia parte.

A segunda parte da obra é quasi toda destinada á epigraphia. Alli se acham reunidas as inscripções do Kef, divididas em classes (inscripções relativas a monumentos publicos, militares, tumulares e marcas de oleiros). No ultimo capitulo enumera algumas esculpturas e edificios antigos, entre os quaes são de notar: uma fonte monumental; os alicerces de um theatro; e um amphitheatro, situado fóra da actual cidade, de fórma elliptica, cujos angulos mediam 100m,0 e 80m,0.

Este interessante trabalho contém 487 inscripções, colhidas pelo auctor, elevando-se o numero a 529 com as publicadas no *Corpus* (VIII), mas não encontradas no Kef pelo sr. Espérandieu.

Notice du Baptistère Saint-Jean de Poitiers par le lieutenant Ém. Espérandieu.—Poitiers, E. Druinaud, 1890—8.º fig.

Este baptisterio, com as suas reliquias architectonicas e as suas pinturas do seculo XII ou XIII (entre outras: a Ascensão, e uma imagem equestre de Constantino Magno) é desde muitos annos um annexo do museu lapidar da *Société des Antiquaires de l'Ouest*, onde se encontra uma preciosa collecção de sarcophagos merovingios do departamento de Vienne. O sr. Espérandieu descreve uma grande parte d'esses interessantes sarcophagos, anepigraphes no maior numero; nos outros leem-se os nomes de *Theodovaldola, Romuliana* (ou *Romulia*) *Taurus, Ferrocinctus filius Launone, Magnefruda*, *Gunderamno*, etc.

Roteiro Archeologico dos Coutos de Alcobaça por M. Vieira Natividade.—Alcobaça, Typ. de A. Coelho da Silva, 1890, 8.º

O sr. Natividade, que ultimamente tem prestado o relevante serviço de explorar as grutas do Carvalhal de Aljubarrota, formando os objectos adquiridos uma preciosa collecção, das mais completas do nosso país, tem já no prelo um trabalho desinvolvido sobre essas explorações; mas nem por isso deixou de dar

d'ellas algumas breves noticias no livro cujo apparecimento hoje annuncio. O *Roteiro* contém noticias relativas ao periodo neolithico, á edade do bronze, á edade do ferro, e ao periodo romano.

Este breve mas mui util trabalho do sr. Natividade, informa-nos dos jazigos archeologicos do concelho de Alcobaça, os quaes convenientemente explorados darão numerosos materiaes.

Lecciones de Arqueología Sagrada por el M. I. Sr. Lic. D. Antonio López Ferreiro.—Santiago: Imprenta y Encuadernación del Seminario, 1889-1890—8.º de 560 pag. com 400 gr.

É um livro bem meditado e conscienciosamente elaborado este, com que o sr. D. Antonio López Ferreiro veiu augmentar a serie de seus importantes escriptos, e preencher, segundo penso, uma lacuna sensivel no seu paiz. Destinado, ao que parece, ao uso escolar, não aproveitará só, cértamente, aos que começam a iniciar-se na archeologia sagrada; mas ainda será de grande utilidade aos archeologos que de prompto queiram remediar uma falta de memoria, buscar esclarecimentos e resolver dúvidas attinentes a este importante ramo da sciencia que professam. Divide-se o livro em duas partes e estas em lições. Numa lição preliminar, que fórma a Introducção, trata o auctor dos ramos em que a archeologia se divide e apresenta o plano da obra. A primeira parte d'ella comprehende, em vinte e nove lições, a *architectura*, a *esculptura* e a *pintura*, todas com o conveniente desinvolvimento. A lição XIV tem por objecto a iconographia e iconologia sagradas e o symbolismo christão; a XXIX versa sobre a estetica. Na segunda parte do livro, em vinte e cinco lições, occupa-se o abalisado auctor das *artes industriaes* e mais ramos complementares da archeologia sagrada: mobilia, baixella, vestimentaria, epigraphia, numismatica, paleographia, diplomatica, sphragistica, heraldica, musica e lipsanologia. Todas as materias são tratadas com grande cuidadado e o conveniente desenvolvimento. Nota-se, porém, a falta de noções de liturgia e disciplina da egreja, sobre ordens religiosas, hierarchia ecclesiastica, dogmas e instituições; esta parte é tão importante que sem ella fica incompleto o estudo da archeologia sagrada. Seria tambem muito para desejar que este manual contivesse uma bibliographia das obras relativas ao seu complexo assumpto, o que é sempre uma parte importantissima em obras d'esta natureza; porque muitas vezes os que desejam profundar qualquer objecto se veem em graves embaraços por ignorarem onde recorrer.

Ha no livro um particularidade muito interessante; e é que uma grandissima parte das gravuras, que o illustram, representam monumentos espanhoes e especialmente de Santiago. Esta preferencia, de resto justissima, dá ao livro uma feição peculiar e muito apreciavel.

O livro do sr. Lincenciado López Ferreiro é um bom trabalho, proveicoso a quantos o lerem, e que honra muito o seu auctor.

PERIODICOS

Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Comptes rendus des séances de l'année 1889. Quatrième Série. Tome XVII. Bulletin de Novembre-Décembre:

Séances de Novembre-Décembre.—Communications: XXXII, *Lettre* de M. Geoffroy, directeur de l'École française de Rome.—XXXIII, *Inscription de Car-*

thage, mentionnant le proconsulat de Symmaque, communiquée par M. Héron de Villefosse.—XXXIV. *Note sur la disposition du bûcher funéraire employé par les habitants de Bulla Regia*, par M. le docteur Carton.—XXXV, *Note sur une inscription juive d'Auch*, par M. Edmond Le Blant.—XXXVI, *Communications faites à l'Académie d'archéologie chrétienne*. Note de M. Edmond Le Blant.—Appendice n.° V: *Séance publique annuelle—Discours d'ouverture* de M. Barbier de Meynard président.—*Jugement des concours.—Annonce des concurs dont les termes exrent en 1889, 1890 et 1891.—Conditions générales des concours.—Délivrance des brevets d'archivistes paléographes.—Notice sur la vie et les travaux de M. Émile Egger, membre de l'Académie des inscriptions et belles-lettres*, par M. H. Wallon, secrétaire perpétuel de l'Académie.—*De quelques jeux populaires dans l'ancienne France, à propos d'une ordonnance de Charles V*, par M. Siméon Luce, membre de l'Académie.—Livres offerts.—Table des matières.

——Comptes rendus des séances de l'année 1890. Tome XVIII. Bulletin de Janvier-Février:

Séances de Janvier-Février.—Communications: I *Lettre* de M. Geffroy, directeur de l'École française de Rome.—II *Note sur le voyage du dominicain Brochard l'Allemand dans l'hémisphère austral, au* XIVe *siècle*, par M. le comte de Mas Latrie.—III *Lettre* de M. H. de la Martinière, chargé d'une mission archéologique au Maroc, communiquée par M. Héron de Villefosse.—IV *La station préhistorique de Lengyel (Hongrie)*, par M. le marquis de Nadaillac, correspondant de l'Académie.—V *Les incriptions de Maktar*, par M. Philippe Berger.—VI *Lettre* de M. Geffroy, directeur de l'École française de Rome.—VII *Essai de classification chronologique de différents groupes de monnaies gauloises*, par M. Anatole de Barthélemy.—VIII *Note sur quelques monuments gréco-indiens*, par M. Senart.—IX *Note sur deux monuments de l'antiquité chrétienne*, par M. Edmond Le Blant.—Appendice n.° I: *Rapport* du Secrétaire perpétuel de l'Académie des inscriptions et belles-lettres, *sur les travaux des Commissions de publication de cette Académie pendant le second semestre de 1889, lu le 24 janvier 1890.*—Appendice n.° II: *Rapport de la Commission des Écoles françaises d'Athènes et de Rome sur les travaux des membres de ces deux Écoles pendant l'année 1888-1890.*—Livres offerts.

BULLETTINO DELL'IMPERIALE ISTITUTO ARCHEOLOGICO GERMANICO. Sezione Romana. Vol. V. Roma, 1890.

Fasc. 1.—G. Wissowa, *Parodia d'una scena di scuola* (Taf. I).—F. Studniczka, *Pseudo-Aristotele Spada*.—A. Gercke, *Zusatz*.—B. Sauer, *Fedra* (Taf. II).—A. Mau, *Iscrizioni gladiatorie di Pompei*.—A. Mau, *Giunta*.—E. Pernice, *Creduti pesi di Pompei e Napoli*.—Ch. Hülsen, *Piante icnografiche incise in marmo*, (Taf. III).—Zitzungsprotocolle.

REVUE ARCHÉOLOGIQUE, publiée sous la direction de MM. Alex. Bertrand et G. Perrot.—Troisième Série.—Tome XV, Livraison de Janvier-Février, 1890.

Texte: *Étude sur quelques cachets et anneaux de l'époque mérovingienne* (suite), par M. M. Deloche.—*Nécropole punique de Byrsa (1889)*, par M. de Vogüé et

le P. Delattre.— *Les nécropoles païennes de Bulla Regia*, par le dr. Carton.— *Deux épitaphes romaines de femmes ayant fait partie de l'avenue sépulcrale de Vesontio*, par M. Auguste Castan.— *Catalogue des vases peints grecs et italo-grecs de la collection de M. Bellon* (suite et fin), par MM. Chamonard et L. Couve.— *Recherches sur l'orgue hydraulique*, par M. Clément Loret.— *Les reliques du lait de la Vierge et la galactite*, par M. F. de Mély.— *Le tombeau de saint Piat*, par M. Germain Bapst.— *Bulletin mensuel de l'Académie des inscriptions et belles-lettres.— Société nationale des Antiquaires de France.— Nouvelles archéologiques et correspondence. —Bibliographie.— Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité romaine*, par M. René Cagnat.

Planches: I. *Objets trouvés dans les fouilles de Birsa.*—II. *Objets trouvés dans la nécropole païenne de Bulla Regia.*—III. *Pierre de la Rohan et l'Orgue, tapisserie de la cathédrale d'Angers.*

Livraison de Mars-Avril, 1890.

Texte: *Tribu asiatique en expédition (Musée de Louvre)*, par M. L. Heuzey. —*Le Dieu gaulois au maillet sur les autels à quatre faces. L'autel de Mayence*, par M. Ed. Flouest.— *Le Dieu gaulois au maillet sur les autels à quatre faces. Les autels de Stuttgard*, par M. H. Gaidoz. —*Étude sur quelques cachets et anneaux de l'époque mérovingienne* (suite), par M. M. Deloche.— *Application de noveaux instruments de précision à l'archéologie*, par M. Charles Henry.— *Note sur un bas-relief chrétien trouvé à Cherchell*, par M. Victor Waille.— *Note sur une ancienne chapelle contiguë à la grand'salle des patriarches et à la rotonde du Saint-Sépulcre à Jerusalem*, par M. C. Mauss.— *Tumulus de Diarville et d'Ambacourt*, par M. Léon Morel.— *D'une erreur archéologique relative aux bronzes anciens*, par M. F. de Villenoisy. —*Chronique d'Orient*, par M. Salomon Reinach.— *Bulletin mensuel de l'Academie des inscriptions.— Nouvelles archéologiques et correspondance.— Bibliographie.— Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité romaine*, par M. René Cagnat.

Planches: IV-V, *Tribu asiatique en expédition.*—VI-VII, *Autel de Mayence.*

REVUE DE L'ART CHÉTIEN. Lille. Société de S^t^. Augustin.—32me année, 1890.

2me livraison:

Texte: *Un livre de la bibliothèque de don Carlos, prince de Viane*, par M. Léopold Delisle.— *Une Vierge de Germain Pillon à l'église de la Couture au Mans*, par M. R. de Lasteyrie.— *De quelques inscriptions en vers* (2me et dernier article), M. Anatole de Montaiglon.—*Études d'anaglyptique sacrée* (troisième et dernier article), par M. l'abbé Ch. Didelot.—*Le tableau de dévotion de la collection de Piolant, à Poitiers* (deuxième et dernier article), par Mgr X. Barbier de Montault.— *Dessins du* XIe *siècle et peintures du* XIIIe *siècle*, par M. Maurice Prou.—*Mélanges. —Revue des inventaires*, par Mgr X. Barbier de Montault.— *Travaux des Sociétés savantes.— Bibliographie.— Périodiques.— Index bibliographique.— Chronique.*

Planches: IV. *Vierge de Germain Pillon.*— V. *Dessin du* XIe *siècle. Philippe Ier et sa Cour.*— VI. *Enluminure du* XIIIe *siecle.*— VII. *Tapisseries de l'apocalypse à la cathédrale d'Angers.*—VIII. *Id., id., id.*—IX. *Porte de rempart du Kwan-Kou* (Chine).

3me livraison:

Texte: *L'art à Amiens vers la fin du moyen âge dans ses rapports avec l'école flamande primitive* (troisième article) par Mgr C. Dehaisnes.— *La reliure au moyen âge,* par M. W. H. James Weale.— *Les tapisseries des églises de Paris* (troisième article), par M. Jules Guiffrey.— *Le culte de Saint Jean-Baptiste, à Rome,* par Mgr X. Barbier de Montault.— Mélanges: *Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité chrétienne* (suite), par M. le lieutenant Emile Espérandieu.— *L'ostensoir de la Mothe en Lorraine,* par M. Léon Germain.— *Sculptures de Recloses (Seine et Marne),* par M. L. Marsaux.— *Concours pour le monument de Mgr Cambrecht, évêque de Gand,* par M. L. Cloquet.— *Le geste appelé Bénédiction.*— *La Ferronnerie au moyen âge.*— *Revue des inventaires,* par Mgr X. Barbier de Montault.— *Travaux des Sociétés savants.*— *Bibliographie.*— *Périodiques.*— *Index bibliographique.* — *Chronique.*

Planches: X. *Tableau de l'Immaculée Conception à Amiens* (XVIe siècle).

ABBÁ YÁRÉD

A invenção do canto ecclesiastico, usado em Ethiopia, é attribuida pelos abexins a santo Yáréd, contemporaneo do rei Gabra Masqal, que reinava pelos annos de 525 de J. C. A tradição refere que santo Yáréd, tendo adquirido o conhecimento d'aquella arte por inspiração divina, inventou os tres modos *ge'ez*, *'ezel*, e *'arará́y*, nos quaes compoz os cantos sagrados para todas as festas do anno. Por ordem da virgem Maria, diz ainda a tradição, reuniram-se um logar de Ethiopia, chamado May Kiráh, Cyriaco, Bispo de Behensa, Labhavi da Syria, e Abbá Yáréd, sacerdote de Aksum. Cyriaco tinha escripto a *Liturgia de Maria* (ቅዳሴ : ማርያም :), e Labhavi o *Louvor de Maria* (ውዳሴ : ማርያም :); e as entregaram a Abbá Yáréd, o qual compoz a musica com que deviam ser cantadas.

Abbá Yáréd ainda auxiliou o Rei Gabra Masqal na reforma do ceremonial usado na coroação dos reis de Ethiopia. Depois de fundar o Mosteiro de Damó, foi fazer vida solitaria para o deserto de Samem, onde morreu[1].

---

[1] Cf. Dillmann, *Cat. Cod. mss. orientalium, qui in Museo Britannico asservantur*. Pars. tertia. cod. aeth. Londini, 1847, cod. XXIX, XXVII, XXIX, XXX, XXXI, XXXII. XXXIII, XXXVIII, XLVI, e pag. 32 nota *d*, e 36 nota *d*.

Dillman, *Cat. cod. mss. Bibl. Bodleianae Oxoniensis*, pars VII, Oxonii, 1848. cod. XXVI. n.º 2, 8, e nota *d*.

Dillmann, *Chrestomatia aethiopica*, Leipzig, 1866. pag. 34 e seguintes.

Dillmann, *Verzeichniss des Abessinischen handschriften der Königlichen Bibliothek zu Berlin*, Berlin 1878, mss. 39, 40 e 41.

A. d'Abbadie, *Catalogue raisonné de mss. éthiopiens*, Paris, 1858. n.os 87, 97, e 227.

Zotenberg, *Catalogue des mss. éthiopiens de la Bibliothèque Nationale*. Paris, 1877, mss. 141, 142, e 144.

Wright, *Cat. of the ethiopic mss. in the British Museum*. London 1877, ms. CLXIV e seguintes.

Verzeichniss der orientalischen handschriften der K. Hof und Stautsbibliothek in München. München, 1875, Nebst Anhang. pag. 105.

Dillmann, *Ueber die Regierung, insbesondere die Kirchenordnung der Königs za'a Yagob*, pag. 18 nota 1, e pag. 74.

Os escriptos ethiopicos, que conservaram noticias ácerca de santo Yáréd, são poucos, e ainda na maior parte ineditos; os catalogos dos manuscriptos ethiopicos mencionam os seguintes:

I. ድርሳነ ፡ ያሬድ ፡ Tratado sobre Yáréd; é uma vida do santo, sob a fórma de tratado, contendo vagas noticias[2].

II. ተአምሬ ፡ ያሬድ ፡ Milagres de Yáréd[3].

III. መልክዐ ፡ ያሬድ ፡ Retrato de Yáréd[4].

IV. Historia de Yáréd, em amarinha[5].

V. Commemoração de Yáréd, na Synaxaria ethiopica, aos 11 de genbót[6].

VI. Hymno de Yáréd[7].

VII. Oração de Yáréd, que começa *Za yenags* ዘይነግሥ ፡[8].

As chronicas ethiopicas apenas se limitam a dizer, que, no reinado de Gabra Masqal, santo Yáréd compoz o livro do canto ecclesiastico, e edificou o Mosteiro de Damó[9].

Villoteau refere a lenda de santo Yáréd conforme a ouviu dos monges abexins, que residiam no Cairo na occasião da Expedição do Egypto. É aproximadamente a que nos conservou a *Synaxaria ethiopica;* porém apresenta algumas variantas que merecem attenção. Por isso a transcrevemos adiante, em seguida á traducção do artigo que a *Synaxaria ethiopica* consagra a santo Yáréd.

Os cantos sagrados da Egreja ethiopica, que chegaram até nós, constituem uma collecção que tem o nome de *Mazgaba Degua* (Thesouro do Cantochão), ou simplesmente *Degua*. Divide-se nas seguintes secções:

መዋሥዕት ፡ *antiphonas*, que se compõem principalmente de duas partes:

[2] A. d'Abbadie, *Cat. raisonné des mss. eth.* n.º 227, 1.

[3] *Ibidem*, 2.

[4] *Ibidem*, 3.

[5] Zotenberg, *Cat. des mss. eth. de la Bibl. Nat. de Paris.* Mss. n.º 144, 1.º Dillmann, *Cat. Cod. orient. Musei Britannici.* Pars III, cod. XXXVIII, 2.º

[6] A Dillmann, *Chrestomatia aethiopica*, pag. 34 e seguintes. Cfr. Dillmann, *Cat. cod. mss. Bibl. Bodleianae*, cod. XXIV, pag. 59. Zotenberg, *Cat. des mss. de la Bibl. Nat. de Paris*, mss. 128, pag. 184.

[7] Cf. Wrigt, *Cat. of the ethiopic. ms. in the British Museum* ms. 233, pag. 154.

[8] A Dillmann, *Verzeichniss der abessinischen handsschriften*, n.º 33, 4.—E. Rüppel, *Reise in Abyssinien*, t. II, pag. 406.

[9] Basset, *Études sur l'histoire d'Ethiopie*, pag. 97. e nota 46. Cf. Dillmann, *Zur Geschichte des abyssinischen Reiches*, Z. D. M. G. 1853, t. VII, pag. 348. Zotenberg. *Cat. mss. eth. de la B. Nat. de Paris*, mss. 141 e 142.

1.ª Psalmos, os quinze cantos que em Ethiopia costumam seguir o livro dos Psalmos, e os hymnos mais antigos e mais usados.

2.ª Simples estrophes dedicadas a um santo, ou a uma solemnidade religiosa.

As *antiphonas* são compostas para as principaes festividades da Egreja de Ethiopia.

ዋዜማ : *hymnos*, uns em louvor de diversos santos, outros proprios para serem cantados em determinadas festividades.

ምዕራፍ : (me'eráf) *divisão*, comprehende anthemas e canticos para os dias communs, festas e sabbados de todo o anno; e os serviços religiosos para a quaresma.

ዝማሬ : (zemáré), cantos ecclesiasticos em diversos *modos* para todos os dias do anno.

No principio de cada antiphona, hymno, anthema, ou ainda dos outros cantos, indica-se o *modo*, em que deve ser cantado; a notação do canto é indicada por meio de signaes, lettras do alphabeto ge'ez, isoladas ou em combição, collocadas nas entrelinhas por cima das palavras.

O valor dos tres modos de canto, ge'ez, 'ezel, e 'araray, a equivalencia musical da notação do canto, e a significação de diversos termos musicaes, são muito mal conhecidos. Villoteau, durante a sua permanencia no Cairo, por occasião da Expedição do Egypto, aprendeu de alguns monges abexins, alli residentes, o seu canto ecclesiastico, e traduziu-o com a notação commum; mas deve-se confessar, que essa tentativa está longe de satisfazer, por isso que a traducção que deu não é a de um canto singelo e monotono, tal como o descrevem todos os que tem viajado na Ethiopia.

F. Esteves

COMMEMORAÇÃO DE ABBÁ YÁRÉD

Synaxaria, 11 de genbót.

Neste dia repousou o cantor Yáréd, semelhante aos seraphins. Este Yáréd era da familia de Abbá Gédévon, um dos sacerdotes da Padroeira [matriz] de Aksum, a qual foi a primeira das Egrejas christãs, que se construiram no pais de Ethiopia: nella foi prégada a Fé de Christo, e foi consagrada ao nome de Maria nossa Senhora. E este Abbá Gédévon, quando começou a ensinar os psalmos de David ao bem-

aventurado Yáréd, não poude ter cuidado d'elle por muitos dias; porque, como o castigasse, e o maltratasse, fugiu para o matto, e deitou-se debaixo de uma arvore; viu um verme subindo sobre a arvore, e ao chegar ao meio caiu no chão; assim fez muitas vezes, e com difficuldade subiu até ao cimo da arvore. E quando Yáréd viu a perseverança do verme, teve pezar em sua alma; voltou para o seu mestre, e disse: «Perdoa-me, Abbá, e faze de mim o que quizeres.» O seu mestre espiritual perdoou-lhe. E como fizesse oração [banhado] em pranto a Deus, abriu-se a sua intelligencia e em um dia aprendeu o Velho e o Novo Testamento. Depois d'isto foi ordenado diacono. Nestes tempos a celebração do officio divino não era em alto canto, senão em voz baixa. E como Deus quizesse instituir a sua commemoração, enviou-lhe tres aves do Jardim do Eden; falaram-lhe em linguagem de homens, e o arrebataram comsigo para a Jerusalem celestial, e alli aprendeu o canto dos vinte e quatro sacerdotes do ceu. E quando voltou ao seu ser, entrou na santa Egreja christã da Padroeira de Aksum, ás tres horas, e bradou em alta voz, dizendo: «Alleluia ao Padre; alleluia ao Filho; alleluia ao Espirito Santo; como primeira Sion fundou o céu; e em segundo logar revelou a Moysés, como faria a obra do Tabernaculo.» E chamou a este canto *aryam*. Quando ouviram o som da sua voz, correram o Rei, e a Rainha com o Bispo, os sacerdotes e o grandes do Rei, e passaram o dia ouvindo-o. Yáréd compoz cantos para cada epocha, desde o principio do anno até ao fim, de verão e de inverno, de primavera e de outomno; para as festas e sabbados dos anjos e dos prophetas, dos martyres e dos justos, em tres *modos*, que são *ge'ez*, *'ezel*, e *arárây*. E não excedeu aos seus tres *modos* nem a fala do homem, nem a voz das aves, ou dos animaes. Em um dia, em que Yáréd psalmeava, estando em pé abaixo do Rei Gabra Maskal; o Rei, emquanto escutava a sua voz, cravou o bastão de ferro na planta do pé de Yáréd do qual correu muito sangue; e não foi sentido de Yáréd, senão quando acabou o canto. Quando o Rei viu, consternou-se, e arrancou o seu bastão do pé de Yáréd, e disse-lhe: «Pede-me o preço, que quizeres, d'este teu sangue, que se derramou.» E Yáréd disse-lhe: «Jura-me, que não m'o recusas.» E depois que lhe jurou, Yáréd disse-lhe: «Despede-me para que eu vá ser monge.» Ouvindo-o o Rei, contristou-se muito com todos os seus magistrados, e ainda lhe impediu que temesse o juramento. E, entrando Yáréd na Egreja christã, poz-se diante da Arca de Sion, e quando disse: «Santa, bemaventurada, gloriosa, bemdicta e excelsa seja até á sua consumação», elevou-se da terra cerca de um covado. D'alli partiu para a provincia de Samen, e ficou alli em jejuns e em orações; mortificou muito a sua carne, e lá acabou os seus trabalhos. Deus fez-lhe promessa para o que invocasse o seu

nome, e fizesse a sua commemoração. Depois repousou em paz, mas a sua sepultura não é conhecida até hoje.

Salam

Salva a Yáréd, que viu os choros dos anjos,
quando o espirito veloz arrebatou do seu coração o pensamento;
entregou-se ao estudo dos livros, depois de andar fugitivo,
vendo que um verme subia sobre o tronco da arvore,
com muito trabalho, sem desanimar.

[Lenda de santo Yáréd, recolhida por Villoteau dos abexins residentes no Cairo]

«Santo Yáréd, nascido em Samen, no reinado do Rei Kaleb, foi enviado para Aksum para apsender a ler. Depois de ter andado sete annos na escola d'esta cidade, sem ter feito nenhuns progressos na leitura, o seu mestre despediu-o. Quando voltava para sua casa, na estação dos grandes calores, encontrou uma arvore, chamada varka[10], a cuja sombra se abrigou para descansar. Quando estava deitado, viu um grande verme, que roia as folhas da arvore, e caminhava para o cimo. Este verme, tendo caído no chão, subiu outra vez, mas tornou a cair como antes, emfim começou sete vezes a mesma cousa com pouco resultado; o que deu que pensar a Yáréd «Que significa isto?» perguntou elle a si mesmo. «Porque é que este verme tentou sete vezes subir ao cimo da arvore, e caiu outras tantas vezes no chão? Não será elle uma imagem de mim mesmo, que durante sete annos consecutivos fui á escola, mas onde não pude aprendar nada?» Então enguliu o verme; e o Espirito Santo, sob a forma de uma pomba, desceu sobre Yáréd, ensinou-lhe a arte da leitura, e a da escripta, assim como a da musica; e inspirou-lhe ao mesmo tempo os tres modos *ge'ez*, *'ezel* e *arárây;* o primeiro destinado para os dias santos; o segundo reservado para os dias de jejum e da quaresma, para as vigilias das festas, e para as ceremonias funebres; o terceiro consagrado ás principaes festas do anno. Instruido por este milagre, compoz um tratado dos principios e da pratica do canto actualmente usado em Ethiopia»[11].

---

[10] ወርክ : *ficus sycomorus*, sycomoro. (A. d'Abbadie, *Dicc. amar.* c. 655)

[11] *De l'origine et de l'invention de la musique ethiopienne*, par Villoteau, na *Description de l'Egypte*, Paris, 1826, tom. xiv. pag. 271, e segg.

ANTIGUIDADES ROMANAS DE CHELLAS*

CONCLUSÃO

Embora por toda a parte do nosso país se encontrem a cada passo monumentos romanos, é todavia singular o facto de existirem tão numerosos no sitio de Chellas. Esta circumstancia de alli haver tambem importantes monumentos romanicos, e a alta antiguidade do mosteiro, provam a unidade dos factos que se succederam naquelle local. Eis como elles se apresentam ao meu espirito.

Chellas foi na epocha romana a casa de campo, a *villa* d'um rico cidadão de Olisipo, inscripto na tribu Galeria, com o nome Julio. Não podemos saber se foi o proprio Q. Julius Fundanus, se algum seu antepassado o edificador d'ella. Se nos é absolumente desconhecida essa particularidade, abundam em compensação as razões para crermos que a familia perseverou naquelle logar. A inscripção de Julia Fundana alcança o primeiro seculo, como o friso do sarcophago; temos aqui um ponto de partida. Não podendo, pela falta do monumento de Julia Labernaria, deduzir da escriptura a sua epocha, soccorrer-me-hei d'outra circumstancia, para fundamentar a opinião de que os individuos mencionados nesse epitaphio foram da familia de Q. Julius Fundanus, talvez seus proprios descendentes. A falta de menção da tribu não implica negação de ingenuidade para Julia Labernaria e seus paes; porque, tendo Caracalla concedido o direito de cidadãos a todos os habitantes do imperio romano, e tornando-se, por tanto desnecessaria ou inutil a menção da tribu, só por excepção ella se encontra. Assim, sendo evidente a existencia d'uma familia Julia em Chellas, e apparecendo muito proximo (na quinta da Bella Vista) uma inscripção com o mesmo nome, é razoavel correlacionar todos esses individuos.

Essa familia, seus herdeiros directos ou indirectos, ou qualquer outra pessoa que por doação ou compra possuiu a *villa*, con-

* Continuado de p. 37.

tinuou nella a sua assistencia, mantendo-se assim um nucleo de povoação.

Succederam-se os annos e as revoluções sociaes, modificaram-se os costumes e as crenças, e chegou um dia em que os habitantes da villa eram christãos.

No quarto seculo começaram, como é sabido, a desinvolver-se as instituições monasticas, propagando-se muitissimo os mosteiros, já por mera devoção, já pelas vantagens de que elles gosavam; e, como qualquer pessoa podia fundar um d'esses intitutos, havia muitos pequenos mosteiros. «Começavam, por pequenas igrejas ou ermidas, que o proprietario fundava, para os seus colonos ou escravos satisfazerem alli os preceitos da religião: tomavam o nome titular de um santo, e annexavam as pequenas povoações visinhas, chamadas *decanias* ou *deganias*. E porque o presbytero, que ahi officiava, que muitas vezes era o mesmo dono do terreno, tomava o habito de monge, e aggregava a si alguns companheiros, convertia-se em Mosteiro ou *Asceterio*. Outras vezes os proprietarios fundavam estes Asceterios immediatamente por devoção, ou por interesse, para gosarem dos privilegios de contos, que as leis lhes concediam. É certo que taes Mosteiros continuavam a ser propriedade do fundador, perpetuavam-se nas familias por testamento ou successão, sujeitos a toda e especie de contractos. Pelo decurso dos tempos uns extinguiram-se, outros formaram parochias seculares; mas a maior parte foi absorvida pelos grandes Mosteiros»[44].

Ao que tão bem diz Coelho da Rocha pode accrescentar-se, segundo o que se colhe nos documentos medievaes, que algumas familias se dedicavam aos exercicios de devoção, passando a constituir mosteiros, que d'aqui provém naturalmente a origem dos duplices; e que alguns d'elles não se extinguiram ou foram absorvidos por outros, antes se desenvolveram e se tornaram mosteiros grandes e poderosos[45].

Os documentos de diversa natureza e varias epochas, que ficaram apontados ou descriptos, parecem-me mostrar que a antiga *villa* romana se transformou um dia em pequeno mosteiro; o qual, por motivos que se ignoram, mas a que se deve juntar o da visinhança d'um grande centro, ao contrario de definhar e se extinguir, se foi engrandecendo com a adhesão de outros devotos, e com as doações e dadivas de christãos e moiros. Nem é arriscado

---

[44] Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a hist. do gov. e da legisl. em Portugal*, 3.ª ed., pag. 39–40.

[45] Veja *Memoria para a hist. da legisl. e costumes de Portugal*, por A. C. do Amaral (nas *Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, t. VII) §§ 47 segg.; e grande copia de documentos nos *Port. Mon. Hist., Diplomata et Chartae*.

admittir que o incremento do mosteiro começasse pelos annos de 666, pela voga que necessariamente devia advir-lhe da deposição nelle das reliquias de S. Felix; a devoção pelo santo, a crença em seus prodigios, que já conhecemos, faria concorrer para alli o clero, a nobreza e o povo, cada qual com seus interesses, mas todos com seus donativos. Assim se podem conciliar as diversas opiniões ácerca da origem do Mosteiro de Chellas, que antigos documentos fazem crer que era primitivamente duplex[46], e ficando a meu ver tambem perfeitamente explicada a presença de tão diversos monumentos num espaço tão limitado.

Dezembro, 1889.

BORGES DE FIGUEIREDO

P. S.—Recebi, ha poucos dias, de Berlin a importante obra do meu respeitado amigo, o sr. prof. Emilio Hübner, *Die antiken Bildwerke in Madrid* (Berlin, 1862), que contém um appendice das antigas obras d'arte do resto da Hespanha e de Portugal. Ahi encontro descripto sob o n.º 928 (pag. 335-336) o friso do sarcophago representado na Est. I e de que falei a pag. 11-15.

Da descripção feita pelo sabio professor, vejo que o molde existente em Berlin comprehende só dois dos tres pedaços em que se acha fracturado o friso; faltando o fragmento central, que contém Thalia, um poeta e o quadro onde existiu o epitaphio.

Diz sr. Hübner a respeito d'esta tampa que: «Se concordassem exactamente as medidas, poderia pelo assumpto representado considerar-se como pertencente ao n.º 927», que descreve, e que é o sarcophago descoberto no Vallado proximo de Alfeizirão (hoje no Museu do Carmo, como disse a pag. 15). Em presença, porém, das verdadeiras dimensões do friso, parece-me não poderem approximar-se os dois monumentos. Além da razão de tamanho, accrescem ainda a diversidade da pedra e o trabalho.

30 Maio, 1890.

B. DE F.

[46] O que já dizem os escriptores que citei no começo d'este estudo.

A ARCHEOLOGIA NOS «LUSIADAS»

III

EGAS MONIZ*

e o seu monumento sepulcral no Mosteiro de Paço de Sousa

Ás descripções do monumento, que ficam transcriptas, deve juntar-se a muito succinta, mas apezar d'isso importante, que na *Benedictina Lusitana* exarou fr. Leão de S. Thomas; eis o que elle nos diz:

«Neste corporal sepultárão *Egas Monis* levantandolhe sobre a sepultura hum magnifico mausoleo, abrindolhe na mesma pedra hum epitaphio, que diz assim, *Hic requiescit seruus Dei Egas Monis vir inclitus era millessima centessima octogesima quarta.* Na face da pedra do sepulchro estava esculpida de relevo a imagem do mesmo Egas Monis posta a caualo, como homem que hia de caminho, com hũa corda lançada ao pescoço, como quem vai a justiçar, & da propria sorte no mesmo Corporal estávão outras sepulturas de seus filhos retratados todos com seus baraços na garganta...» [17]

Do *Diatario de Paço de Sousa*, como da *Benedictina Lusitana*, sabe-se que os ossos de Egas Moniz e os de seus filhos estavam em carneiros sob os monumentos. Fr. Leão de S. Thomaz refere o seguinte:

«Esteve *Dom Egas Monis* no corporal... aonde se mandou enterrar em seu testamento, até os annos de Christo de 1605, no qual... se tratou com seu zello de tresladar os ossos de tão insigne bemfeitor pera a Capella mór do Mosteyro... Pera este effeyto, foy *(o abbade do mosteiro fr Martinho Golias)* ao dito corporal... E descobrindo o monumento... parecendolhe que nelle achasse os ossos que buscava... não achou dẽtro delle cousa algũa, & considerando como prudente, que debayxo daquelle cenotaphio deuia *Egas Monis* ser sepultado não ficou frustrado em seu pensamento.

---

* Continuado de pag. 103.

[17] Fr. Leão de S. Thomas, *Benedict. Lusit.*, II, pag 274.

«Porque cauando tres palmos com suas proprias mãos... descobrio hum carneyro fechado com abobada de pedra fina, & bẽ laurada, a qual abrindo com ferro, vio que era de altura de hũ homem proportionado, & entrando o Abbade dentro do dito carneyro achou os ossos que buscaua emuoltos em cal, principalmente a caueyra, as canas dos braços, & as das pernas, & estas erão tão grandes, que com o proprio Abbade ser de muy grande estatura, & das mayores desta idade, postas ellas no chão, & cotejandoas com as suas passáuãolhe muyto assima dos joelhos. Achárãosse tambem muytos ferros meyos gastados, & as guardas da espada...

«E proseguindo no descobrimento das sepulturas dos filhos, que ficáuão á mão direyta do tumulo do pay, achousse outro carneyro ainda q̃ não tão grande, & desfazendoo achárão dentro delle hũs poucos d'ossos meudos como de gente de pouca idade, com os cabellos da cabeça como fios douro, & alguns ferros gastados, que mostráuão ser de armas, & esporas...»[18]

Fr. Antonio da Soledade não chegou a ver os cenotaphios no Corporal; e por tanto indica a disposição das partes componentes por informe; diz, porém: «mas vi as pedras que ainda existem, e os citios onde estavão e não podião existir senão do modo que fica referido, attendendo á cimitria das pedras, e aos Carneiros sobre que estivérão assentadas no Corporal»[19].

Fr. Martinho Golias declara, na attestação que passou sobre a transferencia dos restos de Egas Moniz e seus filhos, que o cenotaphio do pae «hera macisso e repartido em trez peças; scilicet duas em que está a sua historia e tranzito esculpido, e huma capa por sima em que está a era em que elle falesceo como d'ella consta...»; e, ácerca do moimento dos filhos, diz que: «achou ser de huma só pedra macissa, lavrada, e com a mesma historia nelle esculpida»[20].

Duarte Galvão escrevendo cerca de 1505 diz: o «moymento (*de Egas*) está dentro da Capella que se chama do Corporal ou dos freguezes, e entre elle *e* ha parede nom está senom hum moymento baixo» (*o dos filhos*)[21]; o mesmo repete Acenheiro, que indubitavelmente copiou Galvão[22].

[18] Fr. Leão de S. Thomaz, *Benedict. Lusit.*, II. p. 275–276. Cf. Almeida, *o. c.* pag. 137.

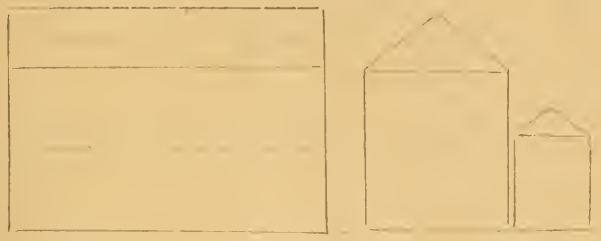
[19] Almeida, *o. c.* pag. 137. (Conservou-se a orthographia original).

[20] Almeida, *l. c.*

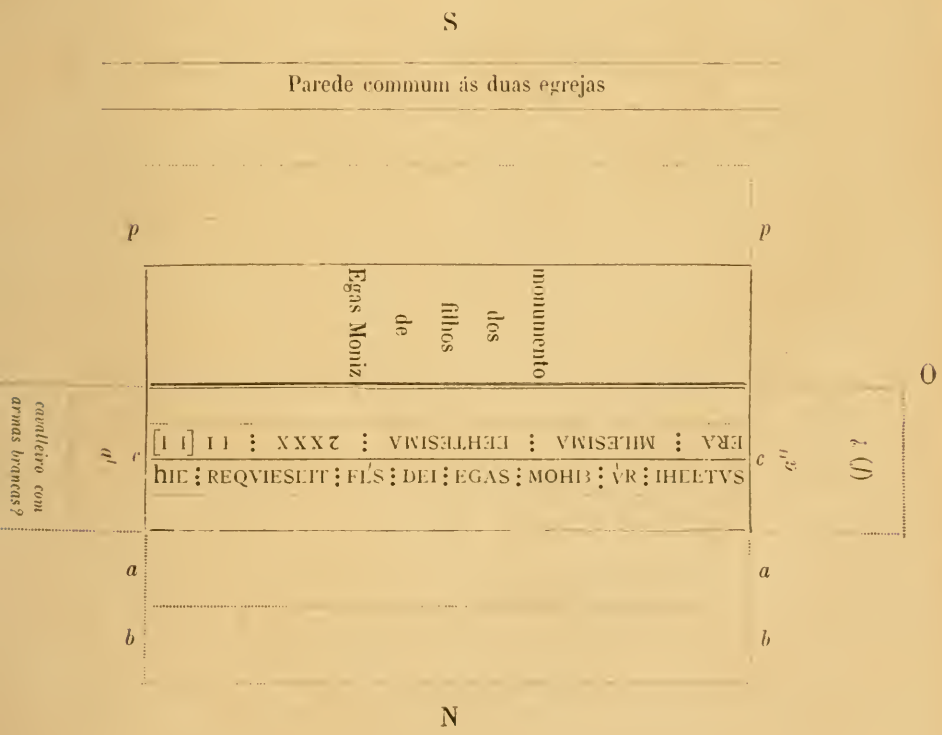
[21] Galvão, *Chron. de El-Rey D. Affonso Henriques*, c. 12.

[22] Acenheiro, *Chron. dos reis de Portugal*. c. 2. Cf. o texto de Acenheiro com o de Galvão, e reconhecer-se-ha que é uma simples copia.

De todas as indicações que ficam expostas collige-se que a fórma dos cenotaphios era a indicada pelo seguinte schema:



e que a sua disposição na egreja do Corporal era a que mostra est'outro schema:



Quem estava na egreja do Corporal, voltado ao altar-mór, via á sua direita (do lado da epistola) o cenotaphio de Egas Moniz, cuja cabeceira ficava a poente, conforme a regra de dispor o cadaver de pessoa secular de modo que o rosto permaneça de frente ao altar. Encostado a este monumento, do lado direito, ficava o dos filhos de heróe, separado da parede-meia das duas egrejas por um pequeno espaço.

As pedras que compunham os cenotaphios foram misturadas por occasião das mudanças. Vê-se que num dos grupos (1 da Estampa V) está uma pedra pertencente ao monumento dos filhos *d d*, a unica com figuras que subsiste d'elle.

Segundo a descripção de fr. Antonio da Soledade, a frente do monumento compunha-se de tres pedras, e, segundo a attestação do Abbade Golias, de duas. Isto não interessa, porque ambos concordam em uma d'ellas conter os tres cavalleiros e um archeiro, *a a*, e estarem na outra (ou duas outras) as scenas da morte e enterro *b b*. Soledade exprime-se de modo que parece indicar estarem as pedras seguidas umas ás outras; mas isto é absurdo attendendo ás medidas d'ellas; o que o frade quiz dizer foi que a pedra que contém a morte e enterro estava immediatamente por baixo da outra.

O desenhador da estampa dada por Almeida, donde derivaram todas as outras, representou as duas cabeceiras *a' a''* (ou antes a parte d'ellas existente) da primeira pedra *a a*. O cavalleiro *com armas brancas*, que estava esculpido *na testa do nascente*, segundo Soledade (se esta indicação não é errada), ficava, a meu ver, no topo da pedra inferior.

Esta pedra, que tem as scenas do passamento e deposição *b b*, estava pois debaixo da que representa a cavalgata, sendo sem dúvida alguma de eguaes dimensões. Como se viu já, as pedras foram mutiladas; e d'isso temos prova em faltar parte do corpo do abbade reconhecivel pelo baculo, que preside ao enterro, e a cadeira em que Soledade diz que elle estava sentado. O topo d'esta pedra do lado da cabeceira desappareceu por mutilação.

As figuras d'estas pedras não precisam de descripção nova, visto ficarem transcriptas as explicações de Soledade e Almeida, imperfeitas mas que se completam. Devo comtudo notar que as figuras de mulher, que junto do leito e do tumulo *b b* se arrepellam com gestos afflictivos, são as *carpideiras* ou *pranteadeiras* (as *praeficae* dos latinos), mulheres que por dinheiro choravam nos funeraes, costume de que ainda restam vestigios nalgumas povoações, segundo affirmam.

A tampa do cenotaphio *c c* foi representada de modo muito singular na estampa. O desenhador figurou-a conforme o aspecto

que ella lhe mostrava, olhando de frente a tampa prismatica, ao centro da aresta do seu vertice, parecendo essa aresta por conseguinte mais longa, por estar mais proxima dos olhos, do que as duas outras arestas dos lados d'ella.

A supposição de Soledade, de que a era foi gravada posteriormente ao epitaphio, e este ás vessas, é falsa e absurda, em vista da fórma da lettra e da inconveniencia de deixar em branco aquella facha correspondente á do epitaphio. Este estava voltado para o corpo da egreja, pois o que importava pôr mais patente era o nome do sepultado; e a era ficava do lado opposto; de modo que rodeando-se o moimento podia-se perfeitamente ler olhando por cima do cenotaphio dos filhos, que era mais baixo.

O epitaphio diz, como se vê da Estampa e da copia dada no schema, na linha da frente:

HIC REQVIESCIT F(*amu*)LVS DEI EGAS MONIZ VIR INCLITVS

e na linha opposta:

ERA MILLESIMA CENTESIMA LXXX II[II]

Os *dois pontos ultimos* da era, de que fala Soledade, eram as extremidades inferiores dos dois ultimos II que prefaziam a era de 1184 (correspondente ao anno de Christo de 1146), que fr. Leão de S. Thomaz transcreveu, e de cujo testemunho não ha motivo para duvidar[23].

Parece á primeira vista que a cor mais carregada do desenho, aos lados da face *d d* e da pedra lavrada inferior, indica a espessura d'estas pedras; mas nota-se que a juncção d'umas não corresponde á juncção das outras; não são portanto os topos d'ellas. Demais a mais, duas d'essas pedras tinham esculpturas. A pedra (*e*) teve um relevo qualquer hoje incomprehensivel. A que vae marcada *(f)* está posta ás vessas e tem, mesmo no ponto que essa lettra indica, restos de uma figura de homem que, comquanto pareça estar sentado, melhor se considera estar com um joelho em terra perante alguem de que se vê ainda uma mão e parte do braço

[23] Observação tambem feita por Almeida, na sua memoria intitulada *Erros hist. chronolog. de fr. Bernardo de Brito* (na *Hist. e mem. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, t. XII, p. 1.ª, pag. 106), onde diz: «Como a pedra se acha dannificada na conta numerica Ron ana pelas mudanças que tem havido neste monumento, devemos acreditar fr. *Leão de S. Thomaz* que a viu inteira, e lhe dá a numeração de LXXXIII. Anno em que elle ainda doou ao Mosteiro de *Paço de Sousa* largamente».

com o gesto de quem quer ajudar outrem a levantar-se. Eis o *facsimile* das duas pedras segundo a estampa de Almeida[24]:

Estas figuras são, em meu intender, os restos d'uma scena importante, que houve esculpida do moimento de Egas, com toda a probabilidade no topo occidental da pedra *b b*. Ahi estava a apresentação do heróe ao rei de Castella, em Toledo: Egas com um joelho em terra ante Affonso VII, que, dominado pela extranha lealdade, extende os braços para ajudal-o a levantar-se.

É perfeitamente natural que esta scena estivesse figurada no monumento, porque de outro modo havia solução de continui-

[24] Na estampa lithographica dos *Quadros historicos* (a qual é de Fonseca, e não de Sendim, como disse a pag. 98), estão copiadas mal estas pedras, tendo ficado as figuras ao inverso. Segui a estampa original de Almeida. A lettra *C* num dos angulos da gravura só serviu para marcar medidas da pedra.

dade na historia. Pois, que queria dizer aos forasteiros e vindouros a cavalgata de homens com uma corda ao pescoço em attitude de quem vae preso, se não houvesse alli uma outra scena que mostrasse o fim com que a mesma cavalgata se fazia? E sobretudo, se na primeira scena apparecia Egas com a corda ao pescoço, do que só se poderia deprehender que ia a enforcar, como poderia comprehender-se a scena do tranquillo passamento num leito, cercado de pessoas de familia ou pelo menos de pessoas que manifestam dor? Todas as descripções que os antigos nos deixaram do monumento são confusas e incompletas, conforme se viu já do que fica dicto e transcripto e do exame da Estampa V. Mas deve notar-se bem a força da expressão de fr. Leão de S. Thomaz, que contando o feito da ida a Toledo e recepção por Affonso VII, accrescenta: «Esta historia... se esculpio nos sepulchros de Egas Monis, & de seus filhos, que eu vi no dicto corporal huma & muitas vezes.»[25]

Do cenotaphio dos filhos de Egas Moniz resta a pedra *d d* onde está representada a sua ida a Castella. Ás descripções que transcrevi, accrescentarei que os animaes, que Soledade tomou por camellos, são cavallos ou muares; que na segunda alimaria se vê sentada uma mulher, representando sem dúvida a mulher de Egas (a segunda mulher D. Thereza Affonso, *a que fez Sarzedas*, segundo os *Livros de Linhagens*); e que a ultima figura de mulher tem nas mãos um objecto que bem pode considerar-se uma infusa ou outra vasilha.

O importante monumento de Egas Moniz e seus filhos (como já disse e particularmente me informa o distincto jornalista portuense, o sr. Manuel M. Rodrigues, a quem me confesso muito reconhecido), está hoje em deploravel estado, «achando-se as figuras caiadas e algumas esboroadas». Merecia melhor sorte este precioso exemplo da esculptura do seculo XII[26].

BORGES DE FIGUEIREDO

---

[25] Fr. Leão de S. Thomaz, *o, c.*, II, p. 275.

[26] Ainda me não foi possivel obter uma photographia do monumento; se a conseguir, e merecer a pena, darei uma estampa supplementar.

ANALECTA ARCHEOLOGICA

15. Moledo

No *Diccionario Geographico*, ms. conservado no Archivo Nacional da Torre do Tombo, encontro a ingenua informação que segue (correcta a orthographia):

«Esta terra não é murada, nem nunca o foi, mas para a parte do nascente fica um monte alto a chamam o Oiteiro de S. Lourenço, e principia a elevar-se logo d'este logar de Moledo, e até o mais alto d'este monte é meia legua, e no ponto mais alto é quasi de figura (*sic*), adonde se descobrem e acham umas pedras que mostram serem ruinas de algum edificio, e ha tradição que fora alli Castello de Moiros; e correndo o tempo esteve alli tambem uma capella de S. Lourenço (d'onde se suppõe que o oiteiro tirou o nome); esta capella mudaram os moradores do Logar dos Cazaes para dentro do povo...; e para a parte do meio dia d'este logar dos Cazaes, e entre este de Moledo está outro oiteiro que fica quasi no meio da subida que vae d'este logar para o oiteiro de S. Lourenço, e se chama o oiteiro do Vieiro, aonde se vê uma cova larga com dois braços, e ha tradição que de um d'estes braços que fica para a parte do Norte ia por baixo da terra uma estrada sair a um ribeirinho que corre ao pé do oiteiro, e que tudo isto fora obra dos Moiros; a estrada está hoje tapada, e se diz a taparam os moradores...; e para a parte do norte d'este logar de Moledo fica outro monte que chamam a Serra da Maya aonde está outro oiteiro que chamam o castello de Menha ou o castello de Maga adonde se descobrem uns pedaços de parede que em partes terão ainda hoje sete ou oito palmos de altura e parede forte; estão estes tres oiteiros fronteiros uns aos outros com distancia de meia legua entre si, e estão cheios e cobertos de matos que a terra produz em abundancia».

B. DE F.

NOTICIA ÁCERCA DE UM MACHADO DE PEDRA DESCOBERTO NAS VISINHANÇAS DE PORTO DE MÓS

(Est. VI)*

Entre os instrumentos do periodo neolithico, que frequentemente se encontram soltos á superficie do solo e que desde muito tempo teem fixado a attenção ainda dos menos versados em estudos archeologicos, figuram em primeiro logar os machados de pedra polida, a que a gente do povo attribue virtudes especiaes e uma origem phantastica, sendo ainda hoje em muitos paizes geralmente considerados pelo povo como *pedras de raio*. Em todas as collecções se encontram estes instrumentos em grande numero, e em Portugal são abundantissimos, havendo só na galeria de anthropologia da Commissão dos trabalhos geologicos algumas centenas d'elles.

O illustre archeologo director d'esta *Revista* e meu amigo sr. Borges de Figueiredo, obteve ultimamente das vizinhanças de Porto de Mós um certo numero d'estes machados, entre os quaes vinha um muito notavel, que elle graciosamente me offereceu para o museu da Commissão geologica, manifestando ao mesmo tempo o desejo de que eu fizesse a sua descripção, e pondo para esse fim á minha disposição as paginas da *Revista*. Posto que eu não me julgue dos mais competentes em estudos archeologicos, vejo-me obrigado a desempenhar-me como podér de encargo, que, aliás gostosamente, acceitei.

O referido machado, que se acha representado de frente e de perfil em tamanho natural na estampa junta, tem uma forma especial e unica entre todos os que tenho visto, ou de que tenha conhecimento. Como um grande numero dos que se tem descoberto nas nossas

* Agradeço muito penhorado ao illustre Director da Commissão Geologica a offerta da estampa VI, bem como as obsequiosas palavras que me dirige.— B. de F.

grutas e dolmens, e em outras estações neolithicas, o nosso machado é de amphibolite, rocha muito frequente no paiz, o que parece indicar que elle seja de fabricação indigena.

Tem 100 mill. de comprimento, 50 de maior largura proximo do gume, e 33 de espessura. A superficie é quasi toda lisa e polida, mas mais perfeitamente nas duas faces maiores e na face lateral que mostra a fig. 2, do que na face lateral opposta; reconhece-se, que comtudo, as asperezas que mostra na superficie, ou por imperfeição do fabrico, ou pelos choques que recebesse o instrumento no seu uso, estão tambem bastante gastas, sem dúvida porque o exemplar soffreu um attrito prolongado sobre toda a sua superficie.

O gume está completamente rombo, e, como mostram as figuras, foram d'elle destacadas differentes lascas, bem como da extremidade opposta do exemplar. Mas a circumstancia mais notavel, e que torna este exemplar unico até hoje entre nós, é o entalho assás profundo que apresenta na sua parte superior ou mais estreita, e o grupo de estrias que ahi se observam, estrias que tambem se mostram, posto que menos distinctamente, na face lateral não representada, onde são do mesmo modo dirigidas de cima para baixo e da esquerda para a direita, porém menos obliquas. Estas estrias não foram decerto produzidas originariamente; pelo contrario, notando-se que a superficie do entalho é mais lisa do que a do resto do machado, e que é alli que as estrias apparecem mais distinctas, correndo em varias direcções, e sendo divergentes no angulo interno do entalho, ha motivo para julgar que as estrias e e entalho fossem produzidos posteriormente por effeito de um attrito prolongado.

Sabe-se hoje que os machados de pedra tiveram muito variadas applicações. Serviram principalmente como armas ou instrumentos; mas tambem se tem reconhecido que nos tempos prehistoricos muitas vezes tiveram um destino funerario, pois que se teem descoberto ao lado de esqueletos humanos em posições determinadas, verificando-se que tinham sido alli collocados como objecto votivo, sem dúvida consagrado ao defunto sob a inspiração de um sentimento religioso. Admitte-se mesmo que algumas vezes serviram como talisman; e o Barão J. de Baye descrevendo um machado da sua excellente collecção ethnographica attribue-lhe este destino. Este objecto é de serpentina, e atravessado ao meio por um furo; julga-se que foi usado muito tempo suspenso, porque tem o gume embotado e gasto, reconhecendo-se que semelhante estrago não é o effeito de precussões reiteradas, mas sim a consequencia de um attrito suave e prolongado.

Vem a proposito recordar que na collecção de amuletos italianos contemporaneos, que o professor G. Bellucci apresentou na ga-

leria da historia do trabalho na ultima exposição internacional de Paris, havia muitos machados de pedra com furo de suspensão, e além d'estes um de jadeite com dois entalhos lateraes, que o sabio archeologo suppõe que tivessem servido para fixar o machado a um cabo, ou para o suspender.

Poderia lembrar, pois, que o nosso exemplar tambem tivesse servido como amuleto; mas nesta hypothese torna-se muito difficil explicar a formação das estrias que lhe cobrem a superficie. Julgamos mais prudente suppor que a estriação, que o exemplar apresenta, fosse devida a um uso desconhecido que o objecto tivesse modernamente, depois de ter servido como machado na epocha neolithica.

J. Delgado.

DE UM ERRO ARCHEOLOGICO RELATIVO AOS BRONZES ANTIGOS *

Depois da descoberta da epocha do bronze, feita ha de haver uns cincoenta annos por diversos homens de sciencia europeus, e principalmente pelo dinamarquez Thomsen, os primeiros trabalhos dos archeologos versaram naturalmente sobre a fórma dos objectos de bronze que descobriam e sobre o emprego que convinha attribuir-lhes. Só passado muito tempo, depois de uma segunda série de descobertas nas palafittas da Suissa, e da Saboia, se começou a tractar da substancia de que estes objectos eram compostos e do modo provavel da sua fabricação. Em breve se admittiu, e se admitte ainda, que o metal empregado se compunha de nove decimos de cobre e d'um decimo de estanho, salvas leves variações, o que hoje se poderia chamar uma tolerancia de fabrico. Os outros metaes sómente se encontravam em proporções minimas; eram impurezas, que uma prévia purificação do metal não podéra eliminar complectamente. Note-se que o chumbo não apparecia nellas, e que elle devia ser considerado, assim como o zinco, quando a analyse revelava a sua presença, como caracterisando um bronze d'epocha recente, muitas vezes até da epocha romana. Suppunha-se que os dois metaes, estanho e cobre, preparados separadamente, eram juntos no cadinho.

É contra esta série de factos geralmente admittidos pelos eruditos actuaes, que nós julgamos dever manifestar-nos. Deve admittir-se, em nossa opinião, que os fundidores da edade do bronze, e ainda os muito mais recentes do começo da nossa era, nunca conheceram o cobre puro, isto é, o metal extraido directamente dos minerios naturaes e não ligado a outros metaes por operações voluntarias ou involuntarias do artifice; que a relação de 9 por 1 que se julga existir na composição dos bronzes antigos não se encontra nella effectivamente; que o artifice não procurava obtel-a; que o

* Com a devida venia transcrevo este interessante artigo da *Revue Archéologique* (Trosième Série, Tome xv, Mars-Avril 1890—Paris). B. de F.

bronze prehistorico é o resultado de operações feitas com o fim de abaixar o ponto de fusão do metal e cujas consequencias chimicas eram desconhecidas aos artifices que praticavam essas operações. Misturando ao minerio de cobre uma substancia propria para o tornar menos refractario, elles empregavam, como fundentes, minerios de estanho ou de chumbo, que produziam bronzes mais fundiveis que o cobre.

A ideia moderna que o bronze se obtinha pela mistura dos dois metaes, que esta mistura suppõe o conhecimento dos dois componentes no estado isolado, e que por consequencia houve nalguma parte uma edade do cobre puro, acha-se pela *primeira vez* em opusculos de Morlot publicados em setembro de 1859, e em 1861 e 1863. Os escriptores que, depois d'elle, teem tractado esta questão, nada mais teem feito do que repetir o que elle disse, como pode ver-se da comparação dos termos do opusculo de 1859 com o artigo do sr. de Mortillet na *Revue d'Anthropologie*, tomo x, pagina 653, e na *Grande Encyclopédie* na palavra Age.

Em 1863, Morlot admittia já a proporção typica de 9 de cobre por 1 de estanho. Baseava-se para affirmal-o nas proporções geralmente usadas na industria moderna e nas primeiras analyses de Fellenberg. Inspirar-se dos methodos actuaes seria entregar-se a uma ideia preconcebida, e portanto anti-scientifica; mas o exame das 300 analyses feitas por Fellenberg, cêrca de 1863, mostra que a proporção dos componentes do bronze era muito variavel, que se a relação de 9 para 1 pode achar-se é só fazendo a media das analyses, e que as peças em que ella existe são apenas uma excepção.

Morlot, menos absoluto que os seus successores, reconhecia nos bronzes prehistoricos da Europa a presença do chumbo, mas via nisso uma impureza pouco abundante: depois d'elle, negou-se a presença do chumbo, e, para simplificar as analyses, tractou-se apenas de regular as dozes do cobre e de determinar por differença a proporções do estanho, com o qual se confundia assim o chumbo e muitas outras impurezas. D'ahi derivou uma serie de analyses que é necessario registar. Reconhecem-se ellas muito facilmente, porque mencionam só o cobre e o estanho e terminam exactamente em 100. D'onde procede a affirmativa dogmatica do sr. Chantre, que os bronzes antigos não contêm *nunca* chumbo, e que aquelles em que este metal se encontra são da epocha romana.

Um estudo comparativo feito em mais de 400 analyses de objectos, encontrados em todas as partes da Europa, prova que o chumbo se acha em quasi todos; que não havia ligas destinadas especialmente a certos usos; que um objecto podia ter uma composição muito differente da que teria sido a mais vantajosa; que muito poucas peças mostram uma liga bastante pura para se crer

na purificação prévia do cobre e do estanho; que os corpos extranhos, que essas analyses manifestam, são os mesmos que se encontram na maior parte dos minerios de cobre e estanho da Europa.

Se não se purificassem os dois metaes depois de os ter reduzido, não havia motivo para os reduzir isoladamente e mistural-os depois; o methodo inverso, o da mistura prévia dos minerios, offerecia uma evidente vantagem. Em compensação, elle tornava quasi impossivel a producção de ligas de composição fixa, mas estas não existiam ou não foram até ao presente encontradas.

Se os minerios dos dois metaes fossem postos simultaneamente no forno de reducção, em vez de serem reduzidos separadamente, era possivel que esses metaes não fossem conhecidos no estado isolado por aquelles que os trabalhavam. Apresentar-nos-hão, como objecção, o estanho encontrado nos lagos da Saboia. O estanho puro era certamente conhecido, mas nem por isso é necessario que o cobre o fosse; preparou-se durante muito tempo a liga de cobre e zinco, sem conhecer este ultimo metal. Muitas razões podem fazer crer que o cobre era desconhecido áquelles que empregavam o bronze, e até numa epocha proxima de nós. É impossivel explicar d'outro modo a auzencia d'uma denominação especial para o cobre não unido ao estanho entre todos os povos antigos, ao passo que muitos compostos de cobre tinham um nome especial; a falta de qualquer texto anterior ao VII° ou VIII° seculo applicando-se ao cobre com exclusão do bronze ou do latão; a falta de objectos de cobre puro, com muito raras excepções, tanto na epocha chamada do bronze como nas epochas historicas.

Esta ignorancia em que muito provavelmente se estava da existencia do cobre não ligado ao estanho ou ao zinco, parece mais certa ainda, quando se passa a examinar os methodos metallurgicos, cujos vestigios encontramos pelas escavações e nos textos, algumas doutrinas scientificas admittidas até numa epocha em que a sciencia já tinha incontestavelmente progredido, e os recursos de que dispunha a industria d'essa epocha. D'isso se conclue que obreiros, que só tinham folles de mão e não conheciam os fornos de reverbero nem as machinas soprantes, que ignoravam qual a acção redutriz do carvão e das substancias carburetadas, não podiam attingir a temperatura de fusão do cobre e eram forçados a recorrer ao emprego dos fundentes stannicos, plombicos e zinquicos.

Se tal era a causa da introducção d'estes metaes no bronze, não é possivel procurar os vestigios d'uma edade de cobre anterior á edade do bronze, porque esta edade não poderia ter existido onde o cobre nativo não abundava como na America. Esta hypothese d'uma edade de cobre puro não se appoia em prova alguma material, só tem sido feita para resolver duas difficuldades que,

sem o seu auxilio pareciam ficar sem solução: 1.º emprego d'uma liga em vez d'um metal simples; 2.º emprego d'um metal, o estanho, cujos jazigos eram muito pouco conhecidos e de que só na extrema Asia se encontram os principaes. É tambem nos escriptos de Morlot que encontramos pela primeira vez esta hypothese, que tem sido depois repetida. Já em 1859 elle falava da necessidade d'uma edade de cobre, indicava a ausencia d'ella na Europa, e pensava que devia ser procurada na Indo-China, onde se encontra ao mesmo tempo o cobre e o estanho. Não é necessario, como vimos, que o cobre tenha sido conhecido, para que se podesse fabricar o bronze. Bastava possuir o minerio; a segunda difficuldade tambem nos não deve deter. Ella só teria valor, se se provasse que o estanho nunca existiu senão onde se encontra actualmente; ora é o contrario que é verdade. Podem citar-se na Europa, fóra do Cornouailles e de Saxe, jazigos mais ou menos consideraveis, exgotados desde a epocha do bronze, ou ainda susceptiveis de exploração; e não se tem feito mais que começar a busca das minas utilisadas antes de nós. Pode, porém, já affirmar-se: que alguns jazigos de estanho, mais consideraveis que os da Inglaterra, foram exgotados nos tempos antigos na Hespanha e na Toscana; que o mesmo succede com pequenos jazigos do centro da França; que se extraia ainda no XIII.º seculo este metal no baixo Danubio, segundo Matheus Paris; que uma mina, talvez mencionada por Herodoto, parece existir no Khorassan; emfim, que grandes bancos subsistem ainda na Hespanha e no norte de Portugal.

Nestas condições, ha apenas a abandonar o que para Morlot era uma simples hypothese, e do que seus successores fizeram um verdadeiro dogma. É tanto mais natural considerar a questão no mesmo ponto de vista de Morlot, que elle mesmo indicara o caminho a seguir para resolvel-a. Desde que se conhecia a analyse spectral, elle pensara nella para descobrir a proveniencia dos mineraes empregados na epocha do bronze. Ninguem procedeu a isso até hoje, e o unico serviço por ella feito á archeologia tem sido a indicação da proveniencia exacta da inscripção carthagineza encontrada em Marselha. Ella pode prestar outros, mas com a condição de serem dirigidas as investigações segundo um plano geral de conjuncto. É preciso que os objectos submettidos a esta investigação sejam classificados segundo a sua distribuição geographica, e em seguida segundo o typo da sua decoração de preferencia ao seu destino provavel. Effectivamente, o mesmo metal podia, na mesma fundição, produzir os mais diversos objectos, mas o estylo decorativo é proprio do obreiro, e, então como hoje, este devia inspirar-se d'elle para tudo que lhe saia das mãos. É neste quadro com duas divisões, de proveniencia e de typo artistico, que se

collocarão os resultados das analyses chimicas feitas, quanto possivel fôr, pelos mesmos processos. Bastará neste caso, para conhecer as propriedades da liga, levar a analyse até %. A par d'esta analyse quantitativa, outra, qualitativa, feita pelo spectro, dará a lista completa dos elementos e servirá de termo de comparação com as analyses dos minerios feitas pelo mesmo methodo. Estes minerios serão tomados, não nas minas exploradas modernamente, mas em todos os pontos onde se pode crer que houve outr'ora exploração mineira.

F. DE VILLENOISY

ÁCERCA DO LIVRO
ORIGEM E ANTIGUIDADES DE LISBOA
DE ANTONIO COELHO GASCO

Tractando d'este escriptor, diz Innocencio Francisco da Silva o seguinte:

«Da outra obra do mesmo Gasco sobre a origem e antiguidades de Lisboa, até agora inedita, e de grande raridade, sei que possue um excellente transumpto o sr. Antonio Joaquim Moreira[1]; porém tendo-o franqueado ha muito tempo com a sua usual benevolencia a outro amigo, em cujo poder ainda se demora, não me foi possivel vel-o. Deixo por isso de dar aqui uma noticia mais circumstanciada d'este manuscripto importante, que falta na Bibliotheca Nacional de Lisboa*, na da Academia das Sciencias, e em outras aliás bem providas de semelhantes preciosidades».

É provavel que a causa de não ter vindo a lume o manuscripto de que aqui se tracta, fosse o terramoto de Lisboa, de 1755, pelo seguinte facto:

O livreiro Manuel da Conceição, editor do *Summario* de Christovam Rodrigues de Oliveira, no Prologo ao leitor, que poz á frente d'essa curiosa obra, prometteu, se a benevolencia publica lhe premiasse a diligencia, dar á estampa as «*Memorias de Lisboa,* que no seculo passado escreveu o doutor Antonio Coelho Gasco; original que até agora não viu a luz publica, e merece huma grande estimação».

Ora, como Innocencio conta no artigo que dedicou ao auctor do *Summario*, o incendio que succedeu ao terramoto devorou a loja de Manuel da Conceição, e com ella foram pasto das chammas muitas obras de que era proprietario. D'este facto se pode concluir que semelhante fatalidade anniquilaria para sempre a actividade industrial do livreiro editor, se o terrivel cataclysmo pre-

[1] Veja-se o artigo que Innocencio deu tractando d'este estudioso e modestissimo velho, que muito bem conheci tambem.

* Existe hoje alli um exemplar, e ha poucos mezes foi vendido outro em Lisboa.—B. de F.

cursor do incendio lhe não anniquilou primeiro a vida, fazendo-o, como a tantos, sua victima tambem. O manuscripto de Antonio Coelho Gasco, se tinha já dado entrada em casa do editor, acaso foi devorado com tudo o mais que lá havia. A confusão e desordem em que o terramoto deixou Lisboa não permittiriam, decerto, aproveitar o transumpto a que Innocencio se refere, ainda quando Manuel da Conceição se podesse refazer da tamanha desgraça.

E, já agora, mais uma observação ácerca d'este livreiro editor. No artigo que o mesmo Innocencio escreveu a respeito d'elle, citando duas das obras que appareceram com o seu nome, repete o distincto bibliographo a historia do infeliz industrial, como a havia contado quando tractára do auctor do *Summario*, e anteriormente deixei narrada.

Innocencio citando, porém, a *Relação do monstruoso peixe* e o *Rasgo metrico*, não repetiu a noticia do *Addicionamento* com que Manuel da Conceição engrossou a edição de Christovam Rodrigues d'Oliveira: noticia que aliás deu, chamando-lhe *Supplemento*, quando tractou do livro do guarda roupa do arcebispo de Lisboa.

Esse addicionamento, que, afinal, não passa de uma lista dos conventos para ambos os sexos, que se fundaram em Lisboa e seu termo desde 1551 até 1754, diz Innocencio que «segundo a bem fundada opinião de alguns, é obra de D. José Barbosa».

Opposta a esta lê-se, na folha branca que recobre o rosto do exemplar da Bibliotheca Nacional, uma outra do theor seguinte: «*Conjectura-se que o addicionador foi o padre D. Thomaz Caetano de Bem*».

Estas linhas são escriptas a lapis, lettra que me parece, ou muito me engano, ser do punho do fallecido conservador d'aquelle estabelecimento, A. da Silva Tullio. Afinal, que fosse um, que fosse outro dos dois theatinos o auctor do tal addicionamento, não tem a discordancia valor algum, como não tem a materia por onde haja de fazer-se a reputação litteraria de qualquer dos dois. A circumstancia de se achar impressa em seguida a esse addicionamento a *Carta* de D. Thomaz Caetano de Bem ácerca das antiguidades romanas das Pedras Negras, induziu, acaso, á conjectura que acima fica mencionada.

O *Summario* editado por Manuel da Conceição tem effectivamente, como Innocencio deixou notado, alguns erros typographicos. São, porém, de facil intelligencia, se se exceptuar um certo, que seria bom confrontar com a edição primeira, para integral rectificação. Quanto a outras differenças entre esta e a de 1754, nada posso, por ora, tambem dizer.

GOMES DE BRITO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS AMERICANISTAS

[Ficam archivados na *Revista Archeologica* os seguintes documentos iniciaes d'este congresso, que promette ser de subido interesse, attentas as questões que a Commissão organisadora submette á discussão:]

CONGRÈS INTERNATIONAL DES AMÉRICANISTES

HUITIÈME SESSION.—PARIS 1890

Paris, Mai 1890

MONSIEUR,

Nous avons l'honneur de nous faire parvenir, ci-joint, le programme du Congrès international des Américanistes qui s'ouvrira à Paris le 14 octobre 1890.

Permettez-nous d'espérer que, dans l'intérêt de la science, vous voudrez bien honorer le Congrès de votre souscription et de votre présence.

Avec nos remerciements anticipés pour le concours efficace que nous attendons de votre part, Monsieur, d'agréer l'expression de notre considération la plus distinguée.

Le Président du Comité d'organisation: *A. de Quatrefages.*—Le Secrétaire du Comité d'organisation: *Désiré Pector.*

Protecteur; S. M. Dom Pedro d'Alcantara.—*Présidents d'honneur:* MM. F. Denis, conservateur-administrateur honoraire de la Bibliothèque Ste-Geneviève; le docteur D. Jourdanet.

COMITÉ D'ORGANISATION

Président: M. A. de Quatrefages, membre de l'Institut, professeur au Muséum d'histoire naturelle.— *Vice-présidents:* MM. le dr. E. T. Hamy, membre de l'Intitut, conservateur du Musée d'Ethnographie. le marquis de Nadaillac, correspondant de l'Institut.— *Sécretaire générale:* M. Désiré Pector, consul du Nicaragua à Paris.— *Trésorier:* M. le marquis de Bassano.—*Trésorier adjoint:* M. C. Aubry, agent de la Société de Géographie de Paris.—*Membres du Conseil:* MM. Lucien Adam, président de Chambre à la Cour de Rennes; le baron Joseph de Baye; Eugène Beauvois; le prince Roland Bonaparte; le comte H. de Charencey; Désiré Charnay; Henri Cordier, professeur aux Ecoles des langues orientales et des sciences politiques; Émile H. Daireaux, publiciste; E. Durand, du «Smithsonian Institution» de Washington: Paul Gaffarel, professeur à la faculté de lettres de Dijon; M.-J. Girard de Rialle, ministre plénipotentiaire et chef de la division des Archives au ministère des Affaires étrangères; le marquis d'Hervey St-Denys, membre de l'Institut; Pedro S. Lamas, publiciste; Auguste Lesouef, membre la Société de américaine de France; le dr. Letourneau, secrétaire générale de la Société d'Anthropologie; Émile Levasseur, membre de l'Institut, professeur au Collège de France et au Conservatoire des Arts et Métiers; Gabriel Marcel, directeur de la section des cartes à la Bibliothèque nationale; Paul Margry; le comte de Marsy, directeur de la Société fraçaise d'Archéologie; Gaston Maspero, membre de l'Institut, professeur au Collège de France; Maunoir, secrétaire-général de la Société de Géographie de Paris; Alfred Maury, membre de l'Institut; Marcel Monnier; Jules Oppert, membre de l'Institut, professeur au Collège de France; le dr. d'Ornellas; Alphonse L. Pinart; Léon de Rosny, directeur adjoint à l'École des Hautes Études; F. de Santa-Anna Néry, membre de l'Institut d'Histoire et de Géographie de Rio de Janeiro et de l'Académie royale des sciences de Lisbonne; René de Sémallé; Rémi Siméon, vice-président de la Société américaine de France; le dr. José Triana, consul général de Colombie en France; le dr. R. Verneau, préparateur au Muséum d'histoire naturelle; Julien Vinson, professeur à l'École des Langes orientales.

PROGRAMME

Par décision du Congrès international des Américanistes, tenu à Berlin en 1888, la ville de Paris a été désignée comme siége de la huitième session, qui aura lieu du 14 au 18 octobre 1890.

Le Congrès international des Américanistes a pour object de contribuer au progrès des études scientifiques relatives aux deux Amériques, spécialement pour les temps antérieurs et immédiatement postérieurs à Christophe Colomb. Il sert aussi à mettre en rapport les personnes qui s'occupent de ces études.

Toute personne s'intéressant au progrès des sciences peut faire partie du Congrès en acquittant la cotisation qui est fixée à 12 francs.

Le reçu du trésorier donne droit à la carte de membre et à toutes les publications émanant du Congrès.

Les adhérents sont priés de faire parvenir le plus tôt possible le montant de leur cotisation, soit en un mandat postal, soit en un chèque sur une des grandes capitales européennes, à *M. C. Aubry, trésorier-adjoint, 184, boulevard Saint-Germain, à Paris.*

Les communications seront orales ou écrites et ne pourront durer plus de vingt minutes. Les memoires dont la lecture exigerait un temps plus long seront déposés sur le bureau, et il en sera présenté au Congrès un résumé soit écrit, soit oral, faisant connaître l'object ainsi que les points importants et les conclusions du travail.

Les auteurs qui enverront des mémoires auxquels cette dernière disposition serait applicable devront les acompagner d'une analyse.

Les mémoires des personnes qui ne pourraient se rendre à Paris devront être adressés au Secrétaire général du Comité d'organisation avant le 1er octobre 1890. De même, les membres qui voudraient en personne faire des communications, sont invités à en aviser le Secrétaire général avant le 1er octobre, afin qu'on puisse distribuer le programme détaillé du Congrès à l'ouverture de la réunion.

Les auteurs qui assisteront aux travaux du Congrès sont instamment priés de substituer à la lecture un exposé oral.

Les livres, manuscrits ou autres objets offerts au Congrès seront acquis aux établissements scientifiques de Paris; leur desti-

nation sera déterminée par le Comité d'organisation après la clôture de la session.

Le Comité organisation propose les questions suivantes pour être soumises à la discussion du Congrès:

Histoire & Géographie.—*Rapporteurs:* MM. G. Marcel et M. Monnier.

1° Sur le nom «America»,

2° Les dernières recherches sur l'histoire et les voyages de Christophe Colomb.

3° De l'influence produite par la venue de l'Européen sur l'organisation des communautés indiennes de l'Amérique du Nord (Confédération des sept nations, etc., etc.),

4° Quelles modifications le contact de l'Européen a-t-il opérées dans l'organisation sociale et politique chez les populations de la région andine?—Densité de la population avant et après la conquête espagnole.

5° Si l'on prend pour termes de comparaison les statistiques dressées par ordre des vice-rois et les derniers recensements effectués par le gouvernement péruvien, la loi de diminution graduelle de la population indigène au contact du blanc s'applique-t-elle avec une égale rigueur à l'Amérique latine et à l'Amérique anglo-saxonne?

6° Les dernières découvertes faites dans les grandes nécropoles de l'estuaire de l'Amazone et du Rio Tocantin (îles de Marajo, etc.) permettent-elles de conclure à l'existence d'une race antérieur distincte de l'Indien actuel, et parvenue à un degré de civilisation relativement avancé?

7° Étudier les documents cartographiques relatifs à la découverte l'Amérique récemment retrouvés, et leur place dans la série d'après les informations qui les ont inspirés.

Archéologie.—*Rapporteurs:* MM. D. Charnay et marquis de Nadaillac,

1° Nouvelles découvertes relatives à l'homme quaternaire américain.

2° Quelles sont les premières migrations de races étrangères à l'Amérique dont nous ayons connaissance?

3° Signaler les analogies qui existent entre les civilisations précolombiennes et les civilisations asiatiques (Chine, Japon, Cambodge, Malaisie, Chaldée et Assyrie).

4° Faire connaître les découvertes les plus récentes qui ont été faites sous les mounds de l'Amérique du Nord, et les conclusions que l'on peut en tirer pour la civilisation de leurs constructeurs.

5° Quelles sont les anciennes populations de l'isthme de Panama qui ont laissé les collections céramiques, qui se trouvent aujourd'hui au «Yale College», au «Smithsonian Institution», etc...?

6° Quels rapports peuvent avoir entre elles les diverses poteries de l'Amérique?

Anthropologie & Ethnographie.—*Rapporteurs*: MM. le prince Roland Bonaparte et F. de Santa-Anna Nery.

1° Nomenclature des peuples et peuplades de l'Amérique avant la conquête.—Cartes ethnographiques précolombiennes.—Éléments ethniques de l'extrême Sud américain.

2° Les études crâniologiques permettent-elles d'affirmer que les races américaines actuelles existaient en Amérique dès la période quaternaire (diluvium) et que la conformation des crânes des hommes de ces races était la même que chez les Indiens d'aujourd'hui ou océaniens?

3° Existe-t-il chez les Indiens de l'Amérique en général, et en particulier chez ceux de la côte nord-ouest, des caractères distinctifs indiquant des affinités avec les peuplades asiatiques?

4° Esquimaux et leurs métis.

5° Rites funéraires en Amérique, avant et après Christophe Colomb.

6° Écritures figuratives de l'Amérique et spécialement de leur distribution géographique.

7° Pénétration des races africaines en Amérique, et spécialement dans l'Amérique do Sud.

8° Distribution ethnographique et possessions territoriales des nations ou tribus aborigènes de l'Amérique au XVIe siècle et de nos jours.

Linguistique & Paléographie.—*Rapporteurs*: MM. J. Girard de Rialle et R. Siméon.

1° Les principales familles linguistiques des bassins de l'Amazone et de l'Orénoque.

2° Différences entre les langues des côtes et celles des montagnes du Pérou.—Y a-t-il analogie entre les premières et celles de l'Amérique centrale?

3° Le Quéchua et l'Aymara appartiennent-ils à la même famille?

4° Les idiomes de la côte occidentale de l'Amérique présentent-ils quelques affinités grammaticales avec les langues polynésiennes?

5° La composition avec emboîtement et l'incorporation du pronom personnel ou du nom régi sont-elles des procédés communs à la majorité des langues américaines?

6° Origines des terminaisons du pluriel dans le nahuatl et quelques autres idiomes congénères.

7° Persistance des caractères et formes des dialectes des langues parlées en Amérique (français, anglais, espagnol, portugais et hollandais) par les descendents des colons européens, suivant les provinces dont ils sont originaires.

8° Étude des langues en formation en Amérique.

Les quatre sessions seront consacrées à tour de rôle aux quatre divisions du programme,

Toute question relative à l'Américanisme, quoique ne figurant pas au programme, pourra être traitée au Congrès.

MM. les Membres sont priés de donner très exactement leurs noms, prénoms et qualités, ainsi que leur adresse.

Le bureau du Congrès sera ouvert à la Société de Géographie de Paris, 184, boulevard Saint-Germain, à partir du 30 septembre, dimanche excepté.

Toutes les lettres, communications ou demandes de renseignements concernant le Congrès doivent être adressées à M. Désiré Pector, secrétaire général du Comité d'organisation du Congrès, 184, boulevard Saint-Germain, à Paris.

AS ESTATUAS ROMANAS DA QUINTA DA AMOREIRA DA TORRE PROXIMO DE MONTEMÓR-O-NOVO

Já nesta *Revista* me referi a estas estatuas romanas; agora que se publicam as estampas accrescentarei alguns dados. Merecem ser bem conhecidas pois são das principaes reliquias da grande arte que temos no paiz. A quinta da Amoreira da Torre é antigo solar alemtejano. Existem ainda alguns velhos solares fidalgos no Alemtejo central que merecem attenção; não longe da Amoreira fica o solar de Patalim, e na mesma direcção o da Oliveira, do antiquissimo morgado do mesmo nome, hoje propriedade do sr. morquez de Rio Maior; ainda na mesma direcção. e a uns tres kilometros d'este, já perto de Arraiollos, a Sempre-Noiva, cabeça do morgado instituido por D. Beatriz de Portugal, da casa Vimioso. Este solar, hoje infelizmente abandonado, é exemplar interessante na architectura, e a elle se refere o sr. A. Haupt no seu livro recentemente publicado sobre as construcções manuelinas.

E, já agora direi, palpita-me, não posso dizer de outro modo, porque não tenho documento algum terminante, ser aqui o local das *Saudades* de Bernardim Ribeiro; proximo de Evora, palacio campestre dos Vimiosos; e os elementos scenicos, vagos mas repetidos, concordam com a *paizagem* da *Menina e Moça*.

Para o sul de Evora fica a Torre dos Coelheiros, dos Cogominhos, hoje do sr. marquez de Monfalim; o Esporão, dos Mendes Vasconcellos, hoje do sr. D. José de Saldanha; a Camóeira, hoje da casa Angeja; Alvito, o mais curioso de todos. Seria interessante a descripção destes velhos solares com as suas fortes torres de dois ou tres pavimentos, as suas frestas e ameias guerreiras, e no pavimento mais alto as janellas ogivaes, em alguns ainda bem conservadas. A torre, o palacio, a capella, as casas baixas da creadagem, e as cocheiras fecham uma quadra ampla com seu portão brasonado. É assim a Amoreira da Torre. Na casa da entrada do palacio, em dois nichos feitos a proposito, as duas estatuas romanas: o *marquez* e a *marqueza* degolados no dizer do povo.

Na interessante obra *Estudos historicos, juridicos e economicos*

sobre o municipio de Montemór-o-Novo, (Coimbra, Imp. Litteraria, 1873, 8.º) vol. 1.º pag. 45-46, diz-se a respeito d'esta quinta: «A commenda da Amoreira era dos condes de Santa Cruz, e andou na casa de Lavradio... Nesta quinta da Amoreira recebeu o marquez de Gouvêa a D. João V, que ahi jantou e pernoitou, em 30 de outubro de 1716, indo em romaria a Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.»

Refere-se depois o sr. dr. Lopes Praça (a quem os *Estudos historicos*, etc. são principalmente devidos) á noticia dada por Faria y Sousa, e accrescenta: «De aqui se fica sabendo que pelos annos de 1630 era a quinta da Amoreira dos condes de Santa Cruz; e do dizer popular sobre uma estatua ou mais estatuas mutiladas, que ainda alli existem, terem sido estroncadas ou descabeçadas quando o foi o duque de Aveiro, se vê que essa quinta era ainda em 1760 pertença dessa familia. Passou ao fisco real; e ha pouco tempo parava na casa do marquez de Lavradio, e hoje na do sr. Justino Coelho Palhinha». O proprietario actual é o sr. visconde da Amoreira da Torre.

Mas Faria y Sousa já conta da mutilação ou destruição das estatuas; logo não foram estroncadas em 1760.

Manuel de Faria y Sousa, na *Europa portugueza* (2.ª ed. Lisboa, 1678, tomo 1.º parte 1.ª cap. XI) conta: «Corriendo los siglos se hallaron en las ruinas de Mirtiri, o Mertola, muchas estatuas, colunas, frisos, y otros adornos; señas notables, testimonios honorificos de su grandeza pasada, y del primor y policia de la Gente Tyria. No menos se han hallado de la Romana... En el avia muchas estatuas de que hizo recoger las principales a su quinta de Moreyra en esta edad un luzido cavallero de los Mascareñas; y della las sacaron los moradores de la Villa de Montemayor, que haziendolas pedaços y quemandolas las reduxeron a yesso para guarnecer una fabrica. Imprudentissimo hecho.»

Segundo Faria y Sousa vieram as estatuas de Mertola para a Amoreira, *en esta edad* e foi a gente montemorense que as desfez. Não se sabe porque, no tempo não houve agitações profundas na localidade. Antes, mas muito antes de lá estarem as estatuas, sim, houve o caso do *marquez* de Montemór, conspirador contra D. João II, e que foi queimado em estatua. A meu vêr ha na tradição popular uma simples applicação e confusão de factos mui distantes; e os eruditos teem accusado injustamente o povo de Montemor de degolador de estatuas.

André de Resende já fala das estatuas sem cabeça achadas em Mertola *(De antiquitatibus Lusitaniæ*. De Myrtili): «Octo, vel decem statuas annis ab hinc aliquot terra effossas Myrtilenses homines inde tollere permiserunt affabre insculptas, sed sine capitibus».

Affirma que as estatuas achadas em Mertola estavam degoladas.

Parece pois provavel que as estatuas da Amoreira vieram de Mertola no seculo XVII, tendo sido descobertas no seculo XVI (Resende morreu em 1573), para os seus nichos, que são dois apenas, feitos de proposito para as conter, como se vê da disposição e dimensões da construcção. Vieram já decapitadas; a origem da tradição do *marquez* e da *marqueza* é a tragedia do marquez de Montemor, e a applicação do caso de 1760 vem de que o povo, ou talvez mesmo a auctoridade de Montemor, fez apeiar os brasões da casa de Aveiro da torre e do portão da quinta. E ainda lá estão, e eu procurando pedras lavradas ou com lettreiros dei com elles a um canto de estrebaria, sob uns mólhos de vides.

As estatuas são collossaes, sem cabeças e sem mãos; como estão teem $2^m,3$ de altura; completas teriam $2^m,60$. São de bom marmore, que não conheço nos arredores de Mertola. As roupagens estão bem conservadas; as arestas nitidas; de uma elegancia, e de execução nada vulgar. São imponentes. Eguaes em dimensões, no trabalho e no material. Homem e mulher, ambos togados. As inscripções que estavam nas faces lisas, aos pés, foram picadas. Parece-me que, em ambas, a roupagem não cobria a cabeça; tinham os pescoços nús.

Percorrendo as antiguidades do Montfaucon deparei com alguns relevos em monumentos funerarios representando homem e mulher em posições que semelham as d'estas estatuas (vol. 5.º 1.ª parte, est. CXXII e CXXIII. Suppl. vol. 3.º est. XI; vol. 5.º est. XXII. Todavia não me inclino a attribuir-lhes funcção commemorativa d'esta natureza; são estatuas monumentaes muito parecidas com algumas de imperadores e homens notaveis que Duruy nos representa na *Histoire des romains*. As estatuas de Cicero (tom. 3.º pag. 28), de Cesar (pag. 228 e 403), de Lucio Antonio (pag. 495), Agrippina (pag. 697), um romano togado (pag. 752), Augusto (tom. 4.º pag. 90), e no mesmo volume as de Tiberio, Vespasiano, Tito, Nerva (pag. 342, 612, 674, 732), teem um typo determinado na posição, na roupagem, no estylo, e recordam muito, a de Vespasiano por exemplo, a estatua viril da Amoreira da Torre. Por isto julgo mais proximo da verdade serem estatuas de homenagem dedicadas ao imperador e imperatriz. Como primores da estatuaria antiga teem logar eminente entre os achados do occidente da peninsula. Pela sua elegancia e pureza singular dariam esplendor a qualquer museu de arte e archeologia.

GABRIEL PEREIRA

INSCRIPÇÕES EM VERSOS LEONINOS DE PORTUGAL *

SANTAREM

7—Na egreja de S. João de Alporão («Nesta Igreja» Cardoso) hoje Museu Archeologico, na parede da Capella mór por cima d'um arco destinado a conter um tumulo.

ERA M̃ CC̃ XL̃V X̊ KL̃Y MR̃ E. 1245 p. C. 1207
CII OBIIT FRATER ALFONSUS
MAGISTER HOSPITAL̃ IHR̃L̃EM
QS: QS: AD̃SQ MEORT CADIS PLEGE PLORA
5 S·VM QVOD ERIS FVERAM QVOD *ES PRO* ME PORECORA

Quisquis ades, qui morte cadis, perlege, plora;—
Sum quod eris, fueram quod es; pro me, precor, ora.

Lettras: *monachaes* e *romanas* misturadas.

Li com difficuldade a parte central das tres ultimas linhas, e tirei calco.—Fr. Ant. Brandão, *Mon. Lusit.*, III, p. 158 (dá só os versos); Cardoso, *Agiol. Lusit.*, II, p. 15 (que põe os versos no começo); D. Thom. da Encarnação, *Hist. eccl. Lusit.*, III, p. 275; Sousa, *Hist. Geneal.*, I, p. 62; A. J. Moreira, *Coll. de inscripções* ms. (Bibl. da Acad. R. das Sc. de Lisboa), VI, f. 106. Todos com orthographia arbitraria.

l. 1 *in Era M CC XXXX V Kalendis Martii* Cardoso; IN ERA M.CC XXXV KALENDIS Encarnação; l. 2 *F.* Cardoso, Encarnação. l. 5 *ES PRO* são hoje illegiveis.

D. Affonso, filho bastardo de D. Affonso Henriques, foi o undecimo mestre da ordem de S. João, de Rhodes, eleito em 1194, succedendo a Godofredo Duison. Tendo renunciado a dignidade, passou a Portugal.—Veja Sousa, *Hist. Geneal.*, I, p. 61-62.

* Continuado de pag. 163.

EVORA

S — Na Sé, «na mesma Capella mór» Cardoso. Hoje na capella do Santissimo.

QUĀ : LOCUPLETAŪ : ꝑECB⁹ : EDIFICAŪ
HĀC : PRESUL : SEDĒ : DURĀD⁹ : Q̄TENꝝ : EDĒ
sic HŪC : SVBLIMAŪ : SAL$^{U}_{A}$T$^{O}_{R}$: ꝛ ĪCIP̃AŪ
sic LUT⁹ : ABSQꝝ : M$^{O}_{R}$A : P$^{L}_{A}$CITI : S̄ : P$^{O}_{S}$TĪ$^{O}_{R}$A
5 C$^{E}_{R}$NĒTES : LAPIDĒ : D$^{I}_{C}$ĀT : D̄S̄ : HIC : MR̄E sic
NOSCĒTES : UE : Q̄D̄ : UENIĒT : AD : IDEM
ANNIS : MILENIS : T̄ : CĒTŪ : ꝟS : Q̄ꝝ : DĒIS
UNO : DECESSIT : APLIS : LUCE : SECŪDA E 1321 p. C. 1283

Qua(m) locupletav(it),—p(re)cib(us) edificav(it),
Ha(n)c, presul sede(m) — Dura(n)d(us) q(ua)ten(us), ede(m) :
Hu(n)c subl[l]imav(it) — salvator, et i(n)cip[i]av(it)
Lu[c]tu(s) absq(ue) mora; — placiti s(int) post(er)iora
5 *Cerne(n)tes lapide(m) — dica(n)t: D(eu)s huic m(isere)re,—*
Nosce(n)tes v(er)e — q(uod) venie(n)t ad idem.—
Annis millenis — t(er) ce(n)tu(m) bis q(u)o(que) de(n)is
Uno decessit, ap(r)ilis luce secu(n)da.

Durão edificou esta capella, que enriqueceu com preces, emquanto prelado d'esta Sé; o Salvador sublimou-o [chamou-o a si], e logo começou o [nosso] lucto. Serão tidos em agrado os que de futuro, vendo esta lapida, disserem «*Deus, compadece-te d'elle*», reconhecendo que hão de chegar ao mesmo [estado em que elle está]. Falleceu no segundo dia de abril do anno [era] de mil tresentos vinte e um.

Lettras: *monachaes.*

Li d'um calco que me deu Gabriel Pereira e d'um molde em gesso hoje existente na Bibliotheca Publica de Lisboa.—Cardoso, *Agiol. Lusit.*, III, p. 368; Fonseca, *Evora glor.*, p. 215; D. Thom. da Encarnação, *Hist. eccl. Lusit.*, IV, p. 24 (de Fonseca); M. da C. Pereira Coutinho, *Arch. Pitt.*, XI (1868) p. 356; Moreira, *Coll. de inscr.* ms. III, f. 683 v.

l. 1 *Quã : locupletaũ : pop* : Cardoso; *pro viribus* Moreira;

l. 2 *Durandus:q̃ tenz:edẽ*: Cardoso; *q:ten:edẽ*: Fonseca; *Durandus:quem:tenet*: (sic) Coutinho [que omittiu *edem*]; *qui*: *tenet*: Moreira; l. 3 *hũc:sublimaũ:Saluator:&incoau*: Cardoso; *inchoav*: Fonseca; *hunc:sublimatum:salvator:et incipiavit* Coutinho; *inchoavit* Moreira; l. 4 *luct:absq̃;:mora:placiti:s:postiora*: (sic) Cardoso; *luctus*: Fonseca; *lutus:absque:mora:placiti:sic:posteriora*: Coutinho, Moreira; l. 5 *Deus:hinc:miserere*: Coutinho; l. 6 *veniem* Fonseca; *noscentes:vere:quid*: Coutinho; l. 7 *milenis tev centum bis:q̃; deis* Cardoso, Fonseca; *bis:que denis* Coutinho, Moreira; l. 8 *Vno* Cardoso.

Fonseca traduz: «Esta Capella, que o Povo Eborense enriqueceu com as suas dadivas, foy fundada pello Bispo D. Durando, que Deus levou para si com grande sentimento nosso aos dous de Abril da Era de 1321. Todos os que virem esta pedra, lembrados de que tambem hão de morrer, lhe digão hum Miserere pella sua alma.» Coutinho verte: «Aos 2 de abril do anno de 1321, chamou o Salvador para a gloria o prelado Durando, que edificou e enriqueceu por meio de esmolas esta sé. Todos voluntariamente se vestiram de luto. Assim, todos os que de futuro virem esta lapida, e os que d'ella tiverem conhecimento, digam: Ó Deus, tende misericordia d'elle.»

Eis as menções que encontro do bispo D. Durão: 1.º no foral dos moiros d'Evora de 16 de agosto de 1273 confirma «Domnus Durandus Elborensis episcopus» (G. Pereira, *Doc. hist. da cid. d'Evora*, 1.ª parte, p. 24); 2.º num instrumento de doação e venda de 3 de abril de 1275 confirma «Domino D. Episcopo Elborense» (Id., *ibid.*, p. 25); 3.º num instrumento de 11 de dezembro de 1303 diz-se: «nós Cabidoo d'Euora pometemos e obrigamonos e nossos successores a manteer hun capelam... que cante cada dia missa de requiem... por elrey dom affonso, por elrey dom denis, e polo bispo dom domingos jardo e polo bispo dom duram» (Id., *ibid.*, p. 46); 4.º no *Livro dos herdamentos do cabido* feito no anno de 1321, lêem-se duas allusões ao «marmoyral do bispo Dom Duram» (Id., *ibid.*, p. 42) e a seguinte nota: «Renembrança das capellas que o cabidoo devea manteer. Primeiramente a capella do bispo dom duram paaez por sa alma... e hu ferregeal... en que ja o dicto bispo começára de affazer vinha e olyual» (Id., *ibid.*, p. 45).—Em 6 de fevereiro de 1286 já era bispo de Evora Dom Domingos Annes conforme se vê d'outro documento «Dom Domingos Johannes bispo dEvora e chanceller delRey dom Denis» (Id., *ibid.*, p. 33). Este Dom Domingos Annes Jardo passou da egreja de Evora para a de Lisboa em 1289 por confirmação de Nicolau IV. No do-

cumento n.º 3 nota-se a mistura dos fallecidos D. Affonso III e D. Durão com os vivos D. Dinis e D. Domingos Jardo. Mas não é razoavel suppor que D. Durão ainda fosse vivo no anno 1321 (doc. n.º 4) porque nesse caso teria voltado a succeder ao seu successor. Tudo isto vem para estabelecer que o *annus* corresponde nesta inscripção a *era*; sendo provavel que ao auctor conveiu mais tal emprego para a composição do verso.—Vej. (sobre D. Durão Paes) D. Rodr. da Cunha, *Hist. eccl. de Lisboa*, p. 199, Santa Maria, *Chr. dos cong. reg.* II, p. 231, e Fonseca, *Evor. glor.*, p. 215.

LISBOA

Junta-se-lhe *Chellas*

9—No antigo mosteiro de S. Domingos. «Versos latinos abertos de letra gotica em huma pequena pedra sobre a porta das graças» Sousa; «Sobre a porta que vay pera o claustro» Brandão.

STRENVVS ALFONSVS — REX QVINTVS PORTVGALLENSIS —
ILLVSTRIS DOMINVS — COMITATVS BOLONIENSIS
QVI DILATAVIT — REGNVM PATRIS ET REPARAVIT —
AC EXTIRPAVIT — PRAVOS HOSTES SVPERAVIT
5 ISTIVS ECCLESIE — IECIT FVNDAMENTA MAGNIS —
SVMPTIBVS EGREGIE — COMPLEVIT QVINQVE BIS ANNIS
ANNOS MILLENOS — DOMINI DECIESQVE VIGENOS — p. C. 1249
AC QVINQVAGENOS — MINVS VNO COLLIGE PLENOS
CVM REX INCIPIENS — OPVS HOC PRODVXIT INESSE —
10 ANNOS TRES FACIENS — EX QVO REX CEPERAT ESSE

Fr. Luis de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, I, p. 314; fr. Ant. Brandão, *Mon. Lusit.*, IV, p. 167; Nunes de Leão, *Chron. dos reis de Portugal*, f. 67.

l. 1 *Portugalensis* Sousa, Brandão; l. 2 *Bononiensis* Leão; l. 5 *fundamina* Leão; l. 7 *vicenos* Sousa; l. 9 *in esse* todos.

O mosteiro de S. Domingos da ordem dos prégadores foi fundado por D. Sancho II, que lançou a primeira pedra em outubro de 1241; D. Affonso III mandou fazer a egreja e D. Manuel o dormitorio. Foi destruido pelo terremoto do 1.º de novembro de 1755. —Vej. Sousa, *Hist. de S. Domingos*, etc.

10—Na Sé «dentro na porta travessa.... mais chegado ao Pulpito, da banda do mar, reformado por estar muyto gastado, por chronicas de França, & por outro que está fora da porta principal da mesma Sè, que dizem» Andrade. Está hoje na galilé, na parede á direita de quem entra; na parede fronteira a esta, existe uma transcripção feita em 1645, que não reproduz a orthographia do original.

TŪC : ĀNI : DN̄I : CŪ : CĒTUM : MILLE : NOTĀTUR :
CŪQꝫ : Q̃TERDEĪS : Q̃TUOR : ATQꝫ : TBUS : p. C. 1147
CŪ : P : XCOLA : Ē : URBS : ULIXBŌA : CAPTA :
ET : REDDITA : P : EŌ : FIDEI : CATHOLCE :

ERA : M : FUIT : HOC : DECIESQꝫ : UIGENA :
V : DECĒ : DĒPTS : IN : CSPINI : QQꝫ : FESTO : E. 1185

Tu(n)c an(n)i d(omi)ni cu(m) ce(n)tum mille nota(n)tur
Cu(m)q(ue) q(ua)terde(n)is q(ua)tuor atq(ue) t(r)ibus,
Cu(m) p(er) c(hrist)icolas e(st) urbs ulixbo(n)a capta
Et reddita p(er) eos fidei catholice.
Era m(ille)na—fuit hoc deciesq(ue) vigena
Q(uinqu)e dece(m) de(m)ptis in c(r)ispini q(u)oq(ue) festo.

Lettras: *monachaes.*

Li do original.—M. Leitão d'Andrade, *Miscellanea*, p. 50; Azevedo, *Fund. de Lisboa* IV, p. 241; J. P. Ribeiro, *Diss. chron.*, II, p. 14 e 116; L. D. Villela da Silva, *A sé de Lisboa* (*Rev. Univ. Lisbon.*, XIII [1857] n.º 2 p. 7); V. de Castilho (Julio), *Lisboa antiga*, 2.ª part., III, p. 302. Todos copiaram a transcripção de 1645, pelo que só dou as variantes de importancia.

l. 6 *V. decem* Villela (que traduz *inde*); *unde* Andrade, Ribeiro, Marinho.

A data da tomada de Lisboa que dá a inscripção concorda com o testemunho dos documentos escriptos.

11—Na Sé. No «antigo sino do Relogio, mandado fazer por elRey D. Fernando, e pelo Cabido, e homens bons. Era cercado com tres circulos de letras gothicas bastantemente damnificadas, e nos vãos que ficavão entre os letreiros tinha diversas armas da mesma sorte consumidas do tempo, e alguns sellos egualmente ar-

ruinados. Tinha este sino d'altura até ás prezilhas 7 palmos e 1 ½ pollegadas. De diametro pela parte exterior 8 palmos e 1 ½ pollegadas. De diametro pela parte interior 6 palmos e 5 pollegadas. E de circumferencia pela parte exterior 24 ½ palmos. O 1.º letreiro junto ás prezilhas era da forma seguinte:» Moreira [Morganti]

a HEC IN CAMPANA — DICVNTVR COMMODA SANA
LAVDO DEVM VERVM — VOCO PLEBEM CONGREGO CLERVM
DEFVNCTOS PLORO — SATAN FVGO FESTA DECORO

b «2.º lettreiro»

ANGELE QVI MEVS ES CVSTOS PIETATE SVPERNA —
ME TIBI COMMISSVM SANA DEFENDE GVBERNA
MENTEM SANCTAM SPONTANEAM HONOREM —
DEO ET PATRIE LIBERATIONEM

c «3.º lettreiro, em portuguez»

EN NA ERA DE M CCCC XV ANNOS FOY FEYTO ESTE SINO DO RE- E. 1415 p. C. 1377
LOGIO [DA] MUY NOB(RE) CIDADE DE LIXBOA POR MANDADO DO
MUY NOBRE REY DOM FERNANDO DE PORTUGAL ET DO MUYTO
HONRADO CABIDO DA DICTA CIDADE DE LIXBOA X DOS HOMES
5 BOOS [DA] DICTA CIDADE MAISTRE IOHAM FRANCES ME FES

Moreira (que copiou de Morganti como diz: «Está conforme letra por letra com a descripção que o Beneficiado Bento Morganti fez deste sino a pag. 25 a 31 da 1.ª Collecção dos Papeis Anonymos, Anno 1754» [aliás *O Anonymo*], que debalde procurei na Biblioth. Publ. e na Biblioth. da Acad.) *Coll. de inscr.*, III, f. 622 v. a 623; L. D. Villela da Silva, *A Sé de Lisboa* (*Rev. Univ. Lisb.*, XIII [1857] n.º 21 p. 8 e n.º 22 p. 8) que copiou evidentemente Morganti e dá duas leituras; V. de Castilho (Julio), *Lisboa antiga*, 2.ª part., III, p. 297 («segundo Villela e outros» como diz).

a l. 1 *Sxe* : *mtanipana* : *dicuntur* : *como* : *da* : *sana* Moreira [Morganti]; *Sxe mtanipana* (ou *intanipana*) *dicuntur como da sana* (ou *jana*) Villela; Castilho omittiu. G. Pereira indicou-me *campana*. Houve no original CÕMO : DA. l. 2 *voco* : *pou* : *lum* Moreira [Morganti]; *laudo de um* (ou *Deum*) *ueram uoco populum* Villela; PLEBEM VOCO Castilho. Houve no original PLE : BEM. l. 3 *stham* : *fugo* : *festa* : *decoao* Moreira [Morganti]; *stham* (ou *sathan*) *fugo festa decora* (ou *festa de coro*) Villela; SATTAN Castilho. Houve no original SATAN provavelmente.

b l. 1 *suprema:* Villela; ANGELE QVI MEVS CVSTOS PIETATE SVPREMA Castilho; l. 2 *me* : *tibi* : *comi* : *sum* : Moreira [Morganti], Villela; ME TIBI.....SANA Castilho; Houve no original CÕMI : SVM ou CÕMISSVM l. 3 *santam* : *spontaneam* : Moreira [Morganti], Villela; SANCTAM Castilho; l. 4 *et* : *patr e* (sic) *liberationem* Moreira [Morganti]; *et:patrie:et:liberationem* Villela; ET PATRIAE LIBERATIONEM Castilho.

c l. 1 *mil* : *III* : *ccc* : *e* : *XV* : *annos* : Moreira [Morganti]; *mil: III : ccc : XVe :: anno* (sic) Villela; EN A ERA DE M III CCC XV ANNOS FOY ESTE Castilho; *Portuga et* : Moreira [Morganti]; l. 3 *Portugal:et:muito honrado:cabido:da:dita:cidade:* Villela; l. 4 *x dos homes boos* : *dacta* : *cidade* : Moreira [Morganti]; Villela e Castilho omittem; Houve no original DADTA : (da dicta) ou abreviatura similhante. *martre* : *Ioham* : *Francez* Moreira [Morganti]; *Ioam* : *Frances* Villela; MAITRE IOAM Castilho.

Sobre as inscripções dos sinos veja-se principalmente Heinrich Otte *Glockenkunde,* Leipzig, 1884.— Com *a* l. 1 cf. *Ubi campana resonat, sint omnia sana* (Otte, *Glock.* p. 123), *Aes haec campana depellat singula vana* (Id., *ibid.*, p. 126), etc.; l. 2–3 *Laudo deum verum*, etc. é citado por Gerson *Tract. I de Canticis*, e é frequente em sinos com muitas variantes. Em *b* l. 1–2 oração do anjo Custodio; l. 3–4 *Mentem sanctam spontaneam*, etc. palavras da lenda de Sancta Agueda de Catania, muito frequentes nos sinos do fim da edade media. Em *c* l. 5 note-se o fundidor francez *mestre João*, que vivia em Portugal em 1377, não sendo provavel que o sino osse mandado fazer em França, pela difficuldade do transporte.

12 — No mosteiro de Chellas, «na parede da egreja, á parte do Evangelho» Martyres.

IVSTA A CRVCE DICTA — IVSTA NOMINE ET VITA —
IACET HIC A NECE EXTINCTA
PRIMA FVNDATRIX — ET OPTIMA CONTEMPLATRIX —
AT NVNC IN CELO EST PRO NOBIS AVXILIATRIX

D. Timotheo dos Martyres, *Principio Fundação Vnião Reformação e Progresso dos Mosteyros da Ordem Canonica da Congregação do Real Mosteyro de Santa Crus da Cidade de Coimbra* ms. (citado por A. M. Simões de Castro no *Arch. Pitt.*, VII, [1864], p. 408–409); D. Thom. da Encarnação, *Hist. eccl. Lusit.*, III, p. 177.

Eis o que ácerca de Justa da Cruz diz D. Timotheo dos Martyres no seu ms.:

«He de saber que entrada a Cidade de Lisboa em 25 de Outubro da Era de M.c.l.xxx.v=que he Anno, 1147=pelo valoroso Rey Dom Affonso Henriques, e lansados os Mouros fóra, mandou logo purificar as Igrejas que ainda avia em pé na Cidade, e fóra della pelo nosso Arcebispo de Braga Dom João Peculiar, foy huma a Igreja de São Felix de Chellas. Tinha esta Igreja uma claustra ẽ cujas paredes avia algumas cruzes similhantes ás que avia na Igreja, pello que mostrava fóra sagrada. Por estas cruzes, claustra. e officinas que ao redor della estauão quasi arruinadas, entendeu o Arcebispo, que naquelle lugar ouvera antes mosteiro. Comunicando isto com elRey Dom Affonso Henriques, e com o novo bispo D. Gilberto, assentarão se restaurasse este mosteiro á honra dos Santos Martyres que segundo a tradição antiga alli estauão sepultados. Restaurado, e reedificado o antigo mosteiro de Chellas, escreveu o Arcebispo a Coimbra ao Padre Santo Theotonio, e com licença sua vierão do mosteiro das Donas de São João pera este de Chellas tres religiosas Conegas, e pera Prioressa sua irmã Justa Rabaldes, que se chamava, da Crus; conega do mesmo mosteiro. Acompanharão a estas quatro religiosas alguns Conegos do mosteiro de Santa Crus pera ficarem com ellas neste mosteiro de Chellas, aonde logo se lhe foram ajuntando outras Senhoras, que ahi forão tomando o nosso Santo habito Canonico. Tudo isto consta de escripturas antigas dos nossos cartorios.

«A primeira Prioressa deste insigne mosteiro de São Felix de Chellas, foy a madre Justa Rabaldes da Cruz, como a sima dissemos, e não consta os annos que governou, nem quando faleceo, que parece foy santamente. Na Era de M.cc.l.v=que he Anno de 1217=Dom Sueiro Viegas Bispo de Lisboa começou a reedificar este mosteiro, acressentando-o em edificios, descobriu então na claustra a Sepultura desta Santa Prioressa, a qual tinha este epitaphio:...

«O mesmo Bispo Dom Sueiro Viegas mandou passar seu sepulchro pera a Igreja e o meteo na parede á parte do Evangelho com a mesma Pedra do Epitafio, da qual o tresladou o Padre Dõ Theotonio de Mello conego do real mosteiro de Santa Crus, no Anno de 1604 e o deixou em suas memorias. Dahi a outo annos, no Anno de 1612 se cobriam as paredes desta Igreja de Azulejos, cobrindo com elles por inadvertencia huma memoria digna de grande resguardo e veneração».

(Continúa)

BORGES DE FIGUEIREDO

O *PAINEL DA MISERICORDIA*

Sob o n.º 379, epigraphe — *Compromisso da Misericordia de Lisboa* —, Innocencio Francisco da Silva, no *Diccionario bibliographico portuguez*, dá conta de *tres* edições d'este *Compromisso*, pela seguinte ordem:

«Lisboa, por Antonio Alvares, 1640, fol. de 39 folhas. *E novamente ordenado e approvado* por alvará de Filippe III de 19 de maio de 1618

«*Ibid.*, por José da Silva Natividade, 1745, fol. de 42 folhas.

«*Ibid.*, na Typ. de Bulhões, 1818.»

Declara mais Innocencio que, podendo haver, afóra estas, mais algumas edições, ainda as não viu.

Os exemplares de diversas datas que ha na Bibliotheca Nacional são *sete*, e vamos descrevel-os.

A ordem chronologica d'esses exemplares é a seguinte:

1.º Em Lisboa, por Pedro Craesbeeck,— 1619. No fim, o alvará de approvação, a que o erudito bibliographico se refere, e que começa «Eu El-Rey faço saber, &... que eu vi o Compromisso atrás escrito, *que hora novamente se ordenou*[1] pera regimento, & governo da Irmandade da Casa da Misericordia d'esta Cidade de Lisboa.....» Data, 19 de maio de 1618.—Gravura em madeira no frontispicio.

2.º Em Lisboa, por Antonio Alvares,— 1640. Exemplar em tudo egual ao antecedente. A gravura do frontispicio, executada em madeira, tem leves differenças da anterior.

3.º Em Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor d'El-Rey N. S.,— 1662. Exemplar egual aos precedentes, ainda que em melhor papel. Nova gravura, arremedo das anteriores.

4.º Em Lisboa, na officina de Francisco Villela,— 1674. Outra gravura, nas circumstancias das antecedentes. No mais, nada ha que implique alteração de formato, typo, etc.[2]

---

[1] O proseguimento da narrativa nos dirá a rasão do italico.

[2] Merece, todavia, menção especial a tarja do alto da primeira pagina. Se entre nós se désse attenção a estas cousas, se houvesse escola de fundição de ma-

5.º Em Lisboa, na Imprensa de Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio,—1704. Excellente papel; pormenores, os mesmos. Da chapa em cobre, falaremos detidamente em seu logar.

6.º Lisboa Occidental—Officina de Manuel Fernandes da Costa Impressor do Santo Officio—1749. Gravura em madeira. Offerece differença este exemplar dos precedentes em dois pontos: 1.º são paragraphados todos os periodos; 2.º certas disposições são annotadas em italico, á margem; isto é registram-se as ulteriores resoluções da Junta da Misericordia ácerca de pontos não previstos nas disposições repectivas. Assim, no cap. 40.º, ao § 2 está attribuida a seguinte annotação: *Livro 4 dos Accordãos, fol. 124 v.º e 187 em que se prohibio serem habitadas estas casas* (as do Hospital de Todos os Santos) *mais que dos Provedores e Enfermeiros Mores*[3].

7.º Lisboa—Typographia de Bulhoens—1818. Annotado e paragraphado como o antecedente, estylo que se ficou seguindo, ou já vinha de alguma reimpressão anterior a 1745. Da gravura falaremos em seu logar.

Vê-se portanto, que entre a reimpressão de 1704 e a de 1749 ha outra, a de 1745, citada por Innocencio, e que a Bibliotheca não possue[4]. Em troca, ha neste estabelecimento *quatro* exemplares da edição de 1619, dos quaes, um pertenceu á Casa de S. Roque, outro á Livraria de Alcobaça, não tendo os dois restantes indicações de anterior proprietario. O exemplar de 1674 pertenceu á livraria publica do Collegio de Santo Antão; no de 1749 ha uma cóta que diz ter pertencido esse exemplar ao irmão da Santa Casa, Antonio Rodrigues Maya, que «tomou juramento (s. prestou) em 12 de abril de 1740».

Do *Compromisso da Misericordia de Lisboa* ha pois *uma* edição (1619) e *oito* reimpressões, que conheçamos. E possivel que

---

terial typographico, que fizesse mais alguma cousa do que *decalcar* os exemplares dos *albuns* de amostras de fundição franceza e allemã, se isso mesmo merece hoje a pena fazer-se, uma revista geral de tarjas, vinhetas, *culs-de-lampe*, etc., da velha arte typographica portugueza, bem aproveitada e melhorada introduziria certamente na arte nacional hodierna um cunho de originalidade e uma feição *suì generis* de que é bem para sentir a ausencia.

A tarja de que se trata, melhorada no desenho das figuras, seria apropriadissima para qualquer imitação moderna da impressão seiscentista. Tambem não é de todo má, e está no mesmo caso, a da primeira pagina da edição de 1640.

[3] D'estes Livros dos Acordãos apenas existe o 2.º Os mais devorou-os o incendio que se seguiu ao terremoto, salvando-se este, provavelmente por estar fóra do archivo.

[4] É justamente um dos exemplares d'esta reimpressão que nós adquirimos para nosso uso, e é n'esta que se dá a prioridade do systema de annotações e assignalagem de paragraphos. Fallaremos da gravura do seu frontispicio a seu tempo.

na livraria da Academia e porventura em outras do paiz existam mais exemplares de outros annos, não sendo improvavel que no Archivo da Santa Casa da Misericordia se guarde algum jogo completo, de que nos não informámos.

O caracter geral de todas estas impressões é a uniformidade. Todas teem, pouco mais ou menos, o mesmo formato, exceptuando a de 1818, que por outros motivos que diremos se excepciona tambem, e se singularisa até; todas o mesmo singelo frontispicio; todas a gravura, que outra cousa não é senão o chamado *Painel da Misericordia*. Esta ultima circumstancia é notavel, porque conhecendo-se pela variedade das chapas que não havia a previdencia de guardar uma, para servir nas subsequentes impressões, vê-se que não se queria, todavia faltar a uma especie de *preceito* para que a gravura não deixasse de figurar em todas,

É evidente o motivo da amendação d'estas reimpressões, a que rigorosamente se não póde dar a cathegoria de edições. A Irmandade era numerosa: 620 irmãos; as reimpressões limitadas, provavelmente. Cada individuo que assentava por irmão recebia o seu exemplar; e o mesmo se pratica ainda hoje, como é curial, e todos os corpos collectivos. De tantos em tantos annos exgotava-se o deposito, e a Mesa mandava fazer nova tiragem. É mais que provavel que entre a edição de 1619 e a reimpressão de 1640 não haja nenhuma outra impressão, e que o mesmo aconteça entre esta e a seguinte, de 1662. Os dous periodos são, com pequena differença eguaes, e podem bem applicar-se, na sua totalidade de vinte annos cada um, a duas gerações de irmãos da Santa Instituição. O terceiro periodo, que vae de 1662 a 1674, treze annos cumpridos, póde comprehender o renovo do resto das vagas que a morte causaria na geração de 1619. Não é impossivel, com effeito, que um certo numero de irmãos dos mais novos d'esse anno viesse a extinguir-se em 1674. Assim, temos que se podem considerar seguidas reimpressões á edição de 1619 as de 40, 62 e 74. D'aqui por deante, se as cousas se passaram com regularidade, devem ter-se dado outras reimpressões, além das notadas neste estudo.

Passaremos agora ao exame das gravuras, principal objecto d'estas modestas notas.

GOMES DE BRITO

INVENTARIO DOS OBJECTOS DE ARTE E DE ARCHEOLOGIA EM PORTUGAL

Algumas disposições da lei organisadora do Ministerio de Instrucção Publica e Bellas-Artes (*Diario do Governo*, n.º 134 de 17 de junho: Carta de lei, de 7 de agosto, publicada no *Diario do Governo*, n.º 184, de 16 de agosto de 1890), excitaram a attenção dos estudiosos e amadores de Arte e Archeologia.

Teremos emfim algum impulso n'estes importantes ramos da Instrucção Publica? trata-se a sério do ensino artistico, da inspecção e conservação dos monumentos, do racional agrupamento de tanta cousa dispersa? estará o poder resolvido a fazer estudar o que temos, preparando e educando o espirito publico para tornar impossivel a repetição do vandalismo *Madre-de-Deos*, do desastre *Jeronymos*?

Estes dois nomes, no pequenino reino da nossa Arte tão dolorosamente significativos, lembram sempre como duas demonstrações brutaes do perigo da incompetencia tantas vezes dominante.

Estraga-se o pouco que ha, e perdem-se meios por falta de conhecimentos seguros, ou por mal dirigida intenção.

Mas agora ouvimos falar em «serviços de inventariação, guarda e exposição dos monumentos historicos nacionaes: no estudo dos exemplares ainda existentes da antiga arte portugueza», com uma causa e fim superiores, e em «cuidarmos de salvar os seus restos restaurando e fortalecendo as tradições artisticas nacionaes espalhadas aqui e além em obras de altissimo valor».

Inventariação de monumentos, estudo dos exemplares da antiga arte portugueza são assumptos que importam á archeologia tambem.

Tanto em bellas-artes como em archeologia se precisa saber do que existe, do que temos. Falamos de arte, de antiguidades, e na grande maioria ignoramos os monumentos que possuimos. É o espirito publico, a gente culta mesmo, não possue elementos para julgar. Ignoramos muito e serão precisos esforços bem calculados, perseverantes, para sacudir a inercia habitual, singela, ou combinada com affectado desdem.

Precisamos elementos de estudo, informações; sem material bom, de confiança, não se ergue construcção que preste. Para a historia reunem-se documentos; para o estudo das artes e archeologia as collecções de objectos, as publicações especiaes, os inventarios. N'isto como em outros ramos de conhecimentos; Darwin não teria produzido os seus livros fecundos sem a copia de informação fornecida pelas associações, pelos clubs, pelos mais limitados creadores.

Temos uma vantagem, o tamanho do paiz; alguns homens de boa vontade dedicados a determinado ramo de estudo em pouco tempo conhecem ou reunem os elementos do seu ramo.

Sem difficuldade tambem se poderia reunir o que está disperso, perdido, sepultado nas publicações periodicas; as noticias de achados, as descripções de monumentos abundam nas publicações mais conhecidas; e tambem em algumas obscuras; todos sabem da enorme copia de noticias e documentos de valor historico archivada no *Conimbricense*; poucos talvez que no antigo *Liberal*, de Vizeu, se encontram noticias precisas para a historia e archeologia da Beira Alta.

Não é de ha muito que em França se trata desde importante assumpto tão simples: saber o que ha em questão de arte e archeologia. O impulso começou em 1856; houve embaraços, hesitações; por fim largaram processos academicos, commissões rhetoricas e rotineiras, adoptaram caminhos mais simples e directos, e o trabalho feito nos ultimos quinze annos é devéras surprendente.

No relatorio do marquez de Chenneviéres, director das Bellas-Artes, ao sr. de Fourtou, ministro de Instrucção Publica, se conta do começo deste trabalho.

Em 1856, no *Congrés des Sociétés savantes des departements* apparece o projecto do inventario das riquezas d'Arte da França. Este vasto trabalho, diz Chenneviéres, dará luz aos thesouros das collecções nacionaes, dos museus das provincias (em França, note-se bem, não se pensa em despojar as provincias dos seus objectos artisticos; trata-se sim de os conhecer, de demonstrar que elles formam riqueza publica, de os respeitar e vigiar). O inventario dará «base e material inexgotavel ás indagações e estudos dos sabios; offerecendo a artistas e eruditos o reportorio tão completo quanto possivel das pinturas, esculturas, curiosidades, dos tempos remotos até nossos dias».

A França, diz o relatorio, a propria França ignora as suas riquezas.

As primeiras tentativas foram incertas; pouco a pouco removeram difficuldades e morosidades promovidas em parte pela gente official, e tambem por alguns sabios d'estes que tudo querem muito

acabado e cinzelado, principio optimo em certos casos mas frequentemente levando ao parcial, e ao nada.

Por fim assentou-se em pôr de parte o erudito minucioso carregado de dissertações; adoptou-se o systema mais singello possivel, o puro inventario, e começaram sem tardar a impressão dos inventarios parciaes, á medida que iam sendo recolhidos, juntando-lhes indices dos nomes de artistas e localidades.

Os trabalhos entram na commissão, que depois de leitura os entrega á sub-commissão encarregada de os publicar.

Occupam-se só dos estabelecimentos publicos. As obras d'arte perdidas ou destruidas são mencionadas na noticia historica, mui concisa, que precede o inventario dos monumentos. As monographias dos monumentos publicos de Paris publicam-se separadas das provinciaes.

Dirigiu-se uma circular, breve e precisa, aos directores e conservadores dos museus, bibliothecas, palacios do Estado, e ás sociedades scientificas ou litterarias da provincia. Formulou-se um questionario sobre pinturas, desenhos, esculpturas, esmaltes, joias, pedras gravadas, faianças, vidraças, marfins, bronzes, medalhas, moveis, entalhados, bordados, rendas, tapeçarias, miniaturas, e monumentos religiosos.

Para estes ultimos fizeram instrucções especiaes, com uma planta typo de um templo, para ensinar a nomenclatura das differentes partes da construcção, e indicar a ordem a seguir na descripção.

O resultado d'esse grande inquerito tem sido optimo. Um relatorio recente informa «de toutes parts des monographies d'edifices religieux, de musées, de bibliotheques, d'hotels de ville, de monuments historiques et de palais parviennent á la Commission de l'Inventaire».

Estão em publicação as differentes series de que vou indicar os primeiros volumes.

Paris. Monuments religieux. 1877.

Paris. Monuments civils. 1880.

Archives du musée des monuments français. 1883.

Province. Monuments civils. 1878.

Province. Monuments religieux. 1886.

É enorme o material de estudo reunido n'estes trabalhos. A commissão não se occupa de epigraphia, monumentos prehistoricos, etc., porque ha outras commissões para esses serviços. Mas em Portugal não vejo difficuldade em agrupar esses differentes ramos no mesmo inquerito; quem descrever as esculpturas, as alfaias, os paramentos de uma egreja pode copiar as inscripções ou moldal-as em papel. O inventario dos monumentos prehistoricos,

romanos e medievaes, dos castros e castellos, dos achados e das collecções, com alguma boa vontade poderá conseguir-se facilmente.

Os parochos serão excellentes auxiliares n'esse trabalho, e em muitos casos, entre nós, serão os informadores mais seguros.

Sem procurar exemplos longe dos arredores de Lisboa, no estreito limite de passeios domingueiros, tenho conhecido quanto em geral se ignora, se desconhece das nossas preciosidades artisticas e archeologicas; vou apresentar alguns exemplos.

A egreja da Luz tem sido visitada por muitas pessoas competentes e todavia existem ali alguns objectos notaveis que nas descripções publicadas não vejo mencionados.

O retrato da infanta D. Maria, a fundadora, é preciosa pintura pela representação minuciosa das joias, dos bordados, do vestuario: é um valioso documento.

O que existe da egreja é apenas a capella-mór e o cruzeiro, ornados de estatuas e quadros de merecimento, geralmente conhecidos, e que muito importam á arte portugueza: mas no altar-mór ha mais que ver; parece que os relevos que o ornam foram ali applicados, não destinados de seu principio para aquelle fim; seis relevos altos e finos da primeira renascença, representando a verdade, a fé, a justiça, a lei, a medicina, a astronomia, me parece, entre outros pequeninos relevos que são verdadeiras joias de elegancia e execução. Um d'estes representando Hercules com o leão e o centauro é bellissimo trabalho. Devem comparar-se estas peças com algumas do portico occidental dos Jeronymos.

No altar de N. S.ª do Cabo, na mesma egreja da Luz, ha um frontal com o brasão da infanta, que embora um tanto arruinado é exemplar precioso de tecido e bordado do seculo XVI.

Na capella do collegio militar o quadro do altar allude á fundação do edificio, outra pintura com duplo valor artistico e historico, e ahi se vê outro retrato da infanta fundadora que merece muita attenção.

Sacavem com as suas quintas viçosas, lindas vistas, frescos arvoredos, proporciona um passeio agradavel de algumas horas. Aquella situação no angulo formado pelo Friellas com o Tejo devia de ser reparada por antigos povos: um monte na confluencia de dois rios tem defeza natural em dois lados e basta uma trincheira de rio a rio para a fortificação estar completa. Ha noticias de antiguidades romanas e arabes, e dos primeiros tempos da monarchia, e talvez se encontre ainda alguma cousa com exame detido por aquelles sitios. No seculo XVII ainda havia resto da ponte romana, e seria bom verificar actualmente, porque, ainda que só se lhe podesse marcar o sitio, daria ponto de partida para estudar a estrada ou via militar.

Miguel Leitão de Andrada, na sua *Miscellanea* (ed. de 1867, p. 33) menciona esta ponte. Em Baptista, *Chorographia* (vol. IV, p. 747) se cita Francisco de Hollanda a este respeito. Vid. tambem Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, ao tratar de Sacavem.

Ha em Sacavem egrejas de antiga fundação mas tem soffrido muito de terramotos, e dos homens nos arranjos e reconstrucções; e um vasto e nobre edificio que foi mosteiro de freiras franciscanas, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Começou a edificar-se em 1577. D. Sebastião fez mercê «da ermida que estava no logar em que existe agora a egreja do convento», a Miguel de Moura e sua mulher D. Beatriz da Costa; a construcção do convento e da egreja durou muito tempo, de 1577 aos ultimos annos do seculo; é um grande edificio do findar do seculo XVI. Lá estão na verga do côro, nas campas da capella-mór inscripções que lembram os padroeiros da casa, e pessoas de sua familia.

A pia baptismal é deveras curiosa; segundo tradição era a cupula de um mirante pertencente ao mouro governador do castello que alli existiu.

É certamente obra de merecimento artistico; a ornamentação parece-me renascença muito decadente no gosto, no desenho, mas de boa execução; effectivamente a fórma geral d'aquella grande peça de marmore não lembra uma pia baptismal; cupula de mirante não me parece tambem; seria uma taça de jardim, de varanda ou mirante, que Miguel de Moura approveitasse, fazendo-a ornamentar ao gosto da época, para a applicar á sua piedosa fundação?

Corre impressa, e que eu saiba sem contestação, noticia bem curiosa do final do mosteiro. Em 1863 existia uma só freira; não sei porque motivo foi intimada para sair para outro convento: a freira viu no administrador do concelho, no escrivão da fazenda, com seus officiaes maiores e menores, uma taifa mourisca, e recusou sair. Travou-se guerra, mas a freira vendo que mais dia menos dia a punham á força na rua, vendeu quadros, paramentos, alfaias, tudo que lhe quizeram comprar, e saiu bem provida.

Só junto da egreja, atraz da capella-mór, no muro que deita para o rio, vi uma pedra com uma grande espiral esculpida que me parece de grande antiguidade. No caminho directo de Sacavem para Lisboa passa-se pela Portella de Sacavem, e ahi na beira da estrada, fica uma construcção com vestigios antigos, gargulas, janella sobre grandes misulas, uma porta lavrada, seculo XIV talvez, com seu lettreiro — CASA DE S. JOSÉ, 1.ª DE PORTUGAL.

Quanto se tem escripto sobre a Madre de Deus (Xabregas, asylo Maria Pia) e todavia não está ainda estudada competentemente; no côro de cima ha quadros que são de extraordinaria importancia na arte portugueza; os retratos de D. João III e de sua

mulher a rainha D. Catharina, são de primeira ordem, muito superiores aos conhecidos; o quadro da *Paixão* é monumento da arte em geral, um prodigio; e estou convencido que a dama ajoelhada que se vê no canto esquerdo do quadro é retrato da rainha D. Leonor, viuva de João II.

Estas maravilhas que representam um consideravel valor merecem ser bem conhecidas e bem guardadas; estão bem naquelle edificio, alli se tem conservado por mais de tres seculos, mas é preciso tratar um pouco d'aquellas grades e soalhos. Pelos menos que alguem sacuda a poeira, e applique alguns remendos no chão esburacado; porque tanto o côro como a casa que o precede se devem conservar religiosamente.

Os notabilissimos quadros do armario da sacristia estão de ha muito mettidos entre papeis e livros velhos na secretaria. Nem se sabia bem dos assumptos daquellas pinturas tão frescas, felizmente tão bem conservadas.

Não fallemos das barbaridades modernas que iam levando a cabo a Madre de Deus. Sem grande despeza se poderia concertar a antiga egreja hoje profanada, e suas dependencias immediatas; o chão, as janellas, pouco mais, pois os telhados estão bons. Essa parte do edificio, com a grande quadra proxima, que hoje de nada serve, alojaria muito bem um museu de antiguidades nacionaes, que nos não envergonhasse a olhos de entendidos nacionaes ou estrangeiros;—sem luxo ou fausto dispensavel.

GABRIEL PEREIRA

BIBLIOGRAPHIA

ORIGINES DE LA CHASSE, DE LA PÊCHE ET DE LA L'AGRICULTURE par Gabriel de Mortillet.—I. Chasse, Pêche, Domestication.—Paris, Lecrosnier et Babé, 1890.—8.º fig.

Um dos mais profundos conhecedores da sciencia prehistorica, o sr. Gabriel de Mortillet, publicou recentemente, sob o titulo que precede, um notavel trabalho de investigação e analyse. O illustre professor resume nesta obra parte das suas licções na *Ecole d'anthropologie*. O primeiro volume, que annuncio, é consagrado á Caça, Pesca e Domesticação; o segundo, já a imprimir-se, versa sobre a Sylvicultura, Agricultura e Horticultura. Sobre cada um dos pontos, que o primeiro volume comprehende, discorre o erudito auctor com a sua reconhecida competencia.

Na primeira parte, ao passar em revista as primeiras epochas, ficamos conhecendo os cento e onze animaes (mammiferos e aves) que o homem paleolithico caçou, as armas de se serviu, o processo que empregou para curtir as pelles; o mesmo vemos na epocha neolithica e na do bronze, como, para comparação, entre os povos selvagens e nalguns povos historicos (egypcios, assyrios, gregos e romanos). A caça que «é tão antiga como a humanidade» progride lenta mas persistentemente; as armas vão-se multiplicando e aperfeiçoando, e nos fins do paleolithico, começa o envenenamento d'ellas.

A segunda parte, de que é objecto a Pesca, mostra-nos os diversos meios e instrumentos de que o homem se serviu, em varias epochas, para se apoderar dos animaes aquaticos, assim no prehistorico como entre os povos historicos mencionados. Se não se pode dicidir por observações directas que a pesca seja tão antiga como a caça, e portanto como a humanidade, pode todavia affirmar-se «que o homem fossil foi sem duvida pescador nos fins do quaternario; e que elle praticava a pesca d'agua doce como a pesca marinha». No paleolithico apparece só o anzol recto de duas pontas; no neolithico começa o emprego da rede completa.

Na terceira parte, o auctor, contestando com solidos argumentos a domesticação paleolithica, dá-nos larga cópia de interessantes informações sobre a domesticação no periodo neolithico e entre os mais antigos povos historicos. «O cão foi o primeiro animal domestico»; do cavallo não está demonstrado que fosse domesticado na epocha neolithica, embora haja nisso probabilidade, pois apparece muito desinvolvida a sua domesticação na edade do bronze; o boi e a cabra encontram-se domesticados no neolithico.

Comprehende-se facilmente a grande importancia da obra do sr. de Mortillet, producto de longos annos de variadissimas observações e aturado estudo, da applicação continuada d'uma intelligencia robusta e d'um espirito sagaz. No numero dos materiaes, que cita, encontram-se os kjoekkenmoeddings de Mugem e do Cabeço da Arruda, em Portugal. As illustrações do livro, feitas pelo habil lapis do sr. A. de Mortillet, são, como é obvio, um precioso auxiliar para a exacta

comprehensão do texto que é escripto numa linguagem amena, que prende e deleita; o que, a par da importancia do assumpto, mal permitte que se suspenda a leitura. Foi o que me succedeu. Terminando, o sr. de Mortillet formúla uma aspiração de extraordinario alcance, que certamente se realisará.

«A theoria do transformismo, diz o auctor, é claramente apresentada, muito e eruditamente discutida, ardentemente defendida por homens do mais elevado merito, provada indirectamente por uma grande accumulação de factos e de observações; mas falta demonstral-a da maneira mais positiva. É necessario para isso, organisar esperiencias feitas com minucisso cuidado e principalmente continuadas durante um lapso de tempo muito longo, mais longo do que a vida d'um homem. O tempo é um dos mais poderosos factores. A geologia e a palethnologia só teem feito progressos importantes desde que os geologos e palethnologos souberam apreciar este factor. É preciso pois contar com elle nas futuras experiencias. Estas experiencias, discutidas e assentes por pessoas competentes, deveriam ser continuadas de modo regular e invariavel durante longas series d'annos. Para isso é preciso estabelecer um campo de experiencias, com um director e dois sub-directores. Estes, tendo a tradição, succediriam ao director e seguiriam o caminho traçado. Dois sub-directores são necessarios para que a tradição se não interrompa no caso d'uma demissão um d'um fallecimento.

«Isto quanto ás experiencias a longo praso. Mas não é tudo.

«Graças ao transformismo, graças á evolução que é consequencia d'elle, podemos melhorar e aperfeiçoar muito os nossos animaes e plantas domesticos. Poderiamos tambem, muito provavelmente tirar vantagens de numerosos animaes e plantas selvagens. Seria, pois, utilissimo crear um laboratorio de investigação e uma escola pratica de evolução.

«Dir-se-ha que desde muito tempo se modificam, se transformam os animaes domesticos.

«Sim. Mas faz-se isso d'um modo empirico. Importa determinar bem as leis da transformação, formular bem os principios da evolução. É o unico meio de obter melhoramentos mais regulares, mais certos, mais activos, mais completos.

«Sob o ponto de vista da domesticação, todos os grandes progressos futuros dependem d'um conhecimento exacto das leis da evolução e d'uma applicação intelligente d'essas leis.»

E, no seu justo patriotismo, deseja o auctor que em França, e em Paris, se crie a primeira Escola pratica de transformismo e d'evolução.

O sr. de Mortillet fez um immenso serviço com a publicação d'esta sua obra, indispensavel aos que se occupam da sciencia da antiguidade.

B. DE F.

PERIODICOS

ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES LETTRES. Comptes rendus des séances de l'année 1890. Quatrième Série. Tome XVIII. Bulletin de Mars-Avril:

Séances de Mars-Avril.— Communications: X. *Lettre* de M. Geoffroy, directeur de l'École française de Rome.—XI. *Note sur le peuple gaulois des Antobroges*, par M. Maurice Prou.—XII. *Extrait d'une lettre de M. A. Gérard*, ministre de France au Monténégro, adressée à M. Georges Perrot et communiquée par M. Héron de Villefosse.—*Note complementaire*, par M. R. Cagnat.—Livres offerts.

BULLETTINO DI ARCHEOLOGIA CRISTIANA del Commendatore G. B. de Rossi.—Serie Quarta.—Roma

Anno Quinto, N. 1-4 (1887).

Avvertenza.—Nuove scoperte nel cimitero di Priscilla per le escavazione fatte nell'a. 1887.—Conferenze di archeologia cristiana.—La Biblia pauperum e le sue origini antichissime.—Frammento d'elogio storico dei martiri appellati Greci sepolti al secondo miglio dell'Appia.—Gruppo di iscrizioni cristiane trovate nel medesimo luogo, ove fu rinvenuto il frammento dell'elogio dei martiri Greci.—Oratorio e monastero di S. Paolo apostolo alle acque Salvie costruiti da Narseti patrizio.—Campana con epigrafe dedicatoria del secolo in circa ottavo o nono trovata presso Canino.—Memorie e monumenti antichi cristiani di Bieda nelle Tuscia.—Iscrizioni cristiane testè tornate alla luce in Civitavecchia.—Nuove scoperte nelle cemitero de Priscilla, nel luogo ove è il notissimo affresco della beata Vergine.—Capsella argentea africana.—Lamina di bronzo con i busti degli apostoli Pietro e e Paolo.—Statua del buon pastore scoperta in Roma presso la porta Ostiense.—S. Agostino auctore de carmi epigrafici.—Rettificazione intorno ad una presunta epigrafe di Narzete patricio.

Anno Sesto, N. 1-2 (1888-1889).

Prefazione.—Insigni scoperte nel cimitero de Priscilla per le escavazioni fatte negli anni 1888-89.—L'ipogeo degli Acilii Glabrioni nel cimitero di Priscilla.—Di Acilia Vera sepolta nelle cripte di Lucina.—Conferenze di archeologia cristiana.—Di T. Petronio Secondo prefetto del pretorio di Domiziano.

REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES, orgão dos trabalhos da *Sociedade Carlos Ribeiro*. Porto, 1890—1.º vol. n.º 4.

Traz entre outros artigos:

Uma obra da arte primitiva, por Santos Rocha.—*Primeiros vestigios do periodo neolithico na provincia de Angola*, por Ricardo Severo.

REVUE ARCHÉOLOGIQUE, publiée sous la direction de MM. Alex. Bertrand et G. Perrot.—Troisième Série.—Tome XV, Livraison de Mai-Juin, 1890.

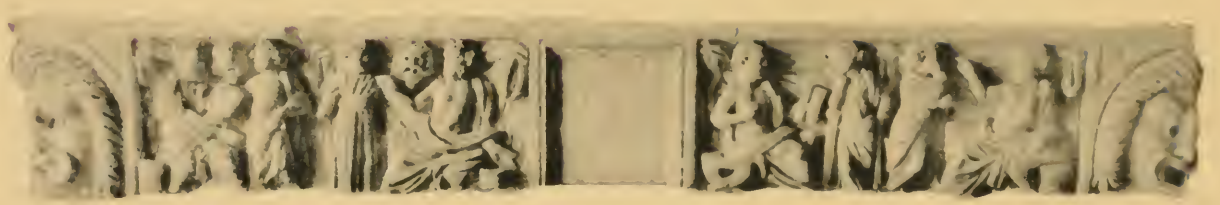
Texte : *Études sur quelques cachets et anneaux de l'époque mérovingienne* (suite), par M. M. Deloche.—*Tribu asiatique en expédition (Musée du Louvre)* (fin), par M. Heuzey. Lettre de M. Maspero.—*Un portrait de Pompée*, par M. Th. Reinach.—*Bronze représentant une nation et des guerriers vaincus*, par M. J.-Ad. Blanchet.—*La nécropole de Mouranka (Russie)*, par M. le baron de Baye.—*Un témoin des âges antiques à Lutèce. Découverte d'une voirie romaine*, par M. Eug. Toulouze.—*Le pape Urbain V. Essai sur l'histoire des arts à Avignon au* XIVe *siècle* (suite), par M. Eug. Müntz.—*Inscriptions de la cité des Lingons conservées à Dijon et à Langres*, par M. R. Mowat.—*Bulletin mensuel de l'Académie des inscriptions.—Société nationale des Antiquaires de France.—Nouvelles archéologiques et correspondence.—Bibliographie.*

Planches: VIII. *Portrait de Pompée.*—IX. *Une nation et des guerriers vaincus, bronze de la collection Rattier.*

REVUE DE L'ART CHRÉTIEN. Lille. Société de S^t. Augustin.— 33me année, 1890. Livraison de Juillet:

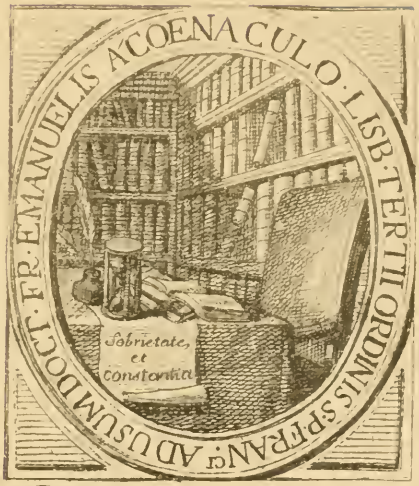
Texte: *L'art à Ammiens vers la fin du moyen âge dans ses rapports avec l'école flamande primitive* (quatrième et dernier article), par Mgr Dehaisnes.—*Les épées d'honneur distribués par les Papes pendant les* XIVe, XVe *et* XVIe *siècles* (deuxième article), par M. Eug. Müntz.—*La reliure au moyen âge* (deuxième article), par M. W. H. James Weale.—*La Croix des premiers croisés*, par M. F. de Mély. —*Iconographie romaine de sainte Agnès* (premier article). par Mgr Barbier de Montault.—*Melanges: Jean Bellegumbe est-il certainement l'auteur du retable de l'abbaye d'Anchin*, par Mgr C. Dehaisnes.—*Revue des publications épigraphiques relatives à l'antiquité chrétienne* (suite). par M. le lieutenant Émile Espérandieu. —*Orfèvrerie religieuse*, par Mgr X. Barbier de Montault.—*Revue des Inventaires*, par Mgr X. Barbier de Montault.— *Travaux des Sociétés savantes.*— *Périodiques.* —*Bibliographie.*— *Index bibliographique.*— *Chronique.*

Planches: XI. *Tableau de la confrérie de N.-D. de Puy à Amiens.*



FRISO DA TAMPA D'UM SARCOPHAGO, DE CHELLAS

BAIXO-RELEVO, DE CHELLAS

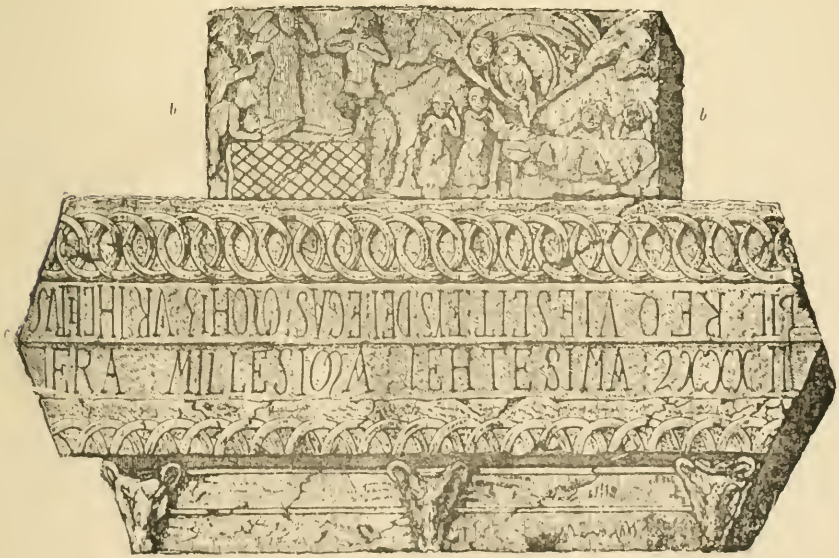


Padrão J.

EX-LIBRIS DE D. FR. MANUEL DO CENACULO

1

2



MONUMENTO DE EGAS MONIZ

NO MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA

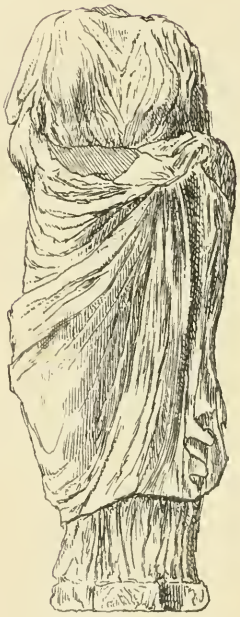
1

2

MACHADO DE PEDRA

DESCOBERTO NAS VISINHANÇAS DE PORTO DE MÓS

I

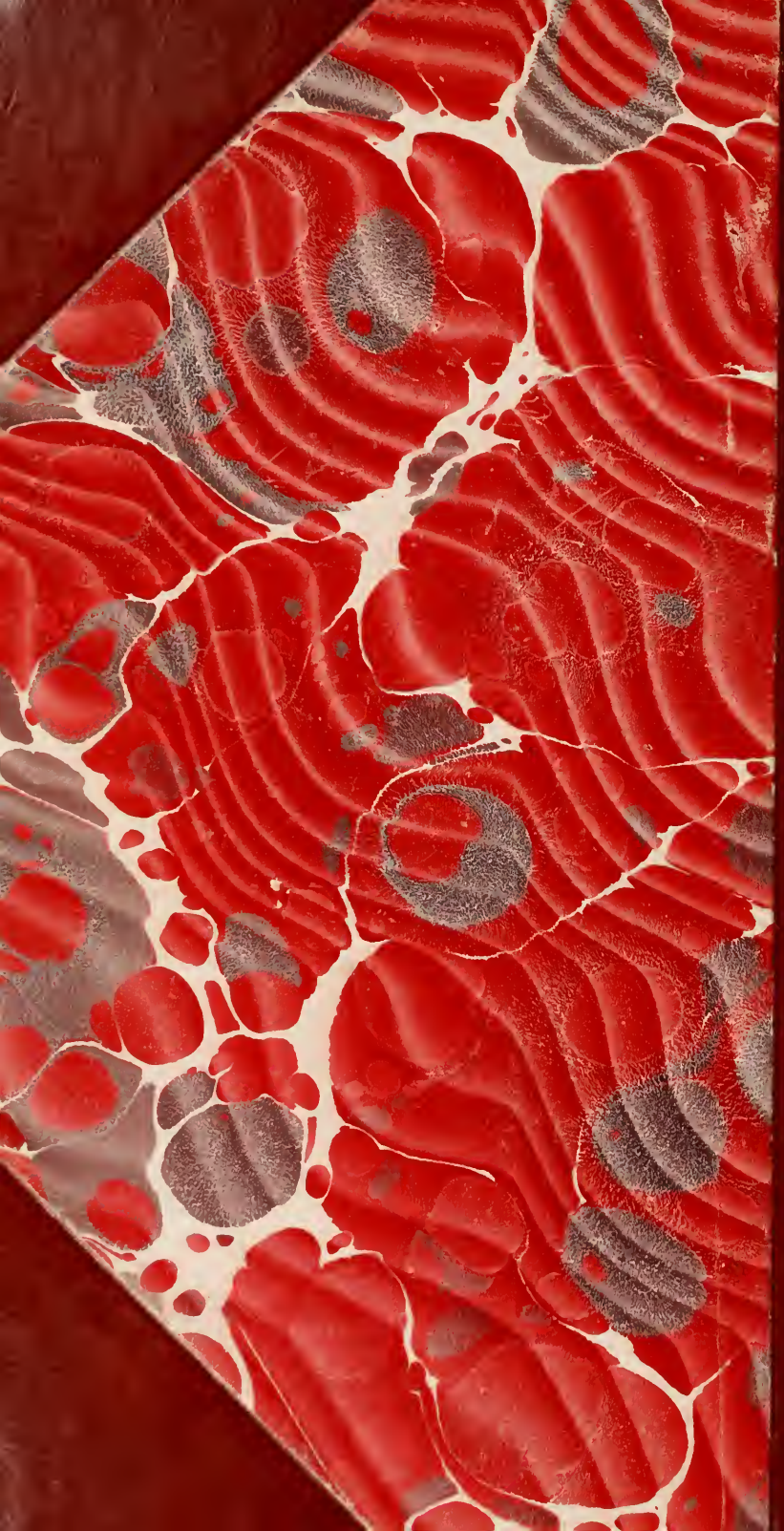


ESTATUAS DA QUINTA

(PROXIMO DE

II

AMOREIRA DA TORRE

EMOR-O-NOVO

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00458 9376